

COMENTÁRIO DO NOVO TESTAMENTO

Tiago e Epístolas de João



SIMON KISTEMAKER

COMENTÁRIO DO NOVO TESTAMENTO

Tiago e Epístolas de João

Digitalizado por:
Kerix Digital



SIMON J. KISTEMAKER

Comentário do Novo Testamento - Tiago e Epístolas de João © 2006 Editora Cultura Cristã.
Publicado originalmente em inglês com o título *New Testament Commentary: James, Peter,
John and Jude* por Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company.
© 1990 by Simon J. Kistemaker. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2006
3.000 exemplares

Tradução
Susana Klassen

Revisão
Vagner Barbosa

Editoração
Rissato

Capa
Expressão Exata

Conselho Editorial:

Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos, Francisco Baptista
de Mello, Mauro Fernando Meister, Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste,
Sebastião Bueno Olinto, Valdeci da Silva Santos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kistemaker, Simon J.

K619c Comentário do Novo Testamento: Tiago e Epístolas de João / Simon J.
Kistemaker. [tradução Susana Klassen]. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

560p. ; 14x21x2,92 cm.

Tradução de *The New Testament Commentary: James, Peter, John and Jude*
ISBN 85-7622-056-3

(Comentário do Novo Testamento: Tiago e João)

1. Estudo Bíblico. 2. Atos. I. Kistemaker, J.S. II. Título.

CDD 21ed. – 227.9



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Jr., 394 - CEP 01540-040 - São Paulo - SP
Caixa Postal 15.136 - CEP 01599-970 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3207-7099 - Fax: (11) 3209-1255
Ligue grátis: 0800-0141963 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Abreviações	7
Exposição da Epístola de Tiago	
Introdução	11
Comentário	37
1. Perseverança (1.1-27)	37
2. Fé (2.1-26)	97
3. Controle (3.1-18)	143
4. Submissão (4.1-7)	175
5. Paciência (5.1-20)	209
Bibliografia Seleccionada Sobre a Epístola de Tiago	255
Exposição das Epístolas de João	
Introdução	263
Comentário – <i>A Primeira Epístola de João</i>	305
1. Prefácio: A Palavra da Vida (1:1-4) e Andem na Luz, <i>parte 1</i> (1:5-10)	307
2. Andem na Luz, <i>parte 2</i> (2.1-17) e Creiam em Jesus, <i>parte 1</i> (2.18-29)	331
3. Creiam em Jesus, <i>parte 2</i> (3.1-24)	389
4. Amem a Deus, <i>parte 1</i> (4.1-21)	431
5. Amem a Deus, <i>parte 2</i> (5.1-12) e Epílogo (5.13-21) .	463
Comentário – <i>A Segunda Epístola de João</i>	497
Comentário – <i>A Terceira Epístola de João</i>	517
Bibliografia Seleccionada Sobre as Epístolas de João	537
Índice de Autores	541
Índice de Textos Bíblicos	545

ABREVIACÕES

ASV	American Standard Version
Bauer	Walter Bauer, W. F. Arndt, F. W. Gingrich e F. W. Danker, <i>A Greek-English Lexicon of the New Testament</i> , 2ª ed.
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BS</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>CTJ</i>	<i>Calvin Theological Journal</i>
1 Clem.	Primeira Epístola de Clemente
<i>EDT</i>	<i>Evangelical Dictionary of Theology</i>
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ExpT</i>	<i>Expository Times</i>
GNB	Good News Bible
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>Interp</i>	<i>Interpretação</i>
<i>ISBE</i>	<i>The International Standard Bible Encyclopedia</i> , ed. rev., organizada por G. W. Bromiley, 1979-.
JB	Jerusalem Bible
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
KJV	King James Version
LCL	Loeb Classical Library edition
LXX	Septuaginta

MLB	The Modern Language Bible
<i>Moffatt</i>	The Bible: A New Translation by James Moffatt
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NEB	New English Bible
Nes-AI	Eberhard Nestle; Kurt Aland, rev., <i>Novum Testamentum Graece</i> , 26ª ed.
<i>NIDNTT</i>	<i>New International Dictionary of New Testament Theology</i>
NIV	New International Version
NKJV	New King James Version
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
RSV	Revised Standard Version
RV	Revised Version
SB	H. L. Strack e P. Billerbeck, <i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i>
<i>ScotJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>SWJournTheol</i>	<i>Southwest Journal of Theology</i>
<i>Talmud</i>	Talmude Babilônico
<i>TDNT</i>	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i>
TR	Textus Receptus: <i>The Greek New Testament According to the Majority Text</i>
Thayer	Joseph H. Thayer, <i>Greek-English Lexicon of the New Testament</i>
<i>Tyn H Bul</i>	<i>Tyndale House Bulletin</i>
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>ZPEB</i>	<i>Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible</i>

Exposição da Epístola de Tiago

ESBOÇO

- A. Trata-se de uma Epístola?
- B. Quais São as Características da Epístola?
- C. Quem Foram os Primeiros Leitores?
- D. Quem Escreveu esta Epístola?
- E. Qual é a Mensagem Teológica de Tiago?
- F. Quando e Onde a Epístola Foi Escrita?
- G. Qual é a História da Epístola?
- H. Como Traçar um Esboço de Tiago?

A. Trata-se de uma Epístola?

Tiago começa sua carta com um destinatário e uma saudação (1.1), usa os pronomes pessoais *vós* e *nós* ao longo de toda a sua epístola e com freqüência apela para os leitores, chamando-os de “meus irmãos” ou “meus amados irmãos”. Ele não faz uma relação de nomes dos destinatários, não oferece nenhuma informação pessoal sobre eles e deixa de mencionar qualquer detalhe sobre si mesmo. Conclui sua epístola sem uma bênção e as saudações finais.

Esta carta, portanto, não é um documento pessoal, mas uma epístola geral. As epístolas gerais no Novo Testamento (aquelas de Pedro, João e Judas e a Epístola aos Hebreus) e outras cartas – preservadas durante séculos nas areias do Egito, porém recentemente descobertas – têm essa mesma forma literária. Alguns estudiosos desejam fazer uma distinção entre *epístola* e *carta*. Afirmam que as cartas apresentam temporalidade, enquanto as epístolas demonstram permanência e universalidade.¹ Outros, porém, consideram os termos como sendo sinônimos.

1. Um tratado

Se usarmos o termo *carta* ou *epístola*, temos que descrever o que a palavra significa. Uma carta é equivalente a um tratado ou a um sermão? Em primeiro lugar, portanto, a Epístola de Tiago é um tratado? Estudiosos mostraram que essa epístola assemelha-se a uma diatribe. A diatribe – discurso marcado pela ironia, sátira e insultos – era comum nos círculos helenísticos. Estudiosos detectaram semelhanças entre a diatribe grega e a Epístola de Tiago quanto ao uso de perguntas retóricas, exemplos tirados da natureza e da história, espirituosidade verbal e o uso de aliteração e assonância, analogias, ditados curtos e citações.²

1. Ver, entre outros, Adolf Deissmann, *Bible Studies*, trad. Alexander Grieve (1923; ed. reimpressa, Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979), pp. 45-51. Ver também Walter W. Wessel, *ISBE*. vol. 2, p. 961.

2. Consultar Martin Dibelius, *James: A Commentary on the Epistle of James*, rev. Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, *Hermeneia: A Critical and a Historical Commentary on the Bible* (Filadélfia: Fortress, 1976), p.1. Comparar com James Hardy Ropes, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*, *International Critical Commentary Series* (1916; ed. reimpressa, Edimburgo: Clark, 1961),

Apesar de as semelhanças serem óbvias (ver, por exemplo, a seqüência de perguntas curtas e ordens no capítulo 4.1-10), isso não muda o fato de que Tiago não é um grego, e sim um judeu. Tiago é um autor inspirado que apresenta em sua epístola a revelação de Deus. Devido ao conteúdo sagrado de sua carta, o sarcasmo atroz, a ironia e os insultos – características das diatribes helenísticas – não estão presentes. Portanto, concluímos que a Epístola de Tiago não deve ser considerada um tratado no sentido de diatribe. Se a carta não é um tratado, podemos chamá-la de sermão?

2. Um sermão

O apóstolo Paulo instrui a igreja de Colossos para que leia a carta enviada a ela e que a troque pela carta enviada por ele para a igreja de Laodicéia (Cl 4.16) e, em sua primeira epístola à igreja de Tessalônica, ele diz aos crentes: “Conjuro-vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos” (1Ts 5.27). Cartas enviadas para as igrejas e para indivíduos eram escritas “*para serem lidas em voz alta nas igrejas*”.³ Presume-se que a carta de Tiago para “as doze tribos que se encontram na Dispersão” (1.1) tenha sido lida durante os cultos como um sermão de Tiago, o pastor.

A Epístola de Tiago pode ser dividida em duas partes que são quase iguais em extensão: os dois primeiros capítulos são constituídos por 53 versículos, e os três últimos por 55 versículos. Com efeito, as duas partes são dois sermões sucessivos que apresentam temas comuns. Depois da saudação, o primeiro sermão começa e termina com a questão da fé (1.3; 2.26). O segundo sermão começa com a observação de que todos aqueles que ensinam serão julgados, pois todos nós tropeçamos naquilo que dizemos (3.1-2), e termina com o conselho para converter um pecador de seu caminho errado (5.20). Em resumo, a Epístola de Tiago consiste de dois sermões.

Além disso, os sermões judaicos dos primeiros séculos de nossa era apresentam semelhanças impressionantes com a carta que Tiago

pp. 10-18. Consultar também Peter H. Davids, *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*, New International Greek Testament Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p.23.

3. P. B. R. Forbes, “The Structure of the Epistle of James”, *EvQ* 44 (1972):148.

escreveu para o rebanho disperso. Esses sermões incluem o uso de diálogo, o método de dirigir-se ao público de uma sinagoga fazendo uso do termo *irmãos* e os muitos assuntos mencionados na carta de Tiago.⁴

Não se pode ignorar a probabilidade de que Tiago tenha se dirigido ao público de uma sinagoga (2.2) de sua época com o conteúdo do sermão, que mais tarde tornou-se sua epístola. Essa epístola traz características de um sermão, mas, por causa do destinatário e da saudação no começo, não é um sermão, mas uma epístola.

B. Quais São as Características da Epístola?

As características desta carta apresentam-se, principalmente, sob as formas estilística e cultural.

1. Características de estilo

Em primeiro lugar, apesar de a epístola estar escrita num grego de bom nível quando comparada com o que há de melhor no Novo Testamento (ou seja, com o grego da Epístola aos Hebreus), seu estilo literário mostra um traço hebraico distinto. Eis uma amostra de paralelismo hebraico:

<i>Tiago 1.9</i>	<i>Tiago 1.10a</i>
o irmão de	mas aquele
condição humilde	que é rico
gloríe-se na sua	gloríe-se
dignidade	na sua insignificância

Outros exemplos podem ser encontrados em 1.15,17,19,20,22,23; 2.22; 4.7,10.⁵

Além disso, a carta mostra-se repleta de imperativos. De acordo com uma contagem, eles aparecem em 44 ocasiões.⁶

O uso freqüente de imperativos é uma indicação de que o escritor é uma pessoa que fala com autoridade e que exige o respeito dos

4. Wessel conclui: "O tipo de material na Epístola é semelhante àquele encontrado nos sermões das sinagogas judaicas". *ISBE*, vol.2, p. 962.

5. Franz Mussner, em seu comentário *Der Jakobusbrief*, 2ª ed., Herder Theologischer Kommentar zum Neuen Testament Series (Freiburg: Herder, 1967), pp. 30,31, cita vários paralelismos tirados do texto em grego. São eles 1.5,9,13; 3.9; 4.8,9; 5.4.

6. Contei apenas imperativos verdadeiros, e não os participios que substituem o imperativo. Falando mais sobre o uso do imperativo, C. Leslie Mitton, em *The Epistle of James* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 235, menciona 60 ocorrências.

membros da Igreja. Ao mesmo tempo, ele demonstra uma preocupação pastoral carinhosa por aqueles a quem se dirige.

Em terceiro lugar, o autor comunica sua mensagem de forma eficaz usando muitos exemplos e comparações tirados da natureza e da vida humana. No primeiro capítulo, por exemplo, ele se refere ao vento e às ondas, ao sol que se levanta e ao calor ardente, à erva e sua flor, ao pai das luzes e à sombra de mudança, ao contemplar-se num espelho e ao refrear da língua. O estilo desta epístola é envolvente: ele chama a atenção e mantém o leitor interessado, pois as imagens nele contidas são naturais.

Por fim, Tiago junta frases e orações por meio da repetição de um verbo ou substantivo. Até mesmo na tradução, essa característica de estilo é evidente. Observe este exemplo tirado do capítulo 1.13-15:

Ao ser tentado, ninguém deve dizer: “Deus está me tentando”. Porque Deus não pode ser tentado pelo mal e nem ele tenta ninguém; porém, cada um é tentado quando, por seu próprio desejo perverso, é atraído e seduzido. Então, depois do desejo haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez completamente amadurecido, dá à luz a morte.

2. Características culturais

Tiago e seus leitores estão completamente familiarizados com os nomes que são tirados da história do Antigo Testamento: Abraão, Isaque, Raabe, Jó e Elias. A inclusão desses nomes é uma indicação preliminar de que Tiago tem como destinatários da carta leitores judaico-cristãos.

Ao longo de sua epístola, Tiago faz alusão às três partes do cânon do Antigo Testamento – a Lei, os Profetas e a literatura de Sabedoria. Ao voltar a atenção de seus leitores para a lei como um todo, ele os exorta a obedecer a ela (2.10). Além disso, no que diz respeito ao exercício da paciência diante do sofrimento, o autor lhes diz que devem tomar os profetas como exemplo (5.10) e, ao lembrá-los da perseverança de Jó, faz alusão à literatura de Sabedoria (5.11).

Essas referências indicam que o Antigo Testamento era um livro que o autor e os leitores conheciam bem. Tiago e aqueles que recebe-

ram sua carta pertenciam às 12 tribos (1.1). Eram o povo que Deus havia escolhido para ser “herdeiro do reino” (2.5). Eram o povo que chamava Abraão de pai (2.21).

Tiago também comenta sobre as “primeiras e as últimas chuvas” (5.7). Essa é uma descrição que se encaixa no clima de Israel, e não no clima de outros países ao redor do Mar Mediterrâneo. O autor, portanto, revela que vive em Israel e que também foi de lá que se originaram seus leitores.

C. Quem Foram os Primeiros Leitores?

Os leitores eram judeus, tendo em vista que a carta é claramente destinada “às doze tribos que se encontram na Dispersão” (1.1). O termo *doze tribos* é uma referência bíblica a Israel (Êx 24.4; Mt 19.28; Lc 22.30; At 26.7; Ap 21.12) que deve ser entendida de forma figurativa, e não literalmente. Tiago se dirige a representantes dessas 12 tribos que, pela obra de Cristo, são agora o novo Israel.

De fato, Tiago chama seus leitores de irmãos que são crentes em “nosso Senhor Jesus Cristo” (2.1). São cristãos judeus que vivem “na Dispersão” (1.1), mas que ainda assim sabem que são o povo de Deus. Em sua epístola, Tiago não oferece nenhuma evidência de que está se dirigindo a cristãos gentios. Os leitores dessa epístola são exclusivamente judeus, com exceção dos opressores ricos reprovados por Tiago (5.1-6).

Os destinatários da epístola são judeus: eles se encontram para adorar numa “reunião” – uma tradução da palavra *sinagoga* (2.2); são chamados de “infiéis” (4.4) – o original grego tem o termo *mulheres adúlteras* (4.4), que é, evidentemente, uma figura do Antigo Testamento que mostra o contrato matrimonial que Deus (como marido) tem com Israel (sua esposa). Eles compreendem o termo *Sabaoth*, que a ARA traduz como “Senhor dos Exércitos” (5.4), e chamam os presbíteros da igreja para que visitem e orem com os doentes (5.14). A Igreja, porém, não tem bispos. A expressão *bispo* (ver At 20.28; Fp 1.1; 1Tm 3.2; Tt 1.7; 1Pe 2.25) tem sua origem na parte da Igreja cristã cuja membresia é de origem gentia. O termo *presbítero*, por outro lado, lembra os líderes em Israel que eram chamados de presbíteros e, portanto, reflete a influência judaica.

Esses judeus são, portanto, cristãos. O escritor se apresenta como um “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1.1). Além de se dirigir aos cristãos que crêem em Jesus Cristo (2.1), ele escreve que “segundo seu querer ele *nos* [o autor e os leitores] gerou pela palavra da verdade” (1.18, itálico nosso). Os leitores pertencem a Jesus, cujo bom nome é blasfemado (2.7).

Esses cristãos judeus foram dispersos entre as nações. Apesar de a expressão *Dispersão* aparecer apenas em João 7.35, Tiago 1.1 e 1 Pedro 1.1, ela encontra um paralelo verbal dentro da narrativa escrita da perseguição da Igreja em Jerusalém. Depois da morte de Estevão, a igreja de Jerusalém foi dispersa pela Judéia, Samaria (At 8.1) e até mesmo em lugares distantes como a Fenícia, Chipre e Antioquia (At 11.19). Por meio de Atos, portanto, sabemos que os cristãos dispersos eram judeus que haviam sido expulsos de Jerusalém.

Se tomarmos como pressuposto que Tiago escreveu sua epístola para os cristãos judeus que foram perseguidos depois da morte de Estevão, então conclui-se que essa epístola é do início do século 1º. Além disso, essas pessoas eram cristãos judeus cuja língua-mãe era o grego e que encontraram refúgio em países de fala grega ao norte de Israel: Fenícia, Chipre e Síria.

Tiago escreveu uma carta pastoral para esses crentes dispersos que, antes da perseguição, pertenciam à igreja de Jerusalém.⁷ Sabia que estavam vivendo em pobreza enquanto eram empregados por abastados donos de terras, que os exploravam. Alguns deles eram comerciantes, mas todos passavam por dificuldades. Tiago ministrou às suas necessidades ao escrever-lhes uma carta pastoral.

D. Quem Escreveu esta Epístola?

A saudação introdutória informa ao leitor que Tiago é um “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1.1). Essa saudação, em si, oferece poucas informações sobre a identidade do autor. Quem é ele? O que o Novo Testamento diz sobre Tiago?

7. Consultar F. W. Grosheide, *De Brieg aan de Hebréeën en de Brief van Jakobus* (Kampen: Kok, 1955), p. 330.

1. Evidências do Novo Testamento

Nome

O Novo Testamento menciona vários homens chamados Tiago. São eles o filho de Zebedeu (Mt 10.2 e paralelos; At 1.13; 12.2), o filho de Alfeu (Mt 10.3 e paralelos; At 1.13), Tiago, o menor (Mc 15.40), o pai de Judas (não o Iscariotes [Lc 6.16; At 1.13]), o irmão de Judas (Jd 1) e o meio-irmão de Jesus, que se tornou o líder da igreja de Jerusalém (Mt 13.55; Mc 6.3; At 12.17; 15.13; 21.18; 1Co 15.7; Gl 1.19; 2.9,12). Se o irmão de Judas (Jd 1) e Tiago, o meio-irmão de Jesus, são a mesma pessoa, o número cai para cinco homens com esse nome.

a. “Tiago, filho de Zebedeu”. Tiago e seu irmão João receberam o nome de *Boanerges*, que significa “filhos do trovão” (Mc 3.17). Além da lista de apóstolos nos evangelhos e em Atos, seu nome aparece em Atos 12.2, onde Lucas informa ao leitor que o rei Herodes Agripa I havia mandado “prender alguns da igreja para os maltratar, fazendo passar ao fio da espada a Tiago, irmão de João”. Isso ocorreu no ano 44 d.C., durante a Festa dos Pães Asmos. Se Tiago, filho de Zebedeu, tivesse escrito a Epístola de Tiago, seria de se esperar mais informações internas e externas. Ao invés de chamar-se de “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” ele teria usado o termo *apóstolo de Jesus Cristo*, e a igreja primitiva teria recebido e guardado com cuidado a epístola como um escrito apostólico.

b. “Tiago, filho de Alfeu”. Conhecemos esse apóstolo apenas por meio das listas de apóstolos dos evangelhos e Atos. O Novo Testamento não diz nada sobre a vida e as obras dessa pessoa. Se esse apóstolo tivesse escrito a epístola, ele teria oferecido mais identificações. Além disso, a igreja teria mantido viva essa memória se essa epístola tivesse sido escrita por um apóstolo.

c. “Tiago, o menor”. De acordo com o Evangelho de Marcos (15.40), Tiago, seu irmão José e sua irmã Salomé eram filhos de Maria. Tiago é identificado como “o menor” – uma referência à sua idade ou estatura. Nada sabemos sobre a vida de Tiago, o menor. Supõe-se que sua mãe fosse a esposa de Clopas (Jo 19.25).⁸

8. Consultar E. F. F. Bishop, “Mary (of) Clopas and Her Father”, *ExpT* 73 (1962): 339.

d. “Tiago, pai de Judas”. Não se sabe nada sobre essa determinada pessoa, a não ser que ele era pai do apóstolo Judas (não o Iscariotes).

e. “Tiago, [meio] irmão do Senhor”. Os escritores dos evangelhos falam dele como sendo um dos filhos de Maria, a mãe de Jesus (Mt 13.55; Mc 6.3). Durante o ministério de Jesus aqui na terra, esse Tiago e seus irmãos não criam em Jesus (Jo 7.5). Tiago tornou-se um crente quando Jesus apareceu para ele depois de sua ressurreição (1Co 15.7). Depois da ascensão de Jesus, ele estava presente com seus irmãos e os apóstolos no lugar chamado de cenáculo (At 1.14). Ele assumiu a liderança da igreja de Jerusalém depois que Pedro foi libertado da prisão (At 12.17), falou com autoridade durante a assembléia em Jerusalém (At 15.13), foi reconhecido como o líder da igreja (Gl 1.19; 2.9,12) e encontrou-se com Paulo para ouvir seu relato sobre as missões no mundo gentio (At 21.18). A tradição ensina que foi esse líder estimado e influente que escreveu a epístola.

As objeções à tradição de que foi Tiago, irmão de Jesus, que escreveu a epístola apresentam-se na forma dos seguintes argumentos:

a. Um galileu cuja língua-mãe era o aramaico não poderia ter redigido uma carta em grego culto. Essa objeção, porém, não é muito forte, tendo em vista a profunda influência grega na Galiléia. Não se sabe da habilidade lingüística de Tiago, mas não é remota a possibilidade de que ele fosse bilíngüe.⁹ “Deve-se levar em conta a questão da educação, uma vez que a Galiléia era uma região com muitas cidades gregas e população não-judaica e, por haver amplas evidências do uso de grego por judeus de toda a Palestina, não há razão para supor que Tiago não pudesse falar grego fluentemente”.¹⁰ Nem mesmo a questão da educação é convincente: considere, por exemplo, que um sapateiro sem instrução chamado John Bunyan escreveu *O Peregrino*, que é considerado uma obra clássica. A objeção de que Tiago não poderia haver redigido a carta parece não ter fundamento.

b. Tiago chama-se de servo, e não de irmão de Jesus. Se ele era líder da igreja de Jerusalém, poderia ter indicado essa posição na sau-

9. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Introduction* (Downers Grove: InterVarsity, 1971), p. 748.

10. Davids, *James*, p.11. Consultar também J. N. Sevenster, *Do You Know Greek?* (Leiden: Brill, 1968), pp.190-191.

dação introdutória. Porém, em suas cartas, os outros escritores de epístolas do Novo Testamento, com frequência, omitiam referências a si mesmos e ao seu cargo.¹¹ Além disso, Tiago considerava seu relacionamento com Jesus não fisicamente, como seu irmão, mas espiritualmente, como seu servo. Ao longo da epístola, a autoridade da posição do autor dentro da igreja é inconfundível e inegável. Conhecido pelos leitores de seu documento, Tiago não se sente compelido a se identificar como líder da igreja de Jerusalém.

Linguagem

Se partirmos do pressuposto de que Tiago, líder da igreja de Jerusalém, é o autor da epístola, devemos examinar seu discurso durante a assembléia realizada em Jerusalém e a carta que ele redigiu nessa ocasião (At 15.13-29). Por exemplo, ele chama Pedro de Simão (em grego, At 15.14), um nome que só aparece novamente em 2 Pedro 1.1. “A partir disso, imaginamos que as verdadeiras palavras daquele que está falando são registradas em sua forma original ou numa tradução; torna-se, portanto, interessante saber se há qualquer semelhança entre a linguagem da epístola e aquela do discurso que se diz ter sido realizado por Tiago e da circular [carta] contendo o decreto, que provavelmente foi elaborado por ele”.¹²

Além do mais, encontramos semelhanças quando comparamos a escolha de palavras e a estrutura das frases (conforme relatado por Lucas em Atos) com a Epístola de Tiago. Tiago começa seu discurso com o tratamento familiar *irmãos*, uma expressão que usa com frequência em sua epístola. Observe as seguintes palavras e frases que até mesmo depois de traduzidas mostram-se parecidas:

“Saudações” (At 15.23; Tg 1.1).

11. Apesar de Paulo normalmente apresentar-se como um apóstolo em suas epístolas, esse não é o caso em Fp 1.1, 1Ts 1.1 e 2Ts 1.1. Em suas epístolas, João não se identifica como apóstolo.

12. Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Zondervan, 1946), p. iii. Mayor chama a atenção para a semelhança entre as 230 palavras que Tiago falou e escreveu durante o Concílio de Jerusalém e a Epístola de Tiago: “É uma coincidência impressionante que... tantas reapareçam em nossa Epístola, escrita para tratar de um assunto totalmente diferente”.

“Irmãos, atentai nas minhas palavras” (At 15.13) e “Ouvi, meus amados irmãos” (Tg 2.5).

“Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o seu nome” (At 15.17) e “Não são eles que estão difamando o nome sublime daquele a quem vocês pertencem?” (Tg 2.7).

Apesar de não podermos estar absolutamente certos sobre a autoria da epístola, as evidências internas parecem apontar para Tiago, o meio-irmão de Jesus.

2. Evidência externa

Eusébio, historiador da igreja no século 4º, cita Hergésipo quando relata que Tiago “costumava entrar sozinho no templo e podia ser encontrado ajoelhado orando por perdão para o povo, de modo que seus joelhos tornaram-se ásperos como os de um camelo, devido à sua constante adoração a Deus”.¹³ Como líder da igreja de Jerusalém, Tiago havia conquistado o respeito tanto dos cristãos como dos judeus.

Ainda assim, esse homem devoto conhecido como Tiago, o Justo, teve uma morte violenta, que é descrita pelo historiador judeu Josefo. Depois que o governador Festo (At 24.27–26.32) faleceu, em 62 d.C., o imperador Nero enviou Albino à Judéia como seu sucessor. Mas, antes que Albino chegasse, um sumo sacerdote chamado Anano, que era jovem e inexperiente, convocou os juízes do Sinédrio. Acusou Tiago, o irmão de Jesus, e outros, de quebrar a lei. Tiago recebeu a sentença de morte por apedrejamento.¹⁴ Tiago, porém, encontrou a morte nas mãos dos sacerdotes, que o lançaram do telhado do templo. Ele sobreviveu à queda, mas os sacerdotes começaram a apedrejá-lo até que um lavador de roupas o espancou até à morte com um bastão.¹⁵

E. Qual é a Mensagem Teológica de Tiago?

A Epístola de Tiago parece ser uma coletânea de ditados e pensamentos colocados juntos sem grande formalidade. Difere das epístolas

13. Eusébio, *História Eclesiástica* 2. 23. 6.

14. Josefo, *Antigüidades* 20 (LCL, 197-200).

15. Eusébio, *História Eclesiástica* 2. 23. 18.

las escritas por Paulo, nas quais ele primeiro desenvolve uma questão doutrinária – como, por exemplo, a cristologia, em Colossenses – e depois conclui com uma seção dedicada à aplicação prática. Tiago, pelo contrário, apresenta uma série de exortações e diversas admoestações que refletem uma ênfase ética, e não doutrinária. Apesar de essas exortações estarem informalmente ligadas, Tiago mostra progresso e desenvolvimento em sua apresentação.

É típico de Tiago introduzir um assunto de forma resumida e sobre o qual ele argumenta mais tarde. Alguns desses assuntos incluem a fé, as provações, a sabedoria (1.2-5), o controle da língua e da ira e a submissão a Deus (1.19,20). Ele retorna a alguns tópicos para discutir-los de maneira mais completa: as provações e tentações (1.12-15); a obediência à lei pela fé (1.22–2.26); o controle sobre a língua (3.1-12); a sabedoria terrena e a celestial; o viver em harmonia com a vontade de Deus (4) e o exercício da paciência por meio da oração (5). Pelo fato de Tiago muitas vezes voltar a discutir assuntos mencionados anteriormente, não se pode separar sua epístola pela divisão de tópicos. Em termos de proporção, tratar cada tópico separadamente tornaria essa introdução demasiadamente longa. Devo selecionar alguns assuntos e deixar o restante para discussão no comentário em si.

Tiago parece dar a impressão de que está familiarizado com o evangelho oral de Jesus, mas não com os livros do Novo Testamento. “Não é possível demonstrar uma dependência literária de nosso Evangelho de Mateus (e nem mesmo em Lucas ou João)”.¹⁶ Se estivesse familiarizado com os relatos escritos do evangelho e com as epístolas, Tiago teria um enfoque mais teológico do que ético em sua epístola. É verdade que ele apresenta uma teologia, mas ela fica implícita, e não explícita. Tiago se baseia na pregação de Jesus, discute a questão da *fé e das obras* de maneira independente em relação aos ensinamentos de Paulo e escreve sobre a submissão a Deus de forma mais simples do que aquela apresentada por Pedro em suas epístolas.

Em sua epístola, Tiago se harmoniza com a tônica dos ensinamentos de Jesus registrados nos evangelhos. É notável a semelhança existente entre o Sermão do Monte (Mt 5.3–7.27; Lc 6.20-49) e ver-

16. J. A. T. Robinson, *Redating the New Testament* (Filadélfia: Westminster, 1976), p. 125.

sículos, orações, frases e palavras contidas na carta de Tiago.¹⁷ Eis alguns versículos que ilustram essa afirmação:

<i>Mateus</i>	<i>Tiago</i>
5.7 “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.	2.13 “Pois, a qualquer um que não tiver sido misericordioso, será mostrado julgamento sem misericórdia”.
5.19 “Aquele, pois, que violar um desses mandamentos... será considerado mínimo no reino dos céus”.	2.10 “Pois qualquer um que guarda toda a lei, mas tropeça em um único ponto, é culpado de quebrar toda a lei”.
6.19 “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem”.	5.2,3 “A sua riqueza se corrompeu, as traças comeram suas roupas. Seu ouro e prata estão corroídos... Nos últimos dias vocês acumularam tesouros”.

Do ponto de vista literário, os estudiosos geralmente reconhecem que Tiago não está citando, mas sim fazendo alusão aos evangelhos sinóticos. A escolha das palavras, a sintaxe e a estrutura das frases é diferente, de modo que se pode afirmar com segurança que Tiago se baseia na palavra falada e passa adiante alusões ao evangelho escrito.¹⁸ Tendo por base essas numerosas alusões ao ensinamento de Jesus, podemos até dizer que Tiago tinha ouvido Jesus pregar em muitas ocasiões e, portanto, estava familiarizado com seus ensinamentos. Juntamente com “testemunhas oculares e ministros da palavra” (Lc 1.2), Tiago participou no recebimento e na transmissão da mensagem de Jesus.

Se podemos detectar ensinamentos de primeira mão de Jesus na Epístola de Tiago, seria possível formular uma Cristologia? A resposta é afirmativa.

17. Mayor compilou uma lista completa de todas as semelhanças verbais entre a Epístola de Tiago e os evangelhos sinóticos. Escolhendo dentre os paralelos indicados por Mayor que mais chamam a atenção, apresento apenas alguns deles de Mt 5-7; 5.3 - Tg 2.5; 5.7 - Tg 2.13; 5.11,12 - Tg 1.2; 5.10,11; 5.34-37 - Tg 5.12; 6.11 - Tg 2.15, 16; 6.19 - Tg 5.2,3; 6.22 - Tg 4.4,8; 6.34 - Tg 4.13,14; 7.1 - Tg 4.11,12; 5.9; 7.7,8 - Tg 1.5; 4.3; 7.16 - Tg 1.21; 3.10-13,18; 7.21-23 - Tg 1.26,27; 2.14-26; 3.13,14; 7.24 - Tg 1.22-25. Ver a obra de Mayor, pp.lxxxv-lxxxvii.

18. De acordo com Davids, “juntas, essas alusões indicam que o autor era alguém repleto dos ensinamentos de Jesus e que a obra foi escrita antes que seu autor adquirisse tradições do evangelho escrito”. Ver *James*, p.16.

1. *Cristologia*

A Epístola de Tiago não faz referência à vida, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus. Apesar de a doutrina da ressurreição ser o substrato dos ensinamentos apostólicos e o tema básico do livro de Atos, em sua epístola, Tiago não dá nenhuma atenção a esse acontecimento redentor. Está interessado em proclamar o evangelho de Cristo não tanto em termos de sua pessoa, mas em termos práticos e com aplicações éticas de seus ensinamentos.¹⁹

A epístola contém apenas duas referências diretas a Jesus Cristo. A primeira encontra-se no remetente: “Tiago, um servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1.1). A segunda encontra-se na discussão da fé, onde Tiago fala sobre a fé dos leitores em “nosso Senhor Jesus Cristo” (2.1).

Além de incluir esses testemunhos cristológicos diretos, Tiago se refere indiretamente a Jesus ao usar o termo *Senhor* 11 vezes.²⁰ Porém, apresso-me em mostrar que, no caso de algumas dessas referências, esse termo é equivalente ao nome de *Deus* (3.9; 5.4,10,11).

Quando Tiago chama Jesus de “Senhor”, ele deseja que seus leitores pensem na ascensão de Cristo. O nome de Deus e de Jesus são paralelos entre si no remetente (1.1); a intenção é enfatizar que o Senhor exaltado é divino. Além do mais, Tiago atribui atos divinos a Jesus: o perdão de pecados (5.15), a cura dos enfermos (5.14,15) e sua posição como Juiz que está às portas (5.9).

Tiago faz, ainda, uma outra alusão a Jesus. Ele diz aos leitores que os ricos são aqueles que “difamam o nome sublime daquele a quem vocês pertencem” (2.7).²¹ Esse bom nome pertence a “nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória” (2.1). Observe que Tiago descreve o Senhor como sendo “o Senhor da glória” (do grego). Esse termo faz o leitor lembrar-se da glória de Deus que encheu o tabernáculo no deserto (ver Êx 40.35) e assemelha-se à descrição de Jesus dada por João no prólogo de seu evangelho. João afirma que: “O Verbo se fez

19. Consultar C. E. B. Cranfield, “The Message of James”, *ScotJT* 18 (1965): 182-93.

20. Ver 1.7; 3.9; 4.10,15; 5.4,7,8,10,11,14,15.

21. Richard N. Longenecker acrescenta que essa é uma “referência a se blasfemar contra o nome de Jesus”. *The Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology nº 17, 2ª série (Naperville, Ill.: Allenson, 1970), p.45.

carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, glória do unigênito do Pai” (Jo 1.14). A expressão *glória* indica que Jesus havia cumprido as promessas do Antigo Testamento de que o próprio Deus viria habitar no meio de seu povo. Em Jesus Cristo, Deus revelou sua glória.²²

E, finalmente, a igreja primitiva entendia a frase *nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória*, como significando que Jesus havia ascendido aos céus, onde reina com Deus em glória celestial.

Nessa epístola, Tiago revela sua teologia não de maneira direta, mas indiretamente e, portanto, parece mostrar um estágio primitivo do desenvolvimento doutrinário da igreja cristã. Se partirmos do pressuposto de que na primeira parte do século 1º a igreja ainda não havia desenvolvido plenamente a doutrina de Cristo, podemos concluir que a carta, aparentemente, reflete um período inicial na história da igreja.

2. Oração

Tiago, que, de acordo com relatos, gastava muito tempo em oração, familiariza seus leitores com esse assunto em pelo menos três partes de sua epístola. Na parte introdutória de sua carta, ele os exorta a pedir sabedoria a Deus (1.5-7). Quando ele os repreende por seu pecado de discutir e brigar, mostra que eles não receberam nada de Deus, porque pediram bens que desejavam usar para seus prazeres pessoais (4.2,3). E se há enfermidade ou se foi cometido algum pecado, Tiago aconselha seus leitores a fazerem orações para que o enfermo seja curado e o pecado seja perdoado (5.14-16).

Nessas três passagens, Tiago instrui seus leitores dizendo que a oração autêntica deve basear-se na confiança e fé em Deus. Deus só responde às orações quando o crente pede com fé. Em resposta ao pedido do crente, Deus concederá generosamente a dádiva da sabedoria, irá ao encontro de suas necessidades materiais e dará a cura aos enfermos. A oração daquele que é justo diante de Deus “é poderosa e eficaz” (5.16). O exemplo dado é o de Elias, cujas orações influenciaram o curso da natureza (5.17,18).

22. Consultar B. B. Warfield, *The Lord of Glory* (1907), ed. reimpressa, Grand Rapids: Zondervan, s.d.), p. 265. E ver Franz Mussner, “‘Direkte’ und ‘indirekte’ Christologie im Jakobusbrief”, *Catholica* [Munique] 24 (1970):111-117.

Indiretamente, Tiago ainda toca no assunto da oração em outras passagens. Oração também é louvor. Tiago escreve que “com ela bendizemos ao Senhor e Pai” (3.9). A oração é aproximar-se de Deus (4.8) e humilhar-se perante o Senhor (4.10).

A semelhança entre as palavras de Jesus e a Epístola de Tiago sobre a questão da *oração* é inquestionável. Jesus ensina que a oração baseada na fé é capaz de mover montanhas (Mt 17.20; 21.21; Lc 17.6). Ele diz: “E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mt 21.22). Outros escritores do Novo Testamento, entre eles o autor de Hebreus, enfatizam essa mesma verdade. Paulo se expressa de modo um tanto direto: “Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14.23).

3. Fé

Um dos primeiros assuntos que Tiago apresenta em sua epístola é a fé: “Vocês sabem que a provação da sua fé desenvolve perseverança” (1.3). E quando uma pessoa se aproxima de Deus em oração, deve pedir “e não duvidar” (1.6).

Tiago desenvolve a questão da *fé* especialmente no segundo capítulo de sua carta. No original grego, esse substantivo aparece predominantemente no capítulo 2, ou seja, das 16 vezes em que é usado em toda a epístola,²³ 13 delas encontram-se no segundo capítulo. Além disso, nesse capítulo ocorre o uso do verbo *crer* em três ocasiões (2.19 [2 vezes], 23).

Os destinatários da carta são chamados de crentes “em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória” (2.1). A pessoa que é materialmente pobre é espiritualmente rica de fé (2.5) e herdeira do reino de Deus.

Na parte que se refere à fé e às obras, Tiago afirma que “a fé por si só, se não for acompanhada de ação, é morta” (2.17,26), pois a fé que está morta não é fé. Assim, ele ilustra seu ensinamento com uma referência à narrativa histórica da oferta de Isaque no monte Moriá. Ele prova que as obras de Abraão são resultantes da fé ativa do patriarca.²⁴

23. Ver 1.3,6; 2.1,5,14 (duas vezes), 17,18 (3 vezes), 20,22 (2 vezes), 24,26; 5.15.

24. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 599.

4. Lei

Para Tiago, a lei de Deus dá liberdade ao crente (1.25; 2.12), é resumida como “a lei régia” (“amarás o teu próximo como a ti mesmo”, 2.8) e deve ser obedecida (4.11). Peter H. Davids conclui que “em cada uma dessas passagens, a validade da lei não é discutida, mas simplesmente pressuposta”.²⁵

Há paralelos reconhecíveis entre a Epístola de Tiago e os ensinamentos de Jesus acerca da lei. Tiago declara que a pessoa que faz o que é pedido pela lei, ao observá-la atentamente, “será abençoado no que realiza” (1.25). Jesus observa que “nem todo o que me diz: ‘Senhor! Senhor!’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). A pessoa que coloca em prática as palavras de Jesus é sábia (Mt 7.25; e ver também Lc 6.47). Tiago retrata a segunda parte do resumo da lei – “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” – como sendo régia (2.8). Ao ser perguntado por mestres da lei sobre qual é o maior mandamento da lei, Jesus ensina a forma resumida: “‘Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento’. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’” (Mt 22.37-39).

Tiago instrui seus leitores a não criticar ou julgar um irmão, pois isso é o mesmo que criticar e julgar a lei: “Quando vocês julgam a lei, não a estão observando, mas sim servindo de juízes dela” (4.11). Essas palavras são um eco e uma forma expandida daquelas que foram proferidas por Jesus: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério que julgardes, sereis julgados” (Mt 7.1,2).

No tocante à lei, a Epístola de Tiago está repleta do Espírito de Cristo. É verdade que Tiago não apresenta uma doutrina plenamente desenvolvida da lei e da salvação, mas o ensinamento de que Deus “dá graça aos humildes” (4.6). Fica a cargo de Paulo apresentar à igreja a doutrina da justificação pela fé, e não pelas obras.

25. Davids, *James*, p. 47. Ver também seu texto “Theological Perspectives on the Epistle of James”, *JETS* 23 (1980): 102.

5. Fé e obras

Uma comparação entre Romanos 4 e Tiago 2 revela uma aparente semelhança na escolha das palavras *fé* e *obras* e na citação de Gênesis 15.6: “Abraão creu em Deus, e isto lhe foi imputado para justiça” (Rm 4.3; Tg 2.23). Qual é a relação entre a apresentação de Paulo da fé e das obras em Romanos e a de Tiago em sua epístola?

Alguns comentaristas afirmam que Tiago escreveu sua epístola para criticar os ensinamentos de Paulo sobre fé e obras. Dizem que Paulo foi mal-entendido pela igreja, pois separou os conceitos de *fé* e *obras*. Tiago via um perigo nos ensinamentos apresentados por Paulo, a saber, da fé sem obras. Assim, pelo fato de alguns cristãos terem interpretado incorretamente a frase *sem obras*, Tiago escreveu sua carta para reforçar o ensinamento de que a fé resulta em obras.²⁶

Na opinião de outros estudiosos, Tiago escreveu sua epístola antes de Paulo começar sua carreira como escritor,²⁷ ou seja, depois que a Epístola de Tiago começou a circular na igreja primitiva, Paulo escreveu sua carta aos romanos para apresentar uma melhor compreensão do significado da fé sem obras.

Tanto Tiago quanto Paulo desenvolvem o tópico de *fé* e *obras*, cada um de sua própria perspectiva e cada um com seu propósito.

Tiago usa a palavra *fé* de modo subjetivo, no sentido de confiança e segurança no Senhor. Essa fé ativa dá ao crente perseverança, certeza e salvação (1.3; 2.14; 5.15). A fé é o envolvimento ativo do crente com a igreja e o mundo. Pela fé, ele recebe sabedoria (1.5), justiça (2.23) e cura (5.15).

Paulo, por outro lado, com freqüência, fala da fé de modo objetivo. Fé é o instrumento pelo qual o crente é justificado diante de Deus (Rm 3.25,28,30; 5.1; Gl 2.16; Fp 3.9). A fé é o meio pelo qual o crente se apropria dos méritos de Cristo. Por causa desses méritos, o homem é justificado diante de Deus. A justificação, portanto, vem como uma dádiva de Deus para o homem – um dom que ele toma para si pela

26. Para um exemplo, consultar Dibelius, *James*, pp. 29,178-180.

27. Consultar Robinson, *Redating the New Testament*, pp. 127-28. De acordo com Robinson, “em resposta à posição de Paulo, o argumento de Tiago está totalmente fora, pois Paulo nunca defendeu a fé *sem obras*”. Consultar também Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament*, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1909), vol. 1, p. 143.

fé.²⁸ A justificação é a declaração de Deus de que ele restaurou o crente pela fé, colocando-o num relacionamento correto consigo mesmo.

Em sua discussão sobre fé e obras, Tiago parece escrever de maneira independente da carta de Paulo aos romanos. Tiago aborda o assunto de um ponto de vista mais prático do que teológico. Com efeito, sua abordagem é simples, direta e conseqüente.

A discussão de Paulo representa um estágio avançado do ensinamento que relaciona a fé com as obras. Pelo fato de a abordagem de Tiago diferir bastante da de Paulo, concluímos que ele escreveu sua epístola independente do ensinamento de Paulo e talvez até antes da redação de Romanos.

6. *Provações e submissão*

Dois tópicos tratados tanto por Pedro quanto por Tiago são as provações e a submissão. As semelhanças geram algumas perguntas. Pedro baseou-se na Epístola de Tiago para escrever sobre isso em sua própria epístola? Será que Tiago lançou mão de 1 Pedro? Ou teriam ambos os autores tirado seu material de uma fonte em comum?

Antes de procurarmos responder a essas perguntas, devemos levar em consideração pelo menos três fatos. Primeiro, com respeito às semelhanças e paralelismos, a Epístola de Tiago é breve e a 1 Pedro é mais elaborada. A regra hermenêutica “o texto mais curto é provavelmente o mais próximo do original” tem seu mérito, pois um autor que toma seu material emprestado de outro tem a tendência a estender sua apresentação. Além disso, Tiago escreve sua carta exclusivamente para leitores judeus cristãos; Pedro escreve para gentios cristãos (ver 1Pe 1.18; 2.10,12; 4.3). E, finalmente, Tiago e Pedro compartilham de uma herança cultural, um treinamento e um propósito comuns. Sem dúvida, sua íntima comunhão em Jerusalém contribuiu para a interdependência na escrita de suas respectivas epístolas.

Há muitas semelhanças entre a Epístola de Tiago e a Primeira Epístola de Pedro.²⁹ Ambos os autores mencionam e citam duas passagens idênticas do Antigo Testamento. A primeira é Isaías 40.6-8:

28. Consultar Grosheide, *Jakobus*, p. 336. Ver também Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 520.

29. Escolhendo as semelhanças que Mayor indica como sendo os paralelos mais claros, apresento as seguintes passagens de 1Pe 1.1 – Tg 1.1; 1.3 – Tg 1.18; 1.6 – Tg 1.2;

“Toda a carne é erva,
 e toda a sua glória como flor da erva.
 Seca-se a erva, e caem as flores,
 soprando nelas o hálito do Senhor...
 seca-se a erva e cai a sua flor,
 mas a palavra do nosso Deus permanece eternamente”.

Tiago faz alusão a essa passagem (1.10,11) e Pedro cita partes dela com exatidão (1Pe 1.24). A segunda citação é de Provérbios 10.12: “O amor cobre todas as transgressões”. Tanto Tiago quanto Pedro citam esse versículo (Tg 5.20; 1Pe 4.8).

Além disso, devemos observar alguns paralelos nas duas epístolas para ver como cada escritor desenvolve um determinado tópico. A partir dessa visão dos paralelos, podemos determinar quem faz um relato mais completo do tópico. Eis alguns versículos paralelos que ilustram os temas das *provações* e da *submissão*.

Tiago 1.2

“Considerem uma alegria absoluta, meus irmãos, sempre que você enfrentarem tribulações de muitos tipos”.

1 Pedro 1.6

“Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias *provações*”.

Tiago indica que o homem que persevera debaixo de *provações* receberá a coroa da vida (1.12). Pedro exorta seus leitores a não se surpreenderem quando tiverem de suportar sofrimento doloroso (4.12) e para não se envergonharem quando sofrerem como cristãos (4.16).

Tiago 4.6,7,10

“É por isso que as Escrituras dizem: Deus se opõe ao soberbo, mas dá graça ao humilde. Submetam-se, portanto, a Deus... Humilhem-se diante do Senhor e ele os levantará”.

1 Pedro 5.5,6

“Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos... porque Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte”.

1.12 – Tg 1.25; 1.23 – Tg 1.18; 2.1 – Tg 1.18; 2.11 – Tg 4.1; 2.12 – Tg 3.13; 5.4 – Tg 1.12; 5.5,6 – Tg 4. 6,7. Mayor, *James*, pp. cvii, cviii.

Enquanto Tiago exorta dizendo: “Resistam ao diabo e ele fugirá de vocês” (4.7), Pedro expande sua exortação e sua descrição do diabo. Ele admoesta os leitores a serem “sóbrios e vigilantes”. Explica sua admoestação dizendo: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor como leão que ruge procurando alguém para devorar”. E, finalmente, diz ao crente: “Resisti-lhe [ao diabo] firmes na fé” (1Pe 5.8,9).

Esses dois exemplos ilustram o caráter conciso do estilo de Tiago e a forma expandida de Pedro. Apesar de essa observação ser, por si só, como um grão de areia no deserto, parece favorecer a teoria de que a Epístola de Tiago foi escrita antes da Primeira Epístola de Pedro. É mais provável que ela seja de uma data mais antiga, e não de um tempo mais recente.

F. Quando e Onde a Epístola Foi Escrita?

1. Data

Tiago escreveu sua epístola depois de tornar-se líder da igreja de Jerusalém, no ano de 44 d.C., e antes de morrer como mártir, em 62 d.C.

Os dois extremos no que diz respeito às datas usadas para determinar quando a Epístola de Tiago foi escrita podem ser verificados. Começaremos com a possível data mais antiga na qual a epístola poderia ter sido escrita. Os cristãos judeus que foram expulsos de Jerusalém por causa da perseguição resultante da morte de Estevão dispersaram-se (At 8.1). Eles “se espalharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia” (At 11.19). Isso provavelmente ocorreu durante o início da quinta década. Também foi nesses anos que Tiago alcançou proeminência na igreja de Jerusalém. Quando Pedro foi libertado da prisão, em 44 d.C. (ano em que Herodes Agripa I faleceu [At 12.23]), Tiago tomou o lugar de Pedro como líder da igreja.

Em sua carta, Tiago se dirige “às doze tribos espalhadas entre as nações” (1.1). Ele cumpre seu papel de pastor até mesmo em relação a membros antigos que naquele momento estavam dispersos. Escreve sua carta para todos os cristãos na Dispersão pois, a seu ver, naquele período da história da igreja não havia cristãos gentios.³⁰ A possível data mais recente para a redação da Epístola de Tiago é o ano 62 d.C., ano

30. Zahn, em sua obra *Introduction to the New Testament*, vol. 1, p. 77, observa que “deve-se lembrar, entretanto, que havia uma época na qual... toda a Igreja era constituída por crentes de Israel”.

da morte de Tiago. Essa data pode ser verificada, pois Festo havia falecido e seu sucessor, Albino, estava a caminho da Judéia para assumir seu cargo de governador.³¹

A epístola em si não tem nenhuma referência de tempo ou de circunstâncias específicas que possa ajudar o leitor a determinar uma data. Se revisarmos o conteúdo da Epístola de Tiago e analisarmos as referências indiretas à cultura e às condições da época na qual o autor escreveu, seremos capazes de determinar a data aproximada em que a carta foi escrita.

Tiago não indica uma divisão entre cristãos judeus e judeus, o que é um tanto pronunciado nos evangelhos e nas epístolas. Mateus, por exemplo, registra as palavras de Jesus admoestando o crente a não ser como os hipócritas que “gostam de orar em pé nas sinagogas” (6.5). João, em seu evangelho, refere-se repetidamente à oposição como sendo “os judeus”, mesmo que o próprio Jesus e seus discípulos fossem judeus. Paulo também enfrentou resistência organizada à mensagem de Cristo mais pelos judeus do que pelos gentios.

A Epístola de Tiago, porém, reflete um tempo de relativa tranquilidade dentro da comunidade judaica na quarta e quinta décadas do século 1º. Os destinatários da epístola frequentam cultos em sua sinagoga local (2.2; ver no grego). Certamente esses leitores estavam passando por dificuldades financeiras e perseguições de pessoas que estavam blasfemando o bom nome de Jesus (2.7). Eles eram oprimidos não por serem judeus, mas por serem pobres.³²

Enquanto Paulo e Pedro fazem em suas epístolas uma distinção entre cristãos judeus e cristãos gentios, Tiago se dirige apenas aos cristãos pertencentes às 12 tribos (1.1) e que chamavam Abraão de pai (2.21). Pelo fato de nada na Epístola de Tiago indicar a controvérsia entre judeus e gentios que levou à convocação da reunião geral dos apóstolos e presbíteros em Jerusalém (At 15), a carta provavelmente foi escrita antes dessa reunião do concílio. Os estudiosos acreditam que o concílio reuniu-se no ano de 49 d.C.

31. Consultar Eusébio, *História Eclesiástica* 2. 23. 21; Josefo, *Antiguidades* 20 (LCL, 197-203). F. F. Bruce afirma que “Festo governou de 59 até sua morte, em 61”. Ver sua obra *Commentary on the Book of Acts*. New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1960), p. 474.

32. Consultar Robinson, *Redating the New Testament*, p. 121.

Além disso, a epístola reflete um tempo no qual a igreja parece estar em seus estágios iniciais de desenvolvimento. É verdade que o termo *presbíteros* aparece relacionado à cura dos enfermos (5.14), mas Tiago não observa ou comenta sobre o ministério de liderança e ensino dos presbíteros. Apesar de mencionar mestres quando fala do refrear da língua (3.1), ele não os associa ao ministério na igreja. Não faz alusão, ainda, ao ministério dos diáconos de cuidado dos pobres. Os sacramentos da Ceia do Senhor e do batismo não são discutidos. Apesar de esse argumento ser resultante do silêncio, a reunião de evidências aponta para uma data na metade da quinta década. Podemos considerar, cautelosamente, que se trata de uma data que fica entre o momento em que Tiago sucedeu a Pedro como líder da igreja de Jerusalém e a reunião do concílio naquela mesma cidade.

2. Lugar

O autor não oferece nenhuma informação sobre seu domicílio. Porém, refere-se a condições climáticas próprias de Israel. Seu comentário sobre como o lavrador aguarda com paciência as “primeiras e últimas chuvas” (5.7) encaixa-se com a região da Palestina. Países ao sul ou leste de Israel não têm esse ciclo repetitivo de chuvas de outono e primavera, que é típico de Israel. Tiago também observa o “ardente calor” (1.11) do sol que é prevalecente em sua terra natal e coloca o leitor a par dos frutos da terra: figos e azeitonas (3.12).

G. Qual é a História da Epístola?

Durante mais de um século e meio depois que foi escrita, a Epístola de Tiago não circulou e nem foi amplamente divulgada. Talvez por ter sido endereçada a um grupo limitado de cristãos judeus, a carta tenha continuado desconhecida na igreja cristã gentia.³³ O fato de Tiago não ser um apóstolo resultou em negligência por parte da

33. Mayor, em *James*, p. lxxix, conclui: “A epístola provavelmente foi escrita em Jerusalém e dirigida aos judeus da Dispersão oriental; não declarava ter sido escrita por um apóstolo ou ser dirigida às igrejas gentias e parecia contradizer o ensinamento do grande Apóstolo aos gentios”.

igreja com respeito à sua carta. A igreja aplicou a regra de que se um livro não era apostólico não podia ser canônico.

O Cânon Muratoriano, que é supostamente do ano 175 d.C., não inclui a Epístola de Tiago. Escritores do século 2º fazem alusões vagas a essa carta. Diz-se que Clemente de Alexandria fez um comentário sobre a epístola por volta de 220 d.C., mesmo não havendo quaisquer citações dessa obra naquilo que restou de seus escritos.³⁴ Orígenes cita a Epístola de Tiago em seu comentário do Evangelho de João (Jo 19.6). Ele se refere à epístola como sendo Escritura e menciona o nome de Tiago.

Cem anos depois, o historiador Eusébio relata que a Epístola de Tiago era usada publicamente nas igrejas. Naquela época, alguns a consideravam um documento espúrio e o próprio historiador a coloca na lista dos livros controversos. Ainda assim, Eusébio se refere a essa epístola como sendo parte das Escrituras, atribuindo-a ao “santo apóstolo”, o qual ele chama repetidamente de irmão do Senhor.³⁵ Depois de descrever o martírio de Tiago, ele diz:

Essa é a história de Tiago. Diz-se que sua [epístola] é a primeira das epístolas chamadas de católicas. Deve-se observar que sua autenticidade é negada, tendo em vista que poucos dos antigos a citam, como também é o caso da Epístola de Judas, que é, em si, uma das sete chamadas católicas; ainda assim, sabemos que essas cartas eram usadas publicamente junto com as outras na maioria das igrejas.

O Concílio de Cartago, em 397 d.C., reconheceu oficialmente a Epístola de Tiago como sendo canônica. No ano de 412 d.C., a Igreja da Síria a inclui juntamente com 1 Pedro e 1 João na versão autorizada conhecida como Peshitta Siríaca. Exceto pela igreja síria, o Oriente passou a considerar a epístola como sendo canônica antes do Ocidente. Líderes influentes, incluindo Jerônimo, foram de grande importância para familiarizar a igreja do Ocidente com a Epístola de Tiago.

34. Consultar Eusébio, *História Eclesiástica* 6. 14. Ver também Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction* (Nova York: Herder and Herder, 1963), p. 474.

35. Eusébio, *História Eclesiástica* 2. 23.

Durante a época da Reforma, Erasmo expressou dúvidas de que Tiago, irmão de Jesus, tivesse escrito a epístola. Para ele, por causa da descendência judia de Tiago, este não poderia ter escrito num grego de tão alto nível como o que aparece na epístola. Martinho Lutero também acrescentou suas reservas ao observar que a epístola pouco ensina a respeito de Cristo, não é apostólica, enfatiza a lei ao invés do evangelho e opõe-se à doutrina de fé e obras exposta por Paulo. Lutero escreve no prefácio de sua tradução do Novo Testamento (1522) que “a Epístola de Tiago é, na realidade, uma epístola de palha”. Conclui ainda: “Não posso colocar [a epístola] entre os principais livros, apesar de que, dessa forma, não impediria ninguém de colocá-la onde lhe aprouvesse e estimá-la como lhe aprouvesse, pois há [nela] muitos bons ditados”. Em sua obra, Lutero cita a epístola com frequência sem qualquer comentário crítico. Ele a considera Palavra de Deus. Apesar de ter numerado os livros do Novo Testamento, ele não colocou número em Tiago (e nem em 2 Pedro, Judas e Apocalipse), deixando-os no final de sua lista do Novo Testamento.

Quando William Tyndale completou a tradução do Novo Testamento, em 1525, colocou a Epístola de Tiago como último livro do cânon. Traduções subseqüentes do Novo Testamento para o inglês colocaram a epístola no lugar habitual, depois de Hebreus e antes de 1 Pedro.

H. Como Traçar um Esboço de Tiago?

Há muitos e variados esboços da Epístola de Tiago. A epístola, porém, apresenta diversos temas que estão entretecidos e que, com frequência, se repetem. Por essa razão, os comentaristas diferem entre si na divisão exata do texto. Segui a divisão de capítulos e sugiro os seguintes títulos para os cinco capítulos de Tiago:

- 1.1-27 Perseverança
- 2.1-26 Fé
- 3.1-18 Controle
- 4.1-17 Submissão
- 5.1-20 Paciência

Eis um esboço mais detalhado:

1.1-27 Perseverança

A. Saudações	1.1	
B. Provações	1.2-11	
1. Provação da fé		2-4
2. Pedindo sabedoria		5-8
3. Orgulhando-se		9-11
C. Testes	1.12-18	
1. Suportando a provação		12
2. Sendo tentado a cobiçar		13-15
3. Recebendo os dons perfeitos		16-18
D. Acordos	1.19-27	
1. Aceitando a Palavra de Deus		19-21
2. Ouvindo com obediência		22-25
3. Servindo religiosamente		26, 27

2.1-26 Fé

A. A Fé e a Lei	2.1-13	
1. Evitem o favoritismo		1-4
2. Sejam ricos em fé		5-7
3. Obedeçam à lei régia		8-11
4. Mostrem misericórdia		12,13
B. Fé e Obras	2.14-26	
1. Fé sem obras		14-17
2. Fé, obras e credo		18,19
3. A fé de Abraão		20-24
4. Fé e justificação		25, 26

3.1-18 Controle

A. Uso da Língua	3.1-12	
1. A disciplina da fala		1,2
2. Exemplos		3-8
3. Louvor e maledicência		9-12
B. Dois Tipos de Sabedoria	3.13-18	
1. Sabedoria terrena		13-16
2. Sabedoria celestial		17,18

4.1-17 Submissão

A. Submissão de Vida e Espírito	4.1-12	
1. Questionando com a motivação errada		1-3
2. Tendo amizade com o mundo		4-6
3. Aproximando-se de Deus		7-10
4. Julgando um irmão		11,12
B. Submissão à Vontade de Deus	4.13-17	
1. Exemplo		13-15
2. Bem e mal		16,17

5.1-20 Paciência

A. Impaciência com os Ricos	5.1-6	
1. A quem se refere		1
2. Riqueza		2,3
3. Roubo		4
4. Viver em prazeres		5
5. Homicídio		6
B. Necessidade de Paciência	5.7-11	
1. Súplica por paciência		7,8
2. Advertência contra a impaciência		9
3. Exemplos		10,11
C. Juramentos	5.12	
D. Persistência na Oração	5.13-18	
1. Oração e louvor		13
2. Oração e fé		14,15
3. O poder da oração		16
4. Exemplo		17,18
E. Salvando o Desviado	5.19,20	

CAPÍTULO 1

Perseverança

1.1-27

ESBOÇO

- 1.1 A. Saudações
- 1.2-11 B. Provações
 - 1.2-4 1. Provação da fé
 - 1.5-8 2. Pedindo sabedoria
 - 1.9-11 3. Orgulhando-se
- 1.12-18 C. Testes
 - 1.12 1. Suportando a provação
 - 1.13-15 2. Sendo tentado a cobiçar
 - 1.16-18 3. Recebendo dons perfeitos
- 1.19-27 D. Acordos
 - 1.19-21 1. Aceitando a Palavra de Deus
 - 1.22-25 2. Ouvindo com obediência
 - 1.26,27 3. Servindo religiosamente

1 1 Tiago, um servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos espalhadas entre as nações: Saudações.

A. Saudações

1.1

A Epístola de Tiago pertence à categoria de escritos bíblicos chamados de epístolas gerais – Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João e Judas. Algumas dessas epístolas, porém, não têm destinatário; no caso de Hebreus e de 1 João, também falta o nome do autor. Tiago nos dá o seu nome, o nome daqueles a quem se refere e sua saudação. Comparada com outras cartas canônicas, a Epístola de Tiago também parece ser uma epístola autêntica.

1 Tiago, um servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos espalhadas entre as nações: Saudações.

O título da epístola varia desde “A Epístola Geral de Tiago” (KJV, RV) até “A Carta de Tiago” (RSV e outras traduções) e “Tiago” (NIV). Os estudiosos afirmam que os títulos dos livros do Novo Testamento foram acrescentados posteriormente, supostamente no século 2º.

São variadas as evidências de manuscritos no que se refere ao título de Tiago. Alguns manuscritos (P, 33, 1739 e outros), por exemplo, contêm o seguinte sobrescrito: “A Epístola Geral de Tiago, o Apóstolo”. Outros são mais elaborados: “A Epístola Geral do Santo Apóstolo Tiago”. E outros, ainda, dizem simplesmente “A Epístola de Tiago”.

A igreja primitiva, especialmente no Oriente (Egito), colocava em prática a seguinte regra geral: “Um livro deve ser apostólico para ser canônico”. Tiago foi um apóstolo? Na verdade, ele não preenchia os requisitos que foram aplicados a José Barsabás e Matias (At 1.23). Os apóstolos tinham que ser discípulos de Jesus desde a época de seu batismo até o dia de sua ascensão, mas Tiago não havia crido em Jesus (Jo 7.5) até que este apareceu para ele no período de 40 dias entre a ressurreição e a ascensão (1Co 15.7).

Então, alguns escribas dos primeiros séculos da era cristã tentaram evitar o problema de canonicidade da Epístola de Tiago. Chamaram Tiago de apóstolo no título da epístola. Mas os títulos – meras obras humanas – não são inspirados. A igreja a nível local aceitou a epístola como sendo canônica e, com o tempo, os concílios da igreja reconheceram sua canonicidade.

A carta de Tiago é uma epístola? A igreja sempre a considerou como tal. Em outras palavras, a voz da tradição fala fortemente em seu favor. O prefácio traz o nome e a posição do autor. Além disso, o autor se dirige aos destinatários identificando-os como as “doze tribos espalhadas entre as nações”. A introdução da epístola, portanto, equivale a um envelope, que mostra o nome e endereço do remetente e do destinatário. Porém, é válido questionar se o documento é uma epístola. Era de se esperar, por exemplo, que o autor dissesse alguma coisa a respeito de si mesmo na epístola. O último capítulo termina de forma um tanto repentina sem as saudações de costume. O fato é que, deixando de lado o versículo introdutório (1.1), o leitor percebe que o começo da carta é tão abrupto quanto seu final. Porém, esse escrito tem as marcas de uma carta por causa da forma direta com que se dirige ao leitor.¹ O autor conversa com seus ouvintes e leitores. Usa, por exemplo, 54 vezes a forma imperativa. Quando escreve sua carta, tem em mente um grupo determinado de pessoas. Notamos os seguintes pontos:

a. “Tiago”. O escritor identifica-se pelo nome comum *Tiago* (em grego, “Jakobos”). A presença freqüente desse nome no Novo Testamento demonstra a popularidade de seu uso. Tiago, irmão de João, filho de Zebedeu, foi morto (At 12.1,2); Tiago, filho de Alfeu (Mt 10.3 e paralelos); Tiago, pai do apóstolo Judas (não o Iscariotes [At 1.13]) e “Tiago, o menor” (Mc 15.40) são praticamente desconhecidos. Judas menciona que é irmão de Tiago (Jd 1) e, por último, há Tiago, o irmão de Jesus.

Os estudiosos concordam que o escritor da epístola é o irmão de Jesus (Mt 13.55). Tiago tornou-se líder da igreja central em Jerusalém

1. Peter H. Davids chama a carta de “epístola literária, como um tratado escrito para publicação, e não uma carta como as epístolas de Paulo a igrejas específicas”. *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*, New International Greek Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p.24.

depois de Pedro ter partido (At 12.17), foi porta-voz do Concílio de Jerusalém (At 15.13-21) e um dos “pilares” para os quais Paulo relatou sua experiência missionária (Gl 2.2,9; At 21.18,19).

Tiago identifica-se como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Essa designação nos faz lembrar das palavras de Jesus “tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20.28).² Tiago poderia ter dito que era irmão do Senhor. Ao invés disso, ele usa o termo *servo* com toda humildade, apesar de ocupar uma posição de autoridade dentro da igreja.³ Tiago é um disposto e obediente servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Na verdade, ele é um escravo não por necessidade ou força, mas por escolha. Ele reconhece Jesus como o Senhor de sua vida.

b. “Doze tribos”. Fica evidente, logo no prefácio, que a carta de Tiago é a mais judaica de todas as epístolas do Novo Testamento. “Às doze tribos espalhadas entre as nações”. Tiago dirige sua epístola ao povo de descendência judaica que vive fora de Israel, entre outras nações. São os judeus da Dispersão (Jo 7.35).

Depois da deportação das dez tribos de Israel para a Assíria (2Rs 17.6) e do exílio das duas tribos na Babilônia (2Rs 25.11), anos mais tarde, milhares de judeus passaram a viver fora das fronteiras de sua terra natal. Lucas enumera todos os lugares do mundo no século 1º em que “estavam habitando... homens piedosos de todas as nações” (At 2.5,9-11). Esses judeus devotos foram a Jerusalém para a festa de Pentecoste, ouviram o evangelho de Jesus Cristo, tornaram-se convertidos e voltaram para seu lugar de residência. Aqueles que ficaram em Jerusalém foram perseguidos e expulsos depois da morte de Estêvão (At 8.1; 11.19).

Tiago se dirige aos cristãos judeus que vivem em outros lugares fora de Jerusalém. Pedro também envia sua primeira epístola “aos eleitos que são forasteiros da *Dispersão*, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1Pe 1.1; itálico nosso). Tiago, porém, é mais geral. Ele escreve aos crentes judeus vivendo espalhados entre as na-

2. Klaus Hess, *NIDNTT*, vol. 3, p. 546; Rudolf Tuente, *NIDNTT*, vol. 3, p. 598.

3. Paulo, Pedro e Judas também usam a expressão *servo* na introdução de suas respectivas epístolas. Ver Rm 1.1; Gl 1.10; Fp 1.1; Tt 1.1; 2Pe 1.1; Jd 1.

ções.⁴ Não temos nenhuma indicação de que ele faça referência específica a cristãos gentios em qualquer parte de sua epístola. Ainda assim, a mensagem de sua carta também diz respeito a eles.

c. “Saudações”. Tanto a referência ao Israel espiritual disperso como a saudação simples parecem mostrar um estágio primitivo no desenvolvimento da igreja. Tanto quanto os estudiosos podem determinar, é possível que essa epístola seja o mais antigo dos 27 livros do Novo Testamento. Talvez Tiago tenha escrito a epístola antes do Concílio de Jerusalém reunir-se, em 49 d.C. Ao que parece, Tiago escreveu a carta que o concílio enviou para os crentes gentios na Antioquia, Síria e Cilícia; começou aquela carta com o mesmo cumprimento sucinto: “Saudações” (At 15.23). A semelhança é inegável. Tiago usa o modo grego de saudar os leitores, pois Cláudio Lísias escreve a mesma palavra em sua carta ao Governador Félix (At 23.26).⁵

Considerações práticas em 1.1

Se alguém conheceu bem a Jesus, Tiago provavelmente foi essa pessoa. Tiago e Jesus cresceram juntos na mesma família: eles comiam juntos, brincavam juntos e trabalhavam juntos. Depois de sua ressurreição, Jesus apareceu para Tiago que, naquele momento, estava sozinho (1Co 15.7). Se havia uma pessoa que tinha o direito de chamar Jesus de “meu irmão”, essa pessoa era Tiago.

Tiago evita vangloriar-se. Em toda humildade, ele se chama de “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Jesus não se envergonha de nos chamar de irmãos e irmãs (Hb 2.11). Nós, porém, fazemos bem em seguir o exemplo de Tiago e nos chamarmos de servos de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo.

4. Sophie Laws afirma, com cautela: “Se a intenção principal do discurso é definir a comunidade teologicamente em seu caráter cristão, determinar se seus membros são de origem judaica continua sendo uma questão indefinida”. Ver sua obra *Commentary on the Epistle of James*, Harper’s New Testament Commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1980), p.48.

5. As saudações de Paulo apresentam um padrão da igreja primitiva: “Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo” (Rm 1.7). Pedro, João e Judas, em suas respectivas epístolas, dirigem-se aos seus leitores com a mesma saudação (apresentando pequenas variações).

Palavras, frases e construções do grego em 1.1

Ἰαχωβος – esta é a forma helenizada do nome Ἰαχὼβ, encontrado no Antigo Testamento.

τῇ διασπορᾷ – do verbo composto διασπείρω (eu disperso), esse substantivo deixa implícito que os leitores estavam sendo espalhados (uma distribuição) ou que haviam sido espalhados (uma dispersão).

χαίρειν – o infinitivo do presente ativo aparece três vezes no Novo Testamento na abertura de uma carta (At 15.23; 23.26; Tg 1.1) e significa “saudações”. A forma λέγει precisa ser dada, ou seja, Tiago diz “saudações”.⁶ O infinitivo tem forma imperativa.

2 Considerem uma alegria absoluta, meus irmãos, sempre que vocês enfrentarem tribulações de muitos tipos, 3 pois vocês sabem que a provação da sua fé desenvolve perseverança. 4 A perseverança deve concluir sua obra para que vocês possam ser maduros e completos, em nada deficientes. 5 Se algum de vocês não tem sabedoria, deve pedir a Deus, que dá generosamente a todos sem encontrar culpa, e lhe será dada. 6 Contudo, quando pedir, deve crer, e não duvidar, pois aquele que duvida é como uma onda do mar, impelida e agitada pelo vento. 7 Tal homem não deve achar que receberá qualquer coisa do Senhor; 8 é um homem de mente dobre, instável em tudo o que faz. 9 O irmão em condição humilde deve orgulhar-se de sua posição elevada. 10 Mas aquele que é rico deve orgulhar-se de sua posição inferior, pois ele passará como uma flor silvestre. 11 Pois o sol se levanta com seu calor escaldante e faz murchar a planta; cai a sua flor e sua beleza é destruída. Semelhantemente, o homem rico desaparecerá enquanto cuida de seus afazeres.

B. Provações

1.2-11

1. Provação da fé

1.2-4

As pressões de nossa era tecnológica são grandes demais para muitas pessoas. Elas não conseguem lidar com as dificuldades que

6. Erich Beyreuther e Günter Finkenrath, *NIDNTT*, vol. 2, p. 358. Consultar também Hans Conzelmann, *TDNT*, vol. 9, p. 367; ver também A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 394.

enfrentam no dia-a-dia. Buscam escapar do redemoinho de incidentes difíceis que as confronta. Em muitos casos, a fuga é impossível, especialmente quando as pessoas não podem controlar esses incidentes. Assim, o escritor sagrado, dirigindo-se aos cristãos judeus perseguidos, fala a todos os povos ao longo de todos os séculos. Ele diz:

2 Considerem uma alegria absoluta, meus irmãos, sempre que vocês enfrentarem tribulações de muitos tipos, 3 pois vocês sabem que a provação da sua fé desenvolve perseverança.

Tiago escreve sua epístola para os cristãos judeus que foram expulsos de suas casas e perderam suas posses. Ele se dirige a pessoas que sofrem porque são exploradas pelos ricos, arrastadas para os tribunais e difamadas por acreditarem no bom nome de Jesus Cristo (2.6,7). A essas pessoas, Tiago dirige uma carta pastoral na qual sua primeira admoestação é para que se alegrem.

a. “Considerem uma alegria absoluta”. Que maneira estranha de dirigir-se aos destinatários desta carta! Tiago vive seguro e com tranquilidade em Jerusalém e se dirige aos cristãos judeus que perderam sua casa e seu lar por causa das dificuldades e perseguições. Tiago parece estar fora da realidade. Parece ignorar as provações diárias enfrentadas pelo povo. Alguns podem dizer que ele é o pastor típico que sabe fazer sermões, mas não está ciente do sofrimento que o povo passa no cotidiano.

Tiago, porém, não está alheio às provações de seu povo. Ele próprio havia testemunhado a morte de Estêvão, a perseguição que se seguiu e a dispersão da igreja de Jerusalém por toda a Judéia e Samaria (At 8.1). Ele conhece sua tarefa pastoral. Ele profere palavras de encorajamento. Exorta o povo a alegrar-se. Quanto a isso, encontramos apoio nas admoestações apostólicas de Paulo e Pedro:

E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança. [Rm 5.3]

Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações. [1Pe 1.6]

Tiago repete o pensamento que Jesus expressa na última bem-aventurança: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos

injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Regozijai-vos e exultais, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mt 5.11,12; e ver Lc 6.22,23). Assim, Tiago diz aos leitores: “Não vos torneis amargurados pelas adversidades, mas alegrai-vos”.

b. “Meus irmãos”. Para tornar seu apelo mais íntimo, o autor se dirige a seus leitores chamando-os de “irmãos”. Essa expressão coloca o autor no mesmo nível dos leitores. O autor é um deles e alguém que está com eles. Em função do uso freqüente dessa expressão, a carta é extremamente pessoal (1.2,16,19; 2.1,5,14; 3.1,10,12; 4.11; 5.7,9,10,12,19).

Qual o significado do termo *irmãos*? Num sentido nacionalista, todos os judeus são irmãos. Esse era o caso nos tempos antigos (Êx 2.11; Dt 15.3; Mt 5.47; At 13.26) e ainda é verdade nos dias de hoje.⁷ Mas esse conceito não é o que o autor tem em mente. Ele se dirige aos judeus cristãos porque *eles* são seus irmãos espirituais.⁸ Nos tempos do Novo Testamento, assim como nos dias de hoje em muitos meios cristãos, a palavra *irmão* se refere a um companheiro cristão.

c. “Várias provações”. Circunstâncias difíceis são as adversidades que Deus usa para testar a fé do crente. Essas provações podem vir de várias formas e maneiras. Nenhum crente recebeu a garantia de que viverá uma existência tranqüila e sem problemas. Todos passam por dificuldades, problemas e dores de um ou outro tipo. Ninguém pode escapar delas, pois o homem não controla as circunstâncias que causam as dificuldades.

Com efeito, Tiago diz que o cristão cai numa situação de provação, isto é, Deus coloca o crente, às vezes um tanto subitamente, dentro de uma situação criada para testar sua fé em Deus. É possível que o crente nem perceba que tenha se deparado com uma prova.

7. James Hardy Ropes, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*. International Critical Commentary Series (1916; ed. reimpressa, Edimburgo: Clark, 1961), p. 131. Consultar também Simon J. Kistemaker, *The Parables of Jesus*. (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 167, n. 3. “Quando um soldado judeu perde sua vida em conflito armado, a nação pranteia sua morte, pois um *irmão* morreu”.

8. “O uso do termo *irmão* para designar os membros de uma comunidade cristã é ilustrado por um uso semelhante, sobre o qual ficamos sabendo através dos papiros”. Ver Adolph Deissmann, *Bible Studies*, trad. Alexander Grieve (1923; ed. reimpressa, Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979), pp. 87-88.

Com freqüência, tempos mais tarde é que o cristão começa a compreender por que Deus o testou.⁹ Quando seus olhos são abertos, ele vê a bondade e a graça de Deus, que enchem-no de alegria e felicidade. Assim, Tiago exorta seus leitores a considerar as provações motivos de grande alegria. O cristão deve ver a mão de Deus em todos os aspectos da vida. William Cowper escreveu:

Deus opera de maneira misteriosa
 Para suas maravilhas realizar;
 Ele coloca suas pegadas no mar,
 E move-se na tempestade.

Nos veios mais inescrutáveis,
 De perícia inesgotável,
 Ele reserva seus brilhantes desígnios
 E realiza sua vontade soberana.

d. “Provação... da fé”. Por que o cristão deve encher-se de pura alegria toda vez que Deus o prova? De acordo com Tiago, o cristão o faz sabendo “que a provação da sua fé desenvolve perseverança”. O verbo *saber* é a palavra chave. O crente sabe que as provas que suporta não chegam até ele por acaso. Ele acredita que tudo chega a si pelas mãos de Deus. Conforme confessa Zacarias Ursino em seu catecismo do século 16:

... e todas as coisas
 não nos sobrevêm por acaso,
 mas de sua mão paternal.¹⁰

Deus está por trás de toda provação e teste. Ele quer que experimentemos essa realidade de modo que não apenas possamos ver sua mão, mas também senti-la. Colocamos nossa mão na mão de Deus. Então, em toda adversidade que enfrentamos, mantemos nossa confiança em nosso Pai celeste, pois sabemos que ele nos envia essas provações para testar nossa fé. cremos que ele está completamente

9. Walter Schneider e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 801.

10. Em resposta à pergunta 27 (sobre a Providência) no Catecismo de Heidelberg, Ursino, assistido por Gaspar Oliviano, discute a Providência de Deus dizendo que ela inclui “a força do Todo-Poderoso e o sempre presente poder, com que Deus, pela sua mão, sustenta e governa o céu, a terra e todas as criaturas... e todas as coisas não nos sobrevêm por acaso, mas de sua mão paternal”.

no controle de toda situação. E Deus nos dá exatamente o de que precisamos: alegrias e tristezas, provações e vitórias. Um provérbio árabe afirma sucintamente que “o sol sem chuva cria desertos”. Considere motivo de toda a alegria quando as nuvens se juntam sobre sua cabeça: elas trarão chuvas de bênçãos. Essas chuvas fazem sua vida de fé desenvolver-se e crescer.

e. “Perseverança”. “A provação da vossa fé produz perseverança”, diz Tiago. O termo *provação* é análogo à expressão *provações* no versículo anterior (“o passardes por várias provações”). Nesse ponto, notamos um paralelo entre a Epístola de Tiago e a Primeira Epístola de Pedro. Pedro lembra seus leitores essa verdade dizendo: “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações”, e continua: “Para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado, muito mais precioso do que ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.6,7).

O crente é testado no sentido de passar por um processo de purificação, ou seja, sua fé está sendo depurada, de modo semelhante àquele em que o ouro é submetido ao fogo da caldeira (Pv 27.21). Assim como o ourives remove impurezas que não fazem parte do metal, Deus também purifica do pecado a fé daquele que crê. O ouro, porém, apresenta-se como um elemento inanimado que é e permanece passivo ao longo do processo de purificação. A fé humana jamais pode ser passiva. Ela é ativa. A fé, conforme Tiago indica em sua epístola, deve ser acompanhada de ações, pois, de outro modo, é morta (2.17).

O verbo *desenvolver*, no grego, na realidade, transmite o significado de *desenvolver plenamente*. Paulo, por exemplo, usa o mesmo verbo em sua exortação aos filipenses: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor” (2.12). Tiago escreve que a provação de nossa fé continua a desenvolver a perseverança.

A perseverança é uma qualidade digna de admiração no ser humano. “Sem dúvida, firmeza, constância e perseverança estão entre as mais nobres virtudes do homem”.¹¹ Essa qualidade, da qual Jó é exemplo, não tem nada em comum com a resignação. Algumas pes-

11. Ulrich Falkenroth e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 2, p. 772. Consultar também Friedrich Hauck, *TDNT*, vol. 4, p. 588.

soas pensam que, por serem incapazes de evitar circunstâncias difíceis, devem resignar-se a elas. Adotam o lema *o que tiver que ser, será*. Mas enquanto a resignação é passiva, a perseverança é ativa. A resignação resulta em derrota; a perseverança, em vitória. O cristão persevera ao olhar para Jesus, o autor e consumidor da nossa fé (Hb 12.2; ver também Rm 5.3-5).

O crente confia em Deus como sua fonte de auxílio, socorro, força e consolo. Ele sabe que Deus sempre responde à fé e oferece os meios de suportar o período de provação. O crente que possui a virtude da firmeza e agarra-se a Deus pela fé persiste em fazer a vontade de Deus e não pode ser desviado de seu propósito declarado, que é servir a seu Deus.

4 A perseverança deve concluir sua obra para que vocês possam ser maduros e completos, em nada deficientes.

Tiago repete o substantivo *perseverança* para demonstrar que esse conceito é importante para a mensagem da epístola. Ao repetir o termo, Tiago faz alusão ao ensinamento de Jesus que, em duas ocasiões diferentes, ensinou aos seus discípulos dizendo que “aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo” (Mt 10.22; 24.13).

Não podemos apressar a perseverança. Ela precisa de tempo. Por exemplo, um paciente recebe de seu médico a notícia animadora de que sua perna quebrada está sarando satisfatoriamente. Todos os dias, o médico visita o paciente e lhe diz praticamente a mesma coisa. O paciente percebe que precisa obedecer às ordens de não colocar pressão sobre a perna quebrada, mesmo que ela esteja sendo sustentada por um gesso. O processo de cura deve seguir seu curso normal. Se o paciente repentinamente finalizasse esse processo, os resultados seriam desastrosos. Paulo pediu ao Senhor que removesse o espinho em sua carne: “Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim”, escreve Paulo. “Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.8,9). Note o termo *aperfeiçoa*, pois Tiago usa uma palavra semelhante (*perfeitos*). “Deixai que a paciência [perseverança] tenha ação perfeita” (KJV), isto é, não interfiram no plano de Deus para sua vida. Perseverem em suas provações para que a obra que Deus começou em vocês possa ser completada. Conforme Davi orou em um de seus salmos:

O que a mim me concerne o Senhor levará a bom termo;
 a tua misericórdia, ó Senhor, dura para sempre;
 não desampares as obras das tuas mãos. (SI 138.8)

O paralelismo é uma das características semíticas da Epístola de Tiago. Observe que o versículo 4 repete o pensamento do versículo anterior e, assim, explica o seu significado.¹² Eis o paralelo:

A provação da vossa fé produz perseverança.
 A perseverança deve ter ação completa.

Assim como deve-se permitir que uma planta frutífera complete seu período de crescimento, da mesma forma a perseverança deve completar seu curso.

a. “Maduros e completos”. Tiago tem propensão para ligar palavras ou conceitos, de preferência repetindo o mesmo termo. Uma tradução literal ilustra esse fato: “Deixando que a perseverança tenha resultado perfeito, para que vocês possam ser perfeitos e completos, em nada deficientes” (NASB).

O que significa “perfeito”? Certamente não significa “sem pecado”. Em 3.2, Tiago escreve que “todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o seu corpo”. A intenção de Tiago é transmitir o conceito de integridade, ou seja, “que não fica a desejar em nenhum ponto”.¹³ Dirigindo-se aos filipenses, Paulo também usa a expressão *perfeito*. A New International Version traduz o termo como “maduro”: “Todos nós, que somos maduros, tenhamos este sentimento” (Fp 3.15). No tocante aos leitores das cartas de Paulo e de Tiago, o termo *perfeito* significa “maduro”.

Um sinônimo de “maduro” é a palavra *íntegro*. Em nome de Jesus, Pedro curou um homem coxo que se sentava diariamente para mendigar no Pórtico de Salomão. Lucas escreve que esse homem foi

12. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and of the Epistle of James* (Columbus: Wartburg: 1946), p. 526.

13. Reinier Schippers, *NIDNTT*, vol. 2, p. 63. De acordo com Donald W. Burdick, “O comentário de que ‘a perseverança deve aperfeiçoar sua obra’ indica progresso e desenvolvimento, e o resultado destes pode muito bem ser definido como maturidade”. *James*, vol. 12, *Expositor’s Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), p. 168.

integralmente curado (At 3.16). Os pés e tornozelos desse homem tornaram-se fortes de modo que ele pudesse agir como um ser humano completo, sem deficiência.

b. “Em nada deficientes”. A frase *em nada deficientes* é sinônima ao termo anterior, *íntegro*, que expressa o conceito de que todas as partes estão funcionando. Apesar de ambos os termos afirmarem o mesmo conceito, o primeiro o faz de modo positivo; o segundo, de maneira negativa. Se, portanto, recebemos todas as partes necessárias para nos tornarmos maduros e íntegros e se Deus nos deu todas as coisas de modo que nada nos falta, devemos ser capazes de suportar as provações que Deus está nos dando. E porque Deus nos equipou completamente, somos capazes de perseverar na fé.

Considerações práticas em 1.2-4

Versículo 2

Suponhamos que a casa pegue fogo ou que um exame médico revele um câncer terminal. O cristão deve gritar “louvado seja o Senhor!” quando é atingido pelas calamidades? Os cristãos se deparam com frustrações, dificuldades e adversidades. Muitas vezes, deparam-se com essas circunstâncias. Ao invés de louvar a Deus, muitos cristãos tornam-se cínicos, descrentes e até mesmo deprimidos por causa dessas provações. Para eles e para todos os crentes, Tiago declara: alegrai-vos quando Deus prova a vossa fé. Lembrai-vos de Jó, que venceu pela fé e recebeu as mais ricas bênçãos de Deus.

Versículo 3

A pessoa que é aceita em uma faculdade ou universidade pode dizer: “Sou um aluno”. Mas até que essa pessoa tenha passado nas provas e exames, ninguém pode afirmar que ela é, de fato, um aluno. A única maneira de determinar o valor do trabalho de um aluno é verificar seu desempenho em seus exames. Se as provas fossem deixadas de lado, isso impediria que os professores e a administração da escola pudessem determinar a habilidade do aluno.

Palavras, frases e construções do grego em 1.2-4

Versículo 2

πάσαν χαρῶν – o substantivo χαρῶν é uma alusão ao infinitivo χαίρειν do versículo anterior. O adjetivo que o modifica – πᾶσαν – transmite a idéia de *pleno* ou *puro*.

ἡγήσασθε – como imperativo médio aoristo de ἡγέομαι (eu conduzo, guio, penso, considero), o verbo denota “um julgamento ponderado e cuidadoso”.¹⁴

πειρασμοῖς – o autor demonstra uma boa aliteração na frase πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις. O substantivo é derivado de περῶζω (eu provo, testo; tento). Refere-se às provações externas que vêm sobre o ser humano. As tentações afetam o ser humano internamente (ver Tg 1.13-15).

περιπέσητε – plural da segunda pessoa do subjuntivo ativo aoristo do termo composto περιπίπτω (estou dentro de e cercado por [provações]; consultar Lc 10.30 e 1 Clemente 51.2).

Versículo 3

γινώσκοντες – particípio no presente ativo de γινώσκω (eu sei), expressa causa e oferece evidência para a exortação do verbo principal no versículo 2. Além disso, o verbo γινώσκω se refere ao conhecimento experimental, enquanto seu sinônimo, οἶδα tem a conotação de conhecimento inato (como é o caso de 3.1).

τὸ δοκίμιον – esse substantivo, derivado de δοκιμῶζω (eu testo, provo, aprovo) é equivalente ao presente infinitivo articular τὸ δοκιμῶζειν e sugere uma ação ou processo.¹⁵

κατεργάζεται – como verbo médio deponente no tempo presente, esta forma é composta com um sentido perfectivo (ou intensivo).

ὑπομονήν – esse substantivo aparece 32 vezes no Novo Testamento, sendo 16 delas nas epístolas de Paulo e 3 na Epístola de Tiago (1.3,4; 5.11).

14. Thayer, p. 276.

15. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of the New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 96. Ver ainda Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 416.

Versículo 4

ὁλόκληροι – apesar de esse adjetivo ocorrer apenas duas vezes no Novo Testamento, (1Ts 5.23; Tg 1.4), seu significado é claro. O adjetivo composto é derivado do adjetivo ὅλος (tudo) e do substantivo κλήροζ (muito). Ou seja, tudo o que o crente precisa lhe foi dado em grande quantidade. Assim, ele é íntegro em todos os aspectos. Peter H. Davids escreve: “A perfeição não é apenas um amadurecimento do caráter, mas uma plenitude à medida que mais ‘partes’ do caráter reto são acrescentadas”.¹⁶

λείπομενοι – este é o particípio do presente ativo de λείπω (eu deixo), não o médio. Com a frase preposicional ἐν μηδενί, significa “em falta”.

*2. Pedindo sabedoria**1.5-8*

De modo característico, Tiago apresenta com brevidade um determinado tópico e depois volta a tratar dele. Nesta seção, ele fala da necessidade de sabedoria; no capítulo 3, delinea dois tipos de sabedoria – um que vem do céu e outro, da terra.

5 Se algum de vocês não tem sabedoria, deve pedir a Deus, que dá generosamente a todos sem encontrar culpa, e lhe será dada.

Tiago demonstra a arte de escrever ao ligar palavras e frases chaves. No versículo 3, ele ressalta a palavra *perseverança*, colocando-a no final da frase para dar-lhe ênfase. No versículo 4, ele usa *perseverança* logo no início da frase. A última frase do versículo 4 é “em nada deficientes”; a primeira oração da frase seguinte usa uma expressão paralela “se algum de vocês necessita de sabedoria”. O autor domina a comunicação de forma eficaz, por meio da prosa simples e direta.

Observe os seguintes pontos:

a. *Necessidade*. A oração “se algum de vocês necessita de sabedoria” é a primeira parte de uma declaração fatural numa frase condicional. O autor está dizendo ao leitor: “Sei que você não vai admitir,

16. Davids, *James*, p.70.

mas você necessita de sabedoria". Tiago trata de um problema delicado, pois ninguém quer ouvir que é tolo, que comete erros e precisa de ajuda. O ser humano é, por natureza, independente. Quer resolver seus próprios problemas e tomar suas próprias decisões. O teólogo do século 18, John Albert Bengel, colocou de modo um tanto sucinto: "A paciência está mais no poder de um homem bom do que a sabedoria; a primeira deve ser exercitada, e esta última deve ser pedida".¹⁷ É preciso que o ser humano supere o orgulho para admitir que precisa de sabedoria. Mas a sabedoria não é algo que ele possui. Ela pertence a Deus, pois é sua divina virtude. Qualquer um que admita a necessidade de sabedoria deve ir até Deus e pedir-lhe. Tiago apela para o leitor e ouvinte individualmente. Escreve: "algum de vocês". Tiago dá ao leitor a chance de se examinar, de chegar à conclusão de que precisa de sabedoria e de seguir o seu conselho para que a peça a Deus.

b. *Pedido*. O crente deve pedir sabedoria a Deus. Tiago deixa implícito que Deus é a fonte de sabedoria. Ela lhe pertence.¹⁸

O que é sabedoria? Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento procuram explicar esse termo. Salomão o expressa num paralelismo tipicamente hebraico: "Porque o Senhor dá a sabedoria, da sua boca vem a inteligência e o entendimento" (Pv 2.6). Salomão equaliza a sabedoria com a inteligência e o entendimento.

Além disso, o Novo Testamento afirma que o cristão recebe sabedoria e conhecimento de Deus (ver, por exemplo, 1Co 1.30).¹⁹ É verdade que fazemos uma distinção entre sabedoria e conhecimento quando dizemos que o conhecimento sem sabedoria é de pouco valor. Donald Guthrie observa que "se a sabedoria é o uso correto do conhecimento, a sabedoria perfeita pressupõe conhecimento perfeito".²⁰ Para tornar-se maduro e íntegro, o crente deve pedir a Deus sabedoria.

17. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. Andrew R. Fausset, 5 vols., 7ª ed. (Edimburgo: T. and T. Clark, 1877), vol. 5, p. 5.

18. Spiros Zodhiates observa que a sabedoria "entre os judeus era, antes de mais nada, reconhecida como um tributo de Deus e que mais tarde passou a ser identificada com o Espírito de Deus". *The Epistle of James and the Life of Faith*, vol. 4, *The Behavior of Belief* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 33.

19. Jürgen Goetzmann, *NIDNTT*, vol. 3, p.1032.

20. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 95.

Deus deseja oferecer sabedoria a qualquer um que pedir com humildade. O reservatório de sabedoria de Deus é infinito e ele a “dá generosamente a todos sem encontrar culpa”.

c. *Dáviva*. Deus não faz acepção. Ele dá a todos, não importa quem seja, pois Deus deseja dar. É uma característica de Deus. Ele dá continuamente. Toda vez que alguém chega até ele com um pedido, ele abre seu reservatório e distribui sabedoria gratuitamente. Assim como o sol continua a dar sua luz, Deus continua dando sabedoria. Não podemos imaginar um sol que deixe de dar luz, muito menos pensar em Deus deixando de dar sabedoria. A dádiva de Deus é gratuita, sem juros, sem o pedido de que se pague de volta. Ela é grátis.

Além disso, Deus dá “sem encontrar culpa”. Quando pedimos a Deus por sabedoria, não devemos temer que ele expresse desprazer ou nos reprove. Quando chegamos até ele com a fé como a de uma criança, ele jamais nos manda de volta vazios. Temos a segurança de que, quando pedimos por sabedoria, ela nos “será dada”. Deus não decepciona aquele que pede com fé.

6 Contudo, quando pedir, deve crer, e não duvidar, pois aquele que duvida é como uma onda do mar, impelida e agitada pelo vento.

Mais uma vez, Tiago repete palavras-chave. Note o verbo *pedir* nos versículos 5 e 6 e o verbo *duvidar* na oração que se segue no versículo 6. Além disso, no versículo 6, o autor evidencia o contraste, que embeleza com uma ilustração.

a. *Contraste*. Primeiro, de forma implícita, Tiago ensina que Deus deseja a sinceridade de coração. Deus dá generosamente, sem reserva, portanto, ele espera que o cristão venha até ele em oração sem reserva. Um lema do reformador de Genebra do século 16, João Calvino, dizia: “Ofereço meu coração a ti, ó Senhor, pronta e sinceramente”. Assim, Deus quer que o crente peça por sabedoria com sinceridade e confiança. Certamente Deus não quer ver o contraste entre fé e dúvida no coração do ser humano.

Além disso, a fé e a dúvida não podem estar presentes no ser humano ao mesmo tempo. Quando o ser humano crê, ele não duvida. E quando ele duvida, falta-lhe a fé. O contraste, portanto, é evidente na instabilidade revelada pelo ser humano: hoje, ele acredita; amanhã,

ele duvida. O escritor de Hebreus, em seu capítulo sobre a fé, declara com simplicidade: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6).

Por fim, quando Jesus fez com que a figueira secasse rapidamente e seus discípulos lhe perguntaram sobre o ocorrido, ele respondeu: “Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo se a este monte disserdes: ‘ergue-te e lança-te no mar’, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mt 21.21,22). A fé, portanto, é capaz de mover montanhas pelo poder que Deus dá à pessoa que coloca toda a sua confiança nele.

Quando o ser humano ora a Deus com o coração repleto de dúvidas, Deus não responde. Quando expressa dúvida na capacidade que Deus tem de ajudar, o ser humano indica que quer ser independente de Deus. Sem a sabedoria divina, o ser humano vacila, é como uma onda no mar e não tem estabilidade. A relação de Deus com o cristão que coloca nele a sua confiança nunca vacila.²¹

b. *Ilustração.* Tiago cresceu em Nazaré, distante cerca de 30 km tanto do Lago da Galiléia como do Mar Mediterrâneo. A visão de ondas agitadas não lhe era estranha. Assim, ele aplica essa imagem ao ser humano que duvida. “O que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento”. O mar está sempre cheio de ondas e, quando o vento sopra, elas se movem de maneira quase rítmica, numa seqüência rápida. Quando o vento muda de direção, as ondas alteram seu curso de acordo com ele. Além disso, os movimentos das ondas para cima e para baixo formam cristas e depressões entre elas. Em resumo, a imagem do mar que Tiago cria é de instabilidade e inquietação. É desse modo que Tiago retrata aquele que duvida. Ele é como as ondas que se erguem no mar, inquieto e instável. Não tem a sabedoria da qual precisa desesperadamente para dar um rumo à sua vida. Mas, porque o ser humano duvida, Deus não deixa fluir sua sabedoria. Deus espera que seu povo se aproxime dele com fé, então ele recompensa

21. Burkhard Gärtner, *NIDNT*, vol. 1, p. 505. Consultar também Friedrich Büchsel, *TDNT*, vol. 3, p. 949.

aqueles que o buscam. Se, porém, o ser humano duvida, ele não recebe a bênção de Deus.

7 Tal homem não deve achar que receberá qualquer coisa do Senhor; 8 é um homem de mente dobre, instável em tudo o que faz.

Confessamos prontamente que nossa fé, por vezes, é fraca e tímida. Lutamos com períodos de dúvidas. É a nós que Tiago se dirige? Somos lançados de um lado para o outro como as ondas do mar? Impedimos as bênçãos de Deus por que somos fracos na fé?

Consideremos rapidamente Abraão, o pai dos crentes. Sua fé não foi sempre infalível e forte. Ele teve seus momentos de dúvida e desespero. Ainda assim, Abraão recebeu a promessa de Deus e Deus o abençoou.

O que Tiago está dizendo? Ele não está se referindo à pessoa que se afasta da dúvida, mas àquele de mente dobre e instável. O ser humano de mente dobre, na verdade, tem duas personalidades ou duas almas. Uma diz que ele irá tentar a “religião” – se ela não faz nenhum mal, pode ser até que ajude. A outra diz que ele não precisa de Deus, porque deseja ser independente e auto-suficiente. Uma pessoa que duvida não espera receber nada de Deus. Tiago, portanto, observa que aquele que duvida “não suponha... que alcançará de Deus alguma coisa”.

Tiago chama a pessoa que duvida de “esse homem”. As palavras revelam desdém; esse homem duvida do caráter verdadeiro do poder e das promessas de Deus. Ele pede sabedoria a Deus, mas duvida que Deus irá concedê-la. Num momento ele ora e, no momento seguinte, ignora Deus. Sua oração – se é, de fato, uma oração – não é sustentada pela fé.

Quando o pai do epiléptico disse a Jesus “eu creio, ajuda-me na minha falta de fé!” (Mc 9.24), Jesus ouviu sua oração de fé. Ele curou o filho daquele homem ao expulsar o demônio. Observe, porém, que esse homem lutou com a fraqueza de sua fé e pediu ajuda. Ele a recebeu.

Deus deseja que oremos a ele, pois quer ser nosso Deus. Assim como Deus é imutável em tudo o que ele diz e faz (Mt 3.6; Hb 6.17,18), ele espera que seu povo também o seja. Ele detesta a instabilidade, a mente dobre e a dúvida. Ele deseja que oremos a ele e acreditemos

que ele responderá. Quase no final da carta, Tiago escreve: “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (5.16). Deus abençoa os justos, pois eles são seu povo.

Mas o homem de mente dobre não deve achar que Deus irá abençoá-lo. Essa pessoa segue seu próprio caminho, toma suas próprias decisões e vive sua própria vida – separada de Deus. Se ela não ora a Deus com a confiança semelhante à de uma criança, Deus não pode conceder-lhe a dádiva da sabedoria. Assim, quando Deus se recusa a atender seu pedido, isso não é causado pela falta de vontade de Deus, mas pela dúvida do ser humano.

Considerações práticas em 1.5-8

Versículo 5

Se você é professor, é possível que tenha feito os melhores cursos a fim de preparar-se para seu trabalho. Pode ser que tenha o talento de se comunicar bem. Pode ser que você goste de sua vocação. Mas se você deixar de pedir a Deus diariamente por sabedoria para encarar os desafios de sua profissão, não será totalmente eficiente.

Peça a Deus por sabedoria e ele a dará generosamente, sem que impropere. Peça com fé e você verá a diferença em sua vida. “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrirem-se-vos-á” (Mt 7.7).

Versículo 6

A dúvida é sempre pecaminosa? Não necessariamente. Por exemplo, quando a dúvida aparece sob a forma de perplexidade, ela não é pecaminosa. Quando “homens piedosos de todas as nações debaixo do céu” (At 2.5) ouviram os apóstolos pregarem o evangelho no dia de Pentecoste em Jerusalém, ficaram “atônitos e perplexos” (At 2.12). Não conseguiam compreender o sentido daquele transbordar do Espírito Santo. Depois que Pedro fez o sermão de Pentecoste, cerca de 3 mil pessoas vieram a crer. Outros, porém, zombaram dos apóstolos chamando-os de beberrões (At 2.13). Essas pessoas recusaram-se a aceitar a verdade de Deus porque duvidaram. Portanto, a dúvida é pecado quando manifesta-se sob a forma de descrença.

Palavras, frases e construções do grego em 1.5-8

εἰ – A primeira cláusula da condição introduzida pela partícula εἰ retrata um fato simples. O verbo λείπεται é o indicativo do presente passivo e mostra um estado atual. O verbo controla o genitivo de σοφίας (sabedoria).²² Derivado de λείπω (eu deixo), significa “ter falta de”.

αἰτέω – a segunda oração da frase condicional tem o presente imperativo ativo do verbo αἰτέω (eu peço). Esse verbo deixa implícita uma submissão daquele que pede. Ele descreve “o que é inferior buscando aquele que é superior; o mendigo e aquele que dá esmolas; a criança e o pai; o súdito e o rei; o ser humano e Deus”.²³

τοῦ διδόντος θεοῦ – observe a posição do particípio do presente ativo – entre o artigo definido e o substantivo. O particípio torna-se um adjetivo descritivo e indica que a doação contínua é uma das características de Deus.

Versículo 6

διακρινόμενος – o autor constrói suas frases e orações por meio da repetição de palavras-chaves. Repete o verbo αἰτέω e, dentro deste versículo, usa o particípio do presente médio de διακρινόμενος em duas ocasiões. O composto διὰ (através de) e κρίνω (eu julgo) desenvolve a idéia de se fazer uma distinção entre duas pessoas, coisas ou pensamentos. Assim, quando aparece no meio (como um reflexivo), tem o sentido de “estar contra si mesmo, duvidar, vacilar”.²⁴

ἔοικεν – um segundo ativo perfeito do verbo clássico εἰκω (eu sou como) é um presente de longa duração e aparece somente nessa forma (ver Tg 1.23)

Versículo 7

μη οἰέσθω – o imperativo presente médio da forma contracta οἶμαι (eu suponho, penso) é negado pela partícula μή. A proibição no tempo presente instrui o leitor e ouvinte a parar de pensar que irá receber algo.

22. Robertson, *Grammar*, p. 518, classificou o verbo na categoria de “sentir falta, estar desprovido, desesperar-se”.

23. R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (1854; ed. reimpressa, Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p.144.

24. Bauer, p. 185.

ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος – a posição do pronome demonstrativo ἐκεῖνος (esse) expressa um certo grau de desdém (compare com Mc 14.21).²⁵ O substantivo ἄνθρωπος é genérico.

λήμμεται – o indicativo do futuro médio de λαμβάνω (eu recebo).

Versículo 8

δίψυχος – essa é uma combinação de δίς (duas vezes) e ψυχή (alma). Como adjetivo, deriva do verbo διψυγέω (estou indeciso, sujeito a mudanças).

ἀκατάστατος – adjetivo composto derivado do privativo ἀ (não), da preposição κατά (abaixo) e do verbo ἵστημι (estou) transmite a impressão de instabilidade.

ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς – traduzido literalmente como “de todas as maneiras”, a frase é um hebraísmo referindo-se à conduta de uma pessoa.

3. Orgulhando-se

1.9-11

Assim como faz em outras passagens desse primeiro capítulo de sua epístola, Tiago menciona um assunto em uma ou duas frases. Depois, numa seção posterior ou num outro capítulo, ele o desenvolve. Aqui ele introduz a questão do *orgulho*.

9 O irmão em condição humilde deve orgulhar-se de sua posição elevada. 10 Mas aquele que é rico deve orgulhar-se de sua posição inferior, pois ele passará como uma flor silvestre.

Esses dois versículos revelam paralelismo e contraste comum nos Salmos e Provérbios. O paralelo encontra-se na expressão *gloriar-se*. As cláusulas *irmão de condição humilde* e *o rico* mostram contraste. Além disso, os substantivos *dignidade* e *insignificância* opõem-se um ao outro.

25. James B. Adamson, *The Epistle of James*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), pp. 94-95.

Observe que, apesar de Tiago evitar usar a palavra *pobre* nesse versículo, é evidente a intenção de se retratar pobreza (compare com 2.2,3,5,6). Ao homem de condição humilde ele chama *irmão*.

a. “O irmão”. Como pastor, Tiago escreve uma carta aos “cristãos espalhados entre as nações”. Ele sabe que muitos deles vivem em profunda pobreza e ocupam os cargos de menor remuneração na sociedade. Essas pessoas precisam de palavras de encorajamento, pois as condições econômicas são opressivas e difíceis de entender. Assim, Tiago exorta o irmão cristão a “orgulhar-se de sua posição elevada”.

Apesar de o irmão viver em “condição humilde”,²⁶ ele não apenas deve saber de sua posição elevada: é encorajado até mesmo a orgulhar-se dela. O contraste é gritante. Como pode um cristão sem recursos compreender que é grandemente exaltado? Antes que possa orgulhar-se de sua posição de honra, deve aprender primeiro a apreciar a importância de sua condição, isto é, deve olhar não para as posses materiais, mas para os tesouros espirituais. Ele deve ter uma perspectiva completamente diferente da vida. Sua visão de mundo não nasce do materialismo, mas dos valores espirituais. Ele sabe que o próprio Deus exaltou o crente a uma posição mais elevada.²⁷ Ele se vê como filho do Rei – filho ou filha de Deus.

Como membro da família real de Deus, o irmão deve “orgulhar-se” de sua árvore genealógica. É com orgulho que aponta para seu Pai celeste e seu irmão, Jesus Cristo. O cristão tem sangue nobre em suas veias. Tiago diz: “Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?” (2.5). Não é de se admirar que o cristão deva orgulhar-se de sua posição. Ele é herdeiro do reino de Deus.

b. “O rico”. O equivalente ao “irmão de condição humilde” é “o rico”. Tiago exorta ambos para que se orgulhem de suas respectivas posições.

26. Ao citar Provérbios 3.34, tanto Tiago quanto Pedro usam o adjetivo *humilde* (Tg 4.6; 1Pe 5.5). Nesses textos, a palavra significa “humildade com prontidão para servir”. Walter Grundmann, *TDNT*, vol. 8, p. 23. Em Tiago 1.9, a expressão *humilde* se refere a alguém financeiramente pobre. Ver também Hans-Helmut Esser, *NIDNTT*, vol. 2, p. 263.

27. Davids, *James*, p. 76.

Quem é essa pessoa rica? Essa é uma pergunta que fica em aberto. Alguns intérpretes desejam completar o paralelo nos versículos 9 e 10 ao inserir a palavra *irmão*: “e o irmão rico na sua insignificância”. Assim, tanto o pobre quanto o rico são cristãos.²⁸

Observamos, porém, algumas objeções. Em primeiro lugar, apesar de Tiago chamar claramente o homem de condição humilde de irmão, ele omite esse termo quando apresenta o homem rico. Em seguida, Tiago compara o homem rico com a erva que murcha e morre – ele desaparecerá (v. 11). Ele não acrescenta nenhuma palavra de admoestação e não chama ao arrependimento.²⁹ Assim, em outras partes da epístola, Tiago deixa a impressão de que o rico não pertence à comunhão dos cristãos (ver 2.6-9; 5.1-6). E, por fim, Tiago se dirige aos cristãos que foram perseguidos e dispersos. Eles são oprimidos pelos ricos nas regiões onde se assentaram.

Além disso, observamos que Tiago fala do homem rico, mas não das riquezas. Ele não repudia as posses terrenas a fim de alegrar-se na pobreza. Não, ele ensina que Deus é quem dá “toda dádiva boa e perfeita” (1.17). Tiago não está preocupado com as riquezas, mas com a pessoa que as possui. Concluo, portanto, que o homem rico não é um cristão.

Como pode uma pessoa rica “orgulhar-se de sua posição inferior”? O pobre orgulha-se de suas riquezas espirituais, mas o homem rico que rejeita Deus é espiritualmente cego e incapaz de ver sua “insignificância”. Ele se gloria de sua riqueza material, mas as riquezas terrenas “desaparecem como a flor da erva”.

Tiago lança mão da ironia. Está dizendo que “o homem rico deve orgulhar-se de sua posição humilde”, visível ao irmão que tem discernimento espiritual. Os bens terrenos podem ser comparados às marés: eles vêm e vão. Tiago, porém, usa uma ilustração tirada do clima e da paisagem.

28. Ropes, Adamson, Burdick e Joseph B. Mayor encontram-se entre os proponentes desse ponto de vista.

29. F. W. Grosheide, *De Brief aan de Hebreëën en de Brief van Jakobus* (Kampen Kok, 1955), p. 357. Davids observa que Tiago não considerava o homem rico “verdadeiramente cristão, pois para ele não havia esperança futura”. Ver seu comentário na obra *James*, p. 77.

11 Pois o sol se levanta com seu calor escaldante e faz murchar a planta; cai a sua flor e sua beleza é destruída. Semelhantemente, o homem rico desaparecerá enquanto cuida de seus afazeres.

Essa ilustração se assemelha à profecia de Isaías:

“Toda a carne é erva,
e toda a sua glória como a flor da erva;
seca-se a erva e caem as flores,
soprando nelas o hálito do Senhor”
[40.6,7; ver também Jô 14.21].

Em uma única frase o autor descreve as condições climáticas de Israel. A principal causa da seca é o calor ardente do sol que se levanta, especialmente quando acompanhado do vento causticante do deserto. Essa combinação faz as plantas murcharem rapidamente e sua flor e beleza desaparecem em questão de horas. Quando o vento chamado siroco sopra dia e noite vindo do leste, o aspecto da paisagem transforma-se drasticamente.

“Assim também se murchará o rico em seus caminhos”. Certamente as posses terrenas do homem podem desaparecer num tempo incrivelmente curto, mas o texto não diz que as riquezas desaparecerão. Afirma que o “rico murchará”. Em forma poética, esta é a descrição do ser humano encontrada no Salmo 103:

O homem é como flor delicada,
E seus dias à erva se assemelham,
Murcha ainda que recém-florida
Por ventos rápidos que passam.
Saltério

O homem rico desaparece “enquanto cuida de seus afazeres”. A New International Version nos dá uma boa tradução de uma expressão semítica.³⁰ Subitamente, a vida do rico chega ao fim enquanto ele se ocupa em ganhar dinheiro. Suas riquezas não são capazes de prolongar sua vida, pois ele parte deixando para trás as suas posses.

30. Bauer dá a seguinte tradução da expressão: “o homem rico em suas viagens (de trabalho) ou de modo mais geral em suas tarefas e empreendimentos”. p. 692.

Considerações práticas em 1.9-11

Versículo 9

Tendo em mente a admoestação de Paulo para se fazer o bem a todos (Gl 6.10), procuramos suprir as necessidades daqueles que são assolados pela pobreza. Mas uma coisa é dar aos pobres generosamente, e outra é associar-se a eles. Uma pessoa rica pode ter muito mais influência e respeito do que aqueles que pertencem à classe mais baixa da sociedade. Essa pessoa pode demonstrar sua disposição em ajudar os necessitados, mas não necessariamente a nível pessoal.

Tiago, porém, diz que o irmão de condição humilde ocupa uma posição elevada. Em outras palavras, não deve ser desprezado! Além disso, o próprio irmão deve estar completamente consciente da posição elevada que ocupa. Ele é filho de Deus.

Versículo 10

No mundo de hoje, louvamos os ricos que alcançaram posições de autoridade e nos apiedamos dos pobres por viverem em condições tão deploráveis. A Bíblia diz que a posição do rico que vive sem Deus é deplorável (Lc 12.20,21), mas o “irmão de condição humilde” é exaltado.

Palavras, frases e construções do grego em 1.9-11

Versículo 9

καυχάσθω – terceira pessoa do singular do imperativo presente médio de καυχάομαι (eu me orgulho) aparece apenas nesse versículo e, de modo implícito (no original), no versículo 10 para completar o paralelo. Aqui, a palavra tem uma conotação positiva. Em Tiago 4.16, pelo contrário, tem um sentido negativo: “O que vocês têm feito é vangloriar-se e gabar-se”.

ὁ ταπεινός – esse adjetivo, juntamente com o artigo definido, segue a expressão ὁδελφός (o irmão). Portanto, sua posição nessa frase é atributiva e descritiva; descreve a posição social daquele que

é pobre. Além disso, essa expressão tem o seu equivalente no termo *πλούσιος* (o rico).

τῷ ὕψει αὐτοῦ – referência a posição, o artigo definido e o substantivo com o possessivo *αὐτοῦ* contrastam com *ταπεινός* (humilde). Jürgen Blunck afirma que esse versículo “inverte paradoxalmente todas as relações humanas, e que a fé exalta aqueles que são considerados inferiores”.³¹

Versículo 10

ἐν τῇ ταπεινώσει – o autor enfatiza as palavras e conceitos-chaves que repete. Do adjetivo *ταπεινός* ele vai para o substantivo *ταπεινώσις*. O substantivo denota a experiência de humilhação, não um estado de humildade, isto é, a terminação *-σις* revela progressividade.

ἄνθος χόρτου – traduzido literalmente como “uma flor da erva”, a expressão significa “uma flor silvestre”. Tiago repete o termo de forma ligeiramente diferente no versículo 11.

Versículo 11

σὺν τῷ καύσῳ – na Septuaginta, o substantivo *καύσῳ* (calor) normalmente indica o vento árido do deserto (siroco) que vem do leste. Nesse versículo, não podemos dizer ao certo se Tiago deixou implícita uma referência ao siroco. A preposição *σὺν* (com) parece apontar para isso. Os tradutores mantêm-se fiéis ao texto, o que resulta na frase “com ardente calor”.

ἔξέπεσεν – o indicativo ativo aoristo de *ἐκπίπτω* (eu caio de) descreve a queda da flor murcha. Os aoristos *ἠνέτειλεν* (levanta), *ἔξηρανεν* (murcha), *ἔξέπεσεν* (cai) e *ὄπωλετο* (é destruído) refletem o tempo perfeito hebraico, mas o grego clássico e *koine* também têm essa característica e chamam-na de aoristo atemporal.³² Compare também com Isaías 40.7 (Septuaginta) e 1 Pedro 1.24.

ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου – “a formosura do seu aspecto” é uma expressão semítica um tanto redundante. A tradução *formosura* é suficiente.

31. Jürgen Blunck, *NIDNT*, vol. 2, p. 200.

32. Robertson, *Grammar*, p. 837. Ver também Hanna, *Grammatical Aid*, p. 416.

πορείαις – o substantivo significa “jornadas” e tem como sinônimo ὁδοίς (caminhos) no versículo 8.

μαρανθήσεται – primeira pessoa do indicativo futuro passivo de μαραίνω (eu murcho, desapareço) retrata o murchar das plantas, o morrer do vento e o desaparecimento do ser humano.

12 Bem-aventurado o homem que persevera sob tribulação, pois quando tiver suportado a prova, receberá a coroa da vida, que Deus prometeu àqueles que o amam. 13 Ao ser tentado, ninguém deve dizer: “Deus está me tentando”. Porque Deus não pode ser tentado pelo mal e nem ele tenta ninguém; 14 porém, cada um é tentado quando, por seu próprio desejo perverso, é atraído e seduzido. 15 Então, depois de o desejo haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez completamente amadurecido, dá à luz a morte. 16 Não sejam enganados, meus queridos irmãos. 17 Toda a boa dádiva e perfeita vem lá do alto, descendo do Pai das luzes celestiais, que não muda como as sombras inconstantes. 18 Ele escolheu nos gerar por intermédio da palavra da verdade, para que possamos ser como primícias de tudo o que ele criou.

C. Testes 1.12-18

1. Suportando a provação 1.12

Tiago volta ao tema que introduziu no começo de sua epístola: a perseverança durante a provação (vs. 2 a 4). Ele diz que o crente que persevera é bem-aventurado e lhe diz que, por causa de seu amor por Deus, o crente “receberá a coroa da vida”.

O autor demonstra um apreço pelo uso de palavras-chaves. Com essas palavras ele dá continuidade ao fluir de sua epístola. No versículo 12, explica o significado das expressões *provação* e *aprovado*; isso o leva a uma explicação do verbo *tentar*. O versículo 12, portanto, é introdutório à próxima seção.

12 Bem-aventurado o homem que persevera sob tribulação, pois quando tiver suportado a prova, receberá a coroa da vida, que Deus prometeu àqueles que o amam.

Observe os seguintes pontos:

a. *Homem*. O termo *bem-aventurado* está relacionado às bem-aventuranças de Jesus. Mateus registra uma série com nove dessas declarações (5.3-11) no Sermão do Monte. A expressão completa – “bem-aventurado o homem” – aparece com frequência nos Salmos, Provérbios e Profetas.³³

Os judeus gostavam de usar a palavra *bem-aventurado* (*makarios*). A palavra é comum tanto no Novo Testamento quanto na literatura extra-bíblica. No Novo Testamento, por exemplo, aparece 50 vezes.³⁴

Quem é o homem que ele chama de “bem-aventurado”? É a pessoa que encontra felicidade completa em Deus. Ela pode ser pobre, fraca, faminta ou perseguida – mas é feliz. Isso parece uma contradição. Do ponto de vista do mundo, somente os ricos e aqueles que têm segurança podem ser felizes, mas as Escrituras dizem que “o homem que suporta com perseverança a provação” é bem-aventurado.

b. *Aprovado*. Deus testa a fé do ser humano para saber se esta é autêntica e verdadeira. Por exemplo, nós testamos a pureza de uma tigela feita de cristal batendo de leve na borda externa. Sabemos imediatamente que é autêntica quando ouvimos um som reverberante, quase musical. Também sabemos que aquela tigela de cristal passou pelo fogo para ser feita.

De maneira semelhante, Deus testa a fé do ser humano como fez, por exemplo, no caso de Jó. A fé que não é testada e aprovada não tem valor. Deus quer que o crente se achegue a ele durante a provação para que possa dar-lhe as forças a fim de suportá-la. Deus não está interessado em ver o crente vacilar e falhar. Seu desejo é que ele suporte, supere e seja aprovado.

Veja como Pedro encoraja seus leitores a perseverar: “Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isso é grato a Deus” (1Pe 2.20).

33. Salmo 1.1; 32.2; 34.8; 40.4; 65.4; 84.5 (com pequena variação); 94.12; 112.1; Provérbios 8.34; Isaias 56.2; Jeremias 17.7. Ver também Jó 5.17; Romanos 4.8.

34. Friedrich Hauck, *TDNT*, vol. 4, pp. 367-70. Consultar Oswald Becker, *NIDNT*, vol. 1, pp. 216-17.

c. *Promessa*. Por que o crente que persevera durante a provação é feliz? Porque ele “receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam”.

Depois que esse período de provação terminar, o crente receberá a coroa da vida. Nenhum dos competidores de um esporte recebe a coroa antes da competição ter acabado, e, então, só uma pessoa leva a coroa (1Co 9.24,25). Ao que parece, a frase *coroa da vida* era uma expressão bastante conhecida no século 1º. Ela é usada na carta dirigida à igreja de Esmirna: “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10).

R. C. Trench escreve que a coroa da vida “é o emblema não de realeza, mas da mais elevada felicidade e alegria, de glória e imortalidade”.³⁵ A frase, portanto, sugere a plenitude de vida que Deus concede aos que suportam o teste da fé. Deus prometeu essa dádiva “aos que o amam”.

O ser humano não pode conquistar a coroa da vida, pois é Deus quem a concede plena e gratuitamente. Deus pede que o homem deposite sobre ele sua total confiança e o ame de todo o coração. Os Dez Mandamentos resumem-se em amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento, e amar o próximo como a si mesmo. É interessante observar que Tiago volta a essa lei régia, como ele a chama, no capítulo seguinte (2.8). Tiago ensina, porém, que Deus escolheu o homem antes que este começasse a amá-lo (2.5). João diz a mesma coisa quando escreve que “nós o amamos, porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). Primeiro vem Deus e, depois, o ser humano.

Palavras, frases e construções do grego em 1.12

δοκιμος – este adjetivo tem origem no verbo δέχομαι (eu recebo, aceito) e significa “que foi aceito”. Refere-se a algo que foi testado e é autêntico, como moedas e metais. A palavra aparece sete vezes no Novo Testamento (Rm 14.18; 16.10; 1Co 11.19; 2Co 10.18; 13.7; 2Tm 2.15; Tg 1.12).

35. Trench, *Synonyms of the New Testament*, p. 80.

ἐπηγγείλατο – do verbo composto ἐπαγγέλλομαι (eu prometo), o indicativo médio aoristo não tem sujeito. Escribas e tradutores completaram com o sujeito, sendo ele “Senhor” ou “Deus”.³⁶ “De acordo com o estilo rabínico, em que a palavra ‘Deus’ algumas vezes deve ser acrescentada mentalmente, os melhores e mais antigos materiais apóiam a leitura de ἐπηγγείλατο sem um sujeito explícito. Materiais mais recentes, porém, preenchem aquilo que pode ter parecido uma lacuna, acrescentando κύριος ou ὁ κύριος ou ὁ θεός”.³⁷

ἀγαπῶσιν – o particípio presente ativo de ἀγαπάω (eu amo) é o plural dativo masculino que aparece como objeto indireto do verbo *prometer* (ver também Rm 8.28).

2. Sendo tentado a cobiçar

1.13-15

O pastor conhece o coração humano, pois nem todos suportam os testes que Deus coloca diante deles. Assim, Tiago adverte seus leitores a não culpar Deus, mas compreender a causa e o resultado da tentação.

13 Ao ser tentado, ninguém deve dizer: “Deus está me tentando”. Porque Deus não pode ser tentado pelo mal e nem ele tenta ninguém; **14** porém, cada um é tentado quando, por seu próprio desejo perverso, é atraído e seduzido. **15** Então, depois de o desejo haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez completamente amadurecido, dá à luz a morte.

O crente que passa pelo teste é bem-aventurado, mas aquele que fracassa enche-se de remorso. Aquele que não é aprovado recusa-se a admitir que lhe falta a fé em Deus. Foi o que Adão fez no paraíso,

36. As traduções que trazem o texto *o Senhor* são KJV, NKJV, RV, ASV, NASB, NAB, JB. Aquelas que usam o termo “Deus” são RSV, MLB, GNB, NEB, NIV. Moffatt evita o problema ao traduzir o verbo *prometer* na forma passiva, “que é prometida a todos que o amam”.

37. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 679.

quando caiu em pecado. Ele deu ouvidos a Eva que, por sua vez, obedeceu a Satanás. Quando Deus os confrontou com seu fracasso, Adão culpou Eva e Eva culpou a serpente (Gn 3.12,13). Na verdade, Adão culpou Deus quando disse “a mulher que [tu] me deste por esposa, ela me deu da árvore e eu comi” (v. 12; *itálico nosso*).

Ninguém deve dizer “sou tentado por Deus”.

a. “Deus não pode ser tentado”. Tiago não está interessado em explicar a origem do mal, pois ele sabe que não é Deus, mas Satanás, que é chamado de tentador. Assim, ele escreve: “Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta”. Sua intenção é dizer que Deus, Criador de todas as coisas, não é a causa do mal. Em sua santidade, Deus está bem acima do mal e não pode ser influenciado por ele. Tiago coloca a questão nesses termos: é impossível Deus ser tentado. Por causa de sua perfeição, Deus não tem nenhum contato com o mal e o mal não tem poder de tentá-lo.

Além do mais, Deus a ninguém tenta. Deus abomina o mal e, portanto, não faz ninguém se desviar. “Não diga ‘por causa do Senhor deixei o caminho reto’, pois ele não fará o que abomina. Não diga ‘foi ele quem me fez desviar’, pois ele não precisa de um homem pecador” (Sir. 15.11,12).

Na oração do Pai Nosso, Jesus ensina o crente a orar: “E não nos deixes cair em tentação” (Mt 6.13; Lc 11.4). É claro que nesse pedido Jesus não diz que Deus está nos tentando, pois isso é impossível. Jesus nos ensina que devemos pedir a Deus para nos guardar de cair em tentação.³⁸ Quem, então, é aquele que tenta o ser humano? As Escrituras são claras em relação a esse ponto: é Satanás. Para ser mais preciso, Satanás é chamado de *tentador* (Mt 4.3; 1Ts 3.5) e é surpreendentemente bem-sucedido em conseguir fazer o ser humano cair em tentação e pecar.

b. “Cada um é tentado”. Alguns procuram justificar o pecado dizendo “o diabo me fez agir assim”. Mas essa desculpa não funciona,

38. Herman N. Ridderbos, *Het Evangelie naar Mattheüs*, 2 vols., Korte Verklaring der Heilige Schrift (Kampen: Kok, 1952), vol. 1, p. 136. Consultar também F. W. Grosheide, *Het Heilig Evangelie volgens Mattheüs*, Commentaar op het Nieuwe Testament Series (Kampen: Kok, 1954), p. 101; William Hendriksen, *Matthew*, New Testament Commentary Series (Grand Rapids: Baker, 1973), pp. 336-37.

pois o ser humano é responsável por seu próprio pecado. A tentação é universal; ninguém escapa do confronto com ela.³⁹

“Cada um é tentado quando, por seu próprio desejo perverso, é atraído e seduzido”. Tiago usa uma ilustração tirada da arte de pescar. Um peixe vê a isca e sente-se tentado a atacá-la. Quando o peixe morde a isca, é subitamente arrastado para fora e perde a vida por causa de sua inocência e ignorância.⁴⁰ Mas o ser humano não pode declarar inocência e ignorância. Tiago diz claramente que “cada um é tentado pelo seu próprio desejo perverso”. Ele deixa o ser humano desprovido de qualquer explicação que coloque a culpa sobre outra pessoa ou coisa. Na verdade, ele diz que a causa está dentro de nós mesmos. Observe que Tiago fala da *própria* cobiça. Nossos desejos nos levam à tentação e, se não somos controlados pelo Espírito de Deus, esta nos conduz ao pecado. Jeremias profetizou que o coração do homem é enganoso (17.9). Jesus repete essa mesma idéia quando descreve o coração humano nas seguintes palavras: “Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias” (Mt 15.19).

Há como escapar da tentação? Certamente. Deus não nos abandonou. Ele ainda ouve e responde nossas orações. “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal” (Mt 6.13). E Paulo escreve as seguintes palavras tranquilizadoras: “Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10.13).

c. “A cobiça... gera a morte”. Tiago lança mão de mais uma ilustração. Ele toma o exemplo de um ser vivo desde a concepção, passando pela maturidade e até a morte. Retrata a cena em poucas frases que dispõe de forma paralela.

Então	uma vez
depois de haver concebido	[o pecado] completamente amadurecido
da à luz o pecado	gera a morte.

39. D. Edmond Hiebert, *The Epistle of James: Tests of a Living Faith* (Chicago: Moody, 1979), p. 105.

40. Consultar Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Zondervan, 1946), p. 54; A. T. Robertson, *Studies in the Epistle of James*, org. e rev.

Se Deus criou os desejos dentro de nós, eles são, necessariamente, pecaminosos? Não, pois estes nos foram dados para que tivéssemos uma vida equilibrada. Temos o desejo de comer e beber para que possamos cuidar de nosso corpo. Quando controlamos nossos desejos corretamente, vivemos uma vida normal, mas, quando deixamos de lado o domínio próprio, a cobiça foge ao controle e se torna, por assim dizer, grávida.

Tiago não diz como a cobiça concebe. A cobiça pode conceber quando a vontade do ser humano deixa de apresentar objeções e se entrega. Quando isso ocorre, começa a concepção e o pecado se desenvolve e, mais tarde, nasce. O pecado resulta em morte (Rm 7.5,10,13). Bengel escreve que “o pecado, desde seu nascimento, está repleto de morte”.⁴¹

Mais uma vez, Tiago não nos diz o que entende por pecado, mas, a partir do contexto, entendemos que ele vê o pecado no sentido geral da palavra.

O pecado leva à morte. De modo ainda mais explícito, Paulo escreve que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). A morte se restringe à morte física ou inclui a morte espiritual e eterna?⁴² Tiago não entra em detalhes, apenas enfatiza que o pecado leva para cada vez mais perto da morte, isto é, o pecado progressivamente conduz da morte espiritual para a morte física e daí para a morte eterna.

Considerações práticas em 1.13-15

Versículo 13

Deus testa o crente para fortalecer sua fé. Em sua providência, Deus permite que Satanás tente o cristão. Deus permitiu, por exemplo, que Satanás tirasse de Jó todos os seus bens, mas Jó louvou a

Heber F. Peacock (Nashville: Broadman, 1959), p. 52. Ver também R. V. G. Tasker, *The General Epistle of James: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), p. 46; e Curtis Vaughan, *James: A Study Guide* (Grand Rapids: Zondervan, 1969), p.31.

41. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 5, p. 7. Consultar também Grosheide, *Jakobus*, p. 360.

42. Zodhiates, *The Behavior of Belief*, pt. 1, p. 73.

Deus (Jó 1.21). Satanás tentou Jó quando sua esposa disse: “Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (2.9). Mas Jó se manteve firme em sua fé e respondeu: “Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?” (2.10). Jó triunfou pela fé e Deus o abençoou devidamente (42.10).

Versículo 14

Tiago aconselha o crente dizendo “resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (4.7). Somos capazes de resistir ao diabo mantendo nossos olhos fixos em Jesus, “o autor e consumidor da nossa fé” (Hb 12.2). *Para quão longe fugirá o diabo? Quando voltará para tentar o crente outra vez?* O diabo volta quando o momento é propício. Quando Satanás acabou de tentar Jesus, “apartou-se dele... até momento oportuno” (Lc 4.13).

Versículo 15

O mundo prontamente faz do pecado motivo de riso, especialmente quando diz respeito ao sexo. Mas os pecados sexuais (prostituição, adultério, fornicação e homossexualismo) não devem ser tratados com humor. O pecado causa sofrimento e tristeza, e leva à destruição e morte.

Palavras, frases e construções do grego em 1.13-15

Versículo 13

μηδεὶς... λεγέτω – o presente imperativo precedido do substantivo negativo μηδεὶς transmite a implicação de que os leitores afirmaram estar sendo tentados por Deus.

ὅτι – o uso da preposição ὅτι com um verbo passivo é semelhante a ὑπό (Mt 16.21; At 2.22; 4.36).⁴³ A preposição denota o agente.

ὑπεύραστος – o adjetivo verbal composto do privativo ὑ (não) e περιόζω (eu tento) expressa a voz passiva e a “idéia de necessida-

43. Hanna, *Grammatical Aid*, p. 416.

de” no sentido de incapacidade.⁴⁴ A palavra aparece uma vez na Septuaginta e uma vez no Novo Testamento.

Versículo 15

συλλαβοῦσα – de συλλαμβάνω (eu pego, seguro, concebo, sustento), esse particípio aoristo na forma nominativa feminina denota “tornar-se grávida”.

ἀποτελεσθεῖσα – o particípio passivo aoristo do composto ἀποτελέω (eu completo) aparece somente aqui (ver Lc 13.32).

ἀποκύει – o autor demonstra uma preferência pela assonância – um substantivo, um particípio e um verbo começam com a letra ἀ. De ἀποκύεω (eu dou à luz), o verbo aparece duas vezes no Novo Testamento (Tg 1.15,18).

3. Recebendo dons perfeitos

1.16-18

Deus não pode tentar e nem ser tentado. Que ninguém pense, e muito menos diga, que Deus é a origem de tentações. Se uma pessoa considera tal acusação, ela peca contra Deus. Deus é quem dá toda boa dádiva e dom perfeito. E todos os seus filhos podem confessar o amor e a bondade de Deus.

16 Não sejam enganados, meus queridos irmãos. 17 Toda dádiva boa e perfeita vem lá do alto, descendo do Pai das luzes celestiais, que não muda como as sombras inconstantes.

Tiago é um pastor que entende plenamente o coração daqueles que estão dispersos em países estrangeiros, longe de casa e de seus antigos bens. Ele sabe que passam por dificuldades e que começaram a voltar suas queixas para Deus. Como líder preparado, ele os aconselha, dirigindo-se a eles como “amados irmãos” e advertindo-os para não se enganarem.⁴⁵ Ele quer que considerem a pessoa e as características de Deus.

44. Robertson, *Grammar*, p. 1097. Ver também Ropes, *James*, p. 155; Mayor, *James*, p. 51.

45. Comparar estas referências das Escrituras: 1Co 6.9, 15.33; Gl 6.7; 1Jo 3.7.

Os leitores já devem saber que Deus não manda tristezas e pesares a seus filhos para afastá-los dele. Ele lhes dá adversidades para que possam vir até ele e nele ter confiança plena. Deus não tem absolutamente nada em comum com o mal, pois ele abomina aquilo que não é santo. Portanto, o leitor não deve pensar que Deus instiga o mal. Jamais!

Ainda assim, alguns cristãos que são provados e testados perdem a perspectiva correta e questionam a providência divina. Se Deus é Todo-Poderoso, por que ele não evita as tragédias e calamidades? O homem pode multiplicar as acusações verbais e não-verbais contra Deus, mas não deve fazê-lo. Ao invés disso, deve voltar sua atenção para o que Deus dá e para quem ele é. Em nosso estudo, portanto, observemos:

a. *A bondade de Deus.* Deus é a personificação da bondade, a fonte de tudo o que é bom, pois a bondade se origina dele.⁴⁶ Deus dá por meio da criação do céu e da terra; Deus dá quando envia seu Filho; Deus dá ao derramar seu Espírito. As dádivas que Deus coloca à disposição de seu povo são boas e perfeitas – cada uma delas. Elas incluem dádivas espirituais e materiais.

Todas as coisas nos são dadas pelas mãos de Deus, pois recebemos dele tanto a prosperidade quanto a adversidade. Deus dá ao seu povo provações e testes que, por vezes, tomam a forma de calamidades. Assim diz o profeta Amós para o povo de Israel: “Sucederá algum mal à cidade sem que o Senhor o tenha feito?” (3.6).

Deus está completamente no controle de cada situação e sabe o que é melhor para seus filhos. “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?” (Mt 7.11; comparar com Lc 11.13).

b. *O caráter de Deus.* Depois de falar dos dons, Tiago volta-se para aquele que os oferece, isto é, o próprio Deus. Dádivas perfeitas e boas vêm lá do alto, “do Pai das luzes”. O escritor encoraja o leitor a olhar para o céu, onde verá a luz brilhante do sol durante o dia, a luz reflexiva da lua à noite e o brilho das estrelas. Ele é o Criador dessas

46. Guido de Brès, autor do documento do século 16 (1561) conhecido como a Confissão Belga, expressou sua fé no único Deus nestas palavras: “Todos nós cremos com o coração e confessamos com a boca que há um só Deus, um único e simples ser espiritual. Ele é eterno, incompreensível, invisível, imutável, infinito, Todo-Poderoso; totalmente sábio, justo e bom, e a fonte muito abundante de todo bem” (art. 1).

fontes de luz; ele próprio é somente luz. “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1Jo 1.5). Assim, a escuridão não pode existir na presença de Deus. Sob essa luz, Deus mostra sua santidade, bondade, amor, integridade e caráter imutável.

Observe que Tiago chama Deus de “Pai” das luzes e usa essa figura de linguagem para ilustrar a estabilidade absoluta de Deus. Em Deus não há “sombra de mudança”. O ser, a natureza e as características de Deus são imutáveis (Mt 3.6). À medida que a terra, o sol, a lua e as estrelas seguem seu curso determinado, observamos as variações de luz e escuridão, dia e noite, o dia mais longo e o dia mais curto do ano, as fases da lua, eclipses e o movimento dos planetas. A natureza está sujeita a variações e mudanças, mas Deus não! Ele é o pai das luzes celestiais, que é sempre luz e não muda. Ele tem um interesse permanente em seus filhos.

18 Ele escolheu nos gerar por intermédio da palavra da verdade, para que possamos ser como primícias de tudo o que ele criou.

Tiago chama Deus de Pai das luzes. De modo implícito, porém, ele chama Deus de nosso Pai. Apesar de não mencionar a palavra *Pai*, ele usa o conceito de *gerar*. O ser Pai é parte da natureza de Deus. Ele é o Pai de Jesus Cristo e, por meio dele, é o nosso Pai.

a. “Ele escolheu nos gerar”. A palavra “escolheu” aparece logo no começo da frase e, por causa dessa posição, ela recebe ênfase. “Fomos concebidos segundo sua vontade salvadora (Tg 1.18) e, como o próprio Deus é inalterável (Tg 1.17), sua graciosa vontade não pode ser contrariada”.⁴⁷ Nós não o escolhemos; pelo contrário, ele nos escolheu para que fôssemos salvos da morte. Ele nos deu nova vida em Cristo Jesus.

No versículo 15, Tiago apresenta o pecado dando à luz a morte. No versículo 18, ele afirma que “segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade”. Deus é nosso Criador,⁴⁸ e também nosso

47. Dietrich, Müller, *NIDNT*, vol. 3, p. 108. Consultar Gottlob Schrenk, *TDNT*, vol. 1, p. 632.

48. L. E. Elliot-Binns defende no texto “James 1.18. Creation or Redemption”, *NTS* 3 (1957), que o conceito de *regeneração* não pode ser encontrado na Epístola de Tiago. Tiago, portanto, pensa na criação, e não na redenção (ver pp. 160-61). Ropes, em *James*, contrapõe esse argumento dizendo que “a figura de gerar não foi usada para a criação, mas veio a ser usada logo no princípio com referência aos cristãos que se diziam ‘filhos de Deus’.”.

Redentor. Nesse versículo, o contexto favorece a interpretação de que Deus é aquele que nos recria. Através do nascimento espiritual, ele nos dá nova vida.

b. “Por intermédio da palavra da verdade”. Paulo usa essa expressão diversas vezes (2Co 6.7; Ef 1.13; Cl 1.5; 2Tm 2.15). Ela se refere ao evangelho, conforme Paulo explica em sua carta aos colossenses. Quando esse evangelho é proclamado, Deus regenera o pecador e o transforma em uma “nova criatura” (2Co 5.17; Cl 3.10). D. Edmond Hiebert escreve que “não há substituto para a proclamação do evangelho”.⁴⁹

c. “Para que possamos ser como primícias de tudo o que ele criou”. Deus nos criou, regenerou e renovou. Somos obra de suas mãos, seu bem de grande valor. Tiago diz que somos “como que primícias”. No tempo do Antigo Testamento, as primícias ou primeiros frutos eram sagrados e pertenciam a Deus: o primogênito do homem e do gado, a primeira colheita da vinha, do pomar e do campo (ver, por exemplo, Êx 23.16; 34.22; Lv 19.23-25; Nm 15.20,21; Dt 18.4). Porém, já no Antigo Testamento, os profetas começaram a usar essa expressão de modo figurativo. Jeremias escreveu: “Israel era consagrado ao Senhor, e era as primícias da sua colheita” (Jr 2.3). E, no Novo Testamento, os cristãos são os primeiros frutos (Rm 11.16; 16.15; 1Co 16.15). Em sua epístola, Tiago diz que somos “como que primícias das suas [de Deus] criaturas”. Pertencemos a uma incontável multidão (representada simbolicamente pelo número 144.000) daqueles “que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro” (Ap 14.4).

Que honra! Somos os primeiros frutos de Deus e, como tais, somos santos, isto é, Deus nos escolheu dentre todas as suas criaturas para sermos santos e nos dedicou a si próprio. Pertencemos a Deus. Assim, que ninguém jamais pense que Deus pode nos desviar do caminho. Isso é impossível, pois ele é santo e nós, suas primícias, compartilhamos dessa santidade.

49. Hiebert, *James*, p. 116.

Considerações práticas em 1.17,18

Versículo 17

O escritor é um homem com aguçado interesse na criação de Deus e que observa os fenômenos da natureza. Cita, por exemplo, as ondas do mar, o vento, o sol que se levanta, o calor do dia, as flores dos campos e as luzes celestes no firmamento. Tiago sabe que é parte da criação de Deus, que Deus o eleva e que o ama de modo constante e imutável. Deus demonstra esse amor por meio das boas dádivas e dons perfeitos. Ouvimos a voz de Jesus quando fala sobre o esplendor dos lírios do campo: “Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?” (Mt 6.30).

Versículo 18

Deus não apenas nos deu sua criação para que, com nossos olhos físicos, possamos ver seu cuidado amoroso. Ele também nos confiou sua revelação especial, isto é, a palavra da verdade. Por meio dessa palavra, sabemos que somos pessoas privilegiadas. Somos o povo do próprio Deus. Agora o somos. Deus nos escolheu. Que privilégio!

Palavras, frases e construções do grego em 1.16-18

Versículo 16

μη πλανᾶσθε – de πλανῶ (eu divago, me desvio do caminho), o imperativo presente médio precedido da partícula negativa μή indica que alguns dos leitores estavam se enganando. Com efeito, o autor diz “não voz enganeis”.

ἀγαπητοί – um adjetivo verbal que transmite um sentido passivo, isto é, os irmãos estão sendo amados.

Versículo 17

πάσα δόσις – o adjetivo *todo* precede o substantivo δόσις e, por causa do gênero e da ênfase, ele é repetido antes do substantivo

δώρημα. A terminação da palavra δόσις (-σις) demonstra progressão, enquanto a terminação de δώρημα (-μα) mostra resultado. A primeira palavra, portanto, está relacionada ao ato de dar, e a segunda à dádiva em si.⁵⁰ Porém, não devemos forçar a distinção, pois a intenção de Tiago pode ter sido apenas citar dois sinônimos.

ἄνωθεν ἔστιν καταβαίνον – a primeira palavra é um advérbio de ἄνω (acima) e a partícula enclítica -θεν (de). A última palavra é o particípio presente ativo de καταβαίνω (eu desço). O advérbio e o particípio explicam um ao outro e são praticamente sinônimos. Levado em consideração com o verbo ἔστιν, o particípio pode ser compreendido como uma construção perifrástica.⁵¹

παραλλαγή – apesar de o substantivo aparecer apenas uma vez no Novo Testamento, sabemos pela literatura extra-bíblica que o verbo παραλλάσσω (eu transformo) denota o conceito de *estranho, extraordinário*. O substantivo em si é usado eventualmente como um termo técnico em astronomia.⁵²

ἡ τροπῆς ὀπισκίασμα – há muitas variações dessa frase; Bruce M. Metzger relata que “na opinião do Comitê [das Sociedades Bíblicas Unidas], a menos insatisfatória” é a que aparece no texto.⁵³ Literalmente, a frase quer dizer “ou sombra de mudança”. O substantivo τροπή é um genitivo causal e significa “uma sombra por causa de mudança”.

Versículo 18

βουληθεῖς – logo no início da frase, esse particípio passivo aoristo é enfatizado. Deus agiu deliberada e livremente “segundo o propósito (βουλήν) daquele que faz todas as coisas” (Ef 1.11)

50. Os tradutores da NIV consideram esses dois substantivos como sinônimos. Eles fazem uma combinação de ambos e traduzem como “toda boa e perfeita dádiva”. Mas outras traduções mantêm-se fiéis ao texto grego, chegando a oferecer uma versão literal. A NEB, por exemplo, traz “toda boa dádiva, todo dom perfeito” (itálico nosso). Consultar Mayor, *James*, pp. 57-58.

51. A NEB é um bom exemplo. Nessa tradução a forma verbal *é* foi eliminada: “todo dom perfeito vem lá do alto”. Mayor (*James*, p.58) separa o verbo *é* do particípio; Moule faz o mesmo e escreve que ele “não precisa, de modo algum, ser perifrástico”. Consultar sua obra *Idiom-Book of New Testament Greek*, p.17.

52. Bauer, p. 620.

53. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 679-80.

λόγω ἀληθείας – o substantivo λόγος não tem artigo definido. A expressão ἀληθείας pode ser entendida como um adjetivo “a verdadeira [ἀληθής] palavra”.⁵⁴

τινα – no sentido de “por assim dizer, uma espécie de”, o adjetivo indefinido serve para amenizar o substantivo ὀπιρχήν (primícias).⁵⁵

19 Meus queridos irmãos, atentem para isto: todos devem apressar-se em ouvir, demorar-se para falar e para irar-se, 20 pois a ira do homem não produz a vida de justiça, que é da vontade de Deus. 21 Portanto, livrem-se de toda a sujeira moral e de todo o mal que é tão prevalente e aceitem humildemente a palavra plantada em vocês, a qual pode salvá-los. 22 Não ouçam simplesmente a palavra, enganando-se desse modo a si mesmos. Façam tudo o que ela diz. 23 Qualquer um que ouvir a palavra, mas não fizer o que ela diz, é como o homem que olha para o seu rosto no espelho 24 e, depois de fitar-se, vai-se embora e se esquece imediatamente da aparência de seu rosto. 25 Porém, o homem que estuda atentamente a lei perfeita que concede a liberdade e continua a fazê-lo sem se esquecer do que ouviu, mas praticando essas coisas, será abençoado no que realiza. 26 Se alguém se considera religioso, mas não conduz com rédeas curtas a sua língua, engana-se a si mesmo, e sua religião não tem valor algum. 27 A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e sem mácula é esta: cuidar dos órfãos e viúvas em sua aflição e guardar-se de ser corrompido pelo mundo.

D. Acordos

1.19-27

1. Aceitando a Palavra de Deus

1.19-21

Tiago disse aos seus leitores que Deus os havia gerado espiritualmente por meio da palavra de fé, isto é, o evangelho (1.18). Agora eles diz para viver de acordo com essa palavra, quer ela chegue até eles de forma escrita ou falada. Essa palavra foi plantada em seu coração e tem poder para salvá-los.

54. E. M. Sidebottom, *James, Jude, and 2 Peter*, Century Bible Series (Londres: Nelson; Greenwood, S. C.: Attic, 1967), p.32. Ver também Grosheide, *Jakobus*, p. 362.

55. Bauer, p. 820. Ver também Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), seção 310 (1).

19 Meus queridos irmãos, atentem para isto: todos devem apressar-se em ouvir, demorar-se para falar e para irar-se, 20 pois a ira do homem não produz a vida de justiça, que é da vontade de Deus.

Ao longo de toda a carta, de um modo geral, e de maneira específica em certos trechos, Tiago fala diretamente aos seus leitores. Ele lhes diz o que fazer e o que não fazer. Aqui ele diz: “Atentem para isto”.⁵⁶ Mas para que eles devem atentar? Num típico paralelismo semítico, ele declara o provérbio:

Todo homem, pois, seja
pronto para ouvir
tardio para falar
tardio para se irar.

Preletores que têm o talento de se expressar com fluência e eloquência são altamente requisitados. Eles recebem reconhecimento, admiração e aclamação. Tiago, porém, coloca a ênfase não no falar, mas no ouvir. Isso é mais importante do que falar.

Ouvir é uma arte difícil de se dominar, pois significa ter um forte interesse pela pessoa que está falando. Ouvir é a arte de fechar a boca e abrir os ouvidos e o coração. Ouvir é amar o próximo como a si mesmo: suas preocupações e problemas são importantes o suficiente para serem ouvidos.

Tiago adverte seus leitores a estarem plenamente cômicos das palavras que falam. Na verdade, ele reverbera o ditado de Jesus: “Digo que toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo; porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado” (Mt 12.36,37; consultar Ec 5.1,2; Sir. 5.11).

Quando Tiago diz que devemos ser tardios para falar, não defende a idéia de que devemos fazer um voto de silêncio. Pelo contrário, ele quer que sejamos sábios em nosso falar. Alguns dos provérbios judaicos prevalentes nos dias de Tiago diziam: “Fale pouco e aja muito”;

56. Há três possíveis traduções: “por conseguinte” (KJV) ou “portanto” (NKJV), baseadas em manuscritos gregos mais recentes; “sabeis” (NASB), que é uma frase declarativa, e “atentai para isto” (NIV), que é o imperativo. Os tradutores preferem a forma imperativa.

“É sábio para o homem instruído manter-se calado, e mais ainda para os tolos”; “Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio” (Pv 17.28).⁵⁷ Salomão disse algo parecido neste provérbio: “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os seus lábios é prudente” (Pv 10.19).

Palavras descuidadas, muitas vezes, acompanham um estado de espírito irado. É claro que há um lugar para a ira correta, mas o salmista nos diz que devemos conhecer o limite dessa ira: “Irai-vos, e não pequeis” (Sl 4.4; Ef 4.26; e ver Mt 5.22). No tocante à raiva, Tiago pede que haja controle.

Temos prontas as nossas desculpas para a ira: estamos muito ocupados, sob muita pressão, é uma característica de família ou até mesmo dizemos: “Não posso evitar”. Tiago elimina qualquer possibilidade de desculpas quando diz: “Seja... tardio para se irar”. Isso significa que devemos ser capazes de prestar contas de todas as palavras que proferimos. “O de ânimo precipitado exalta a loucura” (Pv 14.29), a ira e o pecado (Ef 4.31; Cl 3.8; Tt 1.7). Um homem irado ouve a voz do maligno, e não a voz de Deus.

Tiago é direto. Ele diz que “a ira do homem não produz a vida de justiça, que é da vontade de Deus”. A ira é um estorvo para as orações de um crente (1Tm 2.8) e evita, assim, que ele promova a causa de Cristo. Com efeito, ela dá “lugar ao diabo” (Ef 4.27). Considere Moisés, que se irou com os israelitas e não deu ouvidos às instruções que recebeu de Deus. Ele mostrou desobediência e, por isso, não foi autorizado a entrar na Terra Prometida (Nm 20.10-12,24; 27.14; Dt 1.37; 3.26,27).

Quando vivemos a vida de retidão que Deus quer para nós, ouvimos a Palavra de Deus com cuidado e obediência. Quando planejamos fazer ou dizer alguma coisa, devemos nos perguntar se nossas ações ou palavras serão para a glória de Deus e o progresso da causa da justiça e paz para nosso próximo. Quando nos deixamos ser guiados pela ira, não somos mais conduzidos pela lei de Deus. “O iracundo levanta contendas, e o furioso multiplica as transgressões” (Pv 29.22). Ao invés disso, o crente deve controlar o seu gênio, orar pedindo sabedoria e obedecer à lei de Deus.

57. SB, vol. 3, p. 753.

21 Portanto, livrem-se de toda a sujeira moral e de todo o mal que é tão prevaiente e aceitem humildemente a palavra plantada em vocês, a qual pode salvá-los.

Eis a conclusão desta seção: uma língua descontrolada e um gênio irado conduzem o ser humano às profundezas do pecado e para longe de Deus. Assim, uma “faxina” espiritual torna-se necessária para que a Palavra de Deus, quer na forma escrita ou falada, possa entrar na vida do ser humano.

O versículo ensina os seguintes pontos:

a. *Uma ordem.* “Livrem-se de toda a sujeira moral”, diz Tiago. Ele usa a palavra *sujeira* de modo figurado para descrever a imundície moral (ver Ap 22.11). No Antigo Testamento, a palavra aparece em Zacarias 3.3,4 (Septuaginta, com ligeira variação).⁵⁸ O sumo sacerdote Josué estava perante o anjo do Senhor e trajava vestes sujas. O anjo ordenou àqueles que estavam diante dele que tirassem as roupas sujas de Josué, pois elas representavam o pecado, e Josué recebeu vestes limpas.

Tiago ordena seus leitores a livrarem-se de toda a impureza moral que suja sua alma, e a colocarem de lado a maldade, que arruína suas vidas (comparar com Ef 4.22,25,31; Cl 3.8; 1Pe 2.1).⁵⁹ Ele quer que se despojem de toda a sujeira interior e maldade exterior. Ele ordena que se livrem do mal que prevalece ao seu redor e os influencia.⁶⁰

b. *Um imperativo.* Uma vez varrida a casa e tirado o pó, ela não pode permanecer vazia (Mt 12.43-45). Assim, Tiago diz aos seus leitores para receber a Palavra de Deus, que foi implantada neles. Observe que eles já receberam a mensagem da salvação que, como uma planta, já criou raízes em sua alma. Mais uma vez, o autor utiliza uma ilustração da natureza.⁶¹ Uma planta precisa de cuidado constante.

58. J. I. Packer, *NIDNTT*, vol. 1, p. 479.

59. Alguns tradutores e intérpretes desejam tornar o substantivo *maldade* a palavra-chave, ficando os outros termos dependentes dela. Uma tradução um tanto literal seria: “Portanto, colcai de lado toda a impureza e excesso de maldade”. Consultar Robert Johnstone, *A Commentary on James* (1871; ed. reimpressa, Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1977), p. 105. Ropes (*James*, p. 170) acredita que essa construção não é necessária.

60. Bauer, p. 650. Consultar Theodor Brandt, *NIDNTT*, vol. 1, p. 731.

61. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The Epistle of James*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 294.

Se uma planta não receber água e alimento, morrerá. Do mesmo modo, se os leitores ouvirem a Palavra de Deus, mas não prestarem atenção, sofrerão a morte espiritual. A Palavra precisa de cuidado e aplicação diligentes, de modo que o leitor possa crescer e se desenvolver espiritualmente. “Aceitem humildemente a palavra”. Tiago pede que recebam a Palavra de Deus e lhes diz como fazê-lo. Eles devem aceitá-la com humildade, não com fraqueza, mas com mansidão. Ao aceitar a Palavra, seu coração deve estar livre da ira, malícia ou amargura. Ao invés disso, devem demonstrar mansidão e humildade.

c. *Um resultado.* A Palavra de Deus, quando fielmente proclamada e atentamente recebida, pode salvar aqueles que a ouvem. Essa Palavra tem o poder de transformar vidas, pois ela é viva e ativa (Hb 4.12).

Nas Escrituras, a palavra *salvar* tem um sentido muito mais profundo do que aquele que com frequência lhe atribuímos. O verbo *salvar* não implica meramente a salvação da alma, mas a restauração da vida. Por exemplo, quando Jesus curou a mulher que havia sofrido de uma hemorragia durante doze anos, disse a ela: “Filha, a tua fé te salvou” (Mc 5.34), conforme tradução literal do grego,⁶² sendo que algumas versões usam o termo *curou*. Salvar significa tornar a pessoa plena e completa em todos os aspectos. E é isso que a Palavra de Deus pode fazer pelo crente. O evangelho é o poder de Deus trabalhando em todos os que crêem (Rm 1.16). O evangelho salva!

Palavras, frases e construções do grego em 1.19-21

Verículo 19

ἵστε – alguns manuscritos gregos mais recentes trazem escrito ὄστε (por esta razão), que é a palavra que aparece no Texto Majoritário. Muitas traduções, porém, adotam o termo ἵστε, que pode ser tanto indicativo como imperativo da segunda pessoa do plural de οἶδα (eu sei).

62. William L. Lane, ao comentar sobre esse incidente, escreve que “era a experiência profunda de bem-estar relacionada à salvação de Deus”. Ver sua obra *Gospel According to Mark*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 194.

ἔστω – a terceira pessoa do singular, imperativo presente ativo de εἶμί (eu sou).

εἰς τό – junto com o infinitivo, a combinação expressa propósito.

Versículo 20

ἄνδρός – o autor usa esse substantivo como um sinônimo para ἄνθρωπος (v. 19) por motivos estilísticos (ver 1.7,8). Observe que todos os substantivos desse versículo são desprovidos de artigo definido.

ἐργάζεται – de ἐργάζομαι (eu produzo). Baseado em alguns manuscritos gregos, o Texto Majoritário tem o verbo composto καταργάζεται (produzir, NKJV). Na tradução, desapareceu a diferença entre essas duas formas nesse texto.⁶³

Versículo 21

ἀποθέμενοι – o particípio médio aoristo do verbo composto ἀποτίθημι (eu coloco de lado) tem uma conotação imperativa por causa de sua dependência do verbo principal δέξασθε, o imperativo médio aoristo de δέχομαι (eu recebo). O uso do aoristo é ingressivo.

τὰς ψυχὰς ὑμῶν – nesse versículo, o termo ψυχὰς (almas) significa a vida do homem e equivale a “você mesmos” ou “vocês”.

2. Ouvindo com obediência

1.22-25

O tom e o conteúdo do discurso do autor assemelham-se aos do Sermão do Monte feito por Jesus. Por exemplo, Jesus termina o sermão com a parábola do construtor prudente e do insensato e diz: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha” (Mt 7.24; ver também os vs. 21 e 26). É essa mesma idéia que Tiago expressa nestas palavras:

63. Martin Dibelius, *James: A Commentary on the Epistle of James*, rev. Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, *Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible* (Filadélfia: Fortress, 1976), p. 110.

22 Não ouçam simplesmente a palavra, enganando-se desse modo a si mesmos. Façam tudo o que ela diz.

Nos próximos quatro versículos, vemos as seguintes partes:

a. *Uma ordem direta.* A ordem tem uma parte positiva e uma negativa. A New International Version inverte a seqüência; pois, na realidade, o ouvir vem antes do praticar. Além disso, a frase *enganando-vos a vós mesmos* se refere apenas ao ouvir. Portanto, é elogiável a opção das versões que colocam as palavras *fazei o que ela ordena* separadamente e no final do versículo, pois elas demonstram ênfase.

Observemos, em primeiro lugar, o termo *ouvintes*. Essa expressão está intimamente ligada à palavra *desobediência* no grego. O autor de Hebreus junta o verbo *ouvir* com o substantivo *desobediência* numa única seqüência. “Importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos... e toda transgressão e desobediência recebeu justo castigo” (2.1,2). Tiago também adverte seus leitores a atentarem para a Palavra de Deus. Se deixarem de ouvir a mensagem de Deus, estão enganando-se a si mesmos. Simplesmente ouvem a pregação do evangelho e, no final do culto, vão embora como se a Palavra de Deus não tivesse nada a lhes falar.

Tiago diz, ainda: “Façam tudo o que ela diz”. A fé cristã é sempre ativa, contrastando claramente com outras religiões que praticam a meditação e a inatividade. Em uma de suas epístolas, João descreve o dever cristão de ser ativo, dizendo: “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1Jo 3.18; ver também Ez 33.32).

23 Qualquer um que ouvir a palavra, mas não fizer o que ela diz, é como o homem que olha para o seu rosto no espelho 24 e, depois de fitar-se, vai-se embora e se esquece imediatamente da aparência de seu rosto.

b. *Um exemplo marcante.* Uma figura, especialmente aquela que nos retrata como somos, vale mil palavras. Todos os dias nos vemos no reflexo de um espelho: antes de sairmos de casa pela manhã, ao longo do dia e várias vezes à noite. Os espelhos são parte da vida. Mas a constante volta ao espelho demonstra que nossa memória é como uma peneira.

Tiago usa a ilustração de um espelho. Na verdade, sua ilustração se aproxima do discurso por parábolas adotado por Jesus durante seu ministério na terra (comparar com Mt 7.26). Os espelhos do século 1º não eram feitos de vidro, mas de metal, que era polido regularmente. Os espelhos ficavam em posição horizontal sobre as mesas, de modo que a pessoa que desejasse ver seu reflexo precisava curvar-se e olhar para baixo. Podia, então, ver um parco reflexo de si mesma (Jó 37.18; 1Co 13.12; 2Co 3.18; Sabedoria de Salomão 7.26; Sir. 12.11).

Eis o ponto de comparação. A pessoa que olha no espelho para ver sua própria imagem e logo a esquece é como a pessoa que ouve a proclamação da Palavra de Deus, mas não responde. Ela vê seu reflexo no espelho, arruma rapidamente sua aparência externa e vai embora. Ela ouve o evangelho sendo pregado, faz pequenas mudanças e segue seu caminho. O evangelho, porém, não consegue penetrar no coração e não pode mudar a disposição interna do ser humano. O espelho é um objeto usado para alterar a aparência externa da pessoa; a Palavra, contudo, confronta o ser humano internamente e exige uma resposta.

Por que a pessoa se esquece de sua aparência assim que se retira? Parece incrível, porém é verdade. Muitas pessoas ouvem um sermão no domingo e, uma semana depois, não conseguem se lembrar de uma única palavra daquela pregação. A pessoa que apenas ouve a Palavra e se retira não responde ao que lhe está sendo pedido.

25 Porém, o homem que estuda atentamente a lei perfeita que concede a liberdade e continua a fazê-lo sem se esquecer do que ouviu, mas praticando essas coisas, será abençoado no que realiza.

c. Uma pronta resposta. Observe o contraste. A pessoa cujos olhos e coração estão abertos ao que Deus diz literalmente curva-se para olhar dentro da lei de Deus, de modo parecido com o que ela faz para olhar num espelho colocado horizontalmente sobre uma mesa. A diferença, porém, está em que, enquanto ela olha dentro da lei de Deus, ela não se retira, como faz a pessoa que lança um rápido olhar

64. Wilhelm Michaelis escreve que o significado do verbo principal é “eu me dobro para ver”. Continua: “essa posição debruçada pode ser modificada pela situação do observador ou daquilo que ele está tentando enxergar” *TDNT*, vol. 5, p. 814. Ver também Lc 24.12; Jo 20.5; 1Pe 1.12.

num espelho. Ela continua a olhar atentamente dentro da Palavra.⁶⁴ Medita nela e a coloca em prática obedientemente.

Tiago lança mão de um sinônimo para a Palavra de Deus. Ele a chama de “lei perfeita”, fazendo com que o leitor se lembre do texto no Salmo 19. Nele Davi canta:

A lei do Senhor é perfeita,
e restaura a alma;
o testemunho do Senhor é fiel,
e dá sabedoria aos simplices...
Por eles se admoesta o teu servo;
em os guardar há grande recompensa. [vs. 7 e 11]

O adjetivo descritivo *perfeito* tem um significado absoluto, e não relativo. Quando, por exemplo, Jesus diz: “Sêde vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48), ele usa o adjetivo primeiro em um sentido relativo (para o homem) e depois em um sentido absoluto (para nosso Pai celeste).

As leis feitas e cumpridas pelo homem são temporárias e condicionadas pela cultura, linguagem e localização. Em contraste, a lei de Deus é permanente e imutável. Ela se aplica a todos e em qualquer tempo e em qualquer situação. Ela é perfeita.

Por que a lei é perfeita? Porque a lei perfeita de Deus dá liberdade, e só ela deixa o homem verdadeiramente livre,⁶⁵ isto é, a lei de Deus por meio de Jesus Cristo liberta o homem da escravidão do pecado e do egoísmo. Jesus diz: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36; consultar também Rm 8.2,15; Gl 5.13). Dentro dos limites da lei de Deus, o homem é livre, pois vive no ambiente que Deus lhe designou. Quando ele ultrapassa esses limites, torna-se escravo do pecado. Enquanto obedecer à lei, ele é livre.

E, por fim, aquele que continuar a olhar dentro da lei perfeita e a obedecer a ela será abençoado. Por que essa pessoa é feliz? Ela sabe que “O mandamento do Senhor é puro, e ilumina os olhos” (Sl 19.8; comparar com Sl 119.1-3). Ela encontra felicidade em seu trabalho, em sua família e em seu Senhor. Ela sabe que a bênção de Deus está sobre tudo o que faz (Jo 13.17).

65. Reinier Schippers, *NIDNTT*, vol 2, p. 63.

Considerações doutrinárias em 1.22-25

Se a pessoa que ouve o evangelho, mas não responde a ele, abre mão da salvação, então aquele que age em resposta à Palavra de Deus não é enganado, mas abençoado com a salvação. Isso significa que a pessoa que age com obediência diante da Palavra de Deus obtém a salvação. Ela realiza boas ações e Deus a abençoa devidamente. Conseqüentemente, a pergunta é se a salvação ainda é uma dádiva gratuita de Deus. É claro que sim! Paulo diz aos Efésios: “Porque pela graça sois salvos mediante a fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9).

O que são, então, as boas obras? São frutos da fé e expressão da gratidão a Deus por sua obra salvífica em Jesus Cristo. As Escrituras ensinam claramente que as obras não podem conquistar a salvação nem nos purificar do pecado. O teólogo suíço do século 16, Heinrich Bullinger, escreveu, em 1561, que o propósito das boas obras é “para a glória de Deus, para adornar nosso chamado, mostrar gratidão a Deus e para o bem de nosso próximo”.⁶⁶

Palavras, frases e construções do grego em 1.22-25

Versículo 22

γίνεσθε – o imperativo presente médio de γίνομαι (eu sou, me torno) é o substituto para ἔστε (o presente do imperativo de εἶμι), que não aparece nenhuma vez no Novo Testamento. Por isso, γίνεσθε significa “ser”, e não “tornar-se”. Na segunda metade da frase, o imperativo implícito é negado pela partícula μή.

Versículo 23

ὅτι – essa conjunção expressa causa e introduz uma parábola.

ἔουκεν – ver o versículo 6 e a versão da Septuaginta de Jô 6.3. Esse verbo incompleto no perfeito tem um significado presente.

66. A Segunda Confissão Helvética, capítulo 16. Ver também a Confissão de Fé de Westminster, capítulo 16.

τό πρόσωπον τῆς γενέσεως – uma boa tradução é “o rosto que a natureza lhe deu”.⁶⁷ O genitivo é descritivo.

Versículo 24

κατενόησεν – o indicativo ativo aoristo de κατανοέω (eu observo cuidadosamente) e o indicativo do perfeito ativo ἀπελήλυθεν, de ἀπέρχομαι (eu me retiro); o indicativo médio aoristo ἐπελόαθετο, de ἐπιλανθάνομαι (eu me esqueço); e o imperativo indicativo ativo ἦν, de εἰμί (eu sou) são gnômicos, ou seja, atemporais. Portanto, a New International Version traduz esses verbos no tempo presente.

Versículo 25

ὁ δὲ παρακύψας – esse versículo mostra contraste e paralelismo em relação ao verbo anterior. A combinação ὁ δὲ introduz contraste, enquanto o particípio ativo aoristo παρακύψας, de παρακύπτω (eu me curvo para enxergar algo melhor) é paralelo a κατενόησεν (v. 24).

τόν – o artigo definido se refere a νόμον (lei) e é demonstrativo e específico – “a lei perfeita que dá liberdade”.⁶⁸

ἐν τῇ ποιήσει – ao invés de usar o verbo ποιέω (eu faço, realizo), Tiago emprega os substantivos ποιητής (fazedor) e ποίησις (realização). A terminação -σις denota progresso, de modo que esse último substantivo reflete a característica de uma forma verbal no tempo presente.

3. Servindo religiosamente

1.26,27

O que é Cristianismo prático? Tiago dá alguns exemplos daquilo que a verdadeira religião cristã deve ser: refrear a língua, envolver-se na ajuda dos necessitados e manter-se limpo da impureza deste mundo. Nesses dois versículos, Tiago faz uma lista de alguns exemplos que servem para a pessoa verificar sua religião.

67. Ropes, *James*, p. 176.

68. Robertson, *Grammar*, p. 780.

26 Se alguém se considera religioso, mas não conduz com rédeas curtas a sua língua, engana-se a si mesmo e sua religião não tem valor algum. 27 A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e sem mácula é esta: cuidar dos órfãos e viúvas em sua aflição e guardar-se de ser corrompido pelo mundo.

Ao explicar o significado e a implicação de servir a Deus, primeiro Tiago diz aos seus leitores como servir a Deus. Então, no versículo seguinte, ele os instrui sobre como professar e praticar sua religião.

a. “Se alguém se considera religioso”. Essa é uma simples frase condicional expressando um fato e retratando a vida como ela é. Uma pessoa que frequenta os cultos de uma igreja cristã pode considerar-se religiosa. É certo que muitas pessoas acreditam que a frequência à igreja, a oração ou até mesmo o jejum equivalem a ser religioso. Tiago diz que não, pois tais atividades podem ser meramente uma demonstração externa. Isso é formalismo, não religião.

Então, o que é religião? Negativamente, ela não é aquilo que o homem supõe que seja quando considera-se devoto. Positivamente, a religião é expressa quando a pessoa fala com uma língua controlada.

b. “Mas não conduz com rédeas curtas a sua língua”. O autor dessa epístola introduz a questão da língua no primeiro capítulo (1.19), menciona-a aqui ligada à religião e depois volta ao assunto de maneira mais explícita no terceiro capítulo. Lá, ele compara a língua aos cavalos com freios na boca para que obedeçam a seus mestres. “A língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar”, diz Tiago. “É mal incontido, carregado de veneno mortífero” (3.8). Se um homem é capaz de refrear sua língua, “é perfeito varão” (3.2).

Se uma pessoa não consegue controlar sua língua, sua religião não tem valor. A língua rebelde presta-se à mentira, maldição, juramento, deprecição e linguagem torpe.⁶⁹ Do ponto de vista humano, a palavra precipitada, o encobrimento da verdade, o engano sutil e o humor duvidoso são considerados insignificantes. Porém, da perspectiva de Deus, eles são uma violação à ordem de se amar o Senhor Deus e amar o próximo como a si mesmo. A desobediência desse mandamento anula a religião humana.

69. Thomas Manton, *An Exposition on the Epistle of James* (ed. reimpressa. Londres: Banner of Truth Trust, 1968), pp. 172,73.

c. “Engana-se a si mesmo, e sua religião não tem valor algum”. Essa é a terceira vez que Tiago diz aos seus leitores para não enganarem a si mesmos (1.16,22,26). Como pastor, ele está plenamente cênscio da falsa religião, que não passa de formalidade exterior. Ele sabe que muitas pessoas realizam mecanicamente as tarefas a serviço de Deus, mas seu falar as entrega. Sua religião é superficial. E mesmo que elas não percebam, por meio de suas palavras e ações – ou a falta destas – elas enganam a si mesmas. Seu coração não está em ordem diante de Deus e daqueles que as cercam e sua tentativa de esconder essa falta de amor só aumenta o engano próprio. Sua religião é vã.

27 A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e sem mácula é esta: cuidar dos órfãos e viúvas em sua aflição e guardar-se de ser corrompido pelo mundo.

As Escrituras não são um livro com definições concisas que podem ser aplicadas a situações específicas. A Bíblia nos ensina um modo de vida que é agradável a Deus e ao nosso próximo. Assim, Tiago não nos dá uma definição precisa nesse versículo, mas um princípio.

a. “A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e sem mácula”. Quando Tiago diz “Deus, nosso Pai”, ele imediatamente introduz o conceito de família. Somos filhos de Deus, porque ele é nosso Pai. Ele espera que tenhamos o devido respeito e amor para com ele, para com nossos irmãos e irmãs na casa de Deus e para com todas as pessoas (Gl 6.10). Dentro da família de Deus, o amor é a característica prevaiente, pois o próprio Deus é amor. Deus dá o exemplo. Eis alguns versículos aleatórios das Escrituras que ilustram essa característica:

Pai dos órfãos e juiz das viúvas
é Deus em sua santa morada. [Sl 68.5]

O Senhor guarda o peregrino,
ampara o órfão e a viúva. [Sl 146.9]

Faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro. [Dt 10.18]

Porque os gentios é que procuram todas estas coisas;
pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas. [Mt 6.32]

Se, portanto, Deus dá o exemplo, ele espera que seus filhos façam como ele. Se seguirem o exemplo de Deus, demonstrarão uma religião que é “pura e sem mácula”. Esses dois adjetivos mostram o aspecto positivo (pura) e o negativo (sem mácula); juntos, denotam a essência da religião.⁷⁰ E como colocamos em prática nossa religião? Tiago dá dois exemplos:

b. O primeiro exemplo diz respeito às circunstâncias sociais e às condições de sua época: “cuidar dos órfãos e das viúvas em sua aflição”. As condições sociais da Antigüidade eram tais que os órfãos e viúvas encontravam-se desprotegidos, pois não tinham nenhum guardião ou mantenedor. Assim, o próprio Deus desempenhava esse papel. Ele exortava os israelitas a serem protetores e provedores para os órfãos e viúvas (ver, por exemplo, Dt 14.29; Ez 22.7; At 6.1-6).

A pessoa que demonstra verdadeira religião cuida “dos órfãos e das viúvas em sua aflição”. Ela se dispõe a ser guardiã e protetora, vai ao encontro das necessidades e mostra para órfãos e viúvas o amor de Deus por meio de palavras e ações (Mt 25.35-40).

c. “Guardar-se de ser corrompido pelo mundo”. Apesar de Tiago pedir que nos envolvamos com a sociedade ajudando os necessitados ao nosso redor, ao mesmo tempo ele nos adverte para que nos afastemos do mundo pecaminoso. É preciso nos isolarmos do mundo? Não, estamos sempre no mundo, mas não somos do mundo (Jo 17.14).

Assim, não devemos imitar os modos do mundo; pelo contrário, devemos praticar a retidão. Ao escrever sobre a vinda do Senhor e o fim do mundo, Pedro diz: “Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por ser achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis” (2Pe 3.14; e ver 1Tm 6.14). De certa forma, Tiago repete o que disse antes: “Despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade” (1.21). Os membros da família de Deus têm a palavra *santo* escrita em sua testa. Eles sabem que “a amizade do

70. J. I. Packer explica o termo *sem mácula* ao dizer que é “usado para expressar a pureza de Cristo como Sumo Sacerdote (Hb 7.27), de nossa herança celestial (2Pe 1.4), das relações sexuais dentro do casamento (Hb 13.4) e da prática da religião (Tg 1.27); o que é afirmado em cada uma de suas aplicações é a ausência de qualquer coisa que poderia constituir culpa diante de Deus”. *NIDNTT*, vol. 1, p. 448. Consultar também Hans Währisch, *NIDNTT*, vol. 3, p. 925.

mundo é inimiga de Deus” (Tg 4.4). Eles amam e servem a Deus em verdade e com sinceridade.

Considerações práticas em 1.26,27

A igreja deve enfatizar o conceito de *religião* conforme elaborado por Tiago e fazer dele um requisito obrigatório para qualquer um que deseje tornar-se membro da igreja? Certamente! A igreja deve ensinar a verdade das Escrituras registradas nesta parte da Epístola de Tiago. O princípio da religião pura e imaculada é amar a Deus e ao próximo.

Até que ponto a igreja deve se envolver com programas de ação social? As principais tarefas da igreja são pregar o evangelho, ministrar os sacramentos e cuidar dos pobres. Essas tarefas precisam ser mantidas em equilíbrio para que haja o bom funcionamento da igreja.

A igreja deve estender seu cuidado com os pobres além dos limites de sua própria comunidade? Sim, em nosso mundo cada vez menor, os refugiados e sem-teto, os famintos e miseráveis, os enfermos e aflitos precisam de nossa ajuda onde quer que estejam. Mostramos o amor de Jesus ao estendermos a mão para socorrê-los. Mais uma vez, devemos manter equilíbrio e usar de bom senso, lembrando-nos da admoestação de Paulo: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família de fé” (Gl 6.10).

Palavras, frases e construções do grego em 1.26,27

Versículo 26

εἰ – a frase é um fato condicional simples em conjunto com o verbo ΔΟΚΕῖ (parece, considera) na prótase e com o verbo *ser* (subentendido) na apódose. Porém, a oração ἄλλὰ ἑαυτῶν καρδίαν αὐτοῦ (porém, engana-se a si mesmo) transmite o sentido do versículo muito melhor do que quando é considerada como parte da apódose (NIV, GNB). As palavras, então, são paralelas à *sua religião é vã*. Outras traduções tornam essa cláusula independente da oração condicional (NAB, NEB).

ἄρησκός – o adjetivo descreve uma pessoa devota, temente a Deus e religiosa. O substantivo ἄρησκεία aparece quatro vezes no Novo Testamento (At 26.5; Cl 2.18; Tg 1.26,27) e significa “a adoração a Deus”. Difere muito pouco do substantivo λατρεία.⁷¹

χαλιναγωγῶν – o presente ativo do particípio é um composto derivado de χαλινός (frear) e ἄγω (eu conduzo).

μάταιος – esse adjetivo derivado do verbo ματαιῶω (eu torno vazio, sem valor) descreve a falta de verdade numa religião superficial.

Verículo 27

ἐπισκέπτεσθαι – o infinitivo no presente médio do verbo ἐπισκέπτεομαι (eu cuido, visito [a fim de ajudar]). O infinitivo expressa propósito e é um tanto parecido com o imperativo que, de fato, aparece como variação em alguns manuscritos.

ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν – infinitivo presente de τηρεῖν, denota propósito; o adjetivo predicativo ἄσπιλον é derivado do privativo ἄ (des-) e do substantivo ἀπίλος (mácula). Um importante manuscrito (P⁷⁴) traz o termo ὑπερασπίζειν (protegê-los). Essa versão, porém, não alcançou o favor da maioria dos tradutores.⁷²

Resumo do capítulo 1

A princípio, o conteúdo do capítulo 1 parece tratar de vários ditados proverbiais sem relação entre si, ligados por palavras-chaves. Porém, depois de uma análise mais profunda, percebemos que o autor introduz temas que explicará de modo mais completo no restante do capítulo e da epístola. Depois do prólogo (v. 1), por exemplo, o autor dá uma relação de temas sobre a prova da fé, a aquisição de sabedoria e o ser rico (vs. 2 a 11).⁷³

71. Karl Ludwig Schmidt, *TDNT*, vol. 3, p. 156; Klaus Hess, *NIDNTT*, vol. 3, p. 551.

72. D. J. Roberts defende a variação do texto dizendo que este poderia ser original por que está em concordância com a mensagem de Tiago, isto é, “protegê-los [órfãos e viúvas] do mundo em sua tribulação”. “The Definition of ‘Pure Religion’ in James 1.27”, *ExpT* 83 (1972): 215-16. Mas B. C. Johanson discorda. Ver “The Definition of ‘Pure Religion’ in James 1.27 Reconsidered”, *ExpT* 84 (1973): 118-19.

73. Davids, *James*, p.25.

Então, na parte seguinte do capítulo (vs. 2 a 25), ele esclarece o tema da prova de fé ao expandi-lo, incluindo a tentação (vs. 12 a 15); ele menciona a generosa dádiva de Deus, que é a sabedoria, e a ampliação de modo a incluir boas dádivas e dons perfeitos do Pai celeste (vs. 5, 17 e 18); e reforça o orgulho do irmão em condição humilde, colocando-o em posição elevada, na certeza de que somos como que primícias da criação de Deus (v. 18).

O último segmento do capítulo tem como temas o refrear da língua, a prática da Palavra de Deus e o viver imaculado num mundo impuro (vs. 19 a 27). Tiago volta a esses temas nos capítulos seguintes. Na verdade, os estudiosos vêem nos três exemplos da religião pura – o refrear da língua, a demonstração de misericórdia e o manter-se incontaminado – um esboço dos próximos quatro capítulos.⁷⁴

74. Grosheide, *Jakobus*, p. 368.

CAPÍTULO 2

Fé

2.1-26

ESBOÇO

- | | |
|---------|-------------------------|
| 2.1-13 | A. A Fé e a Lei |
| 2.1-4 | 1. Evitem o favoritismo |
| 2.5-7 | 2. Sejam ricos em fé |
| 2.8-11 | 3. Obedeçam à lei régia |
| 2.12,13 | 4. Mostrem misericórdia |
| 2.14-26 | B. Fé e Obras |
| 2.14-17 | 1. Fé sem obras |
| 2.18,19 | 2. Fé, obras e credo |
| 2.20-24 | 3. A fé de Abraão |
| 2.25,26 | 4. Fé e justificação |

2 1 Meus irmãos, como crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, não demonstrem favoritismo. 2 Suponham que um homem chegue em sua reunião usando um anel de ouro e roupas finas, e que entre também um homem pobre com roupas esfarrapadas. 3 Se vocês derem atenção especial ao homem trajando roupas finas e disserem "eis um bom assento para você", mas disserem ao pobre "fique em pé aqui" ou "sente-se no chão, aos meus pés", 4 não discriminaram entre vocês mesmos e tornaram-se juízes com pensamentos perversos? 5 Escutem, meus queridos irmãos: acaso Deus não escolheu aqueles que são pobres aos olhos do mundo para serem ricos em fé e herdarem o reino que ele prometeu aos que o amam? 6 Vocês, porém, insultaram o pobre. Não são os ricos que estão explorando vocês? Não são eles que estão arrastando vocês para os tribunais? 7 Não são eles que estão difamando o nome sublime daquele a quem vocês pertencem? 8 Se, de fato, vocês guardam a lei régia que se encontra nas Escrituras, "amem o seu próximo como a si mesmos", fazem bem. 9 No entanto, se mostram favoritismo, pecam e são condenados pela lei como transgressores, 10 pois qualquer um que guarda toda a lei, mas tropeça em um único ponto, é culpado de quebrar toda a lei. 11 Pois aquele que disse "não cometam adultério" também disse "não matem". Se vocês não cometem adultério, mas cometem homicídio, tornam-se transgressores. 12 Falem e ajam como aqueles que serão julgados pela lei que concede liberdade, 13 pois, a qualquer um que não tiver sido misericordioso, será mostrado julgamento sem misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo!

A. A Fé e a Lei

2.1-13

1. Evitem favoritismo

2.1-4

Todos os homens foram criados iguais. Não trouxe nada para este mundo e não podemos levar nada dele. Diante de Deus, não podemos nos gloriar de nossas posses ou realizações, pois tudo o que temos nos foi dado por Deus, e Deus não mostra parcialidade (At 10.34; Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25; 1Pe 1.17). Se Deus dá o exemplo, devemos seguir seus passos.

1 Meus irmãos, como crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, não demonstrem favoritismo.

O apelo é pessoal: “meus irmãos”. Em sua epístola, Tiago usa essa forma de dirigir-se aos seus leitores com relativa freqüência, mas aqui ele é mais específico. Ele diz que os irmãos são aqueles que têm “a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória”.¹ A idéia de *ter fé* nos remete ao início da epístola, quando Tiago encoraja os “irmãos” a perseverarem em sua fé (1.3). Agora ele diz que são crentes em Jesus Cristo, isto é, ele fala da fé pessoal subjetiva que eles têm em Jesus – não da fé que pertence a Jesus.

O autor coloca-se no mesmo nível que os leitores e identifica-se com eles quando diz “nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória”. Ele e os leitores olham para Jesus, que habita na glória.

Qual é o significado da expressão *nosso glorioso Senhor*? Em uma das epístolas de Paulo (1Co 2.8), aparece a expressão *Senhor da glória*. Ela é idêntica à referência ao “Deus da glória” no discurso de Estêvão (At 7.2). Ambos os títulos servem para lembrar a glória do Senhor que desceu sobre o tabernáculo e o encheu no deserto (Êx 40.35). Uma possível interpretação é tomar as palavras *da glória* e colocá-las em oposição com *Jesus Cristo*: “Jesus Cristo, que é a glória de [que pertence a] Deus”.² Essa interpretação assemelha-se ao testemunho de João. Sobre Jesus viver entre os discípulos: “... habitou entre nós cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai” (Jo 1.14).

O termo descritivo *glorioso* nessa passagem demonstra contraste entre a glória de nosso Senhor Jesus Cristo e o brilho das riquezas terrenas. Os irmãos não devem olhar para o seu próximo e julgá-los simplesmente pela aparência externa. Assim, Tiago admoesta seus leitores a não fazerem “acepção de pessoas”. Não olhem para o rosto, as roupas, a riqueza ou a posição! Não sejam parciais em seu julgamento! “Um justo juiz não deve ser influenciado por preconceitos pessoais, esperanças ou medos, mas pelo desejo único de fazer justiça”.³

1. As traduções dessa frase diferem entre si. Eis alguns exemplos: “A fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória” (KJV, NKJV, RV, ASV); “vossa fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo” (NASB, NAB); “crendo como o fazeis em nosso Senhor Jesus Cristo, que reina em glória” (NEB).

2. E. C. Blackman, *The Epistle of James* (Londres: SCM, 1957), p.76.

3. Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (ed. reimpressa; Grand Rapids: Zondervan, 1946), p. 78.

Nos versículos seguintes nessa seção, Tiago enumera as razões pelas quais os cristãos não devem mostrar favoritismo: se assim o fizerem, tornar-se-ão “juízes com pensamentos perversos” (v. 4); Deus olha o coração, e não a aparência externa do homem (v. 5); Deus deu ao homem a lei de amar o próximo como a si mesmo (v. 8) e, por último, “a misericórdia triunfa sobre o juízo” (v. 13).

Tiago lança mão de uma ilustração e diz:

2 Suponham que um homem chegue em sua reunião usando um anel de ouro e roupas finas, e que entre também um homem pobre com roupas esfarrapadas. 3 Se vocês derem atenção especial ao homem trajando roupas finas e disserem “eis um bom assento para você”, mas disserem ao pobre “fique em pé aqui” ou “sente-se no chão, aos meus pés”, 4 não discriminaram entre vocês mesmos e tornaram-se juízes com pensamentos perversos?

O termo *religião* imediatamente traz à memória qualquer coisa que diga respeito à igreja. Talvez essa seja a razão pela qual Tiago faz uso de um exemplo tirado do meio de uma igreja cristã. Na verdade, a palavra grega “sinagoga” (v. 2) significa “reunião”.⁴ Apesar de Tiago empregar a expressão *igreja* quando menciona “os presbíteros da igreja”. (5.14), o termo *sinagoga* revela algo sobre o autor e os leitores desta carta: eles eram de descendência judia.⁵

a. “Suponham que um homem chegue em sua reunião”. O autor usa o termo *reunião*, que pode significar tanto o culto como uma reunião especial para tratar de questões oficiais. Tiago não especifica o propósito da reunião em questão. Alguns estudiosos acham que Tiago retrata uma assembléia que se reúne para tratar de assuntos oficiais, isto é, judiciais.⁶ A opinião comum, porém, favorece o conceito de

4. De todas as traduções, apenas a JB traz o texto “se, portanto, entrar na vossa sinagoga”.

5. Lothar Coenen comenta sobre a palavra *sinagoga* em Tiago 2.2: “Essa palavra seria natural para identificar um grupo que nasceu de origens judias e que, pelo menos no princípio, considerava-se parte do Judaísmo”. *NIDNTT*, vol. 1, p. 296. Por outro lado, Wolfgang Schrage mostra que a palavra “é usada não apenas para assembléias, congregações e sinagogas dos judeus, mas também para as reuniões litúrgicas dos cristãos e os locais onde aconteciam essas reuniões... O termo é comum entre os patriarcas pós-apostólicos para definir uma reunião para culto” (ver, por exemplo, Inácio). *TDNT*, vol. 7, p. 840.

6. Consultar o artigo de Roy Bowen Ward, “Partiality in the Assembly: James 2.2-4”, *HTR*, 62 (1969): 87-97. Ver também James B. Adamson, *The Epistle of James*, New

culto. A intenção do exemplo é mostrar uma reunião de crentes em que prevalecia o esnobismo.

b. “Usando um anel de ouro e roupas finas”. O homem rico era membro da igreja? Era um visitante? Era oficial do governo ou dignitário? Não sabemos. Talvez fosse uma pessoa de autoridade, e não um membro da igreja local. O centurião que construiu a sinagoga de Cafarnaum, por exemplo, era supostamente um prosélito (Lc 7.2-5). As reuniões da igreja eram abertas ao público, de modo que pessoas da comunidade tinham a oportunidade de encontrar-se com cristãos para os cultos e estudos (1Co 14.23,24).

c. “E que entre também um pobre com roupas esfarrapadas”. O contraste é intencional, pois o homem rico veste roupas brilhantes, de cores vivas; as roupas do pobre estão sujas, gastas e feias. Ele é miserável; as únicas roupas que possui são aquelas que está vestindo. Mais uma vez, não sabemos se o homem é membro da igreja. Provavelmente não. Ele parece ser um visitante também.

d. “Se vocês derem atenção especial ao homem com roupas finas”. A ênfase nesta parte da passagem é sobre a aparência externa desses dois visitantes. Só os trajes dos dois são importantes. É claro que as vestimentas refletem a condição social desses dois indivíduos: um é rico e tem influência, o outro é pobre e nada tem.

A reação imediata dos membros da igreja é tratar com deferência o homem rico e dar-lhe um bom lugar para assentar-se. Na sinagoga local daquela época, escribas e fariseus ocupavam os assentos mais importantes (Mt 23.6; Mc 12.39; Lc 11.43; 20.46).⁷ No ambiente da igreja retratada por Tiago, o homem rico recebe uma recepção calorosa e é levado para um bom assento, talvez num lugar mais alto. O homem pobre pode ficar em pé no fundo da sala ou assentar-se no

International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 109. Sophie Laws, porém, expressa suas reservas e dúvidas quanto a “se o termo usado por Tiago em sua situação hipotética permite uma definição clara do mesmo”. Ver sua obra *Commentary on the Epistle of James*, Harper’s New Testament Commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1980), p.101.

7. De acordo com Emil Schürer em sua obra *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ* (Edimburgo: Clark, 1885), 2ª div., vol. 2, p. 75, “a congregação assentava-se de acordo com uma ordem pré-determinada, onde os membros mais distintos ocupavam os lugares à frente e, os mais jovens, a parte de trás”.

chão com as pernas cruzadas. Na verdade, o texto diz “assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés”.

e. “Não discriminaram entre vocês mesmos?” Fazer essa pergunta é o mesmo que respondê-la. Certamente eles discriminaram e tornaram-se “juizes com pensamentos perversos”. Ao invés de olhar para a incomparável glória de Deus, estão olhando fixamente para o esplendor de um anel de ouro e trajes finos. Ao invés de honrar a Jesus Cristo, estão honrando com deferência um homem rico e desprezando um pobre. E, ao invés de aceitar a pessoa, tomando por base sua fé em Cristo, estão mostrando favoritismo baseado em aparências e posição.

Tiago não fala para juizes eleitos oficialmente, mas para os membros da igreja. A congregação deve perceber a plena extensão do seu pecado de discriminação. Esse não é um pecado que pode ser considerado insignificante. De acordo com Tiago, o que está em jogo é a injustiça, pois o coração dos crentes está cheio de pensamentos perversos. Um juiz cujos pensamentos são perversos não pode jamais ser imparcial, a justiça que ele exerce é uma farsa. Desde os tempos mais remotos, a justiça é retratada como uma mulher com os olhos vendados, segurando em sua mão uma balança. A venda impede que ela veja qualquer um, de modo que possa servir à causa da justiça com imparcialidade. Dentro do contexto da fé cristã, a prática da discriminação é exatamente o oposto do amar ao próximo como a si mesmo.

Não importa se Tiago cita, aqui, um incidente que realmente aconteceu na igreja ou se cria um exemplo de algo que poderia acontecer.⁸ O que importa é que os crentes em Cristo devem lançar fora o pecado da discriminação. Em resumo, “não façam acepção de pessoas”.

Considerações práticas em 2.1-4

Deus ama os pobres, cuida deles e supre suas necessidades. Quando a igreja de Jesus Cristo proclama o evangelho e recebe pobres na

8. Martin Dibelius acredita que Tiago “simplesmente criou esse acontecimento”. *James: A Commentary on the Epistle of James*, rev. Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible (Filadélfia: Fortress, 1976), p.135.

comunhão dos crentes, ela o faz demonstrando amor e preocupação por eles? Quando os pobres ouvem o evangelho do amor de Jesus, a mensagem da salvação e a promessa do cuidado constante de Deus e então experimentam uma fria indiferença, uma falta de interesse e preocupação por parte dos membros da igreja, sentem-se deixados de lado.

Hoje em dia, muitos templos cristãos estão parcialmente cheios durante os cultos. Os bancos desses templos são estofados, os crentes acomodam-se confortavelmente, mas os pobres estão ausentes.

O evangelho deve ser proclamado aos pobres em palavras e ações. O crente mostra seu coração repleto de amor quando estende a mão para ajudar. O amor do Senhor Jesus, quando é genuinamente levado àqueles que ouvem o evangelho, constrói com eficácia o corpo de Cristo.

Palavras, frases e construções do grego em 2.1-4

Verstculo 1

προσωπολημψίαις – derivado do substantivo πρόσωπον (face) e do verbo λαμβάνω (eu recebo), esse substantivo é uma tradução do hebraico *nasa panim* (ele ergue o rosto do outro com bondade). O hebraico *panim* é um plural, e a tradução grega aparece como um plural idiomático.⁹ Paulo usa o termo no singular (Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25) e Tiago emprega o verbo προσωπολημπτείτε (você demonstra favoritismo) em 2.9.

τὴν πίστιν – o uso do artigo definido e o genitivo τοῦ κυρίου indica que o substantivo πίστιν (fé) não é a parte principal da doutrina cristã, mas a fé subjetiva que os cristãos tem no Senhor (genitivo objetivo).¹⁰

τῆς δόξης – No grego, a construção da frase é difícil por causa da combinação de quatro genitivos. O apelo Ἰησοῦ Χριστοῦ encontra-se em aposição com τοῦ κυρίου, e o mesmo acontece com

9. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 408.

10. “A fé em Jesus Cristo é o ato distintivo que faz de um homem um cristão”. Consultar James Hardy Ropes, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*, International Critical Commentary Series (1916; ed. reimpressa, Edimburgo: Clark, 1961), p. 187.

τῆς δόξης. Por outro lado, δόξης também pode ser considerado na forma de um adjetivo descritivo, *glorioso*. Seja qual for a escolha, as dificuldades permanecem.

Versículo 2

ἐάν – a partícula introduz uma frase condicional que apresenta o uso do substantivo para expressar uma situação hipotética. Observe que o tempo εἰσέλθῃ (de εἰσέρχομαι, eu entro) é aoristo para mostrar um único acontecimento.

λαμπρᾶ – esse adjetivo na forma dativa feminina singular descreve o substantivo ἐσθῆτι (roupas) e é contrastado com o adjetivo ῥυπαρᾶ (sujo, imundo). A palavra λαμπρός, derivada do verbo λάμπω (eu brilho), na verdade significa “resplandecente, claro, brilhante”. Nessa referência a um traje, pode indicar afluência ou riqueza.¹¹ Ver Lucas 23.11 e Apocalipse 19.8.

Versículo 3

ἐπιβλέψῃτε – como parte da prótase da oração condicional, esse subjuntivo ativo aoristo de ἐπιβλέπω (eu admiro [com estima]) é seguido da preposição ἐπί (sobre) para enfatizar o significado diretivo do verbo.

τὸν φοροῦντα – o particípio presente ativo do verbo φορέω (eu visto) indica que o homem rico usava roupas finas com frequência.

σύ κἀθου – o uso de σύ (você) tanto nessa oração como na oração imperativa seguinte enfatiza os verbos. O imperativo médio aoristo κἀθου é uma contração de κἀθησο (sentar-se). O acréscimo de καλῶς (bem) ameniza o tom para torná-lo um equivalente a “por favor”.

ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου – a preposição ὑπὸ não denota “sob”, mas “na” ou “próximo a”. A referência ao estrado dos pés indica que o “bom assento” era elevado.

Versículo 4

οὐ διεκρίθητε – uma pergunta retórica que exige uma resposta afirmativa. O verbo no passado aoristo vem de διακρίνω (eu

11. Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 2, p. 486.

diferencio) e, com o substantivo κριταί (juízes), é um jogo de palavras. O passivo aoristo médio e as palavras ἐν ἑαυτοῖς (entre nós mesmos) demonstra redundância.

ἐγένεσθε – o passivo aoristo de γίνομαι (torno-me) é atemporal.

2. Sejam ricos em fé

2.5-7

Depois do exemplo, Tiago volta-se para o princípio: os pobres são preciosos aos olhos de Deus. Jesus veio para pregar o evangelho aos pobres (Is 61.1; Lc 4.18; 7.22) e declarou os pobres bem-aventurados e herdeiros do reino de Deus (Mt 5.3; Lc 6.20).

5 Escutem, meus queridos irmãos: acaso Deus não escolheu aqueles que são pobres aos olhos do mundo para serem ricos em fé e herdarem o reino que ele prometeu aos que o amam?

Mais uma vez, Tiago se dirige aos leitores como irmãos.¹² Ele pede atenção exclusiva: “Escutem”. Quer que ouçam e tomem nota. Seu tom de voz, porém, é suave, pois ele chama os leitores de “queridos irmãos” (1.16,19).

a. *Escolheu.* Tiago faz uma pergunta que só pode ser respondida na afirmativa. “Deus não escolheu aqueles que são pobres aos olhos do mundo?” É claro que sim. As Escrituras ensinam claramente que, em sua graça eletiva, Deus não faz a escolha com base no mérito, mas no amor para com seu povo (ver, por exemplo, Dt 7.7). Deus dirige seu amor aos pobres e necessitados, pois seus olhos estão sempre sobre eles (Jó 5.15,16; Sl 9.18; 12.5; Pv 22.22,23). Isso não significa que todos os pobres estão incluídos e que Deus escolheu somente os pobres, “pois a pobreza e a riqueza em si não conferem ao homem nenhum bem ou mal”.¹³ A eleição é obra de Deus, como ensina Paulo. “Deus escolheu as coisas humildes... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1Co 1.28,29, e ver Ef 1.4).

12. Eis as passagens em que Tiago se dirige aos leitores como irmãos: 1.2,16,19; 2.1,5,14; 3.1,10,12; 4.11; 5.7,9,10,12,19.

13. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. Andrew R. Fausset, 5 vols., 7ª ed. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 5, p. 14. Ropes comenta que “a pobreza e a eleição coincidem”. Ver *James*, p. 193.

b. *Herdarem*. Tiago repete a idéia expressa anteriormente (1.9) quando escreve que “aqueles que são pobres aos olhos do mundo são ricos em fé”. O que conta não são as riquezas terrenas, mas os tesouros espirituais (Mt 6.19-21; Lc 12.16-21). Deus não olha para os bens materiais instáveis das pessoas, mas para a confiança e segurança que elas depositam em Deus. Ele recompensa tal fé abundantemente. Deus exige fé, como declarou com eloquência o escritor aos Hebreus: “Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (11.6).

Observe que Tiago repete palavras de Jesus registradas como bem-aventuranças. Eis o paralelo:

Lucas 6.20	Tiago 2.5
Bem-aventurados	... Deus não escolheu aqueles que
vós os pobres, porque vosso	são pobres... para serem ricos em
é o reino de Deus	fé e herdarem o reino?

Quem são os ricos em fé? São os crentes, que Deus enriquece com dons espirituais. João Calvino observa:

“Tendo em vista que o Senhor distribui com fartura entre todos, cada um deles torna-se participante dos seus dons/de acordo com a medida de sua fé. Se, portanto, estamos vazios ou necessitados, isso prova a deficiência da nossa fé, pois, se nós abríamos mais espaço para a fé, Deus está sempre disposto a preencher esse espaço”.¹⁴

Deus enriquecerá os crentes; eles são o povo herdeiro do seu reino.

c. *Prometeu*. Deus prometeu o reino para aqueles que o amam. Apesar de a palavra *reino* aparecer somente nessa passagem da Epístola de Tiago, seu paralelo é “a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam” (1.12; ver também Rm 8.28). Jesus liga os conceitos de *vida eterna* e *reino* em seus ensinamentos (ver especialmente Mt 19.16,24, 28-30; Mc 10.17,23-25; Lc 18.18,23-30).

14. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The Epistle of James*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p.303.

Quem herda o reino? Todos aqueles – quer ricos ou pobres – que amam o Senhor. Deus diz: “Eu amo os que me amam; os que me procuram me acham” (Pv 8.17).

Há muitas referências sobre a herança do reino de Deus: Jesus revela que, no dia do julgamento, o Rei dará as boas-vindas aos que são seus e dirá: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.34). E Paulo nos faz saber que os perversos não herdarão o reino (1Co 6.9,10; Gl 5.19-21).

6 Vocês, porém, insultaram o pobre. Não são os ricos que estão explorando vocês? Não são eles que estão arrastando vocês para os tribunais? 7 Não são eles que estão difamando o nome sublime daquele a quem vocês pertencem?

Através do Novo Testamento, ficamos sabendo que a igreja primitiva era formada, em grande parte, por pessoas pobres, especialmente na Judéia e em Jerusalém (At 11.29,30; 1Co 16.1-3). Essas pessoas, pertencentes à classe mais baixa da sociedade, estavam tratando com deferência o rico e desprezando o pobre. Tiago condena essa prática desprovida de caridade.

A acusação que Tiago fez aos leitores de sua epístola é séria. Ele declara um fato: “insultaram o pobre” (ver também 1Co 11.22). Desprezar os pobres implica desprezar Jesus Cristo, o protetor e guardião dos pobres. Eles não defendem mais a causa de Cristo. Ao mostrar favoritismo para com o rico, eles “tomaram o partido do diabo contra Deus”.¹⁵ Qual é o efeito desse esnobismo? Em seus ensinamentos, Jesus usou as seguintes palavras: “Quem não é por mim, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha” (Mt 12.30).

Tiago trata da questão do favoritismo de forma assertiva. Sua intenção é arrancar a raiz do favoritismo do solo da igreja cristã primitiva. Ele exorta o crente a abrir os olhos, enxergar a realidade e responder a estas três questões:

a. *Quem os explora?* Tiago responde essa pergunta mais adiante na epístola, quando repreende o rico que oprime o pobre. Ele menciona exemplos específicos: “Vejam! Os salários que vocês deixaram

15. Davids, *James*, p. 112.

de pagar para os trabalhadores que ceifaram os seus campos estão clamando contra vocês. O clamor dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor Todo-Poderoso” (5.4). Partindo do contexto geral da situação que Tiago descreve, ficamos sabendo que os ricos não pertencem à comunidade cristã. Não importa se eram judeus ou gentios. Eles exploravam o povo que era incapaz de se defender, incluindo as viúvas e órfãos (comparar com Am 8.4; Mq 2.2; Zc 7.10). Por meio dos escritos da comunidade de Qumran, na primeira parte do século 1º, descobrimos que até mesmo os sacerdotes de Israel estavam explorando os pobres.¹⁶

Se os cristãos tratam com deferência aqueles que exploram e oprimem o pobre, vão contra ensinamentos claros das Escrituras. Os cristãos estão do lado errado, pois deveriam estar defendendo os pobres.

b. *Não são eles que estão arrastando vocês para os tribunais?* O Novo Testamento oferece alguns exemplos bastante claros de apóstolos sendo levados para tribunais por judeus e gentios (At 5.27; 16.19; 18.12). Judeus ricos e influentes tinham o poder de arrastar judeus cristãos pobres para os tribunais a fim de prejudicá-los.¹⁷ Tiago não é específico em sua referência aos ricos. Quer fossem judeus ou gentios, essas pessoas ricas estavam recebendo honra e respeito dos mesmos cristãos que arrastavam para os tribunais. Se esses cristãos não estivessem corrompidos pelo pecado do favoritismo, permaneceriam leais aos pobres, suportariam as injustiças e, assim, demonstrariam pensar como Cristo (ver, por exemplo, 1Pe 2.20). Ao invés disso, estavam honrando o rico e menosprezando o pobre.

c. *Não são eles que estão difamando o nome sublime daquele a quem vocês pertencem?* Tiago é bem mais específico nessa terceira pergunta. Ele está chamando seus leitores de volta à realidade. Pede que digam quem são os que blasfemam o nome daquele a quem os leitores pertencem. Tanto no Antigo Testamento como no Novo, Deus ensina que seu povo é “chamado pelo nome do Senhor” (Dt 28.10; comparar com 2Cr 7.14; Is 43.7; Jr 14.9; Am 9.12). Quando Tiago se dirigiu ao Concílio de Jerusalém, citou Amós 9.11,12, onde o

16. Ernst Bammel compilou referências específicas em seu artigo sobre os pobres em *TDNT*, vol. 6, p. 897. Consultar também Hans-Helmut Esser, *NIDNTT*, vol. 2, p. 824.

17. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and of the Epistle of James* (Columbus: Wartburg, 1946), p. 568.

profeta diz que os gentios sobre os quais foi invocado o nome de Deus podem buscá-lo (At 15.17). O nome *Jesus* substituiu o nome *Senhor* do Antigo Testamento.

Os cristãos reverenciam o nome de Jesus – um nome que Tiago descreve como sendo bom. São eles que precisam ouvir os ricos blasfemando contra o nome de Jesus. Se ficarem em silêncio enquanto os ricos blasfemam contra esse bom nome, eles mesmo pecam contra o mandamento de não tomar o nome de Deus em vão (Êx 20.7; Dt 5.11). Ao permanecerem caladas, essas pessoas que pertencem a Jesus consentem com a blasfêmia do nome de Jesus. Voltam-se contra ele ao mostrar deferência para com o rico.

Considerações práticas em 2.5-7

Verículo 5

Jesus se identificava com os pobres porque ele mesmo experimentou a pobreza desde o dia de seu nascimento em Belém até o dia de sua morte nos arredores de Jerusalém. Conseqüentemente, os pobres responderam prontamente à mensagem de Jesus. Eles ainda o fazem nos dias de hoje, pois a igreja está crescendo rapidamente entre os que se encontram economicamente debilitados em várias partes do mundo. Como classe social, os pobres colocam sua fé em Jesus muito mais do que os ricos. São pobres em bens materiais, mas ricos em fé. Por causa das circunstâncias, os pobres não podem depositar sua confiança sobre os bens materiais. Assim, voltam-se para Jesus, que diz: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28).

Verículo 6

Os ricos podem contratar advogados para dar queixas ou entrar com um processo. Verifique os registros de um tribunal e as evidências mostrarão que, geralmente, são os ricos – e não os pobres – que processam uns aos outros.

Verículo 7

Aqueles que detêm os mais altos cargos da terra e têm o direito de exigir grande respeito perdem a estima dos cristãos quando usam

mal o nome de Jesus. Ao blasfemar contra o bom nome, eles desonram Jesus, ofendem seus seguidores e pecam contra Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 2.5-7

Versículo 5

ἀκούσατε – o imperativo ativo aoristo encontra-se na frase primeiramente para dar ênfase (compare com 1.16,19). Tiago usa de tato para amenizar a ordem com o adjetivo verbal ἀγαπητοί (amados).

τῷ κόσμῳ – o uso do dativo é entendido como o dativo de referência: “pobre aos olhos do mundo” (NAB, NEB, NIV).

ἦς – um genitivo de atração por causa do substantivo que o precede, βασιλείας (reino).

Versículo 6

ὁμοίως – o uso enfático do pronome pessoal com a partícula adversativa δέ tem a intenção de mostrar o contraste com o versículo anterior, o qual diz que Deus escolheu os pobres para serem ricos.

οὐχ – esse advérbio de negação introduz as perguntas retóricas que esperam uma resposta afirmativa (ver οὐχ no v. 7).

3. Obedeçam à lei régia

2.8-11

O que a Bíblia diz sobre favoritismo e discriminação? Talvez um cristão judeu tenha feito essa mesma pergunta a Tiago e então sugerido que as Escrituras devem ser a medida de todas as coisas. Ao que parece, Tiago previa esse tipo de pergunta, que era feita com frequência nos meios judeus. Tendo em mãos o Antigo Testamento, Tiago responde ao leitor que lhe faz a pergunta e, assim, prova sua posição.

8 Se, de fato, vocês guardam a lei régia que se encontra nas Escrituras, “amem o seu próximo como a si mesmos”, fazem bem. 9 No entanto, se mostram favoritismo, pecam e são condenados pela lei como transgressores.

Tiago vai direto ao cerne da questão e evita detalhes, isto é, ele não está interessado em procurar nas Escrituras e achar um determinado mandamento contra o pecado de favoritismo. Ao invés disso, declara o princípio fundamental da lei de Deus ao qual Jesus se referiu quando foi interrogado por um intérprete da lei. O intérprete perguntou a Jesus: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?” (Mt 22.36). Ao invés de mencionar um mandamento específico, Jesus resume a lei para ele e diz: “Amarás o Senhor teu Deus... Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (vs. 37-39; ver também Dt 6.5; Lv 19.18).

a. *Condição.* Tiago chama a atenção apenas para a segunda parte da lei resumida, “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Ele enfatiza essa parte, assim como Paulo o faz em suas epístolas (Rm 13.9; Gl 5.14; comparar também com Mt 19.19). Porém, a implicação é a mesma: toda a lei está resumida em expressar amor pelo próximo. Obedecer à segunda parte da lei resumida significa cumprir a primeira parte também. As duas partes são inseparáveis e interligadas (1Jo 4.20,21).¹⁸

Tiago chama essa lei de “régia”. Ele não dá mais detalhes e evita explicar a palavra no contexto. Coloca a essência e o teor da lei numa oração condicional que afirma um simples fato. Diz: “Se, de fato, vocês guardam a lei régia... fazem bem”. O crente que cumpre a lei suprema de Deus, dada nas Escrituras, está fazendo a vontade de Deus e guarda-se de cometer o pecado do favoritismo.

b. *Acusação.* Deus não faz acepção de pessoas (Rm 2.11), mas mostra seu amor para com o pobre, bem como para com o rico. Se Deus é imparcial, então os crentes também devem mostrar amor para com todas as pessoas sem discriminação.

Talvez Tiago tivesse em mente o contexto mais amplo do ensinamento no Antigo Testamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). Nesse contexto, Moisés diz aos israelitas: “Não farás injustiça no juízo: nem favorecendo ao pobre, nem comprazendo ao grande: com justiça julgarás o teu próximo” (Lv 19.15).

Tiago, porém, se refere ao pecado de favoritismo que os leitores estão cometendo. Assim, ele acrescenta que, ao serem parciais

18. Consultar William Hendriksen, *Galatians*, New Testament Commentary Series (Grand Rapids: Baker, 1968), p. 211.

(Dt 1.17), são condenados pela lei do amor. A lei resumida os condena como transgressores. Tiago diz que os leitores estão, de fato, caindo em pecado, e o fazem quando ultrapassam o limite que lhes foi dado para que não pequem, a saber, a lei. Ninguém pode dizer que ultrapassou essa linha por ignorância, pois a lei proíbe especificamente a demonstração de parcialidade (Lv 19.15). Transgredir a lei de Deus é uma ofensa séria a Deus e coloca o pecador diante dele como transgressor.¹⁹ Quando a lei condena, ninguém pode afirmar ser um transgressor parcial. O transgressor é culpado.

10 Pois qualquer um que guarda toda a lei, mas tropeça em um único ponto é culpado de quebrar toda a lei. 11 Pois aquele que disse “não cometam adultério” também disse “não matem”. Se vocês não cometem adultério, mas cometem homicídio, tornam-se transgressores.

Considere as seguintes questões:

a. “Toda a lei”. Tiago usa uma oração que declara uma condição. Diz: “Qualquer um que guarda toda a lei, mas tropeça em um único ponto, é culpado de quebrar toda a lei”.

No tempo de Tiago, os judeus faziam uma distinção entre as leis mais importantes e as que eram menos significativas. Consideravam a lei de observância do sábado, por exemplo, como sendo prioritária,²⁰ mas não consideravam tão importantes outros mandamentos, como aquele contra o juramento (ver Mt 5.33-37; Tg 5.12).

Apesar de Tiago ter escrito sua epístola, a princípio, para cristãos de descendência judia, não excluiu ninguém da obrigação de observar a lei de Deus e obedecer a ela. Todo leitor da carta deve estar ciente da unidade da lei de Deus. Não podemos afirmar que obedecer ao mandamento “não matarás” é mais importante do que observar aquele que diz “não cobiçarás”. As Escrituras não nos permitem julgar o valor dos mandamentos. Na verdade, no Sermão do Monte, Jesus ensina que nenhuma parte da lei desaparecerá “até que tudo se cumpra”

19. “Para os rabinos, tal transgressão era ‘rebelião’”, escreve Adamson, *James*, p. 116. Consultar Johannes Schneider, *TDNT*, vol. 5, p. 741.

20. Ver o *Talmude*, Shabbat 70b. Consultar também SB, vol. 3, p. 755; Adamson, *James*, p. 117; e *Laws*, *James*, p. 111.

(Mt 5.17-19), e Paulo faz referência à obrigação de obedecer à lei como um todo (Gl 5.3). Assim, em sua discussão sobre a lei, Tiago também enfatiza que a lei de Deus não consiste de mandamentos individuais, mas de uma unidade.²¹

b. *A unidade da lei.* Certamente, a lei é formada por vários mandamentos, mas transgredir um deles significa quebrar a lei de Deus. Se bato um dedo do pé, não só aquele dedo, mas todo o corpo sente a dor. Cada parte do meu corpo está integralmente relacionada com o resto. “Se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Co 12.26). Se quebro um dos mandamentos de Deus, peço contra toda a lei de Deus.

O próprio Deus criou e formulou sua lei. Ele também a ordena e a faz cumprir, pois por meio da lei ele expressa sua vontade. Deus disse: “Não adulterarás”. Disse também: “Não matarás”. Esses dois mandamentos são parte da lei, isto é, do Decálogo (Êx 20.13,14; Dt 5.17,18), e têm em si a mesma autoridade divina que o resto da lei de Deus.

A ordem dos dois mandamentos é invertida no agrupamento da Bíblia hebraica em relação às traduções modernas, mas, na Septuaginta, a ordem é aquela que não apenas Tiago adota, mas também Lucas em seu evangelho (18.20) e Paulo em sua carta aos Romanos (13.9).²²

Tiago escolheu dois mandamentos que são mencionados no início da seção da lei que diz respeito ao próximo (ver Mt 19.18,19 e paralelos). A lógica simples é que, se uma pessoa guarda um mandamento, mas desobedece a outro, ela é, de qualquer maneira, uma transgressora, e Deus a declara culpada.

Considerações doutrinárias em 2.8-11

Com muita freqüência, encaramos os mandamentos de um ponto de vista negativo. Assim fazemos porque a maioria deles é apresentada de forma negativa, como, por exemplo, não matarás, não comete-

21. Davids, *James*, pp. 116, 117.

22. A Septuaginta, Códex A, porém, segue a ordem do Texto Massorético em Êxodo 20.13,14 e Deuteronômio 5.17,18. Mateus faz o mesmo ao registrar o Sermão do Monte (5.21,27). Ver também Mt 19.18; Mc 10.19. Porém, Philo, em *Decálogo* 12.24-32 e em *Leis Especiais* 3.2, mantém a seqüência da Septuaginta.

rás adultério, não furtarás, mas os Dez Mandamentos também têm um lado positivo. Eles nos ensinam que, dentro dos limites da lei protetora de Deus, temos liberdade perfeita. Assim como os peixes se desenvolvem na água porque ela é o seu *habitat* natural, assim também o filho de Deus cresce no ambiente da lei. Ele percebe que Deus graciosamente lhe concedeu essas leis para a sua proteção e segurança. Ele sabe que “a lei do Senhor é perfeita” e que “os preceitos do Senhor são retos” (Sl 19.7,8). Nesses mandamentos, ele experimenta o amor de Deus e, assim, pode expressar seu amor por Deus e pelo próximo.

Por que o crente obedece à lei de Deus? Ele a obedece porque assim pode mostrar gratidão a Deus. A lei de Deus, portanto, é uma regra de gratidão para o crente.

Palavras, frases e construções do grego em 2.8-11

Versículo 8

εἰ μέντοι – a partícula εἰ introduz um fato simples condicional que retrata a realidade. A partícula μέντοι é uma partícula de afirmação e significa “realmente”. Nesse versículo, a partícula não deve ser considerada como o adversativo *todavia*.

νόμον τελεῖτε βασιλικόν – tanto o substantivo quanto o adjetivo não têm artigo definido. Portanto, o adjetivo pode ser considerado um adjetivo atributivo. “Conseqüentemente, a tradução mais provável parece ser ‘cumprir a lei régia’ (especialmente tendo em vista a referência que Cristo faz a essa lei em Mt 7.12 e 22.40)”.²³

ἀγαπήσεις – gramáticos chamam essa forma verbal de futuro volitivo.²⁴ A forma, porém, é equivalente a um imperativo.

23. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 418. Porém, C. F. D. Moule discorda: “A alternativa estritamente correta, *observais a lei como sendo suprema*, é menos provável por causa do contexto”. *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 108.

24. Por exemplo, Robertson, *Grammar*, p. 874; E. D. Burton, *Moods and Tenses of New Testament Greek* (Edimburgo: Clark, 1898), p. 67.

Versículo 9

ἐργάζεσθε – este indicativo do presente médio na apódose com o presente ativo do indicativo na prótase de um fato simples condicional (εἰ; ver também v. 8) retrata o verdadeiro contexto. Observe a expressão grega *trabalhar o pecado*.

ἐλεγχόμενοι – como particípio do presente passivo, essa forma está em aposição com o verbo ἐργάζεσθε. A frase preposicional ὑπὸ τοῦ νόμου denota o agente, a ponto de νόμος ter uma qualidade pessoal.

Versículo 10

τηρήση, πταίση – introduzidos pelo pronome relativo indefinido ὅστις (qualquer um), esses dois verbos formam a prótase de uma cláusula relativa indefinida que é equivalente a uma oração condicional. A partícula ὅν não está presente, mas os subjuntivos ativos aoristos τηρήση (de τηρέω, eu guardo) e πταίση (de πταίω, eu tropeço) deixam implícitas possibilidade e probabilidade.

γέγονεν – o perfeito indicativo ativo do verbo γίνομαι (eu me torno) é um presente perfeito atemporal que projeta o futuro.²⁵

Versículo 11

ὁ γὰρ εἰπὼν – essa é uma forma típica judaica de evitar usar o nome de Deus.

οὐ – o advérbio de negação οὐ no lugar da forma normal μή em um fato simples condicional indica ênfase.

4. Mostrem misericórdia

2.12,13

Num breve resumo, Tiago define com eloquência o que já escreveu no final do capítulo anterior (1.26,27): palavras que não são acompanhadas de ação não valem nada. Ele exorta os leitores a falar e agir dentro da liberdade que a lei do amor lhes oferece.

25. Robertson, *Grammar*, pp. 897, 898.

12 Falem e ajam como aqueles que serão julgados pela lei que concede liberdade, 13 pois, a qualquer um que não tiver sido misericordioso, será mostrado julgamento sem misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo!

Ao longo de toda a sua epístola, Tiago usa o discurso direto na forma de imperativos. Às vezes, esses imperativos são um tanto atenuados por uma palavra carinhosa, como, por exemplo, “amados irmãos”. Esse não é o caso aqui.

a. “Falem... ajam”. Uma tradução mais literal é “assim falai e assim procedei”. Tiago não está interessado no conteúdo da palavra falada, mas no ato de falar. Ele diz aos leitores que devem juntar palavras e obras. Como cristãos, devem olhar para sua vida sob a perspectiva de serem julgados. Os olhos de Deus estão constantemente sobre eles, “e não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13).

b. “Aqueles que serão julgados”. Os cristãos devem sempre olhar adiante, pois suas palavras e obras testificam a seu favor ou contra eles. Tiago diz que, se você obedece à lei régia, faz bem (v. 8). Além disso, as Escrituras ensinam que cada pessoa terá de apresentar-se diante do Juiz de toda a terra (compare com Gn 18.25; Sl 7.8; 75.7; 96.10,13; Mt 16.27; At 10.42; 2Co 5.10). Todas as palavras que o ser humano profere e todos os atos que realiza serão julgados pela lei de Deus. O julgamento virá e será inescapável.

c. “Pela lei que concede liberdade”. A medida que Deus emprega é sua lei. Tiago repete uma afirmação feita anteriormente (ver 1.25) quando se refere à “lei que concede liberdade”, deixando implícito que a lei não deve ser entendida como uma lista legislativa de regras e regulamentos.²⁶

A lei é perfeita e completa. Ela se expressa no “amor perfeito” que flui de Deus para os seres humanos e dos seres humanos para Deus e para o seu próximo. Na liberdade da lei do amor, o filho de Deus se desenvolve.

Assim, o cristão não vive debaixo do medo da lei, mas na alegria dos preceitos de Deus. Enquanto fica dentro dos limites da lei de Deus, ele goza de completa liberdade, mas, no momento em que

26. Curtis Vaughan, *James: A Study Guide* (Grand Rapids: Zondervan, 1969), p. 53.

ultrapassa um desses limites, torna-se escravo do pecado e perde sua liberdade. O cristão, portanto, avalia cada palavra que fala e cada ato que realiza tendo como medida a lei de Deus. Sua vida toda é governada pela lei do amor.

d. “Será mostrado julgamento sem misericórdia”. Nesses versículos, Tiago desenvolve a seqüência de lei, transgressão, julgamento e misericórdia. Ninguém é capaz de observar a lei perfeitamente, pois todos transgridem a lei e pecam. A consequência inevitável para o pecador é que ele terá que se apresentar diante do julgamento de Deus, e aquele que é culpado perante o Juiz suplica por misericórdia. Thomas Raffles transformou essa súplica em verso:

Senhor, como o publicano, eis-me aqui,
E ergo meu coração para ti;
Tua graça perdoadora, ó Deus, mandai,
Misericórdia a mim mostrai.

Em resposta à pergunta de Pedro sobre perdoar-se um irmão que pecou, Jesus contou a parábola do servo que recebeu misericórdia do rei, mas não teve misericórdia de seu próximo. Quando o rei soube que o homem que havia sido perdoado não mostrou misericórdia para com seu servo, disse: “Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu *compadecer-te* do teu servo, como também eu me compadeci de ti?” (Mt 18.32,33).

Quando pedimos a ele, Deus nos concede misericórdia livremente, mas ele espera que o imitemos. Quando nos recusamos ou deixamos de estender essa misericórdia ao nosso próximo, Deus não a concede a nós e, ao invés disso, dá-nos julgamento sem misericórdia.

e. “A qualquer um que não tiver sido misericordioso”. Na parábola do servo incompassivo (Mt 18.21-35), Jesus nos ensina que o exercício da misericórdia não consiste em fazer justiça ocasionalmente para demonstrar bondade. Pelo contrário, Jesus nos intima a aplicar tanto a misericórdia como a justiça. Muitas vezes, quando mostramos misericórdia abandonando a justiça, recebemos o louvor de Deus e dos outros.²⁷ Certamente recebemos a bênção de Deus nas palavras da co-

27. Simon, J. Kistemaker, *The Parables of Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 68. “Com excessiva freqüência vemos a justiça como a norma que deve ser aplicada rigorosamente, e misericórdia como um ocasional esquecimento da norma”.

nhecida bem-aventurança: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5.7), mas a misericórdia precisa ser praticada juntamente com a justiça. Devemos considerar a misericórdia e a justiça como normas iguais e aplicar ambas. A misericórdia não exclui a justiça, e a justiça não anula a misericórdia. Porém, se a justiça triunfa às custas da misericórdia, Deus emite justiça sem misericórdia.

f. “A misericórdia triunfa sobre o juízo”. Como a misericórdia é estendida para aqueles que precisam dela? Na última parte do segundo capítulo, Tiago oferece um exemplo quando faz referência a Raabe. Quando os espias israelitas bateram à sua porta, ela os recebeu, acolheu-os em sua casa, protegeu-os do perigo e mostrou misericórdia para com eles. Quando o exército israelita destruiu Jericó, a família de Raabe, por sua vez, obteve misericórdia. Mais do que isso, Raabe, que era uma mulher gentia e prostituta, experimentou a verdade da misericórdia triunfando sobre a justiça.²⁸

Considerações doutrinárias em 2.12,13

Por meio da história bíblica, ficamos sabendo de tristes relatos nos quais o povo de Deus não obedeceu à lei do amor, negando a misericórdia. Nos dias dos profetas, por exemplo, Deus disse aos israelitas impenitentes que ele exigia misericórdia, e não sacrifícios (Os 6.6). Em seguida, Miquéias fez uma pergunta que continha sua resposta: “O que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?” (6.8). E, por fim, Deus falou por meio do profeta Zacarias: “Executai juízo verdadeiro, mostrai bondade e misericórdia cada um a seu irmão” (7.9). Mas os judeus se fizeram surdos para as instruções de Deus e endureceram o coração. A pessoa que se recusa a oferecer misericórdia experimentará a justiça de Deus sem misericórdia.

Porém, o ser humano não pode apossar-se da misericórdia de Deus ao realizar obras de misericórdia. Ela não é merecida, mas é

28. William Dyrness, “Mercy Triumphs Over Justice: James 2.13 and the Theology of Faith and Works”, *Themelios* 6 (3, 1981): 14.

sempre concedida quando é buscada. Se fôssemos capazes de recebê-la merecidamente, deixaria de ser misericórdia. Devemos olhar para aquele que a concede a nós. “A misericórdia não triunfa às custas da justiça; o triunfo da misericórdia se baseia na expiação trazida pelo Calvário”.²⁹ O cristão sabe que, no dia do julgamento, a misericórdia triunfará sobre a justiça por causa da obra meritória de Cristo.

Palavras, frases e construções do grego em 2.13

Versículo 13

κρίσις – a oração começa e termina com o substantivo *juízo*. As duas orações gregas desse versículo encontram-se na forma proverbial. Observe que a negativa aparece duas vezes na primeira oração: *ἀνέλεος* (sem misericórdia), seguida de *μὴ ποιήσαντι ἔλεος* (sem exercerem misericórdia).

14 De que vale, meus irmãos, se um homem afirma que tem fé, mas não tem nenhuma obra? Pode tal fé salvá-lo? 15 Suponham que um irmão ou irmã esteja carecendo de vestimentas e do alimento diário. 16 Se um de vocês lhe disser: “Vá, desejo-lhe tudo de bom; fique aquecido e bem alimentado”, mas não fizer nada sobre suas necessidades práticas, de que vale isso? 17 Assim, também, a fé, por si só, se não for acompanhada de ação, é morta.

18 Mas alguém dirá: “você tem fé; eu tenho obras”.

Mostre-me sua fé sem obras e eu lhe mostro minha fé através daquilo que faço. 19 Vocês crêem que há um só Deus? Ótimo! Até os demônios crêem nisso e estremecem.

20 Homem tolo, você quer provas de que a fé sem obras é inútil? 21 Nosso antepassado, Abraão, não foi considerado justo por aquilo que fez quando ofereceu seu filho Isaque no altar? 22 Você vê que a fé e as ações dele estavam trabalhando em conjunto e sua fé foi completada por aquilo que ele fez. 23 Cumpriu-se a Escritura, que diz: “Abraão creu em Deus e isso foi atribuído a ele como justiça”, e ele foi chamado amigo de Deus. 24 Vocês vêem que uma pessoa é justificada por aquilo que ela faz, e não somente pela fé.

25 Também desse modo não foi até mesmo Raabe, a prostituta, considerada justa por aquilo que fez, quando hospedou os espias e os mandou embora numa outra direção? 26 Assim como o corpo sem o espírito é morto, também a fé sem obras é morta.

29. D. Edmond Hiebert, *The Epistle of James: Tests of a Living Faith* (Chicago: Moody, 1979), p. 172. Consultar também Calvino, *James*, p. 308; Vaughan, *James*, p. 54.

B. Fé e Obras 2.14-26

1. Fé sem obras 2.14-17

A carta que Tiago escreveu está viva. Ela se identifica com qualquer leitor, independente de época, cultura, idade e raça. Quando o escritor envolve o leitor de sua epístola na discussão e lhe faz perguntas, o leitor tem um papel real dentro de uma questão relevante. Essa questão é a fé.

14 De que vale, meus irmãos, se um homem afirma que tem fé, mas não tem nenhuma obra? Pode tal fé salvá-lo?

Tiago começa propondo duas perguntas diretas que o leitor só pode responder de forma negativa. A fé sem obras é inútil para o homem, pois não pode dar-lhe a salvação. Isso significa que a fé não salva o ser humano? Paulo escreve: “Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça (Rm 4.5).

Paulo está dizendo uma coisa e Tiago outra? De forma alguma. Na verdade, Tiago observa um lado da moeda chamada fé, e Paulo, o outro. Em outras palavras, Tiago explica o lado ativo da fé, e Paulo, o lado passivo.³⁰ De certo modo, os escritores dizem a mesma coisa, mesmo encarando a fé por perspectivas diferentes. Paulo se dirige ao judeu que procura obter a salvação obedecendo à lei de Deus. Para ele, Paulo diz: “Não são as obras da lei, mas a fé em Cristo, que produz a salvação”. Tiago, pelo contrário, dirige seus comentários à pessoa que diz ter fé, mas não a coloca em prática.

30. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 599. De acordo com Guthrie, “pode muito bem ser o caso de Tiago estar corrigindo um mal-entendido de Paulo ou vice-versa, mas não é possível dizer que Tiago e Paulo estão se contradizendo”. Spiros Zodhiates retrata a situação de maneira visual: “Paulo e Tiago não estão cara a cara se enfrentando, mas, sim, um de costas para o outro, enfrentando inimigos de direções opostas”. Ver *The Epistle of James and the Life of Faith*, vol. 4. *The Behavior of Belief* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), pt. 2, p. 11.

Considere os seguintes pontos:

a. *Fé sem obras.* O que Tiago quer dizer com fé? Certamente não está se referindo a uma declaração doutrinária chamada de confissão de fé, como, por exemplo, o testemunho de que *Jesus é Senhor* (1Co 12.3). A diferença entre expressar-se fé numa confissão – recitando o Credo dos Apóstolos – e confessar nossa fé ativamente em palavras e obras é que a fé expressa numa confissão pode resultar apenas em concordância intelectual sem obras para confirmá-la. É isso que Tiago tem em mente quando pergunta: “De que vale, meus irmãos, se um homem afirma que tem fé, mas não tem nenhuma obra?”.

Tiago é específico. Declara: “se um homem afirma que tem fé”. Ele deixa subentendido que a fé dessa determinada pessoa não é uma confiança autêntica em Jesus Cristo. Na realidade, a afirmação feita por essa pessoa é vazia. Se ela só assente com as palavras de uma declaração doutrinária, sua fé é intelectual, estéril e sem valor.³¹

A fé em Deus por meio de Jesus Cristo é uma certeza que flui de nosso coração, emana até nossa mente e é traduzida em obras. A fé vibrante, de palavras e obras, dita e realizada por amor a Deus e ao nosso próximo, é que nos salva.

15 Suponham que um irmão ou irmã esteja carecendo de vestimentas e do alimento diário. 16 Se um de vocês lhe disser: “Vá, desejo-lhe tudo de bom; fique aquecido e bem alimentado”, mas não fizer nada sobre suas necessidades práticas, de que vale isso?

b. *Palavras sem obras.* Para Tiago, fé e amor andam juntos. Ele usa uma ilustração clara para retratar não um estranho ou um próximo, mas um “irmão ou irmã”.

Esse irmão ou essa irmã no Senhor “pertencem à família da fé” (Gl 6.10) e voltam-se com desejosa expectativa para os membros da igreja em sua hora de necessidade. Tiago escreve que esse irmão ou irmã não tem roupas, isto é, está mal-vestido e carece do alimento cotidiano. A situação é desesperadora, especialmente no tempo de frio.

31. Tanto Tiago quanto Paulo afirmam que a concordância intelectual sem nenhum envolvimento real não pode salvar, pois tal fé é morta. Ver A. E. Travis, “James and Paul. A Comparative Study”. *SWJournTheol* 12 (1969): 57-70.

Qual é a resposta a essa necessidade? “Se um de vocês”, diz Tiago, “que age como porta-voz, proferir apenas palavras vazias para os desesperados, mas recusar-se a ajudar, de que valerá essa pessoa dizer que tem fé?” As palavras são rebuscadas: “Vá, desejo-lhe tudo de bom”. Essa é a típica forma de despedida hebraica que aparece várias vezes nas Escrituras e nos apócrifos (Jz 18.6; 1Sm 1.17; 20.42; 29.7; 2Sm 15.9; 2Rs 5.19; Mc 5.34; Lc 7.50; At 16.36; Judite 8.35). A saudação é mais ou menos equivalente ao nosso até logo (N.T. – No inglês, “good-bye” – “*God be with you*”, “Deus esteja com você”).

Vejo a observação *Vá, desejo-lhe tudo de bom* resumida no ditado popular *Deus ajuda a quem se ajuda*, isto é, deixar que um irmão ou irmã com frio e faminto tire a si mesmo do buraco puxando pelos próprios cabelos. “Fique aquecido e bem alimentado”. Se o irmão ou irmã miserável se esforçasse, teria muita comida e roupas suficientes para vestir, e Deus os abençoaria.

A ironia de toda essa situação está no fato de a pessoa que fala raciocinar do seu próprio ponto de vista, pois ela própria tem roupas adequadas para proteger seu corpo do frio e comida suficiente para manter-se bem alimentada. Ela, porém, é quem profere palavras vazias, que não lhe custam nada, e que nada significam para o ouvinte.

Se essa pessoa não toma nenhuma atitude sobre as necessidades físicas de seu irmão ou irmã, de que vale a sua fé? Tiago dá a resposta no versículo seguinte.

17 Assim também, a fé por si só, se não for acompanhada de ação, é morta.

c. Fé que está morta. Por vezes, os cristãos proclamam o evangelho do Senhor sem ter qualquer consideração pelas necessidades físicas de seus ouvintes. Falam às pessoas sobre a salvação, mas parecem se esquecer de que os miseráveis precisam de roupas e comida a fim de que o evangelho se torne relevante. A menos que palavras e obras andem juntos, a menos que a pregação do evangelho seja acompanhada de um programa de ação social, a menos que a fé seja demonstrada por meio do cuidado amoroso e preocupação, ela está morta.

Ao contar a parábola do semeador, Jesus fez distinção entre a fé temporária e a verdadeira fé. A fé temporária é como a semente que

cai em solo pedregoso; ela não tem raízes e dura pouco tempo (Mt 13.21). Tal fé termina numa morte inevitável.

A verdadeira fé, ao contrário, é como o grão que cai em solo fértil e produz colheita abundante. A verdadeira fé está firmemente arraigada no coração do crente.

Nesse versículo específico, o autor cria um contraste entre a fé que está viva e a fé que está morta.³² Ele retrata uma fé vibrante, trazendo à memória o exemplo de Abraão oferecendo seu filho Isaque (v. 21). E ele usa um sinônimo para representar o termo *morto*. Assim, ele escreve que “a fé sem obras é *inoperante*” (v. 20, itálico nosso). A fé que está morta, portanto, ainda é fé, mas é inoperante, sem valor.

Um exemplo de fé sem valor é a fé do rei Agripa nos profetas. Por causa de sua origem, Agripa conhecia o conteúdo dos livros proféticos do Antigo Testamento. Paulo afirma que Agripa acreditava nos profetas (At 26.27). A fé intelectual, por si só, porém, está morta.

Considerações doutrinárias em 2.14-17

Para Tiago, a fé e as obras andam juntas e não podem ser separadas. A verdadeira fé resulta em obras que mostram um estilo de vida cristão distintivo e demonstram que o crente encontra-se num relacionamento de salvação com Deus. Uma fé desprovida de obras não é autêntica e, portanto, difere completamente da fé que tem um compromisso com Cristo.

Tiago dirige seu ensinamento para as pessoas que pensam que só a fé importa e que questões de fé são, na verdade, uma confissão intelectual (2.19). Tal fé objetiva, expressa numa declaração confessional, *está morta*. Ela difere da fé subjetiva, que exhibe um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. A verdadeira fé tem características subjetivas e objetivas. Subjetivamente, o cristão coloca sua fé em Deus porque sabe que Deus recompensa a pessoa que o procura diligentemente (Hb 11.6). Ele aprendeu que “tudo o que não provêm de fé é pecado” (Rm 14.23). Sua fé se expressa no amor a Deus e ao seu

32. Consultar Ropes, *James*, p. 207.

próximo, de modo que, objetivamente, seus atos são um testemunho eloqüente de sua fé em Deus.

Para Paulo e Tiago, as obras são uma conseqüência natural da verdadeira fé (ver Fp 1.27; 1Ts 1.3; Tg 2.20-24). É claro que o ser humano não pode usar suas obras para alcançar o favor de Deus. Ele obtém a salvação como dádiva de Deus – pela graça e por meio da fé (Ef 2.8), “não de obras”, diz Paulo, “para que ninguém se glorie” (v. 9). Assim, por si mesmas, as obras não têm poder de salvar. De qualquer modo, no contexto em que Tiago escreve sua epístola, ele “proclama a necessidade das obras para a salvação”.³³ Tiago não está sugerindo aos seus leitores que, por meio de suas obras, eles podem ter paz com Deus. Pelo contrário, ele ensina que as obras fluem de um coração que está em paz com Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 2.14-17

Versículo 14

ἐὼν πίστιν λέγει – a ordem das palavras nessa oração é um tanto irregular, tendo em vista que o propósito é dar ênfase. A cláusula condicional com o substantivo no tempo presente enfatiza probabilidade. A partícula adversativa δέ é forte.

ἡ πίστις – o uso do artigo definido é “praticamente equivalente a um pronome demonstrativo”.³⁴ O artigo definido, portanto, significa “tal”: “pode tal fé salvá-lo?”³⁵

Versículo 15

γυμνοί – o adjetivo é o nominativo masculino no plural, apesar da palavra que o antecede imediatamente, ὀδελφή (irmã), que é o

33. Consultar Thorwald Lorenzen, “Faith without works does not count before God! James 2.14-26”, *ExpT* 89 (1978): 234. “Enquanto para Paulo as obras são uma conseqüência necessária da fé e uma parte necessária da salvação, para Tiago as obras são uma pressuposição necessária para a salvação e um elemento soteriológico decisivo sem o qual a fé é morta e não pode salvar”.

34. Hanna, *Gramatical Aid*, p. 418.

35. Moule, em sua obra *Idiom-Book*, p. 111, questiona o uso do pronome demonstrativo. Ele sugere que não é o artigo definido que deve receber a ênfase. Ele traduz como: “Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?”

nominativo feminino no singular. A combinação de *irmão* e *irmã* serve de plural e o gênero masculino tem predominância.

ὑπόρχωσιν – o subjuntivo no presente ativo expressa probabilidade. O verbo é geralmente usado como substituto para εἶναι (ser).³⁶

ἐφημέρου – o adjetivo modifica τροφῆς (comida). Temos o derivativo *efêmero*.

Versículo 16

τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν – a ordem das palavras revela ênfase.

θερμαίνεσθε – o imperativo presente *médio*, e não o passivo, expressa a idéia que se intenciona: “manter aquecido”.

χορπάζεσθε – o imperativo presente pode ser tanto *médio* como *passivo*. O *médio* nesse verbo e no que o antecede indica que os ouvintes tinham que depender de seus próprios recursos para suprir suas necessidades. O verbo χορπάζω (eu alimento, encho) tem a conotação de *comer a sua parte*.

Versículo 17

καθ' ἑαυτήν – essa expressão idiomática, traduzida como “sozinho”, deve ser considerada em conjunto com πίστις.

2. Fé, obras e credo

2.18,19

Tiago constrói cuidadosamente uma apresentação da fé e das obras. Começa com uma ilustração de um irmão ou irmã necessitado (vs. 15 a 17). Em seguida, interage com a pessoa que diz ter realizado muitas obras e que se apega ao credo (vs. 18 e 19). Finalmente, Tiago apresenta prova de que, historicamente, a fé e as ações sempre andam juntas (vs. 20 a 26).³⁷

18 Mas alguém dirá: “você tem fé; eu tenho obras”. Mostre-me sua fé sem obras e eu lhe mostro minha fé por meio

36. Bauer, p. 838.

37. W. Nicols, “Faith and works in the Letter of James”, *Neotestamentica* 9 (1975): 7-24.

daquilo que faço. 19 Vocês crêem que há um só Deus? Ótimo! Até os demônios crêem nisso e estremecem.

Dividimos esta seção em três partes:

a. *Discussão.* Não vem ao caso no momento se Tiago está discutindo com uma pessoa real ou imaginária. Ele desenvolve seu argumento da seguinte maneira:

Alguém diz: “Você tem fé; eu tenho obras”. A pessoa não quer dizer que Tiago tem fé e ela mesma tem obras. O interlocutor se refere a uma pessoa que declara ter fé, mas não tem obras, e a uma outra que insiste que tem obras, mas não tem fé. Ele separa a fé das obras.

Suponhamos que uma pessoa tenha apenas fé e a outra, apenas obras. Então, possivelmente, aquela que diz ter fé aproxima-se de Deus mais prontamente do que aquela cujo histórico mostra apenas obras. E, por causa dessa fé, a primeira pessoa considera-se superior à que não tem fé, mas obras.

b. *Desafio.* Tiago recusa-se a aceitar a divisão entre fé e obras. A verdadeira fé não pode existir separada das obras, e obras agradáveis a Deus não podem ser realizadas sem verdadeira fé.

Tiago desafia o interlocutor: “Mostre-me sua fé sem obras e eu lhe mostro minha fé por meio daquilo que faço”, ou seja, Tiago quer ver que tipo de fé o interlocutor possui. Se a fé não está arraigada num coração que crê, então essa fé não passa de uma série de palavras vazias – é sem valor. O oposto significa que a verdadeira fé está inseparavelmente unida às obras de amor. Paulo resume esse ponto sucintamente quando diz: “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6).

Apresentando mais um argumento, o interlocutor declara que a fé não é necessária. Ele defende a causa do Cristianismo prático. Argumenta que realizar boas obras é mais importante do que crer em uma determinada doutrina. Ele não percebe que suas chamadas obras de caridade não têm nada em comum com os gestos de gratidão nascidos do coração agradecido de um crente.

c. *Correção.* Tiago se dirige a todos aqueles que desejam separar a fé das obras. Ele os desafia a mostrar uma verdadeira fé sem obras ou obras sem fé e lhes diz que, em troca, ele mostrará sua fé por meio

de sua conduta, ou seja, em tudo o que ele faz, a fé é o ingrediente principal. Assim como o motor produz potência porque uma corrente elétrica passa por ele, assim também o cristão produz boas obras porque é movido pela verdadeira fé.

Essa declaração assemelha-se ao ensinamento de Jesus de que conhecemos uma árvore por seus frutos: “Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo” (Mt 7.19). Aqueles que falam, mas não agem, ouvirão Jesus dizer: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais iniquidade” (v. 23). A fé sem obras está morta.

Nesse capítulo, Tiago se refere a dois tipos de fé: a verdadeira e a suposta. A primeira é característica do verdadeiro crente, que mostra sua fé por meio de obras e “de sua boa vida” (Tg 3.13). O segundo tipo é uma demonstração de ortodoxia morta, que não passa de uma série de declarações doutrinárias que refletem com exatidão os ensinamentos das Escrituras. Os judeus, por exemplo, recitam seu credo: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4), mas se a fé consiste no mero recitar das palavras conhecidas de um credo – apesar de essas palavras estarem todas nas Escrituras – ela se tornou um exercício intelectual vazio, que nada tem em comum com a fé que brota do coração.

Tiago chega ao cerne de sua ilustração. Diz: “Vocês crêem que há um só Deus? Ótimo! Até os demônios crêem nisso e estremecem”. Todavia, nenhum anjo caído pode apropriar-se da salvação por causa de fé fatal. Do mesmo modo, aquele que concorda apenas intelectualmente com a verdade escriturística, sem mostrar envolvimento com o Deus que professa, esse é desprovido da verdadeira fé. Sua fé não passa de imaginação. Está morta. Se uma pessoa tem apenas conhecimento de que Deus é um só e não possui nenhuma vivência de fé em Deus por meio de Jesus Cristo, ela é pior que os demônios. De acordo com Tiago, os demônios crêem e tremem.

A implicação disso é que, mesmo entre os demônios, prevalece a verdade doutrinária. Eles confessaram o nome de Cristo durante o ministério de Jesus (ver Mc 1.24; 5.7; Lc 4.34). Seu conhecimento do Filho de Deus os fez estremecer, mas esse conhecimento não poderia tê-los salvo. Conhecimento sem fé não vale nada.

Comentários Adicionais

A citação. Tradutores discordam entre si quanto à extensão da citação no versículo 18. Os tradutores da New American Standard Bible, por exemplo, consideram todo o versículo 18 como palavras ditas pelo oponente de Tiago, colocando o seguinte trecho entre aspas: “Você tem fé, e eu tenho obras; mostre-me sua fé sem as obras, e eu mostrarei a você minha fé por meio de minhas obras”. A questão, obviamente, está relacionada à interpretação dos pronomes pessoais *você* e *eu* nesse versículo. Infelizmente, os manuscritos antigos não têm pontuação ou aspas e, portanto, cada tradutor e intérprete tem que tomar suas próprias decisões.

Considere a afirmação “você tem fé; e eu tenho obras”. A pessoa que faz essa afirmação está dizendo: “Você tem fé, mas eu, pelo contrário, tenho obras”? Ela continua o comentário com o desafio: “mostre-me sua fé sem as obras, e eu mostrarei a você minha fé por meio de minhas obras”? É pouco provável. As duas afirmações se contradizem caso venham da mesma pessoa. Ao que parece, o contraste no versículo 18a – “você tem fé; e eu tenho obras” – não está entre Tiago e o interlocutor, mas entre os conceitos de *fé* e *obras* exemplificados em uma ou outra pessoa. Martin Dibelius conclui: “O cerne da questão para o oponente no [versículo] 18a não é a *distribuição* de fé e obras entre ‘você’ e ‘eu’, mas a *separação total* entre a fé e as obras em geral”.³⁸

Por esse motivo, muitos tradutores e comentaristas adotaram um texto que se encontra exemplificado na Good News Bible: “Mas alguém dirá: ‘uma pessoa tem fé, outra tem obras’”. Essa tradução remove a ambigüidade dos pronomes *eu* e *você*. A objeção, porém, é que, se Tiago havia tido a intenção de assim dizer, poderia ter se expressado com muito mais clareza usando os termos *uma* e *outra*.³⁹ Ao invés disso, nos versículos 18 e 19, Tiago emprega os pronomes pessoais.

Apesar de haver dificuldades relacionadas a qualquer interpretação dessa passagem, a sugestão de se compreender o versículo 18a

38. Dibelius, *James*, p. 155.

39. Davids, *James*, pp. 123-24.

em termos de “uma” e “outra” recebe a aprovação geral. Os versículos 18b e 19 são a resposta de Tiago ao interlocutor.

O interlocutor. Quem é o interlocutor? Alguns intérpretes vêem a pessoa que fala as palavras do versículo 18a como sendo um cristão que é favorável a Tiago. É a pessoa que deseja servir de mediadora entre dois lados, um que enfatiza a fé e o outro que enfatiza as obras. “Essa pessoa gentil, que não deseja ser áspera com ninguém, sugere que há lugar tanto para aquele que enfatiza a fé quanto para o que insiste nas obras”.⁴⁰ Isso significa que a primeira palavra no versículo 18 não pode ser *mas*, pois esta é muito adversativa. Muitos intérpretes preferem o termo *sim*.⁴¹

Todavia, considerando as características da Epístola de Tiago, temos dificuldade em aceitar o argumento de que não é Tiago, e sim uma outra pessoa que se dirige aos dois lados que estão discutindo a questão de fé e obras. Ao longo de toda a epístola, Tiago é o que se dispõe a debater com seus leitores. Ele se dirige a eles, corrige-os e os encoraja⁴² e, tendo em vista sua referência ao credo, “ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4), o interlocutor a quem Tiago se dirige deve ser um cristão judeu.

Finalmente, em minha opinião, fazemos bem em evitar o dogmatismo numa área em que há tantas interpretações e soluções para os problemas. Assim, enquanto a última palavra ainda não foi dita ou escrita, as explicações continuam sendo provisórias.

Palavras, frases e construções do grego em 2.18,19

Versículo 18

ὄλλ' ἔρει τις – o advérbio ὄλλ' é o adversativo *porém*, seguido de um futuro definido do verbo ἔρω (eu direi). Para esse tipo de diálogo, ver Romanos 9.19; 11.19.

40. C. Leslie Mitton, *The Epistle of James* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 109.

41. Em suas respectivas traduções e comentários, Moffatt usa “sim” (em inglês, *yes*), Adamson e Zodhiates, “sim” (em inglês, *yea*).

42. “Introduzir um aliado que desaparece tão repentinamente quanto apareceu é um procedimento pouco provável, mesmo para escritores de menos talento”, diz Laws, *James*, p. 123.

ἐκ – essa preposição transmite, remotamente, o significado *por meio de* (consultar Rm 1.17; 3.30; 1Jo 4.6).⁴³

Versículo 19

σὺ πιστεύεις – a maioria dos editores do texto grego e grande parte dos tradutores considera essa oração uma declaração afirmativa. Outros a lêem como uma oração interrogativa.

δαίμόνια – no Novo Testamento, um plural neutro com uma conotação pessoal ou coletiva é usado com um verbo no plural.⁴⁴

3. A fé de Abraão

2.20-24

Na última parte de sua discussão sobre fé e obras, Tiago se volta para as Escrituras a fim de mostrar que, historicamente, fé e obras são dois lados de uma mesma moeda. Ele se dirige diretamente ao seu oponente e urge para que ele aprenda com os ensinamentos da Palavra de Deus.

20 Homem tolo, você quer provas de que a fé sem obras é inútil?

A linguagem usada por Tiago está longe de ser elogiosa. Ele é direto e vigoroso ao dirigir-se a ele: “Homem tolo!”⁴⁵ O fato é que as palavras de Tiago são parecidas com o comentário coloquial e um tanto desdenhoso: “Tolo!” (Mt 5.22). Na realidade, Tiago está dizendo: “Você não tem base para a sua argumentação sobre fé e obras. Suas palavras são desprovidas de verdade, são infundadas”.

Se o homem está falando de fé, certamente precisa ir até as Escrituras para aprender o que Deus tem a dizer sobre esse assunto. Tiago se impacienta com o homem que está discutindo com ele. Repreende-o de maneira muito parecida com aquela com que Jesus corrigiu os dois homens a caminho de Emaús: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” (Lc 24.25).

43. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (Nova York: Macmillan, 1967), p. 103.

44. Robertson, *Grammar*, pp. 403-4. Ver também Hanna, *Grammatical Aid*, p. 418.

45. Num artigo sobre o conceito de *vazio, vão*, Colin Brown faz referência ao seu sentido metafórico (“levianos”, Jz 9.4; 11.3), *NIDNTT*, vol. 1, p. 546. Albrecht Oepke em *TIDNT*, vol 3, pp. 659-60, também explica o uso figurativo da palavra *vazio*.

Tiago continua a reprová-lo: “Você quer provas?” Ele está dizendo: “Procure nas Escrituras e você descobrirá que a fé sem obras é morta. Considere, por exemplo, Abraão, o pai dos crentes. Olhe a história de Raabe e veja como ela agiu pela fé”.

21 Nosso antepassado, Abraão, não foi considerado justo por aquilo que fez quando ofereceu seu filho Isaque no altar?

Sempre que um judeu discutia a questão da *fé*, acabava, invariavelmente voltando-se para a fé de Abraão. Nas escolas de rabinos judeus, na literatura do período intertestamental e no Novo Testamento, os judeus discutem sua fé tomando por base Abraão.⁴⁶

Na condição de judeu, escrevendo para cristãos judeus, Tiago tem liberdade de dizer “nosso antepassado, Abraão”. Ele não está, porém, defendendo a descendência física ou o orgulho de ser parte da raça judaica, mas enfatizando o conceito de *justificação* como resultado da fé. Abraão foi considerado justo aos olhos de Deus, porque confiou nele a ponto de preparar-se para sacrificar Isaque, o filho da promessa (Gn 22.2,9).

O incidente em que Abraão passou pelo teste da fé, quando Deus lhe pediu que sacrificasse seu filho, é um dos pontos altos da vida do patriarca. Empunhando sua faca, Abraão estava prestes a cravar o instrumento de morte em seu filho Isaque. Naquele exato momento, o anjo do Senhor interveio e disse: “Agora sei que temes a Deus” (Gn 22.12). Abraão mostrou obediência irrestrita a Deus.

Tanto Tiago quanto Paulo indicam que o resultado da fé de Abraão foi a justificação, ou seja, Abraão gozou de um relacionamento reto com Deus, pois recebeu a aprovação de Deus durante sua vida.⁴⁷ O próprio Deus declarou ser Abraão justo (Gn 15.6). Tiago menciona o que Abraão fez quando obedientemente preparou-se para sacrificar seu filho Isaque no Monte Moriá, e Paulo escreve que “a fé foi imputada a Abraão para justiça” (Rm 4.9). Em outras palavras, todo judeu

46. Sir. 44.19-21, por exemplo, testifica da fé de Abraão. Jesus, nos evangelhos, e Paulo, em suas epístolas, mencionam Abraão várias vezes (ver Jo 8.37-41; Rm 4.12; Gl 3.6,7). Consultar também *Pirke Aboth* 5.19.

47. Dibelius, *James*, p. 162. No período intertestamental, Matatias, o pai de Judas Macabeus, dirigiu-se aos seus filhos em seu leito de morte: “Não foi Abraão considerado fiel quando testado, e isso lhe foi imputado para justiça?” (1Mac 2.52, RSV).

espiritualmente alerta conhecia a história do triunfo de fé de Abraão e do seu relacionamento com Deus.

22 Você vê que a fé e as ações dele estavam trabalhando em conjunto e sua fé foi completada por aquilo que ele fez. **23** Cumpriu-se a Escritura que diz: “Abraão creu em Deus e isso foi atribuído a ele como justiça”, e ele foi chamado amigo de Deus.

a. *Sua fé e suas ações.* Aqui, Tiago enfrenta seu oponente e abre as Escrituras do Antigo Testamento. Ele mostra o relato da fé de Abraão no altar do sacrifício (Gn 22) e diz: “Veja, aqui está a prova definitiva de que fé e obras andam juntas”. Fé e ação, portanto, são inseparáveis. Uma flui naturalmente da outra. As obras nascem da fé e a fé sustenta o crente em suas obras. Todos que ouvem ou lêem essas palavras de Tiago admitem, mais que depressa, que, no caso de Abraão, o pai dos crentes fez o que precisava tomando por base a fé.

b. “Sua fé foi completada”. Tiago propositadamente faz alusão ao teste de fé de Abraão, quando o patriarca recebeu a ordem de sacrificar Isaque. Mesmo não sabendo a idade de Abraão, vemos pelas Escrituras que esse é o último teste de fé para o patriarca. Quando passou por essa última prova, ouviu uma voz do céu dizendo: “Basta”. A fé de Abraão havia se consumado.

Ao longo de sua vida, Abraão havia demonstrado certeza e confiança em Deus ao viajar para a terra prometida, esperar durante décadas por Isaque, seu filho prometido, e, finalmente, mostrou sua obediência por meio da disposição de sacrificá-lo. O teste maior não havia sido a viagem ou a espera, mas preparar o sacrifício de Isaque. Matar seu único filho significava que a promessa acabaria, mas, como resume o escritor de Hebreus, “considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde, também, figurativamente, o recobrou” (11.19).

c. “Cumpriu-se a Escritura”. Notamos com interesse que Tiago toma como ponto de partida o momento de triunfo de Abraão (Gn 22) e, então, volta-se para o tempo em que Deus havia feito uma aliança com Abraão (Gn 15). Ele parece provar a fé de Abraão por meio de sua obediência e disposição de sacrificar Isaque, e então declara que se cumpriu a Escritura (Gn 15.6). Ele vai do acontecimento que des-

creve a obediência de Abraão no Monte Moriá (Gn 22) até a declaração de fé: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gn 15.6). Talvez nós devêssemos inverter a seqüência e começar com a declaração, passando depois ao acontecimento, mas Tiago começa com a experiência de Abraão no alto da montanha e conclui que esse acontecimento cumpre a declaração das Escrituras de que Abraão acreditava em Deus.

O método de argumentação de Tiago é desprovido da tradição judaica de interpretação escriturística de sua época. Tiago olha não apenas para um único acontecimento na fé de Abraão (Gn 22) como sendo cumprimento de uma declaração anterior sobre tal fé (Gn 15.6). Ao invés disso, a declaração inclui a vida toda de Abraão, e a experiência no Monte Moriá é parte dela.⁴⁸

d. “Abraão creu em Deus”. Nessa citação específica do Antigo Testamento, não aparece a palavra *obras*, porém ela fica implícita, e é assim que Tiago entende a passagem. Tiago afirma a unidade inerente entre fé e obras. “Ele defende que, apesar de nem sempre aparecerem juntas, essa é a norma”.⁴⁹

Fé e obras não são idênticas, mas também não podem ser separadas uma da outra. São como a raiz e a planta, sempre juntas e ainda assim diferentes. Cada uma tem sua função e, apesar disso, as duas formam uma unidade.

Quanto à fé de Abraão, “isso foi atribuído a ele como justiça”. Podemos associar a expressão *atribuído* com o termo *crédito* no contexto bancário. O banco nos manda um extrato pelo correio informando que determinada quantia de dinheiro foi creditada em nossa conta. Como aumentamos nosso patrimônio? De várias maneiras. Podemos ganhar mais dinheiro trabalhando por isso. Podemos colocar nosso dinheiro numa caderneta de poupança e acumular juros ou podemos receber de alguém um presente em dinheiro.

Abraão trabalhou para merecer sua justificação, recebendo assim um crédito de Deus? Certamente que não! Apesar de o contexto ser completamente diferente, Paulo, em sua epístola aos Romanos, afir-

48. Ibid., p. 164.

49. Nicols, “Fé e obras”, p. 17.

ma: “Porque se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus” (4.2). O crente não pode trabalhar para merecer sua própria justificação, pois suas obras, mesmo aquelas feitas por amor a Deus, são imperfeitas e incompletas.

Como, então, cumprem-se as Escrituras, conforme afirma Tiago? Deus não dá justificação ao homem por causa de seu conhecimento intelectual de Deus. Ele justifica o homem quando este confia plenamente em Deus, demonstra seu amor por Deus, ouve atentamente a Palavra de Deus e age de acordo com ela. Foi isso que Abraão fez quando, em fé e obediência, preparou-se para sacrificar Isaque.⁵⁰ Observe que Deus chamou Abraão de seu amigo (2Cr 20.7; Is 41.8).

24 Vocês vêem que uma pessoa é justificada por aquilo que ela faz, e não somente pela fé.

Eis a conclusão. Tiago se dirige a todos os seus leitores quando diz: “Vocês vêem”. Com referência a Abraão, ele mostrou de modo convincente que qualquer um que lança mão das Escrituras verá que Abraão agiu baseado na fé. Tiago não diz que Abraão foi justificado por causa de sua fé e obras.

Deus justifica o pecador, isto é, o pecador nunca pode justificar a si mesmo por meio de suas próprias obras. O homem também não pode contar somente com a fé, pois a fé sem obras é morta. Tiago está dizendo que fé e obras andam juntas, que não devem ser separadas e que a fé divorciada das obras não justifica a pessoa. Deus justifica o pecador que está espiritualmente vivo e que demonstra confiança e obediência.

Considerações doutrinárias em 2.20-24

Especialmente na segunda metade do capítulo 2, Tiago usa o termo *fé* com relativa frequência – 11 vezes no original. A questão é se Tiago comunica o mesmo significado cada vez que emprega essa palavra. Ele transmite sempre a idéia de verdadeira fé ou a expres-

50. Calvino, *James*, p. 316. “O homem não é justificado somente pela fé, isto é, pelo simples e vazio conhecimento de Deus; ele é justificado pelas obras, isto é, sua justiça é conhecida e provada pelos seus frutos”.

são fé, por vezes, denota fé que não é autêntica? Tiago parece dar apenas um significado à palavra: fé verdadeira. Dentro do contexto, até mesmo o versículo 14 enquadra-se nessa categoria: “se alguém disser que tem fé [verdadeira]”. Na realidade, porém, essa pessoa não tem uma fé verdadeira, pois não havia obras para prová-la.

Pode essa fé verdadeira salvar uma pessoa? Sim, pois a verdadeira fé está sempre viva e se expressa por meio de obras. Tiago não deixa implícito que uma pessoa que tem verdadeira fé pode trabalhar para merecer a salvação, pois elimina essa possibilidade no versículo 24. “Vocês vêem que uma pessoa é justificada [por Deus] por aquilo que ela faz, e não somente pela fé”. Deus justifica a pessoa tendo como base não os méritos, mas a graça (Ef 2.8).

O uso que Tiago faz da palavra *justificar* é diferente do uso feito por Paulo. Paulo interpreta o termo dentro de um contexto legal – como se o homem estivesse num tribunal. Tiago usa uma abordagem bem mais prática e diz que a pessoa que expressa sua fé por intermédio de obras é justificada por Deus.⁵¹ Nesse sentido, Tiago repete os ensinamentos de Jesus registrados no Sermão do Monte: a verdadeira fé deve resultar em obras (Mt 7.24-27).⁵²

Palavras, frases e construções do grego em 2.20-24

Versículo 20

θέλεις γινῶναι – essa estrutura é um substituto perifrástico e expressa vontade.⁵³

ὄργη – vários textos incluem a palavra νεκρά (morto), provavelmente devido aos versículos 17 e 26. O termo ὄργη (inoperante) “não é apenas fortemente sustentado... mas também pode envolver um jogo sutil com as palavras ἔργων ὄργη [ἄ ἔργη]”.⁵⁴

51. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 506.

52. Davids, *James*, p. 132. O conceito de fé e obras, à luz dos ensinamentos de Jesus, é anterior às complexas discussões de Paulo registradas em sua epístola aos Romanos.

53. Robertson, *Grammar*, p. 878. Consultar também Hanna, *Gramatical Aid*, p. 418.

54. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 681.

Versículo 22

συνήργει – o indicativo imperfeito ativo de συνεργέω (eu trabalho junto com) denota uma ação contínua no passado.

ἐκ – essa preposição é traduzida como “por meio de” (ver v. 18).

Versículo 24

ὁρᾶτε – com o imperativo presente ativo o autor volta-se do uso do verbo singular (veja βλέπεις, v. 22) para o uso da forma plural.

μόνον – no final da frase, este advérbio é enfático.

*4. Fé e justificação**2.25,26*

O segundo nome escolhido por Tiago é o de Raabe. É revelador o contraste entre Abraão, o pai dos crentes, e Raabe, a prostituta de Jericó na Antigüidade. Justamente por essa razão, Tiago apresenta Raabe como o próximo exemplo de fé e obras.

25 Também desse modo não foi até mesmo Raabe, a prostituta, considerada justa por aquilo que fez quando hospedou os espias e os mandou embora numa outra direção?
26 Assim como o corpo sem o espírito é morto, também a fé sem obras é morta.

Eis alguns pontos que precisamos discutir:

a. *Contraste.* Abraão, o pai dos crentes, serve como um exemplo impressionante de fé e obras. Podemos objetar, porém, pois nem todos somos como Abraão. É verdade, responde Tiago. Abraão demonstrou tanto fé quanto obras, mas Raabe fez o mesmo – e ela era uma prostituta.

Assim como outros autores, Tiago liga o nome de Abraão ao de Raabe para mostrar contraste.⁵⁵ Abraão é um hebreu, chamado por

55. Mateus menciona tanto Abraão quanto Raabe na genealogia de Jesus (1.2,5). O autor de Hebreus cita os dois como heróis da fé (11.8-19,31). Ao mencionar exemplos de obediência, Clemente de Roma discute a vida de Abraão e de Raabe (1 Clem. 10.1-7; 12.1-8).

Deus para tornar-se pai dos crentes. Raabe é uma gentia, moradora de Jericó, cidade destinada a ser destruída pelo exército israelita. Como homem, Abraão é o líder representante do povo que tem uma aliança com Deus (Gn 15; 17). Raabe é uma mulher, conhecida nas Escrituras como “a meretriz”.⁵⁶ Depois que Abraão foi chamado por Deus em Ur, terra dos caldeus, ele provou sua obediência a Deus durante pelo menos três décadas. O auge dessa obediência foi sua disposição em sacrificar seu filho Isaque. Raabe sabia dos planos de Deus só por meio de boatos, ainda assim ela demonstrou sua fé ao identificar-se com o povo de Deus.

Abraão e Raabe têm muita coisa em comum: Abraão mostrou sua hospitalidade para com os três visitantes celestes que vieram até ele nos carvalhais de Manre (Gn 18.1) e Raabe recebeu os dois espias hebreus que vieram até ela em Jericó (Js 2.1). Ambos eram estrangeiros entre um outro povo: Abraão vivia entre os cananeus e Raabe vivia com os israelitas. Por fim, os dois fazem parte da relação dos ancestrais de Jesus (Mt 1.2,5).

b. *Consideração.* Tiago faz uma pergunta retórica que recebe uma resposta afirmativa: “Não foi também justificada por obras a meretriz Raabe?” Certamente que sim. Na mais inferior das classes sociais encontra-se Raabe, mencionada explicitamente como “a meretriz” (Js 2.1; 6.17,22,25; Hb 11.31; Tg 2.25). Essa mulher coloca sua fé no Deus de Israel e confessa abertamente para os dois espias:

Bem sei que o Senhor vos deu esta terra, e que o pavor que infundis caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desmaiados. Porque temos ouvido que o Senhor se-cou as águas do Mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito; e também o que fizeste aos dois reis amorreus, a Seom e a Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes. Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o Senhor vosso Deus é Deus em cima dos céus e em baixo na terra (Js 2.9-11).

56. Josefo escreve que os espias hebreus foram até a hospedaria de Raabe (*Antigüidades* 5.8). O Targum Palestino descreve Raabe como a dona da hospedaria em *Josué* 2.1. Consultar D. J. Wiseman, “Rahab of Jericho”, *Tyn H Bul* 14 (1964): 8-11.

A fé de Raabe equiparou-se às suas obras. Ela protegeu os espí- as, escondendo-os no telhado de sua casa, e mandou os mensageiros do rei para fora da cidade. Ela fez um dos espí- as jurar pelo Senhor que pouparia sua família, quando os israelitas destruíssem a cidade de Jericó (Js 2.12,13), e quando, sob juramento, os homens concordaram, ela lhes mostrou o caminho para um lugar seguro. Ela os fez descer por uma corda pela janela da sua casa, situada no muro da cidade.

Fé e obras são proeminentes na vida de Raabe, e são de natureza tal que Tiago pergunta: “Não foi também justificada por obras?” Sim, é permitido a Raabe ter um lugar ao lado de Abraão, pois ela também demonstrou sua fé no Deus de Israel e agiu pela fé. Por essa razão, ela é considerada justificada. Assim como Abraão, Raabe colocou sua fé em prática no cotidiano e sob condições precárias. Deus a justificou por causa de sua fé, que é demonstrada por meio de suas obras.

c. *Cobertura*. Tiago dá destaque ao que Raabe fez. Ele supõe que seus leitores estejam familiarizados com sua fé. Seus atos é que precisam ser enfatizados: “Quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho”. O autor de Hebreus expressa a mesma idéia com palavras diferentes: “Pela fé Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espí- as” (11.31). Ele também liga a fé com as obras.

Nem o autor do livro de Josué nem o de Hebreus e nem tão pouco Tiago delongam-se no passado imoral ou nas informações erradas que ela intencionalmente deu aos mensageiros do rei em Jericó. O que importa é sua fé no Deus de Israel. Por causa de sua fé, seus pecados foram cobertos.

d. *Conclusão*. Tiago conclui sua argumentação usando uma ilustração simples. “Porque assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta”. Talvez sejamos tentados a inverter essa frase e associar o corpo com as obras e a fé com o espírito. Porém, não devemos especular sobre os detalhes dessa comparação.⁵⁷

O que temos nessa comparação não é um contraste entre fé e obras. Importa que a fé *por si só* é morta, assim como o corpo sem espírito é morto. Os leitores da epístola sabem que não devem tocar

57. Adamson, *James*, p. 134.

num corpo morto, evitando isso sempre que possível. Fica implícito que precisam também evitar uma fé que é morta, pois ela é como um cadáver.⁵⁸

A fé viva se expressa nas obras que são realizadas em obediência à Palavra de Deus. Tiago ilustra esse fato com eloqüência ao dar exemplos da vida de Abraão e de Raabe. Para ele, fé e obras formam uma unidade inseparável que pode ser comparada ao corpo e à alma do ser humano. Esses dois foram feitos para andar juntos e constituir um ser vivo.

Palavras, frases e construções do grego em 2.25,26

Versículo 25

ὑποδεξαμένη – derivado de ὑποδέχομαι (eu recebo um hóspede), esse particípio médio aoristo é causal e oferece a razão para se considerar Raabe justificada.

ἐτέρᾳ ὁδῷ – o uso do dativo denota lugar, ao invés de instrumento ou meio. A escolha de ἐτέρᾳ ao invés de ἄλλῃ (outro), distingue o caminho para os montes da estrada para o Rio Jordão.

ἐκβαλοῦσα – o particípio composto de ἐκβάλλω (eu lanço fora, mando para fora) indica que Raabe mandou os espias *para fora* de sua casa. O aoristo é causal.

Versículo 26

πνεύματος – os opostos são corpo e alma. Não faz diferença se o autor queria transmitir o sentido de *espírito* ou *fôlego* (NAB, NEB), pois o contraste é entre um corpo vivo e um morto.

Resumo do capítulo 2

O tema desse capítulo é a fé. A primeira parte do capítulo surgiu talvez de um incidente ocorrido numa reunião da igreja local. Lá, um

58. Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 370.

visitante rico recebeu a atenção e cortesia das pessoas, enquanto a um homem pobre foi pedido que ficasse em pé ou que se assentasse nesse ou naquele lugar (vs. 1 a 4). Os membros da igreja eram culpados de favorecer o rico e desprezar o pobre.

Tiago observa que aqueles que são materialmente pobres nesse mundo são espiritualmente ricos, porque Deus os escolheu para serem herdeiros do reino. Aqueles que são ricos em fé pertencem a Jesus (vs. 5 a 7).

O resumo dos Dez Mandamentos consiste de umas poucas palavras: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Tiago chama esse resumo de “lei régia” e deixa implícito que a fé em Jesus significa obediência à lei. Ele liga a fé inseparavelmente com a lei de Deus, que liberta o crente. Em seguida, ensina os leitores a exercerem misericórdia, pois a “misericórdia triunfa sobre o juízo” (v. 13).

Na segunda parte do capítulo, Tiago desenvolve a questão da *fé*. Afirma que uma fé viva se expressa no cumprimento da lei do amor. Se esse não é o caso, a fé é morta (v. 17). A fé que vem do coração se expressa por meio das obras das mãos. A religião, que é espiritual, ministra às necessidades físicas.

Alguém deseja retrucar as declarações de Tiago e faz distinção entre fé e obras. Tiago argumenta que se a fé é apenas uma virtude intelectual, então é bom saber que até os demônios crêem que existe um só Deus e estremecem (v. 19).

Tiago abre as Escrituras para provar que, historicamente, fé e obras andam juntas. Ele toma como exemplo o episódio de Abraão preparando-se para sacrificar seu filho Isaque no altar, a fim de mostrar que fé e obras formam uma unidade. Deus justifica o crente que coloca em prática a sua fé em obediência à sua Palavra (vs. 20 a 24). O segundo exemplo vem do livro de Josué. Raabe demonstra fé em Deus ao esconder os espias hebreus, poupando sua vida e mandando-os para um lugar seguro (v. 25). Em seu comentário de conclusão, Tiago emprega a imagem de um corpo sem vida, no qual não há mais espírito. Assim também é a fé desprovida de obras – ela é morta (v. 26).

CAPÍTULO 3

Controle

3.1-18

ESBOÇO

- 3.1-12 A. Uso da Língua
- 3.1,2 1. A disciplina da fala
- 3.3-8 2. Exemplos
- 3.9-12 3. Louvor e maledicência
- 3.13-18 B. Dois Tipos de Sabedoria
- 3.13-16 1. Sabedoria terrena
- 3.17,18 2. Sabedoria celestial

3 1 Não suponham muitos de vocês serem mestres, meus irmãos, pois vocês sabem que nós, que ensinamos, seremos julgados com maior rigidez. 2 Todos nós tropeçamos de muitas maneiras. Se alguém nunca está errado no que diz, é um homem perfeito, capaz de ter controle sobre todo o seu corpo. 3 Quando colocamos freios na boca de cavalos para fazê-los obedecer-nos, podemos fazer o animal todo volver. 4 Ou tomem como exemplo os navios. Apesar de serem tão grandes e de serem impulsionados por ventos fortes, são dirigidos por um leme muito pequeno para onde quer que o piloto deseje ir. 5 Assim também a língua é uma parte muito pequena do corpo, mas vangloria-se de grandes coisas. Vejam como uma enorme floresta é incendiada por uma pequena fagulha. 6 A língua também é fogo, um mundo de perversidade entre as partes do corpo. Corrompe a pessoa como um todo, incendeia todo o rumo de sua vida e ela própria é incendiada pelo inferno. 7 Todos os tipos de animais, aves, répteis e criaturas do mar estão sendo e foram domados pelo homem, 8 no entanto nenhum homem é capaz de domar a língua. Ela é um mal desinquieto, cheio de veneno mortal. 9 Com a língua louvamos nosso Senhor e Pai e com ela amaldiçoamos homens que foram criados à semelhança de Deus. 10 Da mesma boca saem o louvor e a maldição. Meus irmãos, isso não deve acontecer. 11 Pode da mesma fonte jorrar água doce e água salgada? 12 Meus irmãos, pode uma figueira dar azeitonas ou uma vinha dar figos? Também de uma fonte de água salgada não pode jorrar água doce.

A. Uso da Língua

3.1-12

1. A disciplina da fala

3.1,2

Que efeito as nossas palavras têm sobre aqueles que nos ouvem? Estamos falando a verdade em amor? Controlamos nossa ira e, especialmente, nossa língua? Davi sabia que, sozinho, não podia refrear sua língua. Assim, ele pedia a Deus para ajudá-lo, ao orar com sinceridade: “Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios” (Sl 141.3).

1 Não suponham muitos de vocês serem mestres, meus irmãos, pois vocês sabem que nós, que ensinamos, seremos julgados com maior rigidez. 2 Todos nós tropeçamos de muitas

maneiras. Se alguém nunca está errado no que diz, é um homem perfeito, capaz de ter controle sobre todo o seu corpo.

À primeira vista, Tiago parece introduzir um assunto (mestres, v. 1) que não tem muito em comum com o versículo seguinte (v. 2). Porém, ao refletirmos melhor, percebemos que aqueles que ensinam o fazem verbalmente, e que seus insucessos muitas vezes estão relacionados às palavras que falam. O ensinar e o uso da língua andam juntos.

Já no primeiro capítulo de sua epístola, Tiago introduz o tópico do uso da língua:

Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem pois seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. (1.19)

Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear sua língua, antes enganando o próprio coração, sua religião é vã. (1.26)

Esse assunto é extremamente importante para Tiago. Mais do que qualquer outro autor das Escrituras, Tiago adverte claramente sobre os perigos de uma língua descontrolada. Em grande parte do capítulo 3 ele fala do refrear da língua (3.1-12), e nos capítulos seguintes diz aos seus leitores para evitarem maldizer uns aos outros (4.11,12) e falarem a verdade (5.12).

Dizemos que a conversa é fiada. Porém, expressamos-nos por meio de palavras que refletem nossos pensamentos, intenções e personalidade. As palavras que falamos influenciam aqueles que nos ouvem e, com essas palavras, ensinamos outras pessoas. Assim, nós, que somos mestres, devemos saber o que dizer, pois, de acordo com Jesus, “toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo” (Mt 12.36).

“Não suponham muitos de vós serem mestres”. A New International Version oferece uma tradução um tanto interpretativa para evitar a impressão de que Tiago está desencorajando o povo a ensinar.¹

1. Uma tradução literal (com variações) é “não vos torneis muitos de vós mestres” (NKJV, NASB, NEB, NAB, MLB, RSV, GNB). A versão JB traz “apenas alguns de vós, meus irmãos, deveis tornar-vos mestres”.

O Novo Testamento incentiva as pessoas a tornarem-se mestres das boas-novas. Jesus ordena, por exemplo, que façamos discípulos de todas as nações e os ensinemos (Mt 28.19,20), e o escritor de Hebreus repreende seus leitores por não haverem se tornado mestres depois de um período de treinamento (5.12).

Não apenas os judeus do tempo de Jesus (Mt 23.7), mas também a igreja primitiva, davam grande proeminência ao ofício do ensino. Um mestre tinha autoridade e influência, e muitas pessoas procuravam obter essa posição.² Tiago adverte seus leitores a não desempenharem o papel de mestre, a menos que estejam plenamente qualificados. Ele se inclui na discussão e chama a atenção para o resultado que acabara vindo: “sabemos que havemos de receber maior juízo”. Jesus diz: “Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus” (Mt 5.19; ver 18.6). Portanto, ensinar é uma grande responsabilidade com conseqüências duradouras, pois, no dia do julgamento, Deus pronunciará o veredito (Rm 14.10-12).

Tiago fala com empatia, como um pastor cuidadoso. Ele não se coloca em posição superior por causa de sua função de mestre. Identifica-se com os leitores quando escreve “porque todos tropeçamos em muitas coisas”, ou seja, todos nós cometemos erros, falhamos e nos entristecemos. De certo modo, somos como a criança de um ano de idade que tropeça repetidamente, levanta-se e continua a andar, mas o nosso tropeçar, apesar de não ser imediatamente fatal, é sério. Todos nós caímos em pecado e não podemos escapar de seu poder.³ O pecado rouba nossa maturidade, e o pecado que cometemos com maior freqüência é o falar descuidado.

“Se alguém nunca está errado no que diz, é um homem perfeito, capaz de ter controle sobre todo o seu corpo”. Tiago quer dizer que o ser humano é capaz de atingir a perfeição refreando a língua? Se isso

2. O título *rabino*, na verdade, significa “meu grande [mestre]”, e no Novo Testamento exige reverência e respeito. Ver SB, vol 1, pp. 916-17. Consultar também Heinrich Rengstorff, *TDNT*, vol. 2, pp. 152-59 e Klaus Wegenast, *NIDNTT*, vol. 3, pp. 766-68. Para o papel do mestre na igreja primitiva, ver At 13.1; Rm 12.7; 1Co 12.28,29; Ef 4.11; 1Tm 3.2; Tt 1.9; e o *Didache* 11.1,2.

3. As Escrituras ensinam sobre a pecaminosidade universal em várias passagens (1Rs 8.46; Sl 143.2; Pv 20.9; Ec 7.20; Rm 3.1-12,19,20,23; Gl 3.22; Tg 3.2; 1Jo 1.8-10).

fosse verdade, pessoas surdas-mudas alcançariam essa posição. Não, na primeira parte de sua epístola, Tiago indica o que quer dizer com “perfeito varão”. Ele escreve que a fé durante a provação leva à perseverança. “A perseverança deve concluir sua obra para que vocês possam ser maduros e completos, em nada deficientes” (1.4).⁴ Um homem perfeito, portanto, não é um homem sem pecado, mas aquele que chegou à maturidade espiritual, fala a verdade em amor, é cheio de sabedoria e compreensão e é capaz de manter o controle de seu corpo.

Considerações práticas em 3.1,2

Muitas faculdades e universidades foram fundadas com o propósito de preparar ministros do evangelho. Em tempos mais recentes, a ênfase da educação passou a ser dada às ciências. Ainda assim, seminários teológicos oferecem treinamento completo para o ministério pastoral. Um pastor formado por uma escola teológica, portanto, não deve se envergonhar quando é capaz de tratar corretamente a Palavra da verdade (2Tm 2.15).

Um pastor deve sempre ir ao púlpito com um sermão cuidadosamente preparado. Ele recebeu a tarefa de dar ao povo de Deus o alimento espiritual: ele é um mestre da Palavra de Deus. Se ele fracassar nessa tarefa por causa de preparo inadequado ou indolência, terá que prestar contas a Deus no dia do julgamento. O pastor e mestre da Palavra não pode se dar ao luxo de considerar seu trabalho com leviandade, ele está lidando com aquilo que é sagrado!

Talvez, sob a influência de alguns intérpretes de uma outra época,⁵ alguns estudiosos tenham entendido que o significado do primeiro versículo de Tiago 3 era equivalente à admoestação de Jesus: “Não jul-

4. O termo *perfeito*, na verdade, significa “íntegro” na Epístola de Tiago. Nas palavras de Reinier Schippers, “de acordo com Tiago, o homem que não ofende com suas palavras é íntegro e em nada deficiente”. *NIDNTT*, vol. 2, p. 63.

5. João Calvino escreve: “Não considero mestres [professores] aqueles que realizavam funções públicas na igreja, mas os que tomavam sobre si a tarefa de julgar a outros, pois tais reprovadores procuravam ser reconhecidos como mestres da moral”. *Commentaries on the Catholic Epistles: The Epistle of James*, ed. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), pp. 317-18.

gueis para que não sejais julgados” (Mt 7.1). Essa, porém, não é a intenção do versículo. Tiago está falando para mestres da Palavra – e ele inclui a si mesmo nessa categoria. Ele aponta para o peso da responsabilidade confiada aos que ensinam as Escrituras. Portanto, “não supõem muitos de vocês serem mestres”.

Palavras, frases e construções do grego em 3.1,2

Versículo 1

γίνεσθε – o imperativo presente médio é separado da partícula negativa μή (não) para dar ênfase; “de um modo geral, a forma negativa aparece diretamente antes da palavra negada”.⁶

Versículo 2

εἰ – a oração condicional fatural simples declara uma verdade por si mesma evidente: ninguém é capaz de controlar completamente sua língua. O adjetivo δυνατός é seguido de um infinitivo complementar.

2. Exemplos 3.3-8

Que ninguém jamais afirme que as palavras são insignificantes. O hino “Castelo Forte” de Martinho Lutero faz menção ao príncipe das trevas que

Com seu plano infernal
Já condenado está
Vencido cairá
Por uma só palavra.

Uma palavra pode alterar o curso da história humana. Jesus, por exemplo, proferiu as palavras *está consumado*, que em grego formam uma única palavra.

6. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 418, Consultar A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p.423.

Tiago compara a língua do homem ao freio na boca dos cavalos, ao pequeníssimo leme de um navio, à fagulha que põe em brasa uma grande floresta.⁷

3 Quando colocamos freios na boca de cavalos para fazê-los obedecer-nos, podemos fazer o animal todo volver. 4 Ou tomem como exemplo os navios. Apesar de serem tão grandes e de serem impulsionados por ventos fortes, são dirigidos por um leme muito pequeno para onde quer que o piloto deseje ir. 5 Assim também a língua é uma parte muito pequena do corpo, mas vangloria-se de grandes coisas. Vejam como uma enorme floresta é incendiada por uma pequena fagulha.

a. “Freios na boca de cavalos”.⁸ A ligação entre esse versículo e o anterior é óbvia.

O varão perfeito, que nunca erra ao falar, é capaz de “refrear também todo o seu corpo” (3.2, ver também 1.26). As ilustrações tiradas da vida cotidiana revelam que Tiago era uma pessoa que vivia próximo à natureza. Por outro lado, as ilustrações são um tanto comuns e, sem dúvida, circulavam na forma de provérbios, passados de uma geração para outra.⁹ O ponto de comparação, porém, é que um freio relativamente pequeno controla um animal grande. Então, se o homem controla cavalos potentes com pequenos freios colocados na boca desses animais, ele certamente deve ser capaz de controlar sua própria língua. Os pontos de comparação são a boca e o corpo.

b. “Um leme muito pequeno”. O segundo exemplo é ainda mais instrutivo, especialmente quando consideramos o espanto e admiração com os quais os judeus viam o poder natural do mar. Apesar de estarem à beira do Mediterrâneo, os judeus nunca foram um povo

7. A NIV segue a 26ª edição de Nestlé-Aland do Novo Testamento Grego ao começar uma divisão de parágrafo no versículo 3. O parágrafo, com exemplos e uma conclusão, continua até o versículo 6.

8. As diferentes traduções são resultado de variações do texto no começo do versículo 3. Eis algumas versões mais representativas: “Vede que colocamos freios na boca dos cavalos” (KJV); “De fato, colocamos freios na boca dos cavalos” (NKJV); “Ora, se pomos freios na boca dos cavalos” (NASB); “Quando pomos freios na boca dos cavalos” (NAB).

9. Escritores gregos da Antigüidade fazem referências frequentes ao freio na boca dos cavalos e ao leme dos navios, e muitas vezes mencionam os dois juntos.

marítimo. Para os judeus daquela época, alguns navios eram, de fato, impressionantes. Navios enormes carregavam grande quantidade de carga e muitas pessoas, como fica evidente pela descrição que Lucas faz da embarcação que naufragou (At 27).

“Ou tomem como exemplo os navios”, escreve Tiago. Essas grandes embarcações à vela, movidas por ventos fortes, são governadas por lemes muito pequenos. Quem determina a direção desses navios? O homem controla essa direção ao utilizar a força do vento a seu favor e ao fazer virar o leme do navio. O leme é uma parte muito pequena da estrutura do navio, entretanto é essencial para seguir o curso que o piloto tem em mente. Note que não é o vento forte, mas o piloto, que determina a direção do navio. O contraste está na pequenez do leme e no tamanho do navio. Portanto, se o homem é capaz de controlar o curso de uma embarcação marítima com o leme, ele deve ser capaz de controlar sua própria língua.

c. “Assim também a língua”. Antes de introduzir o terceiro exemplo, o da pequena fagulha e da grande floresta, Tiago faz um breve comentário sobre a pequenez da língua: “Assim também a língua é uma parte tão pequena do corpo, mas vangloria-se de grandes coisas”. A comparação não deve ser considerada com muita rigidez, pois a pequenez da língua é comparada com “grandes coisas”, e não com o tamanho do corpo. O freio, o leme e a língua têm a mesma característica: são pequenos e ainda assim conseguem realizar grandes coisas. A língua é capaz de se gabar de grandes coisas. Curtis Vaughan resume esse fato de modo eloquente:

Pode balançar os homens, levando-os à violência, ou pode movê-los às mais nobres ações. Pode instruir o ignorante, encorajar o rejeitado, confortar o entristecido e acalmar os que estão à morte. Ou pode esmagar o espírito humano, destruir reputações, espalhar desconfiança e ódio e levar nações à beira da guerra.¹⁰

“Vejam como uma enorme floresta é incendiada por uma pequena fagulha”. Esse é o terceiro exemplo e, num certo sentido, o melhor dos três. Uma fagulha é suficiente para incendiar toda uma floresta:

10. Curtis Vaughan, *James: A Study Guide* (Grand Rapids: Zondervan, 1969), p. 69.

carvalhos imponentes, cedros majestosos e pinheiros altos são reduzidos a tocos horríveis de madeira escurecida. Essa única fagulha pode, normalmente, ser atribuída ao descuido e negligência humanos.

Quando calculamos o prejuízo anual causado às nossas florestas pelos incêndios devastadores, a soma pode chegar a milhões, além do sofrimento e morte da vida selvagem nas áreas atingidas e que muitas vezes nem é mencionado. Porém, a referência à fagulha e à floresta é apenas uma ilustração. Assim, Tiago escreve:

6 A língua também é fogo, um mundo de perversidade entre as partes do corpo. Corrompe a pessoa como um todo, incendia todo o rumo de sua vida e ela própria é incendiada pelo inferno.

Eis a aplicação das três ilustrações – o freio do cavalo, o leme do navio e a fagulha na floresta. O texto em si, porém, não é dos mais fáceis de se explicar. Na verdade, o versículo 6 é uma das passagens mais difíceis da Epístola de Tiago. Certos estudiosos tentaram explicar o texto tirando dele algumas palavras como, por exemplo, a frase *um mundo de perversidade*.¹¹ Outros desejam acrescentar palavras para facilitar a leitura do resto do texto. É o caso da tradução siríaca desse versículo, na qual a oração mostra equilíbrio em harmonia com o versículo anterior: “A língua é fogo; como floresta é o mundo de iniquidade”.¹² Apesar de o texto apresentar vários problemas, cremos que se aplica aqui um dos dizeres de Lutero: “Deixem a palavra como ela está”. Ou seja, antes de removermos ou acrescentarmos palavras ao texto, vejamos se podemos entender a mensagem em si. Por essa razão, desejamos ficar com o texto original.

11. James Hardy Ropes sugere a possibilidade de omitir a frase *é mundo de perversidade*, mas então conclui com franqueza que “a exegese que deixa de fora as frases difíceis é uma experiência inebriante”. Ver *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*, International Critical Commentary Series (1916; ed. reimpressa, Edimburgo: Clark, 1961), p. 234. Martin Dibelius considera como uma interpretação as orações “é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo”. *James: A Commentary on the Epistle of James*, rev. Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible (Filadélfia: Fortress, 1976), p. 195. Consultar também Franz Mussner, *Der Jakobusbrief*, Herder Theologischer Kommentar zum Neuen Testament Series (Freiburg: Herder, 1967), p. 162.

12. Consultar James B. Adamson, *The Epistle of James*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), pp. 143, 158.

Observe os seguintes pontos:

a. “A língua também é fogo”. Tiago escreve: “A língua também é fogo, um mundo de perversidade entre as partes do corpo”. Ele compara a língua ao fogo no sentido de que está fora de controle e destrói tudo o que é combustível e encontra-se no seu caminho (compare com Sl 120.3,4; Pv 16.27). Ele esclarece essa comparação por meio do comentário “é um mundo de perversidade”.

Talvez a intenção de Tiago seja a de fazer contraste entre pequeno e grande: a referência a uma pequena fagulha e uma grande floresta é seguida por uma sobre a língua e o mundo de iniquidade. John Albert Bengel observa: “Assim como o pequeno mundo do homem é uma imagem do universo, assim também a língua é uma imagem do pequeno mundo do homem”.¹³ Como “órgão pequeno” do corpo, é um “mundo de perversidade” e “está situada entre as partes do corpo”. A língua é, portanto, identificada com – e em certo sentido é veículo para – um mundo completo de iniquidade que reside em meio aos membros do corpo humano. Ela conta mentiras, difama o nome de alguém, alimenta o ódio, cria discórdia, incita a luxúria e, em resumo, dá origem a muitos pecados. “São cometidos poucos pecados nos quais a língua não está envolvida”.¹⁴ Por causa de sua tendência para o mal, a língua corrompe todo o ser humano.

b. “Corrompe”. Se a frase *é um mundo de perversidade* é a primeira descrição da língua, então a oração *corrompe as pessoas como um todo* é a segunda. A palavra *corrompe* quer dizer, na realidade, “mancha”, mas deve ser compreendida simbolicamente. Uma língua perversa suja a personalidade toda. “O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro do coração dos homens é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura, ora, todos esses males vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.20-23).

13. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, ed. Andrew R. Fausset, 5 vols., 7ª ed. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 5, p. 24; Consultar também Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Zondervan, 1946), p. 115. Bauer interpreta o termo *kosmos* (mundo) como “totalidade, soma total”, p. 447.

14. Donald W. Burdick, *James*, vol. 12, the *Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), p. 187.

c. *Incendeia*. A oração seguinte parece um ditado que era comum nos países à beira do Mar Mediterrâneo. Tiago diz: “A língua... incendeia todo o rumo de sua vida”. O que Tiago quer dizer quando usa o termo *todo o rumo de sua vida*?¹⁵ Essa expressão proverbial provavelmente teve origem na Grécia antiga; nos meios judaicos, a frase se refere ao rumo geral da vida,¹⁶ isto é, o fogo consome a vida toda de uma pessoa. Além disso, a língua não só põe em chamas a existência do ser humano, mas “ela própria é incendiada pelo inferno”.

d. *A língua é incendiada*. Tiago usa a palavra *inferno* com uma conotação hebraica: Geena, o vale do filho de Hinom, nas cercanias de Jerusalém (Js 15.8; 2Rs 23.10; 2Cr 28.3; 33.6; Jr 19.2; 32.35). A princípio, Geena era o lugar de sacrifícios oferecidos a Moloque; mais tarde, era lá que se queimava lixo. Com o tempo, o nome adquiriu um outro significado: “Nos evangelhos, é o lugar de castigo na próxima vida”.¹⁷ Simbolicamente, a palavra se refere ao lugar onde habita o diabo e para o qual são banidos os condenados. Nesse versículo, fica implícito que o próprio Satanás põe em chamas a língua do ser humano.

No versículo 6, Tiago apresenta uma mensagem clara, mesmo que algumas expressões sejam um tanto problemáticas. Nos dias de hoje, elas precisam de uma explicação, mas, para os primeiros leitores da epístola, Tiago comunicou-se “com clareza retórica”.¹⁸

7 Todos os tipos de animais, aves, répteis e criaturas do mar estão sendo e foram domadas pelo homem, 8 no entanto, nenhum homem é capaz de domar a língua. Ela é um mal desinquieto, cheio de veneno mortal.

15. Eis algumas traduções representativas desta frase: “o curso da natureza” (KJV), “o ciclo da natureza” (RSV), “a roda de nossa existência” (NEB), “nosso curso desde o nascimento” (NAB) e “toda a roda da criação” (JB).

16. Muitos comentaristas escreveram extensivamente sobre esta questão, como por exemplo Ropes, *James*, pp. 235-39. Ler também os comentários de Joachim Guhrt em *NIDNTT*, vol. 1, p. 182.

17. Bauer, p. 153. O termo *Gehenna* no grego aparece apenas 12 vezes no Novo Testamento, 11 delas nos evangelhos sinóticos (Mt 5.22,29,30; 10.28; 18.9; 23.15,33; Mc 9.43,45,47; Lc 12.5).

18. Peter H. Davids, *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*, New International Greek Testament Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 144.

Tiago chega a uma conclusão sobre o refrear da língua. Com os exemplos do freio do cavalo e do leme do navio, ele mostrou a habilidade e capacidade do ser humano (vs. 3 e 4). Agora ele retrata o ser humano como governante da criação de Deus, pois ao homem foi dado o domínio sobre todas as criaturas que andam, rastejam, voam e nadam (Gn 1.26,28; Sl 8.6-8).

“Todos os tipos de animais, aves, répteis e criaturas do mar”. Não devemos esperar uma relação científica de todas as espécies de animais que o homem já foi capaz de domar. Ainda assim, Tiago os coloca em pares:

Feras e aves

Répteis e seres marinhos

O ser humano foi capaz de dominar todas essas criaturas, pois Deus deu a ele o poder de governar sobre sua grande criação. O homem continua a domar animais para seu uso e por prazer. Vemos demonstração disso em apresentações de circo, nas quais animais obedecem ao treinador que simplesmente estala um chicote, ou seus dedos, ou bate palmas. O ser humano foi dotado de uma natureza que é capaz de dominar as criaturas de Deus.

Ainda assim, o homem é incapaz de controlar sua própria língua. Quando o homem pecou, perdeu a capacidade de governar a si mesmo.¹⁹ Perdeu o controle de si mesmo e agora é governado por sua língua. O ser humano pode domar animais ferozes e poderosos, contudo não pode domar sua própria língua.

Tiago não faz exceções: “Nenhum homem é capaz de domar a língua”. Com esse comentário breve, mas enfático, Tiago repete o que já havia dito antes: “Todos nós tropeçamos de muitas maneiras. Se alguém nunca está errado no que diz, é um homem perfeito, capaz de refrear todo o seu corpo” (3.2).

O que é a língua do homem? “É um mal desinquieto, cheio de veneno mortal”. A imagem é de uma cobra venenosa, cuja língua nunca descansa e cujas presas estão cheias de veneno mortal. A língua

19. R. V. G. Tasker, *The General Epistle of James: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), p. 77.

do ser humano é instável, enganadora, inquieta. Além disso, está carregada de veneno mortífero. De todos os autores bíblicos, Tiago é o que retrata de modo mais descritivo e exato a natureza da língua do homem (compare com Sl 58.4; 140.3). É um retrato horrendo que mostra a natureza destrutiva do pecado.

Considerações práticas em 3.3-8

Há muitos provérbios sobre o uso da língua. Eis alguns deles:

Uma língua comprida é uma morte prematura [ditado persa].

Há muitos erros entre o copo e os lábios [provérbio alemão].

A língua, que não tem ossos, pode esmagar e matar.

Os livros de Salmos e Provérbios estão repletos de bons conselhos e observações pertinentes:

Refreia a tua língua do mal,
e os teus lábios de falarem dolosamente. [Sl 34.13]

Do muito falar não falta transgressão,
mas o que modera os seus lábios é prudente. [Pv 10.19].

O que guarda a boca conserva a sua alma,
mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína. [Pv 13.3]

O romancista americano do século 19, Washington Irving, comenta: “Uma língua afiada é o único instrumento de corte que, quanto mais usado, mais afiado fica”. Tiago dedica uma parte considerável de sua epístola a esse assunto. Diz: “Todos devem apressar-se em ouvir, demorar-se para falar e para irar-se.” (1.19). Todos nós podemos aprender uma lição cultural do povo chinês. Eles têm o costume de não responder a um interlocutor até que ele tenha terminado completamente de falar. Para eles, é falta de cortesia responder imediatamente, pois uma resposta apressada indica falta de reflexão e de bom senso.

Palavras, frases e estruturas do grego em 3.3-8

Versículo 3

εἰ δέ – um copista pode ter ouvido mal, causando a variação ἴδε (enxergar) ou vice-versa. Alguns manuscritos mais fracos trazem o termo ἴδου (ver), talvez por influência dos versículos 4 e 5. No contexto, as palavras εἰ δέ parecem ser mais difíceis de se explicar e são, portanto, preferidas.²⁰

τῶν ἵππων – na estrutura da oração, a posição dessas duas palavras é mais enfática. Normalmente, elas deveriam vir depois do substantivo *freios* ou mais provavelmente do substantivo *boca*.

Versículo 4

ὄντα – esse particípio presente ativo do verbo *ser* tem uma conotação concessiva: “mesmo sendo tão grandes”.²¹

ὄρμη – do verbo ὀρμάω (eu me ponho a caminho, me apresso), o substantivo aparece duas vezes no Novo Testamento (At 14.5; Tg 3.4). Aqui, significa “impulso”.

Versículo 6

ἡ γλῶσσα πῦρ – talvez essa oração devesse terminar com dois pontos, para indicar que Tiago esclarece sua afirmação *de que a língua é fogo*. A primeira descrição da língua é ὁ κόσμος τῆς ὀδικτίας (o mundo de iniquidade) e a segunda é ἡ σπιλοῦσα (aquela que contamina).

τὸν τροχόν – em todo o Novo Testamento, esse substantivo só aparece aqui. É derivado do verbo τρέχω (eu corro) e significa “roda”. Assim como outros estudiosos, Bauer pergunta se o substantivo deveria ser acentuado no penúltimo τρόχος e traduzido como “*curso* ou *rota* da existência”.²²

20. Consultar Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 681-82.

21. Robertson, *Grammar*, p. 1129. Ver também Hanna, *Grammatical Aid*, p. 419.

22. Bauer, p. 828. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 233.

Versículo 7

φύσις – Tiago repete o substantivo na forma dativa (de meio) para mostrar a superioridade humana sobre as espécies animais.

δαμόζεται – um passivo presente do verbo δαμάζω (eu domo). O tempo presente e o tempo perfeito que vem depois fazem uma distinção clara numa atividade progressiva.

Versículo 8

μεστή – o adjetivo tem seu antecedente em γλώσσαν, rege o caso genitivo ἰού (veneno) e é uma cláusula independente do verbo *ser entendido*.

θανατηφόρου – o adjetivo composto é uma combinação do substantivo θάνατος (morte) e do verbo φέρω (eu trago).

*3. Louvor e maledicência**3.9-12*

Depois de uma longa exposição sobre a natureza da língua, é de se esperar que muitos membros da igreja apresentem objeções. Eles crêem que aqueles a quem a graça de Deus tocou são capazes de controlar sua língua. Mas os cristãos que louvam o nome de Deus agem de maneira diferente daqueles que se recusam a louvar seu nome? Os cristãos falam com a língua de anjos? Dificilmente.

Na minha infância, aprendi algumas linhas de uma canção que expressa o desejo de perfeição, mas reconhece a incapacidade humana de alcançá-la.

Quero ser como Jesus,
Tão humilde e bondoso.
Suas palavras sempre ternas,
Sua voz sempre divina.
Mas não sou como Jesus
Como todos podem ver!
Ó Salvador, vem e me ajuda,
E faz-me exatamente como tu és.
Autor desconhecido

Tiago reflete sobre a incoerência do cristão ao louvar o nome de Deus e maldizer o seu próximo. Escreve:

9 Com a língua louvamos nosso Senhor e Pai e com ela amaldiçoamos homens que foram criados à semelhança de Deus. 10 Da mesma boca saem o louvor e a maldição. Meus irmãos, isso não deve acontecer.

Atente para estas observações:

a. *Contradição*. O profeta Isaías ensina o crente a louvar a Deus, o Pai:

Mas tu és o nosso Pai,
ainda que Abraão não nos conhece,
e Israel não nos reconhece;
Tu, ó Senhor, és nosso Pai;
nosso Redentor é o teu nome desde a antigüidade. [Is 63.16]

Seria de se esperar que o crente que louva a Deus em oração, confissão e cântico fosse coerente. Esse, porém, não é o caso. Com a mesma língua, o crente maldiz os outros homens, “criados à semelhança de Deus”.

Tiago lembra seus leitores do relato da criação: Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1.26). Ao contrário do resto da criação, o homem tem um relacionamento especial com Deus.²³ Além disso, se maldizemos o homem, estamos indiretamente maldizendo a Deus.²³ Além disso, se maldizemos o homem, agimos de forma contrária ao mandamento claro de Jesus: “Bendizei aos que vos maldizem” (Lc 6.28; ver também Rm 12.14).

“Da mesma boca saem o louvor e a maldição”. Esse ditado poder se originado na tradição judaica (entre o povo propenso a pronunciar maldições contra as outras pessoas) e, portanto, era significativo para os leitores da Epístola de Tiago.²⁴ De qualquer modo, cada leitor

23. Na opinião de C. Leslie Mitton, o termo *amaldiçoar* “provavelmente se refere principalmente a palavras iradas e ásperas ditas àqueles que consideramos nossos subordinados”. *The Epistle of James* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 131. Porém, se tivesse sido a intenção de Tiago dizer aos leitores que não falassem mal ou caluniassem, ele teria à sua disposição outras palavras para expressar essa idéia.

24. De acordo com Dibelius, “... todo o ponto de vista refletido nos [versículos] 9, 10a não é referente à vida dos cristãos primitivos, mas à vida da comunidade judaica”. *James*, p. 203.

dessa epístola deve reconhecer a contradição entre bênção e maldição que saem da mesma boca. “Meus irmãos, isso não deve acontecer”.

11 Pode da mesma fonte jorrar água doce e água salgada?
12 Meus irmãos, pode uma figueira dar azeitonas ou uma vinha dar figos? Também uma fonte de água salgada não pode jorrar água doce.

b. *Consideração.* Em sua carta, Tiago demonstra interesse na criação de Deus. Ele procura ilustrar seus argumentos por meio de exemplos tirados da natureza. Primeiro, chama a atenção para a água da fonte. “Pode da mesma fonte forrar água doce e água salgada?”²⁵ É impossível extrair da mesma fonte água potável e água não-potável. Em segundo lugar, Tiago se aproxima do seu leitor com dois exemplos conhecidos. Geralmente, um judeu tinha sua própria figueira e sua própria videira (1Rs 4.25); era comum ter-se oliveiras. “Pode uma figueira dar azeitonas ou uma vinha dar figos?”

Os leitores sabem que cada espécie de árvore frutífera tem seu próprio tipo de fruto. Figueiras produzem figos; oliveiras produzem azeitonas e videiras produzem uvas. O exemplo faz lembrar a pergunta feita por Jesus no Sermão do Monte: “Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” (Mt 7.16). Fazer essa pergunta é o mesmo que respondê-la.

c. *Conclusão.* Tiago responde ao repetir as mesmas palavras da primeira pergunta: “Também de uma fonte de água salgada não pode jorrar água doce”. Se, portanto, a natureza é incapaz de ir contra as funções para as quais foi criada, não deveria a língua do homem louvar ao Criador e Redentor do homem?

25. Algumas versões trazem a tradução *amarga* (KJV, NKJV); outras usam a palavra *intragável* (RSV, NEB).

Palavras, frases e construções do em 3.9-12

Versículo 9

κύριον – o Textus Receptus e o Texto Majoritário trazem a palavra θεού.²⁶ Tomando por base evidências externas e internas, os estudiosos preferem o termo κύριον.

τοὺς ἀθρώπους – o uso do artigo definido está relacionado à raça humana como classe. Na segunda vez que o artigo definido aparece, ele introduz uma cláusula explicativa que termina com o particípio ativo perfeito γεγονότας, derivado do verbo γίνομαι (eu me torno). O tempo perfeito é importante, pois se refere a um ato no passado que tem efeito duradouro no presente.

Versículo 11

μήτι – essa partícula introduz uma pergunta retórica que espera uma resposta negativa. O mesmo acontece com a pergunta retórica do versículo 12.

ὅπως βρύει – Tiago emprega essas duas palavras, que aparecem com pouca freqüência no Novo Testamento: a primeira ocorre aqui e em Hebreus 11.38; a outra somente aqui. A primeira descreve uma fissura numa rocha ou no solo, e a segunda significa “jorrar”.

13 Quem de vocês é sábio e tem entendimento? Que mostre-o através de sua boa vida, de obras realizadas na humildade que vem da sabedoria. 14 Porém, se vocês acolhem em seu coração a inveja amargurada e a ambição egoísta, não se vangloriem disso nem neguem a verdade. 15 Tal “sabedoria” não desce do céu, mas é terrena, não é espiritual, é do diabo, 16 pois, onde há inveja e ambição egoísta, lá se encontra a desordem e toda prática perversa. 17 Mas a sabedoria que vem do céu é, antes de tudo, pura; também é pacífica, circumspecta, submissa, cheia de misericórdia e bons frutos, imparcial e sincera. 18 Pacificadores que semeiam em paz cultivam uma safra de justiça.

26. Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges, *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville e Nova York: Nelson, 1982), p. 682. Além disso, algumas traduções apresentam a palavra *Deus*, ao invés de “Senhor” (Vulgata, KJV, NKJV).

B. Dois Tipos de Sabedoria 3.13-18

1. Sabedoria terrena 3.13-16

O cristão não vive isolado, mas na companhia de outros, na comunidade em que Deus o colocou. Essa comunidade é, em primeiro lugar, a igreja de Jesus Cristo. Conforme sua vocação, a igreja está no mundo para fazer brilhar a luz do evangelho.

Para atuar de modo correto em seus respectivos lugares, o cristão e a igreja precisam de sabedoria e entendimento. Na parte introdutória de sua epístola, Tiago diz ao leitor como obter sabedoria: “deve pedir a Deus, que dá generosamente a todos sem encontrar culpa, e lhe será dada” (1.5).

Ninguém pode viver sem sabedoria, pois ninguém deseja ser tolo. Assim, a sabedoria é muito bem guardada por aqueles que a têm e procurada por aqueles que dela são desprovidos. Tiago, portanto, faz uma pergunta um tanto direta:

13 Quem de vocês é sábio e tem entendimento? Que mostre-o através de sua boa vida, de obras realizadas na humildade que vem da sabedoria.

Tiago se dirige aos membros da igreja. Ele parte do pressuposto de que eles oram a Deus pedindo sabedoria, de que possuem essa virtude e de que o mundo procura neles a liderança. Sabendo, porém, que esse nem sempre é o caso para os cristãos, Tiago quer que seus leitores examinem a si mesmos.

a. *Exame.* “Quem de vocês é sábio e tem entendimento?” Uma pessoa sábia e entendida demonstra, naquilo que diz e faz, que possui sabedoria. Não está claro se Tiago deseja considerar sábios os mestres de sua época.²⁷ Se é esse o caso, vemos uma ligação direta entre o começo do capítulo (“não suponham muitos de vocês serem mestres”, v. 1) e a pergunta retórica apresentada aqui (v. 13).

27. Ulrich Wilkens escreve que “o homem sábio é o escriba pleno e reconhecido, o rabino ordenado” *TDNT*, vol. 7, p. 505.

Ao termo *sábio* Tiago acrescenta a palavra *entendido*. Isso significa que uma pessoa sábia também tem experiência, conhecimento e habilidade.²⁸ A sabedoria consiste em se ter visão interior e capacidade de tirar conclusões corretas. Um antigo provérbio resume esse fato: “Uma visão do futuro é melhor que uma visão do passado, mas a melhor visão é a interior”.

Diversas situações provam que pessoas com conhecimento não são necessariamente sábias, mas quando uma pessoa com conhecimento tem uma visão interior, ela é, de fato, sábia. Se há entre vocês alguém sábio e entendido, diz Tiago, que demonstre isso com sua vida.

b. *Demonstração*. Tiago incentiva o homem sábio a mostrar, por meio de sua conduta, que recebeu o dom da sabedoria. “Mostre-o através de sua boa vida”. Tiago parece indicar que, entre os homens cristãos, sábios e entendidos são uma minoria, pois nem todos que pertencem à comunidade cristã adquirem sabedoria. Mas os que a têm são exortados a mostrar, nas palavras e obras, que são, de fato, sábios. Tiago usa o verbo *mostrar* com o sentido de “provar”. Que o homem ofereça provas verdadeiras de que possui sabedoria e entendimento, que confirme esse fato por meio de sua conduta diária.²⁹

O que Tiago quer dizer com a expressão “condigno proceder”? Ele se refere a um comportamento nobre e louvável. É verdade que Tiago enfatiza obras realizadas em mansidão. Contudo, um homem sábio afirma sua nobre conduta por palavras e obras.

c. *Afirmção*. “Gestos falam mais alto do que palavras”. Essa verdade proverbial ressalta a necessidade de se olhar para as obras de uma pessoa a fim de constatar se elas condizem com suas palavras. O que são essas obras? Elas são realizadas num espírito humilde e amável, controlado por um espírito de misericórdia celestial?³⁰

28. Tradutores interpretam a expressão *entendido* de várias formas: “provido de conhecimento” (KJV), “astuto” (NEB) e “estudado” (JB). Os termos *sábio* e *entendido* aparecem juntos apenas nesse texto do Novo Testamento (ver também Dt 1.13; 4.6 na Septuaginta).

29. No original, a palavra *conduta* aparece 13 vezes. Comparar com Gl 1.13; Ef 4.22; 1Tm 4.12; Hb 13.7; Tg 3.13; 1Pe 1.15,18; 2.12; 3.1,2,16; 2Pe 2.7; 3.11.

30. Wolfgang Bauder observa que a humildade é “obra do Espírito Santo (Gl 5.23)... Ela se concretiza quando os homens estão ligados a Cristo e conformes à sua imagem”. *NIDNTT*. vol. 2, p. 259.

A ênfase desse versículo está na característica da sabedoria descrita como humildade. Essa qualidade também pode ser descrita como mansidão ou amabilidade. A amabilidade se expressa na pessoa que é dotada de sabedoria e que a demonstra em todas as suas obras.

Em Eclesiástico, também conhecido como Sabedoria de Jesus, Filho de Siraque, o autor relaciona alguns preceitos de humildade e diz: “Filho, age com mansidão em tudo o que fazes, e serás amado pelo homem que agrada a Deus” (Sir. 3.17, RSV).

14 Porém, se vocês acolhem em seu coração a inveja amargurada e a ambição egoísta, não se vangloriem disso nem neguem a verdade.

O oposto de um espírito amável controlado pela sabedoria é um coração repleto de “inveja amargurada e ambição egoísta”. O contraste entre esse versículo e o anterior tem um paralelo direto na epístola de Paulo aos Gálatas, onde ele menciona, entre os frutos do Espírito, “mansidão e domínio próprio” (5.23). Entre as obras da natureza pecaminosa estão “invejas... discórdias, dissensões, facções” (5.20,21).

Como pastor experiente, Tiago sabe que, entre os membros da igreja, há algumas pessoas cujo espírito é caracterizado pela inveja amargurada e por egoísmo (sentimento faccioso). Ele usa o plural *vocês* e indica, com uma oração condicional, que as evidências apontam para um fato. Em outras palavras, ele está ciente da condição espiritual de seus leitores. Se continuarem a dar lugar à inveja e ao egoísmo, serão consumidos por eles.

Tiago descreve a inveja com o adjetivo *amargurada*. Ele não explica a causa dessa inveja amargurada. Sua descrição, porém, aponta para uma transgressão do décimo mandamento: “Não cobiçarás”. Dar lugar à inveja amargurada é pecado, e estar cheio de ambição egoísta vai contra o ensinamento da lei régia: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Tg 2.8).

“... não se vangloriem disso [da inveja amargurada e sentimento faccioso], nem neguem a verdade”. As pessoas cheias de inveja e egoísmo normalmente falam sobre isso para qualquer um que esteja disposto a ouvir. Elas deveriam perceber, entretanto, que tudo o que dizem é contrariado pela verdade. Cada vez que abrem a boca para

expressar seus sentimentos, estão enganando a si mesmas. Quando Paulo admoesta os efésios para que não entristeçam o Espírito Santo, ele lhes diz: “Longe de vós toda a amargura” (4.31). Um coração que nutre “inveja amargurada e ambição egoísta” é desprovido de sabedoria lá do alto.

15 Tal “sabedoria” não desce do céu, mas é terrena, não é espiritual, é do diabo, 16 pois onde há inveja e ambição egoísta, lá se encontra a desordem e toda prática perversa.

A New International Version apresenta, corretamente, a palavra *sabedoria* entre aspas para indicar que essa sabedoria não é autêntica. O próprio texto explica de onde vem essa tal sabedoria e quais são suas características. Sua origem não é celestial, mas terrena; suas peculiaridades não são espirituais; mas, demoníacas. Tiago usa uma linguagem forte para retratar o contraste absoluto entre a sabedoria que se origina no homem e aquela que vem de Deus.

O crente que é verdadeiramente sábio ora continuamente a Deus em nome de Jesus. Na oração, ele está em comunhão com a fonte de sabedoria, pois o próprio Deus a dará liberalmente a qualquer um que lhe pedir (Tg 1.5).

O oposto também é verdade. Sem fé e oração, uma pessoa jamais pode obter verdadeira sabedoria. Suas palavras, movidas pela inveja e ambição egoísta, mostram uma espécie de pseudo-sabedoria que se origina no homem, e não em Deus. Esse tipo de sabedoria não “desce do céu, mas é terrena”.

Nesse versículo, Tiago relaciona uma série de três adjetivos em ordem descendente:

terrena

não é espiritual

é do diabo.

a. “Terrena”. O autor deseja mostrar como aquilo que é terreno está em contraste com o que Deus faz originar no céu. A besta que emerge da terra (Ap 13.11), por exemplo, desafia tudo o que é sagrado e celestial, e se o Espírito de Deus não está presente nas coisas terrenas, então ali há pecado.

b. “Não é espiritual”. Em sua primeira epístola à igreja de Corinto, Paulo discute a sabedoria que é ensinada pelo Espírito de Deus. Porém, Paulo escreve que “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14; comparar também com Jd 19). Não se deve, porém, entender o termo “não-espiritual” como desprovido de espírito.³¹

Além do mais, alguém que abandona a fé segue “a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (1Tm 4.1).

c. “É do diabo”. No versículo anterior (v. 14), Tiago diz à pessoa cujo coração está repleto de “inveja amargurada e ambição egoísta” para não negar a verdade. Se negar a verdade, porém, essa pessoa vive uma mentira que tem como origem o pai da mentira, o diabo. Tiago dá às coisas os seus devidos nomes: “Tal sabedoria não desce do céu, mas é... do diabo”.

Quando o diabo profere a mentira, é ruim. Quando usa o mundo para colocá-la em prática, é ainda pior, mas quando os membros da igreja tornam-se seus instrumentos para propagar a sabedoria diabólica, é a pior de todas as situações. A carta de Tiago deixa a impressão de que o diabo usou alguns membros da igreja.

Tiago prova seu argumento ao observar o seguinte fato: “Pois onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins”. Note a correlação distinta que, se colocada de maneira gráfica, apresenta-se assim:

onde	ai
há	há
inveja	confusão
sentimento faccioso	toda espécie de coisas ruins

Uma coisa leva inevitavelmente à outra numa seqüência de causa e efeito. Se há inveja, então há confusão.

31. Dibelius trata mais extensivamente do significado gnóstico da expressão *não-espiritual*, mas conclui que Tiago não estava dirigindo sua epístola contra os gnósticos. Ver James, p. 212.

O que é inveja? Eis uma explicação: “Inveja é o desgostar-se com ressentimento e ódio da boa fortuna ou bênção de outra pessoa”.³² Tiago chama a inveja de “amargurada” (3.14). A inveja destrói a confiança mútua, desintegra a unidade e é de criação demoníaca. Como Tiago indica, a inveja transforma-se em confusão. A expressão *confusão* “parece ter algo da conotação negativa associada à palavra *anarquia*”.³³

Além disso, o sentimento faccioso, ou ambição egoísta, invariavelmente leva a toda espécie de coisas ruins, porque seus motivos egoístas se sobrepõem e eliminam o amor a Deus e ao próximo. A ambição em si é uma força benéfica, que busca promover o bem-estar dos outros. Quando torna-se egoísta, a ambição leva à prática de coisas ruins. Ao observar a inveja e as brigas entre os coríntios, Paulo os admoesta por serem carnisais (1Co 3.3). Os crentes, pelo contrário, devem ser companheiros de trabalho de Deus.

Considerações práticas em 3.13-16

Verículo 15

Tiago cita dois tipos de sabedoria: um que é lá do alto e outro que é da terra. Ele primeiramente nos fala alguma coisa sobre a sabedoria terrena antes de explicar o significado da sabedoria celestial.

A sabedoria terrena não é, de maneira alguma, verdadeira sabedoria, pois coloca o ego do indivíduo antes de tudo e de todos. Sérios conflitos são inevitáveis quando alguém insiste claramente em ser o primeiro.

Quando permitimos que a inveja e o egoísmo penetrem no círculo familiar, logo vemos que a estabilidade do lar passa a ser seriamente ameaçada. O lar se enche, então, de tensão. A inveja e o egoísmo fazem pai, mãe e filhos ficarem desassossegados, deprecia seu testemunho de Cristo e enfraquece seu bem-estar espiritual.

32. Paul Benjamin, “Envy” em *Baker’s Dictionary of Christian Ethics*, org. Carl F. H. Henry (Grand Rapids: Baker, 1973), p. 213. Albrecht Stumpff afirma que a inveja é “o tipo de zelo no qual a pessoa não tenta ajudar os outros, mas sim fazer-lhes mal, sendo sua preocupação central o próprio sucesso” TDNT, vol. 2, p.882.

33. Ropes, *James*, p. 248.

Tome como exemplo Miriã. Ela criou enorme atrito dentro do círculo familiar de Moisés quando insistiu em ser líder de Israel (Nm 12.1,2). O atrito que causou na família e na comunidade não é muito diferente daquele que é criado pelos conflitos de personalidade entre os membros das igrejas de hoje. Esses problemas servem de sério impedimento para a eficácia do ministério de muitas congregações.

A fim de encontrar paz na igreja e na família devemos promover a reconciliação por meio da confissão de pecados, da entrega das ambições egoístas e da oração, pedindo pelo espírito de misericórdia, amor e paz de Deus.

Palavras, frases e estruturas do grego em 3.13-16

Versículo 13

τίς – esse é o pronome interrogativo *quem*, não o pronome indefinido qualquer um, precedido da partícula εἰ. A versão εἰ τις é relativamente fraca em termos de base textual, mas alguns tradutores a preferem (ver JB, NAB).

ὠαστροψῆς – do verbo composto ὠαστρέψομαι (eu me conduzo) este substantivo expressa “*vida* no que diz respeito à conduta”.³⁴

Versículo 14

ἔχετε – note a mudança do singular impessoal *quem* (v. 13) para a segunda pessoa do plural *vós* (v. 14).

μὴ κατακαυχᾶσθε καὶ ψεύδεσθε – a negativa μή junto com o imperativo, presente em ambos os verbos, implica que a ação que está ocorrendo precisa ser parada.

A frase é mista, composta da prótase de um fato condicional simples seguido de proibições com imperativos. C. F. D. Moule escreve: “Logicamente, as cláusulas imperativas deveriam estar no futuro indicativo”.³⁵ Porém, essa estrutura não é necessária, pois Tiago, na ver-

34. Thayer, p. 42.

35. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 152. Ver também Hanna, *Grammatical Aid*, p. 419.

dade, está dizendo: “Se vocês dão espaço para a inveja e ambições egoístas em seu coração [e eu sei que vocês fazem isso], parem de gloriar-se disso e parem de negar a verdade”.

Versículo 15

ἔστιν – apesar de o verbo e de o presente do particípio, καταρχομένη (descendo), estarem verbalmente um tanto distantes um do outro, ainda assim a construção é o presente perifrástico.³⁶

2. Sabedoria celestial

3.17,18

A verdadeira sabedoria tem sua origem em Jesus Cristo e, por isso, apresenta as características de Cristo no crente que a recebeu. Além disso, o crente revela essa sabedoria a todos os que estão ao seu redor – crentes e descrentes.

17 Mas a sabedoria que vem do céu é, antes de tudo, pura; também é pacífica, circunspecta, submissa, cheia de misericórdia e bons frutos, imparcial e sincera.

A verdadeira sabedoria desce do céu como dom de Deus para o crente que a pede (Tg 1.5,17). Essa sabedoria torna-se evidente quando a pessoa toma decisões que são dependentes da vontade de Deus e estão em harmonia com essa vontade. A sabedoria celeste tem sua própria característica: ela é “pura”.

Nesse texto, a pureza é a primeira de sete palavras ou frases que Tiago usa para descrever a sabedoria. Ela representa a sabedoria como imaculada, inviolada, inocente, como o próprio Cristo é puro (1Jo 3.3).

Por que a pureza é mencionada como primeira característica da sabedoria? A sabedoria que tem sua origem em Deus é pura, porque o próprio Deus é puro, isto é, santo. Assim, a expressão *pura* é sinônimo de “santa”. Comparamos a pureza com a luz que afasta as trevas, que a tudo ilumina, mas que não é influenciada por nada.³⁷ A sabedo-

36. Robertson, *Grammar*, p. 881; Moule, *Idiom-Book*, p. 17.

37. Consultar E. M. Sidebottom, *James, Jude, and 2 Peter*, Century Bible Series (Londres: Nelson; Greenwood, S. C.: Attic, 1967), p. 51.

ria celestial, portanto, entra neste mundo pecaminoso, mas não é afetada por ele.

As seis características que vêm em seguida formam três categorias, das quais a primeira tem os adjetivos *pacífica*, *indulgente* e *tratável*. Esses adjetivos representam as atitudes de uma pessoa sábia.

a. *Atitude*. O crente que exercita o dom da sabedoria celestial possui um controle de seu temperamento que expressa paz. Através de sua atitude para com os outros, ele mostra que ama a paz. A paz de Deus domina seus pensamentos, de modo que todos os que com ele se encontram vêm-no como uma torre forte. De fato, todos os seus caminhos são agradáveis e “as suas veredas [são] paz” (Pv 3.17).

Um outro atributo da sabedoria é a indulgência. A pessoa “indulgente” é justa, razoável, amável em todas as suas deliberações. Calmamente, ela junta todos os fatos antes de dar sua opinião. Ela evita colocar-se em primeiro lugar e sempre considera os outros superiores a si (Fp 2.3; 4.5).

A terceira característica nessa categoria é o ser “submissa”, ou seja, a pessoa sábia está aberta a sugestões, sempre pronta para ouvir as opiniões dos outros e disposta a aceitar admoestações e correções.

b. *Ação*. A categoria seguinte descreve a sabedoria como “cheia de misericórdia e de bons frutos”. Esses atributos implicam a pessoa sábia envolver-se com aqueles que estão ao seu redor. A pessoa cheia de sabedoria celestial coloca as palavras de Jesus em prática: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5.7; ver também Tg 2.13). Mostramos misericórdia para com as pessoas necessitadas que não a merecem: de outro modo, não seria misericórdia. Concedemos misericórdia, porque Deus mostra o caminho e espera que o sigamos (ver, por exemplo, Mq 6.8). O homem sábio está *pleno* de misericórdia. Também está repleto de bons frutos. Tiago não especifica quais são esses frutos, mas eles podem ser encontrados entre as conseqüências da religião (Tg 1.26,27).

c. *Julgamento*. A última categoria de características está relacionada ao julgamento discernidor da pessoa sábia. Tiago diz que a sabedoria é “imparcial e sincera”. Uma pessoa sábia não toma partido numa discussão quando está servindo de árbitro. Ela ouve cuidadosa

e objetivamente os argumentos apresentados a ela e oferece, então, um julgamento que é, primeiramente, imparcial e, depois, sincero. Essa pessoa sábia é capaz de evitar envolver-se pessoalmente e de não mostrar favoritismo e, ainda assim, agir sem fingimento (Rm 12.9; 2Co 6.6; 1Pe 1.22). Tal pessoa recebe o respeito da comunidade na qual vive e trabalha.

18 Pacificadores que semeiam em paz cultivam uma safra de justiça.

Ao concluir sua apresentação, Tiago parece lançar mão de um provérbio popular de sua época. Esse ditado soa como algo conhecido e faz lembrar de frases semelhantes nos livros proféticos do Antigo Testamento, das palavras de Jesus e das epístolas do Novo Testamento. Eis alguns textos:

“O efeito da justiça será paz
e o fruto da justiça repouso e segurança para sempre” (Is 32.17).

“No entanto haveis tornado o juízo em veneno,
e o fruto da justiça em alosna” (Am 6.12).

“Bem-aventurados os pacificadores,
porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9).

“Ora, aquele que dá semente ao que semeia, e pão para alimento,
também suprirá e aumentará a vossa sementeira, e multiplicará os
frutos da vossa justiça” (2Co 9.10).

“Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de
alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico
aos que têm sido por ela exercitados, frutos de justiça” (Hb 12.11).

Qual é a tarefa dos que promovem a paz? Em termos simples, eles são os que procuram unir grupos que estão em conflito e alcançar harmonia e paz. Mas, acrescento logo, também praticam a paz ao lutar para viver em paz com todos (Rm 12.18). Em resumo, farão qualquer coisa que estiver ao seu alcance para evitar disputas e promover a paz.

Uma colheita de justiça é semeada em paz por aqueles que promovem a paz. As traduções e diversos comentários trazem variações

nos termos usados. Alguns tradutores entendem que a frase *fruto da justiça* significa “uma colheita de justiça”.³⁸ Nesse caso, os termos *colheita* e *justiça* são sinônimos. Outros têm uma interpretação diferente e dizem que a frase significa “uma colheita produzida pela justiça”. Eis uma tradução representativa: “E a colheita, trazida pela justiça aos que promovem a paz, vem do semear em paz”.³⁹

Seria de se esperar que o autor dissesse que os pacificadores semeiam e colhem frutos de justiça, mas ele diz justamente o contrário: a colheita semeada em paz dá frutos de justiça. Em outras palavras, colhe-se aquilo que se plantou. Não devemos culpar Tiago por essa imprecisão, tendo em vista que na linguagem coloquial fazemos o mesmo. Na primavera de um certo ano, um jardineiro pode dizer: “Plantei melancias na semana passada”. Ele quer dizer que semeou na primavera, mas espera colher a fruta no verão.

Os que promovem a paz semeiam e colhem justiça em paz. No contexto da discussão de Tiago sobre a sabedoria celestial em contraste com a terrena, isso significa que “a justiça não pode ser produzida num clima de amargura e egoísmo. A justiça só cresce num clima de paz”.⁴⁰

Considerações práticas em 3.17,18

Apesar de afirmarmos de todo coração nosso desejo de paz no contexto da família, igreja, sociedade e nação, temos nossas reservas quando nos dizem que devemos buscar a paz a qualquer preço. Não queremos transigir sobre a verdade, pois tal transigência é o mesmo que promover a falsidade. Não podemos deixar de lado as regras de conduta tiradas das Escrituras. Assim, mantemo-nos firmes em nossa defesa da tradição cristã.

38. A NASB, por exemplo, traz: “E a semente cujo fruto é justo é semeada em paz por aqueles que fazem a paz”. Ver também Davids, *James*, p. 155.

39. A MLB (ver também a GNB). Ropes, *James*, p. 250, explica que a colheita da justiça é “a recompensa à conduta justa”. Nas palavras de D. Edmond Hiebert, “o fruto que o justo contém dentro de si é a semente que, quando plantada, produz uma safra semelhante”. *The Epistle of James: Tests of a Living Faith* (Chicago: Moody, 1979), p. 237.

40. Burdick, *James*, vol. 12, *the Expositor's Bible Commentary*, pp. 191-92.

Dentro do contexto da igreja e da sociedade, porém, os cristãos têm muitas vezes pregado o amor de Deus e citado versículos das Escrituras para apoiar sua visão, mas, na prática, mostram apenas um mínimo de amor ao próximo. Na verdade, o liberal dentro da igreja e o humanista dentro da sociedade muitas vezes demonstram mais amor por seu próximo do que a pessoa que cita capítulos e versículos das páginas da Bíblia. Infelizmente, com frequência os cristãos dão ao mundo a impressão de que estão mais interessados em lutas e em confrontos do que em paz e amor.

Durante seu ministério aqui na terra, Jesus se opôs ao pecado e censurou os líderes espirituais de Israel. Porém, os marginalizados moral e socialmente (prostitutas e coletores de impostos) experimentaram o amor do Senhor Jesus. Eles sabiam que ele era “pacífico, indulgente, tratável, pleno de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem fingimento”.

Palavras, frases e construções do grego em 3.17,18

Versículo 17

ἀγνή – esse adjetivo, derivado do verbo ὀζομαι (fico admirado), significa “moralmente puro, correto e sincero”. O uso de assonância fica evidente neste versículo: o ἀ inicial e o ἔ predominam.

Versículo 18

καρπός δὲ δικαιοσύνης – o caso de δικαιοσύνης (justiça) pode ser tanto uma aposição genitiva (definição) como um genitivo de origem.

τοῖς ποιούσιν – o caso dativo no particípio presente ativo é o dativo de vantagem.

Resumo do capítulo 3

Tiago adverte seus leitores sobre os perigos da língua que não é refreada, levando-os ao pecado e à vergonha. Ele diz aos mestres que

receberão “maior juízo” em relação aos seus ensinamentos. Ele próprio, porém, não os está julgando. Tiago percebe que, uma vez ou outra, todas as pessoas tropeçam no que dizem e, portanto, ninguém é perfeito. A pessoa que refreia sua língua controla todo o seu corpo.

Dominamos cavalos com freios relativamente pequenos, que são colocados em sua boca. Pilotamos grandes navios com um pequeníssimo leme. Por outro lado, a língua que não é controlada é um fogo que afeta todo o curso da vida. Temos muito mais dificuldade em refrear nossa língua do que em domar qualquer criatura do mundo animal. E, por fim, experimentamos a inquietação da língua quando esta louva a Deus e amaldiçoa os homens, pois isso é contraditório.

Depois da discussão sobre a língua, Tiago descreve a pessoa sábia que demonstra sabedoria através das obras que realiza. Uma pessoa cheia de inveja e sentimento faccioso nega a verdade. Essa pessoa possui sabedoria terrena, que não é espiritual e pertence ao diabo. A sabedoria divina, porém, é pura, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem fingimento.

CAPÍTULO 4

Submissão

4.1-17

ESBOÇO

- 4.1-12 A. Submissão em Vida e Espírito
- 4.1-3 1. Questionando com a motivação errada
- 4.4-6 2. Tendo amizade com o mundo
- 4.7-10 3. Aproximando-se de Deus
- 4.11,12 4. Julgando um irmão
- 4.13-17 B. Submissão à Vontade de Deus
- 4.13-15 1. Exemplo
- 4.16,17 2. Bem e mal

4 ¹ O que leva às brigas e contendas no seu meio? Acaso elas não vêm de seus desejos, que lutam dentro de vocês? ² Vocês não conseguem aquilo que querem. Contendem e brigam. Vocês não têm, porque não pedem a Deus. ³ Quando pedem não recebem, pois pedem pelos motivos errados, para que possam gastar o que receberem com seus prazeres. ⁴ Povo adúltero, vocês não sabem que a amizade com o mundo é ódio para com Deus? Qualquer um que escolhe ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus. ⁵ Ou vocês acham que é sem razão que as Escrituras dizem que o espírito que ele fez habitar em nós pende para a inveja, ⁶ mas ele nos dá mais graça? É por isso que as Escrituras dizem:

“Deus se opõe ao soberbo,
mas dá graça ao humilde”.

⁷ Submetam-se, portanto, a Deus. Resistam ao diabo e ele fugirá de vocês. ⁸ Aproximem-se de Deus e ele se aproximará de vocês. Lavem suas mãos, vocês que são pecadores, e purifiquem seu coração, vocês que são inconstantes. ⁹ Aflijam-se, pranteiem e lamentem. Transformem seu riso em pranto e sua alegria em desalento. ¹⁰ Humilhem-se diante do Senhor e ele os levantará. ¹¹ Irmãos, não maldigam uns aos outros. Qualquer um que fala contra seu irmão ou o julga fala contra a lei e a julga. Quando vocês julgam a lei, não a estão observando, mas sim servindo de juízes dela. ¹² Há somente um Legislador e um Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Quem são vocês, porém, para julgarem seu próximo?

A. Submissão em Vida e Espírito

4.1-12

1. Questionando com a motivação errada

4.1-3

É clara a ligação entre a última parte do capítulo anterior e os três primeiros versículos deste capítulo. Se a inveja amargurada e os sentimentos facciosos encheram o coração da pessoa (3.14,16), se seu princípio orientador é a sabedoria terrena, animal e demoníaca (3.15), se ela se alienou de Deus, então ela promove “desordem e toda prática perversa” (3.16). Quando isso acontece, guerras e contendas frequentes são a consequência.

1 O que leva às brigas e contendas no seu meio? Acaso elas não vêm de seus desejos, que lutam dentro de vocês?

Temos a impressão de que a igreja cristã primitiva era marcada pela paz e harmonia. Pense no tempo depois do Pentecoste, quando “da multidão dos que creram era um o coração e a alma” (At 4.32). Esse retrato da igreja, porém, vai se dissipando com o passar de uma ou mais décadas. Os destinatários da Epístola de Tiago brigam, contendem e estão cheios de sentimentos facciosos que os levam a pecar, como indica o autor no primeiro versículo do capítulo 4.

A palavra “guerra” é uma tradução literal (NKJV). É melhor que interpretemos essa passagem figurativamente, com o “sentido de luta, conflito, briga.”¹

Muitos tradutores evitam dar uma versão literal do texto grego. Na sua opinião, a expressão *guerra* aponta para uma área de conflito fora da comunidade cristã. Tiago, porém, não está descrevendo conflitos internacionais. Como pastor interessado no bem-estar espiritual de seu povo, ele se dirige “às doze tribos que se encontram espalhadas entre as nações” (1.1).

Observe que Tiago faz a pergunta penetrante: “O que leva às brigas e contendas no seu meio?”. Ele quer saber a origem dessas guerras e contendas – o uso do plural indica que eles não se limitam a um desentendimento ocasional. Assim, ele olha além dos sintomas e procura a causa desses conflitos.

Tiago responde sua própria indagação com uma pergunta retórica de resposta afirmativa: “acaso elas não vêm de seus desejos, que lutam dentro de vocês?” O termo *desejos* (note o plural) é a palavra-chave. Significa que, durante sua vida, a pessoa escolhe prazeres carnavais contrários à vontade de Deus.² Como Jesus diz na parábola do semeador, “... as demais ambições... sufocam a palavra [de Deus], ficando ela infrutífera” (Mc 4.19; ver também Lc 8.14). Com o tempo, o homem torna-se escravo dos prazeres que seu coração deseja e separa-se de Deus (Rm 1.24; 2Tm 4.3; Tg 1.14; 2Pe 3.3; Jd 16,18).

1. Consultar Colin Brown, *NIDNTT*, vol 3. p. 962.

2. Gustav Stählin, *TDNT*, vol 2, p. 921. Consultar também Erich Beyreuther, *NIDNTT*, vol. 1, p. 459.

Quando Deus não mais governa a vida do ser humano, a busca pelos prazeres assume o controle e a paz é perturbada pelas brigas e contendas freqüentes.

A New International Version apresenta o texto como *seus desejos que lutam dentro de vocês*. Outras traduções dizem “em seus membros” ao invés de “dentro de vocês”.³ Esse conflito é uma questão pessoal (dentro da própria pessoa) ou uma disputa congregacional (entre os membros de sua igreja)? Encontramos uma resposta para essa pergunta quando estudamos a palavra *membro* dentro do contexto escriturístico.

Em alguns lugares, Paulo usa a expressão *membros* para descrever a igreja como corpo de Cristo (Rm 12.4,5; 1Co 12.12,27; Ef 4.16 [partes]; 5.30). Mais estritamente, porém, essa expressão se refere não a um contexto teológico ou sociológico, mas ao corpo humano em si.⁴ Na falta de uma indicação clara do que Tiago está pensando sobre a igreja, interpretamos o termo *membros* de modo a significar corpo físico (carne) das pessoas a quem ele se dirige.

2 Vocês não conseguem aquilo que querem. Contendem e brigam. Vocês não têm, porque não pedem a Deus.

A estrutura das frases revela um certo grau de paralelismo. A grande quantidade de verbos nessas orações curtas dá força à asserção do autor de que os leitores não oram a Deus. Seu desejo de ter posses continua insatisfeito – eles “não conseguem” o que querem.

A interpretação de *matais* é problemática. Tiago deixa implícito que os leitores são, de fato, culpados de homicídio? O texto original está incorreto? Tiago está falando de modo figurativo? Ou será que a oração precisa ser pontuada corretamente? Essas são algumas das questões encaradas pelos intérpretes.

a. *Conjectura*. No século 16, Erasmo sugeriu uma mudança de apenas duas letras no verbo grego que era traduzido como “matais”.

3. Ver, por exemplo, KJV, NKJV, ASV, NASB, RSV, NAB, MLB.

4. Consultar Mt 5.29,30; Rm 6.13,19; 7.5,23; 12.4; 1Co 6.15; 12.14,18,19,20,22,25,26; Cl 3.5 [natureza]; Tg 3.5,6. Ver também Peter H. Davids, *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*, New International Greek Testament Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 157.

Com a mudança na grafia desse verbo, a tradução tornou-se “invejais”. Esse texto, portanto, traz equilíbrio ao resto da cláusula: “cobiçais e invejais”. Faz muito mais sentido do que a seqüência um tanto ilógica *matais e invejais*.

Desde o tempo em que Erasmo fez essa conjectura, seus defensores foram muitos: Martinho Lutero, William Tyndale, João Calvino, Theodore Beza, Joseph B. Mayor, Martin Dibelius, James Moffatt, James B. Adamson, Sophie Laws e vários outros.⁵

A dificuldade nessa conjectura é a falta de apoio dos manuscritos antigos. Não existe nenhum documento com esse texto. Além disso, aqueles que favorecem a conjectura ignoram uma importante regra do criticismo textual: somente quando uma palavra questionável não tem absolutamente nenhuma interpretação significativa é que se admite a conjectura.⁶ E, de fato, existem interpretações significativas do texto.

b. *Pontuação*. Manuscritos antigos em grego não têm pontuação. A tarefa do tradutor, então, é acrescentá-la nos lugares apropriados de modo que reflitam o sentido que o autor deseja transmitir. Alguns tradutores colocam um ponto final depois da palavra *matais* e assim procuram criar equilíbrio e ritmo na seqüência de orações curtas:

Cobiçais e nada tendes; matais.

E invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e fazer guerras.

Nada tendes, porque não pedis. [Ver RSV]⁷

Apesar de a palavra *e* antes de “invejais” levantar algumas dúvidas, a colocação de um ponto final depois do verbo *matais* parece ser uma solução viável para esse problema textual.⁸ Admitimos, porém,

5. Os tradutores da obra holandesa *Staten Vertaling*, de 1637, levaram a sério a conjectura e a tornaram sua tradução: “gij beidjdt” (vós invejais). Ver também *Moffatt*, que traz “vós invejais” em sua versão.

6. C. Leslie Mitton, *The Epistle of James* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), pp. 149-50.

7. Várias outras traduções para o inglês (NAB, NEB, JB, GNB, NASB) seguem essa pontuação.

8. James Hardy Ropes, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*, International Critical Commentary Series (1916; ed. reimpressa, Edimburgo: Clark, 1961), p. 254. Consultar também Sophie Laws, *A Commentary on the Epistle of James*, Harper's New Testament Commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1980), p. 169; Mitton, *James*, p. 147; Franz Mussner, *Der Jakobusbrief*, 2ª ed. Herder Theologischer Kommentar zum Neuen Testament Series (Freiburg: Herder, 1967), p. 178.

que uma interpretação literal desse verbo implica que os leitores, de fato, haviam cometido homicídio. Se, porém, interpretarmos o verbo figurativamente, evitamos a objeção de que o contexto não oferece base para uma interpretação literal.

c. *Metáfora*. Outros intérpretes entendem o termo *matais* no sentido de ódio.⁹ Fazem referência a passagens das Escrituras que equalizam homicídio e ódio (ver Mt 5.21,22; 1Jo 3.15). O contexto geral oferece amplas evidências de que o verbo *matar* deve ser entendido figurativamente, não literalmente (assim como acontece no versículo anterior [4.1], por exemplo, a expressão *brigas* é uma tradução menos literal e mais simbólica do substantivo *guerras*). Tendo em vista o contexto, portanto, aceitamos o sentido figurativo. Independente da interpretação que adotarmos, sempre haverá dificuldades de um ou outro tipo.

“Vocês não têm”. Quando o ser humano entrega as rédeas aos seus desejos, ele deixa de obedecer ao mandamento *não cobiçarás*. A cobiça controla sua vida e esse poder malévolo pode até mesmo matar (1Rs 21.1-14). Em resumo, quando a pessoa quebra o mandamento de não cobiçar, ela continua não tendo como preencher os seus desejos e, conseqüentemente, sua vida enche-se de contendas e brigas. O que está errado? Tiago nos dá a resposta.

“Vocês não têm, porque não pedem a Deus”. Nesses versículos, Tiago repete os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte. Jesus diz: “Pedi, e dar-se-vos-á; ... Pois todo que pede, recebe” (Mt 7.7,8). Deixar de pedir a Deus em oração é deixar de receber. Podemos pensar que os descrentes é que se recusam a orar, mas os crentes muitas vezes também deixam de “levar tudo a Deus em oração”. São apropriadas as palavras da oração de Hugh Stowell:

Que minha mão esqueça seu ofício
 Minha língua faça-se muda, fria e imóvel
 Que este coração constante pare de bater
 Se do propiciatório eu me esquecer.

9. *Die Heilige Schrift*, de Martinho Lutero, traz “ihr hasset” (vós odiais). Donald W. Burdick entende o verbo *matar* como “uma hipérbole para ódio”: *James*, vol. 12, the *Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), p. 193. Ver também D. Edmond Hiebert, *The Epistle of James: Tests of a Living Faith* (Chicago: Moody, 1979), p. 246.

3 Quando pedem não recebem, pois pedem pelos motivos errados, para que possam gastar o que receberem com seus prazeres.

Tiago ensina uma lição sobre a oração. Afirma que, mesmo quando oramos, não recebemos uma resposta. A causa disso não está em Deus, mas no ser humano. Quando o crente pede a Jesus qualquer coisa em seu nome, Jesus honra esse pedido (Jo 14.13,14). O contexto no qual Jesus faz a promessa, porém, fala, por um lado, da fé em Jesus e, por outro, da glória de Deus Pai, ou seja, quando o crente ora a Deus em nome de Jesus, deve não apenas crer que Deus irá ouvir e responder sua oração, deve também se perguntar se seu pedido santificará o nome de Deus, fará avançar a causa do reino de Deus e estará em harmonia com a vontade de Deus (Mt 6.9,10). Se esses forem os motivos do crente quando ora, Deus lhe concederá o seu pedido.

Muitas pessoas nem se dão ao trabalho de orar. Se oram, vão até Deus com os motivos errados. Falta-lhes fé. Paulo diz: “Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14.23). O escritor aos Hebreus é ainda mais direto: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). Como pode uma pessoa saber ao certo se tem fé em Deus se ela nunca ora a Deus? Como pode ela esperar que Deus atenda sua oração se ela se recusa a obedecer à injunção apostólica, “orai sem cessar” (1Ts 5.17)?

Deus se recusa a ouvir aqueles que buscam sofregamente seus prazeres egoístas. A ganância é idolatria, e isso é abominação aos olhos de Deus. Deus não ouve as orações que vêm de um coração cheio de motivos egoístas. Ganância e egoísmo são insultos para Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 4.1-3

Versículo 1

πόθεν – Tiago repete esse advérbio de lugar que significa “de que lugar”. O sufixo –θεν mostra o movimento de afastar-se de um determinado lugar: ἐντεῦθεν, desse lugar.

πόλεμοι καὶ... μάχαι – o sentido literal é “guerras e batalhas”, mas, como descrição de relacionamentos interpessoais, as palavras significam “brigas e contendas”. Observe a ordem invertida dos verbos μάχεσθε καὶ πολεμεῖτε no versículo seguinte.

Versículo 2

διὰ τὸ μὴ αἰτεῖσθαι ὑμᾶς – a preposição διὰ expressa causa. Na construção de infinitivo articular, o pronome ὑμᾶς serve como sujeito de αἰτεῖσθαι. O uso da voz média está resumido na tradução *pedis mal para vós mesmos*, no versículo seguinte.¹⁰

*2. Tendo amizade com o mundo**4.4-6*

Como todo motorista sabe, sair da sua faixa é perigoso, pois ele foi ensinado a ficar do seu lado da estrada. Essa é uma regra de trânsito básica para dirigir de modo seguro.

Um cristão também não pode sair da linha. Ele não pode ser um amigo de Deus e um amigo do mundo, pois “ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará o outro” (Mt 6.24). Um cristão não pode buscar suas ambições egoístas e ainda assim permanecer leal a Deus. Na verdade, quando ele se volta para os prazeres deste mundo, dá as costas para Deus.

4 Povo adúltero, vocês não sabem que a amizade com o mundo é ódio para com Deus? Qualquer um que escolhe ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus.

Observe os seguintes pontos:

a. “Povo adúltero”. A New International Version torna o texto direto e pessoal com o pronome *vocês* (“vocês, adúlteros”). No original, a primeira palavra é uma forma de tratamento e significa “adúlteros”.¹¹ É difícil interpretar essa expressão literalmente, especialmente

10. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 805. Ver também Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 419.

11. Pelo menos duas traduções para a língua inglesa (KJV, NKJV) trazem o termo *adúlteros e adúlteras*. Bruce M. Metzger escreve: “Quando, porém, os copistas entenderam a palavra [adúlteras] no sentido literal, ficaram perplexos por que só as mulheres eram mencionadas e, portanto, consideraram correto acrescentar uma referência também aos homens”. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 683.

quando o contexto indica que Tiago não está apresentando uma questão moral. Assim como nos versículos anteriores (4.1-3), é preciso que compreendamos a expressão *adúltero* figurativamente, ou, para ser mais exato, espiritualmente.

Tiago está escrevendo para cristãos judeus que estão familiarizados com o termo *adúltera* quando aplicado ao relacionamento matrimonial entre Deus como marido e o seu povo como esposa infiel. Por exemplo, Deus disse ao profeta Oséias: “Vai, toma uma mulher de prostituições, e terás filhos de prostituição; porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor” (Os 1.2).

Jesus chama os fariseus, saduceus e intérpretes da lei de “geração má e *adúltera*” (Mt 12.39; 16.4; e ver Mc 8.38; *itálico* nosso). Além disso, Jesus se refere a si mesmo indiretamente como o noivo (Mt 9.15 e paralelos) e Paulo diz que Cristo é o esposo da igreja (2Co 11.2; Ef 5.22-25; consultar também Ap 19.7; 21.9).

b. “A amizade do mundo é ódio para com Deus”. Tiago faz essa colocação na forma de pergunta e apela para o conhecimento intuitivo do leitor. Que esposo permite que sua esposa tenha um relacionamento ilícito com outro homem? E o que pensar de uma esposa que abre mão do amor matrimonial para envolver-se em relações adúlteras? Qual você acha que é a reação de Deus quando um crente se apaixona pelo mundo? Deus é zeloso (Êx 20.5; Dt 5.9), ele não tolera qualquer amizade com o mundo.

O que significa a palavra *mundo*? Ela representa “o sistema da humanidade como um todo (suas instituições, estruturas, valores e costumes) organizado sem Deus”.¹² É o sentido que Paulo transmite em sua segunda carta para Timóteo: “Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e foi para Tessalônica” (2Tm 4.10).

Tiago é enérgico ao dizer que uma pessoa não pode ter amizade com o mundo e com Deus ao mesmo tempo. O mundo não tolera amigos de Deus, pois estes são considerados inimigos. O contrário também é verdade. Deus considera um “amigo do mundo” como um inimigo.

c. “Ódio para com Deus”. Que expressão aterradora! Um amigo de Deus que suporta a inimizade do mundo pode sempre encontrar

12. Davids, *James*, p. 161.

consolo nas palavras do reformador do século 16, John Knox, que disse: “Um homem com Deus ao seu lado está sempre junto com a maioria”, mas a pessoa que se depara com Deus como seu inimigo está sozinha, pois o mundo não pode ajudá-la. O autor aos Hebreus conclui: “Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31).

Quem é um inimigo de Deus? O cristão foi colocado no mundo apesar de não ser do mundo (Jo 17.16,18). O apóstolo João adverte: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2.15). Quando uma pessoa intencionalmente se volta para o mundo, para tornar-se parte dele, ela tomou uma decisão consciente de rejeitar Deus e os ensinamentos de sua Palavra.¹³ Assim, qualquer um que deliberadamente escolhe em favor do mundo e contra Deus terá Deus como seu inimigo.

5 Ou vocês acham que é sem razão que as Escrituras dizem que o espírito que ele fez habitar em nós pende para a inveja, 6 mas ele nos dá mais graça? É por isso que as Escrituras dizem:

**“Deus se opõe ao soberbo,
mas dá graça ao humilde”.**

Tiago volta-se para as Escrituras para provar seu argumento. Ele deixa que Deus fale e determine qual é a verdade. A dificuldade, porém, é que, das duas referências citadas por Tiago, só conseguimos identificar a segunda (Pv 3.34). Não temos nenhuma referência bíblica clara para a citação no versículo cinco. Na verdade, esse texto é um dos mais intrigantes de toda a epístola e está entre as passagens mais difíceis do Novo Testamento. Essa passagem intriga o leitor não apenas porque se refere a um texto das Escrituras que não conseguimos localizar no Antigo Testamento, mas também porque pode ser traduzida de muitas maneiras. E, por fim, porém certamente não menos importante, estamos interessados no sentido exato dessa citação.

a. *Origem.* O fato de que não conseguimos localizar a origem dessa citação não deve, de forma alguma, nos surpreender. Em outras passagens do Novo Testamento, encontramos citações semelhantes

13. Para Joseph B. Mayor, a pessoa que é inimiga de Deus “faz de seu objetivo” ser amiga do mundo. *The Epistle of St. James* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Zondervan, 1946), p. 140.

que não têm uma procedência precisa nas Escrituras. Para mencionar apenas um texto, Mateus escreve sobre a volta de José, Maria e Jesus a Nazaré e diz: “E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito, por intermédio dos profetas” (2.23). O Antigo Testamento, porém, não oferece nenhuma pista para que encontremos a origem dessa profecia.¹⁴

Estudiosos já fizeram inúmeras sugestões sobre a origem da citação no versículo 5. Uns sugerem que as palavras vieram de uma combinação de textos (Gn 6.3; 8.21; Êx 20.3,5) que assumiu uma forma distinta. Outra sugestão diz que a citação foi tirada de um texto da Septuaginta que não existe mais. Uma terceira opinião afirma que as palavras citadas vêm de um livro apócrifo,¹⁵ e uma quarta sugestão diz que a expressão *afirma a Escritura*, no versículo 5, na verdade, aplica-se à citação do Antigo Testamento no versículo 6.

Não importa onde procuremos uma resposta para a questão da origem, o resultado continua sendo o mesmo: não sabemos.

b. *Traduções*. Pelo fato de os manuscritos antigos serem providos de pontuação, os tradutores têm que determinar se uma frase é uma declaração ou uma pergunta. Eis uma tradução que mostra essa passagem na forma de pergunta: “Ou supondes que em vão afirma a Escritura? É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós. Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”.¹⁶ Porém, essa tradução cria mais perguntas do que respostas. Em primeiro lugar, a qual passagem Tiago se refere quando diz “*afirma a Escritura*”? Em segundo lugar, de que forma a afirmação: *É com ciúme*

14. Citações de fontes desconhecidas, mesmo aquelas apresentadas como parte das Escrituras, aparecem em outros textos (Jo 7.38; 1Co 2.9; Ef 5.14; consultar também 1Clem. 23.3; 46.2).

15. Martin Dibelius escreve que, em Tiago 4.5, “temos uma espécie de ‘palavra profética’, ou seja, um livro apócrifo que é considerado sagrado”. *James: A Commentary on the Epistle of James*, rev. Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible (Filadélfia: Fortress, 1976). p. 223. John Albert Bengel infere que a citação é do Novo Testamento, pois “as palavras de Tiago são bastante próximas de Gl 5.17 e dos versículos seguintes”. *Gnomon of the New Testament*, org. Andrew R. Fausset, 5 vols., 7ª ed. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 5, p. 31.

16. A MLB segue a tradução e as notas de margem da RV e da ASV.

que anseia por nós o Espírito se relaciona com a pergunta que a precede? E, em terceiro lugar, quais são as razões para não adotar a construção padrão *diz a Escritura*, que é normalmente usada para introduzir citações?

Um outro problema é a tradução da palavra *espírito*. O termo se refere ao espírito humano ou ao Espírito Santo? Se entendermos a palavra com o significado de Espírito Santo, encontramos “a dificuldade adicional de que, em nenhuma outra parte da epístola, Tiago faz referência a esse Espírito”.¹⁷ Se Tiago estava pensando no Espírito Santo, seria de se esperar que ele também fizesse referência ao Espírito Santo nos versículos anteriores e posteriores. Isso não acontece. A maioria das traduções, portanto, oferece a tradução *espírito*.

Há mais um problema. A última parte do versículo 5 deve ser traduzida como “o espírito que ele fez habitar em nós tende à inveja” ou como “Deus anseia com ciúmes pelo espírito que fez habitar em nós” (nota de rodapé na NIV)? Isto é, entendemos o termo *espírito* como sujeito ou como objeto do verbo principal? Ou ele é sujeito (“o espírito tende à inveja”) ou objeto (“Deus anseia pelo espírito”).

A chave para se compreender a citação encontra-se no termo *inveja* (NIV). No grego, essa palavra em particular aparece no “catálogo dos vícios”.¹⁸ No Novo Testamento, descreve a vida associada ao mundo sem redenção (Rm 1.29; Gl 5.21; 1Tm 6.4; Tt 3.3; 1Pe 2.1).¹⁹ Essa palavra, portanto, tem sempre uma conotação negativa na literatura grega e no Novo Testamento. Pelo fato de o espírito humano tender à corrupção, concluímos que o termo *espírito* é sujeito, e não objeto do verbo principal (“o espírito que ele [Deus] fez habitar em nós tende à inveja”). O pensamento do versículo 5, portanto, é uma continuação do texto anterior, que adverte sobre a amizade com o mundo.

c. *Sentido*. O teólogo alemão do século 16, Zacarias Ursinus, ponderou se era capaz de fazer aquilo que Deus esperava dele. Concluiu: “Não. Tenho uma tendência natural a odiar a Deus e ao meu

17. Sophie Laws, “Does Scripture Speak in Vain?” *NTS* 20 (1974): 213. Ver também Laws, *James*, p. 176. E consultar Mussner, *Der Jakobusbrief*, p. 182.

18. Bauer, p. 857.

19. David H. Field, *NIDNTT*, vol. 1, pp. 557-58. E consultar R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (1854; ed. reimpressa Grand Rapids: Eerdmans, 1953), pp. 89-90.

próximo”.²⁰ O espírito do homem anseia por prazeres deste mundo e, com perversidade, busca sua amizade.

Então não há esperança? Certamente que sim! Observe o contraste com o adversativo *antes* na próxima oração (versículo 6). “Mas ele [Deus] nos dá maior graça”. Deus vem a nós por meio do amor redentor de seu Filho, que é cheio de graça. “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude, e graça sobre graça”, diz João no prólogo de seu evangelho (1.16).

Tiago sustenta seu argumento com uma outra citação. Dessa vez, sabemos que as palavras vêm do livro de Provérbios: “Certamente ele [Deus] escarnece dos escarnecedores, mas dá graça aos humildes” (3.34). Talvez essas palavras circulassem na igreja primitiva sob a forma de um ditado, pois o apóstolo Pedro também cita esse texto (1Pe 5.5). Essa única citação resume a diferença entre a pessoa cujo coração está cheio de orgulho e aquela que vive humildemente na dependência total de Deus.

Deus detesta “olhos altivos” (Pv 6.17) e abomina aqueles que têm “coração arrogante” (Pv 16.5). A soberba causa contendas (Pv 13.10) e leva à ruína (Pv 16.18). “Tendo em vista que Deus resiste aos soberbos, o crente deve aprender a detestar o orgulho e a envolver-se com as vestes da humildade”.²¹ Deus, porém, terá em alta estima aquele que está “aflito e abatido de espírito” (Is 66.2).

Considerações práticas em 4.4-6

Versículo 4

Uma pessoa do mundo ama a si mesma e aos prazeres do mundo. Seu coração está repleto de orgulho, o que a torna indiferente a Deus e à sua Palavra. Mesmo que frequente os cultos na igreja e participe das devocionais da família, ela se recusa a aproximar-se de Deus, pois sabe que Deus condena seu orgulho.

20. Catecismo de Heidelberg, pergunta e resposta 5.

21. Gerald Barry Stanton, “Pride”, *EDT*, p. 874.

Versículo 6

Pessoas orgulhosas tendem a ser amigas do mundo, pois sabem que não é Deus, mas o mundo, que satisfaz seu orgulho. Os humildes, pelo contrário, percebem que são totalmente dependentes de Deus. São gratos a ele pela rica e transbordante graça que ele oferece para encher sua vida.

O orgulho impede que haja graça. Se um paciente se recusa a tomar o medicamento receitado pelo médico, jamais irá se recuperar. Se um filho rejeita o conselho sábio de seus pais, pode esperar ter problemas. O orgulho entra no coração humano, porque o homem mede a si mesmo pelos padrões humanos, e não pelos padrões de Deus.

O crente que vive em constante comunhão com Deus, que deseja fazer a vontade de Deus em todas as coisas e que demonstra o amor do Senhor Jesus é o recipiente da graça abundante de Deus.

Maravilhosa graça de nosso Senhor amoroso,
 Graça que excede todo nosso pecado e culpa,
 Que lá no Calvário foi derramada,
 Lá onde o sangue do Cordeiro foi vertido,
 Graça, graça, graça de Deus,
 Graça que perdoa e purifica,
 Graça, graça, graça de Deus,
 Graça maior que todos os nossos pecados

Julia H. Johnston

Palavras, frases e construções do grego em 4.4-6*Versículo 4*

ἡ φιλία τοῦ κόσμου – observe o artigo definido antes do substantivo φιλία (amizade). O substantivo é seguido do genitivo objetivo – “amizade com o mundo”. A frase seguinte, ἐχθρα τοῦ θεοῦ, também tem um genitivo objetivo – “inimizade com Deus”.

ἐὰν βουλῆθῃ – o uso do subjuntivo aoristo nessa oração condicional introduz probabilidade. O tempo aoristo ingressivo do verbo expressa a escolha deliberada da pessoa que ama o mundo e torna-se inimiga de Deus.

καθίσταται – o indicativo presente de καθίστημι (eu conduzo, aponto) está na voz passiva e significa “ele é feito”, isto é, “ele se toma”.

Versículo 6

μείζονα δέ – o adjetivo comparativo no singular acusativo modifica χόρην. O particípio δέ é adversativo com distinto contraste.

ὑπερηφάνους – como adjetivo, a palavra aparece “em nossa literatura apenas com um sentido desfavorável”.²² Descreve a atitude de alguém que se coloca no mesmo nível ou em nível superior a Deus.

*3. Aproximando-se de Deus**4.7-10*

Placas ao longo da estrada orientam o viajante sobre como chegar ao seu destino em segurança. Essas placas são, necessariamente, breves, descritivas e diretas. Tiago nos oferece várias placas que são de ajuda ao viajarmos pela estrada da vida. Condizentes com o ritmo apressado de vida, as frases são concisas, vívidas e diretas.

7 Submetam-se, portanto, a Deus. Resistam ao diabo e ele fugirá de vocês. 8 Aproximem-se de Deus e ele se aproximará de vocês. Lavem suas mãos, vocês que são pecadores, e purifiquem seu coração, vocês que são inconstantes. 9 Aflijam-se, pranteiem e lamentem. Transformem seu riso em pranto e sua alegria em desalento. 10 Humilhem-se diante do Senhor e ele os levantará.

Como placas de estrada que instruem o motorista a obedecer às leis de trânsito para dirigir com segurança, essas orações dizem ao leitor como ir até Deus. Observe que a primeira (v. 7a) e a última ordem (v. 10a) são paralelas; entre elas está a mensagem ao leitor: *achegai-vos a Deus*. Além disso, o termo *humilhai-vos*, no versículo 10, forma uma ligação verbal com a última palavra da citação do Antigo Testamento no versículo 6. A sequência dessas ordens é:

a. *Submissão*. Tiago fala diretamente aos leitores que estão cegos por causa do orgulho nocivo e, indiretamente, é claro, a toda a igreja. É assertivo em seu conselho e lhes diz como deixar de lado o orgulho: “*sujeitai-vos... a Deus*”. Ele urge seus leitores a fazê-lo de uma vez por todas, para que sejam sempre sujeitos a Deus.

22. Bauer, p. 841.

Quando Tiago diz “sujeitai-vos”, ele, na verdade, quer dizer “obedecei”. No grego, Lucas usa o mesmo verbo quando descreve que, aos 12 anos de idade, Jesus era “submisso” a Maria e José (Lc 2.51). O termo *sujeitai-vos* descreve um ato voluntário de colocar-se sob a autoridade de uma outra pessoa para mostrar-lhe respeito e obediência. É assim que os cidadãos devem obedecer às autoridades governantes (Rm 13.1-7; 1Pe 2.13), os crentes de Corinto são instados a obedecer a seus líderes (1Co 16.16), os jovens devem submeter-se aos mais velhos (1Pe 5.5), as esposas são exortadas a obedecer a seus maridos (Ef 5.22; Cl 3.18; Tt 2.5; 1Pe 3.1) e os servos ao seu senhor (Tt 2.9; 1Pe 2.18).

Quando oramos “seja feita a tua vontade”, deixamos de lado o orgulho, somos submissos a Deus e estamos obedecendo aos seus mandamentos. Quando observamos a lei de Deus, Satanás tenta interferir, conduzindo-nos à tentação. Por isso, Tiago acrescenta a injunção *resisti ao diabo*. Quando nos mantemos “firmes contra as ciladas do diabo” (Ef 6.11; 1Pe 5.9), também pedimos “livra-nos do mal” (Mt 6.13). A certeza bíblica que recebemos diz que “ele fugirá de vós” (Tg 4.7). Isso é fato, pois os evangelhos e Atos estão repletos de exemplos de Satanás e seus demônios fugindo diante da autoridade divina. Quando somos obedientes à vontade de Deus, Satanás não pode nos fazer desviar e vê-se obrigado a fugir. Lutero comentou muito apropriadamente que, se cantamos salmos e hinos ou se lemos as Escrituras, Satanás fugirá de nós para que suas asas não sejam chamuscadas.

b. *Preparação*. Eis o cerne da mensagem que Tiago introduziu com a exortação para ser submisso a Deus e resistir ao diabo: “Aproximem-se de Deus”. Em nossa luta contra o pecado e Satanás, não estamos sozinhos quando nos achegamos a Deus em oração. Deus nos cerca com seu cuidado e sua graça, de modo que não temos motivo para temer o poder de Satanás.

Deus quer que nos aproximemos dele com arrependimento sincero, fé, obediência e oração (ver os contextos em Lm 3.57; Os 12.6; Zc 1.3; Ml 3.7). Ele nos encherá com sua graça e nos coroará de bênçãos. Quando Deus nos chama para perto de si já está demonstrando, com isso, seu amor e sua graça. Por esse motivo, jamais pode-

mos dizer que fomos nós que tomamos a iniciativa e que, por isso, Deus veio até nós. Deus sempre age primeiro na obra da salvação.²³

Como devemos nos aproximar de um Deus santo? Tiago usa termos do Antigo Testamento quando escreve: “purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração”. A primeira admoestação faz lembrar as instruções de Deus sobre a purificação cerimonial (ver Êx 30.20,21).²⁴ A segunda traz à memória as palavras de Davi:

Quem subirá ao monte do Senhor?
Quem há de permanecer no seu santo lugar?
O que é limpo de mãos e puro de coração... [Sl 24.3,4]

Ao ligar esses conceitos, Tiago infere claramente que não está falando da pureza cerimonial, mas da pureza espiritual.²⁵

Tiago chama seus leitores de “pecadores” e “você que são inconstantes”. Todo ser humano é um pecador, mas Tiago está usando um termo que se encaixa no contexto judaico de seu povo. Nos evangelhos, o nome *pecador* era dado a alguém que não obedecia à lei de Deus e ignorava as normas de moralidade (Ver Mt 9.10; Lc 7.37, 39).²⁶ A expressão *você que são inconstantes* (comparar com Tg 1.8) conota instabilidade, incerteza e vacilação. Os termos são apropriados para descrever a pessoa que ama Deus e o mundo. De acordo com Tiago, tais pessoas devem se arrepender.

23. João Calvino comenta: “Mas se alguém conclui, a partir desta passagem, que a primeira parte da obra nos pertence e que a graça de Deus vem depois, de forma alguma foi esta a intenção do Apóstolo... mas exatamente a mesma coisa [que o Espírito de Deus] pede que façamos, ele próprio cumpre em nós”. *Commentaries on the Catholic Epistles: The Epistle of James*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 334. Consultar também Leslie C. Mitton, *The Epistle of James* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 158 e D. Edmond Hiebert, *The Epistle of James: Tests of a Living Faith* (Chicago: Moody, 1979), p. 262.

24. O Antigo e o Novo Testamento têm muitas referências ao ritual de lavar as mãos. Entre elas estão Sl 26.6; 73.13; Is 1.15,16; Mt 27.24.

25. Hans-Georg Link e Johannes Schattenmann, *NIDNTT*, vol. 3, p. 106. Consultar, ainda, Friedrich Hauck, *TDNT*, vol. 3, p. 425.

26. Karl Heinrich Rengstorf, *TDNT*, vol. 1, p. 327, observa que o termo “significa, em parte, aqueles que vivem uma vida claramente imoral e, em parte, aqueles que seguem uma vocação desonrosa”.

c. *Arrependimento*. As ordens seguintes são diferentes das instruções apostólicas para alegrar-se sempre (1Ts 5.16; e ver Tg 1.2). Tiago diz aos seus leitores: “aflijam-se, pranteiem e lamentem”. É como um profeta do Antigo Testamento que chama o povo ao arrependimento pedindo que se entristeçam por causa de seus pecados e, por assim dizer, vistam-se de sacos e cubram-se de cinzas.

Experimentamos tristeza quando um ente querido morre. Esse é um aspecto do conceito de *tristeza*. O outro aspecto da tristeza é espiritual. As Escrituras nos ensinam que o arrependimento e a tristeza andam juntos. Em suas epístolas, Paulo afirma que aqueles que pertencem a Jesus destroem sua natureza pecaminosa quando se arrependem de seus pecados (Rm 6.6; Gl 2.20; 5.24; 6.14). O arrependimento, portanto, significa que houve uma morte em nossa vida. Entristecemos-nos por causa dos pecados que cometemos contra Deus e o nosso próximo.

Eis dois exemplos – um do Antigo Testamento e um do Novo – de santos que se entristeceram por causa de seu pecado. Davi retrata sua tristeza por causa do pecado em muitos de seus salmos. Em um deles, ele implora pela misericórdia de Deus e clama:

Estou cansado de tanto gemer;
todas as noites faço nadar o meu leito,
de minhas lágrimas o alago (Sl 6.6).

Essa é a tristeza do justo! Ao descrever sua luta contra o pecado, Paulo exclama: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Ele próprio responde: “Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 7.24,25).

“Transformem o seu riso em pranto e sua alegria em desalento”. A semelhança com as palavras de Jesus é inconfundível: “Ai de vós, que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar” (Lc 6.25). Tiago não está dizendo que um cristão deve se vestir de preto e andar com um rosto entristecido, pregando a melancolia e o fim dos tempos. Um cristão deve alegrar-se no Senhor, grato pela dádiva da salvação e obediente à vontade de Deus. Quando cai em pecado e responde ao chamado de Deus para o arrependimento, deve ocorrer uma mudança em sua vida. O riso e alegria são silenciados. Quando reflete sobre

seu pecado, o penitente se enche de tristeza e melancolia. Pedro negou que conhecia Jesus, mas, depois de ter afirmado isso três vezes, Jesus olhou dentro de seus olhos. Pedro se arrependeu, saiu e chorou amargamente (Lc 22.60-62). “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte” (2Co 7.10).

d. *Humildade*. Tiago volta a falar do assunto que introduziu com a citação do Antigo Testamento: “Deus... dá graça aos humildes” (v. 6). Ele escreve: “Humilhem-se diante do Senhor e ele os levantará”. Esse tema específico é proeminente ao longo das Escrituras:

em Salmos, “porque o SENHOR...
de salvação adorna os humildes” (Sl 149.4).

em Provérbios, “[O SENHOR]... dá graça aos humildes”
(Pv 3.34).

nos livros proféticos, “será exaltado o humilde e abatido o
soberbo” (Ez 21.26).

nos evangelhos, “quem a si mesmo se exaltar será humilhado;
e quem a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mt 23.12).

nas epístolas, “humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão
de Deus, para que ele em tempo oportuno vos exalte”
(1Pe 5.6).²⁷

E, finalmente, as Escrituras ensinam que a humildade tem um aspecto vertical e outro horizontal. O crente que demonstra humildade a Deus também a demonstra para com os outros (Rm 12.3; Fp 2.3).

Considerações práticas em 4.7-10

Versículo 8

Os escritores dos evangelhos falam de duas pessoas que quiseram seguir Jesus e estavam dispostas a abrir mão de tudo, exceto

27. Agostinho escreve: “Se me perguntares qual é o primeiro preceito da religião cristã, responderei: primeiro, segundo e terceiro, é a humildade”. Ver também R. E. O. White, “Humility”, *EDT*, p. 537.

daquilo que lhes era muito querido. Para uma delas, era sua família; para a outra, o dinheiro. Jesus se recusou a aceitar esses aspirantes a seguidores, porque eles não podiam lhe oferecer dedicação exclusiva. Com efeito, eram de ânimo dobre.

Versículo 10

Se Deus nos exalta, não estamos propensos a nos tornarmos orgulhosos? Não, pois em nossa humildade damos a ele o louvor e a glória. “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1Co 1.31; Jr 9.24; 2Co 10.17).

Palavras, frases e estruturas do grego em 4.7-10

Versículo 7

ὑποτάγητε – do verbo ὑποτάσσω (eu me sujeito, submeto), esse imperativo passivo aoristo apresenta algumas características interessantes: o aoristo – como todos os outros aoristos nesta seção – é ingressivo; a voz passiva tornou-se a média “submetei-vos” e o imperativo, juntamente com o futuro φεύξεται (eu fugirei), constitui uma condição implícita.

Versículo 9

ταλαιπωρήσατε – presume-se que esse termo seja termo derivado da combinação de ταλάω (eu suporto) com περῶω (eu suporto dificuldades).²⁸ Como um verbo no imperativo passivo aoristo, ele aparece apenas uma vez no Novo Testamento; como o substantivo ταλαιπωρία (miséria, dificuldade), aparece duas vezes (Rm 3.16; Tg 5.1). O adjetivo ταλαίπωρος (miserável) também aparece duas vezes (Rm 7.24; Ap 3.17).

28. Thayer, p. 614.

4. Julgando um irmão

4.11,12

Tiago repete o ensinamento sobre o julgamento de outros que foi apresentado por Jesus no Sermão do Monte. “Não julgueis para que não sejais julgados. Pois com o critério que julgares, sereis julgados” (Mt 7.1,2). Julgar é uma tarefa muito difícil, pois envolve não apenas outras pessoas, mas a própria lei. Tiago coloca nestes termos:

11 Irmãos, não maldigam uns aos outros. Qualquer um que fala contra seu irmão ou o julga, fala contra a lei e a julga. Quando vocês julgam a lei, não a estão observando, mas sim servindo de juízes dela.

a. O tom do autor é claramente outro. No versículo 8, ele chama seus leitores de “pecadores” e “inconstantes”; agora se dirige a eles como “irmãos” e lhes diz para não falarem mal uns dos outros (ver também 1Pe 2.1). Ainda assim, os versículos 11 e 12 estão intimamente ligados à passagem anterior.

Em um de seus salmos, Davi relaciona o maldizer à falta de humildade. Diz:

“Ao que às ocultas calunia o próximo,
a esse destruirei;
o que tem olhar altivo e coração soberbo,
não o suportarei” (Sl 101.5)

O maldizer vem do coração da pessoa que não considera os outros maiores do que si. O cristão humilde, porém, opõe-se ao maldizer e declara:

Nada de perverso ou acusação maldosa
Sob meu olhar de aprovação permanecerá;
Nenhuma obra de apostasia odiosa
A mim se apegará

Dewey Westra

O elo entre os versículos 7 e 11 encontra-se na palavra *diabo* (v. 7) e no verbo *maldizer*. No original, o substantivo *diabolos* (diabo)

significa “difamador”. Tiago, portanto, exorta seus leitores a não difamarem uns aos outros, pois isso é obra do diabo. Está pedindo que ponham um fim nessa prática perversa à qual têm se dedicado. Se continuarem a falar mal uns dos outros na igreja, acabarão destruindo a comunhão da comunidade cristã.

b. Tiago vai ainda mais fundo nesse assunto e diz aos seus leitores que o falar mal de um irmão envolve a lei (Lv 19.16). Observe o paralelo que Tiago desenvolve na frase seguinte:

Aquele que
fala mal – fala mal
do seu irmão – da lei
ou – e
julga a seu irmão – julga a lei

A ênfase nesse versículo está na palavra *irmão*, que denota a relação íntima de comunhão que os crentes têm dentro da igreja. Se você falar mal de seu irmão pelas costas, está deixando de lado a lei régia: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (2.8; Lv 19.18; Mt 22.39; Rm 13.9; Gl 5.14). E se você deixa de lado a lei, tornou-se juiz dessa lei. Assim, colocou-se no mesmo nível do Legislador.

Num tribunal, um juiz deve ser imparcial ao avaliar as evidências e ser justo ao aplicar a lei e pronunciar a sentença. O difamador, por outro lado, geralmente deixa de ficar sabendo sobre os fatos, evita falar na presença do acusado, deixa de lado a lei do amor, nomeia a si mesmo juiz e, como tal, dá o veredito.²⁹

c. Tiago expõe a verdadeira natureza do pecado da difamação quando instrui os leitores de sua epístola com estas palavras: “aquele que fala mal do irmão [como vocês têm feito] fala mal da lei [que vocês não estão cumprindo] e julga a lei [como juiz]”.

O difamador deixa de lado a lei criada por Deus e, assim, coloca-se no mesmo nível de Deus. Porém, Deus tem autoridade para anular a lei. Cegado pelos pecados, aquele que fala mal, muitas vezes, não se

29. Comparar com R. V. G. Tasker, *The General Epistle of James: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), p. 99.

dá conta da seriedade de seus atos. Mas o fato é, todavia, que o maldizer é um pecado contra a pessoa acusada e contra Deus, que proíbe esse pecado em sua lei divina.³⁰

12 Há somente um Legislador e um Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Quem são vocês, porém, para julgarem seu próximo?

Em última análise, Deus é o único Legislador que delega poder aos seres humanos para servirem de legisladores e juízes. Deus, portanto, recebe a honra de ser a autoridade suprema quanto à criação da lei e o julgamento dos seres humanos. Só ele é o Juiz divino. Deus não pode permitir que o homem assuma a posição que pertence somente a ele.

Só Deus tem a autoridade de “salvar e destruir”, ou seja, Deus faz a lei, coloca-a em prática e faz com que seja cumprida ao dar a sentença. O veredito é inocente ou culpado – Deus é capaz de salvar e destruir. No cântico de Moisés, encontramos um paralelo quando Deus diz: “Vede agora que Eu sou, Eu somente, e mais nenhum Deus além de mim: eu mato, e eu faço viver” (Dt 32.39; consultar também 1Sm 2.6,7; 2Rs 5.7), e Jesus instrui seus discípulos a não temerem aquele que é capaz de matar o corpo: “Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28; e ver Lc 12.5).

Tiago torna-se pessoal. Ele fala de maneira direta e enfática a cada leitor como indivíduo: “Tu, porém, quem és, que julgas ao próximo?” É claro o contraste entre aquele que é o único Legislador e o ser humano pecaminoso (que será julgado pelo Legislador) (Rm 14.4). Tiago propositalmente escolhe a palavra *próximo* para lembrar aos leitores a lei régia (2.8). Ao invés de julgar o seu próximo, o leitor deve amá-lo.

Considerações práticas em 4.11,12

Versículo 11

As Escrituras ensinam que todos nós teremos que nos apresentar diante de Deus no dia do julgamento e que, nessa ocasião, prestare-

30. “A maledicência não é simplesmente a transgressão de um mandamento, mas uma transgressão contra a autoridade da lei em geral e, portanto, contra Deus”. Dibelius, *James*, p. 228.

mos contas de “toda palavra frívola” (Mt 12.36) que proferimos. Deus nos responsabiliza pelas palavras que dizemos e especialmente por aquelas que são ditas contra nosso próximo.

Versículo 12

Todos nós somos culpados por causa de nossos pecados. Estamos sob a lei e no mesmo nível que nosso próximo. Somos os acusados. Assim, ao invés de nos colocarmos acima da lei e assumirmos a posição de um juiz, devemos encorajar, confortar e amar nosso próximo. Em resumo, não estamos no lugar de julgar, pois nós mesmos precisamos da misericórdia e da graça de Jesus Cristo. Ajudemo-nos uns aos outros, voltando nossa atenção para Jesus.

Devemos, então, fechar nossos olhos quando vemos um irmão caindo em pecado? Certamente que não! Tiago termina sua epístola aconselhando de maneira objetiva: “Aquele que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dele, e cobrirá multidão de pecados” (5.20).

Palavras, frases e construções do grego em 4.11,12

Versículo 11

μη καταλαλιετε – a ordem negativa no imperativo presente ativo instrui o leitor a parar de difamar outras pessoas. O tempo presente indica uma atividade em progresso.

A repetição de “irmão” (três vezes) e “lei” (quatro vezes) torna esse versículo bastante enfático.

Versículo 12

σωσαι και απολεσαι – o significado do tempo aoristo nesses dois infinitivos ativos está na irrevocabilidade do veredito de Deus no dia do juízo.

13 Agora prestem atenção, vocês que dizem: “Hoje ou amanhã iremos a esta ou àquela cidade, passaremos um ano lá, faremos negócios e ganharemos dinheiro”.
 14 Ora, vocês nem sequer sabem o que vai acontecer amanhã. O que é sua vida? Vocês são uma névoa que aparece por um pouco e depois some. 15 Antes, vocês devem dizer: “Se for da vontade do Senhor, viveremos e faremos isto ou aquilo”.
 16 O que vocês têm feito é vangloriar-se e gabar-se. Toda essa jactância é maligna.
 17 Assim, qualquer um que sabe o bem que deve fazer e não o faz, peca.

B. Submissão à Vontade de Deus 4.13-17

1. Exemplo 4.13-15

O orgulho cega o ser humano para a realidade, de modo que ele não vê o ridículo de seus atos. O ser humano faz planos e fala como se fosse senhor de sua vida e Deus não existisse. Tolicie completa! Tiago ouviu essa conversa absurda, registrou-a e mostra aos seus leitores como não faz sentido uma vida que, na prática, é ateísta.

As pessoas a quem Tiago se dirige, entretanto, parecem ser os cristãos judeus vivendo espalhados entre as nações. Ele escreve esta carta para eles, e não para descrentes. Apesar de seu tom mudar, Tiago continua a indicar que os leitores sabem como fazer aquilo que é bom (v. 17), o que implica que eles pertencem à comunidade cristã.³¹ Por esse motivo, entendo que os versículos seguintes são parte de um discurso dirigido aos membros da igreja.³²

13 Agora prestem atenção, vocês que dizem: “Hoje ou amanhã iremos a esta ou àquela cidade, passaremos um ano lá, faremos negócios e ganharemos dinheiro”.

Temos aqui o exemplo de pessoas que fazem todo o seu planejamento e trabalham sem pensar em Deus. Ao ignorar Deus, elas mostram tanta arrogância como aquele que difama seu irmão. O pecado

31. De acordo com Mayor em *James*, p. 153, “o apelo ao conhecimento aqui, bem como anteriormente, em 1.19, é uma prova de que o autor está se dirigindo a cristãos”.

32. Apesar de as frases introdutórias de Tiago 4.13 e 5.1 serem idênticas (“Agora prestem atenção”), o conteúdo das duas passagens e dos versos seguintes é diferente. Consultar E. C. Blackman, *The Epistle of James* (Londres: SCM, 1957), p. 137.

de não se dirigir a Deus em oração é uma das ofensas mais comuns que um cristão comete.

Tiago se dirige a uma parte da igreja, a saber, os negociantes. Ele chama sua atenção com a expressão idiomática “prestem atenção”. Outras traduções trazem a expressão “dai ouvidos”. Então, ele cita as próprias palavras dessas pessoas que falam sobre ir de um lugar para outro, passando algum tempo lá, a fim de negociar e ganhar dinheiro. Na verdade, não podemos culpar um vendedor viajante por ir de um lugar para outro fazendo negócios. Faz parte de sua vida. Há um certo paralelo com o discurso de Jesus sobre o fim dos tempos, quando se refere aos dias de Noé: “Porquanto assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos” (Mt 24.38,39; comparar também com Lc 17.26-29). Apesar de ninguém culpar uma pessoa por comer, beber e casar-se, a questão é que, na vida dos contemporâneos de Noé, não havia lugar para Deus. Essas pessoas viviam como se Deus não existisse, e o mesmo aplica-se aos negociantes aos quais Tiago se dirige.

Observe que Tiago não tem nada contra a ocupação dos negociantes, nem tampouco escreve sobre as questões éticas de vender e comprar. Ele apenas afirma que os comerciantes negociam e têm lucros, e é isso que esperamos quando os negócios estão indo bem. Tiago usa esses homens como exemplo por causa de sua falta de consideração para com Deus. Para eles, o dinheiro é muito mais importante do que servir ao Senhor. Eles vivem como o homem descrito na parábola do rico louco (Lc 12.16-21). Não percebem que não podem acrescentar à sua vida um minuto sequer.³³ São completamente dependentes de Deus.

14 Ora, vocês nem sequer sabem o que vai acontecer amanhã. O que é sua vida? Vocês são uma névoa que aparece por um pouco e depois some.

Se não temos nenhuma idéia daquilo que o futuro próximo nos reserva, então qual é o propósito da vida? O autor de Eclesiastes

33. De acordo com Calvino, “Tiago suscitou a estupidez daqueles que desconsideravam a providência divina e achavam-se donos de um ano inteiro quando, na verdade, não tinham sob seu poder um momento sequer”. *James*, p. 340.

menciona várias vezes a brevidade da vida e, de modo característico, diz como não faz sentido o homem buscar os bens materiais. Ainda assim, na conclusão de seu livro, ele afirma o propósito da vida: “Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos, porque isso é o dever de todo homem” (Ec 12.13). Teólogos do século 17 lançaram a seguinte pergunta: “Qual é o fim principal do homem?” E responderam: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”.³⁴

Os mercadores aos quais Tiago se dirige não se preocupavam com o sentido e a duração da vida. Eles negligenciavam o conselho de Salomão: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Pv 27.1). Eles falavam sobre o futuro com absoluta certeza. Apesar disso, eles não tinham controle sobre o futuro. Eles tinham sua vida, mas falhavam em não procurar seu propósito. Eles eram cegos e ignorantes.

Tiago compara a vida humana a uma neblina, que rapidamente aparece e desaparece. O que é uma neblina? Nada além de vapor que se esvai antes do nascer do sol. Ela é frágil e passageira (compare Sl 39.6,11; 102.3; Os 13.3). Moisés, que viveu até os 120 anos, escreveu uma oração na qual disse:

“Os dias de nossa vida sobem a setenta anos,
ou, em havendo vigor, a oitenta;
neste caso, o melhor deles é cansa e enfado,
porque tudo passa rapidamente e nós voamos” (Sl 90.10).

15 Antes, vocês devem dizer: “Se for da vontade do Senhor, viveremos e faremos isto ou aquilo”.

Tiago ensina que Deus é soberano sobre nossa vida. Em nossos planos, ações e realizações devemos reconhecer nossa submissão a Deus. Assim, depois de um comentário sobre a brevidade da vida, ele volta ao assunto apresentado no versículo 13. Diz que, ao invés de ignorar Deus em nossas atividades diárias, devemos colocá-lo em primeiro lugar e dizer: “Se for da vontade do Senhor, viveremos e faremos isto ou aquilo”.

34. Breve Catecismo de Westminster, pergunta e resposta 1.

Em alguns meios e culturas, o clichê *se Deus quiser* é um tanto comum. Esse é um clichê religioso que, por causa de seu uso repetitivo, começa a perder o significado original. Mas por que Tiago diz aos negociantes para usarem essa frase? Ele lhes mostra que sua vida está nas mãos de um Deus soberano e que eles devem reconhecê-lo em todos os seus planos, mas não diz a eles quando e como usar a frase *se Deus quiser*.

É surpreendente que essa frase não apareça no Antigo Testamento. Na época do Novo Testamento, porém, o apóstolo Paulo ensina os cristãos a usá-la devidamente. Eis alguns exemplos:

1. Quando Paulo deixa Éfeso, diz aos judeus: “Se Deus quiser, voltarei para vós outros” (At 18.21).
2. Diz aos coríntios: “Mas em breve irei visitar-vos, se o Senhor quiser” (1Co 4.19).
3. Ele promete aos crentes de Corinto passar algum tempo com eles “se o Senhor o permitir” (1Co 16.7; comparar também com Fp 2.19,24; Hb 6.3).

O Novo Testamento, porém, não dá nenhuma indicação de que os apóstolos haviam criado uma expressão que deveria ser usada com frequência. Na verdade, Lucas nem relata o seu uso nas narrativas das viagens de Paulo registradas em Atos. Mesmo em suas epístolas, Paulo não usa a frase em lugares em que esperaríamos encontrá-la. Isso significa que não precisamos usar as palavras *se Deus quiser* como uma expressão gasta. Ao invés disso, nossa vida deve ser a vida de um filho de Deus que sabe estar seguro sob o cuidado protetor de seu Pai celestial. Todo crente deve viver de tal modo que, como disse Horatius Bonar, “nenhuma parte do dia ou da noite seja desprovida do caráter sagrado”. Esse é o viver cristão de alegria.³⁵

35. Dibelius, *James*, pp. 233-234, juntou uma série de trechos da literatura grega e latina para provar que a expressão *se Deus quiser*, ou algo semelhante, era comum no mundo pagão. Essa observação, porém, não muda o propósito dos escritores no Novo Testamento: ensinar os crentes a confiarem em Deus. Consultar também Gottlob Schrenk, *TDNT*, vol. 3, p. 47.

Considerações práticas em 4.13-15

Versículo 13

A palavra *secularismo* aparece cada vez mais nos meios cristãos, como se tivesse direito a um lugar no Cristianismo. A expressão se refere a uma visão de mundo e de vida que ignora Deus e faz pouco de sua Palavra. O secularismo é uma filosofia que penetra em todas as áreas da vida, que exalta o homem e rejeita Deus.³⁶

Versículo 15

Desde o tempo da Reforma, guardamos com cuidado a verdade de que este mundo criado por Deus e remido por Cristo é oficina do cristão. Assim, nosso trabalho realizado nessa oficina é feito para a glória de Deus. É com alegria que cantamos “o mundo é teu, Senhor” e reconhecemos a presença de Deus em todos os nossos caminhos (Pv 3.6).

Os cristãos, portanto, aceitam o senhorio de Cristo em todas as áreas de sua vida. Escolhem viver em obediência à vontade de Deus conforme revelada na sua Palavra. Conhecem aquilo que é bom, correto, honroso, justo e reto. Além disso, praticam a regra que diz: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Lc 6.31).

Palavras, frases e construções do grego em 4.13-15

Versículo 13

ἄγε – originalmente, essa forma era o imperativo presente de ἄγω (eu conduzo). Aqui, é uma interjeição com o significado de *prestem atenção* (ver 5.1).

τῆνδε – esse é um pronome demonstrativo com o artigo definido: Significa “este ou aquele”.

ποιήσομεν – três futuros do indicativo (ποιήσομεν, ἐμπορευσόμεθα, κερδήσομεν) expressam determinação e propósito.

36. Ver David W. Gill, “Secularism, Secular Humanism”, EDT, pp. 996-97.

Versículo 14

ὅτινες – usada como uma expressão adversativa e não como um pronome relativo indefinido, a palavra transmite a idéia de *enquanto, na verdade*, e mostra um uso concessivo.³⁷

ποία – um pronome interrogativo, essa expressão tem sentido qualitativo, “o que é sua vida?”

Versículo 15

ὅτι – nesse versículo, a preposição ὅτι significa “ao invés de”, e não “contra”, e rege o caso genitivo do infinitivo articular.

καὶ... καί – na verdade, a repetição da conjunção significa “tanto... quanto”. Por razões de estilo, o primeiro καί não precisa ser traduzido.

2. Bem e mal
4.16,17

16 O que vocês têm feito é vangloriar-se e gabar-se. Toda essa jactância é maligna.

Esse versículo serve para nos lembrar da advertência séria feita por Tiago quando citou o Antigo Testamento: “Deus se opõe ao soberbo, mas dá graça ao humilde” (v. 6; Pv 3.34).

Alguns dos negociantes haviam se aventurado; tinham corrido riscos e alcançado lucro. Como sempre acontece, o sucesso gera mais sucesso e, junto com a prosperidade, vem o orgulho e a auto-suficiência. Esses comerciantes apoiavam-se em suas próprias idéias e orgulhavam-se das suas realizações. J. B. Phillips nos oferece a seguinte paráfrase: “Como não poderia deixar de ser, você sente orgulho dentro de si ao planejar o futuro com tamanha segurança. Esse tipo de orgulho nada tem de bom”.

A jactância humana não vale nada, pois dá a glória ao homem, e não a Deus. Essa jactância inclui gloriar-se em suas realizações. Não

37. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 124; Robertson, *Grammar*, p. 961.

só isso é injustificável, como também é totalmente inaceitável diante de Deus. É mau. Por meio da experiência pessoal com um espinho na carne, Paulo é capaz de ensinar que a única coisa da qual podemos nos gloriar é nossa fraqueza; nessa fraqueza, o poder de Cristo torna-se evidente (2Co 11.30; 12.5,9). Um cristão, portanto, pode gloriar-se apenas “de que sua vida é vivida na dependência de Deus e em responsabilidade para com ele”.³⁸

17 Assim, qualquer um que sabe o bem que deve fazer e não o faz, peca.

Tiago termina esta seção de sua carta com um provérbio que talvez fosse comum no mundo judaico de sua época. O advérbio *portanto* liga o provérbio ao texto anterior. O tom de seu discurso muda, pois Tiago não está mais falando diretamente aos negociantes, mas a todos os leitores de sua epístola.

O provérbio transmite uma advertência muito séria contra o pecado da negligência. Não o pecado de ação, mas o pecado de omissão. Esse pecado particular mostra seu semblante horrível quando o ser humano ignora Deus, faz planos, alcança o sucesso e gloria-se de suas realizações (Tg 4.13-16). O ser humano repete o pecado de omissão ao não praticar o bem, quando sabe que deve fazê-lo. Jesus deixou claro esse pecado quando falou do sacerdote e do levita na parábola do bom samaritano (Lc 10.30-35) e do homem rico que desprezou Lázaro (Lc 16.19-31) e das pessoas que durante sua vida na terra deixaram de alimentar os famintos, hospedar os forasteiros, vestir os pobres e visitar os enfermos e prisioneiros (Mt 25.40-46).

Tiago se dirige à pessoa que *sabe* que deve fazer o bem. Ele não está falando para pessoas que cometem o pecado na ignorância. Assim diz Paulo para os filósofos atenienses no Areópago: “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam” (At 17.30). Pecado é transgressão da lei, diz João em uma de suas epístolas (1Jo 3.4). Quer seja este o pecado de ação ou omissão, é uma afronta a Deus, especialmente quando o pecador conhece os mandamentos de Deus.

38. Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 1, p. 229.

O pecado nunca deve ser atenuado. Isso vale especialmente para o pecado de omissão, que muitas vezes tem, à primeira vista, uma aparência inofensiva. Mas esse não é o caso. Tome, por exemplo, o discurso de despedida de Samuel. Ele diz aos israelitas: “Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós” (1Sm 12.23). Samuel reprovou o pecado da negligência. A negligência é equivalente a ignorar Deus e o próximo e, portanto, é um pecado contra a lei de Deus.

Palavras, frases e estruturas em grego em 4.16,17

Versículo 16

ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν – “suas pretensões” é uma tradução literal dessa frase. Uma versão mais idiomática é “gloriar-se”.

τοιούτη – esse adjetivo correlativo denota qualidade (“de tal tipo”), não quantidade.

Versículo 17

εἰδῶτι – o particípio perfeito ativo no singular masculino dativo do verbo οἶδα (eu sei como, entendo como) refere-se ao presente.

καλόν – sem o artigo definido, esse adjetivo substantivo significa “algo bom”.³⁹

Resumo do capítulo 4

Tiago admoesta seus leitores para que se submetam a Deus. Ele observa que as brigas e contendas que há entre eles têm por origem o coração que não está em harmonia com a vontade de Deus. Os leitores oram, mas pelos motivos errados: seus pedidos são orações egoístas.

Os leitores estão desenvolvendo uma amizade com o mundo que os transforma em inimigos de Deus. Tiago prova seu argumento fa-

39. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), seção 264(2).

zendo referência às Escrituras do Antigo Testamento: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”. Por ser Deus cheio de graça, os leitores devem submeter-se a ele. Devem resistir ao diabo, purificar-se do pecado, arrepender-se de seus atos, cessar o maldizer e parar de julgar os outros.

Tiago conclui esta seção lembrando aos crentes, especialmente aos negociantes, que devem confiar em Deus, e não no lucro financeiro. Eles sabem como fazer o bem, portanto, têm a obrigação de servir a Deus e fazer sua vontade. Se não o fizerem, pecam.

CAPÍTULO 5

Paciência 5.1-20

ESBOÇO

- 5.1-6 A. Impaciência com os Ricos
- 5.1 1. A quem se dirige
- 5.2,3 2. Riqueza
- 5.4 3. Roubo
- 5.5 4. Viver em prazeres
- 5.6 5. Homicídio
- 5.7-11 B. Necessidade de Paciência
- 5.7,8 1. Súplica por paciência
- 5.9 2. Advertência contra a impaciência
- 5.10,11 3. Exemplos
- 5.12 C. Juramentos
- 5.13-18 D. Persistência na Oração
- 5.13 1. Oração e louvor
- 5.14,15 2. Oração e fé
- 5.16 3. O poder da oração
- 5.17,18 4. Exemplo
- 5.19,20 E. Salvando o desviado

5 1 Agora prestem atenção, vocês que são ricos, chorem e lamentem-se pela miséria que está vindo sobre vocês. 2 A sua riqueza se corrompeu, as traças comeram suas roupas. 3 Seu ouro e prata estão corroídos. A corrosão deles testemunhará contra vocês e consumirá a sua carne como fogo. Nos últimos dias vocês acumularam tesouros. 4 Vejam! Os salários que vocês deixaram de pagar para os trabalhadores que ceifaram os seus campos estão clamando contra vocês. O clamor dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor Todo-Poderoso. 5 Vocês viveram na terra cercados de luxo e de seus próprios prazeres. Vocês se engordaram no dia da matança. 6 Vocês condenaram e assassinaram homens inocentes que não estavam se opondo a vocês.

A. Impaciência com os Ricos

5.1-6

Riquezas são bênçãos de Deus, como testifica Salomão: “A bênção do Senhor enriquece e com ela não traz desgosto” (Pv 10.22). Mas quando a riqueza é desprovida da bênção do Senhor, os problemas a acompanham na forma de inveja, injustiça, opressão, roubo, homicídio, abuso e mal-uso. O amor a Deus e ao próximo tornam-se amor ao dinheiro, que leva a todos os tipos de males (1Tm/ 6.10). Quando isso acontece, o homem adora e serve não a Deus, mas ao dinheiro. Então, é amigo do mundo e Deus é seu inimigo.

1. A quem se dirige

5.1

1 Agora prestem atenção, vocês que são ricos, chorem e lamentem-se pela miséria que está vindo sobre vocês.

Como um profeta do Antigo Testamento, Tiago critica as pessoas ricas que, em sua arrogância, esqueceram-se de Deus e de sua palavra.¹ Chama sua atenção energicamente e pede-lhes que ouçam o que ele tem a dizer. Ao que parece, essas pessoas ricas não eram

1. Os profetas do tempo do Antigo Testamento censuram os ricos por oprimir os pobres (ver, por exemplo, Is 3.14,15; 10.1,2; Am 4.1; Mq 2.1,2).

parte da comunidade cristã, mas opressores dos crentes, que viviam em pobreza (comparar com 2.6). Se eram judeus, haviam se desviado dos ensinamentos das Escrituras e se tornado pessoas do mundo. Se os ricos podiam ou não ouvir a admoestação de Tiago, é uma questão que fica em aberto,² mas os pobres e oprimidos na comunidade cristã eram confortados e encorajados por saber que Deus conhece suas dificuldades.

Tiago declara o julgamento divino sobre os ricos, e eles não têm como escapar. Recebem sua recompensa, por assim dizer, na forma de uma maldição. Têm sua porção de “miséria”. As palavras são semelhantes às de Jesus, quando diz: “Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação” (Lc 6.24).

“Chorem e lamentem-se”. Os leitores da epístola são exortados a purificar-se do pecado (“aflijam-se, pranteiem e lamentem” [4.9]) e a arrepender-se. Tiago não dá aos ricos nenhuma esperança de arrependimento, mas diz a eles que “chorem e lamentem-se”. O termo *lamentar*, na verdade, significa “gemer”. Ele descreve o som de uma pessoa que está sofrendo grande dor ou tristeza. Qual é, então, a diferença entre chorar de arrependimento e chorar sem arrependimento? João Calvino observa: “O arrependimento tem, de fato, o seu choro, mas este é misto de consolação, não se transforma em gemido”.³ A vida de luxo dos ricos está prestes a tornar-se uma vida repleta de miséria que inclui sofrimento, a “dor causada por doenças físicas”.⁴

Palavras, frases e construções do grego em 5.1

οἱ πλούσιοι – o uso do artigo definido indica uma classe genérica de pessoas ricas.

ὀλολύζοντες – esse particípio presente ativo de ὀλολύζω (eu clamo de alegria ou dor) denota modo, isto é, descreve choro acompa-

2. Os profetas do Antigo Testamento com freqüência declaravam o julgamento divino sobre nações ao redor de Israel (Is 13.6; 19.4; 33.1). Essas nações podiam não ouvir esses julgamentos, mas o povo de Deus ouvia.

3. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The Epistle of James*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 343.

4. Roland K. Harrison, *NIDNTT*, vol. 3, p. 858.

nhado de repetidos clamores de dor. O som do particípio é uma imitação do som associado com seu significado.

ταῖς ἐπερχομένοις – o particípio presente médio do verbo composto ἐπέρχομαι (eu venho sobre) se refere ao futuro.

2. *Riqueza* 5.2,3

2 A sua riqueza se corrompeu, as traças comeram suas roupas. 3 Seu ouro e prata estão corroídos. A corrosão deles testemunhará contra vocês e consumirá a sua carne como fogo. Nos últimos dias vocês acumularam tesouros.

Observe os seguintes pontos:

a. “Corrompeu”. O que é a riqueza? Sua definição depende da cultura e da época em que se vive. Jó era um homem rico, porque Deus o havia abençoado com um grande número de animais (sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas [Jó 1.3]). No início do Cristianismo, os ricos que possuíam terras ou casas vendiam-nas e davam o dinheiro aos pobres (At 4.34,35). Para os leitores da Epístola de Tiago, ao que parece, a riqueza consistia de comida, vestimentas, ouro e prata.

Tiago admoesta os ricos, pois estes permitiram que sua riqueza se corrompesse. O verbo, na verdade, significa “decompor-se” e parece aplicar-se a suprimentos de comida.⁵ Deus criou a natureza de maneira tal que cada estação de colheita trouxesse um novo suprimento de comida para homens e animais. Os suprimentos, portanto, não deveriam ser acumulados (Lc 12.16-20), pois estavam sujeitos a estragar-se. O que Deus oferece por meio da natureza deve ser usado para o sustento diário de suas criaturas (Mt 6.19). Com uma distribuição adequada desses suprimentos ninguém deveria passar fome, pois a terra abundante de Deus produz alimento suficiente para todos.

b. “Comeram”. Na falta de substâncias químicas preventivas, a traça ataca tanto as roupas dos ricos como dos pobres. Os pobres,

5. Consultar Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Zondervan, 1946), p. 154.

porém, não precisam se preocupar se suas vestes serão comidas por traças, pois eles usam no corpo as únicas roupas que possuem. Os ricos guardam suas vestes caras e, com o tempo, vêem que foram destruídas pelas larvas que as devoraram. Um inseto noturno insignificante deposita ovos que se abrem nos trajes de luxo. Esses trajes ficam arruinados e perdem seu valor (Jó 13.28; Is 51.8).

c. “Corroídos”. “Seu ouro e prata estão corroídos”. É claro que metais preciosos não enferrujam. Portanto, é preciso que expliquemos o verbo *enferrujar* de modo figurativo, e não literal.⁶ O acúmulo de prata e ouro com o simples fim de tê-los não serve para nenhum propósito importante. De certa forma, esses metais são tão inúteis quanto se estivessem enferrujados. Tiago fala da ferrugem para indicar como as posses terrenas não têm valor.

d. “A corrosão deles testemunhará contra vocês”. Num outro sentido, a corrosão dos metais tem uma conotação negativa. Num tribunal, por exemplo, isso pode ser usado como evidência contra o rico, ou seja, alguém pode acusar o rico de não ser um administrador digno de suas riquezas. Ao invés de ajudar o pobre e ir ao encontro de suas necessidades, essas pessoas ricas acumulam suas riquezas, usando-as para os próprios prazeres egoístas ou não usando para propósito algum.

e. “Consumirá”. Tiago é um tanto descritivo nas denúncias que faz contra os ricos. Ele diz que “[a ferrugem] há de devorar, como fogo, as vossas carnes”.⁷ O fogo é uma força devastadora; a temperaturas suficientemente altas, ele consome tudo o que estiver no seu caminho. Tiago faz uma alusão ao julgamento de Deus que está para vir sobre eles (ver Dt 24.4; Is 10.16,17; 30.27; Ez 15.7; Am 5.6). Desse julgamento, eles não podem escapar. Em outras palavras, ape-

6. No mundo antigo, uma referência à ferrugem em metais preciosos era entendida de modo figurativo: “Perca a tua prata pelo amor de um irmão ou amigo e não deixe que ela enferruje sob uma pedra e se perca. Disponha de teu tesouro de acordo com os mandamentos do Altíssimo, e isso lhe trará mais lucro do que o ouro” (Sir. 29.10,11, RSV).

7. Essa parte do versículo 3 é um tanto problemática. Em primeiro lugar, no grego, a palavra *carne* é plural. Em segundo lugar, alguns tradutores desejam separar a idéia de ferrugem da idéia de fogo. Com uma pontuação diferente, a palavra fogo, então, torna-se parte da oração seguinte: “Foi fogo ardente que vós guardastes como tesouro para os últimos dias” (JB), “uma vez que tendes guardado fogo”. James Hardy Ropes, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*, International Critical Commentary Series (1916; ed. reimpressa, Edimburgo: Clark, 1961), p. 287.

sar de um dia todos terem que se apresentar diante do trono de julgamento, a ira de Deus pode cair sobre o pecador ainda em vida, de modo que seu corpo físico seja destruído. O rei Herodes, gloriando-se de seu próprio poder e riquezas, experimentou o julgamento imediato de Deus quando “um anjo do Senhor o feriu” (At 12.23).

f. “Acumularam”. Eis a conclusão da questão: “Nos últimos dias vocês acumularam tesouros”. Esse texto permite várias interpretações.

Em primeiro lugar, a vida do homem na terra é curta e, como Tiago indica (4.14), logo chegará ao fim. Na terra, as pessoas invejam os ricos por causa de seus bens e influência, mas, no momento da morte, aqueles que são materialmente ricos estão espiritualmente falidos. O que o homem deve fazer é aumentar sua conta bancária espiritual ao acumular tesouros no céu (Mt 6.20).

Em segundo lugar, várias traduções apresentam o texto “acumulastes tesouros *para* os últimos dias” (itálico nosso).⁸ Alguns intérpretes afirmam que os ricos acumulam tesouros conforme está escrito em Romanos: “acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (2.5).⁹

Em terceiro lugar, no contexto mais amplo desse versículo, Tiago menciona duas vezes a vinda iminente do Senhor (vs. 7 e 8) e então acrescenta: “O Juiz está à porta” (v. 9). O Senhor e o Juiz, obviamente, são a mesma pessoa.¹⁰ A expressão *nos últimos dias* se refere ao chamado fim dos tempos, que é a era de cumprimento do que foi previsto no Antigo Testamento (Jr 23.20; Ez 38.16; Os 3.5; Jl 2.28) e que ocorreu na época do Novo Testamento (Jo 11.24 [singular]; 12.48 [singular]; At 2.17; 2Tm 3.1; Hb 1.2). De modo mais preciso, a expressão inclui o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Os ricos, de acordo com Tiago, acumularam riqueza material à sombra da volta de Cristo. Quando ele voltar, porém, eles serão julgados.

8. Consultar a RSV. Ver também KJV, JB e MLB. A NAB traz “contra os últimos dias”.

9. Calvino, *James*, p. 344; ver também E. M. Sidebottom, *James, Jude, and 2 Peter*, Century Bible Series (Londres: Nelson; Greenwood, S. C.: Attic, 1967), p. 57; e James B. Adamson, *The Epistle of James*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), p. 185.

Considerações práticas em 5.2,3

Versículo 2

Quando repórteres perguntam às pessoas nos últimos dias do ano o que elas esperam no ano novo, nove entre dez dizem que esperam ganhar mais dinheiro. O dinheiro dá segurança e a possibilidade de adquirir os bens necessários. Não podemos viver sem dinheiro. Vendemos nossas habilidades e tempo no mercado de trabalho para ter retorno financeiro, e todos nós temos o desejo de progredir ganhando mais dinheiro. Parece que nunca é suficiente, pois quanto mais recebemos, mais queremos.

Qual deve ser nossa atitude quanto ao dinheiro? As posses terrenas são como as marés do oceano: vêm e vão. Assim, não devemos basear nosso destino na instabilidade das riquezas terrenas. Ao invés disso, devemos receber cada boa dádiva e dom perfeito que vem das mãos de Deus (Tg 1.17) e, então, usar com sabedoria o dinheiro que Deus nos dá. Quando nos lembramos das necessidades de nosso próximo e damos generosamente, refletimos a generosidade de Deus para conosco.

Versículo 3

Qual é nossa mensagem para aqueles que foram dotados de riquezas terrenas? A resposta está na importante instrução de Paulo a Timóteo:

“Exorte os ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona... que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida” (1Tm 6.17,19).

Palavras, frases e construções do grego em 5.3

εἶς – com o substantivo *testemunho* essa preposição significa “com vistas a” ou “resultando em”.¹¹

10. Comparar com Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 811.

11. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p.70.

τῶς σόφκας – a forma plural também aparece em outras passagens (Ap 17.16; 19.18,21). O substantivo σόφξ representa a existência física de uma pessoa e suas posses.

ἐν – esta preposição se refere a tempo, e não a propósito.

3. Roubo

5.4

Um pecado leva a outro. O pecado de acumular riquezas, motivado pela cobiça, ao invés de dividi-las com os pobres, leva o pecador a roubar dos pobres. Nesse caso, o rico rouba dos trabalhadores que ceifaram seus campos no tempo da colheita.

4 Vejam! Os salários que vocês deixaram de pagar para os trabalhadores que ceifaram os seus campos estão clamando contra vocês. O clamor dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor Todo-Poderoso.

Tiago conduz o leitor para os campos abertos, por assim dizer, onde ninguém pode se esconder. Lá eles podem ver as injustiças que os pobres sofrem nas mãos dos ricos. Ao que parece, a estação da colheita terminou, os campos estão vazios e os celeiros dos ricos estão repletos dos frutos da terra. Apesar de não sabermos ao certo, é possível que os leitores da epístola estivessem entre aqueles que colheram nos campos dos ricos proprietários de terras.

a. “Os salários que vocês deixaram de pagar”. Os empregados eram trabalhadores diaristas que tinham um acordo com o patrão para receber o pagamento diariamente e que esperavam ser pagos no final de cada dia (Mt 20.8). A Lei de Moisés determinava para os patrões: “A paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã” (Lv 19.13; Dt 24.14,15). A família desses trabalhadores dependia da renda diária; atrasos no pagamento significava que não haveria comida na mesa e angustiava a alma dos trabalhadores.

b. “Para os trabalhadores que ceifaram os seus campos”. Os campos cultivados que eram cobertos de plantações pertenciam aos ricos proprietários de terras. Alguns deles delegavam o trabalho a capatazes,

enquanto eles mesmos moravam em outro lugar. Esses capatazes contratavam trabalhadores adicionais para ceifar os grãos, juntar os feixes e amarrá-los em fardos. Esses trabalhadores eram necessários para que o grão maduro não se estragasse por causa de mau tempo ou por outros motivos.

c. “Os salários... estão clamando”. Ao invés de alegria na estação da colheita (ver Sl 126.5,6), esses trabalhadores tinham que lidar com a ira por causa de promessas não cumpridas, atrasos e a perspectiva de não receber salário nenhum. Eles clamavam contra os ricos e exigiam justiça. Presume-se que eles conheciam a maldição que Deus havia lançado sobre o rico “que se vale do serviço do seu próximo sem paga, e não lhe dá o salário” (Jr 22.13; ver também Mt 3.5). Talvez soubessem do ditado de Jesus: “porque digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10.7; comparar também com 1Tm 5.18). Não havia ninguém para defendê-los, a não ser Deus.

d. “O clamor dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor Todo-Poderoso”. Os trabalhadores e os ceifeiros são as mesmas pessoas. Seus clamores não são ouvidos pelos ricos, mas o Senhor ouve o seu povo. A New King James Version apresenta uma tradução literal do grego nas palavras *o Senhor de Sabaoth*. A New International Version, por outro lado, traduz essas palavras como “Senhor Todo-Poderoso”. Essa tradução comunica a expressão *Senhor de Sabaoth*, porém não dá, necessariamente, o significado da expressão original, isto é, Senhor dos Exércitos no céu e na terra.¹² Deus, o onipotente, está do lado dos oprimidos. Ele coloca seu poder majestoso para trabalhar em favor de seu povo, a fim de vindicá-lo e de dispensar rápida justiça aos seus adversários. Graças a Martinho Lutero, nós nos familiarizamos com o nome *Sabaoth*.

Perguntais quem pode ser?
 É ele, Cristo Jesus;
 Senhor Sabaoth é seu nome,
 De geração em geração é o mesmo,
 E deve ele a batalha vencer.

12. O termo *Sabaoth* é uma transliteração do hebraico para grego e inglês. Aparece diversas vezes na Septuaginta (especialmente em Isaías). Paulo usa o termo em Rm 9.29 (citando Is 1.9).

Palavras, frases e construções do grego em 5.4

ἠμῆσαντων – o tempo aoristo desse particípio adjetivo de ἠμῶω (eu ceifo) especifica que o trabalho já terminou.

ὄπιστερμένος – de ὄπιστερέω (eu privo, fraudo), esse particípio presente perfeito não difere em sentido do particípio presente perfeito ὄφυστερημένος (derivado de ὄφυστερέω, eu retiro, defraudo). O tempo presente denota uma ação que começou no passado e continua no presente.

4. Viver em prazeres

5.5

O pecado da cobiça leva a pessoa a degenerar do roubo para uma vida de luxo e busca pelo prazer. Em outras palavras, o dinheiro tomado dos trabalhadores miseráveis é gasto em extravagâncias. Tiago denuncia os ricos em tom severo.

5 Vocês viveram na terra cercados de luxo e de seus próprios prazeres. Vocês se engordaram no dia da matança.

Depois de terem aumentado sua riqueza, os ricos voltam-se para os luxos e prazeres pecaminosos. Podem comprar todos os confortos físicos que desejam literalmente esbanjar seus recursos num estilo de vida cheio de desperdício.

Jesus retratou o homem rico “que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e que todos os dias se regalava esplendidamente” (Lc 16.19) como sendo um homem digno do castigo do inferno, não por aquilo que havia feito, mas por aquilo que havia deixado de fazer,¹³ isto é, o rico havia deixado de amar a Deus e de cuidar do seu próximo, Lázaro. Esse era o seu pecado.

Numa outra parábola, Jesus descreve um jovem imoral que “dissipou todos os seus bens vivendo dissolutamente” (Lc 15.13). De acordo com o irmão desse jovem, ele desperdiçou o dinheiro com prostitu-

13. Simon J. Kistemaker, *The Parables of Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 239.

tas (v. 30). Essa era a vida que levavam os ricos denunciados por Tiago. Assim, ele se dirige a eles com severidade.

“Vocês se engordaram no dia da matança” (comparar com Jr 12.3; 25.34). Numa linguagem pitoresca, Tiago os compara a animais domésticos que se empanturravam diariamente sem saber do fim ao qual estão destinados. Gado sendo engordado para o dia da matança – assim são os ricos que se entregam aos prazeres em meio ao luxo e à licenciosidade, alheios ao dia do julgamento que se aproxima.¹⁴ Ainda assim, seu fim é certo e sua destruição será rápida.

Palavras, frases e construções do grego em 5.5

ἐθρέψατε – o tempo aoristo, juntamente com aquele de outros dois verbos nesse versículo, é conservador, isto é, o aoristo inclui todo o período no qual os ricos se engordaram. O substantivo καρδιάς (corações) não precisa ser traduzido literalmente; em conjunto com o verbo, ele expressa o pronome reflexivo “a si mesmos”.

ἐν – esta preposição significa “sobre” ou “em”, e não “para” (εἰς).

5. Homicídio

5.6

O último pecado é o de homicídio. Em sua busca pela riqueza, os ricos não se detiveram de tirar a vida de outros. O pecado da cobiça fez nascer o roubo; esse pecado deu à luz a licenciosidade e acabou levando-os a cometer homicídio.

6 Vocês condenaram e assassinaram homens inocentes que não estavam se opondo a vocês.

14. Peter H. Davids mostra que a expressão *dia de matança* “é parte de uma longa tradição que vê o dia do julgamento de Deus como um dia de matança dos inimigos”. *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*, New International Greek Testament Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 178. Ele reúne uma infinidade de referências das Escrituras (Sl 22.29; 37.20; 49.14; Is 30.33; 34.5-8; Jr 46,10; 50.26,27; Lm 2.21,22; Ez 39.17; Ap 19.17-21) e da literatura apócrifa.

Como entender o termo *assassinaram*? Podemos interpretá-lo literalmente ou figurativamente. Aqueles ricos que talvez tenham arrastado os pobres aos tribunais (2.6) agora são culpados de homicídio.¹⁵ Direta ou indiretamente eles mataram um ser humano que era incapaz de se defender.

Também podemos entender a palavra metaforicamente. Um homem rico que deixa de pagar o salário de um trabalhador, por exemplo, está privando-o de seu ganha-pão e, assim, indiretamente, comete um ato de homicídio. No século 2º antes de Cristo, Josué bem Sira disse: “oferecer em sacrifício o produto da injustiça é uma oferta defeituosa, e os dons dos que violam a Lei não poderão ser bem aceitos”. (Sir. 34.21,22, RSV).

Ao considerarmos os dois verbos, *condenar* e *assassinar*, em conjunto, podemos compreender que o texto afirma que os ricos tinham ido ao tribunal e usado sua riqueza para subverter a justiça. Estavam determinados a livrar-se do pobre, mesmo que este fosse reto e não tivesse feito oposição aos ricos.¹⁶ Com a lei do seu lado, haviam cometido homicídio. Os detalhes exatos de tempo, lugar e circunstâncias não são revelados por Tiago. Ele está interessado apenas no fato de que os ricos mataram homens inocentes.

A New International Version coloca o objeto *justo* no plural. Outras versões oferecem uma tradução literal do texto, como por exemplo: “Tendes condenado, tendes matado o homem reto; ele não vos resiste” (RSV). Ao invés de tentar explicar quem é o homem justo – alguns intérpretes consideram ser este Jesus ou o próprio Tiago, pois ele era chamado de *o Justo* – convém que pensemos nessas palavras de modo mais generalizado e, portanto, referindo-se ao homicídio de pessoas inocentes que se recusam a resistir à opressão (comparar com Mt 5.39).

15. Donald W. Burdick, *James*, vol. 12, the *Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelin, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), p. 200.

16. Os homens ímpios dizem: “Oprimamos o homem justo, porque ele é inconveniente para nós e se opõe às nossas ações, ele reprova os nossos pecados contra a lei (Sabedoria 2.10,12).

Palavras, frases e construções gregas em 5.6

τὸν δίκαιον – o artigo definido com o substantivo (adjetivo) define uma classe genérica de pessoas justas.¹⁷

7 Sejam, portanto, pacientes até a vinda do Senhor. Vejam como o lavrador espera que a terra dê sua valiosa colheita e como ele é paciente ao esperar as chuvas de outono e verão. 8 Sejam pacientes vocês também e não vacilem, pois a vinda do Senhor está próxima. 9 Não murmurem uns contra os outros, irmãos, ou serão julgados. O Juiz está à porta! 10 Irmãos, como um exemplo de paciência diante do sofrimento, pensem nos profetas que falaram em nome do Senhor. 11 Como vocês sabem, consideramos abençoados aqueles que perseveraram. Vocês ouviram falar da perseverança de Jó e viram o que, por fim, o Senhor fez. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia.

B. Necessidade de Paciência

5.7-11

1. Súplica por paciência

5.7,8

Nesta parte da epístola, o autor assume o papel de pastor. Já expressou sua indignação com os ricos; agora, afetosamente se dirige aos leitores chamando-os de “irmãos” (ver também vs. 7,9,10,12,19). Ele expressa sua preocupação de que eles exercitem a virtude da paciência. Lança mão da repetição: usa o conceito de *paciência* cinco vezes sucessivas (v. 7 [duas vezes], 8,10,11) e emprega uma vez o conceito de *perseverar* (v. 11), e é nisso que Tiago coloca sua ênfase.

7 Sejam, portanto, pacientes até a vinda do Senhor. Vejam como o lavrador espera que a terra dê sua valiosa colheita e como ele é paciente ao esperar as chuvas de outono e verão. 8 Sejam pacientes vocês também e não vacilem, pois a vinda do Senhor está próxima.

Observe os seguintes comentários:

a. *Ordem*. Plenamente ciente de suas adversidades, Tiago diz aos leitores para exercitar paciência. O advérbio *pois* liga a ordem de ser

17. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 757.

paciente aos versículos anteriores, nos quais Tiago descreve as condições opressivas sob as quais vivem os pobres. Num certo sentido, Tiago retoma o tema com o qual começou a epístola: “Considerem uma alegria absoluta, meus irmãos, sempre que vocês enfrentarem tribulações de muitos tipos” (1.2).

A paciência é uma virtude que poucos têm e muitos procuram. Vivemos numa sociedade que defende a palavra *instantâneo*. Mas ser paciente, da maneira como Tiago usa a palavra, é muito mais do que esperar passivamente que o tempo passe. Paciência é a arte de suportar alguém cuja conduta é incompatível com a de outros e por vezes opressiva. Uma pessoa paciente acalma uma briga, pois controla sua ira e não busca vingança (comparar com Pv 15.18; 16.32).¹⁸

O termo *longânimo* (N.T. – no inglês da época, *long suffering*) não significa sofrer por um pouco, mas tolerar alguém por um longo tempo. Em outras palavras, paciência é o contrário de ser irascível. Deus demonstra paciência ao ser “tardio em irar-se” quando o ser humano continua a pecar, mesmo depois de muitas admoestações (Êx 34.6; Sl 86.15; Rm 2.4; 9.22; 1Pe 3.20; 2Pe 3.15).¹⁹ O ser humano deve refletir essa virtude divina em sua vida diária.

Tiago sabe que os leitores de sua epístola são incapazes de se defender contra seus opressores. Portanto, ele sugere que exercitem a paciência e deixem a questão nas mãos de Deus, que está vindo para salvá-los. Mesmo que eles pudessem se defender, não deveriam fazer justiça com as próprias mãos. Deus disse: “A mim me pertence a vingança, a retribuição” (Dt 32.35; Rm 12.12; Hb 10.30).

“Sejam... pacientes até a vinda do Senhor”. Os leitores sabem que o Senhor está voltando como Juiz.²⁰ Devem exercitar o autocon-

18. “Paciência é o autocontrole que não se apressa em retaliar o mal”. J. B. Lightfoot, *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon* (Londres: Macmillan, 1890), p. 138; Thayer, p.387.

19. Louis Berkhof define a paciência de Deus como “o aspecto da bondade e amor de Deus na virtude através da qual ele suporta a rebeldia e o mal apesar da longa e contínua desobediência”. *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 72.

20. Johannes Horst, *TDNT*, vol. 4, p. 385; Ulrich Falkenworth e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 2, p. 771; Everett F. Harrison, “Patience” in *Baker's Dictionary of Christian Ethics*, ed. Carl F. H. Henry (Grand Rapids: Baker, 1973), p. 488.

trole em relação a seus adversários e demonstrar paciência quanto à vinda do Senhor. Ele vingará seu povo quando voltar (2Ts 1.5,6).

b. *Exemplo.* Ao longo de sua epístola, o autor revela seu amor pela criação de Deus. Nesse versículo, ele retrata a espera de um lavrador que aguarda uma colheita abundante, mas deve esperar pacientemente pela chegada das “chuvas de outono e de verão”. O lavrador sabe que tudo cresce de acordo com as estações do ano. Sabe que são precisos muitos dias para que uma planta se desenvolva da germinação até a colheita. Além disso, ele sabe que, sem a quantidade certa de chuva no devido momento, seu trabalho é em vão.

Apesar de a quantidade de chuva em Israel variar, o lavrador sabe que pode contar com as chuvas de outono, começando com algumas tempestades no final de outubro. Então, ele pode plantar as sementes para que estas venham a germinar e aguarda com ansiedade que chova o suficiente em abril e maio, quando os grãos estão amadurecendo e a safra aumenta a cada chuva. Ele depende, portanto, das chuvas de outono e primavera (Dt 11.14; Jr 5.24; Os 6.3; Jl 2.23).²¹ Ele é capaz de prever a vinda das chuvas, mas não pode ter certeza quanto à colheita. Ele aguarda em ansiosa expectativa.

c. *Repetição.* Tiago aplica o exemplo do lavrador aos leitores. “Sejam pacientes vocês também, pois a vinda do Senhor está próxima”. Assim como o lavrador aguarda cheio de confiança as chuvas de outono e primavera, das quais depende sua colheita, assim também o crente aguarda pacientemente a vinda do Senhor. Do mesmo modo que Deus prometeu a Noé que “enquanto durar a terra não deixará de haver sementeira e ceifa” (Gn 8.22), o Senhor também deu ao crente a promessa de que ele voltará.

Tiago pede aos leitores que sejam pacientes e que se mantenham firmes (no original, “fortaleçam o seu coração”). Eles podem afirmar com segurança que o Senhor vai voltar, mas não sabem quando será. Enquanto esperam, a dúvida e a distração muitas vezes entram em

21. John H. Paterson, *ZPEB*, vol. 5, pp. 27-28; George Adam Smith, *The Historical Geography of the Holy Land* (Londres: Hodder and Stoughton, 1966), pp. 62-70; Alfred H. Joy, *ISBE*, vol. 4, pp. 2525-26. A média anual pluviométrica em Jerusalém (medida durante um período de 50 anos) é de 66,44 cm. O valor mais baixo foi de 30,5 cm e o mais alto, de 101,6 cm.

sua vida. Por esse motivo, Tiago aconselha seus leitores a manterem-se firmes no conhecimento de que, em seu devido tempo, o Senhor cumprirá a promessa que fez aos crentes. Ele cai em repetição, mas a lembrança da vinda iminente do Senhor é necessária para que os leitores não se desanimem nas circunstâncias difíceis.

Palavras, frases e construções do grego em 5.7,8

Versículo 7

μακροθυμήσατε – da combinação de μακρός (longo) e θυμός (ânimo). Apesar de a ação ser, por natureza, de origem persistente, o imperativo aoristo é momentâneo.²² Num certo sentido, é semelhante ao tempo presente (ver também o v. 8).

ἕως λόβη – a conjunção temporal ἕως (até) controla o subjuntivo aoristo do verbo λόβη (de λαμβάνω, eu recebo).

Versículo 8

καὶ ὑμεῖς – a inclusão do uso adjuntivo de καί e o pronome pessoal ὑμεῖς são para dar ênfase.

ἤγγικεν – de ἐγγίζω (eu me aproximo), o indicativo perfeito ativo denota um acontecimento que se aproximou e agora está prestes a ocorrer (considere, entre outros versículos, Mt 21.34; 26.45; Lc 21.8; 22.1; At 7.17; Rm 13.12; 1Pe 4.7).

2. Advertência contra a impaciência

5.9

Tiago está totalmente a par da opressão e das dificuldades pelas quais estão passando os leitores de sua carta. Ele os trata de maneira pastoral e os aconselha.

9 Não murmurem uns contra os outros, irmãos, ou serão julgados. O Juiz está à porta!

22. Robertson, *Grammar*, p. 856.

As pessoas às quais Tiago se dirige vivem em situações de opressão que os leva a perder a paciência com aqueles que os privam da satisfação de suas necessidades básicas. Com o tempo, tornam-se irritáveis para com aqueles que compartilham de suas misérias.²³ Expressam seus sentimentos reprimidos e atacam aqueles que estão ao seu redor. Seu comportamento é compreensível. Nesse ponto, porém, o pastor Tiago aparece e os admoesta a não se queixarem uns dos outros. Ele sabe que estão murmurando de membros da comunidade cristã. Supomos que os ricos que os oprimem estão muito distantes deles para ouvir essas queixas.

Queixas e murmurações são o oposto de alegria e gratidão. Apesar de, em certos momentos, o crente encontrar-se em situações nada invejáveis, o fato é que, quando começa a se queixar, cai em pecado. Ele peca porque acusa Deus, talvez de forma indireta, pelas dificuldades que recebe.

Diretamente, o queixoso encontra falhas em seu próximo, culpa-o pelos problemas que tanto ele quanto seu próximo têm que suportar e julga-o injustamente. Isso vai contra a lei régia do amor, pois o queixoso, então, “fala contra a lei e a julga” (4.11). Tiago lembra aos murmuradores, aos quais chama afetuosamente de “irmãos”, de que eles mesmos estão sujeitos a julgamento. O próprio Deus irá julgá-los. Tiago, de fato, declara: “O Juiz está às portas”.

O pecador está apenas a um passo do Juiz. Quando a morte chega, o murmurador entra na presença de Deus, que irá julgá-lo por todas as suas palavras vãs. Todos que passam pelos portais da morte encontram-se com o Juiz do outro lado. Calvino escreve: “O que acontecerá, então, será que cada um que busca trazer julgamento sobre os outros deverá permitir o mesmo sobre si mesmo e, assim, todos receberão a mesma ruína”.²⁴

23. De acordo com Martin Dibelius, “não é necessário encontrar algum tipo de ligação entre a advertência para não se queixar uns dos outros e as palavras que a precedem”, *James: A Commentary on the Epistle of James*, rev. Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, *Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible* (Filadélfia: Fortress, 1976), p. 244. Ele admite, porém, que os temas da vinda do Senhor e do julgamento formam um elo entre este versículo e o anterior.

24. Calvino, *James*, p. 349: “Que ninguém peça, portanto, pela vingança sobre os outros, a menos que esteja disposto a também ter vingança sobre sua própria cabeça”.

O comentário de Tiago é uma palavra de advertência para o queixoso impaciente e uma palavra de conforto para aquele que mantém os olhos da fé fixos em Jesus. A igreja de todas as eras faz a oração que o apóstolo João registrou no final do Novo Testamento: “Amém. Vem, Senhor” (Ap 22.20).

Considerações doutrinárias em 5.7-9

Na metade do século 1º da era cristã, líderes na igreja esperavam a vinda do Senhor Jesus Cristo ainda nos seus dias. Em suas cartas, Paulo diz aos seus líderes que o dia de Cristo está próximo (Rm 13.11,12; 1Co 1.8; 2Co 1.14; Fp 1.6,10; 2.16; 1Ts 5.2; 2Ts 2.2). É claro que as duas epístolas de Paulo à igreja de Tessalônica tratam principalmente da questão da volta de Cristo. Para Paulo, a vinda de Jesus era iminente.

O autor da Epístola aos Hebreus também fala do fim dos tempos. Diz: “nestes últimos dias, nos falou [Deus]” (1.2). Ele declara que “Cristo... aparecerá uma segunda vez... aos que o aguardam para a salvação” (9.28). Aponta, ainda, para a iminência da volta de Cristo quando diz: “Não deixemos de congregar-nos... antes façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima” (10.25).

Tiago também menciona a doutrina da volta de Cristo. No capítulo 5 de sua epístola, dirige-se aos ricos que acumularam tesouros nos últimos dias (v. 3). Especialmente ao exortar seus leitores a serem pacientes, Tiago observa que a vinda do Senhor está próxima (vs. 7 e 8). Além disso, ele identifica o Senhor com o Juiz que “está às portas” (v. 9). Tiago prevê que a volta do Senhor acontecerá logo, de modo que os perversos recebam seu justo castigo e os retos sejam salvos da opressão.²⁵

25. G. E. Ladd observa que, para Tiago, a volta do Senhor é uma esperança viva. “Tal esperança é forte indício de uma data bastante antiga”. *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 590. Ver também Guthrie, *New Testament Theology*, p. 811.

Palavras, frases e construções do grego em 5.9

μη στενόζετε – o imperativo no tempo presente precedido da partícula negativa μή indica que os leitores estão envolvidos em murmuração.

κριθήτε – o subjuntivo passivo aoristo nessa cláusula de propósito negativa deixa implícito que Cristo é o Juiz no dia do julgamento.

πρό – essa preposição governa o caso genitivo e significa “diante de”. Com o plural τῶν θυρῶν (às portas) constitui uma expressão no grego do Novo Testamento que é traduzida para nosso idioma como “às portas”.

ἔστηκεν – o tempo perfeito de ἵστημι (eu espero imóvel) tem uma conotação presente.

3. Exemplos

5.10,11

Tiago toma emprestado da natureza o primeiro exemplo de paciência – a espera pelas primeiras e últimas chuvas (5.7) – e o segundo, das Escrituras. Sabe que os leitores conhecem muito bem a história dos profetas do Antigo Testamento. Assim, ele escreve:

10 Irmãos, como um exemplo de paciência diante do sofrimento, pensem nos profetas que falaram em nome do Senhor.

Mais uma vez, o pastor se dirige aos membros da igreja chamando-os ternamente de “irmãos” (ver 5.7,9). Ele os instrui através de uma ordem negativa (v. 9), mas por um exemplo positivo. Exorta-os a seguir o exemplo dos profetas, conforme registrado nas Escrituras.

A palavra *modelo* é de grande importância. No original, ela aparece no começo da oração e, assim, recebe toda a ênfase. A expressão tem dois significados: no sentido negativo, refere-se aos ímpios, cuja conduta devemos evitar (Hb 4.11; 2Pe 2.6) e, no sentido positivo, descreve os justos, cuja conduta devemos imitar (Jo 13.15).

Quem são os justos, dignos de serem imitados? São os profetas mencionados no Antigo Testamento. Os leitores estão familiarizados com a história dos profetas, pois o Antigo Testamento era lido nas sinagogas judaicas e nas igrejas cristãs. Não devemos limitar o termo *profeta* como descrição apenas daqueles que escreveram livros proféticos. Figuras proeminentes do Antigo Testamento eram exemplos de paciente resistência (ver a lista de heróis da fé em Hb 11).²⁶ Considere a perseguição que Elias suportou do Rei Acabe, as dificuldades pelas quais passou Jeremias nas mãos dos reis de Judá e a perseverança demonstrada por Daniel quando foi colocado na cova dos leões durante a época do exílio. Todos esses e muitos outros sofreram, porque “falaram em nome do Senhor”.

Em sua oração de confissão, Daniel se dirige a Deus dizendo: “Não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra” (Dn 9.6). Foi isso que os profetas fizeram, e Tiago exorta os leitores de sua epístola a seguirem seu exemplo. Ao imitar os profetas, teriam que suportar insultos e perseguição e correr o risco de perder sua vida. Ainda assim, deveriam considerar-se entre aqueles que são chamados de abençoados.

11a Como vocês sabem, consideramos abençoados aqueles que perseveraram.

Nesse versículo, ouvimos ecoar uma das bem-aventuranças de Jesus: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de nós” (Mt 5.11,12). Tiago supõe que seus leitores conheçam essas palavras de Jesus.

Bem-aventurados os que perseveraram e continuam a perseverar. Na introdução de sua epístola, Tiago escreve a bem-aventurança: “Bem-aventurado o homem que persevera sob tribulação, pois quando tiver suportado a prova, receberá a coroa da vida, que Deus pro-

26. Mayor cita Noé, Abraão, Jacó, Moisés, Isafas e Jeremias como “modelos preeminentes de persistência”. *James*, p. 163. Há diversas referências do Novo Testamento à perseguição e morte de profetas (Mt 5.12; 23.29-37; At 7.52; Rm 11.3; 1Ts 2.15; Hb 11.35-38; Ap 11.7; 16.6; 18.24).

meteu aos que o amam” (1.12; ver também 1.3). Mais para o final de sua epístola, ele menciona a “perseverança” no contexto de uma discussão sobre paciência (5.11). Tiago parece dizer que o crente perseverante suporta de maneira ativa as provações e tentações e continua corajoso.²⁷ E oferece um exemplo notável ao referir-se a Jó.

11b Vocês ouviram falar da perseverança de Jó e viram o que, por fim, o Senhor fez.

Talvez pelo fato de nos basearmos em traduções da Bíblia, a proverbial paciência de Jó tenha se tornado conhecida. Mas em sua epístola, no original, Tiago usa o termo *perseverança* ao invés de “paciência”.²⁸ Ele introduz o substantivo *perseverança* com o verbo *perseverar* na frase anterior a esta: “Eis que temos por felizes aos que perseveraram firmes” (v. 11a; ver também 1.3,4,12). A paciência também pode ser descrita como o suportar passivo; a perseverança, pelo contrário, é a determinação ativa do crente cuja fé triunfa em meio às aflições.

O que sabemos sobre a paciência de Jó? O profeta Ezequiel o menciona junto com Noé e Daniel. Porém, o profeta ressalta não a paciência, mas a retidão, como a virtude característica de Jó (Ez 14.14,20). Mesmo no Livro de Jó, a paciência não é uma das virtudes excepcionais de Jó. Ele deixa transparecer sua impaciência quando amaldiçoa o dia de seu nascimento (3.1) e quando diz que os longos discursos de seus três amigos não têm fim (16.3).

Então, o que torna Jó inesquecível? Ele é conhecido por sua firmeza, ou seja, sua fé perseverante que triunfou no final. Tendo em vista que “em tudo isso Jó não pecou com seus lábios” (2.10), Deus, por fim, abençoou-o com o dobro de muitas de suas posses anteriores (42.12,13). Por esse motivo, Tiago diz aos seus leitores: “Vistes que fim o Senhor lhe deu”. Deus abençoou Jó por causa de sua fé perseverante.

27. R. C. Trench observa que Deus possuiu o atributo da paciência, mas que “não há lugar nele” para a perseverança. É Deus quem dá persistência aos crentes (Rm 15.5). Ver *Synonyms of the New Testament* (1854; ed. reimpressa, Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 198.

28. Algumas traduções trazem escrito *paciência* (consultar KJV, RV, ASV, JB, GNB).

11c O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia.

Se Deus permitiu que Satanás tirasse tudo o que Jó possuía, se Deus permitiu que os ricos oprimissem os pobres no tempo de Tiago, ele está preocupado com a situação do homem na terra?

Sim, Deus se preocupa com seu povo. Tiago escreve essas palavras encorajadoras: “O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia”. Apesar de não citar as Escrituras do Antigo Testamento, ele faz alusão a pelo menos duas passagens:

SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade (Êx 34.6).

O SENHOR é misericordioso e compassivo, longânimo e assaz benigno (Sl 103.8).

Tiago, porém, vai um pouco mais longe do que essas duas passagens. Ele cria uma expressão em grego que não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Ele diz: “O Senhor é *cheio de terna misericórdia*” (itálico nosso).²⁹ Deus é mais do que compassivo, ele é cheio de terna misericórdia. Ele é profundamente tocado pela pessoa que necessita de ajuda.

O que é compaixão? É um sentimento. A palavra é melhor traduzida como “coração”. Além disso, a compaixão é sinônimo de misericórdia. A misericórdia se estende sobre o ser humano e é recebida por ele. A misericórdia tem um caráter externo: ela vai ao encontro do ser humano.

Tiago exorta os leitores a imitarem os profetas, lembrando-os da perseverança de Jó, e os ensina sobre o amor e a misericórdia abundantes de Deus. Sua mensagem é: Deus os sustentará.

29. Na opinião de Helmut Köster, *TDNT*, vol. 7, p. 557, o termo *cheio de compaixão e misericórdia* “dificilmente foi criado pelo autor de Tiago”. Ele baseia essa idéia no fato de a expressão aparecer nos escritos de Hermas. Porém, a Epístola de Tiago antecede a obra de Hermas. Consultar também Hans-Helmut Esser, *NIDNTT*, vol. 2, p. 600.

Considerações doutrinárias em 5.10,11

Quando o governador de um estado concede clemência a um criminoso condenado à morte, ele age baseado na compaixão e nos antecedentes. O condenado recebe clemência e a pena de morte é suspensa.

Deus concede misericórdia ao ser humano por causa da morte sacrificial de Jesus Cristo, mas não é somente por meio do perdão dos pecados que o homem recebe misericórdia. Deus estende sua misericórdia sobre ele na forma de ajuda em tempos de necessidade. Quando alguém apela para Deus, ele envia socorro, porque na aliança prometeu ao seu povo: “Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jr 31.33; Hb 8.10). Deus mantém sua palavra e cumpre suas promessas.³⁰

Palavras, frases e construções do grego em 5.10,11

Versículo 10

τῆς κακοπαθίας – o primeiro substantivo tem um sentido ativo e se refere ao “sofrimento que uma pessoa suporta, um esforço exaustivo feito por alguém ou, ainda, a perseverança que essa pessoa exercita”.³¹ O segundo substantivo, *paciência*, pode ser considerado em conjunto com o primeiro. Tendo em vista que os dois substantivos estão no caso genitivo, um depende do outro. A tradução, portanto, é “paciência no sofrimento”.³²

τοὺς προφήτας – junto com ὑπόδειγμα (exemplo), esse substantivo é parte de uma acusativa dupla, e, assim, é desprovido de uma partícula auxiliar ὡς (quanto). O acusativo é usado de modo predicativo.³³

30. Stanley D. Walters, “Mercy” in *Baker’s Dictionary of Christian Ethics*, org. Carl F. H. Henry (Grand Rapids: Baker, 1973), pp. 418-19. Ver também Peter C. Craigie, “Mercy”, *EDT*, pp. 708-9.

31. Bauer, p. 397.

32. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), sec. 442 (16).

33. Moule, *Idiom-Book*, p. 35; Robertson, *Grammar*, p. 480.

Versículo 11

τοὺς ὑπομείναντας – o particípio no tempo aoristo com o artigo definido se refere a uma classe geral de pessoas. O aoristo é constativo.

τὸ τέλος κυρίου – o contexto indica claramente que essa frase não é uma referência à morte de Jesus.

12 Acima de tudo, irmãos, não façam juramentos – nem pelo céu ou pela terra, nem por qualquer outra coisa que seja. Que o seu “sim” seja sim, e o seu “não” seja não; de outro modo, vocês serão condenados.

C. Juramentos**5.12**

Mais uma vez, Tiago volta a uma discussão sobre o uso da língua (ver 1.19,26; 3.1-12). A ligação entre esse versículo e os anteriores é fraca. A advertência para que não se queixassem uns dos outros a fim de evitar que fossem julgados (5.9) é vagamente paralela com a proibição do uso de juramentos para serem condenados (5.12).

12 Acima de tudo, irmãos, não façam juramentos – nem pelo céu ou pela terra, nem por qualquer outra coisa que seja. Que o seu “sim” seja sim, e o seu “não” seja não; de outro modo, vocês serão condenados.

Qual é o significado da expressão *acima de tudo*? Se Tiago quer dizer que os leitores devem prestar ainda *mais* atenção à advertência de não jurar, seria de se esperar que apresentasse uma admoestação mais completa. E se Tiago desejava transmitir a importância desse versículo à luz dos versículos anteriores, seria de se esperar que houvesse uma ligação mais definida com eles. Da forma como se apresenta, esse versículo tem pouca coisa em comum com a passagem anterior. Talvez devamos concluir que Tiago esteja chegando ao fim de sua epístola e deseje mencionar uma série de admoestações (comparar com 1Pe 4.8).

a. *Similaridade*. É inconfundível a semelhança entre as palavras de Jesus registradas no Sermão do Monte e esse versículo. Ao colo-

car os versículos em colunas paralelas, podemos ver que Tiago se baseou no discurso de Jesus.

Mateus 5.34,35,37 Tiago 5.12

“Eu porém vos digo, – Acima de tudo, porém, meus irmãos,
De modo algum jureis: – não façam juramentos
nem pelo céu, – nem pelo céu
por ser o trono de Deus;
nem pela terra, – nem pela terra
por ser estrado de seus pés;
nem por Jerusalém, – nem por qualquer outra coisa que seja.
por ser cidade do grande Rei...
... seja, porém, a tua palavra sim, sim – Que o seu “sim” seja sim
não, não; – e o seu “não” seja não
o que disto passar vem do maligno”. – de outro modo, vocês serão condenados.

O mais provável é que Tiago tenha escrito essas palavras de memória, e não usando manuscritos. Se a Epístola de Tiago foi escrita na primeira parte do século 1º da era cristã, é possível que o autor tenha tirado essas palavras do evangelho oral pregado pelos apóstolos e auxiliares apostólicos. Tiago, portanto, baseia sua admoestação para que se abstenham de fazer juramentos vazios não apenas nas Escrituras, mas, nesse caso, diretamente na autoridade de Jesus.

b. Prática. Assim como Jesus, Tiago lança ataque fulminante ao costume judaico de reforçar declarações com juramentos que não fossem comprometedores. O povo conhecia o mandamento: “Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êx 20.7; Dt 5.11). Para permanecerem livres de culpa, os judeus haviam feito uma distinção entre julgamentos comprometedores e não-comprometedores. Ao invés de usar o nome divino (que era comprometedor), eles juravam pelo céu, pela terra ou por qualquer outro voto. Pensavam que assim não estavam se comprometendo e não trariam sobre si a ira de Deus.³⁴ Tanto Jesus quanto Tiago denunciavam essa prática; a intenção

34. Para fontes rabínicas, consultar SB, vol. 1, pp. 332-37. Ver também D. Edmond Hiebert, *The Epistle of James: Tests of a Living Faith* (Chicago: Moody, 1979), p. 310; D. Edmond Hiebert, “The Worldliness of Self-Serving Oaths”, *Direction* 6 (1977): 39-43.

de se apelar para Deus ainda está presente, mesmo que se finja estar evitando usar o nome de Deus.

c. *Implicações.* É proibido fazer juramentos? Tanto Jesus quanto Tiago dizem “não jureis”. Se, num tribunal, o procurador, os advogados de defesa, o júri e o juízes pudessem estar absolutamente certos de que cada palavra ali falada seria absolutamente verídica, o juramento seria supérfluo. Tendo em vista que o homem esconde a verdade e falsifica os fatos, o juramento torna-se necessário. A pessoa que faz esse juramento e o quebra encontra-se diante da ira de Deus.

O ensinamento de Jesus, reiterado por Tiago, é simples: Que o seu “sim” seja sim, e o seu “não” seja “não”, isto é, sejam honestos e falem a verdade a qualquer tempo. Que nenhuma palavra leviana escape de seus lábios. Que todos saibam que sua palavra “é tão preciosa quanto ouro”.

d. *Aplicação.* Tiago conclui sua admoestação dizendo que, se a verdade não for dita, o mentiroso cairá em juízo. Uma tradução literal dessa cláusula é “para não cairdes em juízo” (NASB). Ou seja, o julgamento de Deus cai sobre qualquer um que jure em vão e que não fale a verdade. Jesus disse aos fariseus de sua época: “Digo-vos que toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo; porque pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado” (Mt 12.36,37).³⁵

Considerações práticas em 5.12

Mesmo mudando os costumes, a cultura, o país e a nacionalidade das pessoas do século 1º para a realidade de nossos dias, a verdade contida nesse texto é a mesma. É verdade que não temos o hábito de jurar pelo céu ou pela terra para reforçar nossas palavras. Certamente também não pensaríamos em usar o nome de Deus em vão, mas parece não haver objeção quanto à expressão “eu juro” e suas varia-

35. O texto grego de Erasmo e a tradução de William Tyndale trazem a versão *para não cairdes em hipocrisia*. Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges, *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville e Nova York: Nelson, 1982), seguem o texto de Erasmo.

ções. Algumas pessoas fazem um sinal em forma de cruz sobre o coração para afirmar a veracidade de suas palavras. Essas práticas mundanas, porém, são contrárias aos ensinamentos das Escrituras. Aqueles que recorrem a elas expõem-se à condenação divina.

Casas e prédios que são construídos sobre fundações fortes não precisam ser escorados. Assim, também, a pessoa cuja fundação é Jesus Cristo, com quem ela se comunica sempre em oração, não precisa reforçar suas palavras. Essa pessoa fala a verdade porque ela própria está apoiada em Cristo, que disse: “Eu sou... a verdade” (Jo 14.6). A verdade não depende do uso de expressões que beiram o profano, mas de um simples sim que continua sendo sim e um não que permanece não.

Sobre Cristo, a rocha firme eu estou
O resto é como areia que afunda.
Edward Mote

Palavras, frases e expressões do grego em 5.12

πρό – essa preposição significa “antes”, e indica preferência “com um sentido de superioridade”.³⁶

μή ὀμνύετε – o imperativo presente ativo precedido da partícula negativa é uma proibição para que se suspenda alguma prática, ou seja, parem com a prática de fazer juramentos.³⁷

ἄλλον – o adjetivo ἄλλος refere-se a outro do mesmo tipo. ὄρκον é um cognato acusativo com o verbo ὀμνύω (eu juro).

ἦτω – esta é a forma alternativa de ἔστω (ver Mt 5.37) como terceira pessoa do singular do presente ativo do imperativo de εἰμί (eu sou).

πέσῃτε – de πίπτω (eu caio). A cláusula de propósito negativa exige o uso do subjuntivo. O aoristo indica uma única ação.

36. Robertson, *Grammar*, p. 622. Consultar também Moule, *Idiom-Book*, p. 74, que tem uma visão metafórica.

37. Na opinião de Moule, “é difícil detectar qual a razão para o uso desse tempo verbal”. Ver sua obra *Idiom-Book*, p. 21.

13 Algum de vocês está em dificuldade? Essa pessoa deve orar. Alguém está feliz? Que entoe cânticos de louvor. 14 Alguém está enfermo? Essa pessoa deve chamar os presbíteros da igreja para que orem sobre ela, unguindo-a com óleo em nome do Senhor. 15 E as orações feitas com fé levarão a pessoa enferma a ser curada; o Senhor a levantará. Se ela pecou, será perdoada. 16 Assim, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para que possam ser curados. A oração do homem justo é poderosa e eficaz.

17 Elias era um homem como nós. Ele orou com fervor para que não chovesse e não choveu sobre a terra por três anos e meio. 18 Ele orou novamente e os céus deram chuva e a terra produziu suas colheitas.

D. Persistência na Oração 5.13-18

Tiago parece gostar de formular perguntas e respostas curtas que possam ser de benefício para as igrejas. Essas frases curtas e incisivas são de grande eficácia.

1. Oração e louvor 5.13

13 Algum de vocês está em dificuldade? Essa pessoa deve orar. Alguém está feliz? Que entoe cânticos de louvor.

O cristão não vive sempre no ápice de uma montanha de fé. Apesar de Paulo instruir o crente a alegrar-se sempre (Fp 4.4; 1Ts 5.16), é um simples fato da vida que, de tempos em tempos, o crente sofre. Esse sofrimento pode ser físico, mental, pessoal, financeiro e espiritual, entre muitos outros. Quando alguém está mentalmente deprimido, mesmo se esforçando, vê que é difícil ficar alegre. Portanto, Tiago aconselha qualquer um que esteja sofrendo a orar.

Tiago urge-nos a buscar forças em Deus por meio da oração. Conforme as palavras de Pedro, “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1Pe 5.7). Paulo nos exorta a orar sem cessar (Ef 6.18; Cl 4.2; 1Ts 5.17). A oração é o elo vital que nos mantém em contato com “o autor e consumidor da nossa fé” (Hb 12.2).

“Alguém está feliz?” Períodos de tristeza são seguidos de períodos de alegria (Sl 30.5). Quando o favor de Deus brilha sobre nós

como o sol, enchemo-nos de ânimo e felicidade. Essa é a hora de cantar de alegria. “Que entoe cânticos de louvor”. Os autores do livro de Salmos instruem-nos em como fazê-lo. Eles colocam a alegria e a felicidade em seu devido lugar e dão a Deus a glória, a honra e o louvor que lhe pertencem (para exemplos, consultar Sl 33.2,3; 81.1,2; 92.1-3; 98.4-6; 144.9; 149.1-5; 150; e ver Ef 5.19; Cl 3.16). Em resumo, devemos ser pacientes em oração na adversidade e alegremente gratos na prosperidade.

Palavras, frases e construções do grego em 5.13

As duas perguntas e as duas respostas curtas são mais eficazes do que uma única frase fluente, equilibrada e declarativa. O uso do presente imperativo em *προσευχέσθω* (que ore ele) e *ψαλλέτω* (que cante ele) reforça a eficácia dessas orações.

2. Oração e fé 5.14,15

Os dois versículos seguintes, apesar de conhecidos, muitas vezes são mal interpretados. Talvez seja pelo fato de esses versículos aparentemente levantarem questões difíceis, ao invés de oferecerem respostas conclusivas. Ainda assim, os ensinamentos dessa seção são claros e diretos.

14 Alguém está enfermo? Essa pessoa deve chamar os presbíteros da igreja para que orem sobre ela, ungiendo-a com óleo em nome do Senhor. 15 E as orações feitas com fé levarão a pessoa enferma a ser curada; o Senhor a levantará. Se ela pecou, será perdoada.

Observe estes comentários:

a. “Alguém está enfermo?” Tiago explica o que quer dizer com o termo *em dificuldade* (v. 13). Trata-se de algum tipo de doença física, ou seja, o corpo da pessoa está enfraquecido por um mal interno ou externo e precisa com urgência de tratamento médico. Então, o que a comunidade cristã deve fazer?

b. “Essa pessoa deve chamar os presbíteros da igreja”. A própria pessoa que está doente ou outros, a seu pedido, devem chamar os presbíteros da igreja. O Novo Testamento registra o termo *presbítero* logo depois da fundação da igreja, no Pentecoste. Na igreja de Jerusalém, os presbíteros eram os representantes dos crentes (At 11.30; 21.18). Eram homens que exerciam a liderança supervisionando pastoralmente a congregação representada (At 20.28; 1Pe 5.1-4). Em sua primeira viagem missionária, Paulo instrui Tito a indicar presbíteros em todas as cidades em Creta (Tt 1.5).³⁸ Observe que Tiago usa o termo *reunião* em 2.2 e o termo *igreja* aqui. Fica evidente que esses dois termos são intercambiáveis na Epístola de Tiago.

c. “Para que orem sobre ela, unguendo-a com óleo em nome do Senhor”. O que isso significa? Em primeiro lugar, o original mantém a ênfase sobre a oração; o ato de ungir com óleo é secundário em relação à oração. Isso fica evidente no versículo seguinte, no qual Tiago afirma o poder da oração: “E a oração de fé salvará o enfermo” (v. 15).³⁹ Em segundo lugar, em várias passagens a Bíblia ensina que o azeite de oliva possui qualidades medicinais. Veja o caso do samaritano que colocou óleo e vinho nas feridas do homem na estrada para Jericó – o óleo trazia alívio e o vinho era antiséptico (Lc 10.34). Ao saírem em sua primeira viagem missionária, os 12 discípulos “curavam inúmeros enfermos, unguendo-os com óleo” (Mc 6.13).⁴⁰ Na época e na cultura de Tiago, o azeite de oliva era usado com frequência para fins medicinais. Em terceiro lugar, o óleo tem um valor simbólico nas Escrituras. Alguns intérpretes consideram a palavra *óleo* junto com a frase *em nome do Senhor* e dizem que o óleo simboliza o

38. O termo *presbyteros* (presbítero) se refere ao ofício do ancião; a palavra *episcopos* (bispo) denota a função desse ofício no sentido de supervisionar a igreja. Em Atos e nas epístolas de Paulo, as duas expressões parecem significar a mesma coisa (ver At 20.17,28; 1Tm 3.1; 5.17; Tt 1.5-9). Consultar Günther Bornkamm, *TDNT*, vol. 6, pp. 664-68; Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 1, pp. 199-200; Ronald S. Wallace, “Elder”, *EDT*, p. 347.

39. No livro apócrifo de Siraque, o escritor adverte: “Meu filho, quando ficar doente, não seja negligente, mas ore ao Senhor e ele restaurará sua saúde. Abandone suas faltas e levante suas mãos e limpe seu coração de todo pecado” (38.9,10)

40. Na Antigüidade, os judeus usavam o óleo como um remédio comum para combater desconfortos físicos desde dores de cabeça até ferimentos externos. Ver SB, vol. 2, pp.11-12; vol. 3, p. 759.

poder curativo do Senhor Jesus.⁴¹ Em quarto lugar, as palavras de Tiago não devem ser entendidas como um mandamento apostólico para ungir os enfermos com óleo. Pelo contrário, em seu ministério de cura, Jesus não fez uso desse método. No livro de Atos, os apóstolos curaram enfermos em muitas ocasiões, mas não usaram óleo (3.6; 5.15,16; 9.34; 14.8-10; 16.18; 28.8,9).⁴² A ênfase está na oração, e não no óleo.

d. “E as orações feitas com fé levarão a pessoa enferma a ser curada”. Ao ser chamado para visitar um enfermo, os presbíteros fazem orações em favor dele. Eles dependem completamente do Senhor, que concederá cura e restauração. Os presbíteros oferecem suas orações com fé, pois têm a promessa de que o Senhor ira curar o enfermo e erguê-lo de seu leito.

e. “Se ela pecou, será perdoada”. A última parte desse versículo parece um tanto direta e, por outro lado, parece ligar a enfermidade ao pecado.

A afirmação “se ela pecou, será perdoada” enfatiza a relação entre corpo e alma. Jesus, por exemplo, curou o paraplégico espiritualmente quando disse “os teus pecados estão perdoados” e fisicamente ao dizer: “Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa” (Mc 2.5,9-11). Jesus cura a alma e o corpo para tornar pleno o ser humano.

A enfermidade vem do pecado? Nem sempre. Tomemos como exemplo a vida de Jó. Coberto de feridas dolorosas, Jó sabia que sua aflição não havia sobrevindo por causa de pecado. Deus o afligiu como forma de testar sua fé. Mesmo quando os amigos insistiram para que ele confessasse seu pecado, Jó reafirmou sua inocência e integridade (ver Jó 6.28-30).

Mesmo assim, a pessoa enferma deve examinar sua vida espiritual e ver “se há algum caminho mau” (Sl 139.24). Os males físicos

41. A Igreja Católica Romana procura justificar o sacramento de extrema unção a partir da interpretação desse texto. No meio do século 16, o Concílio de Trento definiu esse rito final para os moribundos como sendo “verdadeira e propriamente um sacramento instituído por Cristo nosso Senhor e promulgado pelo abençoado apóstolo Tiago”. Consultar Thomas W. Leahy, “The Epistle of James”, in *The Jerome Bible Commentary*, ed. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmeyer e Roland E. Murphy, 2 vols. (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1968), vol. 2, p. 377.

42. Consultar J. Wilkinson, “Healing in the Epistle of James”, *ScotJT* 24 (1971): 326-45.

muitas vezes estão relacionados a uma consciência cheia de culpa. Deus com frequência usa períodos de enfermidade na vida da pessoa para levá-la a examinar a si mesma e pedir a graça perdoadora de Deus (ver Dt 28.22,27; Is 38.17; Jo 5.14; 1Co 11.30). Uma vez que ela reconhece seu pecado, revelado a ela por meio do Espírito de Deus, deve confessá-lo. Deus está pronto a perdoar o pecado que confessamos. Na verdade, ele nunca vai nos lembrar desses pecados. Quando Deus cancela o pecado, jamais o traz de volta à lembrança – estamos diante dele como se jamais tivéssemos pecado.

Considerações práticas em 5.13-15

Esses versículos conhecidos estão entre os mais esquecidos e os que são interpretados mais incorretamente na igreja de nosso tempo. Em primeiro lugar, eles são deixados de lado. Quando uma pessoa está sofrendo, mais que depressa ela ora. Quando uma pessoa está feliz, não a ouvimos entoando cânticos de louvor. Nossa era tecnológica assumiu o controle e nós nos tornamos uma sociedade que escuta, e não um povo que canta. Uma outra questão: apesar de os pastores visitarem regularmente os hospitais para ver os enfermos, a prática de chamar os presbíteros da igreja para orar por essas pessoas parece fazer parte de tempos passados. Uma das tarefas dos presbíteros da igreja é orar pelos enfermos quando é pedido que assim o façam; apesar disso, esse trabalho normalmente é deixado a cargo do pastor.

Em segundo lugar, esses versículos são muitas vezes mal interpretados. Muitas pessoas já afirmaram ter o chamado dom da cura (1Co 12.9,28,30) e, portanto, fazem orações de fé para curar os enfermos. Dizem que os versículos na Epístola de Tiago afirmam claramente que “as orações feitas com fé levantarão a pessoa enferma” (5.15). Ninguém nega que Deus está realizando milagres de cura na comunidade cristã de nossos dias em resposta às orações dos santos, mas o que acontece quando Deus não cura o enfermo? Será falta de fé? Seria um pecado não confessado? Sim, mas nem sempre. Tome por exemplo o caso de Paulo, que havia recebido o dom de cura. Ao que parece ele não foi capaz de curar seu amigo Epafrodito, que sofria de uma enfermidade crônica que quase o levou à morte (Fp 2.27).

Além disso, Paulo escreve: “Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto” (2Tm 4.20). Por que Paulo não orou com fé para que seus amigos fossem curados instantaneamente? Sem dúvida, Paulo orou, mas aprendeu por experiência própria – quando pediu que Deus removesse o espinho de sua carne – que Deus nem sempre nos cura da maneira que desejamos. Ouviu Deus dizer: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9).

Palavras, frases e construções do grego em 5.14,15

Versículo 14

προσκαλεσάσθω – o imperativo médio aoristo revela, primeiramente, que a iniciativa de chamar os presbíteros deve vir da pessoa enferma e, em segundo lugar, que esse chamado é uma única ação.

ἀλείψαντες – de ἀλείφω (eu unjo), esse particípio ativo aoristo denota tempo (ao ungir) ou modo (por ungir).

Versículo 15

τῆς πίστεως – esse é um genitivo descritivo. Refere-se à oração que é baseada na fé.

ἢ πεποιηκώς – particípio perfeito ativo de ποιέω (eu faço) e presente do subjuntivo de εἰμί (eu sou) da construção perfeita perifrástica na prótase de uma oração condicional. O uso do tempo perfeito expressa “continuidade interrompida”.⁴³

3. O Poder da oração

5.16

A confissão de pecados e o orar uns pelos outros são ingredientes vitais do ministério de cura na comunidade cristã. Quando o pecado é removido, o poder da oração torna-se evidente em sua maravilhosa eficácia.

43. Robertson, *Grammar*, p. 908.

16 Assim, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para que possam ser curados. A oração do homem justo é poderosa e eficaz.

Nesse texto, observamos três verbos essenciais: confessar, orar e curar.

a. “Confessem”. Tiago diz: “Confessem os seus pecados uns aos outros”. Com o advérbio *pois* ele liga essa oração ao versículo anterior, no qual escreve sobre a enfermidade, o pecado e o perdão. Tiago usa o advérbio para referir-se ao versículo anterior, a fim de oferecer uma base para a oração seguinte e enfatizar a necessidade da confissão de pecados.

O pecado não confessado é um impedimento no caminho da oração para Deus e ao mesmo tempo um imenso obstáculo nos relacionamentos interpessoais. Isso significa que você deve confessar o seu pecado não apenas a Deus, mas também às pessoas que foram prejudicadas pelos seus pecados. Peça o perdão dessas pessoas!

“A confissão purifica a alma”. Esse ditado é antigo, mas não perdeu sua validade. A confissão é a marca do arrependimento e de um pedido de perdão por parte do pecador. Quando o pecador confessa seu pecado, pede e recebe o perdão, ele experimenta a libertação do fardo da culpa.⁴⁴

A quem devemos confessar nossos pecados? O texto diz “uns aos outros”. Tiago não menciona especificamente a igreja ou os presbíteros; ao invés disso, fala de confissão a nível pessoal dentro de um círculo de crentes. Ele não elimina a possibilidade de membros da igreja se confessarem para o pastor e presbíteros (v. 14). Alguns pecados envolvem todos os crentes da igreja e, assim, devem ser confessados publicamente. Outros pecados são particulares e só precisam ser tratados com as pessoas diretamente envolvidas. Discernimento e restrição devem, portanto, guiar o pecador que deseja confessar seus pecados pessoais. Curtis Vaughan faz um comentário revelador:

44. Dieter Fürst, *NIDNTT*, vol. 1, p. 346. Entre outras passagens, consultar Mt 3.6; 6.12; Mc 1.5; 1Jo 1.9.

Enquanto os católicos romanos interpretaram a confissão num sentido muito restrito, muitos de nós somos tentados a interpretá-lo amplamente demais. A confissão de *todos* os nossos pecados a *todos* os irmãos não está necessariamente incluída na declaração de Tiago. A confissão é o vômito da alma e pode, quando realizada de modo muito geral ou indiscriminado, fazer mais mal do que bem.⁴⁵

b. “Orem”. A beleza da comunhão cristã se expressa na prática da oração mútua depois que os pecados foram confessados e perdoados. O ofensor e o ofendido oram um pelo outro; juntos, encontram força espiritual e consolo no Senhor. Em suas orações, mostram visível e audivelmente a reciprocidade. O pecador perdoado ora pelo bem-estar espiritual de seus companheiros cristãos que, por sua vez, confiam-no às misericórdias de Deus.

c. “Para que possam ser curados”. Tiago declara o propósito de se confessar o pecado e orar uns pelos outros ao dizer “para que possam ser curados”. Ele é propositadamente vago nessa afirmação, ou seja, não menciona se quer dizer com isso a cura física ou espiritual, realizada ou possível, individual ou coletiva. Certo, porém, é que quando os crentes confessam seus pecados uns aos outros e oram uns pelos outros, um processo de cura começa a acontecer. Essa verdade pode ser aplicada a qualquer situação.

16b A oração do homem justo é poderosa e eficaz.

Quem é o justo? Temos a tendência de olhar para os gigantes espirituais, para os heróis da fé e para os homens e mulheres de Deus. Acreditamos que essas são as pessoas que, pela oração, podem mover montanhas, mas Tiago não menciona nomes, exceto o de Elias, e ainda assim com a ressalva de que “era homem semelhante a nós” (v. 17). Ele quer dizer que qualquer crente cujos pecados foram perdoados e que ora pela fé é justo. Quando essa pessoa ora, suas orações muito podem.

45. Curtis Vaughan, *James: A Study Guide* (Grand Rapids: Zondervan, 1969), p. 120. O *Didaquê* (também conhecido como *Ensinamento dos Doze Apóstolos*), cujo original provavelmente foi escrito no século 1º, traz a seguinte admoestação: “Na congregação confessareis vossas transgressões, não dedicando-vos à oração com uma consciência suja. Este é o modo de vida”. *Os Pais Apostólicos*, 2. vols., vol 1, *The Didaquê*, 4.14 (LCL).

Tanto a oração quanto a resposta a ela são poderosas e eficazes. Uma não cancela a outra, ou seja, a oração oferecida pela fé por um cristão perdoado é um meio poderoso e eficaz de aproximar-se do trono de Deus. E Deus “se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6), pois suas respostas às orações são, de fato, poderosas e eficazes.⁴⁶

Considerações práticas em 5.16

As Escrituras oferecem muitos exemplos do poder da oração. Eis alguns escolhidos aleatoriamente:

Josué orou e o sol parou (Js 10.12,13).

Elias orou e o filho da viúva ressuscitou (1Rs 17.19-22)

Eliseu orou e o filho da sunamita voltou à vida (2Rs 4.32-35)

Ezequias orou e 185 mil soldados assírios foram mortos (Is 37.21, 36)

A igreja de Jerusalém orou e Pedro foi libertado da prisão
(At 12.5-10)

As Escrituras retratam essas pessoas como homens e mulheres comuns que pecaram, buscaram o perdão, oraram com fé e receberam a resposta divina às suas orações. Em resumo, são pessoas como nós.

Palavras, frases e construções do grego em 5.16

εὔχεσθε – o imperativo presente médio denota ação contínua. Uma variação – προσεύχεσθε – que é composta, mas de sentido idêntico ao do verbo não-composto εὔχεσθε, aparece 87 vezes no Novo Testamento, enquanto a forma composta aparece 7 vezes. Ao

46. As traduções de Tg 5.16b variam porque o particípio grego “operar” pode ser traduzido tanto como voz passiva ou média. Apesar de as evidências para ambas serem bastante fortes, tendo como base seu uso em várias passagens do Novo Testamento (ver construções em Rm 7.5; 2Co 4.12; Ef 3.20; 2Ts 2.7), os tradutores favorecem a voz média. Consultar Bauer, p. 265. Consultar também Mayor, *James*, pp. 177-79 e um artigo de K. W. Clark sobre “The Meaning of *energeo* and *katargeo* in the New Testament”, *JBL* 54 (1935): 93-101.

aplicar a regra de que o termo de uso mais freqüente é provavelmente o original, aceito a forma não composta do verbo.

ἐνεργουμένη- o “sentido transitivo [do verbo] parece ser o melhor” na tradução de “*poderosa em seu efeito*”.⁴⁷

4. Exemplo

5.17,18

Tiago conclui sua discussão sobre a oração ao voltar-se para as Escrituras. Ele se refere ao profeta Elias e apresenta sua vida de oração como um exemplo para seus leitores.

17 Elias era um homem como nós. Ele orou com fervor para que não chovesse e não choveu sobre a terra por três anos e meio. 18 Ele orou novamente e os céus deram chuva e a terra produziu suas colheitas.

De tantos outros nomes de pessoas conhecidas como guerreiros da oração (comparar com 1Sm 12.23), Tiago escolhe o nome de Elias. No século 1º, ao que parece, ele recebeu crédito por atributos sobre-humanos. Os judeus tinham Elias em alta estima, como vemos no Novo Testamento. Eles o consideravam como antecessor do Messias, conforme havia profetizado o profeta Malaquias, e esperavam sua volta (4.5). Além disso, o nome de Elias tem proeminência nos quatro evangelhos.⁴⁸

a. Tiago diz que “Elias era um homem como nós” (comparar com At 14.15). Com esse comentário ele revela que o profeta do Antigo Testamento era um ser humano comum, como qualquer outro; tinha que lidar com medos, períodos de depressão e limitações físicas (1Rs 19.1-9), mas Tiago também mostra que nós, como Elias, somos capazes de lançar mão do poder da oração.

47. Moule, *Idiom-Book*, p. 26.

48. O nome aparece nove vezes em Mateus, outras nove em Marcos, oito vezes em Lucas, duas no Evangelho de João, uma vez em Romanos e uma em Tiago. O autor de Eclesiástico nos dá sua visão de como era o pensamento do povo durante o período intertestamental. Ele exalta as virtudes e realizações do profeta Elias ao retratá-lo como um ser sobre-humano (Sir. 48.1-11).

b. “Orou com fervor para que não chovesse”. Inferimos de 1Reis 18.42 que Elias orou pedindo chuva, mas não encontramos indicação em qualquer outra passagem que relate a oração de Elias pedindo seca. Supomos que Tiago tirou essa informação das tradições orais judaicas.

c. “E não choveu sobre a terra por três anos e meio”. Encontramos o mesmo dado no sermão que Jesus pregou na sinagoga de sua cidade, Nazaré: “Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra” (Lc 4.25).

De qual fonte Jesus e Tiago receberam a informação sobre a duração da seca? O registro do Antigo Testamento mostra apenas que no “terceiro ano” da seca, Deus disse a Elias para ir falar com Acabe (1Rs 18.1). Isso não é o mesmo que três anos e meio. A partir de fontes gregas, sabemos que *três anos e seis meses* é uma expressão que, devido ao seu uso freqüente, passou a significar “durante um longo tempo”.⁴⁹ Assim, devemos entender a expressão figurativamente, e não literalmente.

Além do mais, o costume judaico de contar parte de uma unidade de tempo como uma unidade completa esclarece ainda mais nossa compreensão do texto. Um exemplo que nos chama a atenção é, obviamente, a duração da morte de Jesus e seu sepultamento (do final da tarde de sexta-feira até bem cedo no domingo de manhã). Apesar disso, esse período é contado como três dias e três noites (Mt 12.40). Do mesmo modo, o tempo da grande fome nos dias de Elias pode não ter sido exatamente três anos e seis meses.⁵⁰

d. “Ele orou novamente e os céus deram chuva e a terra produziu suas colheitas”. O homem é capaz de fazer coisas admiráveis, mas não pode mudar as condições do tempo. Ainda assim, Tiago apresenta o profeta Elias como um homem que, pela oração, influenciou as condições meteorológicas. O profeta assumiu uma postura que indica que ele orou com dedicação e, presume-se, durante algum tempo (1Rs 18.42-44). Como resultado da oração de Elias, a seca terminou.

49. Consultar SB, vol. 3, pp. 760-61. Para mais informações, consultar Mayor, *James*, pp. 180-81; e Ropes, *James*, p. 311.

50. Consultar F. W. Grosheide, *De Brief aan de Hebréeën en de Brief von Jakobus* (Kampen: Kok, 1955), 415.

Deus ouviu a oração de seu servo, acabou com o período seco e deu chuvas copiosas que depois produziram uma colheita abundante o suficiente para as pessoas e os animais.

Palavras, frases e construções do grego em 5.17,18

Versículo 17

προσευχῇ προσηύξατο – literalmente “ele orou em oração”. Esse verbo no indicativo médio aoristo é precedido de um substantivo dativo – um dativo de modo. A estrutura é “como o absoluto infinitivo do hebraico, que é reproduzido com recursos do grego”.⁵¹ A tradução desse dativo em especial é adverbial, a fim de expressar a intensidade do verbo “orou com seriedade”.

τοῦ μὴ βρέξαι – essa é uma estrutura de infinitivo articular tendo a partícula negativa como um pedido (uma ordem indireta) depois do verbo *orar*. O infinitivo no tempo aoristo indica uma única ação.

ἐπὶ τῆς γῆς – isto é, na terra de Israel.

Versículo 18

ἡ γῆ – a terra (solo), como parte complementar do firmamento (céu) dá o seu fruto.

19 Meus irmãos, se um de vocês se desviar da verdade e alguém o trazer de volta, 20 lembrem-se disto: aquele que converte um pecador do engano de seu caminho o salvará da morte e cobrirá multidão de pecados.

E. Salvando o desviado 5.19,20

Tiago dá continuidade ao tema da paciência nesses dois últimos versículos de sua epístola. A conclusão não apresenta as esperadas saudações e a bênção, de modo que o final não é o de uma carta, mas de um livro. De qualquer maneira, o discurso continua sendo pessoal e íntimo.

51. Robertson, *Grammar*, p. 531.

19 Meus irmãos, se um de vocês se desviar da verdade e alguém o trouxer de volta, 20 lembrem-se disto: aquele que converte um pecador do engano de seu caminho o salvará da morte e cobrirá multidão de pecados.

Nesses dois últimos versículos de sua epístola, Tiago ressalta a responsabilidade conjunta que os cristãos têm uns para com os outros. Eles não apenas confessam pecados e oram juntos, mas devem também exercitar o cuidado espiritual, que é mútuo e benéfico. Esse cuidado deve ser administrado individualmente ao crente por meio do aconselhamento pessoal e à igreja por meio da pregação da Palavra.

a. *Condição*. Depois de dirigir-se aos leitores usando pela última vez o termo “meus irmãos”,⁵² Tiago escreve uma oração condicional que tem uma primeira parte longa e dois sujeitos (“vocês” e “alguém”), seguida de uma segunda parte curta, que consiste de um imperativo (“lembrem-se disto”).

“Se um de vocês se desviar da verdade”. Tiago trata o indivíduo separadamente dentro da comunidade quando se refere a “um de vocês” ou “alguém” (vs. 13 e 14). Se alguém que pertence à igreja por acaso se desviar da verdade, seja por escolha própria ou sob a influência de outros (ver 1.16), os crentes devem saber que são responsáveis pelo bem-estar espiritual desse irmão ou irmã que se desviou. Num certo sentido, Tiago proclama a mesma mensagem de urgência comunicada pelo autor da epístola aos Hebreus:

Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado (Hb 3.12,13).

Os leitores devem praticar o cuidado mútuo (Gl 6.1), de modo que os crentes mantenham-se apegados à verdade.

“Se desviar da verdade”. Com efeito, Tiago admoesta o povo a não se desviar da revelação de Deus. A verdade, portanto, é a plenitu-

52. A forma de tratamento *irmãos* ou *meus irmãos* aparece 15 vezes na Epístola de Tiago. Em 2.1 e 5.19, a expressão *meus irmãos* está no começo da frase no original e, portanto, recebe ênfase.

de do evangelho. Ele já os informou que receberam seu nascimento espiritual “pela palavra da verdade” (1.18) e os aconselhou a não negar a verdade – “nem neguem a verdade” (3.14).

“E alguém o trazer de volta”. Os membros da igreja que caíram em erro não estão, necessariamente, esperando passivamente que sejam levados de volta à verdade. Não são como ovelhas que se desgarraram e estão aguardando, pacientemente, o pastor que irá salvá-las. Reprovar com tato uma pessoa que está desviada da verdade é uma das tarefas mais difíceis no trabalho da igreja. Muitos pastores, presbíteros, diáconos e outros líderes da igreja cederam à tentação de colocar os membros desviados na lista dos inativos do rol da igreja. Porém, com preocupação amorosa, a igreja deve procurar aqueles que se desviaram da verdade e instá-los a voltar.

“Lembrem-se”. Na verdade, a colocação no grego é a seguinte: “Alguém que está trazendo o pecador de volta para a verdade *deve saber* que aquele que leva o pecador a deixar o seu erro está salvando-o da morte e cobre uma multidão de pecados”. Essa regra de conduta é tão conhecida que Tiago considera suficiente citá-la como uma simples recapitulação.

b. *Regra*. O escritor aos Hebreus apela para os leitores a fim de que coloquem em prática sua responsabilidade conjunta para com o indivíduo que é membro da igreja e que se desviou da verdade. Tiago, porém, é ainda mais direto, dirigindo-se aos membros da igreja individualmente e mostrando-lhes sua responsabilidade.

“Aquele que converte um pecador do engano de seu caminho”. Qualquer membro da congregação sabe que deve cuidar das necessidades espirituais de um outro membro. Se alguém da igreja se desvia da verdade e cai nas armadilhas de Satanás, os outros membros devem estar preparados para resgatar o desviado. Se não advertirmos a pessoa ou falarmos sobre o assunto, nós mesmos somos culpados, pois Deus nos responsabiliza por isso (Ez 3.17-19). Somos guardadores de nosso irmão. Com sabedoria e tato, portanto, devemos mostrar ao irmão o erro de sua conduta e gentilmente restaurá-lo.

“O salvará da morte”. Fora da igreja há inúmeras pessoas presas no pecado e incapazes de deixar seus caminhos errados. Elas também devem ouvir a mensagem de salvação do evangelho. No início do

século 20, em 1912, para ser mais preciso, A. T. Robertson escreveu estas palavras impressionantes que não perderam seu significado:

As condições desesperadoras em que vivem as vítimas são suficientes para desanimar qualquer assistente social que trabalhe nas favelas ou em alguns bairros residenciais de nossa cidade. As drogas aprisionaram alguns com grilhões de aço; a bebida queima no sangue de outros; cigarros acabaram com a força de vontade de outros e a imoralidade lançou outros ainda no abismo. Eles chegam, trôpegos, às casas de assistência – cidades de refúgio de nossas cidades. Felizes são aqueles que sabem como salvar almas como essas, que já tiveram dias melhores e que desceram ao mais profundo vale de pecado e tristeza.⁵³

“Da morte”. Quando estendemos a mão para resgatar aquele que está perecendo no pecado, procuramos salvar sua alma. Vemos o pecador correndo perigo de morrer eternamente e ser excluído da vida eterna.⁵⁴ Devemos nos lembrar, porém, de que Deus nos usa como instrumentos para restaurar o relacionamento espiritual entre Deus e homem. A salvação, portanto, é e continua sendo obra de Deus. Somos apenas companheiros que trabalham para Deus (1Co 3.9).

“E cobrirá multidão de pecados”. Essa última declaração nesse versículo não deve ser entendida literalmente, pois o ser humano é incapaz de cobrir pecados. As Escrituras nos ensinam que não é o ser humano, mas Deus, que tem a autoridade de perdoar. A expressão *cobrir* se refere implicitamente ao ato de Deus de perdoar o pecado (ver, como exemplo, Sl 32.1; 85.2).

Uma frase de Provérbios revela um paralelo: “O amor cobre todas as transgressões” (10.12; comparar também com 1Pe 4.8). O que Tiago está procurando transmitir com essa alusão a Provérbios? Por que ele diz que o crente “cobrirá multidão de pecados”? Nas palavras de Calvino, “Tiago ensina aqui algo mais elevado, isto é, que os pecados são apagados diante de Deus; assim também Salomão

53. A. T. Robertson, *Studies in the Epistle of James*, rev. e org. Heber F. Peacock (Nashville: Broadman, 1959), p. 197.

54. Günther Harder, *NIDNTT*, vol. 3, p. 685.

declarou que este é um dos frutos do amor – ele cobre os pecados; mas não há melhor ou mais excelente maneira de cobri-los do que quando são completamente eliminados na presença de Deus”.⁵⁵

Quando Deus perdoa o pecado, aceita o pecador como se este nunca tivesse cometido transgressão alguma. Ele afasta o pecado tanto quanto o Oriente dista do Ocidente (Sl 103.12) e cobre o pecador com um manto imaculado de retidão.⁵⁶ É claro que Deus perdoa o pecador por causa do sacrifício de Jesus Cristo. Nesse último versículo de sua epístola, Tiago não se refere ao trabalho meritório de Jesus, mas à graça de Deus ao perdoar os pecadores. Sua intenção é mostrar que os cristãos perdoados devem trabalhar juntos para o bem-estar mútuo da igreja.

Palavras, frases e construções do grego em 5.19,20

Versículo 19

πλανηθῆ – O subjuntivo passivo aoristo do verbo πλανῶ (eu vago, me desvio) é parte da prótase numa oração condicional. O subjuntivo denota probabilidade. Essa forma verbal permite duas interpretações: um passivo “ser desviado” ou um depoente (médio) “desviar-se de vontade própria”. As duas explicações são possíveis e aceitáveis ao mesmo tempo.

τις... τις – esses dois pronomes indefinidos representam dois sujeitos diferentes. O primeiro está relacionado ao pecador; o segundo, ao crente que converte o pecador do seu erro.

55. Calvino, *James*, p. 362.

56. Alguns intérpretes afirmam que são perdoados os pecados do *conversor* – e não do que é *convertido* – como recompensa por sua obra evangelística. Entre outros, consultar Ropes, *James*, pp. 315-16; Mayor, *James*, p. 185; C. Leslie Mitton, *The Epistle of James* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 216. Na visão de Edward Schweizer, porém, as frases *salvará da morte e cobrirá multidão de pecados* referem-se ao *convertido*. Baseia essa afirmação na aparente citação (Pv 10.12) que aponta para o pecador e para as palavras *multidão de pecados*, “que dificilmente seriam uma referência ao monitor” (*conversor*). *TDNT*, vol. 9, p. 652. Davids também observa que essas duas frases são relacionadas à mesma pessoa. Ver sua obra *James*, p. 201.

Versículo 20

γινώσκέτω – esse é o imperativo presente ativo na terceira pessoa do singular. Alguns manuscritos antigos trazem o termo γινώσκετε (imperativo presente ativo, segunda pessoa do plural). Essa versão “parece ser uma melhoria, tendo sido introduzida para estar em concordância com os recipientes (ἀδελφοί μου, v. 19) ou a fim de evitar a ambigüidade entre quem é considerado sujeito do verbo (o convertido ou o que converte)”.⁵⁷

αὐτοῦ ἐκ θανάτου – o texto preferido é o que apresenta o pronome possessivo depois de ψυχῆν (alma). A transferência de αὐτοῦ para a posição depois de θανάτου em alguns manuscritos parece haver causado incerteza sobre a identidade de ψυχῆν.

Resumo do capítulo 5

Nos primeiros versículos desse capítulo, Tiago repreende os ricos que, em sua cegueira espiritual, acumularam riquezas e descobriram que seus bens tornaram-se inúteis. Adquiriram sua riqueza deixando de pagar aos trabalhadores que ceifaram seus campos. Desperdiçaram-na vivendo no luxo e entregando-se aos próprios prazeres e oprimiram brutalmente os inocentes, chegando até mesmo a matá-los.

Em seguida, Tiago exorta os leitores de sua epístola a praticarem a paciência e manterem-se firmes, esperando pela vinda do Senhor. Ele recorre ao uso de exemplos (o lavrador, os profetas e Jó) para reforçar sua exortação. Sabendo das características de seu povo, ele o admoesta a não fazer juramentos, mas, a dizer sempre a verdade.

Na última parte do capítulo, o autor apresenta algumas instruções sobre o viver cristão pleno durante tempos de adversidade, alegria, enfermidade e pecado. Enfatiza a oração como fonte de poder e ilustra esse ponto citando um exemplo da vida de Elias.

Em seu comentário final, Tiago lembra os leitores de sua responsabilidade conjunta para com a pessoa que se desvia da verdade. Os

57. Bruce M. Metzger, *A Contextual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 685-86.

membros da igreja devem ministrar cuidado espiritual ao desviado, levando-o ao arrependimento, para que ele possa viver e para que seus pecados sejam perdoados. William Walsham How deu expressão poética a essa verdade quando disse:

O cativo libertar
O perdido a Deus trazer
O caminho da vida e da paz ensinar –
É semelhante a Cristo ser.

Bibliografia Seleccionada Sobre a Epístola de Tiago

COMENTÁRIOS

- Adamson, James B. *The Epistle of James*. New International Commentary on the New Testament Series, Grand Rapids: Eerdmans, 1976.
- Bengel, John Albert. *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 4 vols. 7ª ed., Vol. 4. Edimburgo: T. and T. Clark, 1877.
- Blackman, E. C. *The Epistle of James*. Londres: SCM, 1957.
- Burdick, Donald W. *James*. Vol. 12, the *Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelin. 12 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.
- Calvino, João. *Commentaries on the Catholic Epistles: The Epistle of James*. org. e trad. John Owen, Grand Rapids: Eerdmans, 1948.
- Davids, Peter H. *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*. New International Greek Testament Commentary Series, Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- Deissmann, Adolf. *Bible Studies*. Trad. por Alexander Grieve. Edimburgo: T and T. Clark, 1923. Reimpresso, Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979.
- Dibelius, Martin. *James: A Commentary on the Epistle of James*. Rev. por Heinrich Greeven, trad. Michael A. Williams, org. Helmut Köster, Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible (Filadélfia: Fortress, 1976).

- Grosheide, F. W. *De Brief aan de Hebreëen en de Brief van Jakobus*. Kampen: Kok, 1955.
- Hiebert, D. Edmond. *The Epistle of James: Tests of a Living Faith*. Chicago: Moody, 1979
- Johnstone, Robert. *A Commentary on James*. 1871. Reimpresso. Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1977.
- Laws, Sophie. *A Commentary on the Epistle of James*. Harper's New Testament Commentaries. São Francisco: Harper and Row, 1980.
- Lenski, R. C. H. *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and of the Epistle of James*. Columbus: Wartburg, 1946.
- Mayor, Joseph B. *The Epistle of St. James*. 1913. Reimpresso. Grand Rapids: Zondervan, 1946.
- Mitton, C. Leslie. *The Epistle of James*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.
- Moffatt, James. *The General Epistles: James, Peter, and Judas*. Nova York e Londres: Harper and Brothers, s.d.
- Mussner, Franz. *Der Jakobusbrief*. 2ª ed. Herder Theologischer Kommentar zum Neuen Testament series. Freiburg: Herder, 1967.
- Plummer, Alfred. *The General Epistles of St. James and St. Jude*. Nova York: A. C. Armstrong and Son, s.d.
- Reicke, Bo. *The Epistles of James, Peter, and Jude*. Garden City, N. Y.: Doubleday, 1964.
- Roberts, J. W. *The Letter of James*. Austin, Tex.: Sweet, 1977.
- Robertson, A. T. *Practical and Social Aspects of Christianity: The Wisdom of James*. Nova York: Hodder and Stoughton, 1915.
- _____. *Studies in the Epistle of James*. Revisado e org. Heber F. Peacock. Nashville: Broadman, 1959. Reimpressão de *Practical and Social Aspects of Christianity: The Wisdom of James*.
- Robinson, J. A. T. *Redating the New Testament*. Filadélfia: Westminster, 1976.
- Ropes, James Hardy. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of James*. International Critical Commentary Series, 1916; Reimpresso. Edimburgo: T. and T. Clark, 1961.
- Ross, Alexander. *The Epistles of James and John*. New International Commentary on the New Testament Series, Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

- Sevenster, J. N. *Do You Know Greek?* Leiden: Brill, 1968.
- Sidebottom, E. M. *James, Jude, and 2 Peter*. Century Bible Series. Londres: Nelson; Greenwood, S. C.: Attic, 1967.
- Stevenson, Herbert F. *James Speaks for Today*. Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1966.
- Stringfellow, William. *Count It All Joy: Reflections on Faith, Doubt, and Temptation Seen Through the Letter of James*. Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- Sweeting, George. *How to Solve Conflicts*. Chicago: Moody, 1973.
- Tasker, R. V. G. *The General Epistle of James: An Introduction and Commentary*. Tyndale New Testament Commentaries, Grand Rapids: Eerdmans, 1957.
- Vaughan, Curtis. *James: A Study Guide*. Grand Rapids: Zondervan, 1969.
- Warfield, B. B. *The Lord of Glory*. Londres: Hodder and Stoughton, 1907. Reimpresso. Grand Rapids: Zondervan, s.d.
- Williams, R. R. *The Letters of John and James*. The Cambridge Bible Commentary Series. Cambridge: At the University Press, 1965.
- Zodhiates, Spiros. *The Epistle of James and the Life of Faith*. vol. 1, *The Work of Faith*; vol. 2, *The Labor of Love*; vol. 3, *The Patience of Hope*; vol. 4, *The Behavior of Belief*. Grand Rapids: Eerdmans, 1959-66.

LIVROS E ARTIGOS RELACIONADOS

- Bird, John L. *Faith That Works: A Study on the Book of James*. Grand Rapids: Zondervan, 1965.
- Cranfield, C. E. B. "The Message of James". *Scottish Journal of Theology* 18 (1965): 182-93, 338-45.
- Forbes, P. B. R. "The Structure of the Epistle of James". *Evangelical Quarterly* 44 (1972): 147-53.
- Gaebelein, Frank E. *The Practical Epistle of James: Studies in Applied Christianity*. Great Neck, N.Y.: Doniger and Raughley, 1955.
- Gwinn, Ralph A. *The Epistle of James: A Study Manual*. Grand Rapids: Baker, 1967.
- Ironside, H. A. *Expository Notes on the Epistle of James*. Neptune, N.J.: Loizeaux, 1947.

- Kelly, Earl. *James: A Practical Primer for Christian Living*. Nutley, N. J.: Craig, 1969.
- Krutza, William J. e Phillip P. DiCicco. *Living that Counts: A Study Guide to the Book of James*. Grand Rapids: Baker, 1972.
- Longenecker, Richard N. *The Christology of Early Jewish Christianity*. Studies in Biblical Theology, nº 17, 2ª ed. Naperville, Ill.: Allenson, 1970.
- Mussner, Franz. “‘Direkte’ und ‘Indirekte’ Christologie im Jakobusbrief”. *Catholica* [Munique] 24 (1970): 111-17.
- Prins, P. e H. A. Wiersinga. *Om Het Goud Des Geloofs*. Kampen: Kok, s.d.

FERRAMENTAS

- Bauer, Walter, W. F. Arndt, F. W. Gingrich, e F. W. Danker. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2ª ed. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- Blass, Friedrich e Albert Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Trad. e rev. por Robert Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
- Bromiley, Geoffrey W., org. *The International Standard Bible Encyclopedia*. Rev. e org. 4 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1979-.
- Brown, Colin, org. *New International Dictionary of New Testament Theology*. 3 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1975-78.
- Dana, H. E. e Julius R. Mantey. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. Nova York: Macmillan, 1967.
- Elwell, Walter A., org. *Evangelical Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Baker, 1984.
- Eusébio. *Ecclesiastical History*. 2 vols. Trad. por J. E. L. Oulton. Loeb Classical Library series. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- Farstad, Arthur L. e Zane C. Hodges. *The Greek New Testament According to the Majority Text*. Nashville e Nova York: Nelson, 1982.

- Guthrie, Donald. *New Testament Introduction*. Downers Grove: InterVarsity, 1971.
- _____. *New Testament Theology*. Downers Grove: Inter Varsity, 1981.
- Hanna, Robert. *A Grammatical Aid to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker, 1983.
- Henry, Carl F. H., org. *Baker's Dictionary of Christian Ethics*. Grand Rapids: Baker, 1973.
- Josefo, *Antiquities*. Trad. por Henry St. John Thackeray. Loeb Classical Library series. Cambridge: Harvard University Press, 1976-81.
- Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich, orgs. *Theological Dictionary of the New Testament*. Trad. por Geoffrey W. Bromiley, 10 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1964-76.
- Ladd, G. E. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
- Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Edição corrigida. Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975.
- Moule, C. F. D. *An Idiom-Book of New Testament Greek*. 2ª ed. Cambridge: At the University Press, 1960.
- Nestle, Eberhard e Kurt Aland, rev. *Novum Testamentum Graece*. 26ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1981.
- Robertson, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. Nashville: Broadman, 1934.
- Soulen, Richard N. *Handbook of Biblical Criticism*. 2ª ed. Atlanta: John Knox, 1981.
- Strack, H. L., e P. Billerbeck. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*. 5 vols. Munique: Beck, 1922-28.
- Tenney, Merrill C., org. *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. 5 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1975.
- Thayer, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York, Cincinnati e Chicago: American Book Company, 1889.
- Vine, W. E., Merrill F. Unger e William White, Jr. *An Expository Dictionary of Biblical Words*. Nashville e Nova York: Nelson, 1984.

Wikenhauser, Alfred. *New Testament Introduction*. Nova York: Herder and Herder, 1963.

Zahn, Theodor. *Introduction to the New Testament*. 3 vols. Edimburgo: T. and T. Clark, 1909.

**Exposição
das
Epístolas de João**

ESBOÇO

- A. Quem Escreveu as Epístolas?
 1. Evidência externa
 2. Evidência interna
 3. Autoria comum
 4. Dificuldades
 5. Objeções
 6. Diferenças
 7. Referências pessoais
- B. Quem Recebeu as Epístolas?
 1. Leitores de 1 João
 2. Leitores de 2 João
 3. Leitores de 3 João
- C. Por que as Epístolas Foram Escritas?
 1. Heresias
 2. Hereges
 3. Difamadores
- D. Quando as Epístolas Foram Escritas?
- E. Qual É o Conteúdo das Epístolas?
 1. Temas teológicos em 1 João
 2. Esboços de 1, 2 e 3 João

A segunda e a terceira epístolas de João apresentam as características de uma carta. Elas incluem o título do remetente, os destinatários, as saudações iniciais, a mensagem pessoal e as saudações finais. Apesar de não terem informações quanto a local e data, essas cartas atribuídas a João são comparáveis, em termos de forma, às epístolas escritas por Paulo ou Pedro.

A Primeira Epístola de João, porém, é diferente. É desprovida do nome do remetente e dos destinatários, de saudações e bênção e de lugar de origem e destino. Essa epístola poderia ser chamada de tratado teológico. Porém, essa designação não é completamente apropriada, pois, do começo ao fim, a carta mostra o toque pessoal do autor. Ele se dirige aos leitores chamando-os de “amados” e “filhinhos” e usa os pronomes pessoais *nós* e *eu*. O tom desse documento, sem dúvida, indica ser esta uma carta – e não um tratado – de um autor respeitado e reverenciado pelos destinatários, que o conheciam bem.

A. Quem Escreveu as Epístolas?

1. Evidência externa

O que dizem os escritores dos séculos 2º e 3º sobre as epístolas de João? Policarpo, que, de acordo com relatos, era discípulo de João, escreveu uma carta para a igreja de Filipos aproximadamente no ano 100 d.C. A semelhança é claramente visível nestas referências específicas:

Filipenses de Policarpo 7.1 *1 João 4.2,3*

“Pois todos aqueles que não confessarem que Jesus Cristo veio em carne são do anticristo”; e qualquer um que não confessar o testemunho da Cruz, esse pertence ao diabo.¹

É assim que vocês podem reconhecer o Espírito de Deus: Todo espírito que reconhece que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, mas todo espírito que não reconhece Jesus não é de Deus. Esse é o espírito do anticristo [ver 3.8].

Depois disso, Papias, que era bispo de Hierápolis (perto de Laodiceia) por volta de 125 d.C., “usou citações da Primeira Epístola de João”.² Irineu, que foi bispo de Lyon e Vienne, no sul da França, por

1. Policarpo, *Filipenses 7.1*, in *Os Pais Apostólicos*, 2 vols., vol. 1 (LCL).

2. Eusébio, *História Eclesiástica* 3. 29. 17 (LCL).

volta de 185 d.C., nos diz que Papias era “ouvinte de João [e] um companheiro de Policarpo”.³ Podemos nos basear, portanto, nas vozes de testemunhas que conheceram João pessoalmente. No começo do século 2º, esses dois discípulos de João usaram sua primeira epístola e, de maneira implícita, servem de confirmação para sua autenticidade. Se essa epístola não fosse originária de João, eles poderiam ter divulgado esse fato.

Perto do final do século 2º, Irineu não apenas citou textos da epístola, mas também a atribuiu a João, o discípulo do Senhor.⁴ Depois disso, o Cânon Muratoriano, que supostamente originou-se por volta de 175 d.C., declara: “De fato, a Epístola de Judas e duas das Epístolas de João, acima mencionadas, são aceitas na [Igreja ou série de epístolas] católica”. Pelo fato de o original em latim ser um tanto impreciso, os estudiosos têm encontrado dificuldade em determinar o significado exato dessa declaração.

No século 3º, alguns autores usavam com freqüência a Epístola de João e testificavam que a mesma pertencia a João. São eles: Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e Dionísio, discípulo de Orígenes.

Que evidências externas há para a segunda e terceira epístolas de João? Devido à sua brevidade e importância relativamente pequena no contexto do Novo Testamento, não nos surpreende que as evidências sejam um tanto escassas. Na verdade, ficamos admirados que, pela providência de Deus, essas epístolas curtas ainda existam e façam parte do cânon.

Irineu, que era discípulo de Policarpo, tanto cita a Segunda Epístola (vs. 10,11) quanto menciona o nome do apóstolo João. Em seu discurso contra os marcosianos, ele escreve: “E João, discípulo do Senhor, intensificou suas condenações ao desejar que nós nem sequer nos dirijamos a eles dizendo ‘adeus’ pois, de acordo com ele, aquele que diz adeus é co-participante de seus atos perversos”.⁵ Em outra parte de seus escritos, ele cita os versículos 7 e 8 da Segunda Epístola, atribuindo-as ao discípulo do Senhor, isto é, João.⁶

3. *Ibid.* 3. 39. 1 (LCL).

4. Irineu. *Contra as Heresias* 3. 16. 5, 8, in *The Anti-Nicean Fathers*, vol. 1.

5. *Ibid.* 1. 16. 3.

6. *Ibid.* 3. 16. 8.

No século 3º, Clemente de Alexandria mostra estar familiarizado com a segunda epístola, pois se refere à “epístola mais longa” de João.⁷ Dionísio, outro alexandrino daquele século, discute a autoria das epístolas de João e diz: “Não, nem mesmo na segunda e na terceira epístolas de João, ainda que estas sejam breves, apresenta-se o nome de João”.⁸ Orígenes observa que está familiarizado com as duas epístolas mais curtas e acrescenta: “nem todos dizem que estas são autênticas”.⁹ Também Eusébio, um século mais tarde, coloca a segunda e terceira epístolas entre os livros considerados controversos.¹⁰ Porém, mais para o fim daquele século, os concílios de Hipona Régio (393) e Cartago (397) reconheceram a canonicidade das epístolas de João.

2. Evidência interna

É impressionante a semelhança entre o Evangelho de João e as epístolas quanto aos paralelos verbais e a escolha de palavras. Primeiro, tomamos alguns exemplos da Primeira Epístola de João e de seu Evangelho:

Primeira Epístola

Nós lhes escrevemos para tornar completa nossa alegria [1.4]

Contudo, aquele que odeia seu irmão está na escuridão e anda de lá para cá na escuridão; ele não sabe onde está indo, pois a escuridão o cegou [2.11]

E esse é o seu mandamento: crer no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar uns aos outros como ele nos ordenou [3.23].

Evangelho

Pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa [16.24]

Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz... e quem anda nas trevas não sabe para onde vai [12.35]

Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros [13.34].¹¹

7. Clemente de Alexandria, *Stromata* 2. 15. 66.

8. Eusébio registrou as cartas de Dionísio em *História Eclesiástica* 7. 25. 11 (vol. 2, p. 201 [LCL]).

9. Eusébio, *História Eclesiástica* 6. 25. 10 (LCL).

10. *Ibid.* 3. 25. 3.

11. Para uma lista completa de semelhanças entre a Primeira Epístola e o Evangelho, consultar A. E. Brooke, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, International Critical Commentary Series (Edimburgo: Clark, 1964), pp. ii-iv. Ver também Raymond E. Brown, *The Epistles of John*, Anchor Bible, vol. 30 (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982), pp. 757-59.

O vocabulário, tanto nas epístolas quanto no Evangelho de João, mostra semelhança inconfundível. Ambos os livros enfatizam os mesmos temas: amor, luz, verdade, testemunho e filiação. A expressão *Filho unigênito* aparece em 1.14,18 [com variações], 3.16 e 1 João 4.9. A palavra grega *Paráclito* aparece em João 14.16,26; 15.26; 16.7 (“Conselheiro”, NIV) e em 1 João 2.1 (“aquele que fala em nossa defesa”, NIV).

Tanto a epístola quanto o Evangelho revelam o uso literário de contraste: vida e morte, luz e trevas, verdade e mentira, amor e ódio. A semelhança em estilo e pensamentos é, de fato, impressionante.

Além disso, as três epístolas de João parecem estar relacionadas entre si quanto ao pensamento e a expressão verbal. Referências às outras cartas são feitas nas três epístolas e no Evangelho, de modo que a idéia de os livros terem sido escritos pelo mesmo autor torna-se proeminente. Essa idéia fica ainda mais clara quando consideramos a saudação do “presbítero” na segunda e terceira epístolas:

2 João 1

O presbítero, à senhora escolhida e seus filhos, os quais eu amo em verdade.

3 João 1

O presbítero, ao meu querido amigo Gaio, a quem amo em verdade.

2 João 12

Tenho muito o que lhes escrever, mas não quero usar papel e tinta. Antes, espero visitá-los e conversar com vocês face a face, para que nossa alegria seja completa.

3 João 13,14

Tenho muito a escrever para você, mas não quero fazê-lo com pena e tinta. Espero vê-lo em breve e conversaremos face a face.

Tendo em vista que a extensão e o formato dessas duas epístolas são os mesmos, parece inegável a autoria comum. Além do mais, o escritor das epístolas não fala simplesmente como um líder da igreja local conhecido como “presbítero”. Em sua introdução, refere-se a si mesmo como “*o presbítero*” (itálico nosso). João indica que sua influência se estende além das divisas locais, sendo, portanto, universal. Em resumo, ele escreve com autoridade apostólica.

3. *Autoria comum*

As três epístolas foram escritas por um único autor? Se nos voltarmos, antes de tudo, para a segunda e terceira epístolas, podemos supor que, por causa da forma, escolha de palavras e estilo, o mais provável é que a mesma pessoa tenha escrito essas cartas. Na verdade, as semelhanças nessas duas epístolas sugerem fortemente que as cartas vieram do punho de um só autor.

Então, se “o presbítero” escreveu 2 e 3 João, poderia a primeira epístola também ter vindo de sua pena? Apesar da brevidade da segunda e terceira epístolas, as semelhanças verbais entre elas e 1 João e o Evangelho são claramente reconhecíveis.¹² Além das semelhanças, porém, as diferenças também são proeminentes. O autor se identifica nas duas últimas epístolas, mas não na primeira. O autor menciona os destinatários de 2 e 3 João, mesmo não sendo estes de nosso conhecimento. Ele não menciona os destinatários de sua primeira epístola, apesar de dirigir-se ternamente a eles como “queridos filhos”. As diferenças não são de grande importância, assim, a autoria comum das epístolas de João é provável. A maioria dos estudiosos, de fato, acredita que uma pessoa escreveu as três epístolas.

4. *Dificuldades*

Se o autor da primeira e terceira epístolas não é outro senão o apóstolo João, por que ele se refere a si mesmo como “o presbítero”? Ele deveria ter seguido o costume de Paulo e Pedro e se apresentado como “João, um apóstolo de Jesus Cristo”. Em sua primeira epístola, Pedro se autodenomina “apóstolo de Jesus Cristo” (1.1) e se dirige aos presbíteros dizendo: “aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles” (5.1). Apesar de os contextos serem diferentes no que diz respeito à Primeira Epístola de Pedro e à Segunda e Terceira Epístola de João, o fato é que um apóstolo pode ser um presbítero. O termo *presbítero* nessas epístolas é praticamente equivalente à expressão *apóstolo*.

12. Em sua obra *Epistles of John*, Brown apresenta 6 dessas semelhanças em 3 João e 15 em 2 Jo (ver pp. 755-56).

Muitos estudiosos, porém, não estão preparados para igualar os termos *presbítero* e *apóstolo* no que se refere às epístolas de João. Para eles, não é provável que o escritor de 2 e 3 João seja o apóstolo João, filho de Zebedeu. Quanto a 3 João, por exemplo, C. H. Dodd questiona a autoridade apostólica do autor. Pergunta: “Podemos duvidar que, se ele houvesse tido a dignidade apostólica, ele não teria lançado um desafiador remetente ‘João, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade Deus’ e forçado Diótfrefes a calar-se?”¹³

Porém, um comentário bastante conhecido feito por Papias na primeira parte do século 2º é o cerne da questão. Papias escreveu esse comentário em um dos cinco livros de “Interpretação dos Oráculos do Senhor”. Foram preservados apenas fragmentos desses livros; estes foram registrados pelo historiador do século 4º, Eusébio. Eis um comentário:

E não hesitarei em acrescentar às interpretações tudo o que já aprendi dos presbíteros e de que me lembro bem, pois tenho confiança em toda a sua verdade... Mas quando qualquer um aparecia declarando-se seguidor dos presbíteros, eu o interrogava sobre o que André, ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor havia dito e o que Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor, estavam dizendo. Pois supus que informações de livros não me ajudariam tanto quanto as palavras de uma voz vivente e sobrevivente.¹⁴

Nessa longa citação, Papias iguala os termos *presbíteros* e *discípulos*. Observe que o termo *presbítero* aparece três vezes e se refere aos discípulos de Jesus, ou seja, os nomes dos discípulos de Jesus encontram-se em aposição e são uma explicação da palavra *presbíteros*.

Papias, portanto, informa os leitores que obteve informações sobre o Senhor diretamente de seus discípulos. Indica que havia estágios na coleta de informações. Ele usa o tempo passado quando escreve: “eu o interrogava sobre o que André, ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé,

13. C. H. Dodd, *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p. lxix.

14. Eusébio, *História Eclesiástica* 3. 39. 3-4 (LCL).

ou Tiago, ou João, ou Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor *haviam dito*” (itálico nosso). Então, quando a maior parte dos discípulos havia falecido, ele perguntava “e o que Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor, *estavam dizendo*” (itálico nosso).¹⁵ Sabemos muito pouco sobre Aristion, mas temos um comentário sobre o fim da vida de João. De acordo com Irineu, o apóstolo João viveu “até o tempo de Trajano”.¹⁶ Trajano foi imperador de 98 d.C. a 117 d.C. Concluímos, então, que o apóstolo João era o único discípulo do Senhor que ainda estava vivo no final do século 1º. Além disso, a nosso ver, pelo comentário de Papias, ele procurava informações de “uma voz vivente e sobrevivente”, e não dos livros.

Papias está se referindo a uma pessoa de nome João ou a dois indivíduos? Ele chama João de discípulo e presbítero ou está apresentando o apóstolo João e uma outra pessoa conhecida como João o Presbítero? Eusébio comenta a ambigüidade de Papias:

É digno de observação aqui que ele conta o nome de João duas vezes e relaciona o primeiro João a Pedro, Tiago, Mateus e os outros apóstolos, referindo-se claramente ao evangelista, mas ao mudar sua declaração ele coloca o segundo com os outros que não estão entre os apóstolos, sendo que seu nome vem depois de Aristion e ele é claramente chamado de presbítero. Isso confirma a veracidade do relato daqueles que afirmaram haver dois com o mesmo nome na Ásia, e de que há dois túmulos em Éfeso, os dois de homens chamados João.¹⁷

Nesse mesmo contexto, Eusébio chama Papias de “homem de muito pouca inteligência” e faz esse julgamento com base nas opiniões de Papias sobre o milenarismo. Eusébio discorda da opinião de Papias sobre um milênio terreno, durante o qual Cristo governará como rei. Ele é da opinião que Papias adquiriu essas idéias “ao fazer uma leitura equivocada dos relatos apostólicos”.¹⁸ Não somos capazes de

15. Consultar C. Steward Petrie, “The Authorship of ‘The Gospel According to Matthew’: A Reconsideration of the External Evidence”, *NTS* 14 (1967): 17.

16. Irineu, *Contra as Heresias* 2. 22. 5. Ver também Eusébio, que escreve: “E todos os presbíteros associados a João, discípulo do Senhor, na Ásia, são testemunhas de sua tradição, porque ele permanece com eles até a época de Trajano”. *História Eclesiástica* 3. 23. 3.

17. Eusébio, *História Eclesiástica* 3. 39. 5-6.

18. *Ibid.* 3. 39. 12-13.

determinar o nível de inteligência de Papias, pois seus livros não existem mais. Ainda assim, ousamos afirmar que Eusébio é incomumente duro em seu julgamento da capacidade intelectual de Papias à luz das questões doutrinárias.

Se examinarmos a vida de João, veremos que ele desempenhou o papel de discípulo, apóstolo e presbítero. Durante três anos, João havia sido discípulo de Jesus; depois da ascensão de Jesus, ele trabalhou como um dos 12 apóstolos e, na Igreja, tornou-se conhecido como “o presbítero”. Pelo fato de João ter vivido mais do que todos os outros apóstolos, ele é mencionado duas vezes. Papias o coloca entre os discípulos de Jesus, cujas vozes foram silenciadas pela morte, e menciona João com Aristion (que não era um discípulo), como a voz sobrevivente que ainda fala de Jesus. Concluimos, portanto, que, apesar de a linguagem de Papias ser ambígua, sua intenção é enfatizar que João, discípulo do Senhor e presbítero na igreja, é a única testemunha sobrevivente do Senhor.

Existe qualquer evidência em favor de uma pessoa conhecida como o presbítero João que fosse contemporânea e sucessora de João? No século 3º, Dionísio de Alexandria tinha ouvido que havia dois túmulos de João em Éfeso. Ao escrever sobre João Marcos, que se separou de Paulo e Barnabé durante a primeira viagem missionária, ele diz: “Mas penso que havia um outro [João] entre aqueles que estavam na Ásia, tendo em vista que se diz haver dois túmulos em Éfeso e que cada um deles é de João”.¹⁹

Dionísio atribui o evangelho e as epístolas a João, o apóstolo, mas é da opinião de que Apocalipse foi escrito por uma outra pessoa com o nome de João. Ele mostra que tem dificuldades em compreender Apocalipse e, portanto, não acredita que João, o filho de Zebedeu, tenha escrito esse livro.

Além disso, Eusébio é completamente contrário à visão milenarista derivada do livro de Apocalipse. Na linguagem de um dos comentários de Papias, ele vê a possibilidade de atribuir o livro de Apocalipse a uma outra pessoa conhecida como João e, assim, menciona a existência do apóstolo João e do presbítero João.

19. *Ibid.* 7. 25. 16; ver também 3. 39. 6.

Todavia, nada se sabe sobre o chamado presbítero João, pois até mesmo Polícrates, bispo em Éfeso, próximo do final do século 2º, nada diz a esse respeito. Numa carta endereçada a um certo Vítor e à igreja de Roma, ele menciona que João, o qual “recostou-se no peito do Senhor”, estava enterrado em Éfeso,²⁰ mas ele não dá informações sobre um segundo túmulo de uma pessoa conhecida como presbítero João. Hesitamos, portanto, em fazer uma distinção entre o apóstolo João e o presbítero João, tendo em vista que as evidências são insuficientes para se fazer uma distinção clara.

Além disso, os argumentos que procuram tornar impossível a autoria comum das três epístolas joaninas não são convincentes. Na verdade, os estudiosos que aderem à idéia de que João, filho de Zebedeu, escreveu as epístolas, podem encontrar base nos escritores da igreja primitiva. Alguns desses escritores eram discípulos de João.

5. *Objecções*

Alguns estudiosos não estão de modo algum convencidos de que o apóstolo João é o autor do evangelho e das epístolas. Visualizam João cercado por um grupo de discípulos que escreviam por ele. Afirmam que uma escola de escritores foi responsável pela literatura joanina.

De acordo com esses estudiosos, os escritores dessa escola usaram o mesmo vocabulário, forma de expressão e estilo. Além disso, os escritores apresentavam uma teologia em comum, de modo que, em relação às semelhanças e diferenças, todos os seus escritos levavam a marca reveladora de que pertenciam à mesma escola de pensamento, a saber, a escola joanina.

O termo *escola joanina* se refere à comunidade na qual a literatura de João (especialmente o evangelho e as epístolas) foi escrita. Nessa escola, o apóstolo João tinha a função de líder, de modo que os autores individuais compunham os livros em seu nome.²¹

20. *Ibid.* 5. 24. 3.

21. Consultar R. Alan Culpepper, *The Johannine School: An Evaluation of the Johannine-School Hypothesis Based on an Investigation of the Nature of Ancient Schools*, Society of Biblical Literature Dissertation Series, nº 26 (Missoula, Mont.: Scholars Press,

Essa hipótese, porém, depara-se com algumas objeções. Em primeiro lugar, grupos de escritores normalmente compõem coletâneas de opiniões sobre um determinado assunto e as escrevem na forma de ensaios curtos. Juntam esses ensaios em um livro. Chamamos um livro desse tipo de livro de antologia. Mas o evangelho e as epístolas de João não parecem ser uma coletânea de opiniões organizadas ao redor de um mesmo tema. Pelo contrário, o evangelho – e grande parte da Primeira Epístola de João – apresentam progresso e desenvolvimento, relatos de testemunhas oculares e detalhes pessoais que focalizam a atenção no autor.

Além disso, os proponentes da hipótese da escola joanina precisam demonstrar como os discípulos do apóstolo João compuseram seus escritos que acabaram tornando-se conhecidos como o evangelho e as epístolas de João, ou seja, precisam mostrar que João não poderia ter escrito o evangelho e as epístolas e que esses documentos são de punho dos seus discípulos. Sua hipótese, porém, simplesmente pressupõe que não foi João, mas seus seguidores, que escreveram esse material. Para os estudiosos que ainda não adotaram esse ponto de vista, mas que acreditam que João, filho de Zebedeu, é o autor da literatura joanina, uma simples suposição dificilmente pode ser chamada de evidência convincente.²²

6. Diferenças

Dodd afirma que são pronunciadas as diferenças entre o Evangelho de João e a primeira epístola. Essas diferenças são, antes de mais nada, lingüísticas. Incluem estilo, o uso de certos verbos, a falta de algumas preposições e partículas, um vocabulário simples e um uso limitado do idioma gramatical na primeira epístola.

1975.), pp. 1-38. Ver também Brown, *The Epistle of John*, pp. 108-12; Rudolf Schnackenburg, *Die Johannesbriefe*, Herder's Theologischer Kommentar zum Neuen Testament, 7ª ed. (Freiburg: Herder, 1984), vol. 13, 3, p. 41; I. Howard Marshall, *The Epistle of John*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), p. 32; Stephen S. Smalley, *1, 2, 3, John*, Word Biblical Commentary (Waco: Word, 1984), vol. 51, p. xxii.

22. D. A. Carson, "Historical Tradition in the Fourth Gospel: After Dodd, What?" in *Gospel Perspectives, Studies of History and Tradition in the Four Gospels*, org. R. T. France e David Wenham (Sheffield, JSOT Press, 1981), vol. 2, p. 134.

Além disso, os escritos joaninos demonstram diferenças no contexto religioso. Enquanto, por exemplo, o evangelho traz muitas citações do Antigo Testamento, a epístola não tem nenhuma. Os semitismos que são numerosos no quarto evangelho estão claramente ausentes na epístola de João.

Por fim, a ênfase teológica é diferente no evangelho e na primeira epístola. Essas diferenças dizem respeito à escatologia, que, na epístola, é divergente daquela apresentada no evangelho; à interpretação da morte de Cristo, que o autor da epístola realiza de uma forma que não chega a se desenvolver além dos elementos básicos da pregação da mensagem do evangelho; e à doutrina do Espírito Santo, que é proeminente no evangelho, mas não está presente na primeira epístola.²³

O argumento lingüístico de Dodd perdeu força quando um estudo detalhado feito por W. G. Wilson sobre as evidências lingüísticas revelou que “no que diz respeito a palavras importantes, há menos variação entre o quarto evangelho e 1 João do que existe entre 1 Coríntios e Filipenses”.²⁴ É extremamente difícil afirmar que dois escritos separados de um determinado autor devem apresentar as mesmas características lingüísticas. Também é difícil determinar se dois escritos separados com aspectos lingüísticos semelhantes vêm ou não do mesmo autor. As variações em vocabulário e expressões são inevitáveis, especialmente quando um autor se dirige a dois públicos diferentes ou tem em mente dois propósitos distintos.

Assim, num outro estudo, W. F. Howard mostra que a razão das divergências lingüísticas “pode ser encontrada, em parte, nas diferenças de assunto, no nível de escrita, na forma como foi composta e como foi ditada; em parte também existe a influência de acontecimentos externos e seu efeito sobre a visão do pastor ou líder cristão sobre quais são as necessidades da igreja”.²⁵

23. Consultar Dodd, *The Johannine Epistles*, pp. xlvii-lvi; “The First Epistle of John and the Fourth Gospel”, *Bulletin of the John Rylands Library* 21 (1937): 129-56.

24. W. G. Wilson, An Examination of the Linguistic Evidence Addressed Against the Unity of Authorship of the First Epistle of John and the Fourth Gospel”, *JTS* 49 (1948): 156.

25. W. F. Howard, “The Common Authorship of the Johannine Gospel and Epistles”, *JTS* 48 (1947): 25; consultar também A. P. Salom, “Some Aspects of the Grammatical Style of 1 John”. *JBL* 74 (1955): 96-102.

As diferenças apresentadas por Dodd quanto ao contexto religioso não são relevantes. Muitos estudiosos explicam essas diferenças à luz dos respectivos públicos do evangelho e das epístolas. Os destinatários das epístolas parecem ter sido gentios, cuja familiaridade com o Antigo Testamento não era a mesma dos leitores judeus do evangelho.

Por fim, a ênfase teológica apresentada por Dodd parece ter sido exagerada. Por exemplo, apesar de a expressão *anticristo* aparecer três vezes na primeira epístola (2.18,22; 4.3), mas nenhuma vez no evangelho, um termo joanino parecido – “príncipe deste mundo” aparece em João 12.31; 14.30; 16.11.²⁶ A interpretação da morte de Cristo é expressa no evangelho como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1.29) e em 1 João é o “sacrifício expiatório por nossos pecados, e não apenas pelos nossos, mas pelos pecados do mundo todo” (2.2).²⁷ Por fim, mesmo que o Espírito Santo e suas obras sejam proeminentes no evangelho, a primeira epístola não é desprovida de referências diretas e indiretas ao Espírito (2.20,27; 4.4; 5.8). Tendo em vista as evidências apresentadas, mesmo que de forma um tanto sucinta, pode-se tirar a conclusão de que “dificilmente existem razões adequadas para supor-se que o autor de 1 João seja diferente daquele de João”.²⁸

7. Referências pessoais

Chama a atenção o uso da primeira pessoa do plural no versículo de abertura de 1 João. “Aquilo que era desde o princípio, aquilo que ouvimos, aquilo que vimos com nossos olhos, que contemplamos e que nossas mãos tocaram – é o que proclamamos sobre a Palavra da vida” (1.1). Nos versículos seguintes (vs. 2 a 4), o autor continua a usar a primeira pessoa do plural, *nós*, para fazer distinção entre si mesmo e seus leitores. Quando ele lança mão desse pronome em versículos subseqüentes, ele o faz de modo abrangente, a fim de in-

26. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Introduction* (Downers Grove: InterVarsity, 1971), p. 880.

27. Consultar Schnackenburg, *Die Johannesbriefe*, p. 37. Ver também *The Letters of John the Apostle* (Chicago: Moody, 1985), p. 22.

28. Paul Feine, Johannes Behm e Werner Georg Kümmel, *Introduction to the New Testament*, 14ª ed. rev. (Nashville: Abingdon, 1965), p. 312.

cluir a si mesmo junto com os leitores. Veja, por exemplo, o versículo que é freqüentemente usado em cultos: “Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo e irá perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1.9).

Nos versículos introdutórios (ver também 4.14), João diz aos seus leitores que é testemunha ocular, que viu Jesus, ouviu sua voz e tocou-o com suas mãos. O uso que faz das palavras *nós* e *nosso* deve ser entendido de maneira exclusiva, ou seja, ele está comunicando aos seus leitores que ele e os outros discípulos tiveram a experiência singular de ver e ouvir Jesus, mas que os leitores não tiveram essa oportunidade. Ao invés disso, eles recebem os ensinamentos de Jesus através de um dos discípulos ainda vivos.²⁹

Qual é o significado exato do pronome *nós* em 1.1-4? Eis algumas interpretações:

1. “Nós” é equivalente a “eu”, pois o autor usa o plural para indicar sua autoridade na igreja. Ele é o apóstolo João, que fala com autoridade inquestionável, mas as palavras de João não são ditatoriais e arrogantes. Em seus escritos, ele não faz menção de seu ofício apostólico.

2. O autor pode usar o pronome *nós* como um “nós” editorial, ou seja, ele procura evitar chamar a atenção sobre si mesmo e, portanto, recorre ao “nós” geral. Mas o chamado “nós” editorial é muito vago para ser aplicado nessa situação.

3. O pronome *nós* se refere a um grupo de pessoas que tem a mesma experiência. São os discípulos de Jesus, que estiveram com o Senhor Jesus, “começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas” (At 1.22). Essas pessoas são testemunhas da ressurreição de Jesus e formam um grupo distinto que constitui o círculo dos 12 apóstolos. João, portanto, é “o último sobrevivente daqueles que haviam visto e ouvido o Senhor, o único representante de seus discípulos, falando em nome deles”.³⁰

29. Consultar F. F. Bruce, *The Epistle of John* (1970; Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. 38.

30. Alfred Plummer, *The Epistle of St. John*, Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p. 14. B. F. Westcott faz uma observação semelhante: “Ao longo desta seção, S. João usa o plural como se falasse em nome de um corpo apostólico, do qual ele é o último representante vivo”. *The Epistle of St. John, The Greek Text, with Notes and Addenda* (1883; Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 4.

4. Alguns estudiosos entendem o “nós” (vs. 1 a 4) como pronome que inclui o autor e toda a igreja. De acordo com Dodd, o autor “fala não exclusivamente por si mesmo ou por um grupo restrito, mas pela igreja como um todo, da qual o testemunho apostólico faz parte” e se dirige a pessoas que não têm conhecimento do Pai e do Filho”.³¹ Nós discordamos. Os destinatários da carta, os quais o autor chama várias vezes de “filhinhos”, não são descrentes. São “filhos de Deus” (3.1).

Se os destinatários são parte da igreja e parte do grupo mencionado por Dodd, então o texto de 1.3 significa que esse grupo – “Proclamamos a vocês o que vimos e ouvimos” – está se dirigindo a si mesmo. Além disso, os destinatários não viram nem ouviram Jesus, e certamente não o tocaram com suas mãos. Donald W. Burdick conclui: “É muito mais fácil aceitar a interpretação mais natural, que vê o autor como uma testemunha ocular, do que adotar a interpretação artificial de Dodd a fim de evitar a declaração do testemunho ocular”.³²

5. Por fim, Raymond E. Brown entende o “nós” na introdução de 1 João dentro do contexto da escola joanina. Eles são os escritores joaninos, “os portadores e intérpretes tradicionais que têm um relacionamento próximo com o discípulo amado em sua tentativa de preservar o testemunho dele”.³³ Brown está completamente ciente da objeção de que os escritores joaninos não poderiam dizer que tocaram Jesus com suas próprias mãos (1.1). Ele procura eliminar essa objeção ao sugerir que essas pessoas “participaram da sensação apenas de modo indireto”.

O leitor que aceita a autoria apostólica, porém, não encontra dificuldades, especialmente à luz da declaração do testemunho ocular. Pedro, por exemplo, escreve: “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2Pe 1.16). Somente os discípulos originais de Jesus podem dizer e escrever que o tocaram com suas mãos, como declara João no versículo introdutório de sua primeira epístola. Conseqüentemente, somos a favor da terceira interpretação apresentada.

31. Dodd, *The Johannine Epistles*, p. 16.

32. Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 29

33. Brown, *The Epistles of John*, p. 160.

J. R. W. Stott resume sucintamente a explicação do pronome *nós* no prólogo de 1 João (1.1-4):

A primeira pessoa do plural é usada não apenas em verbos que descrevem a experiência histórica, mas também com os verbos que descrevem sua proclamação. As pessoas que fazem esse anúncio são pessoas que tiveram a experiência... Foram elas que viram com seus olhos, ouviram com seus ouvidos e tocaram com suas mãos e que, agora, com sua boca, proclamam essas coisas.³⁴

B. Quem Recebeu as Epístolas?

O autor mostra-se um homem que fala com autoridade e cuja voz é reverenciada. Na condição de líder distinto na igreja, ele se dirige aos seus leitores sem se identificar na primeira carta, ou seja, os destinatários da primeira epístola não precisam perguntar quem a enviou. Eles o sabem, porque o autor parece ser alguém que residiu durante um bom tempo em sua região, que ensinou e pregou em suas igrejas.

O autor se dirige aos seus leitores com palavras ternas de amor. Os termos *filhinhos* ou *amados* aparecem várias vezes (2.1,12,13,18,28; 3.7,18; 4.4; 5.21) e indicam que o autor é de idade avançada. Como um pai na igreja, ele considera os leitores seus filhos espirituais. Ele os chama afetuosamente de “queridos amigos”. Traduções mais antigas apresentam esse termo como “amados” (2.7; 3.2,21; 4.1,7,11; ver também 3Jo 1,2,5,11).

O autor escreve aos leitores de modo pessoal ao usar o pronome pessoal *eu* repetidamente ao longo das três epístolas. A ligação entre escritor e leitores é íntima e forte. Eles se conhecem e não são necessárias introduções detalhadas.

Apesar de o autor e de os leitores se conhecerem, ao leitor moderno só resta adivinhar a identidade dessas pessoas ao ler com cuidado as evidências internas. O autor revela-se indiretamente e, ao mesmo tempo, oferece alguns detalhes sobre os leitores. Conseqüen-

34. J. R. W. Stott, *The Epistle of John: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), pp. 31-32.

temente, baseamo-nos no texto escrito para aprofundar nossa visão dos problemas enfrentados pelo autor e seus leitores.

Além do tom dessas cartas, que é marcado pelas virtudes do amor e da verdade, em nenhuma parte o autor deixa a impressão de ser simplório ou fraco.³⁵ Pelo contrário, ele não tem medo de usar a palavra *mentiroso* (1.10; 2.4,22; 4.20; 5.10), ele chama seus adversários de “anticristos” (1Jo 2.18,22; 4.3; 2Jo 7) e deixa clara a distinção entre os “filhos de Deus” e os “filhos do diabo” (3.10). De acordo com o autor, os “falsos profetas” possuem “espírito de erro” (4.1,6). Além disso, a pessoa que não traz os ensinamentos de Cristo realiza “obras más” (2Jo 10,11).

O autor fala com autoridade absoluta quando ordena seus leitores a não amarem o mundo (2.15), a permanecerem em Cristo (2.27), a crearem no nome de Jesus (3.23), a amarem uns aos outros (4.7,11,21), a andarem em amor (2Jo 6), a não convidarem falsos mestres a ensinar em suas casas (2Jo 10) e a imitarem aquele que faz o bem (3Jo 11).

Conseguimos colher informação suficiente dessas três epístolas para afirmar que o autor é testemunha ocular e ouvinte de Jesus (1.2), um arauto da palavra (1.5), que pode falar com autoridade sobre “o que era desde o princípio” (1.1; 2.7,13,14,24; 3.11; 2Jo 5,6) e é o presbítero em meio às igrejas (2Jo 1; 3Jo 1). Quando o autor se identifica como “o presbítero”, parece não ter em mente nada além da palavra *apóstolo*. Esse escritor eminente, por ser extensamente influente e aclamado, não tem necessidade de se identificar. Ele é conhecido como João, filho de Zebedeu.

1. Leitores de 1 João

Os leitores da primeira epístola não eram, de modo geral, recém-convertidos. O autor se dirige a “pais” e “jovens” (2.13,14), muitos dos quais ouviram o evangelho “desde o princípio” (2.7,24; 3.11). Eles

35. Num sermão sobre Gl 6.10 – “Façamos o bem a todos” – Jerônimo relata que o apóstolo João, em sua velhice, estava muito fraco para pregar, que tinha que ser carregado para dentro da igreja e que repetia a exortação: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros”. João acrescentava a explicação: “Este é o mandamento do Senhor; quando somente este mandamento é obedecido, ele é suficiente”.

conhecem os ensinamentos de Cristo (3.23), obedecem aos seus mandamentos (2.7) e confessam seu nome (2.23; 5.10), estão plenamente conscientes dos ataques perniciosos do diabo (2.13,14,16; 3.10; 4.3; 5.19), que lhes aparece na forma do anticristo (2.18,22; 4.3), falsos profetas (4.1) e mentirosos (2.4,22; 4.20).

São poucas as referências diretas ao Antigo Testamento. O autor menciona Caim pelo nome e o descreve como aquele “que pertencia ao maligno e assassinou seu irmão” (3.12; ver também Gn 4.8). Até mesmo alusões aos ensinamentos do Antigo Testamento são pouco frequentes. As palavras “se alegarmos que não temos pecado, nós nos enganamos e a verdade não está em nós” (1.8) soam como as palavras de Provérbios 28.13: “O que encobre suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia”.

Deus é descrito como “fiel e justo” (1.9). Essa frase é uma repetição e sumário de uma linha do Cântico de Moisés: “Deus é fidelidade, e não há nele injustiça: é justo e reto” (Dt 32.4); e as palavras “e não há nele nada que o faça tropeçar” (2.10) estão relacionadas ao Salmo 119.165: “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço”. Por fim, a observação: “Os seus mandamentos não são penosos” (5.3) assemelha-se à instrução de Moisés: “Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não é demasiado difícil, nem está longe de ti” (Dt 30.11).

A referência direta e as alusões ao Antigo Testamento oferecem uma descrição do autor, não dos leitores. Elas indicam que a mentalidade do autor era condicionada pelos ensinamentos judaicos, mas não podemos dizer o mesmo sobre os leitores. A ausência de citações do Antigo Testamento deixa a impressão de que seus leitores eram de origem gentia. Para eles, as Escrituras do Antigo Testamento eram relativamente novas.

Diz a tradição que João escreveu suas epístolas durante seu ministério em Éfeso, e que sua primeira epístola foi dirigida a uma igreja ou a um grupo de igrejas que o autor conhecia bem.³⁶ Sucessor de Paulo e Timóteo, João foi pastor em Éfeso até sua morte, por volta de 98 d.C. De Éfeso, ele escreveu suas epístolas, supostamente para um público gentio, e não para aqueles leitores que eram cristãos judeus.

36. Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, p. xxx.

2. Leitores de 2 João

“O presbítero” envia sua carta “à senhora eleita e aos seus filhos” (v. 1). Ele se regozija grandemente em saber que os filhos dessa senhora “andam na verdade” (v. 4). Ele usa o pronome plural *vocês* quando lhes diz que tem muito o que escrever, mas que espera visitá-los em breve (v. 12). Por fim, ele conclui sua segunda epístola transmitindo saudações dos filhos da irmã eleita da senhora (v. 13).

Alguns comentaristas tomam literalmente as palavras “à senhora escolhida e aos seus filhos” e as entendem como “a senhora eleita” ou “uma senhora eleita”. Outros chegam a transliterar as palavras gregas, apresentando-as como nomes próprios: “Electa, a senhora” ou “Kyria, a eleita” ou “Electa Kyria”. Porém, não existe evidência que prove o uso comum desses nomes gregos transliterados na literatura grega. Portanto, apenas as duas traduções, *a senhora eleita* ou *uma senhora eleita*, são válidas.³⁷

Considerando que podemos entender as palavras do prólogo literalmente – uma senhora eleita e seus filhos – também podemos tomar essas palavras como referência à igreja local. Então a frase *e aos seus filhos* designa os membros de uma igreja. Além disso, o último versículo na carta, “os filhos da sua irmã escolhida enviam suas saudações” representa uma outra forma de dizer que os membros da igreja irmã enviam suas saudações. Observe que os filhos enviam suas saudações, e não a mãe. Se tomarmos as palavras literalmente, temos que concluir que a irmã da senhora eleita não está mais viva. Por outro lado, se entendermos a expressão *irmã eleita* como sendo a igreja, temos uma explicação aceitável. “O presbítero” (v. 1), sem dúvida, é um membro dessa determinada igreja.³⁸

Além do mais, as mudanças de singular para plural (o singular nos versículos 4,5,12 em contraste com o plural nos versículos 6,8,10,13)

37. Consultar Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 416; Plummer, *The Epistles of St. John*, pp. lxxvi, 132. Comparar também com Guthrie, *New Testament Introduction*, pp. 890-91.

38. Consultar Westcott, *The Epistle of St. John*, p. 224. Ver também Dodd, *The Johannine Epistles*, pp. 144-45.

tornam mais provável que a referência seja a uma igreja, e não a uma pessoa individual. Apresso-me em acrescentar que essas mudanças nem sempre são perceptíveis na tradução. Por causa do uso do plural *vocês*, o autor parece dirigir-se não a uma única família, mas a toda uma comunidade.

E, ainda, os apóstolos Pedro e Paulo personificavam a igreja com um nome feminino. Em sua primeira epístola, por exemplo, Pedro escreve: “Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda” (1Pe 5.13). Evidentemente ele quer dizer: “A igreja de Roma... vos saúda”. Paulo, por sua vez, chama a igreja de virgem ou noiva de Cristo (2Co 11.2; Ef 5.25-29). Concluimos, portanto, que, em 2 João, a identificação feminina para uma determinada congregação está de acordo com essa prática em outras partes.

É simplesmente impossível determinar onde moravam os leitores de 2 João. Tendo em vista o longo ministério de João em Éfeso, supomos que ele tenha enviado essa carta a uma determinada igreja bastante conhecida por ele e localizada na parte ocidental da Ásia.

3. *Leitores de 3 João*

“O presbítero” escreve uma carta pessoal a seu amigo Gaio (v. 1) e a outros amigos (v. 14). Não sabemos praticamente nada sobre Gaio, exceto pela informação que o autor oferece em sua terceira carta. O nome em si aparece cinco vezes no Novo Testamento (At 19.29; 20.4; Rm 16.23; 1Co 1.14; 3Jo 1). É difícil dizer se Gaio é um daqueles mencionados por Lucas em Atos ou por Paulo em suas epístolas.

Gaio, o amigo amado do “presbítero”, é um obreiro diligente na igreja (v. 3). Cuidou de missionários que precisavam de comida e hospedagem (v. 8). Além disso, teve que suportar a perversa maledicência de Diótrefes (v. 10).

João menciona haver, anteriormente, escrito uma carta para Diótrefes, que se recusou a responder ao conteúdo da mesma. Apesar de João não dirigir essa terceira epístola diretamente a esse malcontente, mas a Gaio, ainda assim ele escreve: “se eu for aí, chamarei a atenção para o que [Diótrefes] está fazendo” (v. 10).

Por último, “o presbítero” se refere a Demétrio. Essa pessoa é o oposto de Diótrefes na conduta cristã. Ele recebe elogios e menções honrosas (v. 12). Como no caso de Gaio, não sabemos quase nada sobre Demétrio. Qualquer tentativa de ligá-lo a Demétrio, o ourives (At 19.24) ou a Demas (2Tm 4.10), cujo nome pode ser uma forma abreviada de Demétrio, é em vão.

Não podemos afirmar com certeza onde viviam Gaio, Diótrefes e Demétrio. Seu local de residência não era muito afastado de Éfeso, de modo que João, mesmo sendo de idade avançada, ainda podia visitá-los. Talvez a única coisa que possamos dizer é que essas pessoas viviam na Ásia Menor.

C. Por Que as Epístolas Foram Escritas?

Quais eram os problemas enfrentados pela igreja na segunda metade do século 1º? O que levou João a escrever essas três epístolas a igrejas e indivíduos? Quais foram os motivos que ocasionaram a elaboração dessas cartas? Essas são algumas perguntas que desejamos considerar nesta seção da Introdução.

1. Heresias

Numa rápida leitura da epístola, já podemos detectar problemas nas igrejas. Lemos, por exemplo, que o anticristo está a caminho e que “muitos anticristos já vieram”. Quem são eles? João escreve que “eles saíram de nosso meio, mas em verdade não faziam parte de nós, pois se fizessem parte de nós teriam permanecido conosco; mas o fato de terem partido mostrou que nenhum deles fazia parte de nós” (2.19). O autor adverte os leitores a não acreditarem em todo espírito, e continua: “testem os espíritos para saber se eles são de Deus, pois muitos falsos profetas têm saído pelo mundo” (4.1).

A partir dessas passagens, primeiro ficamos sabendo que os anticristos no passado haviam sido membros da igreja e que a deixaram de espontânea vontade. Em segundo lugar, eles se desviaram dos preceitos doutrinários e apareceram mais tarde como falsos profetas que tentavam desviar os membros da igreja (2.26; 2Jo 7).

Por fim, ficamos sabendo que a igreja enfrenta a oposição direta daqueles que antes pertenciam à comunidade cristã. Esses oponentes ensinam agora doutrinas que não estão de acordo com a fé cristã. A fim de fortalecer os membros da igreja e de adverti-los contra os falsos ensinamentos, o autor compôs suas epístolas.

Cristologia

A doutrina de Cristo é central ao longo de 1 e 2 João. O autor confirma o ensinamento de que Jesus Cristo é humano e divino e que é Filho de Deus. Já na introdução de sua primeira epístola, ele ensina sobre a humanidade e divindade de Jesus Cristo. João escreve que ele, juntamente com outros, ouviu e viu Jesus e também tocou-o com suas mãos (1.1), ou seja, Jesus é verdadeiramente humano. João conclui a introdução convidando os leitores a ter comunhão “com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo” (1.3). Assim, ele deixa claro que Jesus é divino.³⁹

Os falsos profetas recusavam-se a confessar que Jesus tinha vindo em carne (4.2,3; 2Jo 7). Eles negavam que Jesus é o Cristo (2.22) e que ele é o Filho de Deus (2.23; 4.15; 2Jo 9). Ensinavam que Jesus Cristo não podia ter vindo em forma humana.

João declara seus ensinamentos sobre a humanidade e divindade de Jesus Cristo ao perguntar: “Quem vence o mundo? Somente aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus. Esse é o que veio pela água e pelo sangue – Jesus Cristo. Ele não veio apenas pela água, mas pela água e pelo sangue” (5.5,6). E afirma que “todo espírito que reconhece que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (4.2). Portanto, João exorta os crentes a permanecerem firmes na verdade que ouviram desde o princípio, pois então “permanecerão no Filho e no Pai” (2.24).

Moralidade

Os falsos profetas que negam a doutrina central a respeito da pessoa de Cristo também desenvolvem uma visão distorcida do pecado e da lei. Afirmando, por exemplo, que estão livres de pecado (1.8) e tornam conhecido o fato de não terem pecado (1.10). Negam que a comunhão com Deus exija a “prática da verdade” (1.6). Recusam-se

39. Eis algumas outras referências ao termo *Filho de Deus*: 1.7; 3.8,23; 4.9,10,15; 5.5,9,10,11,12,13,20.

a seguir o exemplo que foi deixado por Jesus durante seu ministério na terra (2.6). Afirmam estar em comunhão com Deus, mas continuam a andar em trevas (1.6) e dizem conhecer a Deus, mas não estão dispostos a obedecer aos seus mandamentos (2.4).

Esses enganadores ignoram os mandamentos ao se recusarem a amar seu irmão em Cristo. De fato, João escreve: “Aquele que odeia seu irmão está na escuridão e anda de lá para cá na escuridão; ele não sabe onde está indo, pois a escuridão o cegou” (2.11). João não tem medo de chamar essas pessoas de “filhos do diabo” (3.10); eles odeiam seu irmão (2.9; 3.15; 4.20) e se recusam a suprir as necessidades desse irmão quando poderiam fazê-lo (3.17).

Declarando que Deus exige uma vida que demonstre obediência, João afirma que a pessoa que vive em Cristo imita a vida de Jesus (2.6), busca a pureza que há em Cristo (3.3), não continua a pecar (3.6; 5.18) e ama o seu próximo (4.11).

Afirmações

Com suas declarações de “se dissermos”, João esboça sucintamente os ensinamentos dos falsos profetas. Em sua réplica, ele propositadamente faz uso da repetição. Observe, primeiro, a afirmação dos falsos mestres sobre ter comunhão com Deus (1.6), mas a verdade é que vivem em trevas. Se conhecem Deus como o Deus da luz (1.5), então a comunhão com ele exclui as trevas. Eles, porém, vivem em trevas, enganam-se uns aos outros e não praticam a verdade.

Em seguida, eles afirmam que não têm pecado (1.8), mas enganam a si mesmos ao não dizer a verdade. Em terceiro lugar, afirmam que não têm cometido pecado (1.10), mas, ao fazer essa afirmação, chamam Deus de mentiroso.

Além disso, os falsos profetas afirmam conhecer Deus (2.4), mas se recusam a obedecer aos mandamentos de Deus e, portanto, vivem fora da esfera da verdade. E, finalmente, eles afirmam estar na luz (2.9), mas estão em trevas, porque odeiam seus irmãos. Suas afirmações e as refutações de João são de uma simplicidade repetitiva. Ainda assim, fica claro o propósito de João: ele expõe a mentira e proclama a verdade.

2. *Hereges*

Quem são os adversários aos quais João se dirige em suas epístolas?⁴⁰ Considerando que as evidências do século 1º são escassas, temos testemunho suficiente de escritores do século 2º. E, apesar de precisarmos ser cautelosos em nossa avaliação desses testemunhos, podemos observar prontamente que as origens da heresia no século 2º remontam ao século 1º.

Gnósticos

O termo *gnóstico* é derivado da palavra grega *gnosis* (conhecimento) e tem amplo significado. Os gnósticos do século 2º promoviam vários ensinamentos, mas uma visão geral desses ensinamentos está fora do escopo desse estudo. Os ensinamentos gnósticos da Síria, Palestina e Egito, porém, estão relacionados ao nosso estudo. Por isso, farei um resumo rápido dessas idéias.

Em primeiro lugar, os gnósticos exaltavam a aquisição de conhecimento, pois, a seu ver, o conhecimento era o fim de todas as coisas. Por causa de seu conhecimento, tinham uma compreensão diferente das Escrituras, e, por causa dessa compreensão, separavam-se dos cristãos que não haviam sido iniciados.

Em segundo lugar, os gnósticos declaravam que a matéria é má. Baseavam essa doutrina nas muitas imperfeições que observamos na natureza. Portanto, ensinavam os seguintes pontos:

1. O mundo é mau. O mau causa uma separação na forma de um abismo intransponível entre o mundo e o Deus supremo. Assim, o Deus supremo não pode ter criado o mundo.
2. O Deus do Antigo Testamento criou o mundo. Ele não é o Deus supremo, mas um poder inferior e perverso.

40. Na opinião de Stephen S. Smalley, o autor tem em mente mais de um grupo de adversários: um grupo com uma "baixa" Cristologia e outro com uma "alta" Cristologia. Ver sua obra *1, 2, 3, John*, p.xxiii. Ver também seu artigo "What about John?", *Studia Biblica* 1978, vol. 3, *Papers on Paul and Other New Testament Authors*, org. E. A. Livingstone (Sheffield: Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, 1980), pp. 337-43.

3. Qualquer ensinamento sobre a encarnação é inaceitável. É impossível ao Verbo divino viver num corpo impuro.
4. Não pode haver ressurreição do corpo. Aqueles que são libertos ficam livres dos grilhões de um corpo impuro.⁴¹

Quanto ao ponto 3, alguns gnósticos defendiam a causa do Docetismo (do verbo grego *dokein*, aparecer). Esses mestres gnósticos negavam que um Cristo sem pecado pudesse ter um corpo humano (e portanto, pecaminoso). Faziam, então, uma distinção entre o corpo humano de Jesus e o Cristo que veio do céu. Cristo apenas desceu sobre o corpo de Jesus. Dessa forma, os docetistas queriam dizer que o Cristo celestial não havia tido contato com um corpo que era mau. Eles, de fato, ensinavam que Jesus não tinha vindo em carne (comparar com 1Jo 4.3; 2Jo 7).

Tomando por base as epístolas de João, porém, não podemos afirmar ao certo se o autor dirige suas cartas contra os docetistas extremistas. Apesar de João enfatizar a humanidade de Cristo, ele não indica que seus opositores consideravam o corpo de Cristo um mero espectro.⁴² Na introdução de 1 João e ao longo da segunda e terceira epístolas, João afirma a unidade das duas naturezas (humana e divina) de Jesus Cristo.

Brown compilou uma lista de semelhanças entre os versículos em 1 e 2 João e os ensinamentos na literatura gnóstica. Eis alguns exemplos:

1. O contraste de luz e trevas, verdade e falsidade (comparar com 1Jo 2.9; 4.6) é um tema do *Evangelho da Verdade*.
2. A declaração de não ter pecado por causa de uma união especial com Deus (ver 1Jo 1.6,8,10; 2.4,6) faz lembrar o *Evangelho de Maria*, no qual o Salvador diz: “Não existe pecado”.

41. Consultar Plummer, *The Epistles of St. John*, p. xxiii; Gerald L. Borchert, “Gnosticism”, EDT, pp. 445-46.

42. Consultar, porém, Brown cuja opinião é de que os adversários do autor (seccionistas) “desviaram-se para um tipo de docetismo ao qual se opôs Inácio de Antioquia, no qual a humanidade de Jesus era apenas aparente”. *The Epistles of John*, p. 105.

3. João ensina a verdade bíblica de que “Deus é luz” (1Jo 1.5) e, portanto, o crente está na luz (2.9). Em *Corpus Hermeticum* (I.29) vemos que “Deus, o Pai do qual veio o homem, é luz e vida”.⁴³

Essas referências gnósticas são de um período separado por mais de um século da época em que João escreveu suas epístolas. Além disso, essas referências, da forma como se apresentam, são um tanto inócuas e não parecem representar uma ameaça para a comunidade cristã. Portanto, precisamos procurar uma fonte contemporânea de João e que é considerada gnóstica pelos escritores cristãos do século 2º.

Cerinto

Os pais da igreja nos falam de um certo Cerinto que viveu em Éfeso. Irineu relata uma história que Policarpo costumava contar sobre Cerinto e o apóstolo João:

Há também aqueles que ouviram dele que João, o discípulo do Senhor, ao ir banhar-se em Éfeso e percebendo a presença de Cerinto, precipitou-se para fora da casa de banho sem ter se lavado, exclamando: “apressemo-nos, antes que a casa de banho desmorone, pois Cerinto, o inimigo da verdade, encontra-se lá dentro”.⁴⁴

Quando, mais de um século depois, Eusébio escreve sua *História Eclesiástica*, ele inclui esse relato duas vezes usando praticamente as mesmas palavras.⁴⁵ Em sua primeira epístola, João escreve: “Mentira alguma jamais procede da verdade. Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é Cristo? Este é o anticristo – o que nega o Pai e o Filho (2.21,22). João escreveu essas palavras como reação aos ensinamentos de Cerinto?”

Quais eram os ensinamentos de Cerinto? Mais uma vez, Irineu oferece essa informação quando escreve delongadamente:

Cerinto, um homem que foi educado na sabedoria dos egípcios, ensinava, por sua vez, que o mundo não havia sido feito pelo

43. *Ibid.*, pp. 60-61.

44. Irineu, *Contra as Heresias* 3. 3. 4.

45. Consultar Eusébio, *História Eclesiástica* 3. 28. 6; 4. 14. 6.

Deus primário, mas por um certo Poder, completamente separado dele e distante daquele Principado que é supremo sobre o universo e que ignora a existência de qualquer coisa que está acima de si. Ele representava Jesus como tendo nascido de uma virgem, mas sendo filho de José e Maria pela geração humana normal, enquanto que, ainda assim, Jesus era mais reto, prudente e sábio do que outros homens. Além do mais, depois de seu batismo, Cristo desceu sobre ele na forma de um pombo, vindo do Governante Supremo, e, então, ele proclamou o Pai desconhecido e realizou milagres. Todavia, por fim, Cristo deixou Jesus, e então Jesus sofreu e ressuscitou, enquanto Cristo permaneceu impassível, sendo ele um ser espiritual.⁴⁶

Cerinto revela-se um gnóstico que atribui a criação não a Deus, mas a um certo poder separado de Deus. Seu ensinamento fundamental diz respeito à humanidade e divindade de Jesus Cristo. Ele faz distinção entre o Jesus humano, nascido “pela geração humana normal” de José e Maria e o Cristo divino. Na forma de um pombo, Cristo desceu sobre Jesus, de modo que Cristo é, na verdade, o equivalente ao Espírito Santo.

A intenção de Cerinto é separar o Cristo divino do Jesus pecaminoso, que sofre e ressuscita dos mortos. De acordo com Cerinto, o Cristo divino não pode sofrer, pois é um ser espiritual. Cristo retorna, ou voa, de volta para o Pleroma (a plenitude).⁴⁷

Em suas epístolas, João reage a esse tipo de ensinamento. Ele chama aqueles que “não reconhecem Jesus Cristo como tendo vindo em carne” de enganadores e anticristos (2Jo 7). Ensina que Jesus Cristo, o Filho de Deus, “veio por meio de sangue e água” (1Jo 5.6). Afirma também a unidade do Pai e do Filho ao declarar que “todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o

46. Irineu, *Contra as Heresias* 1. 26. 1.

47. Em três outras passagens, Irineu descreve a doutrina gnóstica dizendo que, em primeiro lugar “o Cristo do alto [era] outro, que também continuou impassível ao descer sobre Jesus e voou de volta para Seu Pleroma” (*Contra as Heresias* 3. 11. 1); em seguida, diz que “o Cristo do alto desceu sobre ele, sendo o espírito sem carne e impassível” (*ibid.* 3. 11. 3) e, por fim, que “Cristo permaneceu impassível, mas foi Jesus quem sofreu” (*ibid.* 3. 11. 7).

Filho, tem igualmente o Pai” (1Jo 2.23). Assim ele parece escrever contra a doutrina de Cerinto sobre “o Pai desconhecido”. Para João, o Filho Jesus Cristo e Deus o Pai são um.

Baseamo-nos apenas nos escritos dos pais da igreja do século 1º, pois não temos documentos dos próprios cerintianos. No século 4º, Epifânio menciona que o *Evangelho Segundo Cerinto* estava em circulação. Seja qual for o grau de veracidade dessa informação, temos a nítida impressão – tomando por base tudo o que já foi escrito – que Cerinto era um grande oponente gnóstico da igreja cristã e de que Irineu faz uma descrição aceitável do ensinamentos de Cerinto.⁴⁸ Se, portanto, Irineu recebeu sua informação de Policarpo, que foi discípulo do apóstolo João, temos um relato razoavelmente confiável da pessoa e dos ensinamentos de Cerinto.

Já no último ano do século 1º, líderes da igreja opunham-se com vigor à ameaça de doutrinas falsas que Cerinto e outros tentavam propagar no meio dos membros da comunidade cristã. João via que falsas doutrinas levavam a uma prática falsa e a uma desconsideração para com Deus. Os nicolaítas (Ap 2.6,15), que eram contemporâneos de Cerinto, tornaram-se conhecidos na Ásia Menor. Irineu escreve: “Os nicolaítas... levam uma vida de irrestrita entrega aos seus próprios prazeres”.⁴⁹

João escreveu sua carta não apenas para contra-atacar as/aberrações na doutrina e vida que os oponentes ensinavam e exemplificavam. Ele também escreveu suas epístolas para fortalecer os crentes em sua nova visão da natureza e da pessoa de Jesus Cristo, e sua fé nele.

3. Difamadores

Quais foram as razões para escrever a segunda e terceira epístolas? Apesar de sua brevidade, essas duas cartas demonstram ter diferentes propósitos. A segunda carta trata dos mesmos problemas que a primeira: o surgimento de muitos enganadores (v. 7), os quais João chama de falsos profetas em 1João 4.1. A terceira epístola, porém, é uma carta muito pessoal para o amigo querido Gaio e contém conselhos sobre uma questão relacionada às congregações locais.

48. Consultar Brown, *The Epistles of John*, pp. 766-71.

49. Irineu, *Contra as Heresias* 1. 26. 3. Ver também Eusébio, *História Eclesiástica* 3. 29. 1-2.

Enganadores

O cerne da questão em 2 João é idêntico ao da primeira carta. João adverte os leitores sobre as falsas doutrinas ensinadas por muitos enganadores, que afirmavam que Jesus não veio em carne (v. 7). O paralelo dessa advertência é a admoestação repetida de João aos leitores de 1 João para que não se deixem desviar por enganadores (2.26; 3.7; 4.1-6).

João diz aos leitores que tais enganadores são anticristos, que os leitores devem cuidar para que não percam sua herança espiritual, não devem convidar um enganador para entrar em suas casas ou igrejas e jamais devem apoiar suas obras más (vs. 7 a 11).

Aparentemente, temos uma contradição entre a segunda e terceira epístolas. Na segunda, os leitores são proibidos de oferecer hospitalidade aos falsos mestres, mas, na carta seguinte, João lhes diz para “acolher esses irmãos”, ou seja, aqueles que pregam o nome de Jesus Cristo (3Jo 8). Porém, ao refletirmos melhor, veremos que a contradição desaparece quando entendemos o propósito desses dois grupos: um deles desejava entrar nos lares cristãos e espalhar doutrinas perniciosas contrárias ao ensinamento de Cristo (2Jo 9,10); o outro grupo se recusava a aceitar ajuda e hospitalidade de pagãos, mas aceitava, pelo contrário, comida, pousada e ajuda de cristãos para que juntos pudessem trabalhar pela verdade (3Jo 7,8).

A exortação de João para que recebessem bem os pregadores do evangelho e sua admoestação para não oferecer hospitalidade aos falsos profetas encontra paralelo no *Didaquê*, os chamados Ensinaamentos dos Doze Apóstolos. Ali nós lemos:

Recebei qualquer um que vier e ensinar as coisas acima mencionadas. Mas se o próprio mestre é corrompido e ensina a outro doutrinas que destroem estas coisas, não dai ouvidos a ele, mas se o ensinamento é para fazer crescer a retidão e conhecimento do Senhor, recebei-o como ao Senhor.⁵⁰

50. *O Didaquê* 11.1-2 (LCL). Esse documento provavelmente é do início do século 2º ou até mais antigo, de modo que, provavelmente, é contemporâneo das epístolas de João.

João atacou esses falsos profetas com veemência ao chamá-los de anticristos. Ele sabia que seu propósito era destruir as fundações do Cristianismo; eles negavam a humanidade de Jesus Cristo e induziam os crentes a desobedecerem à lei de Deus.

Diótfrefes

A última epístola de João foi escrita por causa de missionários viajantes. Estes relataram a fidelidade de Gaio e a dureza de Diótfrefes. O primeiro abriu seu lar para os missionários do evangelho, enquanto o outro não queria nada com eles.

Conseqüentemente, João escreve a carta na qual elogia seu amigo Gaio, menciona que tem planos de ir até lá e diz: “Far-lhe-ei lembradas as obras que ele [Diótfrefes] pratica” (v. 10). Em seu egoísmo, Diótfrefes deseja ser o líder absoluto da igreja. Faz alguns comentários maldosos sobre João e sobre membros da igreja e rejeita a autoridade do presbítero João.

Em sua primeira e segunda epístolas, João expressa sua oposição aos ensinamentos heréticos. Em sua última epístola, porém, João não dá nenhuma indicação de estar se opondo a hereges. Escreve a terceira epístola por causa de um conflito de personalidades que chega ao seu ápice quando o autor e Diótfrefes se encontram. A carta, portanto, serve de aviso para Gaio, para a igreja e, indiretamente, para Diótfrefes, de que a visita acontecerá em breve.

A palavra *igreja* aparece três vezes nessa epístola curta (vs. 6,9,10). Dentro do contexto, o autor parece usar o termo para referir-se a mais de uma congregação – primeiro à igreja à qual o próprio João pertence (v. 6), depois à igreja da qual Diótfrefes é líder (vs. 9 e 10). Porém, a igreja à qual João dirigiu sua carta (“Escrevi alguma coisa à igreja”, v. 9) não precisa necessariamente ser a congregação da qual Gaio é membro. Podemos concluir que Diótfrefes não havia expulso Gaio. Por si só, esse ponto pode indicar que Gaio pertencia a uma outra igreja.

Por fim, João escreveu sua terceira epístola para elogiar Demétrio. Não sabemos nada mais sobre esse crente fiel além daquilo que o autor revela. Demétrio recebe uma palavra de louvor.

D. Quando as Epístolas Foram Escritas?

Além de fixar uma data para a composição das epístolas, precisamos determinar se as epístolas foram escritas antes ou depois do Evangelho de João. Mesmo que um estudo do quarto evangelho esteja fora do escopo de uma introdução às cartas de João, devemos considerar a questão da primazia temporal.⁵¹ Além disso, devemos cuidar para não construir um edifício a fim de provar uma afirmação quando o próprio autor não nos oferece os tijolos para esse edifício.

As epístolas em si não dão nenhuma informação que nos ajude a determinar a data de sua composição. Estudiosos normalmente datam a composição das epístolas de João entre 90 e 95 d.C.⁵² A razão para isso é o fato de as epístolas terem sido escritas para contra-atacar os ensinamentos do Gnosticismo, que estava ganhando proeminência perto do final do século 1º. Os argumentos em favor de se datar o quarto evangelho antes das cartas de João gira em torno do rompimento ocorrido entre sinagoga e igreja depois da publicação do evangelho.⁵³ Ao que parece, esse rompimento indica a razão pela qual as epístolas não têm citações específicas do Antigo Testamento, ou seja, os primeiros leitores do evangelho não são os mesmos que receberam as cartas de João. Além disso, algumas passagens em 1 João parecem ser referências diretas ao evangelho (comparar por exemplo 1.5 com João 8.12 [“Deus é luz” e “Eu sou a luz”]). De um modo geral, as evidências parecem apoiar a idéia de que o evangelho precede a Primeira Epístola de João.⁵⁴

Em sua segunda carta, João enfatiza o conceito de *verdade* (vs. 1 a 4). Ele apresenta uma exposição elaborada desse conceito em sua primeira epístola (1.6,8; 2.4; 21; 3.18,19; 4.6; 5.6). Falsos profetas que desejam entrar no lar dos cristãos não apresentam essa

51. Até mesmo a seqüência de composição das epístolas é discutível. Na opinião de Marshall, 2 e 3 João devem vir antes de 1 João. *The Epistles of John*, p. 2.

52. Pelo menos um estudioso deseja datar as três cartas de João como sendo da sétima década do primeiro século: 60-65 d.C. Consultar J. A. T. Robinson, *Redating the New Testament* (Filadélfia: Westminster, 1976), p. 307.

53. Consultar Raymond E. Brown, *The Community of the Beloved Disciple* (Nova York: Paulist, 1979), pp. 82-85.

54. Para uma discussão detalhada sobre prioridade, consultar Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, pp. xix-xxvii.

verdade, mas a mentira (2Jo 7-11). Por essa razão, os estudiosos preferem aceitar a idéia de que João escreveu as cartas na seqüência em que estas chegaram até nós.

É impossível detectar referências a tempo em qualquer uma das epístolas. Assim, se aceitarmos a ordem habitual de 1, 2 e 3 João, supomos que essa é a ordem em que foram transmitidas ao longo dos séculos.

A terceira epístola vem depois da segunda? Mesmo que respondamos afirmativamente, não podemos provar nada no tocante à seqüência. Certamente não podemos dizer que o comentário em 3 João 9, "escrevi alguma coisa a igreja" é uma referência a 2 João. O contexto de 3 João 9 não faz referência alguma a uma epístola que tenha a mensagem de 2 João e nem mesmo de 1 João. Em resumo, devemos confessar que nos faltam os detalhes necessários para que possamos falar algo de importância sobre a seqüência de 2 e 3 João.

Além do mais, não é possível provarmos que a situação das igrejas havia piorado depois da composição de 2 João, de modo que João tivesse que escrever uma outra epístola.⁵⁵

Partindo da seqüência na qual a igreja primitiva dispôs as epístolas de João, inferimos que as três cartas foram compostas na ordem em que as recebemos e, tomando por base o conteúdo desses escritos, inferimos que 1, 2 e 3 João foram escritas aproximadamente entre 90 e 95 d.C.

E. Qual é o Conteúdo das Epístolas?

Qualquer um que leia a primeira epístola fica com a impressão de que o autor se repete com freqüência. Esse tipo de repetição é característico de um autor de idade avançada? Estamos diante da obra de um autor cuja cultura e época são diferentes das nossas?

Em resposta a essas questões, alguns comentaristas afirmam que a seqüência em 1 João não é circular, mas em forma de espiral. Vêm

55. Glenn W. Barker parte do pressuposto de que mais de um ano se passou entre a composição da segunda e terceira epístolas. *1 John*, in the *Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelin, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), vol. 12, p. 301. Apesar de essa visão ser possivelmente correta, continua sendo uma suposição.

uma estrutura em espiral semelhante à construção do prólogo no Evangelho de João. Em outras palavras, encaram a estrutura da primeira epístola como algo que é típico do apóstolo João. Além disso, as palavras que Jesus proferiu na presença de seus discípulos no cenáculo – registradas em João 14–17 – apresentam essa mesma característica.⁵⁶

1. Temas teológicos em 1 João

Quais são os temas que se repetem em 1 João? Depois de uma breve introdução (1.1-4) na qual ele convida os leitores a ter comunhão com o Pai e o Filho, Jesus Cristo, o autor diz: “Deus é luz” (1.5). O primeiro tema, portanto, diz respeito às características de Deus.

Características de Deus

João usa a frase *Deus é luz* para refutar as declarações de seus oponentes gnósticos, que dizem poder ter comunhão com Deus, mas não precisam viver praticando a verdade (1.6). Ele lhes diz que estão vivendo em trevas e são mentirosos. Vai até mais longe e afirma que fazem de Deus um mentiroso (1.6,8,10). João encoraja os crentes ao assegurá-los de que, se andam na luz, têm comunhão uns com os outros. Ele também lhes assegura que Deus perdoa seus pecados por meio do sangue de Jesus (1.7,9).

O amor de Deus é a característica seguinte (2.5,15). O amor de Deus ilumina o crente quando este obedece aos mandamentos de Deus, pois então o crente sabe que está em Deus. O mandamento de amar não é novo. Portanto, a pessoa que obedece a esse mandamento antigo ama seu irmão e vive na luz (2.10). Ela é recipiente do amor e da luz de Deus. Nela permanece a Palavra de Deus (2.14). Aquele que faz a vontade de Deus tem a vida eterna (2.17).

Deus, o Pai, derrama seu amor sobre seus filhos (3.1) e diz a esses filhos que devem amar uns aos outros (3.11,14,23). O amor vem de Deus (4.7) e aquele que é filho de Deus (4.4,6) o conhece porque “Deus é amor” (4.8,10,16).

56. Consultar especialmente Plummer, *The Epistles of St. John*. p. liv; R. Law, “The Epistles of John”, *ISBE* (1ª ed. [1939]), vol. 3, pp. 1711-20; R. C. H. Lenski, *Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John, and St. Jude* (Columbus: Wartburg, 1945), p. 367; e Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 91.

Como o filho de Deus expressa seu amor pelo Pai? Obedecendo aos seus mandamentos (5.3). Aquele que é nascido de Deus não vive continuamente em pecado, pois Deus o guarda do maligno (5.18). E por que Deus cuida de seu filho? Deus o ama por causa de seu Filho, Jesus Cristo, que é verdadeiro Deus e vida eterna (5.20).

Filho de Deus

Já na introdução de sua primeira epístola, João demonstra claramente que Jesus Cristo é humano e divino. Afirma que Jesus Cristo tem um corpo físico, é vida eterna e é Filho de Deus (1.1-3). João se opõe aos ensinamentos dos falsos profetas, que negam a humanidade de Cristo (4.1-3; 2Jo 7). “Negar que Cristo veio em carne também é negar que Jesus é o Filho de Deus” (ver 4.15; 5.5).⁵⁷

Os gnósticos ensinavam que, pelo fato de Deus habitar em pura luz, seu Filho não pode viver num corpo humano impuro, entre seres humanos pecadores. A consequência desse ensinamento é que o Cristo dos gnósticos não pode ser o Filho de Deus conforme é revelado pelas Escrituras.

João mostra Jesus Cristo como a pessoa com a qual temos comunhão (1.3), quem nos perdoa e “nos purifica de todo o pecado” (1.7,9). Jesus é aquele que nos defende diante de seu Pai. Ele é nosso advogado de defesa, que intercede por nossa absolvição e tem poder de nos libertar (2.1). Ele se ofereceu como um sacrifício pelo pecado (2.2).

João revela que Deus ordena que creiamos no nome de seu Filho (3.23). A crença em Jesus Cristo deve se expressar por meio do reconhecimento de que ele “veio em carne” (4.2). A pessoa que confessa que Jesus Cristo é o Filho de Deus tem comunhão com Deus e é filha de Deus (4.15; 5.1). Essa pessoa tem fé em Deus.

Fé em Deus

João cita claramente o mandamento de Deus: “Que creiamos em o nome de seu Filho Jesus Cristo”. Quando obedecemos a esse mandamento, temos comunhão com Deus e com seu Filho.

57. G. E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 611. Donald Guthrie observa que em 1 João o termo Filho é citado 21 vezes. Ver *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 316.

O crente, porém, deve exercitar a capacidade de discernir se um ensinamento é de Deus ou do maligno. Ele identifica o Espírito de Deus quando reconhece que Jesus Cristo veio em carne (4.2). A fé em Cristo é fundamental para o filho de Deus, pois essa fé dá a ele a vitória sobre o mal e vence o mundo (5.4). Jesus Cristo, o Filho de Deus, é verdadeiramente humano. Ele começou seu ministério público ao sujeitar-se ao batismo e terminou sua vida na terra quando verteu seu sangue na cruz do Calvário (5.6,7). E Jesus é verdadeiramente divino, pois tem a vida eterna (1.2; 5.11,13,20).

A diferença entre o crente e o descrente está em que um aceita o testemunho que Deus deu de seu Filho e o outro rejeita esse testemunho e, assim, chama Deus de mentiroso (5.10). Qual é o testemunho de Deus? João é específico, pois escreve: “E este é o testemunho: Deus nos deu vida eterna, e essa vida está em seu Filho” (5.11). Todo aquele que crê no nome de Jesus o aceita como Filho de Deus e por meio dele possui a vida eterna (5.13). Jesus Cristo é a vida eterna, e ele a compartilha com todos aqueles que nele crêm.

Além disso, a fé e o conhecimento estão inseparavelmente entrecidos. João ensina essa verdade quando diz: “E, assim, conhecemos e confiamos no amor que Deus tem por nós” (4.16).

Conhecimento de Deus

A primeira epístola dá ao leitor uma tranqüila segurança de que Deus toma conta de seus filhos, de modo que o poder do maligno não os toca. “1 João está repleto de uma serena confiança, sem negar a responsabilidade do homem”.⁵⁸

Essa confiança se expressa quando o crente é capaz de dizer que conhece Deus, tem comunhão com ele e obedece aos seus mandamentos (2.3). Como sabemos que temos comunhão com Deus? João escreve: “Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (2.5,6). João louva os pais porque eles conhecem Deus desde o princípio e elogia os filhos porque têm conhecido o Pai (2.13,14).

58. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 616. Ver também I. Howard Marshall, “John, Epistles of”, ISBE, vol. 2, p. 1094.

O crente sabe a verdade (2.21), recebeu a unção do Espírito de Deus, que vive dentro dele (2.27), e espera confiantemente a volta de Jesus Cristo (2.28). Ele não apenas espera a volta de Cristo, mas também tem esperança fervorosa e um conhecimento seguro de que os crentes serão como Cristo e serão purificados do pecado (3.2,3,5).

Os crentes já podem se expressar sobre o tempo presente: eles passaram da morte causada pelo pecado para a vida que Cristo lhes deu. Demonstrem essa vida em seu amor uns pelos outros. Sabem o que é amor ao olhar para Jesus, que deu sua vida por eles (3.16). E quando vêem o efeito do amor em sua vida, percebem que pertencem à verdade e que Deus, por meio de seu Espírito, neles vive (3.19,24).

João ensina que, pelo fato de conhecer Deus, o crente também é capaz de distinguir entre os ensinamentos que vêm de Deus e doutrinas que são falsas (4.2). O filho de Deus, portanto, sabe como reconhecer o Espírito da verdade em contraste com o espírito do engano (4.6). Ele é capaz de fazê-lo, pois o Espírito de Deus está nele (4.13).

Por fim, o crente tem completa confiança de que Deus ouvirá suas orações e pedidos. Sempre que pede algo em oração, desde que o pedido esteja em harmonia com a vontade divina, Deus responde a essa oração. João, de fato, remove toda incerteza sobre o futuro quando escreve com absoluta segurança: “E se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos *de que obtemos* os pedidos que lhe temos feito” (5.15; *itálico nosso*). João encerra sua primeira epístola revelando a fonte de nossa confiança: o Filho de Deus. Jesus Cristo veio e nos deu o conhecimento da verdade e a vida eterna (5.20).

Pecado

O pecado é um tema teológico que João discute em todos os capítulos de sua primeira epístola. Ele observa que Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado e injustiça, e quando confessamos os nossos pecados ele está disposto a nos perdoar e nos purificar (1.7,9). Também comenta que, se afirmamos não ter em nós pecado algum ou dizemos que não pecamos, estamos sob o poder do engano, isto é, enganamos a nós mesmos e chamamos Deus de mentiroso (1.8,10).

A remissão dos pecados, pois todos nós caímos em pecado, torna-se possível por intermédio de Jesus Cristo, o Justo (2.1). Ele é nosso advogado no tribunal quando o Pai nos acusa de desobediência. Então, o Filho de Deus nos defende. Ele é a propiciação pelos nossos pecados (2.2) e sabemos que nossos pecados foram perdoados por causa de seu nome (2.12). Ele cumpriu a exigência de Deus, o Pai, que deu o primeiro passo para a nossa redenção. Em seu amor por nós, Deus mandou seu Filho “como sacrifício expiatório pelos nossos pecados” (4.10).

Se o crente recebe a remissão dos pecados, o que lhe dá segurança de que Cristo o guardará do pecado? João responde fazendo três declarações que começam com o termo *todo*. Primeiro, “todo aquele que permanece nele não vive pecando”. Depois, “todo aquele que vive pecando não no viu nem o conheceu” (3.6). Finalmente, “todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado” (3.9). O diabo e seus seguidores continuam em pecado, mas o mesmo jamais pode ser dito dos filhos de Deus. O crente obtém o perdão dos pecados por meio de Jesus Cristo, mas o descrente continua a viver em pecado.⁵⁹

Como sabemos que somos filhos de Deus e não do diabo? João responde que “aquele que não faz o que é certo não é um filho de Deus; nem aquele que não ama seu irmão” (3.10).

Em linguagem sucinta e clara, João afirma que “o pecado é a transgressão da lei” (3.4). Ele volta a essa afirmação mais para o final da primeira epístola (5.16,17). Lá, ele desenvolve o assunto falando sobre o que significa pecar intencionalmente. Ele sabe que “toda injustiça é pecado”, mas acrescenta que “há pecado não para a morte” (5.17); o pecado que leva à morte é a rejeição proposital da lei de Deus. “Enquanto o cristão tem um impedimento quanto ao pecado intencional dessa natureza, o mesmo não acontece com o mundo”.⁶⁰ João exorta os leitores a orem pelo irmão que comete um pecado que não é mortal. Ele enfatiza que não está exortando seus leitores a orem pela pessoa que cometeu o pecado mortal (5.16). Para tran-

59. Consultar Burdick, *The Letters of John the Apostle*, que chama a atenção para o uso do tempo presente (3.9) para descrever a vida dos falsos mestres que continuam a pecar. O uso do tempo aoristo (2.1) retrata a vida do verdadeiro crente que “comete atos pecaminosos que precisam ser confessados e perdoados” (p. 77).

60. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 196.

qüilizar seus leitores, porém, ele os lembra que o filho de Deus não continua em pecado, é mantido em segurança e está fora do alcance de Satanás (5.18).

Vida eterna

Na literatura de João, o ensinamento sobre a vida eterna é um tanto proeminente. Na chamada oração sacerdotal, por exemplo, Jesus declarou que “a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). Em 1 João, o conceito de *vida eterna* está incorporado em Jesus Cristo, de modo que o autor dessa epístola chega a afirmar que “damos testemunho dela e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada” (1.2). Juntamente com os outros apóstolos, João proclamou o “Verbo da vida” (1.1). Ele revela que esse Verbo é eterno e, portanto, deixa implícito que o Filho de Deus “existe desde a eternidade e para o bem dos homens (ver Jo 1.4; 1Jo 1.1 em diante), ou seja, ele é a fonte de vida e poder divino tanto na antiga como na nova criação”.⁶¹

Jesus Cristo veio a existir para dar ao ser humano a vida eterna. Num certo sentido, essa dádiva de vida é uma promessa (2.25); por outro lado, é algo que já possuímos, pois já passamos da morte para a vida (3.14). Talvez devêssemos pensar em termos de uma promessa e seu cumprimento. A princípio, já possuímos a vida eterna por causa de nossa união com Cristo. Porém, no momento da morte, quando deixarmos a terra e entrarmos na eternidade, receberemos a vida eterna em sua plenitude, conforme Deus prometeu em sua Palavra.

Quando conhecemos o Filho de Deus como nosso Salvador e cremos no seu nome, nós *temos* a vida eterna (5.13). João afirma que “Deus nos deu a vida eterna” (5.11). Ele especifica que a origem dessa vida encontra-se no Filho de Deus, e que, quem tem o Filho, tem a vida (5.12).

O perdão dos pecados resulta em vida, isto é, se você vê um irmão cometendo um pecado que não é mortal, então você deve orar e pedir que Deus o perdoe, “e Deus lhe dará vida”. Deus concede a remissão dos pecados e a vida eterna por meio de seu Filho, Jesus Cristo.

61. Hans-Georg Link, *NIDNTT*, vol. 2, p. 482.

Ao longo de sua primeira epístola, João fala da vida eterna que Deus dá ao crente e menciona que Jesus Cristo é a personificação da vida eterna. Na conclusão de sua epístola, ele observa que o Filho de Deus é “o verdadeiro Deus e a vida eterna” (5.20) e que nós estamos nele. O propósito de 1 João é tornar conhecido o fato de que, por estarmos em Jesus Cristo, temos vida eterna.

Em nenhuma parte da epístola de João detectamos qualquer contraste entre a descrição da vida presente de Jesus Cristo e de sua vida eterna. João não enumera as diferenças de se possuir a vida no presente e a plenitude de vida no futuro. Ao invés disso, ele descreve a vida eterna em termos de íntima comunhão com Jesus Cristo. Quando estamos nele, temos vida eterna (1.2; 2.24,25; 5.20).

A Volta de Cristo

O que João diz sobre a volta de Jesus Cristo e a vida depois dela? São poucas as referências diretas e indiretas à vinda de Cristo.

Eis as referências indiretas. João menciona que este mundo e seus desejos chegarão ao fim, mas o crente que faz a vontade de Deus em obediência, pelo contrário, viverá para sempre (2.17). Ele informa seus leitores de que estão vivendo na última hora, que inclui toda a era presente, e nessa era é que vem o anticristo (2.18). O espírito do anticristo se manifestou e está se fazendo sentir no mundo em que vivemos (4.3, 2Jo 7).

Outra referência indireta é a palavra *vitória*, que está relacionada à conclusão de um conflito. João fala da vitória da fé que conquistou o mundo (5.4). O filho de Deus, ou, mais precisamente, aquele que crê no Filho de Deus, é vitorioso, mesmo sabendo que o mundo inteiro é controlado pelo maligno (5.19).

As referências diretas à volta de Cristo são mais explícitas. João fala claramente sobre o aparecimento do Senhor. Ele nos exorta, por exemplo, a continuar em Cristo “para que, quando ele se manifestar, possamos estar seguros e desembaraçados diante dele em sua vinda” (2.28). João se refere à volta de Cristo e não à primeira vinda, como fica evidente no contexto mais amplo. Ele fala com ansiedade sobre nossa futura condição e aparência. Exclama: “Caros amigos, agora somos filhos de Deus, e aquilo que viremos a ser ainda não foi revela-

do. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos como ele, pois o veremos como ele é” (3.2). Aqui ele nos diz que veremos Jesus quando ele voltar e nos informa que seremos como Jesus em aparência. Em outra passagem, João põe a manifestação de Jesus no contexto de seu ministério terreno: “Vocês sabem que ele se manifestou para que pudesse remover os pecados” (3.5).

Por fim, João introduz a idéia do dia do julgamento. Ele nos encoraja com o ensinamento de que o amor nos aperfeiçoa “para que no dia do julgamento mantenhamos confiança” (4.17). Por sermos um com Cristo em amor, não existe medo. O amor lançou fora o medo e o medo está relacionado ao castigo. Em resumo, o crente não se vê diante do castigo no dia do julgamento (4.18). No capítulo 2, João afirma que o crente pode confiar em Jesus Cristo para defendê-lo no tribunal (v. 1). No dia do julgamento, portanto, Jesus irá interceder em favor do crente e dizer ao Pai que ele já pagou por todos os pecados daquele que crê (2.2).

Há outros temas que são apresentados por João, inclusive o conceito de *mundo*, *ódio* e *maligno*. Esses conceitos, porém, são a antítese dos temas relacionados à comunhão dos crentes com Deus, o amor que expressam para com ele e uns para com os outros e as bênçãos que recebem de Cristo. Ao esboçarmos os temas positivos, implicitamente observamos os temas opostos. Portanto, estamos cientes deles, mas os consideramos apenas de forma mais simples. Em outras palavras, enfatizamos o positivo às custas do negativo e assim seguimos o exemplo do apóstolo João.

2. Esboços de 1, 2 e 3 João

Este é um esboço com cinco pontos de 1 João que pode ser facilmente memorizado

1.1-4	Prefácio
1.5-2.17	Andem na Luz
2.18-3.24	Creiam em Jesus
4.1-5.12	Amem a Deus
5.13-21	Epílogo

Eis um esboço detalhado de 1 João:

I. 1.1-4	Prefácio: O Verbo da Vida	
	A. Desde o Princípio	1.1
	B. A Vida se Manifestou	1.2
	C. Ter Comunhão	1.3,4
II. 1.5-2.17	Andem na Luz	
A. 1.5-10	Comunhão e Perdão	
	1. Deus é luz	1.5
	2. Trevas e luz	1.6,7
	3. Engano e confissão	1.8-10
B. 2.1-6	Conhecimento e Obediência	
	1. Defensor e propiciação	2.1,2
	2. Conhecimento e amor	2.3-5a
	3. Conduta cristã	2.5b,6
C. 2.7-11	Amor e Luz	
	1. Novo e antigo	2.7,8
	2. Luz e trevas	2.9-11
D. 2.12-14	Dois Apelos	
	1. Primeiro discurso	2.12,13a
	2. Segundo discurso	2.13b,14
E. 2.15-17	O Mundo e a Vontade de Deus	
	1. Não amem o mundo	2.15
	2. Façam a vontade de Deus	2.16,17
III. 2.18-3.24	Criem em Jesus	
A. 2.18,19	Advertência Contra o Anticristo	
	1. Anticristos têm surgido	2.18
	2. Anticristos saíam	2.19
B. 2.20-27	Unção do Santo	
	1. Unção e discernimento	2.20,21
	2. Negação e profissão	2.22,23
	3. Comunhão e promessa	2.24,25
	4. Ensino e unção	2.26,27
C. 2.28,29	Confiantes Diante de Deus	
D. 3.1-3	Filhos de Deus	
	1. O amor de Deus	3.1
	2. Os filhos de Deus	3.2
	3. O conhecimento de Deus	3.3
E. 3.4-6	A Natureza do Pecado	
	1. O pecado e a lei	3.4
	2. A vinda de Cristo	3.5
	3. Crente e descrente	3.6

F. 3.7-10	Nascido de Deus	
	1. O justo	3.7
	2. O iníquo	3.8
	3. Livre do poder do pecado	3.9
	4. Justiça e amor	3.10
G 3.11-15	Ódio ao Mundo	
	1. Amor e ódio	3.11,12
	2. Ódio	3.13,14
	3. Assassinato	3.15
H. 3.16-18	Amor Pelos Outros	
	1. Positivo	3.16
	2. Negativo	3.17
	3. Conclusão	3.18
I. 3.19,20	Confiança Diante de Deus	
J. 3.21-24	Confiem e Obedeçam	
	1. Confiança	3.21,22
	2. Creiam e amem	3.23,24
IV. 4.1-5.12	Amem a Deus	
A. 4.1-6	Testem os Espíritos	
	1. Advertência	4.1
	2. Um teste	4.2,3
	3. Um contraste	4.4,5
	4. Um reconhecimento	4.6
B. 4.7-12	Amem-se Uns aos Outros	
	1. Amor e conhecimento	4.7,8
	2. O amor de Deus	4.9,10
	3. Amor mútuo	4.11,12
C. 4.13-16a	Permaneçam em Deus	
	1. O Espírito e o Filho	4.13,14
	2. Deus permanece no crente	4.15,16a
D. 4.16b-21	Vivam em Amor	
	1. Deus é amor	4.16b,17
	2. O amor lança fora o medo	4.18
	3. Amem a Deus e ao próximo	4.19-21
E. 5.1-4	Fé no Filho de Deus	
	1. Creiam no Filho	5.1,2
	2. Vençam o mundo	5.3,4
F. 5.5-12	Aceitem o Testemunho de Deus	
	1. Jesus é o Filho de Deus	5.5
	2. Jesus e o Espírito	5.6-8
	3. Testemunho de Deus	5.9,10
	4. Vida eterna	5.11,12

V. 5.13-21	Epílogo	
A. 5.13-15	Peçam de Acordo com a Vontade de Deus	
	1. Vida eterna	5.13
	2. Oração respondida	5.14,15
B. 5.16,17	Orem Pela Remissão	
C. 5.18-21	Conheçam o Filho de Deus	
	1. Nascido de Deus	5.18
	2. Filhos de Deus	5.19
	3. Filho de Deus	5.20
	4. Uma admoestação	5.21

Eis aqui um esboço de 2 João:

I. 1-3	Introdução	
A.	Destinatários	1,2
B.	Saudações	3
II. 4-11	Instrução	
A.	Pedido e Ordem	4-6
	1. Elogio	4
	2. Exortação	5,6
B.	Advertência	7-11
	1. Descrição e admoestação	7, 8
	2. Instrução	9
	3. Proibição	10,11
III. 12,13	Conclusão	

E, por fim, um esboço de 3 João:

I. 1,2	Introdução	
A.	Destinatários	1
B.	Votos	2
II. 3-8	Tributo a Gaio	
A.	Motivo de Alegria	3,4
B.	Um Relato Agradável	5-8
	1. Fidelidade e amor	5,6
	2. Mostrem hospitalidade	7,8
III. 9,10	Diótfrefes é Reprovado	
	A. Uma Carta Rejeitada	9
	B. A Advertência de João	10
IV. 11,12	Exortação e Recomendação	
V. 13-14	Conclusão	

COMENTÁRIO
A Primeira Epístola de João

CAPÍTULO 1

Prefácio: O Verbo da Vida
(1.1-4)

Andem na Luz, *parte 1*
1.5-10

Esboço

- 1.1-4 I. Prefácio: O Verbo da Vida
 - 1.1 A. Desde o Princípio
 - 1.2 B. A Vida se Manifestou
 - 1.3,4 C. Ter Comunhão

- 1.5-2.17 II. Andem na Luz
 - 1.5-10 A. Comunhão e Perdão
 - 1.5 1. Deus é luz
 - 1.6,7 2. Trevas e luz
 - 1.8-10 3. Engano e confissão

1 Aquilo que era desde o princípio, aquilo que ouvimos, aquilo que vimos com nossos olhos, que contemplamos e que nossas mãos tocaram – é o que proclamamos sobre o Verbo da vida. **2** A vida se manifestou; nós a vimos e damos testemunho dela e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e se manifestou a nós. **3** Proclamamos a vocês o que vimos e ouvimos, para que vocês possam ter comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. **4** Nós lhes escrevemos para tornar completa nossa alegria.

I. Prefácio: O Verbo da Vida

1.1-4

A. Desde o Princípio

1.1

Esta carta é conhecida como a primeira epístola de João. Mas trata-se de uma epístola? De fato, seu começo é singular, pois o nome do autor, a referência aos destinatários e as habituais saudações não estão presentes. O autor conhece muito bem os leitores. Várias vezes se dirige a eles como “filhinhos”, “amados”, “irmãos”.¹ E indica que pertenceu a essa comunhão de irmãos (2.19). Ele é uma pessoa que possui autoridade e que fala como testemunha ocular – alguém que ouviu e viu o Senhor Jesus Cristo.

A introdução da Epístola aos Hebreus (1.1-4) é paralela à da Primeira Epístola de João. O autor aos Hebreus, porém, apresenta um estilo que é característico do grego clássico, enquanto João escreve num estilo típico do grego semítico. As frases no grego clássico mostram uma cuidadosa estrutura e equilíbrio com várias orações subordinadas (comparar com Lc 1.1-4). O grego semítico tem muitas orações coordenadas que são curtas e, com frequência, ligadas pela conjunção *e*. Como exemplo, eis uma tradução literal de 1 João 1.2: “E a

1. Eis as referências: “filhinhos” (2.1,12,18; 3.7,18; 4.4; 5.21); “amados” (2.7; 3.2; 4.1,7,11), “irmãos” (3. 13).

vida foi manifesta e vimos e somos testemunhas e proclamamos a vobôs a vida eterna, que estava com o Pai e foi manifesta a nós” (NASB).

1 Aquilo que era desde o princípio, aquilo que ouvimos, aquilo que vimos com nossos olhos, que contemplamos e que nossas mãos tocaram – é o que proclamamos sobre o Verbo da vida.

Observe as seguintes orações:

a. “Aquilo que era desde o princípio”. As primeiras palavras nessa epístola são “aquilo”, em vez de “quem”. Ao invés de dizer “Jesus Cristo, aquele que era desde o princípio”, João escreve “aquilo era desde o princípio”. O termo *aquilo* é mais amplo do que *quem*, pois inclui a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. O termo se refere à revelação de Deus, a saber, o evangelho, que, de acordo com João, é “sobre o Verbo da vida”.

As primeiras palavras desta epístola soam como a frase de abertura do Evangelho de João, “no princípio era o Verbo” (1.1), e como a frase introdutória do Antigo Testamento, “no princípio criou Deus” (Gn 1.1). João, porém, escreve “desde o princípio” e não “no princípio” (ver 2.7,13,14,24; 3.8,11). Na oração “aquilo que era desde o princípio”, João aponta não para a proclamação de que Jesus veio em carne, mas para a revelação divina – manifesta na história e registrada no Antigo Testamento – a qual ensina a existência eterna do Filho de Deus.² A mensagem proclamada declara que Jesus, que “habitou entre nós” (Jo 1.14), é eterno. João é mais específico e passa a informar os leitores da mensagem que ele ouviu.

b. “Aquilo que ouvimos”. João ouviu pessoalmente as palavras que vieram dos lábios de Jesus. Era um dos 12 discípulos que acompanharam o Senhor do batismo até sua ascensão (At 1.21,22). Ele foi instruído nas doutrinas referentes às obras e palavras de Deus, do começo da criação até a história de redenção em Jesus Cristo.³ João, portanto, fala do treinamento que ele e seus companheiros apóstolos receberam de Jesus. Ele reformula as palavras que, juntamente com

2. Consultar S. Greijdanus, *De Brieven van de Apostolen Petrus en Johannes, en de Brief van Judas*, *Kommentaar op het Nieuwe Testament Series* (Amsterdã: Van Bottenburg, 1929), p. 383.

3. Consultar A. E. Brooke, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, *International Critical Commentary Series* (Edimburgo: Clark, 1964), p. 2.

Pedro, proferiu diante do Sinédrio, “pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.20).

c. “Aquilo que vimos com nossos olhos”. Da instrução espiritual que recebeu, João volta-se em seguida para seu mestre, Jesus, e concentra nele a sua atenção. João está dizendo: “Nós, os apóstolos, somos testemunhas oculares que não apenas ouviram a voz de Jesus. Nós o vimos com nossos próprios olhos”. De certa forma, essas palavras são redundantes, mas João enfatiza o fato de os apóstolos terem visto Jesus fisicamente, ou seja, não viram uma aparição cuja voz eles ouviram, mas cujo corpo não podiam distinguir. Jesus tem um corpo físico, pois “vimos [Jesus] com nossos olhos”.

d. “Que contemplamos e nossas mãos tocaram”. João usa um outro verbo para expressar o ato de ver Jesus; ele diz: “O que contemplamos”.⁴ Intencionalmente, João informa seus leitores que ele usou três dos seus sentidos físicos para certificar-se da presença do Senhor. Ouviu sua voz, viu-o com seus olhos e tocou-o com suas mãos.

As palavras *e nossas mãos tocaram* fazem lembrar a aparição no cenáculo durante a Páscoa, quando Jesus convidou os 11 discípulos e aqueles que os acompanhavam a tocá-lo e ver por si mesmos que ele possuía um corpo físico. “Um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.39; consultar também Jo 20.20,25,27).

João ensina a doutrina apostólica da ressurreição de Jesus. Fala como testemunha ocular, pois, com seus sentidos naturais, ele e aqueles que estavam com ele viram, ouviram e tocaram Jesus pessoalmente e declaram que o corpo físico ressurreto do Senhor é real.⁵

e. “Sobre o Verbo da vida”. A New International Version acrescentou as palavras *é o que proclamamos* no início dessa oração para

4. No Evangelho, João emprega o verbo *olhar para* (no grego) para ver a glória de Jesus (1.14), para observar o Espírito descendo do céu (1.32), para a ocasião em que Jesus nota os dois discípulos seguindo-o (1.38), para o abrir os olhos e ver que os campos estão prontos para a seara (4.35) e para o ver a grande multidão vindo na direção de Jesus (6.5). Observar também João 11.45 e 1 João 4.12, onde ele usa o mesmo verbo.

5. B. F. Westcott observa: “A referência tácita é ainda mais digna de nota pois S. João não menciona o fato da ressurreição em suas epístolas; também não usa essa palavra em sua própria narrativa da ressurreição”. Ver *The Epistle of St. John, The Greek Text, with Notes and Addenda* (1883; Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 6.

resumir e completar a frase.⁶ João dá essas palavras através do contexto imediato.

Qual o significado da frase *o Verbo da vida*? Em primeiro lugar, ela equivale ao termo “aquilo” no começo desse versículo, a saber, a mensagem de Jesus Cristo. Além disso, essa mensagem é que o Verbo tornou-se carne, conforme João escreve no prólogo de seu Evangelho (1.14).⁷ O termo *Verbo* é um dos nomes que João usa para descrever Jesus Cristo (Jo 1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13). Jesus, que é chamado de Verbo, fala as palavras de Deus com autoridade absoluta. Ele revela a vontade de Deus e “testifica [para o homem] o que tem visto e ouvido” (Jo 3.32) na presença de Deus.⁸ Além disso, Jesus não apenas revela a mensagem da vida: ele próprio possui vida (Jo 1.4; 11.25; 14.6) e a compartilha com todos que ouvem sua Palavra pela fé. Ele é o que dá vida.

B. A Vida se Manifestou

1.2

2 A vida se manifestou; nós a vimos e damos testemunho dela e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e se manifestou a nós.

Esse versículo, na verdade, é uma nota explicativa sobre a palavra *vida*. Tradutores e pregadores normalmente consideram o versículo 2 como um comentário entre parênteses e afirmam que é equivalente a um comentário sobre o texto anterior. Os versículos 1 e 3, portanto, apresentam uma continuidade de pensamento.

6. Algumas traduções seguem a seqüência de palavras do texto em grego e trazem *com respeito ao Verbo da vida* (RSV, NKJV, NASB e ver KJV). Outras colocam o verbo escrever “Vos escrevemos [Estamos escrevendo] sobre o Verbo da vida” (GNB, MLB). Ainda outras usam o verbo proclamar devido ao contexto e apresentam-se como “Eis o que vos proclamamos” (NAB e, com modificações, NIV). A NEB usa o verbo *contar*: “é isto que contamos”.

7. M. de Jonge escreve: “a exegese que preferimos pressupõe que a palavra *logos* [palavra], usada no grego, seja vista no contexto do prólogo do evangelho e, conseqüentemente, refira-se a Jesus Cristo.” “An Analysis of 1 John 1.1-4”, *The Bible Translator* 29 (1978): 327. Donald W. Burdick concorda que “as evidências de maior peso são em favor do significado pessoal do termo”. Ver *The Letters of John the Apostle* (Chicago: Moody, 1985), p. 100.

8. Consultar Bertold Klappert, *NIDNTT*, vol. 3, p. 1114.

Uma tradução literal da primeira oração nesse texto é “e a vida apareceu”. Apesar de a maioria das traduções omitir a conjunção *e*, algumas apresentam em seu lugar “pois”, “quando” ou até mesmo “sim”. Certamente essa conjunção transmite uma intenção afirmativa que pode ser traduzida como “de fato”, ou seja, “de fato, a vida se manifestou”.

Observe que João escreve “a vida”, e não “vida”. Ele quer explicar o significado do termo *vida*. Coloca, portanto, o artigo definido *a* antes do substantivo *vida* para chamar atenção para a plenitude de vida em Jesus Cristo. Ele amplia a explicação acrescentando as palavras “a vida eterna, que estava com o Pai e se manifestou a nós”.

Em primeiro lugar, João, na verdade escreve: “a vida eterna, que estava com o Pai e se manifestou a nós”. Ele é enfático em sua descrição sobre a extensão da vida, caracterizando-a como eterna. É vida que não acaba, pois essa é a marca da eternidade.⁹ Mas a vida que João descreve é mais do que um conceito. Ela representa Jesus Cristo, conforme João mostra na oração “que estava com o Pai”. As palavras *com o Pai* deixam implícito não apenas que o Filho está na presença do Pai; além disso, a preposição *com*, no grego, tem em seu radical o significado de *próximo, diante de*. Portanto, a vida personificada no Filho está próxima ou diante do Pai (ver Jo 1.1).

Em segundo lugar, João escreve: “a vida se manifestou” e “a vida eterna... se manifestou a nós”. João se refere ao acontecimento histórico que foi o nascimento de Jesus, sua vida, morte, ressurreição e visitas pessoais depois de sua ressurreição. Durante o século 1º, os cristãos expressavam a aparição de Jesus quando cantavam o hino:

Aquele que foi manifestado na carne,
foi justificado em espírito,
contemplado por anjos,
pregado entre os gentios,
crido no mundo,
recebido na glória.

1 Timóteo 3.16

9. Tanto no evangelho como em sua primeira epístola, João emprega várias vezes a expressão *vida eterna*. No evangelho, ela aparece 17 vezes (3.15,16,36; 4.14,36; 5.24,39; 6.27,40,47,54,68; 10.28; 12.25,50; 17.2,3). Em 1 João ela aparece 6 vezes (1.2; 2.25; 3.15; 5.11,13,20).

Mais uma vez, João enfatiza que ele e aqueles que estavam com ele viram Jesus. Eles o viram em carne humana e, depois de sua ressurreição, em seu corpo glorificado. Como testemunhas da vitória de Deus sobre a morte, os discípulos testificaram a vida de Jesus, sua morte, ressurreição e ascensão. O verbo *testificar* (uma palavra freqüente no vocabulário de João)¹⁰ aponta para o verbo seguinte, que é *proclamar*. Os apóstolos anunciaram o Verbo da vida. Eles anunciaram a palavra e a obra de Jesus.

C. Ter comunhão

1.3,4

3 Proclamamos a vocês o que vimos e ouvimos, para que vocês possam ter comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.

Estes são os pontos que João nos transmite:

a. *Ênfase*. Depois do comentário entre parênteses, João continua a linha de pensamento do primeiro versículo e repete no segundo versículo o verbo *proclamar*. João enfatiza a proclamação da mensagem que ele e os outros apóstolos haviam recebido do Senhor. Ele constrói essa argumentação repetindo orações do versículo 1. Observe, porém, que ele inverte os verbos, pois diz: “proclamamos a vocês o que *vimos e ouvimos*” (itálico nosso). Além disso, essa é terceira vez que ele usa o verbo *ver*. O que João está dizendo?

Ao repetir os mesmos verbos, João parece advertir os leitores sobre as falsas doutrinas que negam a natureza humana, a aparição e ressurreição física de Jesus. João testifica ter visto Jesus e ouvido sua voz. Quer que seus leitores conheçam o cerne da mensagem apostólica: “Jesus Cristo, o Filho de Deus, manifestou-se em carne”. Como uma testemunha que viu e ouviu, João pode testificar quanto a veracidade dessa mensagem e proclamar o que viu e ouviu.¹¹

10. No grego, o verbo aparece 33 vezes no evangelho e 10 vezes nas epístolas (1Jo 1.2; 4.14; 5.6,7,9,10; e 3 Jo 3,6,12 [2 vezes]).

11. A NIV omite a palavra *também* da tradução mais literal: “O que temos visto e ouvido *também* anunciamos a vós outros” (NASB, itálico nosso). Apesar de haver evidências textuais em favor da inclusão dessa palavra, os tradutores costumam eliminá-la, pois é redundante. Na oração seguinte, o termo *igualmente* cumpre a mesma função: “para que vós *igualmente* mantenhais a comunhão conosco”.

b. *Propósito.* Nesse versículo, João declara o propósito de sua carta. Diz: “Proclamamos a vocês o que vimos e ouvimos, para que vocês possam ter comunhão conosco”. Ele declara um propósito paralelo perto do fim de sua carta: “Escrevo essas coisas para vocês que crêm no nome do Filho de Deus para que vocês possam saber que têm vida eterna” (5.13). Seu propósito é convidar os leitores à comunhão com os apóstolos, que são testemunhas oculares da vida e ministério de Jesus na terra.

Esse convite tem duas finalidades. Em primeiro lugar, João quer proteger os leitores dos ataques doutrinários dos falsos profetas e fortalecê-los espiritualmente dentro da comunhão com os apóstolos e discípulos.¹² Quando as pessoas têm comunhão, compartilham mutuamente seus dons espirituais, objetivos e bens (comparar com At 4.32-37). Os apóstolos compartilhavam seus dons espirituais com os membros da igreja. E, em segundo lugar, João convida os leitores de sua epístola a juntarem-se às testemunhas oculares em sua comunhão “com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo”.

c. *Enfoque.* Na última parte do versículo 3, João revela o enfoque de sua introdução: Jesus Cristo, o Filho de Deus. Esse enfoque é importante, porque em sua epístola o nome *Cristo* é o título oficial de Jesus. Exceto por uma ocasião (1.7), João sempre usa a combinação *Jesus Cristo* (ao invés dos termos *Jesus* ou *Cristo*) ou a oração *que Jesus é o Cristo*.¹³ Ele quer que seus leitores saibam que o Jesus humano é, de fato, o Messias celestial, ou seja, o Cristo.

João também considera importante o nome *Filho*. Em sua primeira epístola, essa é uma palavra-chave.¹⁴ João enfatiza a confissão básica da igreja: “Jesus é o Filho de Deus”. Ao longo de sua epístola, ele menciona a comunhão do crente com o Pai e com o Filho (1.7), a obra redentora do Filho (1.7; 4.10), a missão do Filho (3.8), o testemunho de Deus acerca do Filho (5.9), a dádiva do Filho em termos de

12. Consultar Greijdanus, *Johannes*, pp. 392-93; Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, p. 8.

13. A combinação *Jesus Cristo* aparece seis vezes (1.3; 2.1; 3.23; 4.2; 5.6,20). A oração *que Jesus é (o) Cristo* aparece duas vezes (2.22; 5.1).

14. Com variações, a expressão *Filho de Deus* aparece 16 vezes (1.3,7; 3.8,23; 4.9,10,15; 5.5,9,10 [2 vezes], 11,12,13,20 [2 vezes]), e o termo *Filho* aparece 6 vezes (2.22,23 [2 vezes], 24; 4.14; 5.12).

vida eterna (5.11,13) e, finalmente, a vinda do Filho (5.20). Especialmente no capítulo 5, João explica a importância da palavra *Filho*.¹⁵

4 Nós lhes escrevemos para tornar completa nossa alegria.

As traduções diferem na escolha de palavras desse texto. Algumas trazem a versão “e essas coisas vos escrevemos para que vossa alegria seja completa” (NKJV). Outras, entre elas a New International Version, seguem os manuscritos gregos que dizem: “Estas cousas nós escrevemos para que a nossa alegria seja completa”. Por causa da ênfase nas palavras *nós* e *nossa*, as evidências apontam essa segunda tradução como a preferida.

Por que João diz “[nós] lhes escrevemos” se ele é considerado o único autor da epístola? Só aqui ele usa a forma plural *escrevemos*, enquanto 12 vezes em sua carta ele diz “[eu] escrevo” ou “[eu] estou escrevendo” (2.1,7,8,12,13 [três vezes], 14 [duas vezes], 21,26; 5.13). Ele está se colocando junto com os leitores em um só grupo e, então, lançando mão do “nós” usado por pregadores?¹⁶ Difícilmente. Se esse fosse o caso, teríamos dificuldade em determinar quem são as pessoas às quais João se dirige como “vocês” (ver vs. 2,3). O uso do termo “nós” é uma indicação da autoridade apostólica de João? Não, exatamente. Se considerarmos que esse pronome se refere à autoridade do apóstolo João, então o uso do “nós” ao longo de toda a introdução é estritamente individualista e exclui outros apóstolos.

Qual é, então, o significado da primeira pessoa do plural? O pronome *nós* deve ser entendido literalmente, pois João, assim como os outros apóstolos, prega e escreve como testemunha que viu e ouviu. Desse modo, João não é o único a testemunhar oralmente ou com pena e tinta. Ele está junto com seus companheiros apóstolos. Diz: “Estas coisas, pois, [nós, todos os discípulos mais próximos de Jesus] lhes escrevemos para tornar completa nossa alegria”.

A maior alegria a encher o coração do apóstolo João e daqueles ao seu lado é ver os crentes crescerem em graça e conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Ele deseja que esses crentes tenham uma comunhão plena com o Pai e com o Filho, de modo que vivam na mais

15. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 316.

completa comunhão com Deus. O apóstolo João enfatiza as palavras bastante conhecidas de João Batista, ditas na forma de tributo a Jesus: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30).

Considerações doutrinárias em 1.1-4

Recebemos um comentário interessante de Papias que, por volta de 125 d.C., era bispo da Igreja de Hierápolis, cidade próxima de Laodicéia e de Colossos, na Ásia menor. Conta-se que ele era um seguidor do apóstolo João, com o qual tentou aprender o quanto pôde sobre o Senhor. Ele escreve:

Quando qualquer um aparecia declarando-se seguidor dos presbíteros, eu o interrogava sobre o que André, ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor haviam dito e o que Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor, estavam dizendo. Pois supus que informações de livros não me ajudariam tanto quanto as palavras de uma voz vivente e sobrevivente.¹⁷

A geração de apóstolos e testemunhas oculares terminou perto do final do século 1º. E para todos aqueles que vieram depois daquela era, aplicam-se as palavras que Jesus disse a Tomé: “Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20.29).

Não podemos ver Jesus fisicamente, mas ainda assim temos comunhão com ele (1Jo 1.3). Alegramo-nos porque ele está sempre perto de nós e pronto para nos ouvir. Ele é nosso irmão (Hb 2.11,12) e nosso amigo (Jo 15.14,15).

Quão bem conhecemos a Jesus? Rejeitamos prontamente o ensinamento liberal que separa o Jesus histórico do Cristo da fé, pois nos apegamos à doutrina das Escrituras de que Jesus é o Cristo.

16. C. H. Dodd, *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), pp. 9-10.

17. Eusébio, *História Eclesiástica* 3. 39. Consultar também Simon J. Kistemaker, org., *Interpreting God's Word Today* (Grand Rapids: Baker, 1970), p. 82.

Mas qual a importância da humanidade de Jesus para nós hoje? Não temos dificuldade em aceitar o nascimento, vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus. Quando refletimos sobre a humanidade de Jesus, perguntamos: “Qual é sua importância para nós no presente?” Entre outras coisas, seu corpo humano glorificado é uma garantia de que nosso corpo físico será glorificado. Jesus “transformará o nosso corpo de humilhação para ser igual ao corpo da sua glória” (Fp 3.21). Além disso, pelo fato de Jesus compartilhar sua carne e sangue, ele é nosso “sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus” e que fez “propiciação pelos pecados do povo” (Hb 2.17). Jesus nos recebe de braços abertos na presença de Deus, o Pai.

Palavras, frases e construções do grego em 1.1-4

Versículo 1

ἀκηκόαμεν... ἐωρόκαμεν – o perfeito ativo desse versículo e dos dois versículos seguintes denota um efeito duradouro. Ouvir e ver são dois lados de uma mesma moeda. “Ouvir é tão essencial quanto ver”.¹⁸

ἐθεασάμεθα – observe o uso do tempo aoristo, que contrasta com o tempo perfeito dos verbos anteriores. Esse verbo e ἐψλόφησαν (voz ativa do aoristo de ψηλαφῶ, eu toco, manuseio) indicam um período específico da história, durante o qual os apóstolos acompanharam Jesus.

Versículo 2

ἡ ζωή – João emprega o artigo definido para especificar que a vida é eterna. Enfatiza o conceito de *vida* com o uso repetitivo do artigo definido e do pronome relativo indefinido ἧτις.

Versículo 3

ὅ – assim como no primeiro versículo, esse pronome relativo neutro se refere essencialmente a Jesus.¹⁹

18. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), seção 342(2). Consultar também Robert A. Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 433.

19. Consultar A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 713.

καὶ ἡ κοινωνία δέ – “quando a ligação é suficientemente representada por δέ, um καί pode ser traduzido como expressões do tipo *sim, e ou além disso*”.²⁰

Verículo 4

ἡμεῖς – os manuscritos apóiam mais firmemente a versão ἡμεῖς do que ὑμῖν. “Era mais provável os copistas alterarem γεγόμεν ἡμεῖς para o esperado γεγόμεν ὑμῖν do que vice-versa”.²¹

ἡμῶν – os manuscritos favorecem ἡμῶν ao invés de ὑμῖν. Bruce M. Metzger escreve: “No que diz respeito à probabilidade intrínseca, ἡμῶν parece ser mais apropriado para a solicitude generosa do autor, cuja alegria seria incompleta a menos que os leitores a compartilhassem”.²²

ἡ πεπληρωμένη – essa é uma estrutura perifrástica com o verbo *ser* no presente do subjuntivo e o particípio do presente perfeito como um “perfeito extensivo (ação completa)”.²³

5 Esta é a mensagem que temos ouvido dele e declaramos a vocês: Deus é luz; nele não há absolutamente nenhuma escuridão. 6 Se afirmamos que temos comunhão com ele, mas andamos na escuridão, mentimos e não vivemos de acordo com a verdade. 7 Mas, se andamos na luz, como ele é luz, temos comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. 8 Se afirmamos que não temos pecados, a nós mesmos nos enganamos e a verdade não está em nós. 9 Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo e irá perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. 10 Se afirmamos que não pecamos, fazemos dele um mentiroso e sua palavra não tem lugar em nossas vidas.

20. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 165.

21. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 708.

22. *Ibid.*, p. 708.

23. Robertson, *Grammar*, pp. 907-8.

II. Andem na Luz

1.5–2.17

A. Comunhão e Perdão

1.5-10

1. Deus é luz

1.5

João começou sua carta proclamando a mensagem de que Jesus Cristo, que é o Verbo da vida, manifestou-se e de que os leitores podem ter comunhão com o Pai e com o Filho, Jesus Cristo. O autor continua a expandir o conteúdo dessa mensagem e explica que comunhão inclui a luz e a verdade.

5 Esta é a mensagem que temos ouvido dele e declaramos a vocês: Deus é luz; nele não há absolutamente nenhuma escuridão.

a. “Esta é a mensagem”. João usa habilidosamente a seqüência das palavras no grego para enfatizar sua afirmação.²⁴ Apesar de só podermos passar essa ênfase para nossa língua com a frase *esta é a mensagem*, João coloca a ênfase no verbo *é* para transmitir o sentido de *existe*: “existe esta mensagem”. Ele revela não apenas a relevância da mensagem, mas também sua importância atemporal. Essa mensagem, portanto, não está sujeita a mudanças e modificações, pois não vem de João ou de qualquer outro apóstolo ou autor.

b. “Que dele temos ouvido”. João deixa implícito que Deus é a origem da mensagem transmitida por Jesus Cristo. Escreve: “[a mensagem] que dele temos ouvido”. Essa é a terceira vez que João usa a construção *temos ouvido* (ver também vs. 1,3). Os apóstolos ouviram a mensagem dos lábios de Jesus; eles também conheciam-na das páginas do Antigo Testamento. Lá, Davi escreve: “Na tua luz vemos a luz” (Sl 36.9). Deus se revelou ao seu povo por meio dos profetas (comparar com Is 49.6; 2Pe 1.19).

c. “E declaramos a vocês”. O que Jesus ensinou aos apóstolos durante seu ministério na terra? João resume tudo em uma frase: “Deus

24. João segue a seqüência normal de palavras no grego em outras passagens desta epístola, onde construções semelhantes aparecem sem ênfase (ver 2.25; 3.11; 5.11).

é luz; nele não há absolutamente nenhuma escuridão”. João e os outros apóstolos receberam essa declaração de Jesus junto com a ordem para que a tornassem conhecida. A mensagem não é simplesmente para informação; ela é uma ordem,²⁵ ou seja, Deus fala e o homem deve ouvir obedientemente.

d. “Deus é luz”. João formula declarações curtas que descrevem a natureza de Deus. Em outros lugares, ele diz: “Deus é espírito” (Jo 4.24) e “Deus é amor” (1Jo 4.16). Aqui, no versículo 5, ele revela a essência de Deus numa declaração breve de três palavras: “Deus é luz”. Deus não é uma luz em meio a muitas outras luzes; ele não é o portador da luz; a luz não é uma das características de Deus, mas ele é luz; e embora ele tenha criado a luz (Gn 1.3), ele mesmo é luz não criada. Além disso, a luz de Deus é visível em Jesus, que disse: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8.12). No Credo Niceno, a igreja confessa Jesus como “Deus de Deus, Luz de Luz”.

Em Jesus, vemos a luz eterna de Deus. Do momento de seu nascimento até a sua ressurreição, a vida de Jesus foi cheia da luz de Deus. “Jesus era completa e absolutamente transparente com a Luz de Deus”.²⁶ E quem viu Jesus, viu o Pai (Jo 14.9).

e. “Nele não há absolutamente nenhuma escuridão”. A luz é positiva e a treva é negativa. Em seus escritos, João costuma fazer contrastes entre opostos, inclusive entre luz e trevas, verdade e falsidade, amor e ódio, certo e errado, vida e morte, fé e descrença. Ele escreve: “Nele [Deus] não há absolutamente treva nenhuma”. Usando a negativa enfática, João ressalta o aspecto positivo. Deus e as trevas são absolutamente opostos. Qualquer um que tenha comunhão com Deus não pode estar em trevas. Ele está na luz, glória, verdade, santidade e pureza de Deus.

25. Consultar Ulrich Becker e Dietrich Müller, *NIDNTT*, vol. 3, p. 47. De acordo com os autores, “O conteúdo da proclamação é tanto para informação – ou seja, “lembrar” do acontecimento da salvação – como um mandamento”.

26. Thomas F. Torrance, *Christian Theology and Scientific Culture* (Nova York: Oxford University Press, 1981), p. 96.

Palavras, frases e construções do grego em 1.5

ἔστιν αὕτη – a ênfase está sobre o verbo *ser*, que transmite o sentido de *existe*.

ἀγγελία – esse substantivo aparece duas vezes no Novo Testamento, ambas na primeira epístola de João (1.5; 3.11). Alguns manuscritos gregos trazem o termo ἐπαγγελία (promessa), que também aparece em 2.25.

ἀναγγέλλομεν – o verbo *anunciar* (“declarar”, NIV) é dirigido ao público. O verbo ὅσαγγέλλομεν (“nós proclamamos”, NIV [1.2,3]), pelo contrário, está relacionado com a fonte original da mensagem.

φῶς – a palavra *luz* é típica de João. “No Novo Testamento, φῶς aparece 72 vezes, das quais 33 são nos escritos joaninos, 14 nos evangelhos sinópticos, 13 em Paulo e 10 em Atos”.²⁷

2. Trevas e Luz

1.6, 7

6 Se afirmamos que temos comunhão com ele, mas andamos na escuridão, mentimos e não vivemos de acordo com a verdade. 7 Mas, se andamos na luz, como ele é luz, temos comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.

Os cinco versículos seguintes deste capítulo são frases condicionais que descrevem probabilidade ou até mesmo possibilidade. O primeiro, o terceiro e o quinto versículos são negativos, e o segundo e quarto são positivos.

a. *Negativo*. João repete a palavra *comunhão*, a qual ele usou pela primeira vez quase no fim de sua introdução (v. 3). A comunhão, como ele afirmou, é com o Pai e com o Filho, Jesus Cristo. Mas comunhão significa compartilhar intimamente a luz da presença de Deus. Nada fica escondido no esplendor da revelação divina. Em Deus não há nenhuma treva e não é preciso esconder nada.

27. Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 2, p. 493.

O pecador que se recusa a viver sua vida em harmonia com a vontade de Deus não pode dizer que tem comunhão com Deus. Talvez algumas pessoas que se opusessem à fé cristã no final do século 1º e que fossem conhecidas como gnósticas estivessem dizendo: “temos comunhão com Deus”. Porém, essas pessoas continuavam a andar em trevas, ou seja, encontravam satisfação intensa numa vida de prazeres pecaminosos. Separavam o falar do fazer. Professavam viver para Deus, mas seus atos mostravam-se incompatíveis com sua confissão. Viviam na mentira.

Que atos são contraditórios à afirmação de viver para Deus? São atos que não podem permanecer na luz da Palavra de Deus (Jo 3.19-21). As trevas podem cegar uma pessoa de modo que seu coração esteja cheio de ódio por seu irmão (1Jo 2.11), e essa cegueira resulta numa recusa em viver de acordo com os preceitos de Deus.

João é bastante inclusivo em sua descrição das pessoas que vivem nas trevas. Ele não diz “eles”, mas, “nós”. Se dizemos que somos povo de Deus, mas continuamos vivendo em pecado, “mentimos e não vivemos de acordo com a verdade”. Se mentimos, pecamos com nossos lábios e também com todo o nosso ser. Nossa vida é contrária a Deus, pois nosso coração está cheio de ódio e de uma vontade que pende para a desobediência.

O pecado aliena o ser humano de Deus e de seu próximo.²⁸ Ele perturba a vida e gera confusão. Ao invés de paz, há discórdia; ao invés de harmonia, há desordem; e, no lugar de comunhão, há inimizade. Contudo, quando temos comunhão com Deus, experimentamos a graça de Deus afastando as trevas e inundando-nos com a luz de Deus.²⁹ Ter comunhão com Deus é viver uma vida de santidade em sua presença sagrada. O ditado latino *Coram Deo* (sempre na presença de Deus) era o lema do reformador do século 16, João Calvino. A santidade exige verdade em palavras e atos.

b. *Positivo*. Então, o que é característico de uma vida que está sempre na luz da verdade de Deus? “Mas, se andamos na luz, como

28. Consultar Walter Thomas Conner, *The Epistle of John*, 2ª ed. rev. (Nashville: Broadman, 1957), p. 21.

29. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The First Epistle of John*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 164.

ele é luz, temos comunhão uns com os outros”. Andar na luz é um ato contínuo. Significa que vivemos no brilho da luz de Deus, de modo que refletimos virtudes e glória. O próprio Deus vive em “luz inacessível”, conforme revela Paulo (1Tm 6.16).

Viver para Deus significa que temos um relacionamento íntegro com nosso próximo. A verdade se reflete no resumo do Decálogo: “Amarás o Senhor teu Deus... amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37,38). Um profundo desejo de glória celestial na presença de Deus deve ser acompanhado de uma vontade intensa de ter comunhão com a igreja na terra. Timothy Dwight expressou seu desejo de servir ao Senhor por meio da comunhão da igreja quando escreveu:

Amo tua igreja, ó Deus:
Suas paredes diante de ti estão,
Queridas como a menina dos olhos teus,
Gravadas na tua mão.

Por ela, minhas lágrimas serão derramadas,
Por ela, minhas orações serão elevadas,
A ela darei minhas labutas e cuidados,
Até que estes sejam findos.

Além disso, se andamos na luz e temos comunhão com Deus e uns com os outros, percebemos que nossos pecados desapareceram. João diz: “E o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado”. Jesus nos purifica e nos apresenta a si mesmo como “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5.27; ver também Hb 9.14).

Estamos diante de Deus como se jamais tivéssemos pecado. O Filho de Deus nos purifica quando, depois de termos caído em pecado, vamos até ele e buscamos a remissão. Observe que João escreve o nome *Jesus* para chamar a atenção para a vida terrena do Filho de Deus, que verteu seu sangue pela remissão dos pecados. O pecado pertence ao mundo de trevas e não pode entrar na esfera de santidade. Assim, Deus deu seu Filho para morrer na terra. Por meio da morte de seu Filho, Deus removeu o pecado e a culpa do ser humano para que este possa ter comunhão com ele.

Palavras, frases e construções do grego em 1.7

Ἰησοῦ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ – apesar de alguns manuscritos gregos e latinos e pelo menos duas traduções (KJV, NKJV) trazerem a expressão *Jesus Cristo seu Filho*, é mais fácil explicar a palavra *Cristo* (ver também 1.3; 2.1; 3.23; 4.2,15 [texto com variação]; 5.6,20) como uma inserção do que explicar sua omissão.

3. Engano e confissão

1.8-10

8 Se alegarmos que não temos pecado, nós nos enganamos e a verdade não está em nós.

Mais uma vez, João afirma o aspecto positivo e o negativo em dois versículos sucessivos que expressam condição. Além disso, o último versículo (v. 10) é uma declaração condicional que João coloca na forma de uma conclusão negativa.

a. *Negação*. Outra afirmação feita pelos oponentes da fé cristã, talvez aqueles chamados de gnósticos, é que eles avançaram um estágio além da pecaminosidade. Dizem que alcançaram seu alvo: a perfeição.³⁰

João ouve essas pessoas afirmando que não têm pecado. Porém, quando cita sua afirmação, inclui a si mesmo e aos leitores. Ele coloca a asserção numa frase condicional e declara que “se alegarmos que não temos pecado, a nós nos enganamos e a verdade não está em nós”. Qualquer um que não precise fazer o quinto pedido do Pai Nosso – “perdoa as nossas dívidas” (Lc 11.4) – por achar que não tem pecado engana-se a si mesmo. O rei Salomão observou sabiamente (Pv 28.13):

O que encobre suas transgressões, jamais prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.

A escolha das palavras é importante: João diz que “não temos pecado”. Ele não diz que “não pecamos”. O substantivo *pecado* des-

30. Consultar Neil Alexander, *The Epistles of John, Introduction and Commentary*, Torch Bible Commentaries Series (Londres: SCM, 1962), p. 49.

creve a causa e a conseqüência de um ato de desobediência; como verbo, a palavra descreve o ato em si.³¹

Nos dias do apóstolo João, filósofos gregos ensinavam a separação entre o corpo e o espírito. Diziam que o espírito é livre, mas o corpo é matéria que acaba morrendo, isto é, se o corpo pecasse, o espírito permaneceria sem culpa. O pecado, portanto, não pode afetar o espírito. A Primeira Epístola de João não dá informação suficiente para concluirmos que João estava se opondo ativamente ao pensamento cristão. As Escrituras, porém, ensinam a universalidade do pecado ao dizer que na raça humana “não há quem faça o bem, não há nem sequer um” (Sl 14.3; 53.3; Rm 3.12; ver também Ec 7.20).

Se dizemos que não temos pecado, estamos enganando a nós mesmos. Além do mais, a verdade da Palavra de Deus não está em nós. Em nossa cegueira espiritual, vamos contra os ensinamentos tão claros das Escrituras, e Deus nos julga pelas palavras que falamos, pois nossas palavras nos condenam.

9 Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo e irá perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça.

O autor apresenta um típico paralelismo semítico. O versículo 8 é paralelo ao versículo 6, e o versículo 9 é uma repetição parcial e explicação mais detalhada do versículo 7. Por causa de sua mensagem afirmativa, o versículo 9 é uma das passagens mais conhecidas da epístola e até mesmo do Novo Testamento como um todo.

b. *Afirmção.* O texto consiste de três partes. A primeira é a condição, a segunda é a segurança e a terceira é o cumprimento.

“Se confessarmos nossos pecados”. Essa é a parte condicional da frase, que mostra nosso conhecimento do pecado. Encaramos o pecado aberta e honestamente sem escondê-lo ou achar desculpas para ele.³² Confrontamos os pecados que cometemos sem nos defendermos ou justificarmos. Confessamos nossos pecados para mostrar arrependimento e renovação de vida. Não nos é dito quando, onde e como confessar nossos pecados, mas o arrependimento diário dos

31. Consultar Westcott, *The Epistles of St. John*, p. 22.

32. Ver Dieter Fürst, *NIDNTT*, vol. 1, p. 346; Dodd, *The Johannine Epistles*, p. 23.

pecados nos leva à confissão contínua. João, na verdade, escreve: “se continuamos confessando nossos pecados”. Ele escreve a palavra *pecados* (no plural) para indicar a magnitude de nossas transgressões.

“Ele é fiel e justo”. Eis aqui a segurança. Deus é fiel quanto às suas promessas. Ele é “fidelidade, e não há nele injustiça: é justo e reto” (Dt 32.4). Ele não nos reprova ou repreende; ele não se torna impaciente, e ele não volta atrás quanto à sua Palavra. A única condição que Deus exige para o perdão é que confessemos os nossos pecados. De acordo com a promessa que fez para o povo de sua nova aliança, Deus declara: “Pois perdoarei suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei” (Jr 31.34; Hb 8.12; 10.17).³³

“Para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”. Observe o cumprimento. Apesar de os tradutores colocarem o verbo no tempo futuro em algumas versões, como se os atos de perdoar e purificar ainda fossem acontecer, o texto em grego diz que Deus, de fato, perdoa e purifica de uma vez por todas. O primeiro verbo, *perdoar*, descreve o ato de cancelar uma dívida e pagar pelo devedor. E o segundo verbo, *purificar*, refere-se ao fazer do pecador alguém santo, de modo que possa ter comunhão com Deus. Deus toma a iniciativa, pois ele nos diz: “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados são como a escarlata, ele se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã” (Is 1.18).

10 Se afirmamos que não pecamos, fazemos dele um mentiroso e sua palavra não tem lugar em nossas vidas.

Esse versículo é a conclusão da série de orações condicionais. Ao mesmo tempo, serve de introdução para o capítulo seguinte.

c. *Conclusão.* A declaração *não pecamos* revela a atitude evidente do infiel que não se arrepende e não se regenera. No versículo 8, o descrente diz que não tem pecado; agora, afirma que não é pecador. Se ele não é pecador, pois insiste que não pecou, faz de si mesmo igual a Deus, aquele que não tem pecado. Pela sua Palavra, Deus declara

33. Comparar com J. R. W. Stott, *The Epistles of John: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 77. Ver também Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, p. 19.

o homem culpado por pecar. Porém, se o ser humano se recusa a ouvir as evidências que Deus apresenta, ele acusa Deus de estar mentindo (1Jo 5.10). Na seqüência de três versículos (6, 8 e 10), o autor se dirige para um clímax: “mentimos” (v. 6), “a nós mesmos nos enganamos” (v. 8) e “fazemos dele um mentiroso” (v. 10).

Mais uma vez, João inclui a si mesmo e aos leitores quando usa o pronome pessoal [oculto] *nós*. Se chegarmos ao ponto de dizer que não pecamos, apesar de todas as evidências, então a Palavra de Deus não tem lugar em nossa vida. Isso significa que somos descrentes que rejeitaram o evangelho da salvação. O autor aos Hebreus adverte seus leitores a não seguirem o exemplo dos israelitas rebeldes que pereceram no deserto. “Porque também a nós foram anunciadas as boas novas, como se deu com eles, mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé” (Hb 4.2).

Considerações práticas em 1.5-10

Quadros nas paredes e adesivos em carros dizem ao mundo que “Deus é amor”. Contudo, ninguém tem uma placa que diga *Deus é luz*. Ainda assim, é exatamente isso que João faz em sua primeira epístola. Primeiro ele diz “Deus é luz” (1.5), e mais tarde escreve “Deus é amor” (4.16). A luz vem antes do amor, pois a luz descobre tudo o que está escondido. Quando temos comunhão com Deus (1.3,6), não podemos ocultar nossos pecados. Os pecados, assim como a escuridão, não têm lugar na luz de Deus. Devem ser removidos.

De que forma Deus remove os pecados? Este é o método de Deus: primeiro, ele nos limpa do pecado com “o sangue de seu Filho, [que] nos purifica de todo pecado” (v. 7). Em segundo lugar, ele especifica qual é nossa parte na remissão do pecado: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1.9). O sangue de Jesus é suficiente para nos limpar do pecado, mas precisamos estar dispostos a confessar nossas transgressões, a provisão de Deus e a responsabilidade do homem caminham de mãos dadas.

Confessar significa que eu digo a mesma coisa que Deus sobre o pecado.³⁴ Deus aplica sua lei e diz: “Você é o pecador”. E como o publicano no templo eu reconheço meu pecado e oro “Deus, tem misericórdia de mim, o pecador” (Lc 18.13, itálicos acrescentados – o original grego traz “o pecador” e não “um pecador”). Quando Deus e o homem dizem a mesma coisa sobre o pecado, o sangue de Cristo dissolve a mácula do pecado. Deus jamais se lembrará do pecado. Ele perdoa e esquece! De fato, Deus é amor.

Palavras, frases e construções do grego em 1.9,10

Versículo 9

τὸς ἁμαρτίας – João escreve a forma plural do substantivo para expressar a multidão de pecados.

ἵνα – a conjunção introduz mais um “resultado concebido”³⁵ do que um propósito.

Versículo 10

ἠμαρτήκαμεν – o perfeito ativo denota uma ação completada no passado – apesar de ser negada por οὐχ (não) – que persiste no presente.³⁶

ψεύστης – esse substantivo aparece dez vezes no Novo Testamento. Metade das referências ocorre em 1 João (1.10; 2.4,22; 4.20; 5.10).

Resumo do capítulo 1

Os quatro primeiros versículos da epístola são introdutórios. São um resumo que indica para o leitor o conteúdo da carta. A introdução, porém, também o faz lembrar do primeiro versículo de Gênesis e do primeiro versículo do Evangelho de João para mostrar a continuidade

34. J. D. Pentecost, *The Joy of Fellowship* (Grand Rapids: Zondervan, 1977), p. 31.

35. Robertson, *Grammar*, p. 998; e ver Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, seção 391(5).

36. Consultar Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 128.

da mensagem. O autor informa o leitor que a mensagem que ele e outras testemunhas oculares proclamam é um fato. Essa mensagem diz respeito ao Verbo da vida, a saber, Jesus Cristo, o Filho de Deus. João convida o leitor a ter comunhão com Deus.

Ao que parece, João opõe-se a mestres que fazem declarações ousadas e sem fundamento, mas, em vez de mencionar alguns de seus comentários, ele afirma o cerne da mensagem de Deus para o ser humano: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”. As declarações desses mestres equivocados são simplesmente inaceitáveis em vista da revelação de Deus. São contraditórias em relação à mensagem de Deus e mostram o coração sem arrependimento do pecador que diz não ter pecado.

João encoraja seus leitores. Diz que se andarmos na luz e confessarmos nossos pecados, Deus irá perdoar nossos pecados e nos purificar por meio do sangue de Jesus, seu Filho. Portanto, devemos andar na luz.

CAPÍTULO 2

Andem na Luz, *parte 2*
2.1-17

Creiam em Jesus, *parte 1*
2.18-29

Esboço (continuação)

- 2.1-6 B. Conhecimento e Obediência
- 2.1,2 1. Defensor e propiciação
- 2.3-5a 2. Conhecimento e amor
- 2.5b,6 3. Conduta cristã
- 2.7-11 C. Amor e Luz
- 2.7,8 1. Novo e antigo
- 2.9-11 2. Luz e trevas
- 2.12-14 D. Dois Apelos
- 2.12,13a 1. Primeiro discurso
- 2.13b,14 2. Segundo discurso
- 2.15-17 E. O Mundo e a Vontade de Deus
- 2.15 1. Não amem o mundo
- 2.16,17 2. Façam a vontade de Deus

III. 2.18–3.24 Creiam em Jesus

- 2.18,19 A. Advertência Contra o Anticristo
- 2.18 1. Anticristos têm surgido
- 2.19 2. Anticristos saíram
- 2.20-27 B. Unção do Santo
- 2.20,21 1. Unção e discernimento
- 2.22,23 2. Negação e profissão
- 2.24,25 3. Comunhão e promessa
- 2.26,27 4. Ensino e unção
- 2.28,29 C. Confiantes Diante de Deus

2 1 Meus queridos filhos, escrevo isso para vocês a fim de que não pequem. Contudo, se alguém pecar, aquele que fala com o Pai em nossa defesa é Jesus Cristo, o Justo. 2 Ele é o sacrifício expiatório por nossos pecados, e não apenas pelos nossos, mas pelos pecados do mundo todo. 3 Sabemos que viemos a conhecê-lo se obedecemos aos seus mandamentos. 4 O homem que diz: “eu o conheço”, mas não faz aquilo que ele ordena é um mentiroso e a verdade não está nele. 5 Mas se alguém obedece à sua palavra, o amor de Deus é verdadeiramente completado nele. É assim que sabemos que estamos nele: 6 Aquele que afirma viver nele deve andar como Jesus andou.

B. Conhecimento e Obediência

2.1-6

1. Defensor e propiciação

2.1,2

Exceto Jesus, não há mais ninguém que não tenha pecado. Mesmo que tenhamos conhecimento da lei de Deus, tropeçamos e pecamos de tempos em tempos. Que remédio há para uma pessoa que caiu em pecado? João oferece a resposta apontando para Jesus Cristo, que é nosso ajudador.

1 Meus queridos filhos, escrevo isto para vocês a fim de que não pequem. Contudo, se alguém pecar, aquele que fala com o Pai em nossa defesa é Jesus Cristo, o Justo.

João se dirige aos seus leitores com um termo carinhoso que pode ser melhor traduzido como “meus queridos filhos”. Ele é seu pai espiritual, por assim dizer, e eles são seus filhos. O termo aparece com relativa frequência nesta epístola; assim, concluímos que o termo reflete a autoridade de João como apóstolo na igreja e ao mesmo tempo revela sua idade avançada.¹ Ele é a pessoa capaz de se identificar com pais e jovens e de dirigir-se a eles com expressões carinhosas.

1. O termo diminutivo *filhinhos* é de uso quase exclusivo de João. Fora dos escritos de João, pode ser encontrado apenas na Epístola de Paulo aos Gálatas (4.19). O termo aparece sete vezes em 1Jo (2.1,12,28; 3.7,18; 4.4; 5.21). Ver também João 13.33, onde

a. *Consolo*. João escreve no singular (“escrevo isso para vocês”), como um pastor amoroso que admoesta seus leitores a não caírem em pecado. Observe que ele não está dizendo que eles estão vivendo em pecado, pois sua comunhão com Deus impede que isso aconteça. João está completamente ciente da fragilidade humana e do poder sedutor de Satanás. O apóstolo faz referência a assuntos que enfatizou no capítulo anterior e diz: “escrevo isso para vocês a fim de que não pequem”. Ele está ao lado de seus leitores, encorajando-os em sua luta contra o pecado. Sabe que eles desejam viver uma vida santificada, mas que por vezes caem em pecado. O pecado separa e aliena o pecador de Deus. João ouve a súplica do crente que caiu em pecado: “Pastor, o que devo fazer?”

João fala com palavras de consolo. “Contudo, se alguém pecar, aquele que fala com o Pai em nossa defesa é Jesus Cristo, o Justo”. Se um crente comete um pecado, continua sendo um filho de Deus. A comunhão entre o Pai e seu filho ou filha é interrompida por causa do pecado, mas o relacionamento Pai-filho continua, a menos que o filho se recuse a reconhecer seu pecado. De que maneira, então, esse relacionamento é restaurado?

b. *Conselheiro*. De acordo com João, “aquele que fala com o Pai em nossa defesa é Jesus Cristo, o Justo”. A New International Version amplia o conceito de *advogar* e explica-o com a frase “aquele que nos defende”. Imagine um tribunal no qual o culpado é intimado a comparecer. O pecador precisa de um advogado indicado pela corte para representá-lo. Deus, que é o queixoso, indica seu Filho para ser intercessor e ajudador da defesa.

Nosso defensor é Jesus Cristo, que João descreve como “o Justo” (comparar com At 3.14). Como pecadores, temos o melhor ajudador possível, pois ele é justo, ou seja, em sua natureza humana, Jesus é nosso irmão (Hb 2.11), está a par de nossas fraquezas (Hb 4.15), salva-nos (Hb 7.25) e é nosso intercessor. Ele também é o Messias de Deus, o Cristo, que cumpriu as exigências da lei por nós e, portanto,

Jesus se dirige aos seus discípulos chamando-os de *filhinhos*. E, por fim, usando uma palavra diferente no grego, João transmite um sentimento semelhante quando se dirige aos seus leitores como *filhinhos* em 1João 2.13,18.

recebeu o título de *Justo*. É como advogado sem pecado que ele nos representa no tribunal.

2 Ele é o sacrifício expiatório por nossos pecados, e não apenas pelos nossos, mas pelos pecados do mundo todo.

João desenvolve duas idéias neste versículo: o sacrifício de Jesus e a abrangência desse sacrifício. Consideraremos, em primeiro lugar, o *sacrifício* de Jesus.

a. “Ele é o sacrifício expiatório por nossos pecados”. Há várias traduções para esta frase. Eis algumas versões mais representativas:

1. “E ele é a propiciação pelos nossos pecados” (KJV, NKJV, ASV, NASB, *Moffatt*).
2. “E ele é a expiação pelos nossos pecados” (RSV).
3. “Ele próprio é um sacrifício expiatório pelos nossos pecados” (MLB, NIV).
4. “Ele próprio é a reparação pela corrupção dos nossos pecados” (NEB).

Qual é o significado desse texto? As expressões *propiciação* e *expição* são termos teológicos de tempos antigos.² Por isso, na atualidade, os tradutores têm procurado encontrar equivalentes modernos para esses termos. Alguns oferecem uma paráfrase do texto: procuram esclarecer seu significado com as palavras *sacrifício expiatório* como substituto tanto para “propiciação” e “expição”.

Antes de olharmos em mais detalhes as palavras usadas, devemos considerar uma passagem paralela. Nessa passagem, João usa palavras semelhantes, mas o contexto enfatiza o amor de Deus: “Isto é o amor: não que nós amamos a Deus, mas que ele nos amou e nos enviou seu Filho como sacrifício expiatório por nossos pecados” (1Jo 4.10; consultar também Rm 3.25; Hb 2.17). Assim, devemos

2. Propiciar significa apaziguar. Expiar é remover a culpa causada por uma ofensa. Reconciliar é fazer as pazes ou, nesse caso, pagar um resgate (preço do pecado). Para mais estudo e literatura, consultar Herwart Vorländer e Colin Brown, “Reconciliation, Restoration, Propitiation, Atonement”, *NIDNTT*, vol. 3, pp. 145-76. Consultar também J. R. W. Stott, *The Epistle of John: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), pp. 81-88.

observar que, em seu amor, Deus deu seu Filho como um sacrifício expiatório pelos nossos pecados.

Deus tomou a iniciativa desse amor para com um mundo pecaminoso ao dar seu Filho para cobrir os pecados e remover a culpa. O resultado dessa dádiva foi a morte de Jesus na cruz. Jesus tornou-se um sacrifício aceitável para restaurar e redimir o homem da maldição que havia pronunciado contra ele. Jesus trouxe paz (Rm 5.1) e reconciliação (2Co 5.20,21) e, com referência ao pecado do ser humano diante de Deus, Jesus o removeu ao pagar a dívida (1Jo 1.7,9). Com seu sacrifício expiatório, Cristo remove o pecado e a culpa, exige uma confissão do pecado por parte do crente e intercede em favor do pecador diante de Deus.³

b. “E não apenas pelos nossos, mas pelos pecados do mundo todo”. Aqui, João se refere à abrangência do sacrifício expiatório de Cristo. Os estudiosos com frequência comentam que a abrangência da morte de Cristo é universal, mas que seu intento é para os crentes, ou, em outras palavras, a morte de Cristo é suficiente para o mundo todo, mas eficaz para os eleitos. João Calvino, porém, observa que apesar de esses comentários serem verdadeiros, eles não dizem respeito a essa passagem.⁴ A frase *do mundo inteiro* está relacionada não a cada criatura feita por Deus, pois então os anjos caídos compartilhariam da redenção de Cristo. A palavra *inteiro* descreve o mundo em sua totalidade, não necessariamente em sua individualidade.

Em outro contexto, João distingue entre “filhos de Deus” e “filhos do diabo” (1Jo 3.1,10) e então conclui que “Cristo entregou sua vida por nós” (v. 16). Jesus morreu por todas as pessoas que crêem nele e que vêm de “todas as nações, tribos, povos e línguas” como “grande multidão que ninguém [pode] enumerar” (Ap 7.9).⁵

3. Consultar Friedrich Büchsel, *TDNT*, vol. 3. pp. 317-18.

4. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The First Epistle of John*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 173.

5. Comparar com James Montgomery Boice, *The Epistles of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 52.

Considerações práticas em 2.1,2

Nos cultos de domingo, você canta os hinos e salmos e, na companhia dos outros membros da igreja, recita as palavras do Credo dos Apóstolos. Mas durante a semana você cai em pecado. Como saber, então, que você é um cristão? Em seus momentos de maior fraqueza, a dúvida e a incerteza entram em sua mente e você questiona se é ou não um membro da família de crentes. Quando você peca, ouve a voz de Satanás acusando-o diante de Deus e dizendo-lhe que você não pode ser um dos filhos de Deus. Além disso, a comunidade cristã fica entristecida pelo seu pecado e o mundo questiona sua sinceridade cristã. Por causa de seu pecado, você ouve as palavras do hino: "Que segurança, sou de Jesus", mas elas não fazem sentido para você. Você não tem certeza da salvação.

Para os cristãos desprovidos de certeza, João escreve esta mensagem de consolo e confiança: "Contudo, se alguém pecar, aquele que fala com o Pai em nossa defesa é Jesus Cristo, o Justo" (2.1). Jesus é seu ajudador. Ele morreu pelos pecadores e os representa como advogado de defesa perante o tribunal de Deus e, tomando por base sua morte, ele pede a sua absolvição.

Jesus cumpriu as exigências de Deus, derrotou Satanás e silenciou as acusações. Quando os pecadores vão até ele em oração e pedem a remissão, Jesus lhes oferece a salvação plena e gratuita. O autor aos Hebreus testifica: "Pois ele, evidentemente, não socorre a anjos, mas socorre a descendência de Abraão. Por isso mesmo, convinha que em todas as coisas se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo (2.16,17).

Como saber que sou um cristão? Quando aceito o testemunho de Jesus dizendo que ele morreu por mim e me purificou de todos os pecados, "sei em quem tenho crido" (2Tm 1.12). Então, em gratidão, estou pronto e disposto a obedecer aos seus mandamentos e fazer sua vontade.

Palavras, frases e construções do grego em 2.1,2

Versículo 1

τεκνία – esse diminutivo de τέκνον (filho) é um tratamento carinhoso. Revela a idade avançada do autor e demonstra seu interesse autêntico no desenvolvimento de seus filhos espirituais.

γράφω – em 1.4, João usa a primeira pessoa do plural no tempo presente γράφομεν. Lá, ele escreve sobre o testemunho de outras testemunhas oculares como ele. Aqui, ele escreve com sua própria autoridade.

ἀμώρτητε – com a forma ἀμώρτη o subjuntivo aoristo transmite a idéia de potencial para o pecado, ou seja, o autor adverte os leitores para não caírem em pecado. O uso do tempo presente, pelo contrário, teria indicado o hábito contínuo de pecar.

παράκλητος – de παρακαλέω (eu conforto, suplico, exorto), esse substantivo, que num tribunal quer dizer “advogar”, pode ser melhor traduzido como “ajudador”. No Evangelho de João, o substantivo se refere ao Espírito Santo (14.16,26; 15.26; 16.7). Aqui, refere-se a Jesus Cristo.⁶

πρός – a preposição revela que Jesus não apenas está *na presença* de seu Pai; ele apresenta nossas orações *para* o Pai.

Versículo 2

ἰλασμός – esse substantivo derivado de ἰλάσκομαι (eu apaziguo) descreve uma ação realizada por Jesus Cristo perante Deus o Pai. Um substantivo com terminação – μος denota ação; um substantivo com terminação – μα indica o resultado de uma ação.⁷

περί – na literatura joanina, περί equivale a ὑπέρ (pelo).

ὅλου – João escolhe o adjetivo ὅλος (inteiro) ao invés de πᾶς (cada, todo) para comunicar a idéia de universalidade. A palavra ὅλος tem “um significado indefinido que πᾶς não possui”.⁸

6. Bauer, p. 618, comenta que “em nossa literatura o sentido ativo de ajudador, *intercessor*, é adequado todas as vezes em que ocorre essa palavra”.

7. Consultar Bruce M. Metzger, *Lexical Aids for Student of New Testament Greek* (Princeton: publicado pelo autor, 1969), p. 43.

8. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 774.

2. *Conhecimento e amor*
2.3-5a

3 Sabemos que viemos a conhecê-lo se obedecemos aos seus mandamentos. 4 O homem que diz “eu o conheço”, mas não faz aquilo que ele ordena é um mentiroso e a verdade não está nele.

Com a conjunção *ora*, João liga o versículo 3 e a segunda parte do capítulo 1. Ao que parece, o autor precisa completar suas idéias sobre ter comunhão com Deus (1.3,6,7,9). Conforme ele disse, andar na luz em comunhão com Deus significa que confessamos os nossos pecados (1.9). Agora, ele acrescenta que conhecer Deus significa obedecer aos seus mandamentos. Ele introduz o conceito de *conhecer Deus* como substituto para o termo *comunhão*.

a. “Sabemos que viemos a conhecê-lo”. Nesse versículo curto, os termos *saber* e *conhecer* são palavras-chaves. O primeiro verbo está no tempo presente (“sabemos”), e o segundo, no perfeito (“viemos a conhecê-lo”).⁹

Comunhão com Deus e conhecimento de Deus são dois lados da mesma moeda. O relacionamento de uma pessoa com Deus pode variar desde o nível mais superficial até a comunhão íntima, mas Deus não está interessado em relacionamentos superficiais e insignificantes. Ele deseja que venhamos a conhecê-lo intimamente.

Conhecer Deus implica aprender sobre ele, amá-lo e também experimentar o seu amor. Adquirimos conhecimento de Deus quando nos esforçamos para fazer sua vontade nas experiências reais da vida. Conhecê-lo, portanto, significa viver em perfeita harmonia com ele ao obedecer à sua lei.

b. “Se obedecemos aos seus mandamentos”. Conhecer Deus é guardar os seus mandamentos, e guardar os mandamentos é conhecer Deus. João repete essa idéia com palavras ligeiramente diferentes numa outra passagem de sua epístola: “É assim que sabemos que amamos os filhos de Deus: ao amar Deus e obedecer aos seus mandamentos” (5.2).

9. No grego, João usa repetidamente o tempo perfeito desse verbo (2.4,13,14; 3.6,16; 4.16; 2Jo 1).

As condições da nova aliança com Deus, reveladas em Jeremias (Jr 31.33,34) e citadas pelo autor aos Hebreus (Hb 8.10,11) combinam lei e conhecimento de Deus.¹⁰

Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel,
depois daqueles dias, diz o SENHOR.
Nas suas mentes imprimirei as minhas leis,
também sobre os seus corações as inscreverei;
e eu serei o seu Deus
e eles serão meu povo.
E não ensinará jamais cada um ao seu próximo,
nem cada um ao seu irmão dizendo: Conhece ao SENHOR;
porque todos me conhecerão,
desde o menor deles até o maior.

A característica distintiva do filho de Deus é que ele obedece aos mandamentos de Deus. Quando ele guarda esses mandamentos, demonstra que tem conhecido Deus, mas nem sempre esse é o caso. João mostra isso no versículo seguinte:

c. "O homem que diz 'eu o conheço', mas não faz aquilo que ele ordena, é um mentiroso". Apesar de esse versículo ser paralelo à discussão da segunda metade do capítulo anterior (1.6,8,10), onde João escreve de maneira abrangente sobre a afirmação de comunhão com Deus e a condição de não viver na verdade, aqui ele cita um indivíduo. Cita a pessoa que afirma que tem conhecido (tempo perfeito) Deus, mas que não guarda (tempo presente) os mandamentos de Deus. João chama essa pessoa de mentirosa, ou seja, essa pessoa é uma mentira ambulante, que diz uma coisa e faz exatamente o contrário (comparar com 4.20; Tt 1.16). A palavra *mentiroso* descreve o caráter da pessoa cuja conduta como um todo opõe-se à verdade.

d. "E a verdade não está nele". Exceto pelas duas últimas palavras dessa oração, ela é idêntica àquela em 1.8. A ênfase está sobre *nele*. Essa pessoa, diz João, é desprovida da verdade de Deus.

10. Consultar Kenneth Grayston, *The Johannine Epistles*, New Century Bible Commentary Series (1984), p.61. Ver também C. H. Dodd, *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p.30.

5 Mas se alguém obedece à sua palavra, o amor de Deus é verdadeiramente completado nele. É assim que sabemos que estamos nele:

Uma das características mais visíveis dessa epístola é o uso contínuo que João faz dos contrastes. Ele contrasta, por exemplo, a verdade com a mentira, a luz com as trevas e o amor com o ódio. Além disso, na primeira parte desse versículo, ele apresenta de forma afirmativa aquilo que retratou de maneira negativa no versículo anterior.

Outra característica é o uso que João faz de vários termos para expressar a mesma idéia para o conceito de *palavra*: “verdade” (1.8; 2.4), “palavra” (1.10; 2.5) e “mandamento” (2.3,4) – todas elas significam mais ou menos a mesma coisa. Apesar de haver semelhança, a “palavra” é mais ampla e abrangente do que os “mandamentos”. Conforme observa John Albert Bengel, “*os preceitos são muitos; a palavra é uma só*”.¹¹ A Palavra de Deus é a revelação de Deus que teve seu ápice em Jesus Cristo (Hb 1.2). Na verdade, João repete as palavras que Jesus proferiu em seu discurso depois de ter instituído a Ceia do Senhor: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (Jo 14.23).

Todo aquele que obedece à Palavra de Deus experimenta o amor irrestrito de Deus. João provavelmente escreveu essas palavras para opor-se aos mestres gnósticos que exaltavam a aquisição de conhecimento às custas da obediência. João, porém, ensina que o amor de Deus preenche completamente o coração e a vida da pessoa que obedece à Palavra de Deus (comparar com 4.12,18).

Qual o significado da expressão *amor de Deus*? Alguns comentaristas fazem uma tradução objetiva: “o amor do homem por Deus”.¹² Outros entendem a expressão de modo subjetivo: “o amor de Deus pelo homem”.¹³ E ainda outros interpretam-na como uma descrição: o amor que é característico do próprio Deus.

11. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, ed. Andrew R. Fausset, 7ª ed., 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 5, p. 116.

12. Entre outros, consultar A. E. Brooke, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, International Critical Commentary Series (Edimburgo: Clark, 1964), p.32.

13. Tomando por base 1 João 4.9, B. F. Westcott aceita a interpretação subjetiva. Ver *The Epistles of St. John, The Greek Texts with Notes and Addenda* (1883; Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 49. Consultar também R. C. H. Lenski, *Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John, and St. Jude* (Columbus: Wartburg, 1945), p. 408.

Apesar de as três interpretações terem seus méritos, as evidências tanto do contexto imediato como do contexto mais amplo parecem apontar para a interpretação subjetiva. Em primeiro lugar, no contexto imediato, compare o paralelo nos versículos 4 e 5 – “a verdade [de Deus] não está nele” (v. 4) e “o amor de Deus é verdadeiramente completado nele” (v. 5).¹⁴ Tanto a verdade quanto o amor têm origem em Deus, e não no homem. No contexto mais amplo, por sua vez, a epístola de João explica a origem do amor; “o amor procede de Deus” (4.7), “Deus permanece em nós, e o seu amor é em nós aperfeiçoado” (4.12) e “nós conhecemos e cremos o amor que Deus nos tem” (4.16). Deus é a fonte e o provedor de amor. Em resumo, portanto, o contexto é decisivo para determinar o significado da expressão *o amor de Deus*.

Palavras, frases e construções do grego em 2.3-5a

Versículo 3

ἐν τούτῳ – esta construção é comum em 1 João; aparece 14 vezes (2.3,4,5 [2 vezes]; 3.10,16,19,24; 4.2,9,10,13,17; 5.2). Aqui, é um dativo instrumental.

ἐγνώκαμεν – o indicativo perfeito ativo de γινώσκω (eu conheço) mostra um estado resultante (“nós temos conhecido”). γινώσκω se refere ao conhecimento experimental; οἶδα (eu sei) tem conotação de conhecimento inato.¹⁵

Versículo 5a

τετελείωται – de τελειόω (eu completo), esse verbo no indicativo perfeito ativo é atemporal, pois revela uma verdade costumeira.¹⁶

14. Comparar também a referência de João aos mandamentos de Deus e ao amor de Deus (1Jo 2.4,5) com o discurso de Jesus sobre o amor e a obediência aos seus mandamentos (Jo 15.9-11). Consultar S. Greijdanus, *De Brieven van de Apostolen Petrus en Johannes, en de Brief van Judas*, Kommentaar op het Nieuwe Testament Series (Amsterdã: Van Bottenburg, 1929), p. 422.

15. Ver Donald W. Burdick, *The Letters of John the Apostle* (Chicago: Moody, 1985), p. 133.

16. Robertson, *Grammar*, p. 897.

3. *Conduta cristã*
2.5b,6

5b Nisto sabemos que estamos nele: 6 aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como Jesus andou.

A palavra *nisto* se refere ou à oração anterior, ou à seguinte, ou a ambas. Em outras palavras, o versículo 5b pode ser tanto a parte conclusiva do versículo 5a como a introdução do versículo 6, ou ainda uma declaração independente. Os tradutores normalmente optam pela segunda opção e consideram o versículo 5b como sendo introdutório ao versículo seguinte.¹⁷

Como sabemos que estamos nele? João responde com uma sucessão progressiva de declarações: “estamos nele”, “[permanecemos] nele” e “[andamos] como ele andou”.

a. “Estamos nele”. Sabemos que estamos em Deus quando temos uma comunhão íntima com ele por meio de Jesus Cristo (1.3). A expressão *nele* é uma reafirmação de “temos conhecido” (2.3).

b. “Permanece nele”. A comunhão com Deus em Cristo não é uma condição estática, mas um relacionamento ativo que persiste. Se dizemos que “nele vivemos e nos movemos e existimos” (At 17.28), colocamo-nos sob o controle do próprio Deus. Temos que seguir o exemplo que ele nos deu por meio da vida de seu Filho na terra.

c. “Andar assim como ele andou”. Nossa vida deve imitar o modo como Jesus andou enquanto viveu na terra. Isso só é possível se nossa vida estiver em harmonia com sua revelação. James H. Sammis expressa com eloquência esse ensinamento nas palavras de um hino conhecido:

Quando andamos com o Senhor,
À luz da sua Palavra
Que glória ele faz brilhar em nosso caminho!
Enquanto fazemos sua vontade perfeita,
Ele permanece conosco
E com todos que confiam e obedecem.

17. I. Howard Marshall comenta que esse ponto de vista é apoiado pela “probabilidade estatística”. Ver sua discussão em *The Epistles of John*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), p. 126, n. 17.

Palavras, frases e construções do grego em 2.5b,6

Versículo 5b

ἐν τούτῳ – apesar de essa frase poder focar o futuro ou o passado, neste versículo ela parece apontar para o futuro.

Versículo 6

ἐκεῖνος – o pronome demonstrativo contrasta com αὐτός; o primeiro pronome é precedido por καθώς (assim como), o segundo é seguido de οὕτως (assim).

7 Caros amigos, não estou escrevendo a vocês um mandamento novo, mas um antigo, que vocês já têm desde o princípio. Esse antigo mandamento é a mensagem que vocês ouviram. 8 No entanto, estou escrevendo um novo mandamento para vocês; sua verdade é vista nele e em vocês, pois a escuridão está passando e a verdadeira luz já está brilhando. 9 Aquele que diz estar na luz, mas odeia seu irmão ainda está na escuridão. 10 Aquele que ama seu irmão vive na luz, e não há nele nada que o faça tropeçar. 11 Contudo, aquele que odeia seu irmão está na escuridão e anda de lá para cá na escuridão; ele não sabe onde está indo, pois a escuridão o cegou.

C. Amor e Luz

2.7-11

1. Novo e antigo

2.7,8

João faz uma transição suave de idéias entre um parágrafo e outro. Ele vai de uma discussão sobre o conhecimento de Deus e a obediência aos seus mandamentos para a questão do amor. João começa esse parágrafo com o termo *amados*, que na New International Version é traduzido como “queridos amigos”.¹⁹ O autor mostra prefe-

18. Na opinião de Burdick, a frase “se refere ao contexto anterior”. *The Letters of John the Apostle*, p. 138.

19. Alguns manuscritos trazem o texto *irmãos* (adotado pela KJV e NKJV). Porém, as evidências dos manuscritos apontam fortemente para o uso de *amados*, que é a preferência dos tradutores.

rência por essa forma de tratamento tendo em vista que lança mão dela com frequência (1Jo 2.7; 3.2,21; 4.1,7,11; 3Jo 1,2,5,11).

7 Caros amigos, não estou escrevendo a vocês um mandamento novo, mas um antigo, que vocês já têm desde o princípio. Esse antigo mandamento é a mensagem que vocês ouviram.

O paralelo entre o Evangelho de João e sua primeira epístola é indiscutível, especialmente no que diz respeito aos seus comentários sobre o mandamento do amor. Ouvimos a voz de Jesus dizendo: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros” (Jo 13.34).

Observe os seguintes pontos:

Em primeiro lugar, João mostra que o novo surge a partir do antigo, quando diz que o novo mandamento, na verdade, é antigo. Depois de ter dito isso, afirma que está escrevendo um novo mandamento. Está interessado principalmente no conceito de *mandamento* e, depois disso, nas palavras *novo* e *antigo*. Apesar de não declarar explicitamente qual é esse mandamento, nos versículos seguintes ele revela o preceito bastante conhecido de amar uns aos outros (2.9,10).

Em seguida, João não pode chamar esse mandamento de novo. Já nos tempos do Antigo Testamento, quando o povo de Deus estava no deserto do Sinai, Deus instruiu o israelita a amar o próximo como a si mesmo (Lv 19.18). Desde o tempo de Moisés, os judeus recitavam as seguintes palavras: “Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força” (Dt 6.5). Deus ordenou que o israelita amasse o seu próximo além de amar Deus.

E, por fim, João observa que os leitores já possuíam o antigo mandamento desde o princípio. Deixa implícito que já haviam recebido a revelação de Deus e, portanto, esse mandamento, em si, não é novo. “Esse antigo mandamento”, escreve João, “é a mensagem [da revelação de Deus] que vocês ouviram”.²⁰ Ou seja, os leitores conheciam esse mandamento desde quando haviam ouvido a pregação e o ensino da Palavra de Deus – o Antigo Testamento e Novo Testamento – nos cultos da igreja local.

20. Os melhores manuscritos omitem a frase *desde o princípio*.

8 No entanto, estou escrevendo um novo mandamento para vocês; sua verdade é vista nele e em vocês, pois a escuridão está passando e a verdadeira luz já está brilhando.

João parece se contradizer quando afirma, inicialmente, que não temos novo mandamento (comparar com 2Jo 5) e, então, segue introduzindo um “novo mandamento”. Não há, porém, nenhuma contradição, como podemos ver, considerando os seguintes aspectos:

a. *Literal.* A palavra *novo* em grego sugere que o antigo deu à luz o novo. O antigo não deixa de existir, mas continua em conjunto com o novo. Observamos um bom exemplo com respeito aos dois testamentos: o Antigo Testamento preparou o caminho para o Novo Testamento, mas não perdeu sua validade quando o Novo chegou. Assim, também, o antigo mandamento era dirigido ao povo da época do Antigo Testamento, mas continuou sendo válido quando Jesus veio. Jesus deu a esse mandamento ainda maior importância, numa nova forma, no contexto do Novo Testamento.

b. *Teológico.* “No entanto, estou escrevendo um novo mandamento para vocês”. Nos versículos que vêm depois de Levítico 19.18 (“amarás o teu próximo como a ti mesmo”), ficamos sabendo que o conceito de *próximo* inclui tanto o israelita quanto o estrangeiro que vivia na terra prometida com o povo de Deus. Amarás [o estrangeiro] como a ti mesmo, disse Deus aos israelitas (ver o v. 34).²¹

Na época do Novo Testamento, porém, Jesus deu novo significado ao mandamento de amar ao próximo, quando contou a parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37) e quando disse aos ouvintes que o mandamento de amar o próximo também era válido para os inimigos (Mt 5.43,44). Jesus tornou-se conhecido como “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11.19). Ele explicou o significado de seu mandamento de amar ao próximo ao remover os obstáculos construídos pelos homens e ao revelar a vontade e o propósito divinos desse mandamento. O mandamento, então, continua a vigorar desde o começo da história até o presente, pois não se torna obsoleto com o tempo.²²

21. Consultar SB, vol. 1, pp. 353-68, para uma exposição clara da compreensão judaica da palavra *próximo*.

22. Consultar Calvino, *First Epistle of John*, p. 178. Donald Guthrie comenta: “[João] está mais interessado no novo mandamento do que nas antigas leis, mas não há nenhuma sugestão de que Antigo Testamento tenha sido invalidado. Ver sua obra *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 979.

c. *Evidencial*. “Sua verdade é vista nele e em vocês”: Indiretamente, João faz referência a Jesus. No texto anterior, ele o mencionou diretamente quando disse: “Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (2.6). João elogia os leitores pela conduta que é verdadeiramente caracterizada por esse novo mandamento de amar uns aos outros. “Se a comunhão cristã é caracterizada por tal amor, então será reconhecida como a comunhão dos seguidores de Cristo; terá a marca inconfundível de seu amor”.²³

O autor oferece prova para essa observação de que os leitores estão obedecendo ao novo mandamento. Eis a prova: “a escuridão está passando e a verdadeira luz já está brilhando”. O gosto de João pelos contrastes fica evidente nesse versículo. Ele compara “escuridão” com “luz” e o verbo *passando* faz contraste com *brilhando*. Observe que a escuridão ainda não desapareceu; está sendo dissipada, porque a luz do evangelho de Cristo ilumina os crentes. João identifica a luz como sendo verdadeira (Jo 1.9) para indicar que qualquer outra luz é meramente um reflexo que leva à decepção e ao desespero. Esta verdadeira luz, diz João, já está brilhando neste momento.

Considerações práticas em 2.8

Atualmente, as igrejas cristãs de alguns países estão passando por uma fase de crescimento fenomenal. Pessoas estão sendo batizadas aos milhares, novas igrejas estão sendo abertas em toda parte e a chama do evangelho está se espalhando como no século 1º, vai de pessoa em pessoa, de região em região. Os líderes da igreja estão calculando e fazendo previsões de projetos para o futuro.

O crescimento acelerado da igreja cristã toca o coração de todo crente. Apesar disso, pessoas que estão nesses lugares comentam que, enquanto a fé cristã é evidente aos domingos, durante a semana, no cotidiano de trabalho, ela é ausente e sem sentido. De alguma forma, a luz do evangelho ainda não penetrou na sociedade como um todo. Nas áreas da educação, dos negócios, no mercado de trabalho e na política, a luz da Palavra de Deus ainda não dissipou as trevas.

23. F. F. Bruce, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 294.

Quando, próximo do final do século 1º, João escreveu que “a escuridão está passando e a verdadeira luz já está brilhando”, parecia expressar um otimismo desprovido de realismo. Talvez alguns até ridicularizassem seu entusiasmo. O imperador romano perseguia os cristãos, o poder das trevas envolvia a igreja e a luz do Cristianismo parecia insignificante. Ainda assim, João escreveu essas palavras pela fé. Ele não olhou para as aparências externas, mas para o efeito da luz viva do evangelho. Assim, ele viu que, depois de eras de escuridão, a luz do evangelho havia nascido no horizonte.

Palavras, frases e construções do grego em 2.7,8

Versículo 7

ἀγαπητοί – esse é um adjetivo verbal que transmite a voz passiva “amado [por] Deus”.

ἐντολήν καινὴν – o adjetivo vem depois do substantivo, de modo que a ênfase recai sobre o substantivo. Observe que o substantivo está no singular e não no plural (2.3). O adjetivo καινὴ (novo), não νέα (fresco), é importante, pois descreve a natureza da novidade como superior àquilo que é antigo.²⁴

εἶχετε – o indicativo imperfeito ativo de ἔχω (eu tenho) é considerada um progressivo imperfeito.²⁵

Versículo 8

κόλιν – o advérbio significa “ainda”, e não “novamente”.

ὅ – como pronome relativo no singular neutro, essa palavra não é antecedida por ἐντολήν. Ela aparece sozinha e pode ser explicada com o acréscimo de duas palavras [τοῦτο] ὅ ἐστιν ὀληθὲς ἐν αὐτῷ καὶ ἐν ὑμῖν [ἐστιν]. (“Aquilo que é verdadeiro nele também [é] verdadeiro em vocês”).²⁶

24. Bauer, p. 394. Ver também R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Eerdmans, 1953), pp. 219-25.

25. Robertson, *Grammar*, p. 884. Ver também Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 434.

26. Para outros comentários, comparar C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of the New Testament Greek* (Cambridge: At the University Press, 1960), pp. 130-31. Ver ainda Robertson, *Grammar*, p. 713.

παρόγεται – de παρόγω (eu passo por), essa forma é o indicativo presente (“está passando”, “está se dissipando”).

2. Luz e trevas

2.9-11

Mais uma vez, João mostra seu gosto pelos contrastes: nos versículos seguintes, os pares de opostos são proeminentes: luz e trevas, amor e ódio, caminhar e tropeçar.

9 Aquele que diz estar na luz, mas odeia seu irmão ainda está na escuridão. 10 Aquele que ama seu irmão vive na luz, e não há nele nada que o faça tropeçar. 11 Contudo, aquele que odeia seu irmão está na escuridão e anda de lá para cá na escuridão; ele não sabe onde está indo, pois a escuridão o cegou.

Observe, em primeiro lugar, a ligação clara entre o versículo 8, no qual João introduz a verdade espiritual sobre a luz, e o versículo 9, onde ele se refere à afirmação feita por um adversário religioso. Observe também que, depois que João afirma uma verdade espiritual, como por exemplo em 1.5; 2.3 e aqui em 2.9, ele cita as palavras de um adversário religioso que declara algo que não tem fundamento. E, finalmente, o padrão que João desenvolve nesses três versículos – negativo, positivo, negativo – assemelha-se a uma série anterior de cinco versículos, na qual três eram negativos e dois positivos (1.6-10).

a. *Negativo.* O adversário religioso afirma que está na luz. Na verdade, ele é a mesma pessoa que já afirmou estar em comunhão com Deus (1.6) e conhecer a Deus (2.4). Ele deixa isso claro a qualquer um que lhe dê ouvidos, mas seus atos não são coerentes com suas palavras; sua afirmação não tem valor, pois sua conduta a contradiz; sua profissão da luz se traduz numa vida de trevas e, na falta de amor, ele experimenta o poder destruidor do ódio em seus relacionamentos pessoais.

As palavras do texto “aquele que diz estar na luz, mas odeia seu irmão ainda está na escuridão” aplicam-se a qualquer leitor da epístola de João. Qualquer pessoa que afirme estar na luz de Deus, mas que continue a alimentar o ódio contra seu próximo demonstra uma vida de trevas. Preferimos olhar para o céu a olhar para nós mesmos.

Habitar em amor
 com os santos lá no alto,
 Ó que glória!
 Habitar aqui na terra,
 com os santos que conhecemos –
 Ah! Isso é outra história!

Odiar o irmão não é uma questão trivial. João repete a idéia desse capítulo nos dois capítulos seguintes quando diz que “todo aquele que odeia a seu irmão é assassino” (3.15) e que “se alguém disser: ‘amo a Deus’ e odiar a seu irmão, é mentiroso” (4.20). Quem odeia um irmão cristão desobedece aos mandamentos de Deus, está longe da verdade e vive em trevas espirituais.

Para aqueles que vivem em trevas espirituais, com muito tato, João deixa uma porta aberta para que possam arrepender-se e vir para a luz. Ele escreve que “ainda” estão em trevas. Não precisam ficar na escuridão. São bem-vindos ao conhecimento da verdade, a uma vida de retidão, ao amor pelos irmãos da igreja e à luz do evangelho.

b. *Positivo*. As observações de João referem-se a membros da igreja e, nesse contexto, João coloca suas afirmações em termos absolutos, que não deixam espaço para meio termo. Para ele, não há crepúsculo. Só há luz ou trevas, amor ou ódio. Onde não há amor, o ódio reina em meio à escuridão. Onde, porém, prevalece o amor, ali há luz.

João escreve: “Aquele que ama seu irmão, vive na luz e não há nele nada que o faça tropeçar”. O amor não é tanto uma questão de palavras, mas de atos. Aquele que ama seu irmão espiritual como a si mesmo “vive na luz” e, quando uma pessoa vive na luz, ela não tropeça, pois pode ver claramente.

Não há uma concordância entre os tradutores quanto às palavras exatas da última parte do versículo 10. Eis três diferentes traduções:

1. “E não há nada nele que leve algum outro a pecar” (GNB).
2. “E nisso não há causa para tropeço” (RSV).
3. “Não há nada nele que o faça tropeçar” (NIV).

Os intérpretes que preferem a primeira tradução afirmam que a palavra grega *tropeço* significa, literalmente, “armadilha”, e, simboli-

camente, “colocar pedra de tropeço diante de alguém”.²⁷ Na segunda tradução, a palavra *nela* se refere ao termo anterior *luz*, ou seja, na luz não há causa para tropeço. Tendo em vista o contexto, a terceira tradução parece ser a melhor transição para o versículo seguinte (v. 11), que retrata uma pessoa que odeia seu irmão como alguém que tropeça em meio à escuridão.²⁸

João deixa implícito que qualquer um que odeia seu irmão é responsável por sua própria ruína. Além disso, a causa de seu tropeço não pode ser atribuída a fatores externos, mas somente ao ser interior, que está cheio de ódio.

c. *Conclusão.* Os comentários de conclusão feitos por João são bastante diretos. Em primeiro lugar, qualquer um que odeia seu irmão está em trevas, pois separou-se da luz do evangelho. Em segundo lugar, ele está relativamente seguro se ficar onde está, mas assim que começa a andar na escuridão, literal e figurativamente, tropeça por não poder enxergar (Jo 12.35). A escuridão tem o efeito de cegar a vista. Quando os olhos não são usados por um longo período, a cegueira é consequência inevitável.²⁹ Quando uma pessoa está em trevas espirituais, a vida torna-se sem sentido e os objetivos não têm propósito. O mais trágico é que esse andar nas trevas não precisa acontecer, pois a verdadeira luz de Deus está ao alcance de todos (Jo 1.9).

Palavras, frases e construções do grego em 2.9-11

Versículo 9

ὁ λέγων – três versículos sucessivos começam com o artigo definido e um particípio no tempo presente para indicar duração: ὁ λέγων (v. 9); ὁ ὀγαπῶν (v. 10) e ὁ μισῶν (v. 11).

καί – essa conjunção tem um significado adversativo: “ainda assim” ou “porém”.

27. Thayer, p. 577. Ver também Bauer, p. 753. Lenski comenta: “Aquele que ama seu irmão e permanece na luz não tem dentro dele nada que vá, espiritualmente, ser o gatilho de uma armadilha contra seus irmãos”. Ver sua obra *Interpretation of the Epistles*, p. 415.

28. Consultar Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 147; ver também Greijdanus, *Johannes*, p. 430.

29. Alfred Plummer, *The Epistles of St. John*, Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p. 44.

Versículo 10

τὸν ἀδελφόν – no contexto da epístola, João fala do crente como “o irmão”. O resto dos autores do Novo Testamento confirma essa designação.

σκώδαλον – um graveto móvel numa armadilha para pegar passarinhos ou outros animais; uma pedra de tropeço.

Versículo 11

οἶδεν – João emprega o verbo οἶδα (eu sei), e não γινώσκω (eu conheço, aprendo a conhecer), para enfatizar o conceito de conhecimento inato.

ἐτύφλωσεν – de τυφλόω (eu torno cego), o tempo aoristo é constativo.

- 12 Escrevo para vocês, queridos filhos,
pois os seus pecados foram perdoados por causa do nome dele.
- 13 Escrevo para vocês, pais,
pois vocês conhecem aquele que existe desde o princípio.
Escrevo para vocês, rapazes,
pois vocês têm vencido o maligno.
Escrevo para vocês, queridos filhos,
pois vocês conhecem o Pai.
- 14 Escrevo para vocês, pais,
pois vocês têm conhecido aquele que existe desde o princípio.
Escrevo para vocês, rapazes,
pois vocês são fortes, e a palavra de Deus vive em vocês,
E vocês têm vencido o maligno.

D. Dois apelos**2.12-14***1. Primeiro discurso**2.12,13a*

Numa seção à parte, João apela para seus leitores e resume suas idéias de forma poética. Ele se dirige aos seus leitores de acordo com categorias: primeiro, todos os crentes recebem sua exortação; em seguida, apela aos pais e, então, aos jovens.

- 12** **Escrevo para vocês, queridos filhos,
pois os seus pecados foram perdoados por
causa do nome dele.**
- 13a** **Escrevo para vocês, pais,
pois vocês conhecem aquele que existe
desde o princípio.**
**Escrevo para vocês, rapazes,
pois vocês têm vencido o maligno.**

Fazemos as seguintes observações:

Todos os leitores

a. “Escrevo para vocês”. João é um pastor que se dirige pessoalmente aos membros da igreja (ver 2.1,7,8). Quando ele diz “eu escrevo” quer dizer que suas palavras, sendo escritas com pena e tinta, são permanentes. Os membros da igreja são propensos a esquecer palavras faladas, mas aquilo que é escrito permanece. Os leitores da carta de João, portanto, devem prestar atenção. “Escrevo para vocês”, diz o pastor idoso.

b. “Queridos filhos”. João faz um apelo especial aos seus leitores e se dirige a eles com um termo carinhoso, “queridos filhos”, característico de sua epístola.³⁰ Tomando por base sua frequência, os estudiosos entendem que esse termo se refere a todos os primeiros leitores da carta. Em outras palavras, João não está se dirigindo a três faixas etárias: filhinhos, pais e jovens. Essa seqüência é um tanto artificial. Mas se considerarmos “queridos filhos” como um termo geral, então João se dirige especificamente a dois grupos: pais e jovens.³¹ João fala primeiro ao grupo como um todo, depois aos pais e, em seguida, aos jovens.

c. “Pois os seus pecados foram perdoados”.³² A boa nova de Cristo é que nossos pecados foram perdoados (comparar com Lc 24.47;

30. Para informações mais detalhadas, ver a nota 1 nesse capítulo.

31. Consultar Calvino, *The First Epistle of John*, pp. 183-84; Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, p. 43. Dodd comenta “O arranjo de três partes provavelmente não passa de uma figura retórica. Todos os privilégios mencionados pertencem a todos os cristãos, mas a variedade de expressão e a ênfase são garantidas ao fazer essa distribuição em três grupos”. Ver sua obra *Johannine Epistles*, p. 38. J. L. Houlden propõe que as palavras *pais* e *jovens* são sinônimos para “presbíteros” e “diáconos”. Consultar *A Commentary on the Johannine Epistles*, Black’s New Testament Commentaries Series (Londres: Black, 1973), pp. 70-71. Essa sugestão, porém, é especulativa e nada convincente.

32. Há traduções diferentes. A palavra *pois*, por exemplo, pode ser traduzida como “que” ou simplesmente omitida. A JB não usa “porque” nem “que” nos três primeiros

At 13.38). O paralítico carregado por quatro amigos para a casa onde Jesus estava ouviu-o dizer: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2.5). A mulher pecadora que entrou na casa de Simão, o fariseu, e ungiu os pés de Jesus, ouviu estas palavras: “Perdoados são os teus pecados” (Lc 7.48). Ou seja, Deus perdoa os pecados de uma vez por todas. Os pecados foram, são e estão perdoados para sempre.

d. “Por causa do nome dele”. Os pecados são perdoados por causa do nome de Jesus. É proposital a ênfase que João dá ao termo *nome*. Escreve “Por causa do nome dele” e não “por causa de Jesus”. O termo *nome* não é mera designação, mas a revelação da pessoa e da obra do Filho de Deus (ver 1.9; 2.1,2; 4.10). Deus perdoa os pecados baseando-se na morte expiatória de Jesus na cruz do Calvário. A implicação disso é que todos aqueles que crêem em Jesus e se arrependem recebem a remissão dos pecados.

Pais

João se dirige duas vezes (vs. 13 e 14) aos pais na igreja e dá-lhes a mesma mensagem: “pois vocês conhecem aquele que existe desde o princípio”. No contexto mais amplo da epístola, João escreve repetidamente sobre o Pai.³³ Ele usa essa expressão para retratar o relacionamento próximo entre Deus Pai e seu Filho. O termo *pai* implica a existência de filhos; com respeito a Deus, essa paternidade inclui tanto o Filho de Deus como os filhos que foram adotados por meio dele. Temos pais naturais, mas a paternidade terrena é apenas um pálido reflexo da paternidade de Deus. Ainda assim, João apela para os pais, pois adquiriram conhecimento espiritual de Jesus Cristo e sobre ele. Ao longo do tempo, eles “[vieram a conhecê-lo] desde o princípio”. Eles têm um conhecimento íntimo da revelação de Deus em Jesus Cristo (1.1; Jo 1.1). A comunidade cristã, portanto, deve cuidar dos seus filhos espirituais. Ela é responsável por passar a tocha da luz do evangelho para a geração seguinte, a saber, os jovens da igreja.

discursos e apresenta “porque” nos três seguintes. Ver também B. Noack, “On John 2.12-14”, *NTS* 6 (1960): 236-41.

33. Em 1 João, a palavra *Pai* aparece doze vezes (1.2,3; 2.1,13,15,16,22,23 [2 vezes], 24; 3.1; 4.14) e em 2 João, 4 vezes (3 [2 vezes], 4,9).

Jovens

João está falando para os jovens da igreja. Ele os elogia por terem “vencido o maligno”. O autor repete as mesmas palavras no versículo seguinte, indicando a importância dessa verdade. Eles venceram o maligno, isto é, Satanás. Repeliram os ataques do diabo, não se uniram ao bando de Satanás e regozijam-se na salvação. Mantiveram-se firmes diante da tentação, pois na força espiritual que receberam de Deus, eles foram vitoriosos.

Palavras, frases e construções do grego em 2.12

γράφω – em três discursos sucessivos, João emprega a primeira pessoa do singular no presente ativo. Então, no versículo 14, ele usa ἔγραψα três vezes em seguida. O uso do tempo aoristo ativo (primeira pessoa do singular) é o chamado aoristo epistolar, isto é, o autor olha para a sua epístola do ponto de vista do destinatário.³⁴ Esse uso também ocorre em 1 João 2.21,26; 5.13. O aoristo epistolar é traduzido no tempo passado.

τεκνία – como diminutivo de τέκνον (criança, filho), esse substantivo expressa carinho; por seu neutro, o substantivo se refere a homens, mulheres e crianças.

ἀφέωνται – de ἀφίημι (eu perdô), o tempo perfeito indica uma ação que já ocorreu no passado, mas que tem efeito duradouro no presente e no futuro. A voz passiva deixa implícito que Deus é o agente que perdoa.

2. Segundo discurso 2.13b-14

Algumas traduções apresentam o versículo 14 como 13b, outras optam pelo contrário, de modo que o primeiro e o segundo apelo for-

34. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 845.

mem conjuntos paralelos.³⁵ Mesmo que o texto grego apresente uma palavra diferente para “queridos filhos”, a simetria entre os três primeiros apelos e estes outros três é perfeita: *filhinhos, pais e jovens*.

13b **Escrevo para vocês, queridos filhos, pois vocês conhecem o Pai.**

14 **Escrevo para vocês, pais, pois vocês conhecem aquele que existe desde o princípio.**

Escrevo para vocês, rapazes, pois vocês são fortes, e a palavra de Deus vive em vocês, e vocês têm vencido o maligno.

Mais uma vez, João introduz cada um dos três apelos com uma mesma oração: “escrevo para vocês”. No grego, ele usa o tempo passado do verbo *escrever*, mas na tradução para alguns idiomas a oração normalmente é colocada no presente.

Queridos filhos

João usa uma palavra grega diferente da que empregou no versículo 12, como termo carinhoso para expressar seu terno amor por todos os seus leitores, independente da idade. A razão pela qual ela apela aos leitores é esta: “pois vocês conhecem o Pai”. Não apenas os pais conheceram Jesus Cristo desde o princípio; todos os crentes conheceram o Pai e, conseqüentemente, o Filho de Deus, Jesus Cristo. Por meio de Jesus, os crentes experimentam pessoalmente o amor de Deus o Pai.

Pais

Mais uma vez, João apela para os pais: “Vocês conhecem aquele que existe desde o princípio”. O autor repete aquilo que já havia escrito no versículo anterior (v. 13). A repetição revela a seriedade do apelo do autor, ou seja, os pais não podem relaxar no processo de crescimento espiritual.

35. Novo Testamento Grego (Nestle-Aland, United Bible Societies, Texto Majoritário, British and Foreign Bible Societies, entre outros) e algumas traduções (NAB, JB e GNB) começam o versículo 14 com as palavras *filhinhos, eu vos escrevi*.

Jovens

Por fim, João diz que os jovens da igreja são fortes. É claro que os jovens são fortes fisicamente, mas João quer dizer que eles demonstraram sua força espiritual (Ef 6.10). Opuseram-se a Satanás e venceram-no, pois têm a Palavra de Deus, que é viva, dentro de si (1.10; 2.5; Jo 5.38). “A posse da palavra é o segredo e fonte de sua vitória”.³⁶ Enquanto guardarem com cuidado a Palavra, serão vitoriosos e triunfarão sobre o poder e engano de Satanás.

Considerações práticas em 2.12-14

Os cristãos do final do século 1º depararam-se com mestres que se opunham à fé cristã por meio das doutrinas gnósticas. João constantemente repete aos leitores de sua epístola o pedido de que andem na luz, vivam pela verdade, obedeçam aos mandamentos de Deus e tenham comunhão com Deus e com seu povo. Seus apelos, porém, não são todos na forma de advertências. Como sábio pastor, é de seu conhecimento que uma corrente constante de admoestações pode ter um efeito contrário sobre os membros da igreja. Palavras positivas criam confiança e segurança. João chama a atenção de todos os leitores para aquilo que têm em Cristo:

- a. Sabem que seus pecados foram perdoados.
- b. Conhecem Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo.
- c. Prevaleram sobre Satanás por meio da Palavra de Deus.

Jovens e idosos beneficiam-se de palavras de elogio, pois orgulham-se daquilo que possuem e conseguem conquistar. Apesar de os pastores terem que avisar a igreja dos perigos e armadilhas, também devem ter como objetivo apresentar sermões dentro de um contexto positivo e mostrar aos crentes as riquezas que possuem em Jesus Cristo. Que o povo de Deus cante:

36. Plummer, *The Epistle of St. John*, p. 49.

Quão grandes são os benefícios divinos
 Que em Cristo possuímos!
 Somos da vergonha e culpa redimidos,
 E para a santidade chamados.

Augustus M. Toplady

Palavras, frases e construções do grego em 2.13b-14

Versículo 13b

παιδία – diminutivo de παῖς (menino, criança), esse substantivo é um sinônimo de τεκνία e é usado como tratamento carinhoso.

Versículo 14

ἰσχυροί – observe a seqüência das palavras no grego. O adjetivo vem antes do verbo e recebe ênfase.

νενικήκατε – a forma perfeita ativa de νικῶω (eu conquisto, triunfo). Observe o uso repetido do tempo perfeito nos três verbos ἐγνώκατε (três vezes), νενικήκατε (duas vezes) e ὀφέωνται (uma vez) nos versículos 12-14.

15 Não amem o mundo ou qualquer coisa do mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. 16 Pois tudo no mundo – os anseios do homem pecaminoso, a concupiscência dos olhos e a arrogância quanto ao que ele é e faz – não vem do Pai, mas do mundo. 17 O mundo e seus desejos passam, mas o homem que faz a vontade de Deus vive para sempre.

E. O Mundo e a Vontade de Deus

2.15-17

1. Não amem o mundo

2.15

Depois de um apelo aos crentes, o autor os adverte a não amarem o mundo. O amor ao mundo exclui o amor a Deus. Vemos um paralelo entre as palavras de João e as de Tiago: “Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4.4). João diz:

15 Não amem o mundo ou qualquer coisa do mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.

a. João faz uma séria advertência para não se amar o mundo. Diz: “Não amem o mundo”, ao invés de “não gostem do mundo”. A palavra *amor* que João emprega aqui é o mesmo termo que usa no versículo 10, quando fala sobre a pessoa que ama seu irmão. O amor que ele tem em mente é aquele que cria vínculos, comunhão íntima, devoção leal. É o amor que Deus exige no resumo da lei: “Amarás o Senhor teu Deus... e amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

João dirige suas advertências para as pessoas que já mudaram de lado e que estão agora dedicando-se totalmente aos assuntos do mundo. Ele lhes diz para deixarem de amar o mundo e desistirem de buscar os interesses do mundo. Não está falando de um único incidente, mas de um estilo de vida.

b. João menciona o termo *mundo* – uma palavra tipicamente joanina.³⁷ Ela tem vários significados, como João ilustra em sua primeira epístola: o mundo dos crentes, o mundo de pecado, o mundo do diabo.

Assim, João escreve que Jesus é o Salvador do mundo (4.15) e que pela fé os cristãos podem vencer o mundo (5.4-5). De acordo com João, as características do mundo são desejos, luxúria e soberba (2.16). O mundo passa (2.17) e não conhece Deus (3.1). Ele odeia os crentes (3.13) e é o lugar onde habitam os falsos profetas (4.1), o anticristo (4.3) e os descrentes (4.5). Por fim, o mundo todo é controlado pelo maligno (5.19). Donald Guthrie conclui: “Existe, portanto, em 1 João, um forte paralelo entre o ‘mundo’ e o ‘diabo’.”³⁸

c. João adverte seus leitores sobre o amor ao mundo e aquilo que pertence ao mundo. Não aconselha os cristãos a deixarem o mundo ou viverem em reclusão. João não enfatiza que o cristão se separe do mundo. Ao invés disso, diz que um crente deve abster-se de amar o mundo. Observe que, neste versículo relativamente curto, o conceito de *amor* precede o conceito de *mundo*. O que, então, o autor está dizendo? Em uma única frase: “O amor ao mundo e o amor ao Pai não podem coexistir lado a lado”. O cristão amará um deles e odiará o

37. “O substantivo *kosmos* denota o mundo. A única exceção está em 1 Pedro 3.3, onde significa adorno. Das 185 vezes que a palavra aparece, 78 estão em João, 24 nas cartas de João, 47 nas cartas de Paulo, 14 nos sinópticos e 22 no resto dos escritos do Novo Testamento”. Joachim Guhrt, *NIDNTT*, vol. 1, p. 524.

38. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 133.

outro, mas não pode amar os dois ao mesmo tempo (comparar com Mt 6.24; Lc 16.13). O mundo pecaminoso é completamente oposto ao Pai. João descreve esse mundo no versículo 16.

Palavras, frases e construções do grego em 2.15

μή ἀγαπάτε – o imperativo presente ativo precedido da partícula negativa μή mostra uma ação em progresso. Algumas pessoas, de fato, amavam o mundo (ver v. 19). Observe que João escolhe o verbo ἀγαπάω (eu amo) e o substantivo ἀγάπη (amor), e não o verbo φιλέω e o substantivo φιλία relacionado a ele (ver, porém, Tg 4.4).

έάν τις ἀγαπᾷ – a prótase dessa frase condicional tem o verbo no presente do subjuntivo para expressar incerteza e probabilidade.

ἡ ἀγάπη τοῦ πατρὸς – o genitivo pode ser tanto subjetivo quanto objetivo. Tendo em vista o contraste entre “amor ao mundo” e “o amor do Pai”, dá-se preferência ao genitivo objetivo.

2. *Façam a vontade de Deus*

2.16,17

16 Pois tudo no mundo – os anseios do homem pecaminoso, a concupiscência dos olhos e a arrogância quanto ao que ele é e faz – não vem do Pai, mas do mundo. 17 O mundo e seus desejos passam, mas o homem que faz a vontade de Deus vive para sempre.

A idéia principal do versículo 16 é que “tudo o que há no mundo... não procede do Pai, mas do mundo”. Em sua epístola, Tiago oferece uma idéia paralela. Sobre a origem da sabedoria, Tiago escreve: “Tal ‘sabedoria’ não desce do céu, mas é terrena, não é espiritual, é do diabo” (Tg 3.15). Aquilo que tem origem no mundo não vem de Deus, mas do diabo.

Quais são as chamadas “coisas do mundo”? João as apresenta em três categorias: concupiscências da carne, concupiscências dos

olhos e soberba da vida. É claro que essa lista de tendências é bastante abrangente, mas não necessariamente completa.³⁹

Antes de discutirmos essas três categorias, devemos fazer algumas observações. As duas primeiras categorias (concupiscência da carne e dos olhos) referem-se a desejos pecaminosos; a última (soberba) é um comportamento pecaminoso. As duas primeiras são pecados internos e ocultos; a última é um pecado externo e revelado. As primeiras dizem respeito à pessoa como indivíduo; a última, à pessoa em relação àqueles que estão ao seu redor.⁴⁰

a. *Os anseios do homem pecaminoso.* No original grego, literalmente, “desejos da carne”. A New International Version, porém, traduz como “os desejos do homem pecaminoso”. A palavra *desejo* é usada coletivamente e representa concupiscências que incluem o desejo sexual e a cobiça. Esses desejos são malignos, pois levam o homem a desobedecer ao mandamento explícito de Deus: “Não cobiçará” (Êx 20.17; Dt 5.21).⁴¹ Além do mais, esses desejos originam-se da natureza humana e geram o pecado (Tg 1.15). Paulo faz um relato semelhante dessa natureza pecaminosa (Gl 5.16,17) que, em suas palavras, “milita contra o Espírito”.

b. *Concupiscência dos olhos.* João descreve esse desejo como “desejo dos olhos”. Os olhos são os canais para a alma do ser humano. Quando um homem é atraído pela luxúria, seus olhos servem de instrumento que o levam à transgressão e ao pecado. João reflete a postura de Jesus (registrada no Sermão do Monte), que classifica o olhar de luxúria como um pecado: “Eu, porém, vos digo: qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela” (Mt 5.28).

c. *Soberba.* João cita a terceira tendência com palavras que não são de fácil tradução. Os tradutores oferecem algumas versões, todas igualmente válidas. Eis alguns exemplos:

39. Marshall discute a abrangência das tendências malignas e usa o termo *depravação total*. Comenta que essa expressão “não significa que o mundo é tão mau quanto possivelmente pode vir a ser, mas que o mal é universal”. Ver *The Epistles of John*, p. 144.

40. Consultar Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 53.

41. Consultar Friedrich Büchsel, *TDNT*, vol. 3, p. 171; Hans Schönweiss, *NIDNTT*, vol. 1, p. 457.

“A soberba da vida” (KJV, NKJV, RSV).

“O orgulho jactancioso da vida” (NASB).

“Todo o brilho da vida” (NEB).

“Uma vida de vanglória vazia” (NAB).

“A soberba das posses” (JB).

“A jactância do que [o homem] tem e faz” (NIV).

O motivo dessa grande variedade encontra-se em duas palavras gregas: “soberba” e “vida”. A primeira palavra significa jactância de um ostentador ou impostor (comparar com Tg 4.16). Essa soberba pode chegar ao ponto da violência arrogante.⁴² A segunda palavra denota vida com respeito a ações e posses. A pessoa que se vangloria de seus atos e bens expressa uma “cobiça por vantagens e posições”.⁴³

Os três vícios (concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba) originam-se não do Pai, mas do mundo, ou seja, do diabo. João usa o termo “Pai” para indicar, em primeiro lugar, uma ligação com o contexto anterior (1.2,3; 2.1,13,15) e, em segundo lugar, como uma forma de lembrar os leitores de que são filhos adotivos de Deus, são filhos e filhas de seu Pai celestial e não pertencem ao mundo. Num outro contexto, Jesus expressa a mesma idéia. Diz aos seus adversários: “Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso não me dais ouvidos, porque não sois de Deus” (Jo 8.47).

17 O mundo e seus desejos passam, mas o homem que faz a vontade de Deus vive para sempre.

O ser humano precisa olhar para a existência efêmera das pessoas, prazeres e desejos do mundo. Se seu interesse é dedicado a coisas que são passageiras, ele colhe instabilidade, tropeça nas trevas do pecado e, por identificar-se com o mundo, tem o mesmo destino. “Porque a aparência deste mundo passa” (1Co 7.31).

O filho de Deus, porém, está seguro, pois possui a vida eterna. Que contraste! A pessoa que ama o mundo logo passa, mas o que “faz

42. Na opinião de Grayston, a palavra soberba contém “a ameaça de uma violência arrogante”. Ver sua obra *Johannine Epistles*, p. 75.

43. Eberhard Güting e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 32.

a vontade de Deus vive para sempre". As palavras de João são semelhantes às de Jesus: "Nem todo o que me diz: 'Senhor, Senhor!' entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mt 7.21; ver também 1Pe 4.2). Quando a vontade do homem está em harmonia com a vontade de Deus, o cristão tem com o Pai e com o Filho uma comunhão que dura para sempre (comparar com 2.5).

Considerações práticas em 2.15-17

Em sua oração sacerdotal, Jesus pede ao Pai para não tirar os crentes do mundo, mas para protegê-los. Ele ora: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (Jo 17.18). João está contradizendo essas palavras de Jesus? Está defendendo a total separação do mundo no qual vivemos? Não, de forma alguma.

Quando João escreveu sua epístola, no final do século 1º, a sociedade pagã era completamente corrupta. Caracterizava-se pela imoralidade, cobiça, suborno e desconsideração pela vida humana e pela dignidade. Dentro dessa sociedade, a igreja procurava ser uma influência moderadora, exemplificando as virtudes da honestidade, moralidade e respeito à vida e à propriedade. Mas, dentro da igreja, algumas pessoas haviam se aliado ao mundo, pois não pertenciam, de fato, à igreja (1Jo 2.19). Eram falsos profetas que saíam pelo mundo afora (4.1). João adverte os crentes para nunca cederem ao espírito de sua época e jamais adotarem um estilo de vida mundano.

De certa forma, nosso mundo não é muito diferente daquele em que João vivia. Nosso mundo está cheio de violência e imoralidade. Em muitas áreas da sociedade, subornos, roubos e engano fazem parte do cotidiano. Porém, nós, que fomos comprados por um preço, que temos a marca batismal do Deus Triúno em nossa testa, que somos chamados para ser santos, devemos nos guardar para não sermos contaminados pelo mundo. Estamos no mundo, mas não pertencemos a ele, pois, se pertencêssemos ao mundo, então não poderíamos ser do Pai.

Palavras, frases e construções do grego em 2.16,17

Versículo 16

ἡ ἐπιθυμία τῆς σαρχός – trata-se aqui de um genitivo descriptivo ou subjetivo? Se a frase seguinte é subjetiva (concupiscência dos olhos), esta frase também é subjetiva: concupiscências pertencentes ao homem pecaminoso.⁴⁴

πάν τό – no versículo anterior, aparece o artigo definido no plural neutro (τά – as coisas). Aqui, João usa o adjetivo singular neutro para enfatizar os vícios individuais que ele caracteriza com três substantivos: ἡ ἐπιθυμία (concupiscência [duas vezes] e ἡ ἀλαζονεία (soberba). Cada substantivo tem um artigo definido.⁴⁵

βίος – esse substantivo reflete o tempo, meio e modo de vida. O substantivo ζωή se refere à vida (eterna) que tem como oposto a morte.⁴⁶

Versículo 17

παράγεται – esse verbo composto de παράγω encontra-se na voz passiva.

ὁ δέ ποιῶν – o uso do particípio presente denota uma ação contínua.

18 Queridos filhos, esta é a última hora; e como vocês ouviram que o anticristo está vindo, também agora, muitos anticristos já vieram. É assim que sabemos que é a última hora. 19 Eles saíram de nosso meio, mas em verdade não faziam parte de nós. Pois se fizessem parte de nós, teriam permanecido conosco; mas o fato de terem partido mostrou que nenhum deles fazia parte de nós.

44. Consultar Moule, *Idiom-Book*, p. 40; Hanna, *Grammatical Aid*, p. 434, diz: “O genitivo é subjetivo, ‘a concupiscência proveniente da carne’.”

45. Robertson, *Grammar*, p. 788.

46. Thayer, p. 102. Ver também Trench, *Synonyms of the New Testament*, p. 91.

III. Creiam em Jesus 2.18–3.24

A. Advertência Contra o Anticristo 2.18,19

1. *Anticristos têm surgido* 2.18

Observe que, nessa passagem bastante conhecida sobre o anticristo, João usa o plural “anticristos”. Diz aos leitores que muitos anticristos têm surgido. Tendo em vista o contexto imediato, vemos que pessoas que amam o mundo e seus interesses colocaram-se em oposição a Cristo e, portanto, são chamadas de anticristos.

18 Queridos filhos, esta é a última hora; e como vocês ouviram que o anticristo está vindo, também agora, muitos anticristos já vieram. É assim que sabemos que é a última hora.

O tratamento já conhecido, *queridos filhos* (ver, por exemplo v. 14), revela que o escritor é uma pessoa de idade que fala com autoridade e é capaz de analisar o cenário espiritual do presente e do futuro. Como pastor sábio e perceptivo, ele adverte seu povo sobre os perigos que se escondem dentro da comunidade cristã. Ele entende bem a época pecaminosa na qual ele e seus leitores vivem.

a. *Era*. Nesse versículo, João declara que estamos vivendo a última hora. O termo *hora* não pode ser tomado literalmente. Apesar de a frase *a última hora* aparecer apenas aqui em todo Novo Testamento, ela parece ser equivalente às expressões *os últimos dias* ou *os últimos tempos* (ver, entre outras passagens, At 2.17; Hb 1.2; Tg 5.3; 1Pe 1.20).

O que João quer dizer quando usa o termo “a última hora”? Se entendermos essas palavras figurativamente e as interpretarmos como um longo período de tempo, ou seja, uma era, temos que especificar se o termo se refere ao período que começou com a ascensão de Jesus e termina com sua volta ou aos últimos dias antes da volta de Jesus. Se adotamos o segundo ponto de vista e dizemos que “última hora” representa os últimos dias antes do fim dos tempos, precisamos

explicar esse atraso de quase dois milênios que ocorreu desde que João escreveu sua epístola.

Proponentes do primeiro ponto de vista também enfrentam essa questão.⁴⁷ Podem mostrar o contexto geral dessa passagem e dizer que João não está interessado em apresentar uma série de datas cronológicas.

Esses proponentes vêem o contexto mais amplo dessa questão e afirmam os seguintes pontos: João olha para o desenvolvimento espiritual e a oposição do mundo. Ele declara que “o mundo passa, bem como suas concupiscências” (2.17), e dá lugar à pessoa que obedece à vontade Deus. Ele observa que algumas pessoas deixaram a igreja, pois negaram que Jesus é o Cristo. João as chama de anticristos (2.18,22) e observa que o espírito do anticristo já está presente neste mundo (4.3). À espera da volta de Cristo, mas sem saber quando ela será (At 1.7), João parece indicar que o período entre a primeira e a segunda vinda de Jesus é “a última hora”.⁴⁸

b. *Vinda.* João diz: “vocês ouviram que o anticristo está vindo”. Os leitores tinham ouvido a proclamação do evangelho e sabiam que Jesus havia dito que “virão muitos em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo’, e enganarão a muitos” e que “surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mt 24.5,24).

A palavra *anticristo* tem um significado mais amplo do que o termo *falso Cristo*. A preposição *anti* significa não apenas “no lugar de” (ver 2Ts 2.3,4, o homem de iniquidade chega a “assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”). Também significa “contra”. Assim, o anticristo vem no lugar de Cristo e opõe-se a ele.

c. *Afirmação.* João observa que muitos anticristos já vieram e ainda estão vivos. Os anticristos, que negam que Jesus é o Cristo, são temporais, e não eternos. “Devem, provavelmente, ser considerados antecessores do Anticristo e prova de que seu espírito já está operan-

47. Consultar Guthrie, *New Testament Theology*, 801.

48. Consultar, por exemplo, Plummer, *The Epistles of St. John*, pp. 55,56; Calvino, *The First Epistle of John*, p. 189; Stott, *The Epistles of John*, pp. 107-9.

do no mundo”.⁴⁹ A presença de pessoas que negam a Cristo é prova definitiva de que estamos vivendo na última hora.

Considerações doutrinárias em 2.18

O anticristo é uma pessoa ou princípio? É um único indivíduo ou aparece em várias pessoas, como João parece indicar com a forma plural *anticristos*? Essas e outras perguntas semelhantes são feitas com frequência em relação à Primeira Epístola de João.

Os cristãos primitivos no final do século 1º tinham ouvido sobre a vinda do anticristo e sabiam que este iria se manifestar como uma única pessoa. Paulo, por exemplo, escreve sobre o “homem da iniquidade” que será revelado e destruído por Jesus quando ele voltar (2Ts 2.3,4,8,9).

Mas João não está interessado em identificar um indivíduo em particular. Ele fala de um princípio que prevalece nas pessoas que negam a divindade e humanidade de Cristo. João opõe-se a esse princípio de apostasia e, portanto, em suas epístolas, enfatiza o princípio, ao invés da pessoa do anticristo. Ao dizer que vem o anticristo, ele indica que o futuro Anticristo será uma pessoa que personifica esse princípio.⁵⁰

Palavras, frases e construções gregas em 2.18

ἔσχάτη ὥρα – João usa essas palavras em duas ocasiões nesse texto, ambas as vezes sem o artigo definido. No caso do adjetivo ἔσχάτη (último), o artigo definido com frequência também não está presente (ver 2Tm 3.1; Tg 5.3; 1Pe 1.5).⁵¹ Por causa da seqüência das palavras, a ênfase não fica sobre o substantivo *hora*, mas sobre o adjetivo *última*.

49. Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 57.

50. Ver Boice, *The Epistles of John*, p. 86; David A. Hubbard, “Antichrist”, *EDT*, p. 56 e J. E. H. Thomson, “Antichrist”, *ISBE*, vol. 1, p. 140.

51. Robertson, *Grammar*, p. 769.

ΥΕΓΥΝΑΣΙΥ – o perfeito ativo de γίνομαι (eu venho a ser, torno-me) revela que esses anticristos surgiram dentro da própria igreja.

2. Anticristos saíram

2.19

19 Eles saíram de nosso meio, mas em verdade não faziam parte de nós. Pois se fizessem parte de nós, teriam permanecido conosco; mas o fato de terem partido mostrou que nenhum deles fazia parte de nós.

Nesse versículo, João usa quatro vezes a palavra *nosso(s)* e uma vez *conosco*. No original, João escreve “de nós” quatro vezes e “conosco” uma vez. Ele quer certificar-se de que o leitor entenda que aqueles chamados por ele de anticristos deixaram a igreja porque, na realidade, não pertenciam à igreja. Os anticristos saem, mas os membros da igreja permanecem. Os que negam a Cristo não são importantes, mas sim os crentes. E, por essa razão, João enfatiza o pronome *nosso* em cada oração.

a. “Eles saíram de nosso meio”. João omite os detalhes, mas podemos supor que os primeiros leitores conheciam a situação e tinham memórias vívidas da tensão que acabou causando a saída dos descrentes. O autor aos Hebreus faz um esboço desse quadro quando escreve:

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram da boa Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-o à ignomínia. (6.4-6)

b. “Mas em verdade não faziam parte de nós”. João diz que essas pessoas não eram de dentro do meio cristão. Não eram verdadeiros cristãos, pois não pertenciam à fonte, a saber, Cristo. Eles frequentaram os cultos por algum tempo, mas nunca estiveram em Cristo (comparar com Jo 15.1-6).

c. “Pois se fizessem parte de nós, teriam permanecido conosco”. Essa é uma afirmação condicional com uma implicação negativa. Observe que, na primeira oração, João deixa implícito que as pessoas que ele chama de anticristos nunca pertenceram de fato à igreja, pois negavam a Cristo. Na segunda oração, João indica que os verdadeiros crentes ainda estão lá, enquanto os anticristos deixaram a comunhão da igreja. Os que pertencem, ficam; os que negam, partem.

d. “Mas o fato de terem partido mostrou que nenhum deles fazia parte de nós”. A New International Version difere de uma tradução mais literal ao mostrar a intenção de uma expressão semítica. Eis o texto literal: “para que fossem manifestos como não sendo parte de todos nós” (KJV). Uma tradução literal dessa expressão não transmite o sentido expresso por João. Ele não está dizendo que há exceções. Pelo contrário, a expressão significa que “nenhum deles [anticristos] é dos nossos”.⁵²

Considerações doutrinárias em 2.19

Esse texto ensina a doutrina da perseverança. Os descrentes que negaram a divindade e humanidade de Jesus nunca haviam sido parte da igreja, pois não pertenciam a Cristo. Sua presença na igreja visível era temporária. Se fizessem parte da igreja invisível, teriam permanecido no corpo dos crentes. Como observa F. F. Bruce, “a perseverança dos santos é uma doutrina bíblica, mas não é uma doutrina criada para levar os indiferentes a um sentimento de falsa segurança; significa que a perseverança é a marca essencial da santidade”.⁵³

52. Westcott explica que, quando o verbo separa o termo *todos* da negativa *não*, “a negação, de acordo com seu uso no Novo Testamento, é sempre universal (*todos... não*) e não parcial (*nem todos*)”. Ver sua obra *Epistles of John*, p. 72.

53. F. F. Bruce, *The Epistles of John* (1970; Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. 69. Consultar também Marshall, que escreve: “Pode-se esperar que uma pessoa que faz uma confissão autêntica [de fé] vá perseverar em sua fé, apesar de, em outras passagens [2.24; 2Jo 8], João advertir seus leitores sobre o perigo da falta de perseverança”. *The Epistles of John*, p. 152. Ver também Stott, *The Epistles of John*, pp. 105-6; Glenn W. Barker, *1 John, Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelin, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), vol. 12, p. 324.

Palavras, frases e expressões do grego em 2.19

ἐξῆλθαν – o aoristo ativo de ἐξέρχομαι (eu saio) mostra que, numa certa época, essas pessoas foram parte da igreja e, então, saíram. O tempo indica que a saída já havia ocorrido. Supõe-se que tenham saído por vontade própria.

εἰ – essa é uma frase condicional de contradição. Ao invés do tempo aoristo, ocorre o pretérito perfeito μεμενήκεισαν (do verbo μένω, eu permaneço).

20 Mas vocês têm a unção do Santo, e todos vocês conhecem a verdade. 21 Não escrevo para vocês porque não conhecem a verdade, mas porque a conhecem e porque nenhuma mentira vem da verdade. 22 Quem é o mentiroso? É o homem que nega que Jesus é o Cristo. Tal homem é o anticristo – ele nega o Pai e o Filho. 23 Ninguém que nega o Filho tem o Pai; aquele que reconhece o Filho, também tem o Pai. 24 Cuidem para que aquilo que vocês ouviram no princípio permaneça em vocês. Se isso acontecer, vocês também permanecerão no Filho e no Pai. 25 E é isso que ele nos prometeu – a própria vida eterna. 26 Estou escrevendo essas coisas para vocês sobre aqueles que estão tentando fazer vocês se desviarem. 27 Quanto a vocês, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam de alguém para ensiná-los. Mas, uma vez que a unção dele ensina vocês sobre todas as coisas e como essa unção é real, não falsa, assim como ela ensinou a vocês, permaneçam nele.

B. Unção do Santo

2.20-27

1. Unção e discernimento

2.20,21

Que contraste! Os anticristos negam que Jesus é o Cristo, cujo nome em sua forma traduzida significa “Ungido”, mas os cristãos olham para o Cristo, pois dele receberam sua unção. Os cristãos não apenas levam o nome de Jesus Cristo, eles também compartilham de sua unção. Essa verdade é formulada claramente no catecismo do século 16. Para a pergunta: “Por que és chamado de cristão?”, seu autor responde:

Porque pela fé sou um membro de Cristo e compartilho de sua unção. Sou unguído para confessar seu nome, apresentar-me a ele como sacrifício vivo de gratidão e lutar de livre consciência contra o pecado e o diabo nesta vida e, depois, reinar com Cristo sobre toda a criação por toda eternidade.⁵⁴

20 Mas vocês têm a unção do Santo, e todos vocês conhecem a verdade. 21 Não escrevo para vocês porque não conhecem a verdade, mas porque conhecem-na e porque nenhuma mentira vem da verdade.

Nesses dois versículos (ver também 2.27), João ensina seus leitores sobre sua unção. Ele comenta que os leitores possuem “unção do Santo”. Quem é este que unge? Paulo afirma que Deus unge os crentes (2Co 1.21; comparar também com At 10.38). Mas, no contexto mais amplo de sua epístola, João transmite a idéia de que o Filho unge os crentes (ver a explicação do v. 27). Talvez devamos dizer que Deus, o Pai, opera por meio do Filho.

O que é unção? No tempo do Antigo Testamento, sacerdotes, reis e até mesmo profetas eram unguídos com óleo para marcar o começo de suas respectivas obrigações. O óleo simbolizava consagração.

A palavra *unção*, nesse texto, não se refere a óleo, mas ao conteúdo da unção, que parece ser o Espírito Santo.⁵⁵ O Espírito testifica a importância duradoura do ato de unção. Os cristãos recebem o dom do Espírito Santo do Santo. Quem é o Santo? No Novo Testamento, o Santo é Jesus Cristo (ver Mc 1.24; Lc 4.34; Jo 6.69; At 3.14).

“E todos vocês conhecem”. Nessa oração observamos, em primeiro lugar, um problema de tradução. Os melhores manuscritos trazem o texto “todos vocês sabem”, enquanto outros manuscritos dizem “vocês sabem todas as coisas”. Essa última tradução deixa a impressão de que, por causa do dom do Espírito Santo, os cristãos podem saber todas as coisas. Essa não pode ser a intenção de João,

54. Catecismo de Heidelberg, pergunta e resposta 32.

55. Apesar de o teólogo Ignace de la Potterie (“L’onction du chrétien par la foi”, *Bib* 40 [1959]: 12-69) sugerir que o texto significa uma unção pela fé com o óleo da Palavra de Deus, e não do Espírito Santo, devemos apresentar nossas objeções, pois as Escrituras não mencionam em lugar algum a Palavra de Deus em relação à unção. Em seus respectivos comentários, Dodd apóia a idéia de la Potterie; Marshall a modifica e Stott e Burdick a rejeitam.

pois no versículo seguinte (v. 21) ele escreve: “Porque conhecem a verdade”. Assim, com base no contexto, concluímos que o objeto do saber não é “todas as coisas”, mas “a verdade”.

Em seguida, observamos que o verbo grego *oida* (saber) neste versículo e no próximo não está relacionado ao conhecimento adquirido, mas a um conhecimento inato. João deseja indicar que não está ensinando aos leitores novas verdades, mas lembrando-os daquilo que eles já sabem.

“Não escrevo para vocês porque não conhecem a verdade”. Os leitores estão completamente a par da verdade em Jesus Cristo, de modo que João não precisa lhes falar do evangelho. Supomos que João escreve essas palavras aos leitores para lembrá-los de que não estão desprovidos da verdade. Na realidade, eles podem usar essa verdade em sua oposição aos mestres gnósticos que negam Jesus como o Cristo. João escreve sua epístola apenas para combater o Gnosticismo? Não, ele a escreve pelos seguintes motivos: “Mas *porque* a conhecem, e *porque* nenhuma mentira vem da verdade” (itálico nosso). Os leitores conhecem a verdade e são capazes de identificar uma mentira expondo-a à luz da verdade. A verdade e a luz são os opostos da mentira e das trevas.

De acordo com a observação de Bruce, aproximadamente 20 anos depois que João escreveu esta epístola, Policarpo – discípulo de João – na época, bispo da igreja de Esmirna, enviou uma carta para os cristãos de Filipos e disse:

Pois todo aquele que não confessa que Jesus Cristo veio em carne é anticristo”, e qualquer um que não confessa o testemunho da Cruz é do diabo; qualquer um que perverte os oráculos do Senhor em favor de sua própria luxúria e diz não haver ressurreição nem julgamento – esse homem é primogênito de Satanás.⁵⁶

O crente unguido com o Espírito Santo é capaz de discernir a verdade do engano, opor-se à heresia e suportar os ataques de Satanás.

56. Policarpo, Filipenses 7.1 (LCL). Ver ainda Bruce, *The Epistles of John*, p. 72.

Considerações práticas em 2.20,21

Sempre que alguém lhe apresenta um ensinamento religioso que acrescenta algo à Bíblia ou a substitui, tome cuidado. Em sua primeira epístola, mas de modo ainda mais explícito em sua segunda epístola, João nos adverte para que fiquemos atentos quanto aos enganadores: “Se alguém vai ter com vocês e não traz esse ensinamento [de Cristo], não o recebam em sua casa nem lhe dêem boas-vindas. Aquele que lhe der boas-vindas é participante de sua obra perversa” (vs. 10,11).

Quando alguém tentar lhe ensinar doutrinas que não vêm do Antigo nem do Novo Testamento, diga a essa pessoa que você acredita em Jesus Cristo, que você sabe que Jesus morreu por seus pecados, que Jesus abriu-lhe o caminho para o céu e está lhe preparando um lugar e que você está alegre e contente no Senhor. Quando você confessar sua fé em Jesus Cristo, testemunhas do Senhor e mostrar que é capaz de discernir a verdade do engano, seu visitante partirá.

Palavras, frases e construções do grego em 2.20,21

Versículo 20

καὶ ὑμεῖς – a conjunção é adversativa. O pronome é enfático.

χρῖσμα – do verbo χρίω (eu unjo), o substantivo com a terminação – μα denota uma ação que resulta do possuir os dons do Espírito Santo.⁵⁷

ἀπό – “de” e não ἐκ (saído de).

οἴδατε – ao invés de γινώσκω (eu sei), João usa esse verbo para diferenciar entre a posse e a aquisição de conhecimento.

πάντες – alguns manuscritos trazem o texto πάντα (neutro plural acusativo) como objeto direto de οἴδατε. Esse texto provavelmente originou-se de “uma correção introduzida por alguns copistas”.⁵⁸

57. Thayer, pp. 672-73.

58. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 707.

Versículo 21

ἔγραψα – o aoristo epistolar. Ver discussão do capítulo 2.12 e 14.

ὅτι – essa conjunção pode ser traduzida como “a qual” ou “porque”. A intenção dos versículos pede uma interpretação causal em todos os três casos nos quais a palavra é usada. Essa interpretação, portanto, declara as razões pelas quais a epístola foi escrita.

*2. Negação e profissão**2.22,23*

João confronta o herege gnóstico ao chamá-lo de anticristo por causa de sua evidente negação de Jesus como Cristo. O autor não tem medo de dar os devidos nomes aos seus oponentes nesse confronto direto.

22 Quem é o mentiroso? É o homem que nega que Jesus é o Cristo. Tal homem é o anticristo – ele nega o Pai e o Filho.
23 Ninguém que nega o Filho tem o Pai; aquele que reconhece o Filho, também tem o Pai.

Observe os seguintes pontos:

a. *O mentiroso.* Destemidamente, João faz a pergunta *quem é mentiroso?* e ele mesmo responde (ver v. 5). Ele está olhando para a pessoa que conta essa mentira.⁵⁹ Não está se dirigindo a uma pessoa que ocasionalmente interpreta incorretamente a verdade, mas a alguém que fere o coração do evangelho de Jesus Cristo. João confronta essa pessoa que se empenha em transformar em mentira a verdade da humanidade de Jesus. O cerne da fé cristã está no fato de que Jesus é Deus perfeito e homem perfeito. No Credo de Atanásio, do século 4º, essa doutrina é cuidadosamente formulada nos artigos 30 a 32:

Pois a fé correta é que cremos e confessamos nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, como Deus e homem. Deus de substância do Pai, originado antes dos mundos; e homem de substância de sua mãe, nascido no mundo. Deus perfeito e homem perfeito...

59. De acordo com Guthrie, em *New Testament Theology*, p. 933, “do ponto de vista de João, um ‘mentiroso’ é alguém que está sempre se desviando da verdade de Deus e agindo de maneira hipócrita”.

Do contexto geral, não podemos dizer se João está se dirigindo a oponentes judeus que se recusam a aceitar Jesus de Nazaré como o Messias. João se opõe a mestres gnósticos que ensinaram que Jesus era um homem que viveu e morreu. De acordo com os gnósticos, durante o ministério público de Jesus, o Cristo desceu sobre ele dando-lhe poder divino desde o seu batismo até o tempo de sua paixão. No final da paixão de Jesus, Cristo o deixou.⁶⁰ Para os gnósticos, portanto, Jesus não era o Cristo.⁶¹ E João diz que aquele que proclama tais ensinamentos é mentiroso. Mais do que isso, afirma o autor, ele é o anticristo.

b. *O anticristo.* Apesar de João falar *do* anticristo, ele não aponta para uma figura no fim dos tempos, mas para uma pessoa que afirma que Jesus não é o Cristo. Aquele que nega que o Filho de Deus tornou-se homem, também nega a relação Pai-Filho. Se não há Filho, então não há Pai. Em sua epístola, João ensina que o Pai e o Filho estão intimamente ligados (1.2,3; 2.1,23,24; 4.3,14,15; 5.9,10,11,12,20). João revela o cerne do evangelho: Deus, o Pai, enviou seu Filho, Jesus Cristo, para redimir os pecadores. Se uma pessoa rejeita Jesus Cristo, também rejeita Deus, o Pai, e anula a mensagem do evangelho de Cristo. Tal pessoa, diz João, é o anticristo.

Num típico paralelismo semítico, João primeiro declara a questão em termos negativos e depois a reforça com palavras afirmativas. Mas a primeira frase tem, na verdade, um sentido afirmativo.

<i>Negativo</i>	<i>Afirmativo</i>
Todo aquele que nega	Aquele que confessa
o Filho	o Filho
não tem o Pai	tem igualmente o Pai

60. Consultar Raymond E. Brown, *The Epistles of John*, Anchor Bible Series (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982), vol. 30, pp. 65-68, 766-71.

61. Muitos teólogos modernistas separam o chamado Jesus histórico do Cristo da fé. Em seu comentário sobre 1Jo 2.22, Rudolf Bultmann revela uma certa dose de hesitação quando escreve: “[João] adere à identidade do acontecimento histórico (a figura histórica de Jesus) e ao acontecimento escatológico (Jesus “o Cristo”, o “Filho”)”. Ver *The Johannine Epistles*, org. Robert Funk, trad. R. Philip O’Hara et al., *Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible* (Filadélfia: Fortress, 1973), p. 39.

Qual é a confissão de fé do crente? É simplesmente esta: “Jesus é o Filho de Deus”. Em sua epístola, João enfatiza que, por meio do sangue de Jesus, o Filho, somos purificados do pecado (1.7); o Filho nos promete vida eterna (2.25); o Filho de Deus se manifestou para destruir a obra do diabo (3.8); e o Filho é sacrifício expiatório pelos nossos pecados (4.10).⁶² O crente tem comunhão com o Pai e o Filho (1.3) e confessa abertamente o nome de Jesus diante das pessoas. Assim, João faz as mesmas perguntas que Joseph Grigg,

Pode, Senhor Jesus,
Um mortal, de ti, ficar envergonhado?
Envergonhar-se daquele que pelos anjos é louvado,
Cujas glórias na eternidade resplandecem sua luz?

Considerações doutrinárias em 2.22,23

Durante a última metade do século 1º, João expôs a heresia dos mestres gnósticos, entre os quais havia um judeu egípcio chamado Cerinto. Essa pessoa negava o nascimento virginal de Jesus e afirmava que Cristo desceu sobre Jesus no momento do batismo, mas deixou-o antes de Jesus morrer.⁶³

João escreveu não apenas para os leitores contemporâneos, mas também para a igreja universal. No século 2º, Marcião negou o Filho de Deus e, no século seguinte, Ário e Sabélio fizeram o mesmo. A cada século de cada era, há pessoas que se recusam a confessar o Cristo das Escrituras. Alguns negam o nascimento virginal, a ressurreição, a ascensão e a promessa da volta de Jesus. Outros distinguem entre Jesus de Nazaré e o Cristo exaltado. Ainda outros rejeitam ou sua divindade ou sua humanidade. Em resumo, todos aqueles que repudiam o ensinamento bíblico de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e Filho do homem, enganam-se a si mesmos e, de acordo com João, são mentirosos.

62. Consultar Guthrie, *New Testament Theology*, p. 316.

63. Ver Irineu, *Contra as Heresias* 1. 26. 1. Ver também Calvino, *The First Epistle of John*, p. 195.

3. Comunhão e promessa 2.24,25

Os escritos de João certamente não são impessoais. A terceira pessoa do plural, *vocês*, aparece diversas vezes e, nos versículos 24 e 27, ele se dirige pessoalmente ao leitor. João fala diretamente aos leitores e, na verdade, diz: “Quero que prestem atenção!”

24 Cuidem para que aquilo que vocês ouviram no princípio permaneça em vocês. Se isso acontecer, vocês também permanecerão no Filho e no Pai. 25 E é isso que ele nos prometeu – a própria vida eterna.

Ao repetir, no versículo 24, palavras de uma outra parte do capítulo (v. 7), João enfatiza uma idéia básica:

a. *Permaneça*. Quando os leitores ouvem o clamor daqueles que negam a Cristo por toda parte ao seu redor, como podem defender-se de seus oponentes? João lhes diz exatamente o que fazer. De certa forma, ele repete aquilo que já falou na primeira parte de sua epístola. “O que vocês já têm desde o princípio” – ou seja, o evangelho (ver 1.1,3,5; 2.7) – permaneça convosco. Assim como Jesus diz aos crentes na igreja de Filadélfia (“conserva o que tens”, Ap 3.11), assim também João exorta os leitores de sua epístola a guardarem a mensagem bíblica que ouviram desde o princípio. Essa palavra deve habitar em sua alma de modo que, em cada decisão que tomarem, sejam guiados pela Palavra de Deus.

A New International Version, talvez numa tentativa de evitar a repetição, traduz a oração seguinte em três palavras “se assim for”. Literalmente, o texto diz: “Se aquilo que desde o princípio ouvistes permanecer em vós”. João enfatiza intencionalmente o conceito de *permanecer*, pois tece esse conceito em sua passagem (vs. 24 a 28) seis vezes. João expressa o mesmo tema apresentado pelo salmista: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119.11). João quer que o leitor medite sobre essa Palavra e viva o dia-a-dia baseado nela.

“Se isso acontecer, vocês também permanecerão no Filho e no Pai”. João diz que, quando a Palavra de Deus permanece em uma

pessoa, então, como consequência, essa pessoa terá comunhão com o Filho e o Pai. O Filho e o Pai habitam onde está a Palavra de Deus. Pela Palavra, o Filho e o Pai têm comunhão com o crente e podem se comunicar com ele.

João propositadamente coloca o Filho antes do Pai para indicar que o crente vem a conhecer o Pai por meio do Filho. Isso está de acordo com a oração sacerdotal de Jesus pelos crentes: “Não rogo apenas por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim... a fim de que todos sejam um; e como és tu, o Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.20,21; e compare com 14.6).

b. *Promessa.* Se o crente estima a Palavra de Deus e experimenta uma comunhão íntima com o Pai e com o Filho, então também recebe a vida eterna (1.2,3). Ter comunhão com o Filho e com o Pai é ter vida eterna.

“E isso é o que ele nos prometeu, a vida eterna”. A palavra *esta* é equivalente à expressão *vida eterna*. Cristo prometeu vida eterna para todos os que nele crêem (ver Jo 3.15,16,36; 5.24; 6.33,40,47,54; 17.3). A vida eterna está firmemente ancorada em Jesus Cristo por meio da Palavra e do Espírito de Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 2.24,25

Versículo 24

ὁμοῖς – o uso do pronome pessoal pode ser tanto um “sujeito suspenso” ou um vocativo.⁶⁴ Nesse versículo, a intenção do autor permanece a mesma, quer chamemos o nominativo de vocativo ou independente. Prefiro chamar o nominativo de independente.

ἤκούσατε – o aoristo constativo pode ser traduzido como a estrutura no tempo perfeito “tendes ouvido”.

ἐάν – essa partícula apresenta uma oração condicional; a prótase tem o subjuntivo para expressar probabilidade e a apódose tem o futuro (durativo) do indicativo.

64. Robertson, *Grammar*, p. 437. Ver também Lenski, *Interpretation of the Epistles*, p. 438, que escolhe o vocativo, e Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 202, que é a favor do “nominativo independente”.

Versículo 25

αὕτη – o pronome demonstrativo está voltado para o futuro por causa do gênero feminino do substantivo ζῶήν.

ἡμῶν – alguns manuscritos trazem o texto ὑμῶν (“e o que vos é prometido”) [JB]). O termo *vos* pode ser “resultado de uma confusão de algum escriba”.⁶⁵

τὴν ζῶήν – observe o uso enfático dos artigos definidos antes do substantivo e do adjetivo. O adjetivo αἰώνιον aparece no final da oração.

4. *Ensino e unção*
2.26,27

João chega ao final de um segmento de sua epístola fazendo um comentário conclusivo, em que pede aos leitores que permaneçam firmes naquilo que aprenderam. Sabendo da diferença entre a verdade e o engano, devem evitar pessoas que tentem desviá-los.

26 Estou escrevendo estas coisas para vocês sobre aqueles que estão tentando fazer vocês se desviarem. 27 Quanto a vocês, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam de alguém para ensiná-los. Mas, uma vez que a unção dele ensina vocês sobre todas as coisas, e como essa unção é real, não falsa, assim como ela ensinou a vocês, permaneçam nele.

De modo característico, João começa e termina suas idéias com as mesmas palavras, de modo que a passagem entre os versículos 20 e 27 fique como um comentário entre parênteses.

a. “Estou escrevendo essas coisas”. A palavra *essas* se refere aos versículos anteriores (vs. 21 a 25), nos quais João escreve que os crentes não são ignorantes, mas conhecem a verdade, professam o Filho e permanecem nele e no Pai e precisam estar plenamente cientes das pessoas que estão tentando desviá-los da verdade da Palavra de Deus. Devem dar ouvidos às palavras de Jesus: “Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: ‘Eu

65. Metzger, *Textual Commentary*, p. 710.

sou o Cristo', e enganarão a muitos" (Mt 24.4,5). Eles ainda não foram enganados, mas devem estar preparados para lutar espiritualmente contra os enganadores e expor suas mentiras.

b. "A unção que permanece em vocês". Mais uma vez, João fala diretamente aos leitores quando diz "quanto a vocês" (comparar com o v. 24). Ele está falando com os crentes, e não com os enganadores. Portanto, ele quer a atenção total de seus leitores.

João menciona "a unção", um assunto introduzido anteriormente (v. 20). Parece deixar implícito que os leitores receberam o dom do Espírito Santo, isto é, sua unção (ver a explicação do v. 20), quando se converteram. Esse é um bem que receberam de Jesus Cristo e que permanece com eles (2Co 1.21,22). Aquele que dá o Espírito Santo pode ser tanto o Pai como o Filho. De qualquer modo, o contexto – especialmente dos versículos 25 e 28 – indica o Filho, e não o Pai.

c. "Não precisam de alguém para ensiná-los". Essas palavras fazem lembrar a profecia de Jeremias: "Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: 'Conhece ao SENHOR', porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR" (Jr 31.34; Hb 8.11). João está dando a entender que a unção do Espírito Santo torna desnecessária a instrução no ensino bíblico? Claro que não! Nas palavras da Grande Comissão, Jesus instrui os apóstolos (e, por conseguinte, todos aqueles que proclamam a Palavra) a ensinarem aos discípulos tudo aquilo que Jesus ordenou (Mt 28.20). A pregação eficaz da Palavra, o ensinamento fiel na Escola Dominical ou na classe de catecismo e a leitura diária da Palavra – tudo isso é necessário ao cristão. Então, o que João está dizendo? O crente não precisa de enganadores que estão tentando ensinar doutrinas falsas. Eles têm o dom do Espírito Santo, que os guia em toda a verdade (Jo 16.13).

d. "A unção dele ensina vocês sobre todas as coisas".⁶⁶ Ou seja, o Espírito de Cristo ensinará todas as coisas ao crente (Jo 14.26) e o

66. Duas traduções (KJV e NKJV) trazem o texto *a mesma unção*. No comentário de Metzger, essa construção "não ocorre em nenhuma outra parte do quarto evangelho ou nas três epístolas de João". Ver sua obra *Textual Commentary*, p. 710.

guiará a fim de distinguir a verdade do engano. Todos os crentes recebem o Espírito Santo e todos são igualmente equipados para fazer oposição aos mestres que proclamam a mentira ao invés da verdade.

Esse texto ensina a igualdade fundamental de todos os crentes, isto é, os crentes não precisam consultar professores cultos de teologia antes de aceitar a verdade de Deus: aos olhos de Deus, o clero e os leigos são iguais; o Espírito Santo é o mestre de cada crente, sem distinção.⁶⁷ Dentro da igreja, os crentes podem aprender uns com os outros como parte da unção do Espírito.

e. “Assim como ela ensinou a vocês, permaneçam nele”. Ao que parece, a palavra *nela* se refere à unção e equivale à frase *o ensinamento do Espírito* na seguinte tradução: “Obedecei ao ensinamento do Espírito, portanto, e permaneci em união com Cristo” (GNB). Se Cristo é o sujeito do verbo *ensinou*, a expressão *como* ressalta o sentido de *também*, que aparece logo depois. Tendo em vista que o sujeito do início da oração é “a unção” (o Espírito Santo), não parece haver motivo forte o suficiente para mudá-lo na segunda parte.

O núcleo da oração, porém, está nas duas primeiras palavras que formam a ordem para se ter comunhão com Cristo. A exortação é direta: “Permaneçam nele”. Tendo em vista as referências de João à volta de Jesus (v. 28), a palavra *nele* está relacionada a Jesus Cristo.

Considerações doutrinárias em 2.26,27

Inúmeros indivíduos vêm a saber da salvação por meio da leitura das Escrituras. Guiados pelo Espírito Santo, são levados a Jesus Cristo e o aceitam pela fé.⁶⁸ Depois que aceitam Cristo como seu Salvador, são batizados no nome do Deus Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Porém, antes do batismo, logo que se converteram, receberam a unção do Espírito.

67. Consultar Greijdanus, *Johannes*, p. 453. Bruce escreve: “Porém, o ministério de ensino deve ser exercido por homens que compartilham da unção à qual João se refere, homens que permaneçam na comunhão do Espírito”. Ver sua obra *Epistles of John*, p. 76.

68. Consultar especialmente Curtis R. Vaughan, *The Gifts of the Holy Spirit to Unbelievers and Believers* (ed. reimp., Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1975), p. 41.

Por intermédio de Cristo, Deus dá seu Espírito Santo ao crente, mas o crente, por sua vez, deve permanecer em Cristo. A providência divina tem, na responsabilidade humana, o seu equivalente. Deus oferece seu Espírito para ensinar ao crente todas as coisas necessárias para a salvação, mas Deus também espera que o cristão permaneça em Cristo para que possa ter comunhão constante com o Pai e com o Filho.

Palavras, frases e construções do grego em 2.26,27

Versículo 26

ἔγραψα – o aoristo epistolar (ver vs. 14 e 21).

πλανώντων – o particípio presente ativo de πλανῶ (eu fiz alguém se desviar) é o chamado presente conativo. É traduzido com o verbo *tentar* (tentando fazer alguém se desviar).⁶⁹

Versículo 27

ἵνα – a partícula “expressa um resultado concebido”.⁷⁰ O uso dessa partícula depois de um substantivo ou pronome demonstrativo é um tanto comum nos escritos de João.

αὐτοῦ – alguns manuscritos trazem αὐτό (mesmo) ao invés de αὐτοῦ (dele). Porém, αὐτοῦ é mais comprovado e, portanto, é o preferido.

μένετε – esse verbo pode ser indicativo ou imperativo. O contexto geral sugere o imperativo. A forma μενεῖτε (futuro) não tem comprovação suficiente.

28 E agora, queridos filhos, continuem nele, para que, quando ele se manifestar, possamos estar seguros e desembaraçados diante dele em sua vinda.

29 Se sabem que ele é justo, sabem que todos os que fazem aquilo que é certo nasceram dele.

69. Robertson, *Grammar*, p. 880.

70. Hanna, *Grammatical Aid*, p. 435. Consultar também E. D. Burton, *Moods and Tenses of New Testament Greek* (Edimburgo: Clark, 1898), p. 218.

C. Confiantes Diante de Deus 2.28,29

Esses dois versículos formam uma ponte entre dois capítulos.⁷¹ O versículo 28 é um rápido sumário do capítulo 2. O versículo seguinte é um prelúdio ao capítulo 3. Ambos são curtos e, por causa de seus respectivos conteúdos, não formam uma unidade. Por isso, alguns estudiosos colocam uma divisão entre os dois versículos. Porém, a fim de nos mantermos conformes à divisão de capítulos, incluiremos ambos no capítulo 2.

28 E agora, queridos filhos, continuem nele, para que, quando ele se manifestar, possamos estar seguros e desembaraçados diante dele em sua vinda.

Eis a conclusão do discurso em palavras que são repetitivas. O sumário começa com a já conhecida forma de tratamento, *queridos filhos*, usada no versículo um, juntamente com o termo *agora*. João reitera a exortação dada no versículo anterior: “Continuem nele”. Com esse uso da repetição, João ensina que a comunhão com o Filho de Deus é absolutamente essencial a todo crente. Na oração seguinte, João dá a razão para que haja essa comunhão contínua com Cristo: *para que, quando ele se manifestar, possamos estar seguros*.

Ter comunhão com o Filho não se limita a um exercício espiritual de oração e meditação, mas encontra sua plenitude na volta física de Jesus. João menciona a primeira vinda de Jesus em carne – “as nossas mãos apalparam” no capítulo 1 (v. 1). No capítulo 2, ele escreve sobre a certeza da segunda vinda de Jesus (v. 28). A epístola faz poucas referências à sua aparição, mas esse versículo e 3.2 apresentam claramente a verdade da volta de Cristo. Não se sabe quando será sua volta e João não oferece detalhes, a não ser dizer que “quando ele se manifestar, seremos como ele, pois o veremos como ele é” (3.2).

71. Em sua obra *Commentary on the Johannine Epistles*, Brooke escreve: “Esses são versículos de transição e há dúvidas se devem ser ligados à seção que os antecede ou àquela que os sucede” (p.64).

Como os crentes reagem à notícia da volta de Jesus? Eles obedecem aos mandamentos de Deus, permanecem em Cristo e estão confiantes diante da perspectiva da volta de Jesus (comparar com 3.21). A palavra *confiante*, na verdade, significa que os crentes falam de seu Senhor e Salvador Jesus Cristo com prontidão, franqueza e desenvoltura. Eles comunicam sua fé. Além disso, em suas orações, acrescentam o pedido universal da igreja, proferido desde o tempo da ascensão: “Maranata”, ou seja, “Vem, ó Senhor” (1Co 16.22).

Portanto, não se afastam “envergonhados na sua vinda”. Os crentes não se afastam de Cristo envergonhados, pois sabem que seus pecados foram perdoados. Estão livres da vergonha. Mas aqueles que fingem ser cristãos não podem suportar a luz reveladora de sua vinda. Não podem esconder sua vergonha.

A expressão *vinda*, que é usada com freqüência no Novo Testamento para descrever a volta de Cristo,⁷² aparece apenas nessa passagem dos escritos de João. Ele escreve sabendo que os leitores estão completamente familiarizados com a doutrina da volta de Cristo. Alfred Plummer conclui que “esta é uma das muitas pequenas indicações de que ele escreve para leitores bastante instruídos, não para crianças ou recém-convertidos”.⁷³

29 Se sabem que ele é justo, sabem que todos os que fazem aquilo que é certo nasceram dele.

Observe as duas partes deste versículo:

a. *Condição*. João está dizendo aos seus leitores que, se sabem em seu coração que “ele é justo”, também virão a reconhecer que os cristãos justos são nascidos dele. João está lembrando aos leitores que Jesus é “o Justo” (2.1)?

Os pronomes *ele* e *dele* referem-se a Jesus? Tendo em vista que o versículo 29 está ligado ao texto seguinte, e não ao anterior, os pronomes devem apontar para Deus, o Pai (ver 3.1), e não para Cristo (v. 28). Além disso, os crentes são chamados de “filhos de Deus (3.1,2), e nunca de “filhos de Cristo”. A frase *nascido de Deus*

72. Ver, por exemplo, Mt 24.3,27,37,39; 1Co 15.23; 1Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23. 2Ts 2.1,8; Tg 5.7,8. 2Pe 1.16.

73. Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 68.

aparece quatro vezes na epístola (3.9; 4.7; 5.1,4). Além disso, o verbo *ser nascido* implica a existência de um pai e um filho. Indiretamente, o verbo aponta para Deus, o Pai. O contexto, portanto, sugere, sem dúvida, que os pronomes *ele* e *dele* significam Deus, o Pai, e não Jesus, o Filho.⁷⁴

b. *Conclusão*. Num comentário breve e direto, Bengel afirma que “a justiça produz justiça”.⁷⁵ Deus, que é justo, tem filhos e filhas que refletem sua justiça em sua vida diária. Ser justo é equivalente a ser santo. Implica fazer a vontade de Deus, obedecer aos seus mandamentos, amá-lo e amar o próximo. Em resumo, “justo” é um termo usado para aquele que está livre do pecado.

Portanto, a oração “todos os que fazem aquilo que é certo nasceram dele” não descreve aqueles que fazem uma boa ação ocasionalmente. Pelo contrário, a oração revela o estilo de vida da pessoa que é nascida de Deus. Os filhos de Deus procuram fazer o que é bom e agradável aos olhos do Pai. Do nosso ponto de vista, a seqüência deveria ser invertida para “todo aquele que é nascido de Deus pratica a justiça”.⁷⁶ Mas João escreve uma frase condicional que tem duas partes: uma condição, “se sabem que ele é justo”, e uma conclusão, “sabem que todos os que fazem aquilo que é certo nasceram dele”. Observe que a conclusão corresponde com a condição: “justo” com “todos os que fazem aquilo que é certo”. Também explica a razão para uma conduta correta. A conduta dos crentes é justa, porque são filhos de Deus.

Considerações práticas em 2.28,29

No final da parábola do juiz iníquo, registrada em Lucas 18, Jesus, de modo abrupto, fala de si mesmo quando pergunta aos seus seguidores: “Quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?” (v. 8). Essa pergunta parece estar completamente fora de lugar

74. Guiado, talvez, por sua interpretação do contexto (1Jo 3.7), Horst Seebass entende que os pronomes *ele* e *dele* referem-se a Cristo. Ver NIDNTT, vol. 3, p. 362.

75. Bengel, *Gnomons of the New Testament*, vol. 5, p. 126.

76. Consultar Westcott, *The Epistles of St. John*, p. 84. Consultar também Marshall, *The Epistles of John*, p. 169.

na conclusão desta parábola. Porém, o contexto que a antecede (Lc 17.20-37) ensina sobre a volta de Jesus. Quando Jesus se manifestar na sua vinda, encontrará crentes fiéis ao seu chamado? Estarão fazendo aquilo que é justo?

O Novo Testamento fala da volta de Cristo em quase todas as páginas. James Montgomery Boyce comenta: “Ela é mencionada 318 vezes em 260 capítulos do Novo Testamento. É mencionada em cada um dos livros do Novo Testamento, com exceção de Gálatas... e os livros muito curtos, como 2 e 3 João e Filemon.”⁷⁷ Quando João escreve que Jesus está voltando, ele liga a vinda de Jesus ao fazer o que é justo. O crente não está esperando passivamente pela vinda de Cristo, mas ativamente promovendo o reino divino de justiça (Lc 17.20,21). Os cristãos não estão orando por sua volta para que então fujam de suas responsabilidades. Estão orando para a vinda de Cristo para que ele possa encontrar fé sobre a terra.

Palavras, frases e construções do grego em 2.28,29

Versículo 28

νῦν – esse não é um advérbio de tempo, mas de conclusão.⁷⁸

ἐὼν – a partícula é equivalente a ὅταν (seja quando for).

σχωῶμεν – o subjuntivo ativo aoristo de ἔχω (eu tenho). O aoristo é constativo.

ἀπό – vindo depois do verbo *envergonhar-se de*, esta preposição é um eco de uma expressão hebraica.⁷⁹

Versículo 29

ἐὼν – nesse caso, a partícula tem a mesma intenção de εἰ (se).

τὴν δικαιοσύνην – o artigo definido especifica o substantivo, pois está no lugar de αὐτοῦ (dele, a saber, de Deus).

ἐξ – a preposição denota origem.

77. Boice, *The Epistles of John*, p. 96.

78. Thayer, p. 430.

79. Robertson, *Grammar*, p. 473.

Resumo do capítulo 2

João menciona a promessa divina de remissão dos pecados não como uma desculpa para a prática do pecado, mas como um consolo e segurança para o crente que ocasionalmente cai em pecado. Admoesta aqueles que conhecem o Senhor a obedecerem aos seus mandamentos: devem andar como Jesus andou. João lhes dá não um novo mandamento, mas um antigo: amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Em resumo, João exorta todos os cristãos, aos quais se dirige ternamente chamando de “queridos filhos”. Apela aos pais e aos jovens, pois têm conhecido a Cristo e vencido o diabo. João lhes diz para não amarem o mundo, mas fazerem a vontade de Deus.

João adverte quanto à vinda do anticristo e instrui os crentes a reconhecerem as pessoas que negam o Pai e o Filho. Essas pessoas são anticristos. Roga aos seus leitores que permaneçam no Filho e no Pai e que recebam a vida eterna.

O apóstolo informa os cristãos sobre a importância de sua unção. Esta unção é o dom do Espírito Santo, que permanece com eles. E, finalmente, lembra-os da vinda de Cristo e encoraja os crentes a terem confiança e não se envergonhar. Como filhos de Deus, espera-se que busquem a justiça.

CAPÍTULO 3

Creiam em Jesus, *parte 2*

3.1-24

Esboço (continuação)

- 3.1-3 D. Filhos de Deus
- 3.1 1. O amor de Deus
- 3.2 2. Os filhos de Deus
- 3.3 3. O conhecimento de Deus
- 3.4-6 E. A Natureza do Pecado
- 3.4 1. O pecado e a lei
- 3.5 2. A vinda de Cristo
- 3.6 3. Crente e descrente
- 3.7-10 F. Nascido de Deus
- 3.7 1. O justo
- 3.8 2. O iníquo
- 3.9 3. Livre do poder do pecado
- 3.10 4. Justiça e amor
- 3.11-15 G. Ódio ao Mundo
- 3.11,12 1. Amor e ódio
- 3.13,14 2. Ódio
- 3.15 3. Assassinato
- 3.16-18 H. Amor Uns Pelos Outros
- 3.16 1. Positivo
- 3.17 2. Negativo
- 3.18 3. Conclusão
- 3.19,20 I. Confiança Diante de Deus
- 3.21-24 J. Confiem e Obedeçam
- 3.21,22 1. Confiança
- 3.23,24 2. Creiam e amem

3 ¹ Como é grande o amor que o Pai nos tem dado generosamente, tanto que podemos ser chamados filhos de Deus! O motivo pelo qual o mundo não nos conhece é que o mundo não conhecia o Pai. ² Caros amigos, agora somos filhos de Deus, e aquilo que viremos a ser ainda não foi revelado. Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos como ele, pois o veremos como ele é. ³ Todo aquele que tem essa esperança nele se purifica, assim como ele é puro.

D. Filhos de Deus 3.1-3

1. O amor de Deus 3.1

Filhos do Pai celestial
Juntai-vos na segurança de seu seio;
Nem a ave no ninho nem a estrela no firmamento
Jamais receberam refúgio tão seguro

Carolina V. Sandell Berg
(trad. Ernst William Olson)

1 Como é grande o amor que o Pai nos tem dado generosamente, tanto que podemos ser chamados filhos de Deus! O motivo pelo qual o mundo não nos conhece é que o mundo não conhecia o Pai.

Observe os seguintes pontos:

a. *O amor do Pai.* No grego, João começa essa frase com o imperativo “vejam”. Ele quer que os leitores observem as manifestações do amor do Pai. O autor introduz a questão do amor de Deus no capítulo anterior (2.5,15), discute-a rapidamente nesse capítulo (3.1,16,17) e a explica completamente no capítulo seguinte (4.7-9,10,12,16-18). Os leitores devem imaginar o tipo de amor que o Pai dá a seus filhos. Esse amor é grande. A palavra grega traduzida como “grande” ou “que tipo de” aparece apenas seis vezes no Novo Tes-

tamento e “sempre deixa implícito um sentido de espanto e, geralmente, de admiração”.¹

João não diz “o Pai nos ama”. Nesse caso, estaria descrevendo uma situação. Ao invés disso, escreve: “o amor que o Pai tem nos dado generosamente” e assim retrata uma ação e a extensão do amor de Deus. Foi de propósito que João escolheu a palavra *Pai*. Essa palavra implica um relacionamento entre Pai e filho. Porém, Deus não se tornou Pai quando nos adotou como seus filhos. A paternidade de Deus é eterna. Ele é eternamente o Pai de Jesus Cristo, e por meio de Jesus é nosso Pai. Por meio de Jesus recebemos o amor do Pai e somos chamados “filhos de Deus”.

b. *Filhos de Deus*. Que honra! Deus nos chama de filhos seus e nos dá a segurança de que, como seus filhos, somos seus herdeiros e co-herdeiros com Cristo (Rm 8.17). Deus dá o direito de ser seu filho (Jo 1.12) a todos os que, pela fé, receberam Cristo como Senhor e Salvador. Deus estende seu amor ao seu Filho Jesus Cristo e, por meio dele, a todos os seus filhos adotivos.

João enfatiza a realidade de nossa condição quando escreve que, no presente, já somos filhos de Deus. “E é isso que somos!”, como dizem algumas traduções do versículo 1. Em outras palavras, Deus não nos dá uma promessa que cumprirá no futuro. Não, na realidade já somos filhos de Deus. Gozamos de todos os direitos e privilégios que implica nossa adoção, pois viemos conhecer Deus como nosso Pai.

c. *Conhecimento de Deus*. Os filhos de Deus experimentam seu amor. Professam-no como seu Pai, pois têm conhecimento experimental de Deus. Colocam sua confiança e fé sobre aquele que os ama, tudo lhes provê e que os protege.

O mundo hostil e descrente, porém, não conhece os filhos de Deus. João diz que os descrentes não conseguem nos entender, pois não conhecem Deus (comparar com Jo 16.2,3). “O mundo não nos reconhece, pois não reconheceu a ele”.² O mundo descrente vive separado

1. As seis referências são: Mt 8.27; Mc 13.1; Lc 1.29; 7.39; 2Pe 3.11; 1Jo 3.1. Consultar Alfred Plummer, *The Epistles of St. John*, Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p. 71.

2. Raymond E. Brown, *The Epistles of John*, Anchor Bible Series (Garden City. N.Y.: Doubleday, 1982), vol. 30, p. 392.

de Deus e jamais entenderá a importância de nosso relacionamento espiritual com Deus. Se nos tornássemos do mundo, estaríamos abrindo mão de nossa condição de filhos de Deus. Ao rejeitarmos, porém, o mundo, confirmamos nosso relacionamento com Deus, o Pai.

Palavras, frases e construções do grego em 3.1

ἴδετε – segunda pessoa do plural do imperativo ativo de εἶδον (segundo aoristo do verbo ὁράω [eu vejo]).

τέκνα – enquanto João emprega repetidamente o diminutivo τεκνία (filhinhos) para expressar carinho, aqui ele usa o substantivo τέκνα, não υἱοί (filhos) para incluir filhos e filhas.

καὶ ἔσμην – há fortes evidências de manuscritos em favor da inclusão dessas duas palavras. “A ausência dessas palavras em vários dos relatos mais recentes (K L, a maioria dos minúsculos), seguida do Textus Receptus, deve-se a um deslize de escribas, ou talvez tenha sido ocasionada pela semelhança gráfica com a palavra anterior, ou, ainda, um corte editorial proposital de uma oração mal colocada entre parênteses”.³

γινώσκει – o verbo indica conhecimento experimental, ao contrário do verbo οἶδα, que normalmente se refere ao conhecimento inato (ver v. 2).

2. Os filhos de Deus

3.2

2 Caros amigos, agora somos filhos de Deus, e aquilo que viremos a ser ainda não foi revelado. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos como ele, pois o veremos como ele é.

Em grego, João usa o termo “amados”. Esse termo expressa uma idéia passiva, podendo deixar implícito que é Deus quem nos ama:

3. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 710-11.

“Amados de Deus”. João, portanto, continua a enfatizar o relacionamento especial que temos com Deus. O Pai nos ama e, assim, somos seus filhos *agora*. Já nesta vida terrena podemos nos apropriar do direito de sermos filhos de Deus e obter essa segurança.⁴

Somos filhos de Deus (v. 1) que, por causa do pecado, não têm a perfeição. Mas aquilo que é apenas o começo aqui tornar-se-á plena realidade no futuro. João, portanto, observa: “Aquilo que viremos a ser ainda não foi revelado”, isto é, Deus apenas começou em nós sua obra maravilhosa e, a seu tempo, ele a concluirá.

O que seremos no futuro? Apesar de a Bíblia ser um livro que relata a obra da criação e redenção, ela também nos dá uma idéia do futuro. João, por exemplo, fala aos leitores sobre sua identidade com Jesus.

“Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos como ele”.⁵ Em suas epístolas, Paulo revela as mesmas verdades. Eis três passagens relevantes:

E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na sua própria imagem. (2Co 3.18)

[Jesus Cristo] transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória. (Fp 3.21)

Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória. (Cl 3.4)

As Escrituras revelam que, na vinda de Cristo, seremos glorificados de corpo e alma. “Seremos como ele”. Em lugar nenhum a Bíblia afirma que seremos iguais a Cristo. Ao invés disso, ela nos diz que seremos conformes a semelhança do Filho de Deus. Compartilhamos de sua imortalidade. Porém Cristo tem a primazia, pois o Filho de Deus é “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). Haverá crenças ao redor do trono de Deus e do Cordeiro. “Contemplarão a sua face, e nas suas fronteiras está o nome dele” (Ap 22.4).

4. Para passagens relacionadas, ver Rm 8.15; Gl 3.26; 4.6, onde aparecem os termos filho e adoção.

5. Os estudiosos usam como sujeito o termo *aquilo* numa variação da primeira oração: “Sabemos que quando *aquilo* se manifestar”, para fazer referência à oração anterior, *o que havemos de ser*. O contexto imediato (2.28; 3.5,8), porém, está relacionado à vinda de Cristo. Por esse motivo, prefiro o texto *quando ele se manifestar*.

Palavras, frases e construções do grego em 3.2

φανερωθῆ̄ – o passivo do subjuntivo aoristo do verbo φανερώω (eu revelo) não tem sujeito. Pode tanto ser pessoal (referindo-se a Cristo) como impessoal (referindo-se à frase τί ἐσόμεθα).

3. O conhecimento de Deus

3.3

3 Todo aquele que tem essa esperança nele se purifica, assim como ele é puro.

Como o crente encara o futuro? Ele recebeu a promessa de Deus de completa restauração, e agora vive na esperança de que Deus cumprirá essa promessa.⁶

João declara um fato: “Todo aquele que tem essa esperança nele se purifica, assim como ele é puro”. Ele evita expressar um desejo (“que a si mesmo se purifique”), uma possibilidade (“aquele que a si mesmo se purificar”) ou uma ordem (“deve purificar-se a si mesmo”). João coloca esse fato declarado em termos afirmativos. O crente vive na esperança de tornar-se semelhante a Jesus Cristo e, quanto mais ele contempla essa verdade, mais se purifica do pecado. Ele procura limpar-se do pecado que contamina o corpo e a alma, luta constantemente pela santidade e reverência a Deus (2Co 7.1).

“Assim como ele é puro”. Nos capítulos anteriores, João escreve que, se temos comunhão com Jesus, ele nos purifica do pecado pelo seu sangue (1.7) e, se afirmamos ter comunhão com ele, devemos “andar assim como ele andou” (2.6). Dentro disso, João aponta para o referencial: assim como Cristo é puro, assim também seus seguidores devem buscar a pureza.⁷

6. Nos escritos de João, o conceito de esperança expressa em forma de substantivo ou verbo é pouco freqüente. O verbo aparece apenas três vezes (Jo 5.45; 2Jo 12; 3Jo 14) e o substantivo uma vez (1Jo 3.3).

7. Consultar Heinrich Baltensweiler, *NIDNTT*, vol. 3, p. 102. Ver Friedrich Hauck, *TDNT*, vol. 1, p. 123.

Considerações doutrinárias em 3.1-3

Em sua primeira epístola, João ensina a doutrina fundamental de que uma das características de Deus é o amor.⁸ Assim, o apóstolo apresenta a declaração curta *Deus é amor*. João transmite a idéia de que Deus toma a iniciativa desse amor e o concede a seu povo (3.1). O amor, portanto, não tem sua origem no ser humano, mas em Deus (4.7). Quando o ser humano é o recipiente do amor de Deus, deve, por sua vez, refletir esse amor para com Deus e para com o próximo, mas a pessoa que não mostra esse amor ao próximo não possui o amor de Deus (3.17). O amor não é exclusivo, passivo ou abstrato. Ele é explícito, ativo e íntimo, é o elo que une aquele que dá ao que recebe. Como filhos de Deus e recipientes do amor divino, confessamos que não somos capazes de compreender as dimensões do amor de Deus. Horatius Bonar resumiu esse fato nas seguintes palavras:

Ó amor de Deus, quão forte e verdadeiro,
Eterno, e ainda assim, sempre a se renovar.
Incompreendido, igual não há no mundo inteiro,
Vai além de todo saber e todo pensar.

Palavras, frases e construções do grego em 3.3

τὴν ἐλπίδα ταύτην ἐπ' αὐτῶ – o substantivo ἐλπίδα recebe ênfase do artigo definido que o antecede e do adjetivo demonstrativo que o sucede. Observe que a preposição ἐπί significa, literalmente, “sobre”. O pronome αὐτῶ é relativo a Cristo.

4 Todo aquele que peca transgride a lei; na verdade, o pecado é a transgressão da lei. 5 Mas vocês sabem que ele se manifestou para que pudesse remover nossos pecados. E nele não há pecado. 6 Ninguém que vive nele continua pecando. Ninguém que continua pecando o viu ou o conheceu.

8. Ver Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 105. Consultar também Harold W. Hoehner, “Love”, *EDT* pp. 656-59.

E. A Natureza do Pecado

3.4-6

1. O pecado e a lei

3.4

Apesar de o crente procurar viver em obediência à vontade de Deus, ele sabe que seus atos estão manchados pelo pecado. Isso não significa que o pecado o controla. Pelo contrário, o cristão se opõe bravamente ao pecado, pois quer fazer o que é justo (2.29; 3.7). Caso tropece, o filho de Deus refugia-se em Cristo para rogar pela remissão.

4 Todo aquele que peca transgride a lei; na verdade, o pecado é a transgressão da lei.

Essa epístola de João é marcada pelo contraste. Primeiro, João retrata o filho de Deus que se purifica (3.3) e, depois, mostra a pessoa que continua a viver em pecado e a praticar a injustiça. O filho de Deus, portanto, não pode continuar a pecar, e o descrente que se entrega ao pecado não pode ser um filho de Deus.

O que é pecado? É a quebra de um código, isto é, a lei que foi dada por Deus.⁹ Qualquer um pode verificar que uma linha está torta quando uma linha perfeitamente reta é desenhada ao seu lado.¹⁰ João torna o comportamento pecaminoso ainda mais evidente ao contrastá-lo com a justiça.

O apóstolo explica o que quer dizer. Afirma que pecar é o mesmo que desconsiderar completamente a lei de Deus. Para ele, pecado e transgressão constituem dois termos intercambiáveis. João oferece uma breve definição de pecado ao revelar a natureza deste: *o pecado é a transgressão da lei*. “[O pecado] é uma rejeição deliberada das leis de Deus e uma entrega aos próprios desejos”.¹¹ O

9. Os teólogos de Westminster que, no século 17, compuseram o Breve Catecismo, fazem a pergunta (14): *O que é pecado?* e dão como resposta: “Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei”.

10. Consultar John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. Andrew R. Fausset, 7ª ed., 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 5, p. 127.

11. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 196. Vários comentaristas aceitarão a definição de João, que iguala o pecado à transgressão da lei. Outros entendem que as palavras de João não são uma definição, mas sim uma referência ao estado de iniquidade geral no

pecado tem sua origem no diabo e se expressa através do ato realizado de vontade própria e contra Deus. João conclui que a pessoa que continua a fazer o que é pecaminoso “procede do diabo” (3.8).

Palavras, frases e construções do grego em 3.4

πᾶς ὁ ποιῶν – a construção πᾶς, seguida do artigo definido e do participio presente ou perfeito, aparece 14 vezes na epístola.¹² O tempo presente da partícula denota uma ação que tem continuidade.

τὴν ὁμοίαν ποιεῖ – João usa o substantivo ὁμοία apenas duas vezes – nesse versículo. Em ambas as vezes, o substantivo é precedido do artigo definido. O verbo ποιεῖ está no tempo presente para indicar duração.

2. A vinda de Cristo

3.5

5 Mas vocês sabem que ele se manifestou para que pudessem remover nossos pecados. E nele não há pecado.

Por vezes, João não delinea claramente a diferença entre a vinda de Cristo e a sua volta. Nesse contexto, porém, João faz alusão ao ministério de Jesus na terra e lembra seus leitores que eles conhecem muito bem a essência do evangelho: *Cristo tira os nossos pecados*. Essas palavras são uma lembrança clara do clamor de João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).¹³

Os profetas do Antigo Testamento profetizaram que o Messias viria para remover os pecados de seu povo (ver Is 53). No Novo

fim dos tempos (2Ts 2.3-8). Consultar, por exemplo, Brown, *The Epistles of John*, pp. 399-400. Porém, fica em aberto se João quis dizer em sua epístola que o espírito de iniquidade se manifestaria apenas no fim dos tempos. Ele chama o tempo presente de “a última hora”, na qual há muitos anticristos (ver 2.18).

12. Eis os versículos: 2.23,29; 3.3,4,6 [duas vezes], 9,10,15; 4.7; 5.1 [duas vezes], 4,18.

13. Para uma discussão completa de Jo 1.29 à luz de fontes rabínicas, ver SB, vol. 2, pp. 363-70.

Testamento, os apóstolos e ajudantes apostólicos ensinam a mesma doutrina como um fato consumado (ver, por exemplo, 2Co 5.21; 2Pe 2.24). Eles ensinam que Cristo tira os pecados – observe o plural – de uma vez por todas, pois ele próprio não tem pecado. Só Cristo, no qual não existe pecado, pode fazer isso.

“Nele não há pecado”. João escreve no tempo presente para indicar que Cristo sempre foi, é e sempre será aquele que não tem pecado. O crente deve opor-se ao pecado com todas as suas forças e lutar pela santidade.

Uma das marcas de ser um filho de Deus é ser livre da tirania do pecado. Se o cristão vive uma vida de pecado, sua afirmação de ser filho de Deus perde todo o sentido.

Palavras, frases e construções do grego em 3.5

τὸς ἁμαρτίας – o plural significa que todos os pecados são tirados (ver, porém, 5.16). É difícil determinar a razão para incluir ou excluir o pronome ἡμῶν. Muitos estudiosos omitem o pronome, pois são da opinião que ele é uma assimilação de frases paralelas em 2.2 e 4.10.

3. *Crente e descrente*

3.6

6 Ninguém que vive nele continua pecando. Ninguém que continua pecando o viu ou o conheceu.

Mais uma vez, João apresenta um contraste. Ele compara o crente, que encerrou a vida de pecado, pois agora vive em Cristo, com um descrente que, vivendo em pecado, não viu nem conheceu Cristo.

João começa com uma descrição do crente. Ao longo de toda a epístola, o apóstolo repete a mesma verdade, a saber: a pessoa que vive em Cristo e tem comunhão contínua com ele obedece à Palavra de Deus.¹⁴ João está ciente de que, de vez em quando, o crente tropeça

14. Ver as seguintes passagens: 1.3,7; 2.3,5,23,29; 3.3,4,9,10,15; 4.7; 5.1,3,4,18.

ça e cai em pecado e de que, se confessa o seu pecado, Cristo o perdoa e o purifica de toda injustiça (1.9). João também sabe que o crente não é mais prisioneiro do pecado, pois sua vida é controlada por Cristo (comparar com Gl 2.20). Diz o apóstolo: “Ninguém que é nascido de Deus continuará a pecar, pois a semente de Deus permanece nele; ele não pode continuar pecando, pois é nascido de Deus” (3.9).

Que diferença observamos quando comparamos a vida do crente com a do descrente! O descrente continua a pecar e a demonstrar que não tem comunhão com Cristo. João, de fato, declara que a pessoa que persiste no pecado não viu nem conheceu Cristo. “Aquele que pratica o mal, jamais viu a Deus” (3Jo 11). Devemos entender o verbo *ver* (no passado) de forma espiritual. Ele equivale ao verbo *crer*. Qualquer um, portanto, que permanece em pecado, não tem fé em Cristo e não o conhece pessoalmente. É um descrente.

Considerações práticas em 3.4-6

O mundo oferece sua própria definição de pecado. Para muitas pessoas, o pecado é um deslize – normalmente ligado ao sexo – que gera sorrisos e risadas. A seu ver, o pecado não deve ser levado a sério.

Outros vêem o pecado como uma fraqueza ou imperfeição causada por um defeito psicológico. Ainda outros tentam explicar o pecado em termos de um erro que qualquer ser humano é capaz de cometer. Em resumo, de acordo com o mundo, o pecado não é nada sério.

A palavra grega traduzida como *pecado* tem sua origem em “errar o alvo”, ou seja, alguém atirando com arco e flecha mira no centro do alvo e erra. No mundo grego, portanto, o pecado era considerado um erro de cálculo.

Porém João discorda disso completamente. Para ele, o pecado é uma ofensa grave contra Deus. Significa uma desconsideração intencional e violação de sua lei divina. O pecado é uma afronta direta a Deus, é uma expressão de inimizade e alienação digna da ira de Deus.

Como podemos encontrar restauração? Os pecados do homem só são removidos por meio da morte sacrificial de Jesus Cristo. Donald G. Bloesch escreve: “Cristo não apenas paga o preço do pecado,

como vai além daquilo que a lei requer: ele aceita o pecador junto a si, adotando essa pessoa em sua família como irmão ou irmã”.¹⁵

Palavras, frases e construções do grego em 3.6

ὁμοιότυπει – o tempo presente desse verbo é interativo.

7 Queridos filhos, não deixem que ninguém os faça desviar. Aquele que faz o que é certo é justo, assim como ele é justo. 8 Aquele que faz o que é pecaminoso é do diabo, pois o diabo tem pecado desde o princípio. O motivo de o Filho de Deus se manifestar foi para destruir a obra do diabo. 9 Ninguém que é nascido de Deus continuará a pecar, pois a semente de Deus permanece nele; ele não pode continuar pecando, pois é nascido de Deus. 10 É assim que sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do diabo: aquele que não faz o que é certo não é um filho de Deus, nem aquele que não ama seu irmão.

F. Nascido de Deus 3.7-10

1. O justo 3.7

Nessa seção, João lança mão do paralelismo e da repetição, especialmente nos versículos 4 a 10. Se colocarmos os versículos graficamente em seqüência, vemos o seguinte esquema:

versículo 4	=	8a
versículo 5	=	8b
versículo 6a	=	9
versículo 7b	=	10

Observe também que, enquanto o versículo 7 abre o último parágrafo dessa seção de modo afirmativo, o versículo 10 o encerra negativamente.

15. Donald G. Bloesch, “Sin”, *EDT*, p. 1015. Ver também Walther Günther, *NIDNTT*, vol. 3, p. 582.

7 Queridos filhos, não deixem que ninguém os faça desviar. Aquele que faz o que é certo é justo, assim como ele é justo.

O pastor fala ternamente aos membros da igreja: “Queridos filhos”. Ele quer que saibam a diferença entre verdade e engano, isto é, entre os ensinamentos de Jesus e os ensinamentos do diabo. Ele sabe da influência perniciosa de mestres que desejam desviar os membros da igreja, fazendo-os crer que Deus é compatível com uma vida pecaminosa. João expõe essa mentira e adverte seus leitores para que fiquem atentos quanto a esses falsos mestres.

“Não deixem que ninguém os faça desviar” (comparar com 2.26). João pede ao seu povo que aplique a verdade como parâmetro para poder detectar o engano. Eis o critério: “Aquele que faz o que é certo é justo, assim como ele é justo”. A pessoa que é nascida de Deus reflete sua linhagem espiritual – tal Pai, tal filho. Por causa de seu renascimento espiritual, o crente deseja expressar sua gratidão a Deus e fazer aquilo que é justo (ver 2.29). Além do mais, pelo fato de o viver de justiça ter origem num coração justo, o crente mostra, por meio de sua conduta, que é um dos filhos de Deus (3.10). Ele é justo, assim como Cristo é justo.

A comparação através das palavras *assim como* não significa que o cristão é idêntico a Cristo em todos os aspectos. É claro que não. Apesar de Deus perdoar os pecados, o cristão não continua a viver sem pecado. Quando João escreve que o crente é justo assim como Cristo é justo, quer dizer que o filho de Deus e o Filho de Deus são membros justos da família de Deus (comparar com 2.1).

2. O iníquo

3.8

8 Aquele que faz o que é pecaminoso é do diabo, pois o diabo tem pecado desde o princípio. O motivo de o Filho de Deus se manifestar foi para destruir a obra do diabo.

A primeira parte desse versículo é paralela ao versículo 4: “Todo aquele que peca transgredir a lei”. Em outras palavras, o versículo 8a é o equivalente negativo do versículo 7b.

a. “Aquele que faz o que é pecaminoso é do diabo”. João praticamente repete as palavras que Jesus disse aos judeus quando falou que “todo que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34) e que “vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade” (Jo 8.44). Agostinho, patriarca da igreja do século 5º, descreve o homem pecador com as seguintes palavras:

O diabo não fez homem algum, não deu à luz homem algum, não criou homem algum: mas aquele que imita o diabo, este, como se tivesse dele nascido, torna-se filho do diabo; ao imitá-lo, e não por ter literalmente nascido dele.¹⁶

b. “Pois o diabo tem pecado”. Observe que, nesse versículo, João aponta para a origem do pecado: o diabo. Todo pecado origina-se de Satanás, pois ele pecou desde o princípio. Como podemos entender a frase *desde o princípio*? John Albert Bengel responde, com sabedoria, que “*desde o princípio* [significa] desde o tempo em que o diabo é diabo”.¹⁷ Não sabemos quanto tempo Satanás permaneceu em seu estado angelical imaculado. Quando ele caiu em pecado, tornou-se o gerador e instigador do pecado. Enganou Adão e Eva e, por intermédio deles, colocou toda a raça humana sob a escravidão do pecado. Como “príncipe deste mundo” (Jo 12.31; 14.30; 16.11) ele governa o homem que vive em pecado.

c. “O motivo de o Filho de Deus se manifestar foi para destruir a obra do diabo”. Ninguém menos do que o Filho de Deus se manifestou para libertar o homem do poder de Satanás (Hb 2.14,15). O Filho de Deus veio para salvar seu povo da escravidão do pecado e restaurá-lo à condição de filhos de Deus que são “zelosos de boas obras” (Tt 2.14).

16. Agostinho, *Dez Homílias Sobre a Primeira Epístola de João*, trad. H. Browne, Homily 4.10 in *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Eerdmans, 1974), 1ª série, vol. 7, p. 486. Ver também Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 78; B. F. Westcott, *The Epistles of St. John, The Greek Text, with Notes and Addenda* (1883; Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 106.

17. Bengel, *Gnomon of the Greek New Testament*, p. 127. Comparar também I. Howard Marshall, *The Epistles of John*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), p. 184, n. 30.

Palavras, frases e construções do grego em 3.8

ὁμορπύει – o tempo presente é interativo ou de costume.¹⁸

3. Livre do poder do pecado

3.9

9 Ninguém que é nascido de Deus continuará a pecar, pois a semente de Deus permanece nele; ele não pode continuar pecando, pois é nascido de Deus.

Esse versículo é paralelo ao versículo 6a (comparar com 5.18). É uma declaração mais abrangente, na qual a ênfase está em dois itens que são colocados numa seqüência invertida: 1) aquele que é nascido de Deus 2) não vive na prática do pecado; e faz com que a oração “pois a semente de Deus permanece nele” seja uma ligação entre a oração anterior e a seguinte.

a. *Nascido de Deus.* A frase *nascido de Deus* é característica de João, pois ele a usa várias vezes (2.29; 3.9; 4.7; 5.1,4,18). Significa que a pessoa nasceu espiritualmente no passado e, no presente, continua sendo filha de Deus, ou seja, tem sua origem e existência em Deus. Enquanto a pessoa que pratica o pecado tem Satanás como pai, o crente que nasceu de novo sabe que Deus é seu Pai. As palavras de Jesus são importantes: “Não pode a árvore boa produzir maus frutos, nem a árvore má produzir bons frutos” (Mt 7.18).

“A semente de Deus permanece nele”. A palavra *semente* tem uma conotação figurativa: “a natureza de Deus” ou “princípio divino da vida”. Deus guarda a nova vida que plantou no coração do crente e a faz desenvolver-se. O crente, então, não irá e não poderá se entregar ao pecado, por causa daquele princípio divino em seu coração.

b. *Impossibilidade de pecar.* Os tradutores da New International Version tentaram refletir o tempo verbal grego ao adicionar algumas

18. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 880.

palavras: “Ninguém que é nascido de Deus *continuará* a pecar... ele não pode continuar *pecando*” (itálico nosso).¹⁹ Essa é uma interpretação aceitável da intenção de João. No grego, o verbo expressa ação contínua, e não uma única ocorrência. Assim, ao usar o tempo presente dos verbos gregos, João está dizendo que o crente não pode praticar o pecado como um hábito. “O pensamento que está sendo transmitido em 1 João 3.9 não é que aquele nascido de Deus jamais cometerá um ato pecaminoso, mas que ele não persistirá no pecado”.²⁰

O pecado não se origina em Deus, pois “nele não há absolutamente nenhuma escuridão” (1Jo 1.5). Uma pessoa que é nascida de Deus e possui a natureza de Deus não pode viver continuamente em pecado. Ainda assim, a possibilidade de cair em pecado ocasionalmente continua presente, como todo cristão bem sabe.²¹

Palavras, frases e construções do grego em 3.9

ΓΕΓΕΝΗΜΕΝΟΣ – o particípio perfeito passivo de ΓΕΝΝΩ (eu dou origem) denota ação que ocorreu no passado; sua influência, porém, continua até o presente.

οὐ δύναται ἁμαρτάνειν – observe que João não escreve “é capaz de não de pecar”, mas “não é capaz de pecar”. Alguns estudiosos da gramática consideram o presente do infinitivo como sendo durativo, outros o consideram um estado,²² ou seja, um cristão peca, mas não pode ser chamado de pecador. Ele pertence a Cristo, que o redimiu e o santificou e que destruiu as obras do diabo.

19. Outras traduções oferecem uma versão literal: “Aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado... e não pode pecar” (NKJV).

20. V. Kerry Inman, “Distinctive Johannine Vocabulary and the Interpretation of 1 John 3.9”, WJT 40 (1977): 142.

21. Consultar P. P. A. Kotze, “The Meaning of 1 John 3.9 with reference to 1 John 1.8 and 10”, Neotestamentica 13 (1979): 68-83.

22. Consultar, por exemplo, H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (Nova York: Macmillan, 1967), p. 195. Ver também N. Turner, *A Grammar of New Testament Greek* (Edimburgo: Clark, 1963), pp. 150-51; Robert Hanna, *Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), pp. 435-36.

4. *Justiça e amor*

3.10

10 É assim que sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do diabo: aquele que não faz o que é certo não é um filho de Deus, nem aquele que não ama seu irmão.

Em toda esta epístola, João apresenta nossa existência em termos de duas categorias: ou você é um filho de Deus ou um filho do diabo. João vê somente os absolutos: luz ou trevas, verdades ou mentiras, Deus ou o diabo, vida ou morte. Para ele, não há meio termo. Não há alternativas.

Como sabemos a qual categoria pertencemos? João diz que a prova está em nossa conduta: o filho de Deus faz o que é justo e ama seu irmão, mas o filho do diabo deixa de fazer essas coisas. João apresenta o critério de forma negativa – “aquele que não faz o que é certo não é um filho de Deus” – para que o cristão observe e aplique-se ativamente em fazer a vontade de Deus.²³

Considerações práticas em 3.7-10

“O diabo me levou a fazer isso”. Apesar de algumas pessoas usarem essas palavras para fugir da responsabilidade de seus atos maus, nenhum tribunal aceita esse tipo de testemunho como uma desculpa válida. A menos que seja provada insanidade, uma pessoa é responsável por seu próprio comportamento.

Ainda assim, a admissão de que o diabo está por trás dos atos pecaminosos é uma verdade inegável. Um assassino condenado torna-se explicitamente um homicida quando tira a vida de alguém. Mas, implicitamente, ele já é um homicida quando é instigado pelo diabo para matar. Se ele não estivesse sob o poder de Satanás, não cometeria tal crime.

O filho do diabo, como diz João, continua a cometer pecados porque não tem a natureza de Deus dentro de si. O filho de Deus, pelo

23. Comparar com Westcott, *The Epistles of St. John*, p. 109.

contrário, deseja fazer o que é justo e, assim, demonstra seu amor por Deus e pelos homens. Nascido de Deus, o crente procura refletir as virtudes e a excelência do Pai. Quando cai em pecado, percebe que Satanás o fez desviar-se. Porém, quando volta para Deus em fé e arrependimento, encontra o perdão. Como filho de Deus, ele nunca está sob o poder do maligno.

Outros Comentários

Existe uma vasta literatura sobre 1João 3.7-10. Muitos comentaristas expressam sua opinião sobre aquilo que pensam ser a interpretação correta desses versículos à luz da epístola como um todo. Com frequência, examinam todos os aspectos dessa passagem no contexto de suas próprias inclinações teológicas ou filosóficas. Discutem a aparente contradição entre 1.8,10, “se afirmamos que não temos pecado, a nós mesmos nos enganamos e a verdade não está em nós... Se afirmamos que não pecamos, fazemos dele um mentiroso” e 3.9c, “não pode continuar pecando” (ver também 5.16). Raymond E. Brown faz o seguinte comentário: “Nenhum outro autor do Novo Testamento se contradiz tão claramente dentro de uma extensão tão pequena de texto e, inevitavelmente, muita energia acadêmica foi gasta para provar que não existe contradição”.²⁴

O que os estudiosos têm a dizer sobre esse problema? Das muitas explicações existentes, apresentamos aqui três em sua forma resumida: Primeiro, João escreve como um pastor para o seu povo e os chama a confessar seus pecados (1.8-10), mas ele também coloca diante deles o ideal de que todos aqueles nascidos de Deus não podem pecar.²⁵ Esse ponto de vista, entretanto, representa um ideal, e não a realidade.

Em segundo lugar, devemos distinguir entre diferentes tipos de pecado: pecado intencional (5.16,17) e pecado involuntário; pecados

24. Brown, *The Epistles of John*, p. 413.

25. Consultar Henry Alford, *Alford's Greek Testament, An Exegetical and Critical Commentary*, vol. 4, pt. 2, *James-Revelation* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Guardian, 1976), p. 465. Ver também Ignace de la Potterie, “The Impeccability of the Christian, According to 1 John 3.6-9”, in *The Christian Lives by the Spirit*, Ignace de la Potterie e Stanislaus Lyonet (Staten Island: Alba, 1971), p. 90.

mortais e pecados insignificantes; e o pecado de se recusar a crer em Jesus em contraste com o lapso pecaminoso temporário por parte do crente. De qualquer modo, aos olhos de Deus, todo pecado é uma transgressão da lei (Tg 2.9-11).

Por último, com sua típica abordagem dupla, João descreve a pessoa que peca persistentemente, porque está sob o poder do maligno, e o cristão que pode cair em pecado, mas não pode pecar persistentemente.²⁶ Ao expressar esse pensamento, João usa verbos gregos no tempo presente e que indicam ação contínua (como, por exemplo, “não pode viver pecando” [3.9]). Muitos comentaristas adotaram essa abordagem como uma interpretação plausível.²⁷

11 Esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: devemos amar uns aos outros. 12 Não sejam como Caim, que pertencia ao maligno e assassinou seu irmão. E por que ele o assassinou? Porque seus próprios atos eram perversos e os de seu irmão eram justos. 13 Não fiquem surpresos, irmãos, se o mundo os odeia. 14 Sabemos que passamos da morte para a vida, pois amamos nossos irmãos. Aquele que não ama permanece na morte. 15 Aquele que odeia seu irmão é um assassino e vocês sabem que nenhum assassino tem dentro de si a vida eterna.

G. Ódio ao Mundo

3.11-15

1. Amor e ódio

3.11,12

João contrasta amor e ódio ao começar afirmando o mandamento de amar uns aos outros e depois ao relembrar o ódio que Caim demonstrou quando matou seu irmão.

11 Esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: devemos amar uns aos outros. 12 Não sejam como Caim, que pertencia ao maligno e assassinou seu irmão. E por que ele o assassinou? Pois seus próprios atos eram perversos e os de seu irmão eram justos.

26. Consultar J. R. W. Stott, *The Epistles of John: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 135.

27. Essa interpretação recebeu o apoio de Inman, “Distinctive Johannine Vocabulary”.

a. *Amor*. Ao longo de sua epístola, João repete os temas principais de seus ensinamentos para certificar-se de que os leitores se lembrem de sua instrução. Aqui, ele os faz lembrar do mandamento que deu no capítulo anterior (2.7), o de amar uns aos outros. Ele introduz esse preceito com as palavras “esta mensagem que vocês ouviram desde o princípio”. Quando ouviram pela primeira vez a proclamação do evangelho, vieram a conhecer a mensagem de amar uns aos outros. Esse mandamento, portanto, é fundamental para a religião cristã (comparar com Jo 13.34; 15.12; 1Jo 3.23). Ele não pode ser considerado uma idéia secundária no ensinamento sobre a revelação de Deus.

b. *Ódio*. Ao contrário do amor, o ódio destrói e mata. João fala de Caim sem dar detalhes ou maiores descrições, exceto que ele pertencia ao maligno e matou seu irmão. Observe que João menciona Caim pelo nome, porém não Abel. O apóstolo concentra-se em Caim, pois ele representa aqueles que não são nascidos de Deus, mas que pertencem ao maligno (comparar com v. 10a; Jo 8.44). “O caso não é que Caim, ao assassinar seu irmão, tornou-se filho do diabo, mas sim que, sendo um filho do diabo, suas ações eram malignas e culminaram com o assassinato de seu irmão”.²⁸

c. *Assassinato*. Os tradutores evitam uma tradução literal quando oferecem aos leitores a palavra *assassinou*: “Caim... assassinou seu irmão”. Mas o grego na verdade diz: “Caim... *cortou a garganta de seu irmão*” (JB, itálico nosso). Sem dúvida, o relato em Gênesis (4.8) é bastante sucinto nesse ponto. Além disso, o autor aos Hebreus menciona indiretamente a morte de Abel (11.4). O primeiro ato de matar um ser humano, porém, está inseparavelmente ligado ao nome *Caim*.

d. *Maligno e justo*. “E por que ele o assassinou?” Ao invés de dizer que Caim matou Abel por causa de seu ódio, João cria um contraste entre as obras de Caim e as de seu irmão. Os atos de Caim eram malignos, e os de seu irmão eram justos. Esses dois adjetivos oferecem o contraste. A palavra grega para *maligno* é a mesma que João usa para descrever Satanás (2.13,14; 5.18,19). Em resumo, João revela que as obras de Caim tiveram origem em Sata-

28. Glenn W. Barker, *1 John, Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelen, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), vol. 12, p. 335.

nás. O termo *justo*, porém, é um termo que se refere a Jesus Cristo (1.9; 2.1,29; 3.7). Em outras palavras, Caim pertencia a Satanás e Abel pertencia a Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 3.12

Καὶν – essa é a única referência direta ao Antigo Testamento em toda a epístola.

τοῦ πονηροῦ – João usa esse termo para Satanás, “enquanto o homem é o campo de batalha entre Satanás e Cristo”.²⁹ O adjetivo πονηρός (maligno) descreve as obras de uma pessoa que pertence a Satanás.

ἔρφαξεν – do verbo σφάζω (eu assassino), no aoristo a palavra se refere a matar alguém usando métodos violentos.

χόριν – esse substantivo no acusativo serve de preposição que governa o genitivo. Normalmente, a preposição vem depois do genitivo. Esse versículo representa uma exceção.³⁰

2. Ódio

3.13,14

Agora João está preparado para contrastar ódio e morte com amor, escrevendo:

13 Não fiquem surpresos, irmãos, se o mundo os odeia. 14 Sabemos que passamos da morte para a vida, pois amamos nossos irmãos. Aquele que não ama permanece na morte.

a. “Não fiquem surpresos”. Os crentes estão admirados com o ódio que suportam do mundo ao seu redor. Não esperavam qualquer demonstração de ódio. Como verdadeiros cristãos, ofereciam e continuavam a oferecer cuidado aos necessitados e amor aos que os cercam.

29. Günther Harder, *TDNT*, vol. 6, p. 559. Ver também Ernst Achilles, *NIDNTT*, vol. 1, p. 566.

30. Consultar C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 86.

João diz: “Parem de se surpreender”. O mundo está cheio de descendentes de Caim que expressarão seu ódio contra os filhos de Deus.

b. “Irmãos”. Assim como os outros crentes, João também experimenta o ódio do mundo e, portanto, coloca-se ao lado de seus leitores. Ele os chama de “irmãos”. O tratamento empregado por João nesta epístola, normalmente, é “queridos filhos” ou “amados”, mas, nesse versículo, e somente aqui, ele usa a palavra *irmãos*. Como seu pai espiritual, ele se dirige aos seus leitores como filhos ou amados; como companheiro cristão, ele os chama de irmãos.

c. “Se o mundo os odeia”. Junto com os irmãos, João suporta a oposição que um mundo cheio de pecado expressa em relação aos cristãos. Quando João escreve “se o mundo os odeia” ele não está prevendo a possibilidade de que isso possa acontecer. A palavra *se*, nessa frase, na verdade, é equivalente a “porque”: “Irmãos, não fiquem surpresos porque o mundo os odeia”. Essas palavras nos fazem lembrar a advertência de Jesus dizendo que o cristão será odiado pelo mundo. “Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim” (Jo 15.18).

d. “Passamos da morte para a vida”. Com essa afirmação, João introduz uma idéia que não está relacionada com o versículo anterior (v. 13). A declaração parece contrária à natureza: todos os seres vivos (seres humanos, animais, plantas) passam da vida para a morte. Porém, João introduz o versículo 14 com as palavras de certeza *nós sabemos*. Ele usa o verbo *saber* porque os leitores conhecem o evangelho. Foram ensinados que, assim como todas as outras pessoas, eles um dia tinham estado mortos em suas transgressões e pecados (consultar Ef 2.1,5) até que passaram “da morte para a vida” (ver Jo 5.24). O fato de estarem mortos revela que Deus os havia conduzido da morte para a vida. Eles não podem afirmar que são superiores àqueles que ainda estão na morte. Deus é quem salva, e não o homem.

Observe que João não diz: “Por amarmos nossos irmãos, passamos da morte para a vida”. Ele declara o contrário, dizendo que “o amor pelos irmãos é a prova, e não a base, da nossa vida espiritual”.³¹

31. Marshall, *The Epistles of John*, p. 191.

O amor pelos irmãos é, na verdade, uma expressão de gratidão a Deus por seu dom da vida.

e. “Aquele que não ama permanece na morte”. O filho de Deus passa da morte para a vida, mas a pessoa que pertence ao maligno permanece na morte. Por quê? Porque ela não ama. A marca da vida espiritual é o amor. E, quando o amor é expresso, a vida floresce. Se o amor está ausente da vida de uma pessoa, o ódio, com todas as suas conseqüências sombrias, preenche esse vazio.

Palavras, frases e construções do grego em 3.13,14

Versículo 13

καί – continua a ser uma questão em aberto se essa conjunção deve ser removida ou incluída no texto. Os estudiosos normalmente incluem a palavra, mas colocam-na entre colchetes para indicar que têm dúvidas sobre sua autenticidade.

εἶ – verbos de emoção, como por exemplo θαυμάζω (estou surpreso), algumas vezes usam a partícula εἶ.

Versículo 14

ἡμεῖς – o uso do pronome enfatiza o verbo οἶδαμεν (eu sei), que indica um conhecimento inato.

μεταβεβήκαμεν – o termo composto do verbo μεταβαίνω (eu saio) é diretivo. Indica sair de um lugar e ir para outro. O tempo perfeito revela uma ação que ocorreu no passado; suas conseqüências ainda têm relevância no presente.

ἀγαπῶν – alguns manuscritos acrescentam τὸν ἀδελφόν (o irmão). “Deve-se dar preferência ao texto mais curto, pois: (a) é certificado por testemunhos mais substanciais e (b) é mais provável que os copistas acrescentassem do que tirassem um objeto que completa o pensamento do participio”.³³

32. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 965.

33. Metzger, *Textual Commentary*, p. 711.

3. *Assassinato*

3.15

Qualquer um que não tenha amor possui um coração repleto de ódio. Não há meio termo, e o ódio pode acabar em assassinato, como provou Caim.

15 Aquele que odeia seu irmão é um assassino e vocês sabem que nenhum assassino tem dentro de si a vida eterna.

Sem mencionar o nome, João se refere indiretamente a Caim, a primeira pessoa acusada de homicídio – mais precisamente, de fratricídio, pois Caim matou seu irmão. João, porém, chama todo aquele que odeia seu próximo de assassino. Mas o ódio sempre leva ao assassinato? João Calvino observa com perspicácia: “Se desejamos que um mal aconteça ao nosso irmão causado por outra pessoa, somos assassinos”.³⁴

A palavra *assassino* aplica-se a Satanás (Jo 8.44). Ele instigou o homicídio de Abel e, assim, Caim também tornou-se conhecido como assassino. A consequência de ser um assassino é que a pessoa abre mão da vida eterna. João lembra aos seus leitores a lei do Antigo Testamento sobre não matar (Gn 9.5,6; Êx 21.12; Nm 35.16,19,21) e o ensinamento de Jesus sobre esse assunto (Mt 5.21,22). João é bastante claro quando escreve: “Nenhum assassino tem dentro de si a vida eterna”. Ou seja, um assassino não tem lugar no reino de Deus. A menos que ele se arrependa e volte-se, pela fé, para Cristo, ele está eternamente perdido. Por outro lado, em princípio, o cristão já possui a vida eterna (ver, por exemplo, Jo 3.36; 17.3) e, mais tarde, quando seu corpo glorificado e sua alma forem reunidos, ele gozará da vida eterna em toda sua plenitude.

34. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The First Epistle of John*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 218.

Palavras, frases e construções do grego em 3.15

μισῶν – esse particípio presente é durativo.

ἀνθρωποκτόνος – a forma composta é derivada de ἀνθρωπος (homem) e κτείνω (eu mato).

μένουσᾶν – o particípio presente ativo singular feminino descreve o substantivo ζωήν (vida). Recebe ênfase por causa de sua posição no final da frase.

16 É assim que sabemos o que é o amor: Jesus Cristo entregou sua vida por nós. E nós devemos entregar nossa vida por nossos irmãos. 17 Se alguém tem bens materiais e vê seu irmão passando necessidade, mas não tem compaixão dele, como pode o amor de Deus estar nele? 18 Queridos filhos, não amemos com palavras ou língua, mas com ações e em verdade.

H. Amor Uns Pelos Outros

3.16-18

1. Positivo

3.16

As semelhanças entre o Evangelho de João e sua primeira epístola são numerosas e impressionantes. No evangelho, João registra as seguintes palavras de Jesus: “Ninguém tem amor maior do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (15.13; ver também 10.11,15,17-18). E em sua epístola, João diz:

16 É assim que sabemos o que é o amor: Jesus Cristo entregou sua vida por nós. E nós devemos entregar nossa vida por nossos irmãos.

João é um pastor e um mestre. Como pastor sábio, ele se coloca no mesmo nível de seus leitores ao usar o pronome *nós* e, como mestre, ele lembra seus leitores da mensagem do evangelho, dizendo: “É assim que sabemos”, ou seja, “aprendemos bem a nossa lição”.

Mas o que fazer agora? Sabemos o que é o amor. João chama a atenção não para ilustrações de amor tiradas do cotidiano, mas para o exemplo supremo de amor, a saber, “Jesus Cristo [que] entregou

sua vida por nós”. Em resumo, sabemos o que é o amor porque ouvimos a mensagem do evangelho.

A morte de Jesus na cruz não é uma morte passiva, comparável à morte sacrificial de um animal. Jesus morreu ativamente e com um propósito.³⁵ De livre e espontânea vontade ele *deu* sua vida por seu povo. Se, portanto, Jesus deu sua vida por nós, qual é nossa obrigação para com ele? No século 19, Frances R. Havergal colocou essa pergunta na forma de hino:

Morri na cruz por ti,
 Foi para te livrar;
 Meu sangue ali verti,
 E posso te salvar.
 Morri, morri na cruz por ti,
 Que fazes tu por mim?

João tem uma resposta, pois escreve: “Devemos entregar nossa vida pelos nossos irmãos”. Quando ele usa o termo *devemos*, impõe uma obrigação moral: assim como Jesus estende seu amor dando sua vida, da mesma forma os cristãos devem expressar o amor de Jesus pelos crentes dispondo-se a dar sua vida por eles. Quando a honra do nome de Deus, o crescimento da igreja e a necessidade de seu povo exigem que amemos nossos irmãos, devemos mostrar nosso amor a qualquer preço – até mesmo a ponto de arriscar a vida.

Palavras, frases e construções do grego em 3.16

ἐγνώκαμεν – a forma perfeita ativa de γινώσκω (eu sei) significa “viemos a saber”.

οφείλομεν – o verbo é precedido do pronome pessoal ἡμεῖς para dar ênfase. “οφείλει denota obrigação; δεῖ denota necessidade. O primeiro é moral, o segundo se refere à necessidade física”.³⁶

35. Guthrie, em sua obra *New Testament Theology*, observa: “O ato voluntário não foi por interesse em heroísmo pessoal, mas por causa do amor dinâmico. Ele sabia que era com esse propósito que tinha vindo ao mundo” (p. 454).

36. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 3, p. 282. Consultar também R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 392.

ὕπέρ – A. T. Robertson observa: “Pode-se argumentar, a partir de 1 João 3.16, que ὕπέρ – no caso de morte – não envolve, necessariamente, substituição. Certamente o objetivo de tal morte é salvar a vida”.³⁷

2. *Negativo*

3.17

17 Se alguém tem bens materiais e vê seu irmão passando necessidade, mas não tem compaixão dele, como pode o amor de Deus estar nele?

a. “Se alguém tem bens materiais”. Num caso extremo e excepcional, pode ser que seja pedido do cristão que este dê sua vida para mostrar seu amor por outra pessoa. Porém, o cristão pode demonstrar seu amor de muitas maneiras. Quais são essas maneiras? João não é explícito. Implicitamente ele aponta para os recursos de um e as necessidades de outro: “Se alguém tem bens materiais e vê seu irmão passando necessidade”. João não completa a frase dizendo que “aquele que possuir recursos deve compartilhar com os necessitados e, assim, mostrar amor” (comparar com Tg 2.15-17). Não, ele espera que o crente com recursos mostre seu amor pelo próximo, compartilhando os bens materiais. O apóstolo continua:

b. “Mas não tem compaixão dele”. Quando uma pessoa abençoada com bens materiais (comida, roupas, dinheiro) não está disposta a compartilhar esses recursos, ela fecha o coração (ver Dt 15.7-11). Ela é egocêntrica e não se preocupa com seu irmão espiritual. Essa pessoa retrata um contraste absoluto com o amor de Jesus. Ela nega ao seu irmão as necessidades básicas da vida, enquanto Jesus, de espontânea vontade, deu sua vida por seus seguidores.

c. “Como pode o amor de Deus estar nele?” João faz uma pergunta retórica. Na verdade, o que ele diz é mais uma exclamação do que uma pergunta. Ele revela que é impossível para o amor de Deus controlar essa pessoa.³⁸ João declara que, se alguém diz que ama

37. Robertson, *Grammar*, p. 632.

38. A frase *o amor de Deus* pode significar o amor de Deus pelo ser humano (genitivo subjetivo) ou o amor do ser humano por Deus (genitivo objetivo) ou mesmo o amor característico de Deus (genitivo descritivo). Tendo em vista o contexto imediato (a

Deus, mas odeia seu irmão, essa pessoa é mentirosa (4.20). O mandamento *amarás o Senhor teu Deus* não pode ser separado do mandamento *amarás o teu próximo com a ti mesmo*. Esses dois estão sempre juntos.

Palavras, frases e construções do grego em 3.17

βίος – No Novo Testamento, esse substantivo aparece com frequência tendo o sentido de riqueza, posses (ver, por exemplo, Mc 12.44; Lc 21.4).³⁹

ἔχῃ – observe que, no grego, João equilibra esse verbo com o particípio presente ἔχοντα na oração seguinte.

3. Conclusão

3.18

18 Queridos filhos, não amemos com palavras ou língua, mas com ações e em verdade.

Enquanto João coloca suas palavras no contexto do amor, Tiago, em sua epístola, discute a mesma questão em relação à fé (ver Tg 2.20). Amor e fé têm em comum que ambos precisam de obras para atestar sua autenticidade. Palavras de amor que nunca são traduzidas em ação não valem nada.

A fim de ser verdadeiro, o amor busca o bem dos outros: “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Co 13.7). Amor é o ato de dar suas posses, talentos e a si mesmo por outra pessoa.

Observe que as palavras que falamos devem corresponder às nossas ações, e o uso da língua deve estar de acordo com a verdade da Palavra de Deus. As palavras e a língua têm seus equivalentes na ação e na verdade. É significativo que João termine esse versículo com a palavra *verdade* para nos fazer lembrar de Jesus, o exemplo supremo de amor, que disse: “Eu sou... a verdade” (Jo 14.6).

dádiva do amor de Deus ao homem, v. 16) e o contexto mais amplo (2.5,15), as evidências parecem apontar para o genitivo subjetivo.

39. Hans-Georg Link, *NIDNTT*, vol. 2, p. 475.

Considerações práticas em 3.16-18

Hoje em dia, em muitas famílias, o divórcio, o abandono e a separação criam tristeza e amargura inexprimíveis. Casais que no dia do casamento declaram que se amarão “até que a morte os separe” demonstram insensível indiferença quando pensam em divórcio. Seus votos matrimoniais quebraram-se como pedaços de porcelana num chão de pedra. O que deu errado?

O amor desapareceu, pois ele não pode se desenvolver num ambiente em que sempre se toma e nunca se dá. O amor só consegue crescer num lugar em que lhe é permitido dar, pois o verdadeiro amor é uma entrega sacrificial.

Observe o exemplo divino. O que Deus mais ama é poder dar. De fato, ele tanto nos amou que deu seu único Filho para morrer por nós (ver Jo 3.16), e, por amor pelo seu povo, Jesus deu sua vida. Nas palavras de João, “devemos entregar nossa vida pelos nossos irmãos”.

O que Deus espera do casamento? Marido e mulher devem honrar e amar um ao outro até o ponto de estarem dispostos a dar sua vida pelo outro. Quando marido e mulher cuidarem um do outro com carinho, imitando o exemplo do amor sacrificial de Cristo, verão que Deus os mantém unidos em amor conjugal e abençoa seu lar e sua família com anos de felicidade matrimonial.

Palavras, frases e construções do grego em 3.18

τῆ γλώσση – Nesse versículo, João dá quatro substantivos (palavra, língua, obra e verdade). Apenas a palavra *língua* tem o artigo definido.

19 Assim, então, é que sabemos que pertencemos à verdade, e que aquietamos nosso coração na presença dele 20 sempre que nosso coração nos condena. Pois Deus é maior do que nosso coração, e ele sabe todas as coisas.

I. Confiança Diante de Deus 3.19,20

João dedica dois versículos para olhar para o amor de um outro ponto de vista: qual é o efeito do amor na vida espiritual do crente? No

primeiro versículo, ele fala de conhecimento e segurança; no segundo versículo, da grandeza e conhecimento de Deus.

19 Assim, então, é que sabemos que pertencemos à verdade, e que aquietamos nosso coração na presença dele 20 sempre que nosso coração nos condena. Pois Deus é maior do que nosso coração, e ele sabe todas as coisas.

Observe os seguintes pontos:

a. *Conhecer*. Esses dois versículos são difíceis de interpretar, pois o significado do texto não é claro. O intérprete descobre que as palavras são gerais demais para que ele possa dar ao leitor uma explicação definida. De certa forma, portanto, nossa interpretação apenas se aproxima do sentido da passagem.

“Assim, então, é que sabemos que pertencemos à verdade”. A palavra *assim* se refere ao contexto anterior, no qual João exorta o cristão a expressar amor verdadeiro por seus irmãos e irmãs em Cristo.⁴⁰ Os verdadeiros filhos de Deus saberão que são da verdade, pois serão sinceros e autênticos e viverão de acordo com a verdade da Palavra de Deus.

A pessoa que se recusa a reconhecer o seu pecado é mentirosa, e a verdade não está nela (1.8; 2.4; comparar também com 2.21,22; 2Jo 4; 3Jo 3,4), mas o cristão que sincera e ativamente demonstra seu amor é da verdade. Na realidade, a expressão *ser da verdade* é sinônimo do termo *nascido de Deus* (3.9).

b. *Assegurar*. Às vezes surgem dúvidas no coração de todo crente. Mesmo que o cristão possa cantar: “que segurança, sou de Jesus”, sua consciência ocasionalmente o perturba. Ele sabe que não pode ir ao encontro das metas estabelecidas por Deus e que, em sua vida, o pecado permanece uma força incansável de oposição.

“E aquietamos nosso coração na presença dele”. Como forma de lembrar de que maneira viver a vida cristã, Calvino usava o lema *Coram Deo* (na presença de Deus). Ele sabia que passava cada momento na presença sagrada do Todo-Poderoso, e que os olhos de Deus

40. Para construções semelhantes à frase *assim, então, é que sabemos*, em referência a versículos anteriores, ver 3.10 e 5.2.

estavam sobre ele. João expressa essa mesma verdade no início de sua epístola: “Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1.3). Como podemos saber da presença de Deus? Quando amamos nossos irmãos e irmãs em palavra e em verdade, temos comunhão com Deus.

c. *Condenar*. A New International Version completa o versículo 19 com as palavras *sempre que nosso coração nos condena* (v. 20a). Como cristãos, sujeitamo-nos a um verdadeiro exame de consciência.⁴¹ Sabemos que somos filhos de Deus (ver 3.9,10) e, como tais, devemos nos esforçar para amar nosso próximo como a nós mesmos.

Algumas vezes, deixamos de amar nosso próximo e nossa consciência pesada nos perturba. Mas quando caímos em pecado e nossa consciência nos acusa por nossa falta de amor para com nosso irmão ou irmã, não devemos nos desesperar como se estivéssemos perdidos.

d. *Ser maior*. Mesmo que de tempos em tempos nossa consciência venha a nos oprimir e nos leve a questionar nosso relacionamento com Deus, ainda podemos nos voltar para Deus. Devemos aquietar nosso coração sabendo que pertencemos a Deus (ver 4.6) e que temos livre acesso ao trono de Deus (Hb 4.16).

João escreve estas palavras de conforto: “Deus é maior do que o nosso coração, e ele sabe todas as coisas”, ou seja, como cristãos, podemos sempre nos dirigir a Deus, que nos conhece melhor do que nós mesmos. Davi testifica essa verdade. Na conclusão de um de seus salmos, ele faz esta oração fervorosa:

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração:
 prova-me e conhece os meus pensamentos;
 vê se há em mim algum caminho mau,
 e guia-me pelo caminho eterno.
 (Sl 139.23,24)

Por ser maior do que nosso coração, Deus terá misericórdia para conosco quando formos até ele: nos confortará e nos tranquilizará por sermos seus filhos.

41. Consultar Oswald Becker, *NIDNTT*, vol. 1, p. 590.

Comentários Adicionais

1. *Traduções.* Por causa da variação gramatical no texto grego, essa passagem é difícil de ser traduzida. Portanto, as traduções diferem na escolha de palavras e pontuação. Dentre muitos exemplos, aqui mostramos três:

E nisto sabemos que somos da verdade, e tranquilizaremos nosso coração perante ele. Pois se nosso coração nos condena, Deus é maior do que nosso coração e conhece todas as coisas (NKJV).

Deste modo sabemos que pertencemos ao reino da verdade, e nos convencemos diante dele de que, mesmo que nossa consciência nos condene, Deus é maior que nossa consciência e tudo sabe (NEB).

Somente nisto podemos estar certos de que somos filhos da verdade e somos capazes de aquietar nossa consciência em sua presença, quaisquer que sejam as acusações que esta possa levantar contra nós, porque Deus é maior do que nossa consciência e tudo sabe (JB).

Em meio às muitas variações, três itens se destacam: o verbo *tranquilizar* ou *convencer*, a pontuação da(s) frase(s) e a posição de “pois” ou “porque” na oração condicional do versículo 20.

2. *Interpretações.* Apesar de haver muitas diferenças, existem duas interpretações básicas dessa passagem.⁴² A primeira explica esses versículos como sendo uma “digressão sobre a segurança”.⁴³ João quer assegurar seus leitores de que pertencem à verdade e que, portanto, podem tranquilizar o coração na presença de Deus. A segunda explicação, que começou com os pais da igreja primitiva e foi adotada

42. Rudolf Bultmann parte do pressuposto de que o texto foi alterado, pois, em sua opinião, perdeu as palavras *sabemos que* antes da oração *certamente Deus é maior*. Ver *The Johannine Epistles*, org. Robert W. Funk, trad. R. Philip O'Hara et al., Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible (Filadélfia: Fortress, 1973), p. 57. Porém, C. H. Dodd discorda. Ele aconselha o intérprete a seguir os melhores manuscritos gregos. Consultar *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p. 88.

43. Stott, *The Epistles of John*, p. 145.

pelos reformadores, interpreta as acusações do coração como uma advertência para que o crente não caia na complacência.⁴⁴ Deus é maior porque ele “é mais perscrutador e tem mais autoridade para condenar do que o coração”.⁴⁵ De acordo com esse ponto de vista, João desafia os crentes a iniciarem um completo exame de sua vida e estarem plenamente cômicos da onisciência de Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 3.19,20

Versículo 19

καί – a inclusão ou omissão dessa conjunção é incerta (comparar com 3.13). Nestle-Aland colocam-na dentro de colchetes para indicar incerteza.

γνωσόμεθα – os melhores manuscritos confirmam o indicativo futuro médio de γινώσκω (eu sei). O Textus Receptus e o Texto Majoritário trazem o tempo presente.

πέισομεν – o indicativo futuro ativo de πείθω (eu convengo). A tradução nós... tranquilizamos (NIV) é semelhante àquela de Mateus 28.14. O tempo futuro é durativo,⁴⁷ o que é equivalente ao presente progressivo.

Versículo 20

ὅτι – pelo fato de esse versículo ter um segundo ὅτι, alguns estudiosos sugerem que o primeiro deve ser entendido como ὅτι com ἐόν (onde for, quando for). Compare com 1 Coríntios 16.2 para uma estrutura semelhante. Se esse é o texto correto, então o segundo ὅτι é causal (ver as traduções NIV e JB). Outros estudiosos omitem o segundo ὅτι para evitar uma sintaxe gramatical inadequada dessa frase. Apesar de alguns textos apresentarem essa omissão, a regra

44. Consultar Calvino, *The First Epistle of John*, p. 222. Ver também Alford, *Alford's Greek New Testament*, p. 478. Marshall chama esse ponto de vista de “bastante inapropriado no atual contexto”. Ver *The Epistles of John*, p. 198, n. 7.

45. Westcott, *The Epistles of St. John*, p. 118.

46. John M. Court, “Blessed Assurance?”, *JTS* 33 (1982): 508-17, sugere uma outra interpretação dessa passagem, ligando-a a Deuteronômio 15.7-9.

47. Robertson, *Grammar*, p. 871.

básica de que o texto mais complexo provavelmente é o original ainda tem seus méritos. De qualquer modo, a presença dessas duas conjunções continua sendo um problema exegético.

καταγινώσκη ἡμῶν – no grego, este verbo é um jogo de palavras com γνωσόμεθα do versículo anterior. O pronome pessoal é o objeto direto (no genitivo) do verbo καταγινώσκη.

21 Caros amigos, se nosso coração não nos condena, estamos confiantes diante de Deus 22 e recebemos dele qualquer coisa que pedimos, pois obedecemos aos seus mandamentos e fazemos aquilo que lhe agrada. 23 E esse é o seu mandamento: crer no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar uns aos outros como ele nos ordenou. 24 Aqueles que obedecem aos seus mandamentos vivem nele, e ele neles. E é assim que sabemos que ele vive em nós: sabemos pelo Espírito que ele nos deu.

J. Confíem e Obedeçam

3.21-24

1. Confiança

3.21,22

Ao longo de sua epístola, João introduz contrastes: por exemplo, luz e trevas, vida e morte, verdade e engano. Aqui, ele compara o coração que condena com o coração que está livre de condenação.

21 Caros amigos, se nosso coração não nos condena, estamos confiantes diante de Deus 22 e recebemos dele qualquer coisa que pedimos, pois obedecemos aos seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada.

Nos versículos anteriores, João discutiu a consciência pesada do crente. Sabendo bem que essa discussão teria um efeito perturbador sobre seus leitores, o pastor agora os chama carinhosamente de “caros amigos” (ver também 2.7; 3.2) e lhes mostra o outro lado da questão. Sabiamente, ele se inclui na discussão ao usar a primeira pessoa do plural.

a. “Se nosso coração não nos condena”. João sabe que o coração de muitos crentes nem sempre os acusa de pecado. Por exemplo, apesar de a consciência de Pedro acusá-lo depois de ter ele negado Jesus, João e os outros discípulos estavam livres de culpa.

b. “Estamos confiantes diante de Deus”. Se sua consciência está tranqüila, a avenida para o trono da graça está aberta. O autor aos Hebreus encoraja o crente a aproximar-se do trono da graça com confiança (Hb 4.16; ver também 1Jo 2.28; 4.17; 5.14). A palavra *confiança*, a princípio, servia para descrever um cidadão pleno de uma cidade-estado da Grécia que tinha o direito democrático de falar livremente. No Novo Testamento, Jesus e os apóstolos falavam com confiança quando proclamavam publicamente o evangelho (ver, por exemplo, Jo 7.26; At 4.13).⁴⁸ Temos a liberdade de ir até Deus em oração e ter comunhão com ele e com seu Filho, Jesus Cristo (1.3).

c. “E recebemos dele qualquer coisa que pedimos”. João está repetindo as palavras que Jesus falou para os discípulos em seu discurso de despedida. Disse Jesus: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (Mt 14.13,14; comparar com Mt 7.7).

Que promessa! Aquilo que continuamos a pedir, recebemos de Deus. Observe que João escreve no tempo presente, “dele recebemos”, e não “dele receberemos”. A promessa é certa porque Deus mantém sua palavra (5.14). Deus responde a todo e qualquer pedido? Não, apenas àqueles que estão de acordo com sua vontade e são para sua glória. Assim, João escreve:

d. “Porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que é agradável”. João está citando dois pré-requisitos para que as orações sejam respondidas? Na verdade, não. A obediência aos mandamentos não deve ser mantida com o propósito de recebermos recompensas. O cristão cumpre os mandamentos com um coração alegre que expressa gratidão. João está dizendo que, quando obedecemos aos mandamentos, estamos fazendo o que é agradável a Deus. Ao acrescentar a oração *e fazemos diante dele o que lhe é agradável*, João elimina qualquer idéia de mérito; agradar a Deus é consequência natural do amor e da lealdade. De modo implícito, João lembra seus leitores de Jesus. Durante todo seu ministério, Jesus sempre procurou agradar ao Pai fazendo a sua vontade (Jo 8.29).⁴⁹

48. Consultar Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 735-37.

49. Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 816.

A oração respondida não se baseia numa obediência cega, mas num desejo de agradar a Deus com amor repleto de dedicação. E Deus atende nossos pedidos por causa do relacionamento de amor e comunhão que há entre Pai e filho.

Palavras, frases e construções do grego em 3.21,22

Versículo 21

ἡμῶν – o texto é incerto nesse ponto. Bruce M. Metzger reuniu 11 diferentes versões do texto de vários manuscritos gregos.⁵⁰ Apesar de a inclusão de ἡμῶν gerar alguma dúvida, conforme indicado pelos colchetes no texto grego de Nestle-Aland, a palavra pode servir tanto como pronome possessivo de καρδία quanto como objeto direto de καταγνώσκη.

ἔχομεν – alguns manuscritos têm o singular ἔχει para corresponder com o singular καρδία. As evidências, porém, são a favor do verbo plural.

Versículo 22

αἰτῶμεν – o subjuntivo presente da prótase dessa oração condicional é seguido do presente do indicativo λαμβάνομεν (nós recebemos) na apódose. O tempo presente em ambos os verbos é atemporal, isto é, refere-se a uma verdade aceita de modo geral.⁵¹

2. Creiam e amem

3.23,24

23 E esse é o seu mandamento: crer no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar uns aos outros como ele nos ordenou.
24 Aqueles que obedecem aos seus mandamentos vivem nele, e ele neles. E é assim que sabemos que ele vive em nós: sabemos pelo Espírito que ele nos deu.

50. Metzger, *Textual Commentary*, p. 712.

51. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 866.

Observe os seguintes pontos:

a. *Fé*. João reduz os mandamentos a um único mandamento com duas partes: “crer no nome de Jesus e amar uns aos outros”. De certa forma, João segue o exemplo de Jesus, que resumiu os mandamentos da Lei em dois mandamentos: “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento” e “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (ver Mt 22.37,39; e comparar com Rm 13.9). João, porém, usa as frases *crer no nome de Jesus* e *amar uns aos outros* no mesmo mandamento. Os verbos *crer* e *amar* são idênticos? Não são a mesma coisa, mas estão integralmente relacionados.

Essa é a primeira vez na epístola que João usa o verbo *crer*. O verbo serve como uma introdução para os capítulos seguintes.⁵² João afirma que Deus, o Pai, dá o mandamento e diz claramente para crermos no nome de seu Filho, Jesus Cristo. O mandamento é para que se comece e se continue a crer no nome, ou seja, na revelação plena do Filho de Deus. João acrescenta o nome *Jesus* para referir-se ao seu ministério na terra, e *Cristo* para chamar a atenção para sua posição exaltada (usar como referência 1.3). Ninguém pode chegar ao Pai a não ser por meio de Jesus (Jo 14.6).

João se desloca da fé para o amor, pois esses dois conceitos estão intimamente ligados. Em seu evangelho, João revela que Jesus repetiu diversas vezes o mandamento *amai-vos uns aos outros* (Jo 13.34; 15.12,17). Crer em Jesus Cristo, portanto, significa obedecer ao seu mandamento de amarmos uns aos outros. João repete esse mandamento. Ao usar o tempo presente do verbo *amar*, ele exorta os leitores a continuarem amando uns aos outros.

b. *Obediência*. João chega à seguinte conclusão: “Aqueles que guardam seus mandamentos permanecem em Deus, e Deus neles”. Esse é um tema que João repete em seu evangelho (6.56; 17.21-23) e epístolas (2.24; 4.13-16). Aqueles que guardam a Palavra de Deus em seu coração experimentam o habitar de Deus com eles. Um teólogo inglês do século 8º – o Venerável Bede – escreveu: “Que Deus

52. O verbo *crer* aparece nove vezes nesta epístola (3.23; 4.1,16; 5.1,5,10 [três vezes], 13). E o substantivo *fé* aparece apenas uma vez (5.4).

seja, então, um lar para vós, e vós, um lar para Deus; permaneci em Deus e deixai que Deus permaneça em vós”.⁵³

c. *Conhecimento*. João gosta de reiterar certas declarações. Nesse versículo, por exemplo, ele praticamente repete o mesmo comentário que escreveu anteriormente (3.16). “E isto conhecemos”. O que conhecemos? “Que ele permanece em nós”. Quando João escreve o pronome *ele*, não tem o cuidado de distinguir entre Deus, o Pai e Jesus, o Filho. Para ele, o Pai opera por meio do Filho e, por meio de Jesus, Deus vive em nós. Assim, não é necessária uma distinção precisa. Nesse versículo, porém, João introduz a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo.⁵⁴ De que maneira Deus habita no coração do crente? Por intermédio da obra e do testemunho do Espírito. Nenhum crente jamais pode dizer que não sabe ao certo se Deus vive em si. O Espírito de Deus testifica no coração do cristão e lhe dá esse conhecimento e essa segurança.

Considerações práticas em 3.21-24

As Escrituras nos revelam muitas declarações maravilhosas, mas esta é memorável: “Estamos confiantes diante de Deus e recebemos dele qualquer coisa que pedimos”. Filhos e filhas não podem dizer a mesma coisa sobre seus pais. Como filhos de Deus, entretanto, podemos, com ousadia, colocar nossos pedidos diante de Deus e receber dele qualquer coisa que pedirmos.

As Escrituras também dizem que nossos pedidos devem ser apresentados em nome de Jesus, para que “o Pai seja glorificado no Filho” (Jo 14.13). Observe que, antes de fazermos a quarta petição da oração do Pai Nosso, “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11), já pedimos que o nome de Deus seja santificado, que venha o seu reino e que seja feita a sua vontade. Deus responde nossos pedidos quando nosso objetivo é glorificá-lo, promover o seu reino e fazer sua vontade.

53. Em sua obra *The Epistles of St. John*, Westcott apresenta o texto em latim: “Sit ergo tibi domus Deus et esto domus Dei; mane in Deo, et maneat in te Deus” (p. 121).

54. João se refere ao Espírito Santo cinco vezes em passagens subseqüentes (4.2,6,13; 5.6,8).

Deus responde todas as orações, mas muitos pedidos recebem uma resposta negativa. Em sua sabedoria, Deus conhece exatamente aquilo que vai servir para o nosso bem-estar espiritual. Paulo, por exemplo, orou três vezes para que seu espinho na carne fosse removido, mas Deus disse: “A minha graça te basta, porque o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). E dali em diante Paulo dá seu testemunho: “Pelo que sinto prazer nas fraquezas... porque quando sou fraco, então é que sou forte” (v. 10).

Palavras, frases e construções do grego em 3.23,24

Versículo 23

ἵνα πιστεύσωμεν – a partícula ἵνα introduz uma cláusula de comando indireta com o subjuntivo aoristo πιστεύσωμεν (nós cremos). O aoristo é ingressivo.⁵⁵ O tempo aoristo está relacionado ao momento em que o cristão aceita a Jesus. Observe o uso do tempo presente em ἀγαπῶμεν (nós amamos). O presente deixa implícito que devemos sempre amar uns aos outros.

Versículo 24

αὐτός – o pronome na forma de terceira pessoa do singular representa Jesus. Seu uso é enfático.

οὗ – o genitivo de atração fica no lugar do acusativo.

Resumo do capítulo 3

João exalta os cristãos, que são chamados filhos de Deus. Apesar de não sermos assim reconhecidos pelo mundo, sabemos que, quando Cristo voltar, seremos plenamente revelados na glória. Seremos semelhantes a Jesus Cristo e o veremos. Assim, a pessoa que pertence a Cristo deve se purificar do pecado. João aponta para Cristo, aquele que veio para remover o pecado.

55. Robertson, *Grammar*, p. 850.

Os filhos de Deus distinguem-se dos filhos do diabo. Aqueles que vivem em comunhão com Deus não continuam a viver em pecado. Além disso, o filho de Deus não apenas tem a semente de Deus dentro dele, mas sabe também que é nascido de Deus.

A mensagem que João nos deixa é que amemos uns aos outros. Não devemos seguir o exemplo de Caim, que pertencia ao diabo. Porém, mostrando nosso amor pelos irmãos, sabemos que passamos da morte espiritual para a vida. Receberemos o ódio do mundo. João observa que a pessoa que odeia seu irmão é assassina.

O apóstolo cita o exemplo de Jesus Cristo, que deu sua vida por nós. Ele nos encoraja a seguir esse exemplo. Devemos mostrar nosso amor não só em palavras, mas também em atos e em verdade. Ao imitar esse exemplo, sabemos que somos verdadeiros cristãos.

Deus responde as nossas orações, pois recebemos dele qualquer coisa que pedirmos desde que obedeçamos aos seus mandamentos e o agrademos. O mandamento de Deus é que creiamos em Jesus e nos amemos uns aos outros. Se assim fizermos, temos comunhão com Deus e, por meio do Espírito Santo, sabemos que Deus habita em nós.

CAPÍTULO 4

Amem a Deus, *parte 1* 4.1-21

Esboço

- 4.1-5.12** **IV. Amem a Deus**
- 4.1-6 A. Testem os Espíritos
- 4.1 1. Advertência
- 4.2,3 2. Um teste
- 4.4,5 3. Um contraste
- 4.6 4. Um reconhecimento
- 4.7-12 B. Amem-se Uns aos Outros
- 4.7,8 1. Amor e conhecimento
- 4.9,10 2. O amor de Deus
- 4.11,12 3. Amor mútuo
- 4.13-16a C. Permaneçam em Deus
- 4.13,14 1. O Espírito e o Filho
- 4.15,16a 2. Deus permanece no crente
- 4.16b-21 D. Vivam em Amor
- 4.16b,17 1. Deus é amor
- 4.18 2. O amor lança fora o medo
- 4.19-21 3. Amem a Deus e ao próximo

4 ¹ Caros amigos, não acreditem em todo espírito, mas testem os espíritos para saber se eles são de Deus, pois muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. ² É assim que vocês podem reconhecer o Espírito de Deus: todo espírito que reconhece que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, ³ mas todo espírito que não reconhece Jesus não é de Deus. Esse é o espírito do anticristo, do qual vocês ouviram falar que está vindo e já está no mundo. ⁴ Vocês, queridos filhos, são de Deus e têm vencido os falsos profetas, pois aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo. ⁵ Eles são do mundo e, portanto, falam do ponto de vista do mundo e o mundo lhes dá ouvidos. ⁶ Nós somos de Deus, e aquele que conhece a Deus nos dá ouvidos; mas aquele que não é de Deus não nos dá ouvidos. É assim que reconhecemos o Espírito de verdade e o espírito de falsidade.

IV. Amem a Deus

4.1-5.12

A. Testem os Espíritos

4.1-6

1. Uma advertência

4.1

Com esse texto, João encerra a terceira parte de sua epístola; a primeira seção começa em 1.5; e a segunda, em 2.18. Há um paralelo bastante claro entre a segunda e a terceira partes. Ambas expõem os seguintes tópicos: uma advertência contra os anticristos, os filhos de Deus, amor a Deus e uns para com os outros.

Nos primeiros versículos de cada seção, João fala dos anticristos ou falsos mestres. Ele exorta os leitores a testarem os ensinamentos dos falsos profetas. Os cristãos devem ser capazes de identificar falsos ensinamentos e de examinar o espírito que os expressa.

1 Caros amigos, não acreditem em todo espírito, mas testem os espíritos para saber se eles são de Deus, pois muitos falsos profetas têm saído pelo mundo.

Como sábio pastor, antes de mais nada, João se dirige a seus leitores com palavras de terno amor. Ele os chama de “caros amigos” (comparar com 3.21; 4.7). Depois, com muito tato, João adverte os leitores contra as obras dos falsos mestres e lhes diz para não dar crédito a todo espírito. Ele quer que percebam que há duas esferas espirituais neste mundo: uma é o domínio do Espírito Santo; a outra é o domínio do diabo. O Espírito Santo habita nos filhos de Deus (3.24), mas o espírito do diabo vive nos falsos profetas, que falam em seu nome.

a. “Não acreditem em todo espírito” (consultar Jr 29.8; Mt 24.4; Ef 5.6; 1Tm 4.1). É claro que não podemos ver um espírito, mas podemos ouvir e compreender os ensinamentos desse espírito. A palavra *espírito*, portanto, equivale a “ensinamento”.¹

Ao que parece, os primeiros leitores desta epístola estavam começando a acreditar em falsos profetas que afirmavam que seus ensinamentos eram uma revelação do Espírito Santo. João exorta os leitores a distinguirem cuidadosamente os ensinamentos do Espírito de Deus dos falsos ensinamentos. Nem todo ensinamento é uma forma de expressão do Espírito de Deus. João, portanto, aconselha os cristãos, dizendo: “Testem os espíritos para saber se eles são de Deus”, e pedindo que verifiquem todos os ensinamentos à luz da Palavra de Deus (comparar com 1Ts 2.4; 5.21).

b. “Muitos falsos profetas têm saído pelo mundo”. Sabemos que os falsos mestres fizeram do mundo suas salas de aula. Desejam conquistar a audiência de vários cristãos. Em seu discurso sobre o fim dos tempos, Jesus nos adverte que “surgirão falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos (Mt 24.24; ver também Ap 2.2).

1. Essa é uma figura de linguagem chamada de metonímia, isto é, há uma relação entre as duas palavras que evoca um conceito. A palavra *espírito* representa “ensinamento”. Consultar Louis Berkhof, *Principles of Biblical Interpretation* (Grand Rapids: Baker, 1950), pp. 83-84.

Palavras, frases e construções do grego em 4.1

μη παντι πνεύματι πιστεύετε – a partícula negativa μή está separada do verbo para dar ênfase.² O verbo está no imperativo presente ativo. Com a negativa, ele revela que alguns cristãos de fato acreditavam nos falsos mestres daquela época. João pede que parem de acreditar neles.

δοκιμάζετε – “provai!”, imperativo presente.

ἐξεληλύθασιν – do verbo ἐξέρχομαι (eu venho ou saio), este é o indicativo perfeito ativo. Como verbo composto, é seguido da preposição εἰς (para dentro de).

2. Um teste

4.2,3

2 É assim que vocês podem reconhecer o Espírito de Deus: todo espírito que reconhece que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, 3 mas todo espírito que não reconhece Jesus não é de Deus. Esse é o espírito do anticristo, do qual vocês ouviram falar que está vindo e já está no mundo.

Atente para as seguintes observações:

a. *Profissão*. João dá a seus leitores uma fórmula para determinar se o espírito vem de Deus ou do diabo: o cristão reconhece o Espírito de Deus em qualquer um que confesse abertamente que Jesus Cristo é tanto humano quanto divino e que Jesus Cristo, que é Filho de Deus, “veio em carne”. Temos estabelecido, aqui, o princípio para testar se um determinado ensinamento vem do Espírito Santo (ver também 1Co 12.3).

No grego, João usa o tempo perfeito para a palavra *veio* a fim de indicar que Jesus veio em natureza humana e, ainda agora, no céu, ele possui uma natureza humana, ou seja, além de sua natureza divina, ele

2. A. T. Robertson, porém, é da opinião de que a partícula nega o adjetivo *todo*. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 752.

também tem uma natureza humana. O teólogo alemão do século 16, Zacarias Ursinus, perguntou se essas duas naturezas eram separadas uma da outra. Esta foi sua resposta:

De maneira nenhuma. A natureza divina de Cristo não pode ser limitada e está presente em todo lugar. Por isso, podemos concluir que a natureza divina dEle está na sua natureza humana e permanece pessoalmente unida a ela, embora também esteja fora dela.³

As Escrituras nos ensinam que o Cristo é Jesus que, como nosso redentor divino, compartilha de nossa natureza humana (Hb 2.14,15). Qualquer ensinamento que professe a divindade e humanidade de Jesus Cristo vem de Deus. O contrário também é verdade, como observa C. H. Dodd: “Nenhuma forma de expressão – por mais inspirada que seja – que negue a encarnação pode ser aceita pelos cristãos como verdadeira profecia”.⁴

b. *Negação*. Jesus disse: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante do meu Pai que está nos céus” (Mt 10.32,33; ver também Jo 8.47; 2Jo 7). Qualquer um que separa a natureza humana da natureza divina de Jesus Cristo fala sem a autoridade de Deus. E qualquer um que negue a natureza humana ou divina de Jesus “não procede de Deus”. Além disso, qualquer um que ensine que Jesus recebeu de Deus um espírito divino quando foi batizado e que esse espírito o deixou quando ele morreu na cruz está distorcendo o evangelho. E, finalmente, qualquer um que diga que depois da morte de Jesus ele foi feito Filho de Deus, não está apresentando a verdade da Palavra de Deus. Todos esses mestres não falam como representantes de Jesus Cristo, não foram comissionados por Deus e não são porta-vozes do Espírito de Deus neste mundo.⁵

3. Catecismo de Heidelberg, pergunta e resposta 48.

4. C. H. Dodd, *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p.103.

5. Rudolf Schnackenburg considera as palavras dos versículos 2 e 3 – por seu distinto contraste – uma confissão de fé que deve ser tomada como original. Em resumo, essa confissão circulava na igreja cristã primitiva. *Die Johannesbriefe*, Herder's Theologischer Kommentar zum Neuen Testament series, 7ª ed. (Freiburg: Herder, 1984), vol. 13, 3, p.222.

Apesar de João se dirigir à igreja do século 1º, nada mudou desde aquela época. Hoje em dia, temos muitos mestres e pregadores que negam a humanidade e a divindade de Jesus Cristo. João diz que eles não são de Deus. Na verdade, chega a chamá-los de “espíritos do anticristo”.

c. *Designação*. João repete a idéia que já expressou anteriormente na epístola: “Vem o anticristo, também agora muitos anticristos têm surgido” (2.18; consultar também 2Jo 7). Agora ele diz: “Esse é o espírito do anticristo, do qual vocês ouviram falar que está vindo e já está no mundo”. Ele tem em mente “todos os principados e potestades, todas as características essenciais do Anticristo: o que ... poderíamos chamar de ‘natureza do anticristo’.”⁶ Esse espírito anticristão já está aqui e se expressa insidiosamente e muitas vezes de maneira violenta contra Jesus Cristo e seus seguidores (comparar com 2Ts 2.3-8).

Considerações práticas em 4.2,3

Todos os teólogos liberais, sem exceção, recusam-se a aceitar a doutrina bíblica de que Jesus Cristo sempre foi, é e sempre há de ser o Filho de Deus, que ele veio do céu para redimir seu povo, que tomou sobre si toda a nossa humanidade e ainda assim continuou sendo verdadeiramente divino, que ressuscitou fisicamente dos mortos e subiu aos céus em seu corpo glorificado e que voltará no dia escolhido por Deus no mesmo corpo no qual ascendeu. Se você comparar os ensinamentos desses teólogos com a Palavra de Deus, observará que suas opiniões se baseiam na filosofia humana, e não nas Escrituras. Pergunte a eles o que pensam de Cristo e depois pegue a Bíblia e estude os ensinamentos das Escrituras (Mt 16.15).

Há também os membros das seitas. De dois em dois, eles percorrem os bairros, tocam a campainha de sua casa e dizem que são missionários – mesmo que não carreguem Bíblias consigo. Ao ouvi-los, você logo descobre que não trazem os ensinamentos de Cristo. O

6. Alfred Plummer, *The Epistles of St. John*, Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p.97.

apóstolo João adverte: “Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa” (2Jo 10).

O que João quer dizer com isso? Ele quer dizer que você deve receber em casa os membros de uma seita *somente* quando você pretende ensiná-los sobre Jesus Cristo. Diga-lhes que você é feliz no Senhor, pois ele é seu Salvador; que é um prazer para você apresentá-los a Jesus Cristo. Então você será como um missionário para o Senhor e estará no controle da situação, mas se você não tem a intenção de falar do Senhor a esses visitantes, não os receba em sua casa!

Palavras, frases e construções do grego em 4.2,3

Versículo 2

γινώσκετε – o verbo pode ser indicativo ou imperativo. Apesar de o contexto exigir um imperativo, tradutores e comentaristas dão preferência ao indicativo.

Ἰησοῦν Χριστόν – com referência ao objeto direto, pelo menos duas traduções são apresentadas: “Jesus como o Cristo encarnado” (*Moffatt*) e “Jesus Cristo veio em carne” (NIV e outras versões). A combinação das palavras *Jesus* e *Cristo* aparece oito vezes nas epístolas de João (1.3; 2.1; 3.23; 4.2; 5.6,20; 2Jo 3,7). Em dois lugares, João separa os nomes claramente ao escrever “Jesus é o Cristo” (2.2; 5.1). Quando os nomes aparecem juntos, portanto, precisam ser traduzidos desse modo.

Versículo 3

μη ὁμολογεῖ – Bruce M. Metzger prefere esse texto ao invés de λυεῖ “por causa de evidências externas bastante fortes”.⁷ O uso de μη com um indicativo, ao invés de οὐ não é incomum no Novo Testamento.⁸

7. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 713.

8. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 1169. Consultar também C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 155.

τὸν Ἰησοῦν – o texto mais curto é aquele apresentado aqui. As adições ao texto são “derivadas do versículo anterior”.⁹

τό – o artigo definido precisa ser complementado pelo substantivo πνεῦμα.

ἔρχεται – esse verbo com freqüência se refere à vinda de Cristo. Aqui, significa a vinda do anticristo.

3. *Um contraste*

4.4,5

Em seus ensinamentos, João distingue claramente entre a obra de Deus e a obra do maligno, entre os filhos de Deus e aqueles que pertencem a Satanás, e entre o saber a verdade e o crer naquilo que é falso.

4 Vocês, queridos filhos, são de Deus e têm vencido os falsos profetas, pois aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo. 5 Eles são do mundo e, portanto, falam do ponto de vista do mundo e o mundo lhes dá ouvidos.

O contraste entre esses dois versículos é evidente. Como seu pai espiritual, João se dirige carinhosamente aos leitores e os chama de “queridos filhos”. O pronome *vocês* está no início da frase para que receba ênfase dentro dela. O autor quer dizer aos cristãos: “Vocês, sim, vocês são de Deus”, ou seja, os leitores não devem jamais se esquecer de sua herança divina. Não são apenas pessoas especiais nascidas de Deus e chamadas de “filhos de Deus” (2.29; 3.1,9,10); também são diferentes das pessoas que pertencem ao mundo.

Além disso, João faz mais uma declaração: “Têm vencido os falsos profetas” (comparar com 2.13,14; 5.4,5). Trata-se aqui dos falsos mestres mencionados no parágrafo anterior. João escreve no tempo perfeito, “têm vencido”. Em outras palavras, eles já o fizeram ao obedecer aos mandamentos de Deus e ao honrar o ensinamento da sua Palavra.

Os filhos de Deus não podem nunca gloriar-se em si mesmos, mas sempre no Senhor (ver Jr 9.24; 1Co 1.31). Foi Jesus Cristo quem

9. Metzger, *Textual Commentary*, p. 713.

venceu o mundo (Jo 16.33) e foi ele quem libertou seu povo (Hb 2.15). “Assim, a batalha já foi definida, mesmo que ainda não tenha terminado. Pela fé, os cristãos participam dessa vitória e, assim, são colocados numa posição em que eles próprios podem vencer o mundo”.¹⁰

João escreve de modo tranquilizador: “Aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo”. Há duas forças opostas: o Espírito Santo opõe-se ao espírito do anticristo. Por meio de seu Espírito, Deus vive em seus filhos e é maior do que o maligno. Ele os mantém na verdade de sua Palavra e os fortalece para que possam vencer as tentações (comparar com 3.9).

A palavra *mundo* é importante, pois aparece três vezes nesse versículo (v. 5). Seu significado é diferente daquele do parágrafo anterior (vs. 1,3), no qual tinha uma conotação mais ampla do lugar onde se encontra a vida humana. Aqui, ela significa um mundo de pessoas hostis para com Deus (ver 3.1,13).

Os falsos profetas “são do mundo”. Eles tiram seus princípios, cuidados, objetivos e existência do mundo de hostilidade, no qual Satanás governa como príncipe (Jo 12.31). Além disso, seus ensinamentos, opiniões e valores são ateístas e anti-cristãos. João não revela o conteúdo de seu discurso, menciona apenas seu ato de falar. O que os falsos profetas dizem, porém, é persuasivo, pois “o mundo lhes dá ouvidos”. O mundo concorda com os ensinamentos dos falsos mestres e, assim, participa da oposição à Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 4.4

ὁμοίως – João emprega o pronome pessoal para dar ênfase. Ele o coloca no começo de cada versículo: ὁμοίως (v. 4), αὐτοί (v. 5) e ἡμεῖς (v. 6).

νεκικήκατε – o tempo perfeito de νικῶ (eu conquisto) revela um acontecimento que ocorreu no passado, mas que tem efeito no presente.

10. Walther Günther, *NIDNT*, vol. 1, p. 651. Consultar também Otto Bauernfeind, *TDNT*, vol. 4, pp. 944-45.

4. *Um reconhecimento*

4.6

Apesar de as forças do mal cercarem os crentes, eles não precisam se desesperar por um momento sequer. João reitera a verdade apresentada nos versículos 4 e 5. Deseja assegurar a seus leitores que são filhos de Deus.

6 Nós somos de Deus, e aquele que conhece a Deus nos dá ouvidos; mas aquele que não é de Deus não nos dá ouvidos. É assim que reconhecemos o Espírito de verdade e o espírito de falsidade.

Nesses versículos, João expressa a confiança tranqüila de saber que Deus e seu povo são um. Com essa segurança, porém, João não minimiza nossa responsabilidade de fazer a vontade de Deus.¹¹ Nós, que somos de Deus, recebemos o conhecimento da verdade de Deus, temos o dever de falar aos outros sobre o Senhor e somos seus representantes. João enfatiza a Palavra *nós* ao colocá-la no começo da frase. Nós, que somos filhos de Deus, proclamamos a Palavra e, quando o fazemos, somos ouvidos por todos que conhecem a Deus.

João repete as palavras de Jesus: “Quem é de Deus, ouve as palavras de Deus” (Jo 8.47; comparar com 10.27). Por que o povo de Deus dá ouvidos aos pregadores? Porque os pregadores proclamam a Palavra de Deus e essa Palavra tem autoridade divina. O povo de Deus ouve a voz de Deus quando o pregador está falando.

Aqueles que não são de Deus não ouvem a proclamação de sua Palavra. Recusam-se a crer na verdade; ao invés disso, preferem “o espírito de falsidade”. Eles também estão assumindo toda a responsabilidade quando deliberadamente rejeitam o chamado ao arrependimento e à fé em Cristo.

Somos capazes de reconhecer o Espírito da verdade e o espírito da mentira ao observar a reação dos ouvintes à pregação da Palavra de Deus. Paulo diz:

11. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 616.

Graças, porém, a Deus que, em Cristo sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo; tanto nos que são salvos, como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para a vida. [2Co 2.14-16; comparar com Jo 14.17].

Considerações práticas em 4.4-6

Em várias partes do mundo, a igreja experimenta um aumento considerável em seu número de membros. Cristãos testemunham fielmente de sua fé em Cristo, pregadores proclamam o evangelho e convertidos recebem o sacramento do batismo. Em muitas regiões, porém, é clara a escassez de pregadores qualificados. Há um clamor insistente pedindo pastores ordenados e missionários. “A seara na verdade é grande, mas o trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (Mt 9.37,38; Lc 10.2; ver também Jo 4.35).

O ministério da igreja merece os melhores talentos possíveis à disposição da pregação do evangelho, do ensino da Palavra, do pastoreio da igreja, da tradução da Bíblia e da evangelização do mundo. Aqueles que estão servindo ao Senhor devem desafiar pessoas qualificadas a se prepararem para o ministério do evangelho. Com efeito, esses servos devem recrutar trabalhadores para o reino de modo que a obra do Senhor possa continuar a crescer.

Palavras, frases e construções do grego em 4.6

ἡμεῖς – João enfatiza a primeira pessoa no plural ao usar os pronomes e verbos para mostrar autoridade (apostólica).

ὁ γινώσκων – o particípio presente ativo descreve o ato de adquirir conhecimento.

ἐκ τούτου – a preposição ἐκ (não ἐν, como em 2.3,5; 3.16,24; 4.13; 5.2) conota causa ou meio.¹²

12. Consultar Moule, *Idiom-Book*, p. 73. Consultar também H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (Nova York: Macmillan, 1967), p.103.

πνεῦμα – a maioria dos tradutores considera paralelas as duas instâncias dessa palavra; porém, pelo menos duas traduções colocam em letras maiúsculas o primeiro uso de πνεῦμα com referência ao Espírito Santo (GNB, NIV).

τῆς ἀληθείας – o genitivo pode ser tanto possessivo (pertencente à verdade) como subjetivo (que declara a verdade).¹³

7 Caros amigos, amemos uns aos outros, pois o amor vem de Deus. Todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece Deus. 8 Aquele que não ama não conhece Deus, pois Deus é amor. 9 Foi assim que Deus mostrou seu amor por nós: Ele enviou seu único Filho ao mundo para que pudéssemos viver por meio dele. 10 Isso é amor: não que nós amamos Deus, mas que ele nos amou e nos enviou seu Filho como sacrifício expiatório por nossos pecados. 11 Caros amigos, uma vez que Deus nos amou dessa forma, nós também devemos amar uns aos outros. 12 Ninguém jamais viu Deus; mas se amamos uns aos outros, Deus vive em nós e seu amor é completado em nós.

B. Amem-se Uns aos Outros

4.7-12

1. Amor e conhecimento

4.7,8

João menciona a questão do *amor* em passagens anteriores (2.7-11; 3.11-18,23). Agora, de modo abrupto, ele apresenta uma discussão completa sobre esse tópico. Nessa discussão, João continua a apresentar contraste e paralelismo. Os estudiosos provavelmente estão certos ao ver os versículos 7 a 10 como uma expressão poética (comparar com 2.12-14).¹⁴ Para maior clareza, escrevi os próximos quatro versículos em forma de poesia.

**7 Caros amigos, amemos uns aos outros,
pois o amor vem de Deus.**

**Todo aquele que ama é nascido de Deus
e conhece Deus.**

13. Consultar R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John, and St. Jude* (Columbus: Wartburg, 1945), p. 492.

14. Na 26ª edição de Nestle-Aland, os editores inseriram um recuo nos versículos 7-11 em forma de poesia.

8 Aquele que não ama não conhece Deus, pois Deus é amor.

Esses dois versículos e os dois seguintes estão entre as passagens mais preciosas de toda a epístola. Eles falam do amor que vem de Deus e descrevem o crente como aquele que ama e conhece Deus. O descrente, pelo contrário, não ama porque não conhece Deus.

a. “Caros amigos, amemo-nos uns aos outros”. João se dirige aos seus leitores com a já conhecida expressão *caros amigos* (2.7; 3.2,21; 4.1,7,11), mas cujo sentido literal no original é mesmo “amados”. Ele inclui na frase uma exortação para que amem uns aos outros. O que ele está discutindo não é a afeição que membros de uma família têm uns pelos outros. Na realidade, escreve o verbo *amar* relacionado ao “amor divino”. João indica que Deus inicia o amor, derrama-o sobre seu povo e espera que este, em troca, mostre o mesmo amor entre si.

b. “Todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece Deus”. Essa, portanto, é a marca característica do crente. A pessoa que é nascida de Deus (2.29; 3.9; 5.1) é uma janela por meio da qual o amor de Deus brilha para o mundo. O crente expressa seu amor pelo próximo ao fazer ao próximo aquilo que ele próprio deseja que outros façam a ele. Em resumo, ele mostra seu amor ao obedecer à Regra Áurea (Lucas 6.31). Seu amor é genuinamente altruísta.

O crente ama seu próximo como a si mesmo pois, de acordo com João, o crente conhece Deus, ou seja, ele tem comunhão com Deus, o Pai, e seu Filho (1.3) e, assim, reflete a virtude do amor.

Conseqüentemente, quando João diz “[ele] conhece Deus”, talvez fosse sua intenção refutar os hereges gnósticos de sua época, que se orgulhavam de ter o conhecimento de Deus.¹⁵

c. “Aquele que não ama não conhece Deus”. João compara o crente com o descrente e observa que, quando o amor não está presente, não existe o conhecimento de Deus. A pessoa que não se comunica com Deus por meio da oração e deixa de ler a Bíblia não pode

15. Consultar M. de Jonge, “Geliefden, laten wij elkander liefhebben, want de liefde is uit God”, *Nederlands Theologisch Tijdschrift* 22 (1968): 352-67; ver também seu artigo “To Love as God Loves (1 John 4.7)”, in *Jesus: Inspiring and Disturbing Presence*, trad. John E. Steely (Nashville: Abingdon, 1974), pp. 110-27.

ser o instrumento por meio do qual Deus demonstra o seu amor divino. O descrente nem sequer começou a conhecer Deus. Sem o conhecimento de Deus, não há amor. Amor e conhecimento de Deus são dois lados da mesma moeda.

d. “Deus é amor”. As crianças aprendem essas palavras na igreja e em casa. Os adultos guardam com carinho essas três palavras, pois nelas João declarou uma das características de Deus: o amor. Isso significa não apenas que Deus ama sua criação e seu povo, ou que Deus é cheio de amor. Significa que, no mais profundo de seu ser, Deus é amor. E essa é a mensagem que João transmite por meio de sua epístola.

Agostinho observa que “se nada fosse dito em louvor ao amor ao longo das páginas dessa epístola, se mais nada houvesse nas páginas das Escrituras e somente essa única coisa nos fosse dita pela voz do Espírito de Deus, *pois Deus é amor*, não precisaríamos de mais nada”.¹⁶

Palavras, frases e construções do grego em 4.7,8

Versículo 7

ἀγαπῶμεν – esse é o subjuntivo exortativo (não o presente ativo do indicativo que tem forma idêntica).

γενένηται – de γεννάω (eu gero), esse verbo é o indicativo passivo perfeito. Nesta epístola, João emprega o tempo perfeito desse verbo cinco vezes (2.29; 3.9; 4.7; 5.1,4).

γινώσκει – O verbo γινώσκω (eu sei) aparece aqui no indicativo presente ativo e denota conhecimento experimental.

Versículo 8

ἔγνω – aqui João usa o tempo aoristo para contrastar com o tempo presente no versículo anterior. O aoristo é constativo.

ἀγόστη – sem o artigo definido, o substantivo é o predicativo do sujeito, no nominativo. O artigo em ὁ θεός designa o substantivo θεός como sujeito.

16. Consultar Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 101.

2. *O Amor de Deus*
4,9,10

**9 Foi assim que Deus mostrou seu amor por nós:
Ele enviou seu único Filho ao mundo
para que pudéssemos viver por meio dele.**

**10 Isto é amor: não que nós amamos a Deus,
mas que ele nos amou
e nos enviou seu Filho
como sacrifício expiatório por nossos pecados.**

Considere os seguintes pontos:

a. *Prova.* O amor de Deus emana de seu ser irradiando-se para nós e em nós, que o reconhecemos por meio de Jesus Cristo. O Filho de Deus é prova visível do amor de Deus para com seu povo. Assim, João escreve: “Foi assim que Deus mostrou seu amor por nós”. Deus enviou seu Filho ao mundo. Observe as palavras. João não cita o nome de *Jesus* ou *Cristo*; ao invés disso, ele usa a palavra *Filho* para chamar a atenção sobre o relacionamento íntimo entre Pai e Filho. Deus, o Pai, mandou seu Filho ao mundo. Mais do que isso, enviou “o seu único Filho” (ver também Jo 1.14,18; 3.16,18). Jesus não é um Filho entre muitos outros. A expressão *unigênito* “é usada para marcar a singularidade de Jesus sobre todos os seres terrenos e celestiais”.¹⁹

Deus enviou seu Filho unigênito ao nosso mundo pecador para nos dar vida. Se Deus, o Pai, tivesse dado o mundo como presente ao seu Filho, por ser ele herdeiro, Deus teria mostrado prova evidente de seu amor para com ele, e não teríamos dificuldade em entender esse gesto de amor de Deus, mas o texto diz que Deus “enviou seu único Filho ao mundo para que pudéssemos viver por meio dele”. Deus deu

17. Ver A. E. Brooke, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, International Critical Commentary Series (Edimburgo: Clark, 1964), p. 118. Donald W. Burdick chama o aoristo de ingressivo. *The Letters of John the Apostle* (Chicago: Moody, 1985), p. 319.

18. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 794; Dana e Mantey, *Manual Grammar*, p. 149.

19. Dos muitos comentários sobre este assunto, ver especialmente Karl-Heinz Bartels, *NIDNT*, vol. 2, p. 725 e Friedrich Büchsei, *TDNT*, vol. 4, p. 739-41.

seu Filho para morrer na cruz para que pudéssemos ter vida eterna. Ele nos deu seu Filho. Essa mensagem é inescrutável, somos incapazes de imaginar a profundidade do amor de Deus por nós.

b. *Prioridade*. “Isto é amor: não que nós amamos Deus, mas que ele nos amou”. João descreve a questão primeiro de modo negativo e depois positivo. Ele expressa de maneira negativa que não amávamos a Deus. João não diz “Deus nos ama porque somos os filhos amorosos de Deus”. Não, a verdade é o oposto, pois Paulo nos diz que temos uma disposição pecaminosa que é inimiga de Deus (Rm 8.7).

Positivamente, João afirma com toda certeza que o amor é originário de Deus, e não do homem (usar como referência 4.19; 2Ts 2.16). Deus ama os que não merecem amor. Como escreveu um poeta anônimo:

Busquei o Senhor e só então vim a saber
Que ele transformou minh'alma ao me procurar;
Não é que encontrei o verdadeiro Salvador,
Fui, sim, encontrado pelo Senhor.

Encontro, caminho, amo; mas todo esse amor
É só minha resposta a ti, Senhor!
Pois desde muito antes, com minh'alma estavas,
Sempre, sempre eras tu quem me amavas.

João conclui dizendo que Deus “enviou o seu Filho como sacrifício expiatório por nossos pecados”. Numa parte anterior da epístola, João escreveu as mesmas palavras (ver os comentários sobre 2.2; comparar também com Rm 3.25). O Filho unigênito de Deus cobriu nossos pecados e nos libertou da culpa. Observe que, nessa última parte do versículo 10, o contraste é entre o Filho de Deus e nossos pecados. Deus tomou a iniciativa de mostrar seu amor ao ser humano quando enviou seu Filho.

Palavras, frases e construções do grego em 4.9,10

Versículo 9

τὸν υἱὸν αὐτοῦ τὸν – a repetição do artigo definido enfatiza o substantivo υἱόν (filho) e o adjetivo μονογενῆ (único).

ἀπέσταλκεν – indicativo perfeito ativo de ἀποστέλλω (eu envio). Observe que João não usa o verboπέμπω (eu mando). O verbo ἀποστέλλω significa enviar com um determinado propósito.²⁰ No versículo seguinte, João usa o tempo aoristo ἀπέστειλεν, que é um aoristo culminante.²¹

Versículo 10

ἠγαπήκαμεν – o tempo perfeito de ἀγαπάω (eu amo) é seguido do tempo aoristo ἠγάπησεν. O aoristo é constativo.

3. Amor mútuo

4.11,12

11 Caros amigos, uma vez que Deus nos amou dessa forma, nós também devemos amar uns aos outros.

As palavras de João 3.16 reverberam na primeira parte do versículo 11, exceto pelo fato de que, aqui, João é bem mais pessoal: “uma vez que Deus nos amou dessa forma”. Ele usa o tempo passado *amou* para mostrar o acontecimento histórico do ministério e da morte de Jesus, a dádiva suprema de amor. Assim, João escreve as palavras *dessa forma* que significam “até o ponto”, ou seja, Deus nos amou a ponto de enviar seu próprio Filho para morrer na cruz do Calvário. Perplexo e maravilhado, Paulo expressa sua gratidão quando escreve: “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” (2Co 9.15).

A segunda parte do versículo 11 – “nós também devemos” – está relacionada ao resumo da lei (Mt 22.39). Deus nos dá um mandamento (Lv 19.18) com uma obrigação moral (comparar com 3.16). Somos recebedores do amor de Deus e, em troca, devemos amar uns aos outros. João não deixa implícito que devemos deixar de amar Deus, mas, como Paulo e Tiago, ele coloca a ênfase no mandamento de amar o próximo como a nós mesmos (Rm 13.9; Gl 5.14; Tg 2.8). Se nosso amor a Deus deve ser expresso por meio de nosso amor ao

20. Consultar Lenski, *Interpretation of the Epistles*, p. 501. E ver Bauer, p. 98.

21. Moule é da opinião de que os tempos perfeito e aoristo neste versículo são sinônimos. *Idiom-Book*, p. 14.

próximo, então cumprimos o mandamento de amar Deus e o próximo e nosso amor uns pelos outros é verdadeiro.²²

“Ninguém jamais viu Deus” (comparar com Êx 33.20; Dt 4.12; Jo 1.18; 1Tm 1.17; 6.16). João explica o que quer dizer com essas palavras quando, no contexto mais amplo, escreve que “qualquer um que não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (v. 20). Podemos ver nosso próximo, mas não podemos ver Deus. Apesar de dizermos que amamos Deus, nossas palavras perdem o sentido a menos que possamos dar-lhes expressão visível ao demonstrar nosso amor uns pelos outros. Devemos ver e amar Deus através de nosso próximo.

“Se amamos uns aos outros, Deus vive em nós e o seu amor é completado em nós”. João reafirma aquilo que ensinou anteriormente ao dizer que se obedecemos aos mandamentos de Deus, ele permanece em nós e nós, nele (3.24).

Considerações doutrinárias em 4.7-12

A Primeira Epístola de João é, predominantemente, um livro sobre o amor. Nessa epístola, o verbo *amar* aparece 28 vezes e seu substantivo correspondente, *amor*, é usado 18 vezes. Além disso, quase todas essas referências encontram-se na passagem de 3.1–5.3.²³

Se Deus nos amou antes da criação do mundo (Ef 1.4,5), porque enviou seu Filho para uma morte cruel na cruz? A morte de Cristo foi mesmo necessária? A resposta a essas perguntas é que Deus estava descontente e irado conosco por causa de nossos pecados e não podia se reconciliar conosco até que Cristo removesse nossa culpa. Deus expressa seu amor para com aqueles nos quais foi cumprida a exigência da justiça. Cristo preencheu essa exigência por seu povo. Assim, os filhos de Deus, que são cobertos por sua justiça, podem experimentar a plenitude do amor de Deus.²⁴

22. João Calvino comenta “que nosso amor não deve ser mercenário”, pois “fomos gratuitamente amados”. *Commentaries on the Catholic Epistles: The First Epistle of John*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p.242.

23. Comparativamente falando, João usa o verbo 37 vezes em seu evangelho.

24. Ver Calvino, *The First Epistle of John*, p. 241.

Palavras, frases e construções do grego em 4.12

ἡ ἀγάπη αὐτοῦ – o genitivo é subjetivo, e não objetivo.

τετελειωμένη – o tempo perfeito na voz passiva de τελειῶ (eu torno perfeito), denota ação que ocorreu no passado, mas que tem efeito duradouro. Deus é o agente.

13 Sabemos que vivemos nele e ele em nós, pois ele nos deu o seu Espírito. 14 E temos visto e testificado que o Pai enviou o seu Filho para ser o Salvador do mundo. 15 Se alguém reconhece que Jesus é o Filho de Deus, Deus vive nele e ele em Deus. 16 E, assim, conhecemos e confiamos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor. Aquele que vive em amor vive em Deus, e Deus nele.

C. Permaneçam em Deus

4.13-16a

1. O Espírito e o Filho

4.13,14

Nessa passagem, João volta ao tema da comunhão com Deus (ver 2.24; 3.24). Ele liga esse tema ao contexto da discussão anterior sobre o amor e considera-o do ponto de vista do aspecto do relacionamento íntimo que existe entre o Pai e o Filho.

13 Sabemos que vivemos nele e ele em nós, pois ele nos deu o seu Espírito. 14 E temos visto e testificado que o Pai enviou o seu Filho para ser o Salvador do mundo.

a. O texto grego realmente diz: “Por isso sabemos”. As palavras *por isso* se referem ao contexto anterior, no qual João nos diz que, se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós. A discussão de João sobre a questão do *amor*, portanto, é o pano de fundo para a confiança que João expressa em Deus. O que vem a ser essa confiança? João diz: “Sabemos que vivemos nele e ele em nós”, ou seja, ao experimentarmos a presença de Deus em nossa vida, sabemos que ele permanece em nós, e nós em Deus.

b. Como sabemos que estamos em Deus e ele em nós? “Pois ele nos deu o seu Espírito”. Apesar de João usar várias palavras repeti-

das, em relação ao que escreveu em 3.24, ele faz uma afirmação um pouco diferente. Lá, ele diz “*pelo* Espírito que nos deu”. Aqui, no versículo 13, “*pois* ele nos deu *o* seu Espírito”. Em 3.24, ele fala que a bênção divina flui para dentro de nós pela obra do Espírito Santo. O Espírito derrama o amor de Deus sobre nós (Rm 5.5) e revela que Deus está vivendo dentro de nós. Mas, no versículo 13, vemos que o próprio Espírito Santo é o presente de Deus para nós, que o recebemos.

c. O Espírito não age sozinho. Em conjunto com o Pai e com o Filho, ele participa da obra da salvação. Nos versículos 13 e 14, portanto, João menciona a obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo – a Trindade.

d. Juntamente com os outros apóstolos, João pode testemunhar a verdade do evangelho. Ele escreve: “E nós temos visto e testificado” (comparar com Jo 1.14,15). Talvez ele tenha em mente a cena do batismo de Jesus. No rio Jordão, o Espírito de Deus desceu na forma de um pombo e o Pai declarou: “Este é meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17; Lc 3.22). Os discípulos foram testemunhas oculares não apenas do batismo de Jesus, mas também de toda a sua vida. Eles viram, ouviram e com suas mãos tocaram Jesus (1.1). Depois da ascensão, eles proclamaram a veracidade da mensagem de Jesus.

e. João dá um breve resumo do evangelho: “O Pai enviou seu Filho para ser o Salvador do mundo”. Essa é uma declaração extremamente profunda! Deus, o Pai, deu ao Filho a missão de salvar o mundo, e Deus deu início a essa missão do Filho por causa de seu amor pelo mundo pecaminoso.

Jesus proclamou a mensagem da salvação de modo extremamente eficaz. Quando visitou Sicar, os samaritanos disseram: “Sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4.42). Na igreja primitiva, os apóstolos pregavam que Jesus é Salvador. Diziam: “Deus, porém, com sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados” (At 5.31; ver também 13.23).²⁵

A igreja primitiva chamava a atenção para Jesus, que foi apontado como Salvador, e recebeu autoridade como Senhor para salvar não

25. Consultar Johannes Schneider e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 219.

apenas os judeus, mas também os gentios. A obra da salvação, portanto, tem dimensões mundiais (Jo 3.16).

Palavras, frases e construções do grego em 4.13,14

Versículo 13

ἐκ – apesar de o uso partitivo dessa proposição não poder ser negado,²⁶ é válida a idéia de origem.²⁷

δέδωκεν – indicativo perfeito ativo de δίδωμι (eu dou). O tempo perfeito denota progresso, mas o verbo não possui objeto direto.

Versículo 14

ἡμεῖς – esse pronome pessoal é uma referência ao círculo dos apóstolos.

τεθεώμεθα καὶ μαρτυροῦμεν – A. T. Robertson comenta que “existe uma distinção real” entre o tempo perfeito do verbo θεόωμαι (eu observo) e o tempo presente do verbo μαρτυρέω (eu testifico, testemunho).²⁸

σωτήρα – na literatura joanina, esse substantivo aparece apenas aqui e em João 4.42. B. F. Westcott observa que o verbo σώζειν (salvar) e o substantivo σωτηρία (salvação) não aparecem nas epístolas de João.²⁹

2. Deus permanece no crente 4.15,16a

15 Se alguém reconhece que Jesus é o Filho de Deus, Deus vive nele e ele em Deus. 16 E, assim, conhecemos e confiamos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor. Aquele que vive em amor vive em Deus, e Deus nele.

26. Consultar Robertson, *Grammar*, pp. 519, 599; Moule, *Idiom-Book*, p. 72.

27. Ver Lenski, *Interpretation of the Epistles*, p. 507.

28. Robertson, *Grammar*, p. 894.

29. B. F. Westcott, *The Epistles of St. John, The Greek Text, with Notes and Addenda* (1883; Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 154.

Quem são as pessoas do mundo as quais Jesus veio salvar? São aqueles que reconhecem a filiação divina de Jesus. Na verdade, somente quando o crente confessa que “Jesus é o Filho de Deus” é que Deus habita nele e ele em Deus. Sozinhas, essas palavras são simples, mas a frase não deve ser vista como mera declaração confessional, ainda que talvez tivesse sido equivalente a *Jesus é o Senhor* (1Co 12.3).

Quando olhamos para essa frase do ponto de vista bíblico, logo percebemos que João volta nossa atenção para uma verdade teológica. A palavra *Jesus* engloba toda a história de Jesus, do seu nascimento até sua ascensão e sua presença à destra do Pai. O termo *Filho de Deus* tem suas origens nas profecias do Antigo Testamento (como, por exemplo, 2Sm 7.14; Sl 2.7) que foram cumpridas com a vinda de Jesus (comparar com Hb 1.5). A confissão de que *Jesus é o Filho de Deus* expressa sua humanidade e sua divindade. Além disso, exclui todos aqueles que negam que Jesus é o Filho de Deus (2.23; 5.10,12) como sendo pessoas que não têm comunhão com Deus.

“E, assim, conhecemos e confiamos no amor que Deus tem por nós”. Ao usar o pronome pessoal *nós*, João inclui todos os leitores de sua epístola. Ele afirma que, através de experiências, viemos a conhecer o amor de Deus e colocamos nele a nossa confiança. Os dois verbos, *conhecer* e *crer* (confiar), andam juntos. A. E. Brooke escreve: “O crescimento no conhecimento e o crescimento na fé agem e reagem um em relação ao outro”.³⁰

Considerações doutrinárias em 4.13-16a

Em sua canção vespertina, Henry F. Lyte pede: “Habita em mim”. E o faz com razão. João, porém, diz ao crente que se ele confessar a filiação divina de Jesus, Deus habita nele e ele em Deus. A confissão, obviamente, inclui a disposição de obedecer aos mandamentos de Deus (3.24). Além disso, o seguidor de Cristo deve andar como Jesus andou (2.6); então, pode dizer que vive em Cristo.

Ao longo de sua epístola, João nos assegura que permanecemos em Deus e ele em nós. Nele, temos nova vida (2.6,24,27,28; 3.6,24;

30. Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, p. 122.

4.12,13,15,16) e estamos plenamente conscientes de nossa vida em Cristo (2.5; 5.20).³¹

Palavras, frases e construções do grego em 4.15

ὅς ἐόν – “quem quer que seja, qualquer um”. A combinação é seguida do verbo ὁμολογήσῃ (ele confessa) no subjuntivo aoristo. O aoristo significa uma única ação, associada à incerteza do subjuntivo.

Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ – “Jesus é o Filho de Deus”. “Se o sujeito é um substantivo próprio... ele pode aparecer sem artigo, enquanto o predicado possui um artigo”.³²

16 E, assim, conhecemos e confiamos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor. Aquele que vive em amor vive em Deus, e Deus nele. 17 Desse modo, o amor é completado no meio de nós para que possamos ter confiança no dia do julgamento, pois neste mundo somos como ele. 18 Não há medo algum no amor. Mas o amor perfeito lança de si todo o medo, pois o medo está relacionado ao castigo. Aquele que tem medo não é aperfeiçoado no amor. 19 Nós amamos porque ele nos amou primeiro. 20 Se alguém diz “eu amo a Deus”, mas odeia seu irmão, é mentiroso, pois qualquer um que não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar Deus, a quem não vê. 21 E ele nos deu este mandamento: aquele que ama a Deus também deve amar o seu irmão.

D. Vivam em amor 4.16b-21

1. Deus é amor 4.16b,17

Alguns tradutores e comentaristas marcam um novo parágrafo que começa no meio do versículo 16.³³ A razão para essa divisão do

31. Guthrie, *New Testament Theology*, pp.642-43.

32. Dana e Mantey, *Manual Grammar*, p. 149.

33. GNB, NAB, NEB, NIV e os seguintes comentaristas vêem uma divisão nesse versículo: Brooke, *Commentary on the Johannine Epistles*, p. 122; Westcott, *The Epistles of St. John*, p. 155; Kenneth Grayston, *The Johannine Epistles*, New Century Bible Commentary Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 129; Raymond E. Brown, *The Epistles of John*, Anchor Bible Series (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982), vol. 30, p. 590.

capítulo é que existe um certo paralelismo quanto à palavra *amor* em 4.7, 4.11 e 4.16b. Esses versículos e as seções que representam desenvolvem o tema do *amor*. Assim, Raymond E. Brown observa: “Ambos começam e terminam com uma ênfase no amor de Deus”.³⁴

16b Deus é amor. Aquele que vive em amor vive em Deus, e Deus nele.

Por que João está repetindo a declaração *Deus é amor* (v. 8)? Na seção anterior, João define o que é amor, qual é sua origem e como ele se desenvolve. Mas, nos versículos 16b-18, ele diz ao leitor qual é o propósito do amor: o amor de Deus, dentro de um crente, garante a confiança, lança fora o medo e o incentiva a ser como Jesus (2.6).

“Deus é amor”. Deus, cuja essência é amor, aproxima-se de seu povo em amor. João revela que qualquer um que permanece nesse amor divino permanece em Deus e Deus nele. Essa passagem curta é o que C. H. Dodd chama de “marco do pensamento desta epístola”.³⁵ O amor de Deus garante a vida, e a vida em si revela amor. Observe o uso repetitivo dos termos *Deus*, *amor*, e *vive* nesse versículo.

17 Desse modo, o amor é completado no meio de nós para que possamos ter confiança no dia do julgamento, pois neste mundo somos como ele.

Fazemos três observações:

a. *O amor é aperfeiçoado*. No grego, a palavra *deste* (“deste modo” na NIV) está no início do versículo. Ela pode se referir tanto ao que a antecede quanto àquilo que vem depois. Se ela se refere ao que vem depois, então o resto do versículo 17 é uma explicação da palavra *deste*. Se entendermos dessa forma, o versículo levanta uma contradição curiosa: por que o amor é aperfeiçoado agora de modo que tenhamos confiança no dia do julgamento? Talvez fosse melhor ligar a palavra *deste* aos versículos anteriores; traduzindo-a como *desse*. Pelo fato de amarmos, permanecemos em Deus e ele em nós: “desse modo, o amor é completado”. Em outras passagens, João usa construções semelhantes que se referem ao contexto anterior (3.10,19).

34. Brown, *The Epistles of John*, p. 545.

35. Dodd, *The Johannine Epistles*, p. 118.

Qual é o significado do amor que é aperfeiçoado? James Montgomery Boice explica: “[Aperfeiçoado] significa ‘pleno’ ou ‘maduro’ e se refere à disposição e atividade na qual se encontra o cristão quando o amor de Deus dentro dele... realizou aquilo que Deus quer levar à cabo”.³⁶

b. *Confiança*. Quando temos comunhão com Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo (1.3), quando permanecemos no Filho e no Pai (2.24), quando Deus habita em nós e nós nele (3.24; 4.12,13,15), então temos confiança de que não seremos condenados no dia do julgamento. Estamos confiantes diante de Deus agora (2.21) e estaremos confiantes quando Cristo aparecer no dia do julgamento (2.28).

c. *Imitando Cristo*. A razão de nossa confiança é nossa conformidade a Cristo. Assim como Cristo mostrou seu amor, assim nós devemos mostrar amor uns para com os outros no mundo em que vivemos. No contexto desta epístola, o amor de Deus ao enviar o seu Filho é o que predomina. Além disso, temos a obrigação de demonstrar amor uns para com os outros e, assim, cumprir o mandamento de Deus (3.23). Quando imitamos o amor de Jesus, não precisamos temer o julgamento vindouro.

Palavras, frases e construções do grego em 4.16b,17

Versículo 16b

ὁ θεός – o artigo definido com este substantivo determina o sujeito de ἔστιν. O substantivo ἀγάπη é predicado nominal (comparar com v. 8; Jo 1.1).³⁷

Versículo 17

παρησία – “confiança”. João usa esse substantivo mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. Ele aparece nove vezes em seu Evangelho (7.4,13,26; 10.24; 11.14,54; 16.25,29; 18.20) e quatro vezes em 1 João (2.28; 3.21; 4.17; 5.14). Paulo, por outro

36. James Montgomery Boice, *The Epistles of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 147.

37. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 768.

lado, usa o substantivo oito vezes. Lucas, cinco vezes (em Atos); o autor aos Hebreus, quatro vezes; e Marcos, uma vez. O substantivo significava originalmente que, “na assembléia pública do povo, a pessoa pode expressar livremente sua opinião”.³⁸

μετ᾽ ἡμῶν – a preposição μετὰ com o pronome no caso genitivo parece significar “entre nós (*em nossa comunidade*)”.³⁹

2. O amor lança fora o medo 4.18

18 Não há medo algum no amor. Mas o amor perfeito lança de si todo o medo, pois o medo está relacionado ao castigo. Aquele que tem medo não é aperfeiçoado no amor.

a. “Não há medo algum no amor”. Assim como a fé e a dúvida não podem existir juntas no coração do crente, o amor e o medo também não têm nada em comum. Os cristãos que – cumprindo o mandamento de Deus – demonstram seu amor a Deus e ao próximo, não têm medo.

A palavra *medo* pode ter dois sentidos: pode significar “susto, pavor” ou pode ser, “reverência, respeito”.⁴⁰ Obviamente, o primeiro significado não se aplica a esse texto. O crente ama e respeita Deus, mas não tem medo dele (Rm 8.15). Por causa de seu amor a Deus e da comunhão com ele, o cristão não tem medo do dia do julgamento. Ao invés disso, ele vive sua vida na terra com reverente “temor” (1Pe 1.17; ver também Fp 2.12).

b. “Mas o amor perfeito lança de si todo o medo”. Qual o significado do termo *perfeito amor*? “Não é um amor sem defeitos, pois esse somente Deus tem”.⁴¹ É, na verdade, o amor pleno, pois cria

38. Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 2, p. 735.

39. Moule, *Idiom-Book*, p. 61.

40. Bauer, p. 863; Thayer, p. 656. Uma combinação desses dois significados aparece no relato da entrega dos Dez Mandamentos. “Respondeu Moisés ao povo: Não temais; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis (Êx 20.20).

41. Burdick, *The Letters of John the Apostle*, p. 336.

dentro de nós o desejo de obedecer aos mandamentos de Deus.⁴² Quando o amor se expressa no ato de amar Deus e o nosso próximo, então o medo e a sensação de pavor não têm lugar em nosso coração.

c. “Pois o medo está relacionado ao castigo”. A razão pela qual o amor e o medo são mutuamente excludentes é porque o medo está relacionado ao castigo. No amor perfeito, não existe a idéia de castigo, mas, quando há desobediência, há medo. E o medo do castigo vindouro já é uma punição. F. F. Bruce escreve: “Castigo é o que recebem aqueles que, pela desobediência, já estão condenados”.⁴³

O crente que vive em íntima comunhão com Deus está livre do medo do castigo. Ele sabe que Deus castigou Jesus Cristo em seu lugar, na cruz do Calvário. Assim, Deus não pune o crente, pois, de outro modo, a obra de Cristo seria incompleta. Deus corrige e disciplina, mas não castiga seus filhos.

d. “Aquele que tem medo não é aperfeiçoado no amor”. Nessa última parte do versículo, João deseja instilar confiança no coração do crente. Ele coloca suas idéias de forma negativa para indicar que a pessoa que teme não tem amor. Descrença perturba a pessoa, mas “o amor de Deus, verdadeiramente conhecido, tranqüiliza o coração”.⁴⁴

Considerações práticas em 4.17,18

Aqueles que assistem à televisão podem ver julgamentos em tribunais quase todos os dias. Ficamos acostumados com juízes, defesa, acusação e advogados. Ouvimos o veredito e vemos o inocente ser absolvido e o culpado ser condenado. Com freqüência, testemunha-

42. Wilhelm Mundle, *NIDNTT*, vol. 1, pp. 623-24. Consultar também Glenn W. Barker, que diz: “A experiência da santidade do amor de Deus nos faz desejar ser cada vez mais obedientes aos seus mandamentos”. *1 John, the Expositor's Bible Commentary*, 12 vols. org. Frank E. Gaebelin (Grand Rapids: Zondervan, 1981), vol. 12, p. 346.

43. F. F. Bruce, *The Epistles of John* (1970; Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. 113. Consultar também Johannes Schneider, *TDNT*, vol. 3, p. 817; Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 98.

44. Calvino, *The First Epistle of John*, p. 248. A Jerusalem Bible tem um comentário revelador (ver as notas sobre o versículo 18): “É impossível combinar o amor de um filho com o medo de um escravo”.

mos a expressão de emoções que já não podem mais ser controladas. Essas emoções demonstram, por vezes, ansiedade e medo e, em outras ocasiões, alegria, e felicidade.

Todo ser humano terá que comparecer diante do trono de julgamento de Cristo. Sentimentos de culpa e remorso encherão o coração daqueles que se recusaram a obedecer aos mandamentos de Deus, a crer em sua Palavra e a aceitar Cristo como Salvador. Seu coração se encherá de medo (Ap 6.15-17), pois eles se darão conta de que o Juiz irá condená-los por seu pecado.

Aqueles que viveram em comunhão com o Pai e o Filho não têm o que temer. Seu coração está cheio de alegria e amor. Eles ouvirão a palavra *absolvido* dos lábios de Jesus. Ele dirá ao Pai: “Eu paguei por tudo”.

Palavras, frases e construções do grego em 4.18

φόβος – “medo”. Esse substantivo aparece três vezes numa frase sem artigo definido. “Não é necessário ter o artigo com qualidades [abstratas]”.⁴⁵

κολάσιν – “castigo”. O substantivo é derivado do verbo κολάζω (eu castigo). Observe que a terminação – σις denota processo. O substantivo “se refere àquele que sofre”.⁴⁶

3. Amem a Deus e ao próximo

4.19-21

19 Nós amamos porque ele nos amou primeiro.

O ser humano jamais pode afirmar que o seu amor por Deus foi anterior ao amor de Deus por ele. Deus sempre vem em primeiro lugar ao nos amar, e nós respondemos com o nosso amor por ele. Nosso amor, portanto, é uma cópia do seu amor. Ele é a origem do amor, e nós seguimos o seu exemplo.

45. Robertson, *Grammar*, 758.

46. Thayer, p.353.

A primeira parte da frase está incompleta. João escreve: “Nós amamos”. Mas amamos quem? O contexto mais amplo (vs. 7,11,12) parece favorecer as palavras *uns aos outros* ou *um ao outro*. Alguns manuscritos antigos, porém, trazem a palavra *ele* ou *Deus* como objeto direto do verbo *amar*. Assim, pelos menos duas traduções trazem *nós o amamos* (KJV e NKJV).⁴⁷

20 Se alguém diz “eu amo a Deus”, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Pois qualquer um que não ama seu irmão, a quem ele vê, não pode amar a Deus, a quem ele não vê.

É possível que João estivesse se dirigindo aos mestres gnósticos, que diziam amar a Deus, mas cuja conduta mostrava ódio para com os cristãos. O amor a Deus não pode ser um sentimento caloroso em nosso coração, que se move verticalmente para o céu, mas que, horizontalmente, não alcança o nosso próximo. O amor verdadeiro a Deus e ao nosso próximo se estende em ambas as direções.

Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança (ver, por exemplo, Gn 1.26,27; 1Co 11.7; Ef 4.24; Cl 3.10). Ele requer que amemos os seres humanos porque somos feitos à essa imagem.⁴⁸ Num contexto completamente diferente, que ainda assim expressa a mesma verdade, Tiago escreve: “Com ela [a língua] bendizemos ao Senhor e Pai; também com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus” (3.9). Tal conduta certamente não pode ser correta.

João volta a um tema anterior. Exceto por algumas mudanças verbais, ele repete o que escreveu no capítulo anterior: “o homem que diz ‘eu o conheço’ mas não faz aquilo que ele ordena é um mentiroso e a verdade não está nele” (2.4). João emprega uma linguagem forte ao usar o termo *mentiroso*, mostrado o contraste entre a verdade e a mentira.⁴⁹

Alguns textos antigos apresentam um texto ligeiramente diferente, que coloca a última parte do versículo em forma de pergunta: “Pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?” (NKJV, KJV).

47. Metzger afirma que alguns copistas acrescentaram a palavra *Deus* ou o pronome *ele* para completar a frase. *Textual Commentary*, p. 713.

48. Consultar Calvino, *The First Epistle of John*, p. 249.

49. O termo *mentiroso* aparece dez vezes no Novo Testamento, sendo que duas delas são no Evangelho de João (8.44,55), cinco em 1 João (1.10; 2.4,22; 4.20; 5.10) e três vezes nas epístolas de Paulo (Rm 3.4; 1Tm 1.10; Tt 1.12).

21 E ele nos deu este mandamento: aquele que ama a Deus também deve amar o seu irmão.

João conclui sua discussão sobre o amor ao declarar o resumo da lei (comparar com 3.23). Ele oferece a essência das palavras ditas por Jesus durante a última semana de seu ministério: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22.37-40). Jesus juntou o “grande e primeiro mandamento” (Dt 6.5) com o segundo mandamento (Lv 19.18). Deus deu esses mandamentos para o povo de Israel por meio de Moisés.

Jesus e os apóstolos enfatizaram repetidamente a segunda parte do resumo: “Ama ao teu próximo como a ti mesmo”.⁵⁰ Por que os escritores do Novo Testamento dão tanto valor ao amor ao próximo? A resposta tem duas partes: em primeiro lugar, porque nosso próximo tem a imagem de Deus; em segundo lugar, porque Deus nos dá o mandamento de amar o próximo.⁵¹

Palavras, frases e construções do grego em 4.19,20

Versículo 19

ἀγαπῶμεν – precedido de ἡμεῶις para ter mais ênfase, o verbo pode ser tanto indicativo (“nós amamos”) como subjuntivo (“amemos”). O contexto favorece o indicativo.

πρῶτος – esse é um adjetivo, e não um advérbio: “Deus é o primeiro a amar” (comparar com Jo 20.4).⁵²

Versículo 20

οὐ – o Texto Majoritário traz o termo πῶς (como), ao invés de οὐ (não). De acordo com esse texto, a frase é uma pergunta.⁵³ Met-

50. Eis algumas referências: Lc 10.27; Jo 13.34; 15.12; Rm 13.8,9; Gl 5.14; 1Ts 4.9; Hb 13.1; Tg 2.8; 1Pe 4.8; 1Jo 3.23.

51. Consultar Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 109.

52. Robertson, *Grammar*, p. 549.

53. Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges, *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville e Nova York: Nelson, 1982), p. 712.

zger, porém, é da opinião de que πῶς “parece ser uma melhoria introduzida pelos copistas a fim de realçar o estilo retórico”.⁵⁴

Resumo do capítulo 4

Nos versículos de abertura desse capítulo, João diz aos leitores para terem cuidado com os falsos mestres e discernirem o Espírito de Deus. Ele encoraja os destinatários da carta com a afirmação de que pertencem a Deus e os exorta a serem fiéis aos ensinamentos dos apóstolos.

João nos admoesta a cultivar o amor mútuo, tendo em vista que o amor vem de Deus. O amor é divino, pois Deus é amor. Deus dá o exemplo ao enviar seu Filho ao mundo, e, se mostramos amor uns pelos outros, Deus tem comunhão conosco. Nosso conhecimento de que Jesus é Filho de Deus confirma que Deus permanece em nós. Assim, temos confiança no dia do julgamento. O amor lança fora o medo. A pessoa que teme não é aperfeiçoada no amor.

João conclui com a afirmação de que, se dissemos que amamos a Deus e odiarmos nosso irmão, somos mentirosos. Recebemos o mandamento de amar Deus e o nosso próximo.

54. Metzger, *Textual Commentary*, p. 714.

CAPÍTULO 5

Amem a Deus, *parte 2*

5.1-12

Epílogo

5.13-21

Esboço (continuação)

- 5.1-4 E. Fé no Filho de Deus
- 5.1,2 1. Creiam no Filho
- 5.3,4 2. Vençam o mundo
- 5.5-12 F. Aceitem o Testemunho de Deus
- 5.5 1. Jesus é o Filho de Deus
- 5.6-8 2. Jesus e o Espírito
- 5.9,10 3. Testemunho de Deus
- 5.11,12 4. Vida eterna

- 5.13-21 **V. Epílogo**
- 5.13-15 A. Peçam de Acordo com a Vontade de Deus
- 5.13 1. Vida eterna
- 5.14,15 2. Oração respondida
- 5.16,17 B. Orem pela Remissão
- 5.18-21 C. Conheçam o Filho de Deus
- 5.18 1. Nascido de Deus
- 5.19 2. Filhos de Deus
- 5.20 3. Filho de Deus
- 5.21 4. Uma admoestação

5 ¹ Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus, e todo aquele que ama o pai também ama seu filho. ² É assim que sabemos que amamos os filhos de Deus: ao amar Deus e obedecer aos seus mandamentos. ³ Isto é amor a Deus: obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são penosos, ⁴ pois todo aquele que é nascido de Deus tem vencido o mundo. Esta é a vitória que tem vencido o mundo, por certo, a nossa fé.

E. Fé no Filho de Deus

5.1-4

1. Creiam no Filho

5.1,2

João repete o tema da filiação de Cristo, que ele já expôs anteriormente (2.22; 4.15). Quase no final da epístola, ele deseja dizer aos seus leitores que a filiação de Cristo garante seu relacionamento com Deus: “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus”. Os leitores de sua carta devem saber que são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Essa fé os caracteriza como cristãos, que expressam seu amor por ele ao obedecerem aos mandamentos de Deus.

1 Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus, e todo aquele que ama o pai também ama seu filho. 2 É assim que sabemos que amamos os filhos de Deus: ao amar Deus e obedecer aos seus mandamentos.

Observamos três pontos:

a. *Fé*. Nesse capítulo, João usa com frequência o verbo *crer*.¹ Ele explica o significado de crer em Jesus Cristo ao declarar que “todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus”. Quando João

1. Nessa epístola, o verbo *crer* aparece nove vezes (3.23; 4.1,16 [confiar,] NIV); 5.1,5,10 [três vezes], 13). O substantivo *fé* aparece apenas em 5.4. Ver também p. 426, n.52.

diz “todo aquele”, indica que a religião cristã não exclui ninguém. Qualquer um que coloca sua fé em Cristo com sinceridade é filho de Deus.

O verbo principal na frase é “nascido”, e a oração *todo aquele que crê* é seu sujeito. Isso significa que o crente é filho de Deus, o Pai, pois é Deus quem faz nascer espiritualmente seu filho. A fé daquele que crê em Deus é prova irrefutável de seu nascimento espiritual. Ele sabe que Jesus é o Cristo, pois o crente é nascido de Deus.² A fé em Jesus Cristo está inseparavelmente ligada ao amor pelos filhos de Deus.

b. *Amor*. “E todo aquele que ama o Pai também ama seu Filho”. A segunda parte do versículo 1 liga fé com amor. Um não pode existir sem o outro e, juntos, demonstram a vida espiritual vibrante do filho de Deus. João Calvino observa: “Tendo em vista que Deus nos regenera pela fé, ele deve necessariamente ser amado por nós como um Pai, e esse amor inclui todos os seus filhos”.³ Fé e amor são, essencialmente, inseparáveis. Na família de Deus, a fé em Deus e o amor para com ele e com seus filhos estão totalmente integrados.

Que evidências há para se combinar a fé e o amor? João oferece a resposta prontamente. Escreve: “É assim que sabemos que amamos os filhos de Deus: ao amar Deus e obedecer aos seus mandamentos”. Na verdade, essas palavras são quase uma transcrição de um versículo anterior, “Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos” (2.3; ver também 3.23).

c. *Obediência*. João afirma que, para ser autêntico, o amor aos filhos de Deus tem que existir em conjunto com o amor a Deus.⁴ E o amor a Deus só pode ser verdadeiro se obedecermos às suas leis. Observe que João dá ao leitor uma declaração composta de três partes: amor aos filhos de Deus, amor a Deus, e obediência aos seus

2. James Montgomery Boice comenta: “Cremos e, de fato, fazemos tudo o mais que é de natureza espiritual justamente porque, antes de mais nada, recebemos a vida”. *The Epistles of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 153.

3. João Calvino, *Commentaries on the Catholic Epistles: The First Epistle of John*, org. e trad. John Owen (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 250. Ver também Alfred Plummer, *The Epistles of St. John*, Cambridge Greek Testaments for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p. 111.

4. C. H. Dodd comenta: “Não há dúvidas de que o autor acredita que o amor a Deus e o amor ao homem são tão inseparáveis que a presença de um deles é evidência da existência do outro”. *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p. 125.

mandamentos. Para ser válida, qualquer parte dessa declaração deve estar ligada às outras duas partes. Com efeito, João reitera o ensinamento de Jesus sobre esse determinado assunto. Jesus disse: “Se guardares os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no seu amor permaneço” (Jo 15.10; comparar com 14.15).

Palavras, frases e construções do grego em 5.1,2

Versículo 1

γεγέννηται – esse verbo passivo perfeito de γεννώ (eu gero) é seguido do particípio ativo γεννήσαντα (referindo-se a Deus). Essa partícula está no aoristo para expressar um único acontecimento. O verbo também é seguido do particípio passivo γεγεννημένον (referindo-se ao filho de Deus), no tempo perfeito para indicar importância duradoura.

Versículo 2

ἐν τούτῳ – essa combinação ocorre com freqüência nessa epístola. Pode apontar tanto para o contexto que antecede como para o que sucede. Nesse caso, ele aponta para o que vem em seguida.

ποιῶμεν – alguns manuscritos trazem o termo τηρῶμεν (guardamos) para harmonizar com o versículo seguinte (v. 3) e outras passagens (2.3,4,5; 3.22,24).⁵ Pelo menos duas traduções têm adotado essa leitura (KJV e NKJV).

2. Vençam o mundo

5.3,4

3 Isto é amor a Deus: obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são penosos, 4 pois todo aquele que é nascido de Deus tem vencido o mundo. Esta é a vitória que tem vencido o mundo, por certo, a nossa fé.

5. Consultar Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 714.

a. “Amor a Deus”. João é o escritor do Novo Testamento que oferece várias definições curtas. Em seu Evangelho, por exemplo, ele define vida eterna (17.3), e em sua epístola ele explica repetidamente certas verdades espirituais (consultar 2.5,6; 3.10,23,24; 4.2,10; 5.14). Aqui ele declara que o amor a Deus significa “[obedecer] aos seus mandamentos”. O amor a Deus não consiste de palavras faladas, mesmo que bem-intencionadas, mas de determinadas ações que demonstram obediência aos mandamentos de Deus.

b. “Seus mandamentos não são penosos”. João reafirma as palavras de Jesus: “Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11.30). Os escribas e fariseus faziam exigências desnecessárias para o povo judeu do século 1º. Ao Decálogo eles acrescentaram centenas de regras humanas que eram penosas para o povo (ver Mt 23.4; Lc 11.46).⁶

Para a pessoa que se recusa a reconhecer Jesus como Filho de Deus, os mandamentos são uma ameaça para a liberdade que o ser humano declarou para si mesmo. São empecilhos para seu estilo de vida e uma constante fonte de irritação.

O filho de Deus, porém, sabe que Deus lhe deu as leis para sua própria proteção. Desde que permaneça dentro da área delimitada por essas leis, ele está seguro, pois tem ali o seu próprio ambiente espiritual. Assim, o crente pode fazer o que desejar dentro dos limites dos mandamentos de Deus (Dt 30.11-14).

Agostinho observa corretamente: “Amái e fazei o que quiserdes”. O cristão deseja obedecer aos preceitos de Deus. Com as palavras do salmista, ele diz: “Terei prazer nos teus mandamentos [de Deus], os quais eu amo” (Sl 119.47; ver também Rm 7.22). Apesar de o ensinamento de João ser válido para todos os preceitos, o contexto do versículo 3 se refere ao mandamento de crer que Jesus é o Filho de Deus e amar os filhos de Deus (v. 1).⁷

6. Consultar Wilhelm Mundle, *NIDNTT*, vol. 1, p. 262. Gottlob Schrenk comenta sobre a frase *os seus mandamentos não são penosos*. Diz: “[Esta] frase significa a remoção da categoria de mandamentos difíceis vistos pelo homem como algo que exige realizações extraordinárias”, *TDNT*, vol. 1, p. 557.

7. Comparar com S. Greijdanus, *De Brieven van de Apostolen Petrus en Johannes, en de Brief van de Judas*. *Kommentaar op het Nieuwe Testament Series* (Amsterdã: Van Bottenburg, 1929), p. 511.

c. “Todo aquele que é nascido de Deus”. O grego diz: “Todos aqueles que são nascidos de Deus”. João deseja colocar a ênfase não sobre o indivíduo, mas sobre o geral, sobre todas as pessoas que experimentaram o nascimento espiritual.⁸

d. “Tem vencido o mundo”. Todos os que nasceram de Deus venceram o mundo e, portanto, já podem declarar essa vitória. Sabem que Jesus disse: “Tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33). Como Jesus é vitorioso, nós também temos a vitória nele. Jesus venceu o maligno neste mundo e libertou o seu povo do poder de Satanás. “Assim, a batalha já está decidida, mesmo que ainda não tenha terminado”.⁹

e. “Esta é a vitória”. Observe que João não diz: “Este é o vencedor”. Ele escreve sobre “a vitória” para mostrar que o próprio conceito é importante. Vitória e fé são sinônimos. João diz aos seus leitores que a fé venceu o mundo. É claro que sua fé está em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Quando os crentes colocam sua fé sobre Jesus, então nada pode separá-los do amor de Deus em Cristo Jesus (Rm 8.37-39; 1Co 15.57). Nenhum poder maligno neste mundo é capaz de sobrepujar a pessoa que confia em Jesus. Pelo contrário, o crente é vitorioso sobre o mundo porque sua fé está no Filho de Deus.

Fé é a vitória!
Fé é a vitória!
Ó, gloriosa vitória,
Que vence o mundo.

John H. Yates

Considerações práticas em 5.4

Heróis normalmente são ídolos do povo. Especialmente a geração mais jovem adora e imita homens e mulheres de sucesso.

8. No grego, João usa o singular neutro na forma *tudo* para indicar universalidade. Ver, por exemplo, Jo 6.37,39; 17.2.

9. Walther Günther, *NIDNTT*, vol. 1, p. 651. Consultar também Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 133.

A Bíblia também retrata seus heróis. Pense em Davi depois que ele matou Goliás. Na época, as mulheres de Israel cantaram em sua homenagem:

“Saul feriu os seus milhares,
porém Davi os seus dez milhares” (1Sm 18.7).

Ao atravessar a galeria que mostra os heróis da fé, o autor aos Hebreus cita várias pessoas (Hb 11.4-32). Quando olhamos para esses heróis, temos a tendência de considerá-los sobre-humanos, mas esses homens e mulheres eram pessoas comuns, que tiveram que enfrentar as provações e tentações com as quais todos nós nos deparamos. Então, o que os fez grandes? Sua fé em Deus os levou às conquistas, e sua fidelidade contínua à verdade da Palavra de Deus os tornou vitoriosos.

Como pessoas comuns, somos capazes de declarar a vitória? Sim, pela seguinte razão: a palavra *vencer* é importante nas sete cartas que Jesus instruiu João a escrever para as sete igrejas na Ásia Menor. Observe que a conclusão de cada carta menciona especificamente “o vencedor” (Ap 2.7,11,17,26; 3.5,12,21). Jesus dirige suas palavras a pessoas comuns, que são membros das igrejas locais. Quando mostram-se fiéis até o fim, eles são, de fato, heróis da fé.

Palavras, frases e construções do grego em 5.3,4

Versículo 3

αὐτῆ – esse pronome demonstrativo no singular feminino encontra-se no início da frase para denotar ênfase.

ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ – genitivo objetivo. Comparar a oração com aquela em 2.5 (e 15); 3.17; 4.7,9.

ἵνα – o uso da partícula nesse contexto pode ser equivalente a um recitativo (indicado pela vírgula) ou à conjunção ὅτι (que).¹⁰ Ver também versículo 11.

10. Consultar A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 993. Ver também H. E. Dana e Julius Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (Nova York: Macmillan, 1967), p. 249.

Versículo 4

νικήσασα – o aoristo desse particípio de νικῶω (eu conquisto) é atemporal, ou seja, o aoristo expressa um fato que é sempre verdadeiro.

ἡ πίστις – esse substantivo encontra-se em aposição em relação a ἡ νίκη.¹¹

5 Quem vence o mundo? Somente aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus. 6 Esse é o que veio pela água e pelo sangue – Jesus Cristo. Ele não veio apenas pela água, mas pela água e pelo sangue. E é o Espírito que testifica, porque o Espírito é a verdade. 7 Pois há três que testificam: 8 o Espírito, a água e o sangue; e os três estão em concordância. 9 Aceitamos o testemunho do homem, mas o testemunho de Deus é maior, pois é o testemunho de Deus, o qual ele tem dado a respeito de seu Filho. 10 Aquele que crê no Filho de Deus tem esse testemunho em seu coração. Aquele que não crê em Deus o fez de mentiroso, pois não creu no testemunho que Deus tem dado a respeito de seu Filho. 11 E este é o testemunho: Deus nos deu vida eterna, e essa vida está em seu Filho. 12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho, não tem a vida.

F. Aceitem o Testemunho de Deus**5.5-12***1. Jesus é o Filho de Deus***5.5**

O versículo 5 serve de ponte entre o contexto anterior e o seguinte. Alguns editores e tradutores entendem que esse versículo faz parte da passagem anterior (vs. 1 a 5); outros o colocam no parágrafo seguinte (vs. 5-12).¹² Eu prefiro o segundo, pois o tema da filiação divina de Jesus está no início, no meio e no final desse parágrafo (ver vs. 5,9 [seu Filho], 10,12).¹³

11. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 698.

12. Editores do Novo Testamento Grego (Nestle-Aland [26ª ed.] e Merk [9ª ed.]) tradutores (JB) e comentaristas colocam o versículo 5 no início do parágrafo seguinte. Consultar I. Howard Marshall, *The Epistles of John*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), pp. 230-31; Raymond E. Brown, *The Epistles of John*, Anchor Bible Series (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982), vol. 30. p. 592.

13. Consultar também as outras passagens que chamam Jesus de Filho de Deus (2.22,23; 3.23; 4.15; 5.13).

5 Quem vence o mundo? Somente aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus.

João começa esse versículo com uma interrogação. Ele pergunta quem é essa pessoa que vence o mundo. João não escreve: “Quem é o vencedor o mundo?” Ao usar o particípio que é traduzido como um verbo (“vence”), ele descreve a atividade contínua de vencer o mundo. O substantivo *vencedor* chama a atenção apenas para a função da pessoa.

Em sua resposta, João diz que a pessoa que crê que *Jesus* é o Filho de Deus vence o mundo. A fé sozinha não vence o mundo, mas a fé em Jesus Cristo permite que o crente se regozije no triunfo. Muitas vezes a fé em Jesus é fraca, mas, quando a fé se revela na forma de um elo inquebrável entre Jesus e o crente, o poder vencedor de Jesus torna-se visível no crente.

2. Jesus e o Espírito

5.6-8

6 Esse é o que veio pela água e pelo sangue – Jesus Cristo. Ele não veio apenas pela água, mas pela água e pelo sangue. E é o Espírito que testifica, porque o Espírito é a verdade. 7 Pois há três que testificam: 8 o Espírito, a água e o sangue; e os três estão em concordância.

Observe os seguintes pontos:

a. *Veio*. A pessoa de quem João está falando é, obviamente, Jesus Cristo, o Filho de Deus. Os termos *Cristo* (v. 1) e *Filho de Deus* (v. 5) são sinônimos. João usa o tempo passado para indicar que a vinda de Jesus é um acontecimento histórico. Ele afirma um fato histórico que é irrefutável.

Como foi que Jesus veio? João diz: “pela água e pelo sangue”. As palavras *água* e *sangue*, sozinhas, são inteligíveis, mas o que significam com referência a Jesus? Apesar de as interpretações serem muitas e variadas, geralmente os estudiosos concordam que essa oração é relativa à história de Jesus, isto é, os termos *água* e *sangue* referem-se respectivamente ao início e ao fim do ministério de Jesus, marcados por seu batismo no rio Jordão e sua morte na cruz do Cal-

vário. Há duas outras visões dignas de reconhecimento. Na primeira, os estudiosos ligam os termos *água* e *sangue* aos dois sacramentos: o batismo e a Ceia do Senhor. Mas enquanto a palavra *água* representam literalmente o batismo, a expressão *sangue* tem apenas significado simbólico na Ceia do Senhor. Além disso, o ter *sangue* nunca é usado para representar o sacramento da Santa Ceia, sendo que esta última observação é uma objeção séria.

No segundo ponto de vista, outros comentaristas acreditam que a expressão *água e sangue* se refira ao ferimento no lado do corpo de Jesus do qual saiu água e sangue (Jo 19.34). Porém, uma das principais objeções a essa teoria é que ela não responde à questão de como Jesus veio através de água e sangue.

“Ele não veio apenas pela água, mas pela água e pelo sangue”. É possível que João tenha escrito essas palavras para combater o movimento herético conhecido como Gnosticismo. Um de seus representantes, Cerinto, ensinava que o Cristo divino havia descido sobre Jesus no seu batismo e deixado-o antes que ele morresse na cruz (ver o comentário de 2.22).¹⁴ Os gnósticos afirmavam que Cristo não havia experimentado a morte. Em oposição a essa heresia gnóstica, que havia começado a aparecer quando João escreveu esta epístola, o apóstolo ensina a veracidade histórica de Jesus Cristo: o Filho de Deus começou seu ministério na terra quando foi batizado e completou esse ministério quando verteu seu sangue e morreu.

b. *Testemunhar*. “E é o Espírito que testifica, pois o Espírito é a verdade”. A palavra *testemunhar* é de certa importância nesse parágrafo.¹⁵ O Espírito está testificando como aquele que testemunhou o nascimento (Mt 1.20 [concepção]; Lc 1.35; 2.25-32), o batismo (Mt 3.16; Lc 3.22), os ensinamentos (Jo 6.63) e o ministério de Jesus (Lc 4.1,18). João reafirma as palavras de Jesus: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verda-

14. Brown afirma que “há muito pouco material para determinar um relacionamento entre 1 João e Cerinto e que, no máximo, os adversários do autor podem ter sido anteriores a Cerinto ao enfatizar mais o batismo do que a morte”. *The Epistles of John*, p. 577. Consultar também Irineu, *Contra as Heresias* 3. 3. 4.

15. Como verbo, participio ou substantivo, a palavra *testemunho* aparece dez vezes no texto grego dos versículos 6-11.

de, que dele procede, esse dará testemunho de mim (Jo 15.26).¹⁶ O Espírito continua a testemunhar a verdade de Deus com referência à pessoa e à obra de Jesus.

João declara a razão para a obra de testemunho do Espírito. Escreve: “o Espírito é a verdade”. João identifica o Espírito com a verdade e faz alusão às palavras de Jesus: “Eu sou... a verdade”. Ou seja, tanto Jesus quanto o Espírito têm sua essência na verdade. O Espírito testemunha porque, assim como Jesus, identifica-se com a verdade.

“Pois há três que testificam: o Espírito, a água e o sangue”. Das traduções para o inglês, somente duas (KJV, NKJV) têm os versículos expandidos (vs. 7 e 8). “Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue” (NKJV). Os tradutores da New King James Version, porém, afirmam numa nota de rodapé que os Novos Testamentos gregos (Nestle-Aland, United Bible Societies e Texto Majoritário) “omitem as palavras ‘do céu’ (v. 7) até ‘na terra’ (v. 8)”. Apenas quatro ou cinco manuscritos gregos mais recentes contêm essas palavras.¹⁷

Na realidade, João escreve que três (Espírito, água e sangue) testemunham. Mas por que João coloca os fatos históricos do batismo (água) e da morte (sangue) de Jesus, sobre os quais o Espírito testemunha, no mesmo nível que o Espírito? Precisamos olhar para o texto de um ponto de vista semítico. Objetos impessoais podem testemunhar, como, por exemplo, o monte de pedras que Jacó e Labão juntaram foi chamado de testemunha (Gn 31.48). E, de acordo com a lei mosaica (Dt 19.15), “uma só testemunha não se levantará... pelo depoimento de duas ou três testemunhas se estabelecerá o fato”.¹⁸

c. *Unâнимes*. João escreve que “os três estão em concordância”. Ele quer dizer que as três testemunhas dizem a mesma coisa; diante de um tribunal, a evidência fatural do batismo de Jesus (água) e de sua morte (sangue) está em completa concordância com o testemunho do

16. Ver Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 3, p. 1046.

17. Para mais informações, consultar Bruce M. Metzger, *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*, 2ª ed. (Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1968), pp. 101-2. E consultar Henk Jan de Jonge, “Erasmus and the Comma Johanneum”, *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 56 (1980): 381-89.

18. Consultar Brown, *The Epistles of John*, p. 131.

Espírito. Uma pessoa não pode aceitar apenas uma ou duas das testemunhas e omitir a terceira. As três estão juntas.

Muitos estudiosos sugerem que os termos *água* e *sangue*, no versículo 8, referem-se ao batismo e à Ceia do Senhor.¹⁹ Porém, a dificuldade desse ponto de vista é que o Espírito, o qual João menciona como primeiro em importância, não pode tornar-se um terceiro sacramento. Pelo fato de João não dar nenhuma indicação de que a oração *água e sangue* tem um significado diferente daquele no versículo 6, fazemos bem em aceitar a mesma interpretação para os versículos 6 e 8.

Considerações doutrinárias em 5.5-8

Se entendermos que a água e o sangue representam o batismo e a morte de Cristo, pensamos no ministério terreno de Jesus Cristo. Jesus identificou-se com seu povo quando foi batizado e o redimiu quando morreu na cruz. Água e sangue, portanto, são símbolos de redenção para o crente.

O crente aceita a verdade de que Jesus Cristo veio por água e sangue. Ele sabe que o Espírito testemunha essa verdade. Além disso, ele crê que o Filho de Deus veio para limpar seu povo do pecado e redimi-lo por meio de sua morte. Para o crente, portanto, essas verdades são básicas.

Assim que reduzimos a morte de Jesus à morte de um simples homem, perdemos os pontos cardeais da doutrina do propiciação do Novo Testamento, de que *Deus* estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo... As chamadas “teologias” que reduzem a encarnação à posição de mito podem ser atraentes para o homem moderno, mas eliminam a segurança de que o caráter de Deus consiste de amor que toma sobre si o pecado.²⁰

19. Brown conta pelo menos 14 estudiosos – e há muitos mais – que oferecem uma interpretação sacramental para o versículo 8. Eis alguns: Rudolf Bultmann, *The Johannine Epistles*, org. Robert W. Funk, trad. R. Phillip O'Hara et al., Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible (Filadélfia: Fortress, 1973), p. 80; Glenn W. Barker, *1 John, the Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelin, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), vol. 12, p. 351; Dodd, *The Johannine Epistles*, p. 131.

20. Marshall, *The Epistles of John*, pp. 233-34.

Palavras, frases e construções do grego em 5.6-8

Versículo 6

ὁ ἐλθὼν – enquanto o particípio presente ὁ ἐρχόμενος (aquele que há de vir) designa o Messias, o aoristo ἐλθὼν denota o cumprimento de sua vinda e aponta para um acontecimento histórico.

δι' ὕδατος καὶ αἵματος – aqui o artigo definido está ausente, mas, na frase preposicional que começa com ἐν, ambos os substantivos têm o artigo definido. A preposição διὰ transmite a idéia de *por* ou *através de*,²¹ e a preposição ἐν conota “circunstâncias que acompanharam”. Robert Hanna observa: “Tanto a idéia de acompanhamento como de instrumentalidade parecem estar presentes nessa frase preposicional”.²²

αἵματος – influenciados por João 3.5, alguns copistas escreveram πνεύματος como substituição para αἵματος ou como uma adição. Essa substituição ou adição, porém, não tem o apoio dos melhores manuscritos.

Versículos 7 e 8

μαρτυροῦντες – depois deste particípio, o Textus Receptus (Texto Recebido) acrescenta o chamado Comma Johanneum (a Passagem Joanina): “no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra” (NKJV). Bruce M. Metzger declara: “A passagem não está presente em nenhum manuscrito grego conhecido, exceto por quatro que contêm a passagem naquilo que parece ser uma versão mais recente da Vulgata latina”. Acrescenta ainda: “Se a passagem fosse original, não haveria uma boa razão para explicar sua omissão... por copistas de centenas de manuscritos gregos”.²³

21. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 583. Ver também C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: At the University Press, 1960), p. 57.

22. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 438. E ver Robertson, *Grammar*, p. 589.

23. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 715-716.

3. Testemunho de Deus

5.9,10

Nos versículos 6 a 9, João introduz indiretamente a Trindade. Observe que, no versículo 6, ele afirma que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é vindo. No mesmo versículo e no versículo 8, João diz que o Espírito testemunha e, no versículo 9, ele menciona o testemunho de Deus (o Pai).

9 Aceitamos o testemunho do homem, mas o testemunho de Deus é maior, pois é o testemunho de Deus, o qual ele deu a respeito de seu Filho.

a. “Aceitamos o testemunho do homem”. No grego, essa é uma oração condicional simples que declara um fato: “Se recebemos o testemunho de homens, o testemunho de Deus é ainda maior” (NASB). João expressa uma verdade atemporal e, portanto, o elemento condicional da frase perde sua força. João está dizendo que é de costume aceitarmos o testemunho de um homem.

Se consideramos esse versículo no contexto mais amplo das Escrituras, vemos que a expressão *testemunho dos homens* é uma referência a João Batista. Sobre João Batista, Jesus disse: “Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim” (Jo 5.32). Nesse mesmo contexto, Jesus acrescentou: “Mas eu tenho maior testemunho do que o de João... O Pai que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim” (vs. 36,37). Talvez sejam essas as palavras que João tem em mente quando compara o testemunho do homem com o de Deus.

b. “O testemunho de Deus é maior”. João concentra a atenção não em nossa aceitação do testemunho de Deus, mas na importância desse testemunho. A Palavra de Deus é inquestionavelmente verdadeira e, assim, comparada com o testemunho dos homens, tem muito mais peso.

O que é esse testemunho? Tendo em vista a passagem que vem logo antes dessa, sugiro que se trata do testemunho do Espírito, da água e do sangue.

c. “Pois é o testemunho de Deus, o qual ele tem dado a respeito de seu Filho”. Esse testemunho inclui a voz que falou dos céus no

batismo de Jesus (Mt 3.17), em sua transfiguração (Mt 17.5) e em sua entrada triunfal em Jerusalém (Jo 12.28). João usa o tempo presente (“que tem dado”) para indicar que Deus continua a testemunhar sobre o seu filho por intermédio da Palavra e do Espírito.

10 Aquele que crê no Filho de Deus tem esse testemunho em seu coração. Aquele que não crê em Deus o fez de mentiroso, pois não creu no testemunho que Deus tem dado a respeito de seu Filho.

Ao longo da epístola, João usa o contraste, e esse texto não é exceção. Primeiro ele faz uma declaração positiva, e depois uma negativa.

a. *Positiva.* No versículo 10, a crença no Filho de Deus é central; ela é parte da mensagem que João prega nos versículos 1 a 12, a saber, a fé em Jesus como Filho de Deus. De acordo com João, crer é um ato contínuo, ou seja, a fé é um poder duradouro e ativo que reside no coração do crente. A fé é o elo constante entre o Filho de Deus e o crente.

Observe que João declara especificamente que a fé consiste em crer *no* Filho de Deus. A preposição *no* significa que o crente deposita sua total confiança e certeza em Jesus Cristo, o Filho de Deus. O crente aceitou o testemunho (ver Jo 3.33; Rm 8.16) que Deus, através do Espírito, dá de seu Filho, e esse testemunho que chega até ele por meio das testemunhas externas encontra-se agora alojado em seu coração e tornou-se parte integrante de sua vida espiritual.

b. *Negativa.* A segunda parte do versículo 10 não é paralela à primeira parte. Ao invés de escrever: “Todo aquele que não crê no Filho de Deus”, João diz: “Aquele que não dá crédito a Deus”. Ele coloca a ênfase em Deus, que dá testemunho de seu Filho. O ser humano, porém, não pode aceitar esse testemunho como sendo uma simples informação. Ele não tem a liberdade de aceitá-lo ou ignorá-lo sem nenhum compromisso, pois Deus dá esse testemunho com autoridade real. Então, quando o ser humano rejeita o testemunho de Deus, ele faz e continua fazendo de Deus um mentiroso (comparar com 1.10), e essa é uma ofensa séria, pois a rejeição da Palavra de Deus consiste numa descrença intencional.

João se dirigiu aos falsos mestres de sua época, que diziam acreditar em Deus, mas que rejeitavam o nascimento e a morte de seu Filho. Essa palavra, porém, vale para qualquer um que rejeite o testemunho de

Deus, ou seja, o descrente é inteiramente responsável por sua escolha. “A descrença não é um infortúnio a ser lamentado, é um pecado a ser deplorado”.²⁴ O pecado do descrente está, em primeiro lugar, na sua recusa intencional em acreditar no testemunho de Deus acerca de seu Filho e, em segundo lugar, em sua negação arrogante de que o Pai e o Filho são um. O ser humano não pode dizer que tem fé em Deus e, ao mesmo tempo, rejeitar o testemunho de Deus sobre Jesus Cristo.

Palavras, frases e construções do grego em 5.9,10

Versículo 9

εἰ – a partícula introduz uma condição fatural simples. O verbo λαμβάνομεν é atemporal.

ὅτι – a primeira é causal (*porque*) e a segunda é uma “partícula objetiva”²⁵ que equivale ao pronome relativo *o qual*.

μεμαρτύρηκεν – o tempo perfeito aplica-se a situações que ocorreram no passado, durante o ministério de Jesus na terra, e se refere ao testemunho dado por Deus no presente.

Versículo 10

πεποίθηκεν e πεπίστευκεν – no tempo perfeito ativo, esses dois verbos descrevem ações que ocorreram no passado e que continuam a ocorrer no presente.

τῷ θεῷ – alguns manuscritos trazem τῷ υἱῷ. Esse texto “surgiu do desejo de fazer com que a oração negativa correspondesse mais exatamente à oração positiva que a precede”.²⁶

4. Vida eterna

5.11,12

11 E este é o testemunho: Deus nos deu vida eterna, e essa vida está em seu Filho. 12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho, não tem a vida.

24. J. R. W. Stott, *The Epistles of John: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 182.

25. Robertson, *Grammar*, p. 964.

26. Metzger, *Textual Commentary*, p. 717.

João chega à idéia que conclui o seu discurso sobre o Filho de Deus. Declara especificamente o conteúdo do testemunho de Deus e elimina qualquer mal-entendido sobre o Filho de Deus.

Qual é o conteúdo do testemunho de Deus? “Que Deus nos deu a vida eterna”. Observe que João se dirige ao crente quando usa a primeira pessoa *nos*. Ele não diz que a vida eterna será dada (tempo futuro), mas que Deus a deu (tempo passado) para nós. Temos essa vida agora em princípio (Jo 3.17), e, quando entrarmos na presença de Deus, na glória, teremo-la em plenitude.

“E essa vida está em seu Filho”. A maneira de obter a vida eterna é acreditando no Filho de Deus. Apesar de João não dizer isso aqui, em seu Evangelho deixa bastante claro: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36; ver também 3.15; 20.31).

“Aquele que tem o Filho”. Há paralelos dessa afirmação em 2.23 e em 2 João 9. A palavra *tem* representa a comunhão com Cristo. Significa que, pela fé, o crente aceitou Jesus Cristo como Filho de Deus, que disse: “Eu sou... a verdade” (Jo 14.6). Assim, por causa da fé, o Filho de Deus e o crente são inseparáveis.

O contrário também é verdade: “Aquele que não tem o Filho não tem a vida”. A pessoa que se recusa a reconhecer Jesus como Filho de Deus jamais terá vida. Ao invés disso, ela está diante da morte eterna (comparar com 3.14).

Concluindo, ao colocar a fé em Jesus Cristo, recebemos o dom da vida. Por causa de nossa fé, Cristo permanece em nós e nós nele (3.24; 5.20). Portanto, nós já possuímos a vida eterna e podemos cantar com alegria:

Sim, em mim, em mim ele habita;
Eu nele e ele em mim!
E minh'alma vazia ele preenche,
Aqui e por toda a eternidade.

Horatius Bonar

Considerações práticas em 5.9-12

Todos os dias encontramos diversas pessoas que nos dizem o que devemos saber, fazer e do que precisamos. Consideramos muitos desses conselhos informativos como sendo normais e até mesmo os ignoramos. Intelectualmente, é possível que aceitemos conselhos, mas eles não se tornam parte de nós até que estejamos plenamente convencidos de sua validade.

Normalmente, damos ouvidos aos conselhos quanto ao nosso bem-estar físico, porque isso diz respeito à qualidade de vida. Alguém nos informa, por exemplo, que o tempo lá fora está frio e que está ventando. Não ficamos sabendo quão frio está, porém, até que tenhamos saído de casa para sentir a temperatura e experimentar a sensação térmica. Só então sabemos se nossa roupa está adequada para nos manter fisicamente confortáveis.

Quando João diz que cremos no testemunho de Deus sobre seu Filho, sabemos disso em nosso coração. Esse testemunho torna-se parte de nós por causa de nosso relacionamento pessoal com Jesus. Experimentamos sua proximidade, sua ajuda e seu amor porque temos comunhão com ele e com o Pai. Desse modo, somos capazes de falar que esse testemunho de Deus está em nosso coração.

Palavras, frases e construções do grego em 5.11

ὅτι – nesse texto, a conjunção pode ser traduzida como “que” ou pode ser entendida como um recitativo, indicado por uma vírgula (NIV).

13 Escrevo essas coisas para vocês que crêem no nome do Filho de Deus para que vocês possam saber que têm vida eterna. 14 Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: que, se pedirmos qualquer coisa de acordo com a sua vontade, ele nos ouve. 15 E se sabemos que ele nos ouve – seja o que for que pedirmos – sabemos que temos o que pedimos dele.

V. Epílogo

5.13-21

A. Peçam de Acordo com a Vontade de Deus

5.13-15

1. Vida eterna

5.13

A semelhança entre a conclusão do Evangelho de João e de sua primeira epístola é inegável. Tanto no Evangelho como na epístola, João declara o propósito de seus escritos: ter vida eterna (Jo 20.31; 1Jo 5.13).

Alguns tradutores consideram o versículo 13 parte do parágrafo anterior ou um versículo de conclusão em separado.²⁷ Outros entendem que o epílogo é introduzido pelo versículo 13.²⁸

13 Escrevo essas coisas para vocês que crêem no nome do Filho de Deus para que vocês possam saber que têm vida eterna.

João resume o que disse ao longo de sua epístola. As palavras *essas coisas* referem-se à carta como um todo. Porém, observe que João escreve a carta para crentes que “[crêem] no nome do Filho de Deus”. Ele se dirige às pessoas que continuam a depositar sua fé no Filho de Deus. Num capítulo anterior, ele lhes informou sobre um dos mandamentos de Deus: “[creiam] no nome de seu Filho Jesus Cristo” (3.23; ver também Jo 1.12). João repete o termo *nome* para indicar a revelação plena do Filho de Deus, ou seja, qualquer um que crê no nome do Filho de Deus recebe o perdão dos pecados e a vida eterna.²⁹ Nessa epístola, e especialmente nesse capítulo, João elucida seu tema: “creiam no nome do Filho de Deus”.

No versículo 13, João combina o verbo *saber* com o verbo *crer*. Como forma de contraste, ele conclui o seu Evangelho com as palavras: “Esses, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (Jo 20.31). No versículo 13, porém, ele acres-

27. Por exemplo, ver JB, NAB, NKJV.

28. Eis algumas: GNB, NEB, NIV, RSV.

29. Consultar Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 654.

centa o conceito de *saber*, ou seja, conhecer com certeza.³⁰ Quando ele diz “para que vocês possam saber”, não quer dizer “vir a saber”, mas sim, “ter certeza”. Os crentes têm a certeza da vida eterna e o direito de serem filhos de Deus (Jo 1.12).

Palavras, frases e construções do grego em 5.13

ἔγραψα – o aoristo epistolar substitui o presente. “Essa expressão idiomática é meramente uma questão de ponto de vista. O escritor olha para sua carta do mesmo modo que farão os seus leitores”.³¹ Ver também 2.14,26.

εἰδῆτε – precedido de ἵνα, esse verbo no perfeito do subjuntivo de οἶδα (eu sei) é parte da oração de propósito.

ἔχετε – o verbo encontra-se entre o substantivo ζωὴν (vida) e o adjetivo αἰώνιον (eterna) para haver ênfase e unidade.

τοῖς πιστεύουσιν – O Textus Receptus e o Texto Majoritário, juntamente com a King James Version e a New King James Version, trazem um texto expandido: “a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes e para que *continueis* crendo em o nome do Filho de Deus” (NKJV). Esse texto expandido não parece ser original, tendo em vista uma possível “assimilação pelos escribas dessa declaração em João 20.31”.³²

2. Oração respondida 5.14,15

14 Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: que, se pedirmos qualquer coisa de acordo com a sua vontade, ele nos ouve. 15 E se sabemos que ele nos ouve – seja o que for que pedirmos – sabemos que temos o que pedimos dele.

30. Consultar Donald W. Burdick, *The Letters of John the Apostle* (Chicago: Moody, 1985), p. 386.

31. Robertson, *Grammar*, p.845.

32. Metzger, *Textual Commentary*, p. 717.

Esses dois versículos repetem as palavras que João escreveu anteriormente: “Estamos confiantes diante de Deus e recebemos dele qualquer coisa que pedimos” (3.21,22).

Observe os seguintes pontos:

a. *Confiança*. A palavra grega que João usa aqui e em outras passagens é traduzida como “segurança” ou “confiança” (2.28; 3.21; 4.17). Ele quer dizer que, por causa do dom da vida eterna (v. 13), o crente tem confiança, isto é, liberdade de se aproximar de Deus em oração em qualquer lugar a qualquer hora. Como filho de Deus, ele pode ir livremente até Deus com seu louvor e seus pedidos.

b. *Vontade*. Na presença de Deus, temos a liberdade de pedir qualquer coisa, pois sabemos que Deus nos ouve. Deus nos concede a liberdade de pedir aquilo que desejarmos, mas acrescenta uma condição: “Se pedirmos... de acordo com a sua vontade”. Esse é o ensinamento bíblico sobre a oração. Até mesmo Jesus se submete à vontade de seu Pai. Quando estava no Jardim do Getsêmani, ele orou: “Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres” (Mt 26.39). Além disso, Jesus nos ensina a orar em seu nome, para que ele possa glorificar o Pai (Jo 14.13).³³

c. *Promessa*. À primeira vista, o versículo 15 parece ser repetitivo, mas, ao o examinarmos mais de perto, vemos que João diz aos leitores que Deus, de fato, ouve as suas orações. João confirma essa certeza quando escreve: “ele nos ouve”. E nós também confirmamos que Deus responde as orações.

Por vezes, passamos pela experiência de não receber uma resposta positiva para todas as orações que fazemos. Devemos, então, estar prontos para receber uma resposta negativa e saber que Deus sempre nos dá aquilo que é melhor para o nosso bem-estar espiritual. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes” (Tg 1.17).

No versículo 15, João usa os termos *sabemos* duas vezes. Ele insiste que temos a certeza de que Deus, de fato, ouve nossas orações e as responde. Sabemos que se pedirmos qualquer coisa de acordo

33. Há muitas referências à oração nas Escrituras. Eis algumas passagens: Jr 29.12; Mt 7.8; 21.22; Mc 11.24, Jo 15.7; 16.24; Tg 1.5.

com sua vontade, Deus atende nosso pedido. Mas por que João escreve: “E *se* sabemos que ele nos ouve”? Ele está expressando dúvida quanto ao conhecimento do crente sobre Deus ouvir? Alguns tradutores mudam a palavra *se* para “porque”.³⁴ Apesar de esta ser uma solução atraente, a dificuldade permanece, pois o versículo anterior (v. 14) também traz a partícula *se*, porém ela não é traduzida para “porque”. Talvez uma outra maneira de explicar esse texto seja repetindo as palavras da frase anterior. Então o texto ficará assim: “E se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, sabemos que ele nos ouve”. Essa explicação é apoiada pela afirmação de João: “sabemos que temos o que pedimos dele [desde que esteja de acordo com a vontade de Deus]”.

João é bastante claro quando diz: “sabemos que temos o que pedimos dele”. Ele não usa o tempo futuro “teremos”, mas o presente “temos”, isto é, agora já temos o que pedimos. Quando pedimos a Deus qualquer coisa com fé e de acordo com sua vontade, sabemos que ele nos ouve e nos concede o pedido a seu tempo.

Considerações práticas em 5.14,15

Como podemos estar certos de que Deus ouve e responde nossas orações? João dá a resposta. Ele diz que, quando nos submetemos à sua vontade e pedimos a Deus com fé para que ele atenda o nosso pedido, sabemos que ele nos ouve. Também sabemos que temos o que pedimos. Que prova possuímos de que isso é verdade? Quando oramos o Pai Nosso, dizemos: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Na verdade, afirmamos que estamos pedindo o pão que já nos pertence. Não oramos pedindo pão, mas o pão *nosso*. E pedimos a Deus o suficiente para *hoje*. Em resumo, “obtemos os pedidos que lhe temos feito” (5.15).

34. Para exemplos, ver GNB, NAB [tendo em vista que] e *Phillips*. Ver também Brown, *The Epistles of John*, p. 610.

Palavras, frases e construções do grego em 5.14,15

Verículo 14

αἰτώμεθα – apesar de os gramáticos desejarem ver uma distinção entre o médio αἰτώμεθα e o ativo αἰτώμεν, essa diferença “tem apenas validade muito limitada” (comparar com Jo 16.24 com 26; mas ver também Tg 4.3).³⁵

Verículo 15

ἐὼν οἶδαμεν – a combinação da partícula ἐὼν com o indicativo ocorre com freqüência no Novo Testamento (Lc 19.40; At 8.31; 1Ts 3.8). Alguns gramáticos dão à partícula significado causal.³⁶

ἤτήκαμεν – o perfeito ativo de αἰτέω (eu peço) indica que o crente ora continuamente.

16 Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, deve orar e Deus lhe dará vida. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há um pecado que leva à morte. Não estou dizendo que ele deve orar sobre tal coisa. 17 Todo mau procedimento é pecado, e há pecado que não leva à morte.

B. Orem Pela Remissão

5.16,17

Não devemos jamais limitar nossas orações às nossas necessidades pessoais. Ao invés disso, como irmãos e irmãs no Senhor, precisamos exercer a responsabilidade conjunta de orar uns pelos outros. Especialmente quando observamos que um irmão (ou irmã) está cometendo um pecado, devemos orar a Deus pela remissão.

16 Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, deve orar e Deus lhe dará vida. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há um pecado que leva à morte. Não estou dizendo que ele deve orar sobre tal coisa. 17 Todo mau procedimento é pecado, e há pecado que não leva à morte.

35. Bauer, p. 25.

36. Consultar Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), seção 372 (1a).

João faz uma recapitulação de seu ensinamento sobre o pecado. Ele transmitiu esse ensinamento em cada um dos capítulos de sua epístola (1.7-9; 2.1,2,12; 3.4-6,8,9; 4.10). Agora, ele fala de pecado para a morte, de oração e vida e de pecado e remissão.

a. *Pecado*. “Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não leva à morte”. Quando João escreve “irmão” em sua epístola, ele quer dizer um outro crente.³⁷ Sempre que um membro da comunidade cristã nota que um irmão está caindo em pecado, deve orar a Deus em favor dessa pessoa (comparar com Tg 5.20).

João distingue entre “pecado não para a morte” e “pecado para a morte”. Nessa passagem, ele menciona o primeiro tipo três vezes e o segundo tipo apenas uma vez. De modo implícito, fica claro que a intenção desse escrito é incentivar a oração por um pecador que comete “pecado não para a morte”.³⁸

Qual o significado da palavra *morte*? Além de 5.16, onde ela aparece três vezes, ela aparece duas vezes em 3.14: “Sabemos que já passamos da morte para a vida, pois amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte”. João não está pensando na morte física.³⁹ Na verdade, está se referindo à morte espiritual. Ele contrasta a morte com a vida eterna (3.15) para separar o crente, que possui vida eterna, daquele que nega que Jesus Cristo é o Filho de Deus (2.22,23) e que odeia o crente (3.13).

Portanto, quem comete pecado para a morte? A pessoa que rejeita Jesus como o Cristo e que não ama o crente comete esse pecado. Ele não compartilha da comunhão com o Pai e com o Filho (1.3) e está excluído da vida eterna (4.12). Ele deixou a comunidade cristã por que, na realidade, não pertencia a ela (2.19). Ele havia fingido.⁴⁰

37. Comparar com 2.9,10,11; 3.10,12-17; 4.20,21.

38. Consultar Paul Trudinger, “Concerning Sins, Mortal and Otherwise. A Note on 1 John 5.16,17”. *Bib* 52 (1971): 541-42.

39. S. M. Reynolds explica a idéia de que João tinha em mente a morte física. Ele sustenta sua visão com uma referência a João 1.14. Porém, devido ao contexto histórico, essa passagem dificilmente pode ser usada como paralelo. “The Sin unto Death and Prayers for the Dead”, *Reformation Review* 20 (1973): 133.

40. Consultar Davis M. Scholer, “Sins Within and Sins Without: An Interpretation of 1 John 5.15,16”, *Current Issues in Biblical and Patristic Interpretation*, org. F. Hawthorne (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), p. 242.

b. *Oração*. Apesar de um crente cometer pecado (2.1), ele não pratica o pecado que leva à morte. Se um irmão peca, João aconselha que a comunidade peça a Deus que lhe dê vida, isto é, Deus perdoará seu pecado e o restaurará à comunhão. João sabe que na comunidade cristã muitos crentes caem em pecado. Ele usa o plural e escreve “aos que não pecam para a morte”.

A comunidade cristã deve orar pela pessoa que comete “pecado para a morte”? João não chama essa pessoa de “irmão”.⁴¹ Ele escreve: “Não estou dizendo que ele [o crente] deve orar sobre tal coisa”. Nessas palavras, ouvimos ecoar a voz de Jesus quando ele orou por seus seguidores: “É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (Jo 17.9). Os falsos mestres aos quais João se opõe em sua epístola “têm saído pelo mundo” (4.1), pois “eles procedem do mundo” (v. 5). Esses mestres dirigiam suas falsas doutrinas contra os crentes, perturbavam a comunidade cristã e demonstravam seu ódio pela igreja (comparar com 2Jo 7). Assim, João acrescenta seu conselho pessoal para que não orem por eles. Observe que 5.16 é a única passagem nessa epístola que tem o pronome pessoal *eu*, mesmo que oculto (“[eu] não estou dizendo”).

c. *Conforto*. “Todo mau procedimento é pecado, e há pecado que não leva à morte”. João chama a atenção para a seriedade do pecado. “O pecado é a transgressão da lei” e é sempre uma afronta a Deus. Na verdade, aos olhos de Deus, o pecado é uma transgressão da sua lei e a pessoa que “tropeça em um só ponto se torna culpada de todos” (Tg 2.10).

Mas nem todo pecado leva à morte. Quando um crente transgride a lei de Deus, ele não nega a filiação de Cristo nem odeia a igreja. Além disso, Deus está pronto para perdoar o seu pecado. João ensina que “se confessarmos os nossos pecados ele [Deus] é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1.9). Deus perdoa o pecado quando o pecador o confessa e os outros cristãos oram por ele, pois “Deus lhe dará vida”.

41. Comparar com Guthrie, *New Testament Theology*, p. 616.

Considerações doutrinárias em 5.16,17

O Antigo Testamento faz distinção entre pecado intencional e pecado não intencional. Quando uma pessoa peca sem intenção, ela é perdoada quando o sacerdote realiza a expiação por ela. Porém, a pessoa que peca intencionalmente blasfema contra o Senhor, despreza sua Palavra e quebra seus mandamentos. “Será eliminada essa pessoa” (Nm 15.31; ver também vs. 22-31).

Apesar de João distinguir entre dois tipos de pecado nos versículos 16 e 17, não faz absolutamente alusão alguma a ensinamentos semelhantes do Antigo Testamento. Devemos ouvir o que João tem a dizer e interpretar sua mensagem à luz do contexto histórico e teológico de sua época.

O escritor da epístola aos Hebreus, por outro lado, exorta seus leitores a não darem as costas para o Deus vivo e usa exemplos e preceitos do Antigo Testamento para dar mais força à sua admoestação. Ele diz: “Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?” (Hb 10.28,29; consultar também 6.4-6).

Palavras, frases e construções do grego em 5.16

ἔσω – essa é uma oração condicional no futuro de tipo mais vívido: o subjuntivo aoristo ἴδῃ (de ὀράω, eu vejo) na prótase e o futuro indicativo αἰτήσῃ (ele pedirá) na apódose. O aoristo significa uma única ocorrência.

ἁμαρτάνονται – o particípio presente ativo denota ação contínua. É seguido do substantivo ἁμαρτίαν (pecado) e do cognato acusativo que repete o conteúdo do verbo.⁴²

42. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 477; e Moule, *Idiom-Book*, p. 32.

μή – a partícula negativa com um participio implícito expressa condição ou proibição. A partícula negativa no versículo 17 é Οὐ (não).

δώσει – apesar de a sintaxe gramatical exigir que o sujeito desse verbo seja o mesmo que de αἰτήσῃ, o significado do verbo requer que aquele que ora seja o crente e aquele que dá vida seja Deus.

ἑρωτήσῃ – o subjuntivo aoristo de ἑρωτώ (eu peço, solicito) está numa oração que indica um comando indireto. Nesse versículo, o verbo ἑρωτώ é o mesmo que o verbo αἰτέω.

18 Sabemos que qualquer um que é nascido de Deus não continua a pecar: Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não pode lhe fazer mal. 19 Sabemos que somos filhos de Deus, e que o mundo todo está sob o controle do maligno. 20 Sabemos, também, que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que possamos conhecer aquele que é verdadeiro. E estamos nele, que é verdadeiro – por certo, em seu Filho Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna. 21 Queridos filhos, guardem-se dos ídolos.

C. Conhecei o Filho de Deus

5.18-21

1. Nascido de Deus

5.18

Na última parte de sua epístola, João resume três fatos que seus leitores aprenderam. Esses fatos estão relacionados ao pecado, ao maligno e à verdade em Jesus Cristo. João resume os princípios que ensinou e introduz cada versículo com a palavra *sabemos*.

18 Sabemos que qualquer um que é nascido de Deus não continua a pecar: Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não pode lhe fazer mal.

Exceto por uma pequena variação nas palavras, essa frase é praticamente idêntica àquela de 3.9. “Ninguém que é nascido de Deus continuará a pecar”. Ele repete a idéia acrescentando a palavra *sabemos* no início, ou seja, ele diz aos leitores que a pessoa que tem sua origem em Deus não continua a pecar sem se arrepender (comparar com 3.6). “É possível um filho de Deus pecar, mas sua condição normal é de resistência ao pecado”.⁴³ Esse é um princípio bastante conhecido.

43. Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 125.

Na oração seguinte, João apresenta uma mensagem que parece ser vaga. O que ele quer dizer com as palavras: “Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não pode lhe fazer mal”? E quem é guardado? começando com a segunda pergunta, concluímos que o pronome *lhe* se refere ao crente a quem Deus protege. Se Deus mantém o crente em segurança, a frase “aquele que nasceu de Deus” deve referir-se a Jesus Cristo.⁴⁴ Essa forma de designar Jesus, porém, é única; ela não aparece em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Pelo fato de tanto Jesus quanto o crente serem “nascidos de Deus”, João os diferencia usando o tempo passado “nasceu” para Jesus e a frase *nascido de Deus* para o crente. Além disso, Jesus guarda o crente em segurança e pede a Deus que o proteja do maligno (Jo 17.12,15).

“E o maligno não pode lhe fazer mal”. Observe que João descreve Satanás como o maligno (2.13,14; 3.12; 5.19). O maligno deseja pôr as mãos no crente, mas não pode tocá-lo por causa do poder protetor de Deus. A expressão *fazer mal* nessa frase tem o sentido de ferir uma pessoa.⁴⁵ Satanás deseja nos levar ao pecado e nos controlar para sempre, mas nós, que somos filhos de Deus, não pertencemos a Satanás, e sim a Deus.

Palavras, frases e construções do grego em 5.18

ὁ γεννηθείς – esse é o particípio passivo aoristo do verbo γεννώ (eu gero). Esse aoristo é atemporal.

αὐτόν – as evidências dos manuscritos apontam fortemente para o pronome reflexivo ἑαυτόν (ele próprio). Porém, evidências internas juntamente com várias testemunhas textuais favorecem o pronome pessoal αὐτόν (ele).

44. A maioria dos tradutores acredita que o sujeito da oração é Jesus. Por exemplo: “é o Filho de Deus que o guarda” (NEB, GNB). A JB traz “pois o Filho que nasceu de Deus o protege”. Mas a NAB apresenta o texto “Deus protege aqueles que dele são nascidos”. E duas traduções trazem a expressão reflexiva *a si mesmo*, “mas aquele que é nascido de Deus guarda *a si mesmo*” (KJV, NKJV).

45. Consultar Bauer, p. 103.

2. *Filhos de Deus*

5.19

19 Sabemos que somos filhos de Deus, e que o mundo todo está sob o controle do maligno.

Mais uma vez, João usa a palavra *sabemos* para assegurar-nos do conhecimento que temos. Na verdade, ele repete a idéia que apresentou anteriormente: “Amados, agora somos filhos de Deus” (3.2). Temos nossa origem em Deus e pertencemos a ele. Mas o mundo todo, de acordo com João, “está sob controle do maligno”. Ele não diz que o mundo pertence a Satanás, pois Satanás não pode dizer que o criou. Jesus chama Satanás de “príncipe deste mundo” (Jo 12.31; 14.30; 16.11). A partir do relato bíblico (Gn 3.1-19) sabemos que, através do engano, Satanás assumiu o controle do mundo todo. Quando Satanás tentou Jesus, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e disse: “Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, *porque ela me foi entregue*, e a dou a quem eu quiser” (Lc 4.6; *italico* nosso). O mundo inteiro jaz passivamente sob o poder de Satanás. Ainda assim, o maligno sabe que Jesus veio para lançá-lo fora e que Jesus reivindica o mundo que, de direito, pertence a Deus.

3. *Filho de Deus*

5.20

20 Sabemos, também, que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para que possamos conhecer aquele que é verdadeiro. E estamos nele, que é verdadeiro – por certo, em seu Filho Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna.

Pela última vez, João escreve “sabemos” (3.2,14; 5.18,19,20). Dessa vez, porém, ele nos lembra da vinda do Filho de Deus e de nossa visão de Deus. Mesmo que vejamos corrupção em todos os meios e partes do mundo, sabemos que Jesus Cristo veio para nos revelar sua verdadeira natureza.⁴⁶ Num mundo de engano e falsidade, Deus se

46. Consultar Bauer, p. 187.

revelou por meio do Filho de Deus, sendo este o verdadeiro. Deus não nos abandonou aos poderes das trevas, mas nos deu a capacidade de discernir a verdade do engano.

Deus enviou seu Filho “para que possamos conhecer aquele que é verdadeiro”. O verbo *conhecer*, nessa oração, denota o conhecimento adquirido por meio de uma estreita associação. Na comunhão que temos com Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo (1.3), conhecemos sua verdade. Aprendemos o que pertence a Deus e o que vem de Satanás. Deus é verdadeiro. “Ao dizer *verdadeiro*, [João] não está falando daquele que diz a verdade, mas daquele que é verdadeiramente Deus”.⁴⁷ O adjetivo *verdadeiro* é descritivo, pois revela a natureza de Deus (ver Jo 17.3; Ap 3.7).

João diz que, além de aprendermos a reconhecer a Deus, “estamos nele, que é verdadeiro”, ou seja, temos íntima comunhão com ele por intermédio de seu Filho Jesus Cristo, que é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6). Estamos no Pai e no Filho. Em sua oração sacerdotal, Jesus disse: “Como és tu, ó Pai, em mim, e eu em ti, também sejam eles em nós” (Jo 17.21).

Por fim, tendo entretecido o tema da divindade de Jesus e da sua filiação ao longo de toda a epístola, João completa esse versículo com as seguintes palavras: “Em seu Filho Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna”. Os mestres gnósticos negavam que Jesus era o Cristo, Filho de Deus. Assim, nesse versículo, João resume o ensinamento básico da fé cristã: Jesus Cristo é o Filho de Deus, é verdadeiramente divino e é a vida eterna.

Os tradutores da New International Version adotaram o texto: “*Ele* é o verdadeiro Deus”, ao invés de: “*Este* é o verdadeiro Deus”.⁴⁸ Alguns estudiosos dizem que o pronome *ele* se refere ao substantivo mais próximo, Cristo. Outros questionam acaloradamente esse ponto de vista e afirmam que o pronome se refere a Deus, o Pai. Como referência, usam as palavras de João 17.3: “O único Deus verdadeiro” e vêem o paralelo em 5.20. Precisam admitir, entretanto, que,

47. Calvino, *The First Epistle of John*, p. 273.

48. Em pelo menos outras duas traduções o texto é: “*Ele* é o verdadeiro Deus” (NAB, MLB).

dessa forma, o texto do versículo 20 é redundante: “Estamos no verdadeiro [Deus]... Este é o verdadeiro Deus”.

Aqueles que propõem o primeiro ponto de vista argumentam, com bastante razão, que João atribui a vida eterna a Jesus (1.2; ver também Jo 11.25; 14.6). Eles também mostram que a epístola toda expõe a identidade de Jesus, o Filho de Deus. Portanto, uma declaração conclusiva sobre a divindade de Deus no final da carta é bastante eficaz. Creio que os proponentes dessa idéia – a saber, que o pronome *ele* ou *este* se refere a Jesus, e não a Deus – têm argumentos mais sólidos.

Palavras, frases e construções do grego em 5.20

ὁ ἀληθινός θεός – o adjetivo descreve Deus como real, verdadeiro e genuíno. João escolhe essa palavra ao invés do adjetivo ἀληθής (verdadeiro).

4. Uma admoestação 5.21

21 Queridos filhos, guardem-se dos ídolos.

Essa admoestação não vem acompanhada de nenhuma explicação, ou seja, a epístola de João não discute a idolatria. Porém, do ponto de vista histórico, admitimos que a admoestação de João se encaixa no contexto do Cristianismo do século 1º. Os cristãos enfrentavam o mundo pagão e a adoração a ídolos, como fica evidente em Atos (ver, por exemplo, 15.29; 19.23-41) e nas epístolas de Paulo (por exemplo, 1Co 8.4,7; 2Co 6.16).

Eis uma outra interpretação. Não podemos descartar a possibilidade de que João quisesse dizer que os ídolos são os “falsos conceitos a respeito de Deus”.⁴⁹ Vemos, então, que a advertência de João para testar os ensinamentos dos falsos profetas (4.1) está em harmonia com essa admoestação final.

49. F. F. Bruce, *The Epistles of John* (1970; Grand Rapids: Eerdmans, 1979), p. 128.

João diz: “Guardem-se dos ídolos”. Ele insta os crentes a se absterem de qualquer forma de adoração que os distancie de Jesus Cristo, pois “ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna”.

Palavras, frases e construções do grego em 5.21

φυλάσσετε – o imperativo aoristo “é usado para um preceito que é válido até a vinda de Cristo”.⁵⁰

Resumo do capítulo 5

Esse capítulo trata da doutrina de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Ao longo do capítulo, João explica esse tema. Ele começa enfatizando a unidade que existe entre Deus e o crente. O amor a Deus deve coincidir com o amor pelo filho de Deus. O amor a Deus se expressa quando o crente obedece aos mandamentos de Deus. Além disso, o crente, que é nascido de Deus, vence o mundo, pois ele crê que Jesus é o Filho de Deus.

Jesus veio por meio de água e sangue; o Espírito testemunha sobre os acontecimentos importantes que as palavras *água* e *sangue* representam. Devemos aceitar o testemunho de Deus mais prontamente que o testemunho do homem. Qualquer um que rejeita o testemunho de Deus a respeito do Filho faz de Deus um mentiroso, mas a pessoa que aceita esse testemunho tem a vida eterna por meio do Filho de Deus.

Temos certeza de que Deus ouve nossas orações. Desde que nossos pedidos estejam de acordo com sua vontade, Deus concede qualquer coisa que pedirmos. A comunidade cristã deve orar também pelo irmão que cai em pecado. De qualquer modo, João aconselha que não é necessário orar pela pessoa que comete o “pecado para a morte”. Os crentes, porém, não cometem esse pecado, pois Deus os guarda em segurança. Como crentes, conhecemos Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus e a vida eterna. João conclui esse capítulo com a admoestação para que tenhamos cuidado com os falsos ensinamentos.

50. Hanna, *Grammatical Aid*, p. 438.

COMENTÁRIO
A Segunda Epístola de João

Esboço

1-3	I. Introdução
1,2	A. Destinatários
3	B. Saudações
4-11	II. Instrução
4-6	A. Pedido e Ordem
4	1. Elogio
5,6	2. Exortação
7-11	B. Advertência
7,8	1. Descrição e admoestação
9	2. Instrução
10,11	3. Proibição
12,13	III. Conclusão

1 O presbítero, à senhora escolhida e seus filhos, os quais eu amo em verdade – e não apenas eu, mas todos os que conhecem a verdade 2 por causa da verdade, que vive em nós e estará conosco para sempre. 3 Graça, misericórdia e paz de Deus o Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.

I. Introdução

1-3

A. Destinatários

1,2

A Segunda Epístola de João pertence à categoria das *epístolas gerais*. Porém, ela difere bastante da primeira epístola, que não tem a referência ao autor e nem ao destinatário. Mas 2 João é uma carta pessoal, com informação sobre o autor e os destinatários da epístola.

1 O presbítero, à senhora escolhida e seus filhos, os quais eu amo em verdade – e não apenas eu, mas todos os que conhecem a verdade – 2 por causa da verdade, que vive em nós e estará conosco para sempre.

a. “O presbítero”. Com esse título, o autor se identifica. Ele omite seu nome, João, e não usa o termo apóstolo de Jesus Cristo. Assim, essa apresentação não é como aquelas das cartas de Pedro e de Paulo.

Qual o significado da palavra *presbítero*? O termo significa “líder da igreja”. Se o autor é um líder da igreja, por que ele usa a apresentação “o presbítero”? Ele não escreve “um presbítero”, como faz Pedro ao dirigir-se à igreja: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, *eu, presbítero como eles*” (1Pe 5.1; *italico nosso*). Ele não pode ser o presbítero de uma congregação local, pois sua influência convincente se estende para além de apenas uma igreja. Lemos na terceira epístola, por exemplo, que o autor, que se chama de “o presbítero” (v. 1), não pertence à mesma igreja local que Diótrefes (v. 9). Por causa de sua autoridade, ele não pode ser presbítero de uma congregação. Ele ocupa um cargo bem mais alto.

Então por que ele não usa o título *apóstolo*? Na segunda e terceira epístolas, a apostolicidade não é questionada. Partimos do pressuposto de que os leitores sabiam que ele era um apóstolo. Especialmente nas últimas décadas do século 1º, seus leitores sabiam que João era o único apóstolo ainda vivo, ou seja, o apóstolo João havia chegado a uma idade avançada e levava o título honorável de *o presbítero*.

b. “À senhora escolhida”. Mais uma vez, João não cita um nome. Quando escreve “à senhora escolhida”, pode ter em mente uma determinada família constituída de uma mulher e seus filhos. De modo mais amplo, a família inclui os filhos da irmã da senhora (v. 13).

Outra explicação é que João usou essa forma enigmática como uma referência velada à igreja. O versículo 13 (“os filhos da tua irmã eleita de saúdam”), desse modo, refere-se a uma outra congregação. Pedro tem um discurso igualmente ambíguo no final de sua primeira epístola. Ao referir-se a uma igreja, Pedro escreve: “Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda” (1Pe 5.13). Na segunda metade do século 1º, os cristãos primitivos muitas vezes enfrentavam intensas perseguições. Por esse motivo, os autores tentavam proteger os destinatários ao usar nomes inócuos como designação para a igreja.¹ No Novo Testamento, a representação simbólica da igreja é, com frequência, uma mulher (por exemplo, Jo 3.29; Ef 5.25-33). Muitos estudiosos são a favor da explicação de que João emprega o simbolismo para descrever as congregações para as quais escreveu sua segunda epístola.

c. “Os quais eu amo na verdade – e não apenas eu, mas todos os que conhecem a verdade”. A palavra *verdade* aparece quatro vezes nesses três primeiros versículos. João deixa transparecer que esse termo transmite um conceito importante. Quando ele menciona a verdade em suas epístolas, ele a contrasta com a falsidade.² João não fala apenas por si mesmo. Ele fala pela igreja cristã quando declara que “todos os que conhecem a verdade” amam os destinatários de sua carta (comparar com 1Jo 2.3,4).

1. Consultar C. H. Dodd, *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p. 145.

2. Ver Anthony C. Thistleton, *NIDNTT*, vol. 3, p. 890.

d. “Por causa da verdade, que vive em nós e estará conosco”. Os tradutores da New International Version consideram a última parte do versículo 1 como um comentário entre parênteses, de modo que o versículo 2 está ligado à oração “os quais eu amo na verdade”. João coloca a ênfase sobre o termo *verdade* e liga as expressões *amor* e *verdade* (1Jo 3.18; 3Jo 1). A verdade une os cristãos, pois é básica e habita dentro deles, e permanece para sempre.

Palavras, frases e construções do grego em 1

ἐκλεκτῇ κυρίᾳ – a palavra κυρία (senhora) é usada apenas nessa carta (vs. 1,5). O substantivo ἐκλεκτός (eleito) é comum no Novo Testamento (aparece 23 vezes). As palavras podem representar nomes próprios: “à Kyria eleita” ou “à senhora Electa”. As palavras podem, também, ser uma referência metafórica à uma congregação local.³

ἐγώ – este pronome aparece duas vezes; a primeira para dar ênfase e a segunda para especificar.

ἐγνωκότες – do verbo γινώσκω (eu sei), esse particípio presente ativo “perdeu a idéia de complementação (pontiliar) e apóia-se somente no linear com sentido de presente”.⁴

B. Saudações

3

3 Graça, misericórdia e paz de Deus o Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.

Eis uma saudação apostólica comparável às saudações de Pedro e de Paulo, que escrevem as palavras *graça e paz* no começo de suas

3. Consultar Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 719.

4. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 1116.

epístolas.⁵ Em duas de suas epístolas pastorais, Paulo expande suas saudações: “Graça, misericórdia e paz” (1Tm 1.2; 2Tm 1.2)

a. “Graça, a misericórdia e paz”. O termo *graça* não é comum na literatura de João (Jo 1.14,16,17; 3Jo 4 [traduzido como “alegria”]; Ap 1.4; 22.21). Qual é o significado dessa saudação? De maneira original, John Albert Bengel resume o significado da frase *graça, paz e misericórdia* nessas palavras: “A *graça* remove a culpa; a *misericórdia* remove a miséria; a *paz* expressa a continuidade da graça e da misericórdia”.⁶ E B. F. Westcott faz a seguinte distinção: “A ‘graça’ aponta para a liberdade absoluta do amor de Deus para com o ser humano incapaz de merecê-lo, e a ‘misericórdia’ para o seu carinho diante da miséria humana”.⁷ A paz representa a harmonia, a confiança, o descanso, a segurança e a liberdade; é a dádiva de Deus ao homem.⁸

b. “De Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai”. Paulo usa saudações semelhantes (com ligeiras variações) em suas cartas a Timóteo. João, porém, é mais articulado quando coloca Jesus Cristo no mesmo nível que Deus o Pai. João faz uso das preposições *da, de, do* e observa que Jesus é o Filho de Deus o Pai. Assim como em sua primeira epístola, João se opõe às falsas doutrinas referentes a Jesus Cristo e ensina claramente a divindade de Jesus (comparar com 1Jo 2.22; 4.2; 5.1,5; 2Jo 7). Jesus é o Filho de Deus.

c. “Serão conosco em verdade e amor”. A saudação de João difere consideravelmente daquela dos outros autores de epístolas do Novo Testamento. Paulo, Pedro e Judas transmitem suas saudações na forma de uma oração ou de um desejo: “Graça e paz vos sejam multiplicadas” (por exemplo, 1Pe 1.2; 2Pe 1.2). Mas João é direto, pois não expressa um desejo, mas declara que “a graça, a misericórdia e a paz... serão conosco em verdade e amor”. Ele acrescenta as palavras

5. Eis as referências: Rm 1.7; 1Co 1.3.; 2Co 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Fp 1.2; Cl 1.2; 1Ts 1.1; 2Ts 1.2; Tt 1.4; Fm 3; 1Pe 1.2; 2Pe 1.2.

6. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. Andrew R. Fausset, 7ª ed., 5 vols. (Edimburgo, Clark, 1877), vol. 5, p. 156.

7. B. F. Westcott, *The Epistles of St. John, The Greek Text with Notes and Addenda* (1883; Grand Rapids: Eerdmans, 1966), pp. 225-26.

8. Consultar Hartmut Beck e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 776-83. Consultar também Werner Foerster, *TDNT*, vol. 2, pp. 411-17.

em verdade e amor. Essas três virtudes (graça, misericórdia e paz) florescem num ambiente onde prevalece a verdade e o amor. A verdade une a comunidade cristã quando esta enfrenta o inimigo comum, que é a falsidade, e torna-se evidente entre os cristãos quando estes demonstram sua unidade ao exercitar o amor uns para com os outros. Então, a igreja cristã pode orar com palavras como as de Greenleaf Whittier:

Derrama a quietude de teu sereno orvalho,
Até que cessem todas as nossas lutas;
De nossa alma tira o cansaço e o trabalho,
Até que na mais perfeita ordem nossas vidas
Confessem a beleza de tua paz.

Palavras, frases e construções do grego em 3

παρά – João lança mão dessa preposição em duas ocasiões: antes de θεοῦ e novamente antes de Ἰησοῦ para mostrar igualdade. Numa saudação parecida, Paulo escreve ὑπό (de; como é o caso em Rm 1.7).

Ἰησοῦ – alguns manuscritos incluem a palavra κυρίου (Senhor) antes de Ἰησοῦ. Nas epístolas de João, porém, o termo *Senhor* não aparece. Além disso, os tradutores preferem omitir o termo tomando por base evidências de manuscritos e o contexto da passagem.

4 Deu-me grande alegria encontrar alguns dos seus filhos andando na verdade, assim como o Pai nos ordenou. 5 E agora, cara senhora, não estou lhe escrevendo um novo mandamento, mas um mandamento que temos desde o princípio. Peço que amemos uns aos outros. 6 E isto é amor: que andemos em obediência aos seus mandamentos. Como vocês ouviram desde o princípio, seu mandamento é que vocês andem em amor. 7 Muitos enganadores, que não reconhecem Jesus Cristo como tendo vindo em carne, têm saído pelo mundo. Qualquer pessoa como essa é o enganador e o anticristo. 8 Tomem cuidado para que vocês não percam aquilo pelo que trabalharam, mas para que sejam plenamente recompensados. 9 Todo aquele que corre adiante e não continua no ensinamento de Cristo não tem Deus; aquele que continua no ensinamento tem tanto o Pai quanto o Filho. 10 Se alguém vai ter com vocês e não traz esse ensinamento, não o recebam em sua casa nem lhe dêem boas-vindas. 11 Aquele que lhe der boas-vindas é participante de sua obra perversa.

II. Instrução

4-11

A. Pedido e Ordem

4-6

João está pronto para formular a mensagem de sua epístola, que começa com o versículo 4 e continua até o versículo 11. Nesse segmento, ele exorta seus leitores a permanecerem na verdade, guardarem os preceitos de Deus e acatellarem-se dos falsos mestres que procuram enganá-los.

1. Elogio

4

4 Deu-me grande alegria encontrar alguns dos seus filhos andando na verdade, assim como o Pai nos ordenou.

Os elogios que João faz aos seus leitores não são muito diferentes daqueles encontrados num versículo parecido na terceira epístola: “Deu-me grande alegria quando alguns irmãos vieram me contar sobre sua fidelidade e sobre como você continua a andar na verdade” (v. 3). Em suas epístolas, Paulo primeiro saúda seus leitores, e depois escreve palavras de gratidão e louvor (Rm 1.8; 1Co 1.4; 2Co 1.3). O estilo de João, portanto, está dentro das normas convencionais de correspondência da época.

a. “Deu-me grande alegria”. Quer tenha sido por meio de uma visita aos leitores ou, mais provavelmente, por meio do relato de outros, João se regozija grandemente com as notícias de que alguns dos leitores estão andando na verdade. As palavras usadas são vagas, pois João não explica porque apenas alguns dos filhos estão obedecendo o mandamento de Deus. É possível que João queira dizer que alguns estão obedecendo a esse mandamento enquanto outros estão aceitando os ensinamentos heréticos dos falsos profetas. Porém, essa notícia daria a João apenas uma alegria parcial. João também pode querer dizer que conhece alguns dos membros da igreja e que sabe que eles andam na verdade. De qualquer modo, não podemos ter certeza da intenção de João. Faltam-nos as informações necessárias.

b. “Andando na verdade”. Essa expressão transmite a idéia de crentes que confessam a verdade da Palavra de Deus e que vivem em harmonia com essa Palavra. Tudo o que ele diz ou faz mostra uma vida governada pela lei de Deus. João escreve que o Pai ordenou que andássemos na verdade (comparar com 1Jo 1.6,7; 2.6; 3.23). Ao usar a palavra *Pai*, de maneira indireta, João lembra seus leitores de que “a verdade [veio] por meio de Jesus Cristo... O Deus unigênito que está no seio do Pai” (Jo 1.17,18).

Palavras, frases e construções do grego em 4

ἐχόρην – o passivo aoristo de χαίρω (eu me regozijo) tem sentido ativo. O uso do aoristo aponta para um determinado momento na história.

εὔρηκα – o perfeito ativo do verbo εὕρισκω (eu encontro) indica um acontecimento que ocorreu no passado, mas que tem resultados no presente.

ἐκ τῶν τέκνων – o pronome indefinido τινός (algum) deve ser dado antes desta frase preposicional.

2. Exortação

5,6

5 E agora, cara senhora, não estou lhe escrevendo um novo mandamento, mas um mandamento que temos desde o princípio. Peço que amemos uns aos outros. 6 E isto é amor: que andemos em obediência aos seus mandamentos. Como vocês ouviram desde o princípio, seu mandamento é que vocês andem em amor.

Observe os seguintes pontos:

a. *Mandamento*. João chegou à mensagem principal de sua carta e pede total atenção dos leitores. Ele se dirige aos membros da igreja, chamada metaforicamente de “senhora”, e lhes diz que não está escrevendo novo mandamento. João usa o termo *mandamento* três vezes nessa passagem para indicar de onde vem sua autoridade. O mandamento não é novo, mas antigo, isto é, “o que temos desde o

princípio”. Deus Pai nos deu esse mandamento por meio de seu Filho (ver Jo 13.34). Temos esse mandamento desde que Jesus pregou o evangelho em seu ministério aqui na terra.

As palavras usadas nessa passagem são quase idênticas às palavras de passagens da primeira epístola: “Caros amigos, não estou escrevendo a vocês um mandamento novo, mas um antigo, que vocês já têm desde o princípio” (2.7) e “Isto é amor a Deus: obedecer aos seus mandamentos” (5.3). A conclusão de que as epístolas de João são do mesmo autor é inevitável.

b. *Amor*. O mandamento é que nos amemos uns aos outros. Esse mandamento aparece pela primeira vez quando a nação de Israel viajou pelo deserto do Sinai. Nessa ocasião, Deus disse ao povo: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). Ele também deu um mandamento: “Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força” (Dt 6.5)

Como amar Deus e o nosso próximo? Obedecendo aos mandamentos que Deus nos deu. Os mandamentos de amor não são dois preceitos separados que Deus deu ao povo de Israel. Todo mandamento de Deus é um requisito para demonstrar amor ao nosso próximo (ver Mt 23.36-40; Rm 13.8-10; Gl 5.14). “O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13.10). Quando obedecemos aos mandamentos de Deus, demonstramos nosso amor a ele.

c. *Conduta*. João repete o que já havia escrito anteriormente: “Como vocês ouviram desde o princípio, seu mandamento é que vocês andem em amor” (ver 1Jo 3.11,23; 4.11). Sua repetição inclui ouvir o mandamento “desde o princípio” e a exortação “andeis nesse amor”. Por que João se repete? Por que temos a tendência de ouvir, mas não com obediência. Ouvimos o mandamento, mas não o cumprimos. A velha regra é válida: “A repetição é a mãe do aprendizado”. Nossa conduta deve estar de acordo com a de Jesus, pois “aquele que diz que permanece nele [Deus] deve também andar assim como ele [Jesus] andou” (1Jo 2.6).

João descreve nossa conduta diária com o verbo *andar* – um verbo que ele usa três vezes nessa passagem, para que reflitamos perseverança em obedecer aos mandamentos de Deus para amá-lo e amar o próximo.

Considerações práticas em 4-6

É possível uma pessoa ser firme defensora da verdade da Palavra de Deus e não demonstrar qualquer amor ao próximo. Ela promove a verdade das Escrituras, sua integridade e unidade e professa sua confiabilidade. Porém, seu relacionamento com os outros mostra uma outra realidade, ela mantém uma separação clara entre a verdade e o amor. A igreja a respeita por seu amor à Palavra de Deus, pois ela está andando na verdade (v. 4). Contudo, ninguém tem e a ousadia de lhe perguntar se ela está andando em amor (v. 6).

Apesar de o compromisso de uma pessoa poder ser impecável, seu amor pelos outros pode ser terrivelmente inadequado. As Escrituras ensinam que o amor não teme a verdade, pois o amor e a verdade andam juntos (ver 2Jo 3). Como Paulo diz: “[O amor] regozija-se com a verdade” (1Co 13.6). E, numa outra passagem, ele escreve que os cristãos devem falar a verdade em amor (Ef 4.15).

O amor não é uma emoção passageira, mas um compromisso duradouro. O amor é uma autêntica manifestação e cumprimento da Regra Áurea: “Assim como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Lc 6.31). João é bem claro quando exorta seus leitores: “Queridos filhos, não amemos com palavras ou língua, mas de fato e de verdade” (1Jo 3.18).

Palavras, frases e construções do grego em 5

ἐρωτῶ – João escolheu o verbo ἐρωτῶ (eu solicito) ao invés de αἰτέω (eu peço). O primeiro verbo é usado quando uma pessoa pede alguma coisa a outra do mesmo nível.⁹

οὐχ ὡς – “não como se”. A combinação desses dois advérbios introduz “a idéia de concessão ou condição”.¹⁰

εἶχομεν – ver comentários sobre 1 João 2.7.

9. Consultar R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (ed. reimpressa, Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 145.

10. Robertson, *Grammar*, p. 1140.

ἵνα ἀγαπῶμεν – esse é o comando indireto depois do verbo *solicitar*.

B. Advertência

7-11

1. Descrição e admoestação

7,8

O propósito da carta de João é alertar os leitores sobre os perigos espirituais que estão enfrentando. Eles devem reconhecer os falsos mestres que distorcem a verdade da Palavra de Deus. Devem também guardar com zelo a herança da verdade de Deus.

João chama o falso mestre de enganador e anticristo. Descreve-o para seus leitores e os admoesta para que não percam suas posses espirituais.

Além disso, se os crentes obedecerem aos preceitos de Deus, demonstrarem seu amor e guardarem a verdade, Deus os abençoará; Alfred Plummer escreve: “A verdade, tanto quanto o amor, é a condição para se receber a bênção tripla da graça, misericórdia e paz”.¹¹

7 Muitos enganadores, que não reconhecem Jesus Cristo como tendo vindo em carne, têm saído pelo mundo. Qualquer pessoa como essa é o enganador e o anticristo. 8 Tomem cuidado para que vocês não percam aquilo pelo que trabalharam, mas para que sejam plenamente recompensados.

a. “Muitos enganadores, que não reconhecem Jesus Cristo como tendo vindo em carne, têm saído pelo mundo”. Exceto por pequenas variações, esta frase se parece com 1 João 4.1. “Porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora”. João chama esses falsos profetas de enganadores, pois estão cheios do espírito de engano e buscam a destruição espiritual dos crentes. Há muitos enganadores. Partimos do pressuposto de que antes eles eram parte da comunidade

11. Alfred Plummer, *The Epistles of St. John*, Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p. 136.

cristã. Saíram da igreja (ver 1Jo 2.19) para fazer do mundo o domínio de seus preceitos perniciosos e, no mundo, tentam persuadir os cristãos a aceitar suas idéias.

b. “Que não reconhecem Jesus Cristo como vindo em carne”. Observe que João cita o nome completo do Filho de Deus, Jesus Cristo, para lembrar os leitores de sua natureza humana e divina. Esses enganadores continuam proclamando sua oposição ao ensinamento de que Jesus Cristo veio em carne.

Já na primeira epístola, João adverte seus leitores a testarem os espíritos: “Todo espírito que reconhece que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, mas todo espírito que não reconhece Jesus não é de Deus” (1Jo 4.2,3). Mesmo que haja semelhança entre essa passagem e a de 2 João 7, é evidente a diferença nas formas verbais *veio* (1Jo 4.2) e *vindo* (2Jo 7). O primeiro está no passado e o outro no presente. Há uma diferença no sentido? Dificilmente. O tempo passado descreve o ministério de Jesus na terra e o tempo presente é um termo descritivo de Cristo. No Novo Testamento, a expressão *aquela que há de vir* é uma designação messiânica (ver, por exemplo, Mt 11.2; Jo 1.15,27; 12.13; Ap 1.4). Assim, João usa o tempo presente do particípio *vindo* para Jesus Cristo como um testemunho para qualquer um que nega a verdade.

c. “Qualquer pessoa como esta é o enganador e o anticristo”. João não tem medo de dar nomes ao falso mestre. Aqui ele o chama não apenas de o enganador, mas também de o anticristo – ou seja, a pessoa que vem no lugar de Cristo (comparar com 1Jo 2.18,22; 4.3). No começo desse versículo (v. 7), João se refere a muitos enganadores. Portanto, devemos entender o termo *o anticristo* como um nome coletivo.

d. “Tomem cuidado para que vocês não percam aquilo pelo que trabalharam”. Ouvimos ecoar nessas palavras o discurso de Jesus sobre os sinais do fim dos tempos. Jesus começa seu ensinamento com a advertência: “Vede que ninguém vos engane” (Mc 13.5; ver também vs. 9,23,33). Do mesmo modo, João diz aos leitores para cuidarem de suas posses espirituais, de modo que não venham a perdê-las. Ele não está mais pedindo que façam alguma coisa. Ao invés disso, ele lhes dá uma ordem.

Nós temos três traduções diferentes para o versículo 8. Aqui estão elas, com suas variações em itálico:

1. Que *nós* não percamos aquelas coisas pelas quais *nós* trabalhamos, mas que [*nós*] recebamos uma plena recompensa (NKJV; e veja KJV);
2. Para que *vocês* não percam aquilo pelo que [*nós*] trabalhamos, mas que [*vocês*] recebam sua recompensa total (NEB; veja também NASB, ASV, RV, GNB e JB);
3. Que *vocês* não percam aquilo pelo que [*vocês*] trabalharam, mas que [*vocês*] sejam plenamente recompensados (NIV; e veja NAB, RSV, MLB e *Moffatt*).

Os melhores manuscritos gregos trazem a leitura *vocês* em vez de *nós*. Os tradutores, portanto, preferem a segunda ou a terceira das opções apresentadas acima. A diferença entre essas duas leituras está na frase *pelo que trabalhamos* e *pelo que trabalharam*. Embora os tradutores estejam bem divididos sobre esse ponto, a leitura mais difícil é *pelo que trabalhamos*, e por isso deve ser preferida.¹²

Qual o significado da frase *plenamente recompensados*? Não significa a salvação, pois esta, sendo uma dádiva, não pode ser conquistada pelo esforço (Ef 2.8,9). Concedemos recompensas (galardões) por fidelidade, obediência e diligência. Ainda assim, um galardão também é uma dádiva de Deus e, portanto, “mais uma demonstração da graça voluntária de Deus”.¹³ As Escrituras nos ensinam que o obreiro no reino de Deus recebe seu completo galardão (comparar com Mt 20.8; Jo 4.36; e ver Tg 5.4).

Palavras, frases e construções do grego em 7,8

Versículo 7

ὅτι – uma conjunção causal (porque). Ver 1 João 3.11 para uma construção semelhante.

12. Em favor da uniformidade, os escribas das epístolas joaninas estariam mais propensos a mudar a leitura de *nós* para *vocês* do que o contrário. Contudo nós não devemos ser dogmáticos sobre isso, já que o próprio autor prontamente muda de um pronome para outro em suas epístolas. Consulte Metzger, *Textual Commentary*, p. 719.

13. Paul Christoph Böttger, *NIDNTT*, vol. 3, p. 144.

μη ὁμολογούντες – esse particípio no presente ativo revela a recusa contínua dos enganadores de reconhecer a humanidade de Jesus Cristo.

ἐρχόμενον – na forma de um particípio presente, a palavra serve de apelação a Cristo.

Versículo 8

ἀπολέσητε – do verbo ἀπόλλυμι (eu destruo, perco), o subjuntivo aoristo é uma ordem indireta que vem depois do verbo βλέπετε (cuidar [segunda pessoa do plural, presente imperativo]). O aoristo é ingressivo.

ἐργασάμεθα – o aoristo de ἐργάζομαι (eu trabalho) é abrangente. A ênfase está “na atividade, e não em seu produto”.¹⁴

2. Instrução

9

João leva a sério o seu papel de pastor. Ele sabe que os falsos mestres estão se infiltrando na igreja cristã. Assim, adverte os leitores para estarem preparados.

9 Todo aquele que corre adiante e não continua no ensinamento de Cristo não tem Deus; aquele que continua no ensinamento tem tanto o Pai quanto o Filho.

a. “Todo aquele que corre adiante”. Apesar de esta ser uma tradução literal do grego, a palavra deixa implícito que um membro da igreja por vezes aventura-se para além dos limites da doutrina estabelecida. Quando a pessoa não permanece mais na esfera dos ensinamentos de Cristo, ela transgrediu os limites. É claro que João não é contra o progresso para o desenvolvimento da doutrina. Tampouco está desprezando o crescimento na graça e no conhecimento de Cristo (ver 2Pe 3.18). Pelo contrário, ele adverte os leitores para não irem adiante deixando para trás a religião cristã e para não rejeitarem a instrução de Cristo. Se alguém avança e deixa a fé, essa pessoa regride

14. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 439.

e vê-se diante da ruína espiritual. O verdadeiro progresso está sempre arraigado na doutrina de Cristo.

b. “Ensino de Cristo”. A frase pode significar tanto “a doutrina que se origina em Cristo e que pertence a ele” (genitivo subjetivo) quanto “a doutrina sobre Cristo” (genitivo objetivo). Os estudiosos encontraram vários argumentos válidos para ambos os casos, mas, partindo dos escritos de João, as evidências pesam em favor do genitivo subjetivo. Por exemplo, Jesus diz aos judeus: “O *meu* ensino não é meu e, sim, daquele que *me* enviou (Jo 7.16,17; itálico nosso).¹⁵

c. “Aquele... tem tanto o Pai quanto o Filho”. Também nesse versículo, João ensina a doutrina fundamental da divindade de Cristo. Ao invés de escrever “a doutrina de Jesus”, ele diz “a doutrina de Cristo”. O autor deseja dar ênfase sobre a palavra *Cristo*. Observe, então, que João coloca o Filho no mesmo nível do Pai, ou seja, ninguém tem o Pai sem o Filho e ninguém tem Deus sem Cristo (ver 1Jo 2.23,24; 5.12). O Pai e o Filho são divinos. Aquele que permanece na instrução de Cristo tem comunhão com o Pai e com o Filho (1Jo 1.3).

Palavras, frases e construções do grego em 9

ὁ προόγων καὶ μὴ μένων – o artigo definido rege dois participios presentes. Assim, a oração deve ser entendida como um só conceito, ou seja, “ultrapassar” e “não permanecer” são juntos.

Χριστοῦ – esse é o único lugar nas epístolas de João em que o termo Χριστός aparece sozinho sem o substantivo Ἰησοῦς. João o coloca ao lado de θεόν para enfatizar a divindade de Cristo.

3. Proibição 10,11

10 Se alguém vai ter com vocês e não traz esse ensino, não o recebam em sua casa nem lhe dêem boas-vindas.

15. Comparar também com Jo 18.19; 1Jo 1.5; 2.25; Ap 2.14,15.

das. 11 Aquele que lhe der boas-vindas é participante de sua obra perversa.

Temos as seguintes observações:

a. *Vir.* João declara um fato numa frase condicional e praticamente diz: “Assim são as coisas: falsos profetas estão procurando todos vocês”. Sua declaração não transmite possibilidade ou probabilidade, mas um fato. João escreve sobre um falso profeta que nega a instrução de Cristo e vem com o propósito principal de desviar os crentes. João chama tal enganador de anticristo (v. 7; e ver 1Jo 2.22; 4.3).

b. *Proibir.* Quando o enganador procura os crentes, eles não devem abrir suas casas para ele e nem lhe dar as boas-vindas.¹⁶ Mas essa proibição não contradiz a regra cristã primitiva de demonstrar hospitalidade a estranhos (Hb 13.1), ou seja, viajantes que buscam abrigo e alimento? Por isso, alguns comentaristas sugerem que podemos “recusar aceitar a regra apresentada aqui pelo presbítero como norma de conduta cristã”.¹⁷ Nós discordamos. João não está falando do viajante que precisava de hospedagem por uma noite. Ele se refere ao mestre que tem a intenção destruir a igreja de Jesus Cristo.

Como fica claro no Novo Testamento (Rm 16.5; 1Co 16.19; Cl 4.15; Fm 2), as igrejas muitas vezes se reuniam nas casas de indivíduos. Em outras palavras, o termo *casa* pode ter uma conotação mais ampla.¹⁸

O crente deve se preocupar com a alma desse mestre? Sim, deve fazê-lo assumindo o controle total da situação, instruindo o mestre nas doutrinas de Cristo. Porém, não deve jamais permitir que o mestre entre na casa do cristão e que ensine! A palavra *mestre* nos meios judaicos e cristãos primitivos era um título que exigia deferência e submissão. “Os pupilos... tinham obrigação de respeitar e obedecer a

16. Raymond E. Brown sugere que a casa “pode ser a casa usada para reuniões da comunidade: a casa-igreja joanina da região à qual era destinada a carta”. *The Epistles of John*, Anchor Bible Series (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982), vol. 30, p. 676. Essa sugestão, de fato, tem mérito. Ainda assim, devemos ter cuidado para não pensar que toda casa mencionada no Novo Testamento é um lugar de reunião da igreja.

17. Dodd, *The Johannine Epistles*, p. 152. Consultar também William Barclay, *The Letters of John and Jude* (Filadélfia: Westminster, 1958), p. 169.

18. Consultar Brown, *The Epistle of John*, p. 676.

seu mestre”.¹⁹ Os cristãos, portanto, devem honrar um mestre, mas jamais um falso profeta.

Se um cristão recebe um falso profeta em sua casa, ele concorda em submeter-se à instrução do profeta e, assim, destrói sua própria fé. Por esse motivo, João adverte os leitores a não receberem um falso mestre em suas casas.

c. *Ser cúmplice.* Além do mais, o cristão que recebe o mestre em sua casa, na verdade, promove a causa de seu visitante. Com efeito, o cristão dá sua bênção à obra realizada pelo falso mestre. Observe que João não considera esse um ato inocente e insignificante. Ele o chama de cúmplice das obras más que vêm de Satanás (1Jo 3.12).

Considerações práticas em 9-11

Jesus e os apóstolos ensinam e colocam em prática o mandamento de amar uns aos outros. Jesus chega a estender esse mandamento para amar até mesmo os inimigos (Mt 5.44), e Paulo diz aos cristãos para alimentarem o inimigo quando está faminto e darem-lhe de beber quando está sedento (Rm 12.20; e ver Pv 25.21). João está certo, então, ao instruir o cristão a não receber alguém em sua casa? A resposta é sim.

Deixe-me explicar usando uma ilustração. Um comandante da marinha que tinha acesso a segredos militares vendeu-os ao inimigo. Ele foi preso e, em seguida, condenado. Os repórteres entrevistaram o pai desse homem e o perguntaram sobre sua reação. O pai respondeu que seu filho, que ele amava, havia traído o país e tinha que ser julgado de acordo com a lei. Nesse caso, o pai se separou de seu filho e o considerou como um outro cidadão que havia transgredido a lei.

João aponta para uma pessoa que não está mais nos ensinamentos de Cristo, que nega que Jesus Cristo veio em carne e que deseja entrar nos lares de cristãos com o propósito de destruir sua fé. Essa pessoa traiu Jesus Cristo e tornou-se deliberadamente anti-cristã. Apesar de João afirmar que os cristãos devem amar uns aos outros,

19. Klaus Wegenast, *NIDNTT*, vol. 3, p. 767.

(1Jo 4.7), ele adverte quanto a permitir que o falso mestre desvie os crentes de Cristo e os entregue ao maligno.

Palavras, frases e construções do grego em 10,11

Versículo 10

εἰ – a partícula introduz uma frase condicional simples declarando um fato.

μη̄ λαμβάνετε – a partícula negativa μη̄ junto com o imperativo no presente é uma proibição que diz ao leitor para parar de fazer alguma coisa.

Versículo 11

πονηροῖς – o adjetivo está relacionado a Satanás, que é chamado de ὁ πονηρός (o maligno). Para mais informações, ver os comentários sobre 1 João 3.12.

III. Conclusão 12,13

12 Tenho muito o que lhes escrever, mas não quero usar papel e tinta. Antes, espero visitá-los e conversar com vocês face a face, para que nossa alegria seja completa.

A conclusão de João é semelhante àquela de sua carta seguinte (3Jo 13,14). Talvez o autor tenha escrito essas duas epístolas em seqüência. Ele prefere falar, pois escrever parece “nem sempre ser agradável a um coração cheio de amor sagrado”.²⁰ João formulou as questões mais importantes do que desejava dizer e que ele não podia adiar. Essas coisas ele escreveu. O resto dos assuntos podem esperar até ele encontrar-se face a face com seus leitores (para a expressão usada, ver Nm 12.8).

João não dá nenhuma informação sobre onde viviam os leitores e o quanto ele teria que viajar para estar com eles. Ele está fisicamente apto a fazer a viagem e encontrá-los pessoalmente. Além disso, está ansioso pela visita, “para que a nossa alegria seja completa” (compa-

20. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 5, p. 158.

rar com 1Jo 1.4), ou seja, João comunicou sua admoestação na carta, espera que os leitores dêem ouvidos às suas advertências para viverem de acordo com os mandamentos de Deus e espera ter uma comunhão agradável com eles, trazendo mútua satisfação. Ele já se alegrou ao saber que alguns dos leitores “andam na verdade” (v. 4). Agora que escreveu a carta espera não só obediência, mas também, como resultado, a alegria plena.

13 Os filhos da sua irmã escolhida enviam suas saudações.

As palavras desse último versículo colocam a ênfase não em “irmã”, mas em “os filhos”. Se interpretarmos a palavra *irmã* literalmente, devemos supor que essa mulher não está mais viva. Mas se a tomarmos figurativamente, então essa palavra significa “igreja”. Os filhos, conseqüentemente, são os membros de um grupo de crentes que manda saudações para o outro grupo (comparar com a linguagem figurativa de 1Pe 5.13).

Palavras, frases e construções do grego em 12

ἐβουλήθην – de βούλομαι (eu quero, desejo), o aoristo é epistolar, ou seja, o autor olha para a carta do ponto de vista dos destinatários (consultar 1Jo 2.12-14).²¹

γενέσθαι – o infinitivo médio aoristo de γίνομαι (eu me torno, sou) pode “denotar mudança de lugar” e significar “vir”.²²

Resumo de 2 João

O presbítero (João) envia saudações a uma distinta senhora e seus filhos. Ele expressa sua alegria pela obediência que alguns dos filhos têm mostrado ao honrar a verdade. Admoesta a senhora a manter-se firme no cumprimento do mandamento de amar uns aos outros e obedecer aos preceitos de Deus. Ele os adverte dos perigos de muitos enganadores, encorajando-os a guardarem suas posses espirituais. Se ela recebê-los em sua casa, promove a causa desses falsos mestres. Ele conclui sua carta dizendo que espera visitá-la e envia saudações dos filhos da irmã escolhida da senhora a quem é dirigida a carta.

21. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 846.

22. Bauer, p. 159.

COMENTÁRIO
A Terceira Epístola de João

Esboço

1,2	I. Introdução
1	A. Destinatário
2	B. Votos
3-8	II. Tributo a Gaio
3,4	A. Motivo de Alegria
5-8	B. Um Relato Agradável
5,6	1. Fidelidade e amor
7,8	2. Mostrem hospitalidade
9,10	III. Diótrefes é Reprovado
9	A. Uma Carta Rejeitada
10	B. A Advertência de João
11,12	VI. Exortação e Recomendação
13-15	V. Conclusão

1 O presbítero, ao meu querido amigo Gaio, a quem eu amo em verdade. 2 Caro amigo, espero que você goze boa saúde e que tudo vá bem com você, como está indo bem a sua alma.

I. Introdução

1,2

A. Destinatário

1

1 O presbítero,

Ao meu querido amigo Gaio, a quem eu amo em verdade.

Esse é, por assim dizer, o remetente e destinatário no envelope. O autor se chama de “o presbítero” (ver também 2Jo 1) e envia a carta para seu amigo Gaio. O endereço, porém, é curto, pois o remetente não coloca o nome dos lugares, ou seja, apesar de supormos que João morava em Éfeso, não sabemos onde morava Gaio.

O nome *Gaio* é comum no Novo Testamento. Um dos companheiros de Paulo em sua viagem à Macedônia chamava-se Gaio (At 19.29), outro Gaio era aquele de Derbe (At 20.4) e, ainda outro, um cristão de Corinto (Rm 16.23; 1Co 1.14). Por não termos certeza se o destinatário da epístola de João é uma dessas pessoas, não tentaremos identificá-lo.

João escreve que ama Gaio na verdade (comparar com 2Jo 1). O relacionamento entre o presbítero e Gaio era de amor e confiança. Gaio é amado por Deus e por João por causa da verdade que Gaio professa. Ao que parece, esse comentário breve faz as vezes de uma saudação. Diferente de outras cartas pessoais, a epístola não tem a conhecida saudação *graça, misericórdia e paz* ou algo equivalente. Depois de dar remetente e destinatário, João expressa um desejo.

B. Votos

2

2 Caro amigo, espero que você goze boa saúde e que tudo vá bem com você, como está indo bem a sua alma.

Nessa epístola relativamente curta, João chama Gaio de “caro amigo” quatro vezes (versículos 1,2,5,11). No versículo 2, ele expressa seus votos, e não uma oração. De acordo com o costume de sua época, João deseja ao destinatário prosperidade e saúde. Esses votos são abrangentes, pois João inclui tudo. Diz: “Espero que você goze boa saúde e que tudo vá bem com você”. João está interessado no bem-estar físico e material de Gaio. Ele sabe que Gaio é espiritualmente ativo, mas deseja que ele seja bem-sucedido nos aspectos materiais. Ele quer ver Gaio prosperando em seus negócios, emprego, planos e propósitos.

João deseja saúde física para Gaio, de modo que ele possa trabalhar bem. Seguindo a prática de Jesus (ver, por exemplo, Mc 2.9-12; 6.34-44), João se preocupa com as necessidades físicas e espirituais de Gaio. Durante encontros anteriores com ele e a partir de relatos sobre ele, João sabe que o amigo está prosperando espiritualmente. Escreve: “como está indo bem a sua alma”, ou seja, Gaio fez mais progresso espiritual do que material – o que é louvável. Porém, o apóstolo deseja que Gaio se saia bem tanto no que diz respeito ao corpo quanto à alma.

3 Deu-me grande alegria quando alguns irmãos vieram me contar sobre sua fidelidade à verdade e sobre como você continua a andar na verdade. 4 Não tenho maior alegria do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade.

5 Caro amigo, você é fiel naquilo que está fazendo pelos irmãos, mesmo que eles sejam estrangeiros para você. 6 Eles contaram à igreja sobre o seu amor. Você faz bem em encaminhá-los de um modo digno de Deus. 7 Foi por amor ao Nome que eles saíram, sem receber ajuda alguma dos pagãos. 8 Devemos, portanto, mostrar hospitalidade para com tais homens para que possam trabalhar em conjunto pela verdade.

II. Tributo a Gaio

3-8

A. Motivo de Alegria

3,4

3 Deu-me grande alegria quando alguns irmãos vieram me contar sobre sua fidelidade à verdade e sobre como você continua a andar na verdade. 4 Não tenho maior alegria do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade.

a. “Deu-me grande alegria”. Com esse versículo, João repete tanto a idéia, quanto as palavras de 2 João 4: “Deu-me grande alegria encontrar alguns dos seus filhos andando na verdade”.

Na composição da carta, João segue o costume de sua época. Na maior parte das epístolas do Novo Testamento, os escritores seguem uma seqüência dando remetente e destinatário, saudações e expressões de gratidão. Mesmo que João não coloque as saudações, ele dá o remetente e o destinatário e uma palavra de elogio para declarar sua grande alegria.¹

Observe que João usa o passado nessa frase para indicar que já faz algum tempo que ele sentiu essa alegria.

b. “Quando alguns irmãos vieram me contar sobre sua fidelidade à verdade”. O original grego indica que os irmãos vinham até João com freqüência para testificar do amor e fidelidade de Gaio.

Quem são esses irmãos? No versículo 5, João elogia Gaio: “Você é fiel naquilo que está fazendo pelos irmãos, mesmo que eles sejam estrangeiros para você”. E, no versículo 8, ele incentiva Gaio a “acolher esses irmãos”. Eles são missionários itinerantes que visitaram Gaio e na casa do qual ficaram hospedados. Eles também tinham visitado Diótrefes que, ao contrário de Gaio, recusou-se a recebê-los (v. 9). Então, eles foram até João expressando elogios entusiasmados sobre Gaio e desaprovação sobre Diótrefes. Na casa de Gaio, experimentaram a prova do amor cristão que, na New International Version, é traduzida como “fidelidade à verdade”.

c. “Como você continua a andar na verdade”. Gaio seguiu o exemplo de Jesus (1Jo 2.6) e, assim, correspondeu às expectativas de João quanto a seu amigo. João, portanto, o chama de amigo amado e “a quem amo na verdade” (v. 1).

d. “Não tenho maior alegria do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade”. João repete a palavra *alegria*, mas dá a ela uma qualidade com o adjetivo *maior*. O autor regozijou-se ao ouvir que Gaio anda na verdade. Sua alegria é ainda maior quando fica sabendo que, além disso, muitos cristãos estão fazendo a mesma coisa.

1. O termo *alegria* aparece três vezes nas epístolas de João (1Jo 1.4; 2Jo 12; 3Jo 4). O verbo grego traduzido como *regozijar-se* aparece duas vezes nas epístolas de João (2Jo 4; 3Jo 3).

João fala de “filhos” não no sentido físico de descendência, mas no sentido de nascimento espiritual. De maneira semelhante, Paulo escreve aos crentes de Corinto e diz: “Pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus” (1Co 4.15; Gl 4.19). O termo *filhos* incluiu Gaio – o amigo de João – e todos os cristãos que vieram a conhecer a verdade por meio da pregação e do ministério de ensino do apóstolo.

Por que esses filhos espirituais dão alegria a João? Porque estão andando na verdade, isto é, estão andando pelo caminho da vida à luz da Palavra de Deus (1Jo 1.7; 2.9). Eles obedecem aos seus mandamentos e refletem a bondade e a graça de Deus. Em resumo, eles são filhos da luz.

Palavras, frases e construções do grego em 3,4

Versículo 3

ἐρχομένων ὀδελφῶν – a construção genitiva absoluta junto com o particípio presente indica uma ocorrência que se repete.

σου τῆ ἀληθείᾳ – o caso genitivo σου (você) é objetivo (a verdade que o afeta), e não subjetivo (a verdade que lhe pertence).

Versículo 4

μειζότεραν τούτων – o adjetivo é uma comparação dupla (μείζων, maior) que literalmente significa “mais maior”. O pronome τούτων é plural, pois o plural, algumas vezes, substitui o singular.²

ἵνα ἁκούω – o propósito da oração é equivalente ao infinitivo articular no caso genitivo τοῦ ἀκούειν.³

B. Um Relato Agradável

5-8

Depois de um tributo geral a Gaio, João menciona agora a hospitalidade e o amor que Gaio demonstrou para com os missionários itinerantes. João expressa sua reação ao relato positivo que recebeu.

2. Consultar A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 704.

3. Consultar Alfred Plummer, *The Epistles of St. John*, Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges Series (Cambridge: At the University Press, 1896), p. 145.

1. *Fidelidade e amor*
5,6

5 Caro amigo, você é fiel naquilo que está fazendo pelos irmãos, mesmo que eles sejam estrangeiros para você. 6 Eles contaram à igreja sobre o seu amor. Você faz bem em encaminhá-los de um modo digno de Deus.

a. *Tratamento.* Mais uma vez, João se dirige a Gaio com o termo de tratamento *caro amigo* (ver vs. 1,2). Ele louva seu amigo por sua conduta fiel, pois Gaio deu prova visível de estar andando na verdade.⁴ João ouviu dos missionários itinerantes que Gaio os recebeu como irmãos espirituais e lhes ofereceu hospedagem e alimento. João elogia Gaio por sua fidelidade para com os irmãos.

b. *Hospitalidade.* Gaio abriu não apenas o seu coração para os irmãos, mas também a sua casa. Ele ofereceu hospitalidade aos irmãos “mesmo que eles sejam estrangeiros para você”. O termo *estrangeiros* nesse contexto significa que os irmãos vinham de outros lugares e não eram conhecidos de Gaio.

Em obediência aos ensinamentos das Escrituras,⁵ Gaio cuida dos viajantes. “No mundo antigo, muitas portas se abriam para um mensageiro da nova aliança e, assim, o anfitrião era abençoado”.⁶ O missionário itinerante dependia da hospitalidade dos outros crentes. Por isso, Paulo pede a Filemon que prepare um quarto de hóspedes para ele (Fm 22). O autor do *Didaquê* (Ensinamento dos Doze Apóstolos), que reflete as práticas sociais e eclesiais do século 1º, afirma:

Que todo Apóstolo que vem até vós seja recebido como o Senhor, mas que ele não fique mais do que um dia ou, se necessário dois; porém, se ficar três dias, ele é um falso profeta.⁷

4. Ver Raymond E. Brown, *The Epistles of John*, Anchor Bible Series (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982), vol. 30, p. 708.

5. Eis algumas passagens do Antigo Testamento (Gn 18.1-8; 19.1-3; 2Sm 12.4; Jô 31.32) e do Novo Testamento (Mt 25.31-46; Lc 11.5-8; At 10.6; 16.15; Rm 12.13; Hb 13.2).

6. Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 1, p. 690. Ver também Gustav Stählin, *TDNT*, vol. 5, p. 22.

7. *Didaquê* 11.4,5 (LCL). Consultar 1 Clemente 1.2, onde o autor elogia os membros da igreja de Corinto por sua hospitalidade.

c. *Elogio*. Os missionários contaram aos membros da igreja, incluindo ao apóstolo João, a hospitalidade e cuidado de Gaio.⁸ Não vem ao caso se relataram isso uma vez durante sua visita ou com mais frequência. As notícias sobre os atos de amor cristão de Gaio é que são importantes.

João exorta Gaio a continuar cuidando dos viajantes que são mensageiros do evangelho de Cristo. Diz: “Você faz bem em encaminhá-los de um modo digno de Deus”. A frase *você faz bem* é uma forma educada de pedir, semelhante à expressão *por favor*.⁹ A instrução de João para encaminhá-los significa que depois que Gaio tiver oferecido hospedagem, deve dar aos irmãos comida, dinheiro e, possivelmente, companheiros de viagem para sua jornada (ver Tt 3.13).¹⁰ João acrescenta que Gaio deve fazê-lo “de um modo digno de Deus”, ou seja, deve oferecer esse serviço de modo que Deus seja louvado (comparar com Cl 1.10; Fp 1.27; 1Ts 2.12).

Considerações práticas em 5,6

Na maioria das igrejas, durante o culto de domingo, os crentes participam do culto dando suas ofertas. Eles o fazem de acordo com as palavras de Paulo, “porque Deus ama a quem dá com alegria” (2Co 9.7). Para alguns, porém, o ato de contribuir é um desincargo de consciência. Pensam que deram alguma coisa para Deus e assim cumpriram sua obrigação. Esquecem-se de que Deus deseja que façamos nossas ofertas no contexto do amor.

Quando damos nossas ofertas, devemos oferecer também nossas orações pelas pessoas que irão recebê-las, para que elas possam ser abençoadas. É nossa tarefa cuidar das pessoas, pois elas precisam de nosso amor. As pessoas são prioritárias em relação às ofertas. “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10).

8. Nas três epístolas, João usa a expressão igreja três vezes (3Jo 6,9,10). A palavra não aparece no Evangelho de João e é usada 20 vezes em Apocalipse.

9. Consultar I. Howard Marshall, *The Epistles of John*, New International Commentary on the New Testament Series (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), p. 85; Ver também Brown, *The Epistles of John*, p. 792.

10. Consultar Bauer, p. 709.

Palavras, frases e construções do grego em 5,6

Versículo 5

πιστὸν ποιεῖς – literalmente, essas palavras significam “estás fazendo uma coisa fiel”. Mas João está mais interessado no caráter de Gaio do que no trabalho que ele realiza.

ἐργάση – essa é a segunda pessoa do singular do subjuntivo médio aoristo do verbo ἐργάζομαι (eu trabalho). O aoristo é constativo. “Ele toma um acontecimento e, independente de sua duração, reúne-o num único todo”.¹¹

Versículo 6

προπέμψας – do verbo προπέμπω (ajudo na jornada de alguém), a ação do aoristo é simultânea àquela do verbo principal, ποιήσεις (você fará).¹²

2. Mostrem hospitalidade

7,8

7 Foi por amor ao Nome que eles saíram, sem receber ajuda alguma dos pagãos. 8 Devemos, portanto, mostrar hospitalidade para com tais homens, para que possam trabalhar em conjunto pela verdade.

a. *Causa.* João indica que missionários puseram-se a caminho de outros lugares onde proclamaram o nome do Senhor Jesus Cristo. Esses mensageiros eram comissionados pela igreja para levar o evangelho. João usa o termo *Nome* (At 5.41; Tg 2.7; 1Jo 2.12; 3.23).¹³ Em obediência a Jesus Cristo eles deixavam casa e família a fim de viajar para outras regiões. Eles sabiam que Jesus os havia enviado, ele sem dúvida iria suprir suas necessidades (usar como referência Mt 10.9,10; Mc 6.8; Lc 10.4).

11. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (Nova York: Macmillan, 1967), p. 196.

12. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 861.

13. Na igreja primitiva, os cristãos usavam com frequência a palavra *Nome* para referir-se a Jesus Cristo. Ver, por exemplo, a epístola de Inácio aos Efésios 3.1 “Pois mesmo sendo prisioneiro por causa do Nome, ainda não sou perfeito em Jesus Cristo” (LCL).

Os missionários recusavam-se a aceitar ajuda de pessoas que nunca tinham ouvido a Palavra de Deus. João chama essas pessoas de “pagãs” (NIV). Os missionários não queriam prejudicar a obra do evangelho de Cristo. Sabiam que, se aceitassem a ajuda de descrentes, ficariam expostos à acusação de que pregavam por dinheiro (1Co 9.12). Assim, João ensina que os missionários devem receber ajuda da igreja (v. 8).

b. *Ajuda*. “Devemos, portanto, mostrar hospitalidade para com tais homens”. João faz um contraste entre os pagãos e os crentes. Os gentios não têm obrigação de ajudar os missionários, mas, de acordo com Jesus (Lc 10.7; 1Co 9.14; 1Tm 5.18), os crentes têm. Assim, João afirma enfaticamente que devemos demonstrar hospitalidade para com os mensageiros da Palavra de Deus. Essa passagem mostra um sutil jogo de palavras no grego que, mesmo em nossa língua, é revelador. Os missionários nada *recebem* dos pagãos, pois os crentes *receberam* a responsabilidade de sustentá-los.¹⁴ Os crentes atentam às palavras de Jesus: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão do justo” (Mt 10.41).

“Para que possam trabalhar em conjunto pela verdade”. Uma outra tradução diz: “para nos tornarmos cooperadores *com* a verdade” (NASB, itálico nosso). A palavra *verdade* foi personificada (comparar com v. 12) para que possamos trabalhar com a verdade como iguais? Dificilmente. Mas se dizemos que João nos exorta a trabalhar com os missionários pela verdade, então nossa interpretação é apoiada por evidências bíblicas. Paulo, por exemplo, envia as saudações de três companheiros (Aristarco, Marcos e Jesus, conhecido por Justo) à igreja de Colossos. Diz: “Os quais são os únicos da circuncisão que cooperam pessoalmente comigo *pelo* reino de Deus” (Cl 4.11; itálico nosso; ver também 2Co 8.23).¹⁵ João, portanto, está nos pedindo para ajudar missionários em sua obra de propagar a verdade, ou seja, o evangelho de Cristo.

14. Consultar Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 148.

15. Há uma construção semelhante em 1Coríntios 3.9. Uma tradução literal desse texto é: “Pois somos companheiros de trabalho de Deus”. Alguns tradutores entendem que o caso genitivo significa “Somos companheiros de trabalho com Deus” (JB). Outros são da opinião de que o uso da preposição *com* é muito presunçoso. Preferem dizer: “Somos companheiros de trabalho *para* Deus” (RSV).

Palavras, frases e construções do grego em 7,8

Versículo 7

λαμβάνοντες – de λαμβάνω (eu tomo, recebo), o particípio presente ativo é durativo. Além disso, o uso do particípio presente revela que a regra de não aceitar ajuda dos gentios estava em voga. O particípio denota modo.

Versículo 8

οφείλομεν – o verbo οφείλω (eu devo) sugere obrigação. A palavra δεῖ (é necessário), por outro lado, tem conotação de necessidade. “A primeira é moral e a segunda é, por assim dizer, uma necessidade física”.¹⁶

ὑπολαμβάνειν – a tradução literal desse presente do infinitivo é “receber alguém *sob* o mesmo teto”.

τῇ ὀληθείᾳ – o caso dativo é de vantagem e significa “por” ou “em favor de”.¹⁷

9 Escrevi para a igreja, mas Diótrefes, que gosta de ser o primeiro, não quer saber de nós. 10 Assim, se eu for aí, chamarei a atenção para o que ele está fazendo, intrigando maliciosamente sobre nós. Não satisfeito com isso, ele se recusa a receber os irmãos. Ele também impede aqueles que querem recebê-los e coloca-os para fora da igreja.

III. Diótrefes é Reprovado

9,10

A. Uma Carta Rejeitada

9

Depois de exortar e elogiar Gaio, João chega ao cerne da questão: sua descrição de Diótrefes. João se alegra por Gaio estar andando na

16. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, ed. Andrew R. Fausset, 7ª ed., 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 3, p. 282.

17. A tradução geralmente favorece o dativo de vantagem (consultar ASV, GNB, JB, NIV, NKJV).

verdade, mas, em Diótfrefes, João vê uma pessoa completamente oposta. Diótfrefes é presunçoso e orgulhoso. Observe que, apesar de João descrever Diótfrefes como uma pessoa arrogante, ele evita julgá-lo. Ao invés disso, João lhe diz que visitará a igreja.

9 Escrevi para a igreja, mas Diótfrefes, que gosta de ser o primeiro, não quer saber de nós.

Não temos como afirmar se a carta que João menciona é sua segunda epístola. Supomos que, além das três epístolas de João que existem até hoje, ele tenha escrito pelo menos mais uma carta. Essa carta, porém, não foi preservada. Se João de fato se refere à segunda epístola, então o conteúdo desses dois documentos não é correspondente. A segunda epístola de João trata dos ensinamentos de falsos profetas, mas sua carta para Gaio não é uma admoestação a Diótfrefes por estar espalhando falsas doutrinas. Na verdade, João admoesta Diótfrefes por causa de seu comportamento na igreja. Por isso, cremos que essa questão impede que identifiquemos os dois documentos.

João escreveu uma carta para a igreja à qual pertence Diótfrefes. Podemos supor que “a igreja” de Gaio seja uma outra congregação.¹⁸ No original, João diz: “Escrevi *alguma coisa* à igreja”. Ao usar o termo *alguma coisa*, João reduz a importância da carta.

Sabemos pouco sobre Diótfrefes. Seu nome significa “filho adotivo de Zeus”,¹⁹ o que sugere que ele seja de descendência grega. Ele é um líder na igreja local e, de modo egoísta, tira vantagem de sua posição de liderança. João escreve que Diótfrefes “gosta de ser o primeiro”. Ao invés de servir à igreja, essa pessoa orgulhosa é egoísta e recusa-se a reconhecer a autoridade superior. Ele próprio deseja governar a igreja. Assim, Diótfrefes rejeita a supremacia apostólica de João. Ele age de maneira contrária à instrução de Jesus: “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo” (Mt 20.26,27). Coincidentemente, apesar de João se apresentar como “o presbítero” (v. 1), ele exerce autoridade superior àquela de um presbítero.

18. Consultar C. H. Dodd, *The Johannine Epistles*, Moffatt New Testament Commentary Series (Nova York: Harper and Row, 1946), p. 161; Marshall, *The Epistles of John*, p. 89.

19. Thayer, p. 152.

João menciona que Diótfrefes “não quer saber de nós”. Observe que ele usa o pronome *nós*, possivelmente para incluir os amigos que enviam saudações a Gaio. Talvez alguns desses amigos fossem líderes com autoridade (comparar, por exemplo, o uso da primeira pessoa do plural *nós* e *nos* em 1Jo 1.1-5). Diótfrefes, porém, recusa-se a atender ao conselho de João, ignora sua correspondência e ultrapassa os limites da comunhão cristã. E, se João tem a intenção de fazer-lhe uma visita, Diótfrefes não irá recebê-lo. Diótfrefes age assim não por causa de uma discussão doutrinária, mas por causa de sua ambição pessoal.

Palavras, frases e construções do grego em 9

ἔγραψα – apesar de João usar o verbo no tempo aoristo algumas vezes (2.13,14 [duas vezes], 21,26; 5.13), nesse versículo não se trata de um aoristo epistolar. É o passado simples, pois João se refere a uma carta anterior que havia escrito.

τῆ ἐκκλησίᾳ – o artigo definido, com o substantivo (ver v. 10), indica a igreja à qual pertencia Diótfrefes.

αὐτῶν – o caso genitivo é objetivo, e não subjetivo.

B. A Advertência de João

10

10 Assim, se eu for aí, chamarei a atenção para o que ele está fazendo, intrigando maliciosamente sobre nós. Não satisfeito com isso, ele se recusa a receber os irmãos. Ele também impede aqueles que querem recebê-los e coloca-os para fora da igreja.

Ao escrever a breve declaração “se eu for aí”, João informa Diótfrefes sobre sua visita que está para acontecer, mas não dá detalhes sobre quando irá chegar. João pretende visitar a congregação para chamar a atenção sobre o comportamento de Diótfrefes. Indiretamente, ele faz um contraste entre as obras de Gaio (v. 5) e as de Diótfrefes. Gaio aplica o princípio do amor a Deus e ao próximo; Diótfrefes é adepto do princípio do amor egoísta. João cita as obras de Diótfrefes:

a. “Intrigando maliciosamente contra nós”. Isto é, Diótrefes está fazendo acusações injustificáveis contra João e seus companheiros, pois não aceita a autoridade apostólica de João. Assim, procura enfraquecer João ao fazer fofocas maliciosas. Na verdade, a palavra *fofoca* em grego descreve bolhas que aparecem momentaneamente e desaparecem. São inúteis. O termo *maliciosas*, portanto, deixa implícito que as palavras maldosas de Diótrefes são completamente vazias e sem sentido (consultar 1Tm 5.13). Ainda assim, a ofensa é uma evidente violação do mandamento claro de Deus: “Não darás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20.16; Dt 5.20). Líder de uma congregação local, Diótrefes é condenado como transgressor da lei de Deus.

b. “Não satisfeito com isso, ele se recusa a receber os irmãos”. Não só as palavras de Diótrefes são maldosas como seus atos são igualmente repreensíveis. Ele intencionalmente contraria as regras de hospitalidade cristã ao se recusar a receber missionários enviados para proclamar o evangelho. Ao negar-lhes abrigo e comida, ele impede o avanço da Palavra de Deus. Diótrefes está servindo de obstáculo para os planos e propósitos de Deus e, conseqüentemente, está sujeito à ira divina.

c. “Como impede os que querem recebê-los”. Diótrefes vai ainda mais longe e impede que os membros da igreja demonstrem hospitalidade para com os missionários itinerantes. Inferimos que ele está tentando proibir os crentes de receber missionários e procurando puni-los por abrir suas portas para os servos de Deus.

d. “E coloca-os para fora da igreja”. Diótrefes coloca uma escolha diante do crente: ou toma seu partido contra João ou recebe os missionários e é expulso. Uma situação paralela a essa é a expulsão do homem cego de nascença (Jo 9.1-34).

Palavras, frases e construções do grego em 10

ἐὼν ἔλθω – a oração condicional com o subjuntivo aoristo ἔλθω (de ἔρχομαι, eu venho) expressa probabilidade.

ὑπομνήσω – o futuro ativo do verbo ὑπομνήσχω (eu faço lembrar) não tem um objeto direto. Supomos que João fará a igreja lembrar-se de algo durante sua visita.

κωλύει e ἐκβάλλει – esses dois verbos no indicativo presente ativo podem ser conotativos (“ele procura impedir e expulsa”).

Comentários adicionais

A questão que vem chamando a atenção dos estudiosos é: “Por que João informa Gaio sobre Diótfrefes se os dois são membros da mesma congregação e ocupam cargos de liderança?” Tendo em vista que possuímos apenas provas circunstanciais, concluímos que, com a morte dos apóstolos na segunda metade do século 1º, surgiu uma disputa pelo poder dentro da igreja.

Gaio submeteu-se à autoridade do apóstolo João, mas Diótfrefes queria uma posição de liderança para si e, portanto, rejeitava qualquer autoridade de pessoas de fora da sua congregação. Ele não queria acolher João e seus companheiros, pois desejava ser o primeiro na igreja. I. Howard Marshall conclui: “É possível que Gaio fosse membro de uma igreja vizinha, pois, de outro modo, seria estranho João contar-lhe aquilo que ele já devia estar sabendo”.²⁰

11 Caro amigo, não imite o que é mau, porém o que é bom. Aquele que faz o que é bom é de Deus. Aquele que faz o que é mau não viu Deus. 12 Demétrio é elogiado por todos – até mesmo pela própria verdade. Também falamos bem dele, e você sabe que nosso testemunho é verdadeiro.

IV. Exortação e Recomendação

11,12

Primeiro João diz a Gaio para fazer o que é bom e não imitar as obras más, supostamente aquelas de Diótfrefes. Em seguida, menciona Demétrio como um exemplo de boa conduta.

11 Caro amigo, não imite o que é mau, porém o que é bom. Aquele que faz o que é bom é de Deus. Aquele que faz o que é mau não viu Deus.

20. I. Howard Marshall, “John, Epistles of”, *ISBE*, vol. 2, p. 1095.

a. *Exortação*. Em quatro ocasiões nessa breve carta, João usa o termo *caro amigo* quando se dirige a Gaio (vs. 1,2,5,11). Em três ocasiões, João lhe pede algo diretamente. Aqui, ele o encoraja a “não [imitar] o que é mau, porém o que é bom”. João não está dizendo que Gaio está seguindo o exemplo de Diótrefes. Pelo contrário, está enfatizando a última parte de sua exortação, “imite... o que é bom”. E, assim, por meio do contraste, João deixa implícito que Gaio não deve imitar o que é mau.²¹

“Aquele que faz o que é bom é de Deus”. A pessoa que continua a obedecer aos preceitos de Deus tem sua origem espiritual em Deus e é seu filho. Como sabemos que somos filhos de Deus? Em sua primeira epístola, João apresenta a norma para determinar a diferença entre os filhos de Deus e os filhos do diabo: “Aquele que não faz o que é certo não é um filho de Deus” (3.10). Assim, qualquer um que continua a praticar o mal, como por exemplo Diótrefes, ainda não viu ou não conhece Deus (comparar com 1Jo 3.6). O crente vê Deus em Jesus Cristo. Como Jesus disse a Filipe: “Quem me vê a mim, vê o pai” (Jo 14.9; ver também 1.18). Quando um cristão vê Deus, ele tem comunhão com Jesus Cristo (1Jo 1.3).

12 Demétrio é elogiado por todos – até mesmo pela própria verdade. Também falamos bem dele, e você sabe que nosso testemunho é verdadeiro.

b. *Recomendação*. Ao longo de suas epístolas, João utiliza o recurso literário do contraste. Depois de descrever as obras más de Diótrefes, João agora apresenta Demétrio, sendo que é “elogiado por todos”. Essa pessoa, portanto, é bem conhecida e não precisa de mais apresentações. Apesar de os primeiros leitores da epístola de João conhecerem bem Demétrio, não temos nenhuma outra informação sobre ele, além daquilo que João diz no versículo 21. Não temos, por exemplo, nenhuma evidência de que Demétrio, o ourives de Éfeso (At 19.24), era convertido e havia se tornado um cristão exemplar.

Por que João menciona Demétrio? O apóstolo fala dele por causa dos relatos favoráveis que ouvia sobre ele. Observe que João afirma

21. O verbo grego *imitar* aparece quatro vezes no Novo Testamento (2Ts 3.7 [exemplo], 9 [modelo]; Hb 13.7; 3Jo 11).

a mesma coisa três vezes: todos lhe dão testemunho, a verdade lhe dá testemunho e o próprio João lhe dá testemunho. Demétrio era uma pessoa que havia conquistado o respeito da comunidade cristã em geral. Não temos como saber o que era dito sobre ele ou exatamente com o que ele trabalhava.

“Até mesmo pela própria verdade”. Qual o significado do substantivo *verdade*? O contexto não pede que ele seja identificado com Deus (Jo 17.3), com Jesus (Jo 14.6), nem com o Espírito (1Jo 5.6). Tendo em vista que João escreve sobre os que “andam na verdade” (v. 4), isto é, na verdade do evangelho de Cristo, inferimos que Demétrio vivia de acordo com os mandamentos da Palavra de Deus, de modo que sua vida demonstrava evidências claras da verdade (1Jo 2.8).

“Também falamos bem dele, e você sabe que nosso testemunho é verdadeiro”. Nesse versículo, o uso do pronome *nós* é, provavelmente, editorial. João usa o plural para referir-se a si mesmo e o faz com ênfase: “Nós *também* falamos bem dele”. Ele assegura a Gaio que o testemunho que escreveu sobre Demétrio é verdadeiro (comparar com Jo 19.35), pois ele o conhece pessoalmente. Gaio, portanto, pode confiar plenamente em João.

Palavras, frases e construções do grego em 11,12/

Versículo 11

μη μιμοῦ – essa é a segunda pessoa do imperativo presente do verbo μιμέομαι (eu imito). É precedida da partícula negativa μή (não). A ênfase é colocada não sobre o termo τὸ κακόν (o mal), mas sobre o termo τὸ ἀγαθόν (o bem) que está no final da frase.

οὐχ ἔώρακεν – o tempo perfeito com o negativo οὐχ (não) significa que aquele que faz o mal nunca viu Deus no passado e, conseqüentemente, nem no presente.

Versículo 12

μεμαρτύρηται – o tempo perfeito passivo do verbo μαρτυρέω (eu testifico) indica uma ação que ocorreu anteriormente, mas que continua até o presente.

ὕπό – essa preposição rege o caso genitivo πάντων (todos) e ἀληθείας (verdade). A construção gramatical é de genitivo do agente.

13 Tenho muito a escrever para você, mas não quero fazê-lo com pena e tinta. 14 Espero vê-lo em breve e conversaremos face a face. 15 A paz seja com você. Os amigos aqui enviam suas saudações. Saúde aos amigos daí, nome por nome.

V. Conclusão 13-15

13 Tenho muito a escrever para você, mas não quero fazê-lo com pena e tinta. 14 Espero vê-lo em breve e conversaremos face a face.

Esses dois versículos são quase idênticos à conclusão da Segunda Epístola de João (v. 12). As diferenças pequenas não alteram o significado dos comentários de conclusão. Sua similaridade, porém, mostra que João escreveu essas duas epístolas aproximadamente na mesma época.

É discutível o motivo pelo qual João não se delongou mais nessa carta. A razão pode ser que João desejava tratar os assuntos numa conversa pessoal, e por isso não correria o risco de criar qualquer mal-entendido. Além disso, a questão de Diótrefes era delicada e precisava ser tratada pessoalmente.

João expressa a esperança de poder encontrar-se com Gaio em breve. Ele não dá detalhes sobre o lugar de destino e a data, pois estes não são importantes para o destinatário. O termo *breve* deve bastar. Quando os dois amigos se encontrarem, conversarão “de viva voz” (comparar com Nm 12.8).

15 A paz seja com você. Os amigos aqui enviam suas saudações. Saúde aos amigos daí, nome por nome.

O texto grego marca as saudações com o versículo 15 e muitos tradutores e comentaristas fazem o mesmo. Outros, porém, tornam as saudações parte do versículo 14.

“A paz seja com você”. A saudação é o equivalente ao hebraico *shalom*, que é usado tanto para “olá” como para “adeus”. Jesus e os

apóstolos empregam a saudação e dão a ela um significado de Novo Testamento (Jo 20.19,21,26; Gl 6.16; Ef 6.23; 1Pe 5.14). Conseqüentemente, aqueles que recebem a saudação têm a paz de Deus em Jesus Cristo (Fp 4.7). A saudação de João é especialmente para Gaio, pois o pronome *você* é singular.

Jesus chama seus discípulos de “amigos” (Jo 15.13-15), mas a comunidade cristã prefere usar os termos *irmãos* e *irmãs*. João segue o exemplo de Jesus ao chamar os destinatários de “amigos”. Ele envia a saudação de amigos que estão ao seu redor para os amigos que receberão a carta. Na verdade, João acrescenta um toque pessoal; diz a Gaio: “Saúde aos amigos, nome por nome”. João, portanto, deixa implícito que a epístola se dirige não apenas a Gaio, mas a todos os membros da congregação.

Palavras, frases e construções do grego em 13,14

Verículo 13

εἶχον – o tempo imperfeito do verbo ἔχω (eu tenho) mostra que João tinha a intenção de escrever mais, porém mudou de idéia.

καλόμου – “junco”. Alfred Plummer observa que “as penas não começaram a ser usadas antes do século 5º”.²²

Verículo 14

ἰδεῖν – o infinitivo aoristo de ὀρέω (eu vejo) indica que a visita de João será um único acontecimento.

Resumo de 3 João

Depois de escrever o remetente e o destinatário, João elogia Gaio, a quem chama de “querido amigo”. Ele expressa o desejo de que Gaio receba bênçãos físicas bem como espirituais. João o elogia, pois recebeu um relato sobre a fidelidade de Gaio à verdade, especialmente

22. Plummer, *The Epistles of St. John*, p. 152.

mostrando hospitalidade para com os missionários itinerantes. João o encoraja a continuar a fazê-lo.

João informa Gaio sobre o caráter e as ações repreensíveis de Diótrefes, que falou mal do apóstolo e impediu membros da congregação de oferecerem comida e abrigo para os missionários. João instrui Gaio a não seguir o mau exemplo, mas a imitar aquilo que é bom. Assim, ele menciona Demétrio, do qual fala-se bem na igreja.

A epístola tem uma breve conclusão com informações sobre uma futura visita de João e saudações de amigos para amigos.

Bibliografia Seleccionada Sobre as Epístolas de João

Comentários

- Alexander, Neil. *The Epistles of John, Introduction and Commentary*. Torch Bible Commentaries series. Londres: SCM, 1962.
- Alford, Henry. *Alford's Greek Testament, An Exegetical and Critical Commentary*. 4 vols. Vol. 4, parte 2, *James – Revelation*. ed. reimpressa Grand Rapids: Guardian, 1976.
- Barclay, William. *The Letters of John and Jude*. Filadélfia: Westminster, 1958.
- Barker, Glenn W. *1 John*. Vol. 12, the *Expositor's Bible Commentary*, org. Frank E. Gaebelin. 12 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1981.
- Bengel, John Albert. *Gnomon of the New Testament*. org. Andrew R. Fausset, 5 vols. 7ª ed., vol. 5, Edimburgo: T. and T. Clark, 1877.
- Boice, James Montgomery. *The Epistles of John*. Grand Rapids: Zondervan, 1979.
- Brooke, A. E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*. International Critical Commentary series. Edimburgo: T. and T. Clark, 1964.
- Brown, Raymond E. *The Epistles of John*. The Anchor Bible series. Vol. 30. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982.
- Bruce, F. F. *The Epistles of John, 1970*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.
- _____. *The Gospel of John*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984.
- Bultmann, Rudolf. *The Johannine Epistles*. org. Robert Funk. Trad. por R. Phillip O'Hara et. al. Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible. Filadélfia: Fortress, 1973.
- Burdick, Donald W. *The Epistles of John*. Everyman's Bible Commentary. Chicago: Moody, 1970.
- _____. *The Letters of John the Apostle*. Chicago: Moody, 1985.
- Calvino, João. *Commentaries on the Catholic Epistles: The First Epistle of John*, org. e trad. John Owen. Grand Rapids: Eerdmans, 1948.
- Conner, Walter Thomas. *The Epistles of John*, 2ª ed. rev. Nashville: Broadman, 1957.

- Dodd, C. H. *The Johannine Epistles*. Moffatt New Testament Commentary series. Nova York: Harper and Row, 1946.
- Grayston, Kenneth. *The Johannine Epistles*. New Century Bible Commentary series. Grand Rapids: Eerdmans, 1984.
- Greijdanus, S. *De Brieven van de Apostolen Petrus en Johannes, en de Brief van Judas*. Kommentaar op het Nieuwe Testament series. Amsterdã: Van Bottenburg, 1929.
- Hendriksen, William. *The Gospel of John*. New Testament Commentary series. Grand Rapids: Baker, 1954.
- Houlden, J. I. *A Commentary on the Johannine Epistles*. Black's New Testament Commentaries series. Londres: Black, 1973.
- Lenski, R. C. H. *Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John, and St. Jude*. Columbus: Wartburg, 1945.
- Marshall, I. Howard. *The Epistles of John*. New International Commentary on the New Testament series. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.
- Perkins, PHEME. *The Johannine Epistles*. The New Testament Message, Vol. 21. Wilmington: Michael Glazier, 1979.
- Plummer, Alfred. *The Epistles of St. John*. Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges series. Cambridge: At the University Press, 1896.
- Ross, Alexander. *The Epistles of James and John*. New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.
- Schnackenburg, Rudolf. *Die Johannesbriefe*. Herder's Theologischer Kommentar zum Neuen Testament. 7ª ed. Freiburg: Herder, 1984. Vol. 13, 3.
- Smaley, Stephen S. *1, 2, 3 John*. Word Biblical Commentary. Vol 51. Waco: Word, 1984.
- Stott, J. R. W. *The Epistles of John: An Introduction and Commentary*. Tyndale New Testament Commentary series. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
- Westcott, B. F. *The Epistles of St. John, the Greek Text, with Notes and Addenda*. 1883. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.
- _____. *The Gospel According to St. John, The Authorized Version with Introduction and Notes*. 1882. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

Estudos

- Brown, Raymond E. *The Community of the Beloved Disciple*. Nova York: Paulist, 1979.
- Carson, D. A. "Historical Tradition in the Fourth Gospel: After Dodd, What?" in *Gospel Perspectives, Studies of History and Tradition of the Four Gospels*, org. R. T. France e David Wenham, vol. 2, pp. 83-145. Sheffield: JSOT Press, 1981.

- Culpepper, R. Alan. *The Johannine School: An Evaluation of the Johannine-School Hypothesis Based on an Investigation of the Nature of Ancient Schools*. Society of Biblical Literature Dissertation Series, n. 26. Missoula, Mont.: Scholar's Press, 1975.
- de Jonge, M. "An Analysis of 1 John 1.1-4" *The Bible Translator* 19 (1978): 322-30.
- France, R. T. e David Wenham, orgs. *Gospel Perspectives, Studies of History and Traditions in the Four Gospels*. Vol. 2. Sheffield: JSOT Press, 1981.
- Guthrie, Donald. *New Testament Theology*. Downers Grove: InterVarsity, 1981.
- Gutzke, Manford George. *Plain Talk on the Epistles of John*. Grand Rapids: Zondervan, 1977.
- Howard, W. F. "The Common Authorship of the Johannine Gospel and Epistles". *Journal of Theological Studies* 48 (1947): 12-25.
- Kistemaker, Simon J., org. *Interpreting God's Word Today*. Grand Rapids: Baker, 1970.
- Kotze, P. P. A. "The Meaning of 1 John 3.9 with Reference to 1 John 1.8 and 10". *Neotestamentica* 13 (1979): 68-83.
- Nauck, Wolfgang. *Die Tradition und der Charakter des ersten Johannesbriefs*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1957.
- Pentecost, J. D. *The Joy of Fellowship*. Grand Rapids: Zondervan, 1957.
- Robinson, J. A. T. *Redating the New Testament*. Filadélfia: Westminster, 1976.
- Scholer, David M. "Sins Within and Sins Without: An Interpretation of 1 John 5.15-16". *Current Issues on Biblical and Patristic Interpretation*, org. Gerald F. Hawthorne. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.
- Torrance, Thomas F. *Christian Theology and Scientific Culture*. Nova York: Oxford University Press, 1981.
- Vaughan, Curtis R. *The Gifts of the Holy Spirit to Unbelievers and Believers*, ed. reimpressa Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1975.
- Wilson, W. G. "An Examination of the Linguistic Evidence Addressed Against the Unity of Authorship of the First Epistle of John and the Fourth Gospel". *Journal of Theological Studies* 49 (1948): 147-56.

Ferramentas

- Bauer, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 2ª ed. ampliada e revisada por F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker da 4ª ed. de Walter Bauer. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1979.

- Berkhof, Louis. *Principles of Biblical Interpretation*. Grand Rapids: Baker, 1950.
- Blass, Friedrich e Albert Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Trad. e rev. por Robert Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
- Bromiley, Geoffrey W., org. *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. revisada, 4 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1979 –.
- Brown, Colin, ed. *International Dictionary of New Testament Theology*. 3 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1975-78.
- Dana, H. E. e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. Nova York: Macmillan, 1967.
- Elwell, Walter A., org. *Evangelical Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Baker, 1984.
- Hanna, Robert. *A Grammatical Aid to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker, 1983.
- Kittel, Gerhard and Gerhard Friedrich, orgs. *Theological Dictionary of the New Testament*. Trad. por Geoffrey W. Bromiley. 10 vols. Vols. 1-9. Grand Rapids: Eerdmans, 1964-76.
- Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, ed. corrigida. Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975.
- Moule, C. F. D. *An Idiom-Book of New Testament Greek*. 2ª ed. Cambridge: At the University Press, 1960.
- Moulton, James Hope, et. al. *A Grammar of New Testament Greek*. 4 vols. Edimburgo: T. and T. Clark, 1908-76.
- Nestle, Eberhard e Kurt Aland, rev. *Novum Testamentum Graece*. 26ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1981.
- Robertson, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. Nashville: Broadman, 1934.
- Strack, H. L. e P. Billerbeck. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud and Midrasch*. 5 vols. Munique: Beck, 1922-28.
- Thayer, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York, Cincinnati e Chicago: American Book Company, 1889.
- Trench, R. C. *Synonyms of the New Testament*. Ed. reimpressa. Grand Rapids: Eerdmans, 1953.

ÍNDICE DE AUTORES

- Achilles, Ernst, 410n29
Adamson, James, 59n25, 61n28, 101n6,
113nn19,20, 130n41, 139n57, 152n12,
180, 215n9
Agostinho, 194n27, 403, 403n16, 445, 468
Alexander, Neil, 325n30
Alford, Henry, 407n25, 422n44
- Baltensweiler, Heinrich, 395n7
Bammel, Ernst, 109n16
Barclay, William, 513n17
Barker, Glenn W., 369n53, 458n42, 475n19
Bartels, Karl-Heinz, 446n19
Bauder, Wolfgang, 163n30
Bauer, Walter, 58n24, 62n30, 78n52, 79n55,
82n60, 126n36, 153n13, 154n17, 157,
157n22, 187n18, 190n22, 232n31, 245n46,
338n6, 348n24, 351n27, 448n20, 457n40,
486n35, 491n45, 492n46, 516n22, 524n10
Bauerfeind, Otto, 440n10
Beck, Hartmut, 502n8
Becker, Oswald, 66n34, 420n41
Becker, Ulrich, 321n25
Behm, Johannes, 274n28
Bengel, John Albert, 53, 53n17, 71, 71n41,
106n13, 153, 153n13, 186n15, 341,
341n11, 385, 385n75, 397n9, 403, 403n17,
415n36, 502, 502n6, 515n20, 527n16
Benjamin, Paul, 167n32
Berkhof, Louis, 28n28, 223n19, 435n1
Beyreuther, Erich, 43n6, 178n2
Beza, Theodore, 180
Bietenhard, Hans, 424n49, 482n29, 523n6
Billerbeck, P., 8, 259, 540
Bishop, E. F. F., 17n8
Blackman, E. C., 100n2, 200n32
Blass, Friedrich, 79n55, 207n39, 232n32,
318n18, 329n35, 486n36
Bloesch, Donald G., 400, 401n15
Blunck, Jürgen, 64, 64n31
Boice, James Montgomery, 336n6, 367n50,
386n77, 456, 456n36, 466n2
- Borchert, Gerald L., 286n41
Bornkamm, Günther, 239n38
Böttger, Paul Christoph, 510n13
Brandt, Theodor, 82n60
Brooke, A. E., 265n11, 279n36, 292n54, 310n3,
315n12, 327n33, 341n12, 353n31, 383n71,
446n17, 453, 453n30, 454n33
Brown, Colin, 46n9, 47n11, 131n45, 140n58,
178n1, 223n20, 267n12, 272n21, 276n33,
286, 286n42, 289n48, 335n2, 362n43,
398n11, 407n24, 451n25, 455n34, 458n43,
473n14, 474n18, 475n19, 485n34, 502n8,
513n18, 524n9
Brown, Raymond E., 240n41, 265n11, 276,
292n53, 375n60, 392n2, 454n33, 455,
471n12, 513, 523
Bruce, F. F., 31n31, 275n29, 347n23, 369,
369n53, 458, 458n43, 494n49
Büchsel, Friedrich, 55n21, 336n3, 361n41, 446n19
Bultmann, Rudolf, 375n61, 421n42, 475n19
Burdick, Donald W., 49n13, 181n9, 221n15,
276, 312n7, 446n17, 483n30
Burton, E. D., 115n24, 382n70
- Calvino, João, 54, 82n61, 107, 107n14, 121n29,
135n50, 148n5, 180, 192n23, 201n33, 212,
212n3, 215n9, 226, 226n24, 251, 252n55,
255, 323, 323n29, 336, 336n4, 346n22,
353n31, 366n48, 376n63, 413, 413n34,
419, 422n44, 449nn22,24, 458n44, 460n48,
466, 466n3, 493n47, 537
- Carson, D. A., 272n22
Clark, K. W., 245n46
Clemente de Alexandria, 33, 264, 265, 265n7
Coenen, Lothar, 101n5, 239n38, 474n16
Conner, Walter Thomas, 323n28, 537
Conzelmann, Hans, 43n6
Court, John M., 422n46
Craigie, Peter C., 232n30
Cranfield, C. E. B., 23n19, 257
Culpepper, R. Alan, 271n21, 539

- Dana, H. E., 131n43, 405n22, 442n12, 446n18, 454n32, 470n10, 525n11
- Davids, Peter H., 12n2, 18n10, 22n18, 26, 26n25, 40n1, 52, 52n16, 60n27, 61n29, 94n73, 108n15, 114n21, 129n39, 136n52, 154n18, 172n38, 179n4, 184n12, 220n14, 252n56
- Debrunner, Albert, 79n55, 207n39, 232n32, 318n18, 329n35, 486n36
- Deissmann, Adolf, 11n1, 45n8
- de Jonge, Henk Jan, 474n17
- de Jonge, M., 312n7, 444n15
- Dibelius, Martin, 11n2, 27n26, 84n63, 103n8, 129, 129nn38,39, 132n47, 152n11, 159n24, 166n31, 180, 186n15, 198n30, 203n35, 226n23
- Dionísio, 264, 265, 265n8, 270
- Dodd, C. H., 268, 268n13, 272, 272n22, 273, 273n23, 274, 276, 276n31, 280n38, 317n16, 326n32, 340n10, 353n31, 371n55, 421n42, 436, 436n4, 455, 455n35, 466n4, 475n19, 500n1, 513n17, 528n18
- Dyrness, William, 119n28
- Elliott-Binns, L. E., 75n48
- Erasmus, 34, 179, 180, 235n35
- Esser, Hans-Helmut, 60n26, 109n16, 231n29
- Eusébio, 20nn13,15, 31n31, 33, 33nn34,35, 263n2, 265, 265nn8-10, 268, 268n14, 269, 269nn16,17, 270, 287, 287n45, 289n49, 317n17
- Falkenroth, Ulrich, 47n11
- Farstad, Arthur L., 161n26, 235n35, 461n53
- Feine, Paul, 274n28
- Field, David H., 187n19
- Finkenrath, Günther, 43n6
- Foerster, Werner, 502n8
- Forbes, P. B. R., 12n3
- Fürst, Dieter, 243n44, 326n32
- Gärtner, Burkhard, 55n21
- Gill, David, 204n36
- Goetzmann, Jürgen, 53n19
- Grayson, Kenneth, 340n10, 362n42, 454n33
- Grejidanus, S., 310n2, 315n12, 342n14, 351n28, 381n67, 468n7
- Grosheide, F. W., 16n7, 28n28, 61n29, 69n38, 71n41, 79n54, 95n74, 247n50
- Grundmann, Walter, 60n26
- Guhrt, Joachim, 154n16, 359n37
- Günther, Walther, 401n15, 440n10, 469n9
- Guthrie, Donald, 18n9, 25n24, 53, 53n20, 121n30, 136n51, 216n10, 227n25, 274n26, 280n37, 295n57, 296n58, 298n60, 316n15, 346n22, 359, 359n38, 366n47, 374n59, 376n62, 396n8, 397n11, 415n35, 441n11, 454n31, 469n9, 488n41
- Güting, Eberhard, 362n43
- Hahn, Hans-Christoph, 105n11, 206n38, 322n27, 424n48, 457n38
- Hanna, Robert, 51n15, 64n32, 72n43, 115n23, 125n34, 131n44, 136n53, 149n6, 157n21, 168n35, 183n10, 318n18, 348n25, 364n44, 382n70, 405n22, 476, 476n22, 495n50, 511n14
- Harder, Günther, 251n54, 410n29
- Harrison, Everett, 223n20
- Harrison, Roland K., 212n4
- Hauck, Friedrich, 47n11, 66n34, 192n25, 395n7
- Hendriksen, William, 69n38, 112n18
- Hess, Klaus, 41n2, 94n71
- Hiebert, D. Edmond, 70n39, 76, 76n49, 121n29, 172n39, 181n9, 192n23, 234n34
- Hodges, Zane C., 161n26, 235n35, 461n53
- Hoehner, Harold, 396n8
- Horst, Johannes, 223n20
- Houlden, J. L., 353n31
- Howard, W. F., 273, 273n25
- Hubbard, David A., 367n50
- Inácio, 101n5, 286n42, 525n13
- Inman, V. Kerry, 405n20, 408n27
- Irineu, 263, 264, 264n4, 269, 269n16, 287, 287n44, 288nn46,47, 289, 289n49, 376n63, 473n14
- Jerônimo, 33, 278n35
- Johanson, B. C., 94n72
- Johnstone, Robert, 82n59
- Josefo, 20, 20n14, 31n31, 138n56
- Joy, Alfred H., 224n21
- Kistemaker, Simon J., 45n7, 118n27, 219n13, 317n17
- Klappert, Bertold, 312n8
- Köster, Helmut, 11n2, 84n63, 103n8, 152n11, 186n15, 226n23, 231n29
- Kotze, P. P. A., 405n21
- Kümmel, Werner Georg, 274n28
- Ladd, G. E., 227n25, 295n57
- Lane, William L., 83n62
- Laws, Sophie, 42n4, 102n6, 113n20, 130n42, 180, 180n8, 187n17
- Leahy, Thomas W., 240n41

- Lenski, R. C. H., 49n12, 109n17, 294n56,
341n13, 351n27, 378n64, 443n13, 448n20,
452n27
- Lightfoot, J. B., 223n18
- Link, Hans-Georg, 192n25, 299n61, 417n39
- Longenecker, Richard N., 23n21
- Lorenzen, Thorwald, 125n33
- Lutero, Martinho, 34, 149, 152, 180, 180n9,
191, 218
- Lyonet, Stanislaus, 407n25
- Mantley, Julius R., 131n43, 405n22, 442n12,
470n10, 525n11
- Manton, Thomas, 90n69
- Marshall, I. Howard, 272n21, 292n51, 296n58,
343n17, 361n39, 369n53, 371n55, 385n76,
403n17, 411n31, 422n44, 471n12, 475n20,
524n9, 528n18, 531, 531n20
- Mayor, Joseph B., 19n12, 22n17, 28n29, 29n29,
32n33, 61n28, 70n40, 73n44, 78nn50,51,
110n3, 153n13, 180, 185n13, 200n31,
213n5, 229n26, 245n46, 247n49, 252n56
- Metzger, Bruce M., 68n37, 78, 78n53, 136n54,
157n20, 183n11, 253n57, 319,
319nn21,22, 338n7, 373n58, 379n65,
380n66, 393n3, 412n33, 425, 425n50,
438n7, 439n9, 462, 462n54, 467n5, 474n5,
474n17, 476, 476n23, 479n26, 483n32,
501n3, 510n12
- Michaelis, Wilhelm, 86n64
- Mitton, C. Leslie, 13n6, 130n40, 159n23,
180nn6,8, 192n23, 252n56
- Moffat, James, 68n36, 130n41, 180, 180n5,
268n13, 317n16, 335, 340n10, 421n42,
436n4, 438, 466n4, 500n1, 510, 528n18
- Moule, C. F. D., 51n15, 78n51, 115n23, 125n35,
168, 168n35, 169n36, 205n37, 216n11,
232n33, 236nn36,37, 246n47, 319n20,
348n26, 364n44, 410n30, 438n8, 442n12,
448n21, 452n26, 457n39, 476n21, 489n42
- Müller, Dietrich, 75n47, 321n25
- Mundle, Wilhelm, 458n42, 468n6
- Mussner, Franz, 13n5, 24n22, 152n11, 180n8
- Nicols, W., 126n37, 134n49
- Noack, B., 354n32
- Oepke, Albrecht, 131n45
- Olevianus, Gaspar, 46n10
- Orígenes, 33, 264, 265
- Packer, J. I., 82n58, 92n70
- Papias, 263, 264, 268-270, 317
- Paterson, John H., 224n21
- Pentecost, J. D., 329n34
- Petrie, C. Steward, 269n15
- Philo, 115n22
- Plummer, Alfred, 275n30, 280n37, 286n41,
294n56, 351n29, 357n36, 361n40, 366n48,
367n49, 384, 384n73, 392n1, 403n16,
437n6, 445n16, 461n51, 466n3, 490n43,
508, 508n11, 522n3, 526n14, 535, 535n22
- Policarpo, 263, 263n1, 264, 287, 289, 372,
372n56
- Polícrates, 271
- Potterrie, Ignace de la, 371n55, 407n25
- Rengstorf, Karl Heinrich, 192n26, 147n2
- Reynolds, S. M., 487n39
- Ridderbos, Herman, 69n38
- Roberts, D. J., 94n72
- Robertson, A. T., 43n6, 58n22, 64n32, 70n40,
73n44, 89n68, 104n9, 115n24, 116n25,
131n44, 136n53, 146n6, 157nn21,22,
169n36, 183n10, 205n37, 222n17, 225n22,
232n33, 236n36, 242n43, 248n51, 251,
251n53, 318n19, 319n23, 329n35, 338n8,
342n16, 348nn25,26, 355n34, 364n45,
367n51, 378n64, 382n69, 386n79, 404n18,
412n32, 416, 416n37, 422n47, 425n51,
428n55, 435n2, 438n8, 446n18, 452,
452nn26,28, 456n37, 459n45, 461n52,
470n10, 471n11, 476nn21,22, 479n25,
483n31, 489n42, 501n4, 507n10, 516n21,
522n2, 525n12
- Robinson, J. A. T., 21n16, 27n27, 31n32,
292n52
- Ropes, James Hardy, 11n2, 45n7, 61n28, 73n44,
75n48, 82n59, 89n67, 104n10, 106n13,
124n32, 152n11, 154n16, 167n33, 172n39,
180n8, 214n7, 247n49, 252n56
- Salom, A. P., 273n25
- Schattenmann, Johannes, 192n25
- Schippers, Reinier, 49n13, 87n65, 148n4
- Schmidt, Karl Ludwig, 94n71
- Schnackenburg, Rudolf, 272n21, 274n27, 436n5
- Schneider, Johannes, 113n19, 451n25, 458n43
- Schneider, Walter, 46n9
- Scholer, David M., 487n40
- Schönweiss, Hans, 361n41
- Schrage, Wolfgang, 101n5
- Schrenk, Gottlob, 75n47, 203n35, 468n6
- Schürer, Emil, 102n7
- Schweizer, Eduard, 252n56
- Seebass, Horst, 385n74

- Sevenster, J. N., 18n10
 Sidebottom, E. M., 79n54, 169n37, 215n9
 Smalley, Stephen S., 272n21, 285n40
 Smith, George Adam, 224n21
 Stählin, Gustav, 178n2, 523n6
 Stanton, Gerald Barry, 188n21
 Stott, J. R. W., 277, 277n34, 327n33, 335n2,
 366n48, 369n53, 371n55, 408n26, 421n43,
 479n24
 Strack, H. L., 81n57, 113n20, 147n2, 234n34,
 239n40, 247n49, 346n21, 398n13
 Stumpff, Albrecht, 167n32

 Tasker, R. V. G., 71n40, 155n19, 197n29
 Tertuliano, 264
 Thayer, Joseph, H., 51n14, 168n34, 195n28,
 223n18, 351n27, 364n46, 373n57, 386n78,
 457n40, 459n46, 528n19
 Thistleton, Anthony, 500n2
 Thomson, J. E. H., 367n50
 Torrance, Thomas F., 321n26
 Travis, A. E., 122n31
 Trench, R. C., 58n23, 67, 67n35, 187n19,
 230n27, 348n24, 364n46, 415n36, 507n9
 Trudinger, Paul, 487n38
 Tuente, Rudolf, 41n2
 Turner, N., 405n22
 Tyndale, William, 34, 71n40, 155n19, 180,
 197n29, 235n35, 277n34, 327n33, 335n2,
 408n26, 479n24

 Ursinus, Zacharias, 187, 436

 Vaughan, Curtis, 71n40, 117n26, 121n29, 151,
 151n10, 243, 244n45, 381n68
 Vorländer, Herwart, 335n2

 Währisch, Hans, 92n70
 Wallace, Ronald S., 239n38
 Walters, Stanley D., 232n30
 Ward, Roy Bowen, 101n6
 Warfield, B. B., 24n22
 Wegenast, Klaus, 147n2, 514n19
 Wessel, Walter, 13n4, 11n1
 Westcott, B. F., 275n30, 280n38, 311n5,
 326n31, 341n13, 369n52, 385n76, 403n16,
 406n23, 422n45, 427n53, 452, 452n29,
 454n33, 502, 502n7
 White, R. E. O., 194n27
 Wikenhauser, Alfred, 33n34
 Wilckens, Ulrich, 162n27
 Wilkinson, J., 240n42
 Wilson, W. G., 273, 273n24
 Wiseman, D. J., 138n56

 Zahn, Theodor, 27n27, 30n30
 Zodhiates, Spiros, 71n42, 121n30, 130n41

ÍNDICE DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS

Gênesis

1.1 — 310
1.3 — 321
1.26 — 155, 159
1.26,27 — 460
1.28 — 155
3.1-19 — 492
3.12 — 69
3.12,13 — 69
4.8 — 279
6.3 — 186
8.21 — 186
8.22 — 224
9.5,6 — 413
15 — 133, 138
15.6 — 132-134
17 — 138
18.1 — 138
18.1-8 — 523n5
18.25 — 117
19.1-3 — 523n5
22 — 133, 134
22.2 — 132
22.9 — 132
22.12 — 132
31.48 — 474

Êxodo

2.11 — 45
20.3 — 186
20.5 — 184, 186
20.7 — 110, 234
20.13 — 114, 114n22
20.14 — 114, 114n22
20.16 — 530
20.17 — 361
20.20 — 457n40
21.12 — 413
23.16 — 76
24.4 — 15
30.20,21 — 192

33.20 — 449

34.6 — 223, 231
34.22 — 76
40.35 — 23, 100

Levítico

19.13 — 217
19.15 — 112, 113
19.16 — 197
19.18 — 112, 197, 345, 346,
448, 461, 506
19.23-25 — 76
19.34 — 346

Números

12.1,2 — 168
12.8 — 515, 534
15.20,21 — 76
15.22-31 — 489
15.31 — 489
20.10-12 — 81
20.24 — 81
27.14 — 81
35.16 — 413
35.19,21 — 413

Deuteronômio

1.13 — 163n28
1.17 — 113
1.37 — 81
3.26,27 — 81
4.6 — 163n28
4.12 — 449
5.9 — 184
5.11 — 110, 234
5.17 — 114, 114n22
5.18 — 114, 114n22
5.20 — 530
5.21 — 361
6.4 — 128, 130
6.5 — 112, 345, 461, 506

7.7 — 106

10.18 — 91
11.14 — 224
14.29 — 92
15.3 — 45
15.7-9 — 422n46
15.7-11 — 416
18.4 — 76
19.15 — 474
24.4 — 214
24.14,15 — 217
28.10 — 109
28.22 — 241
28.27 — 241
30.11 — 279
30.11-14 — 468
32.4 — 279, 327
32.35 — 223
32.39 — 198

Josué

2.1 — 138, 138n56
2.9-11 — 138
2.12,13 — 139
6.17 — 138
6.22 — 138
6.25 — 138
10.12,13 — 245
15.18 — 154

Juízes

9.4 — 131n45
11.3 — 131n45
18.6 — 123

1 Samuel

1.17 — 123
2.6,7 — 198
12.23 — 207, 246
18.7 — 470
20.42 — 123

- 29.7** — 123
2 Samuel
7.14 — 453
12.4 — 523n5
15.9 — 123
1 Reis
4.25 — 160
8.46 — 147n3
17.19-22 — 245
18.1 — 247
18.42 — 247
18.42-44 — 247
19.1-9 — 246
21.1-14 — 181
2 Reis
4.32-35 — 245
5.7 — 198
5.19 — 123
17.6 — 41
23.10 — 154
25.11 — 41
2 Crônicas
7.14 — 109
20.7 — 135
28.3 — 154
33.6 — 154
Jó
1.3 — 213
1.21 — 72
2.9 — 72
2.10 — 72, 230
3.1 — 230
5.15,16 — 106
5.17 — 66n33
6.3 — 88
6.28-30 — 240
13.28 — 214
14.2 — 62
16.3 — 230
31.32 — 523n5
37.18 — 86
42.10 — 72
42.12,13 — 230
Salmos
1.1 — 66n33
2.7 — 453
4.4 — 81
6.6 — 193
7.8 — 117
8.6-8 — 155
9.18 — 106
12.5 — 106
14.3 — 326
19 — 87
19.7 — 87, 115
19.8 — 87, 115
19.11 — 87
22.29 — 220n14
24.3,4 — 192
26.6 — 192n24
30.5 — 237
32.1 — 251
32.2 — 66n33
33.2,3 — 238
34.8 — 66n33
34.13 — 156
36.9 — 320
37.20 — 220n14
39.6 — 202
39.11 — 202
40.4 — 66n33
49.14 — 220n14
53.3 — 326
58.4 — 156
65.4 — 66n33
68.5 — 91
73.13 — 192n24
75.7 — 117
81.1,2 — 238
84.5 — 66n33
85.2 — 251
86.15 — 223
90.10 — 202
92.1-3 — 238
94.12 — 66n33
96.10 — 117
96.13 — 117
98.4-6 — 238
101.5 — 196
102.3 — 202
103 — 62
103.8 — 231
103.12 — 252
112.1 — 66n33
119.1-3 — 87
119.11 — 377
119.47 — 468
119.165 — 279
120.3,4 — 153
126.5,6 — 218
138.8 — 49
139.23,24 — 420
139.24 — 240
140.3 — 156
141.3 — 145
143.2 — 147n3
144.9 — 238
146.9 — 91
149.1-5 — 238
149.4 — 194
150 — 238
Provérbios
2.6 — 53
3.6 — 204
3.17 — 170
3.34 — 60n26, 185, 194, 205
6.17 — 188
8.17 — 108
8.34 — 66n33
10.12 — 29, 252n56
10.19 — 81, 156
10.22 — 211
13.3 — 156
13.10 — 188
14.29 — 81
15.18 — 223
16.5 — 188
16.18 — 188
16.27 — 153
16.32 — 223
17.28 — 81
20.9 — 147n3
22.22,23 — 106
25.21 — 514
27.1 — 202
27.21 — 47
28.13 — 279, 325
29.22 — 81
Eclesiastes
5.1,2 — 80
7.20 — 147n3, 326
12.13 — 202
Isaías
1.9 — 218n12
1.15,16 — 192n24
1.18 — 327

- 3.14,15** — 211n1
10.1,2 — 211n1
10.16,17 — 214
13.6 — 212n2
19.4 — 212n2
30.27 — 214
30.33 — 220n14
32.17 — 171
33.1 — 212n2
34.5-8 — 220n14
37.21 — 245
37.36 — 245
38.17 — 241
40.6 — 62
40.6-8 — 28, 29
40.7 — 62, 64
41.8 — 135
43.7 — 109
49.6 — 320
51.8 — 214
53 — 398
56.2 — 66n33
61.1 — 106
63.16 — 159
66.2 — 188
- Jeremias**
2.3 — 76
5.24 — 224
9.24 — 195, 439
12.3 — 220
14.9 — 109
17.7 — 66n33
17.9 — 70
19.2 — 154
22.13 — 218
23.20 — 215
25.34 — 220
29.8 — 434
29.12 — 484n33
31.33 — 232
31.33,34 — 340
31.34 — 327, 380
32.35 — 154
46.10 — 220n14
50.26,27 — 220n14
- Lamentações**
2.21,22 — 220n14
3.57 — 191
- Ezequiel**
13.17-19 — 250
- 14.14** — 230
14.20 — 230
15.7 — 214
21.26 — 194
22.7 — 92
33.32 — 85
38.16 — 215
39.17 — 220n14
- Daniel**
9.6 — 229
- Oséias**
1.2 — 184
3.5 — 215
6.3 — 224
6.6 — 119
12.6 — 191
13.3 — 202
- Joel**
2.23 — 224
2.28 — 215
- Amós**
3.6 — 74
4.1 — 211n1
5.6 — 214
6.12 — 171
8.4 — 109
9.11,12 — 109
9.12 — 109
- Miquéias**
2.1,2 — 211n1
2.2 — 109
6.8 — 170
- Zacarias**
1.3 — 191
3.3,4 — 82
7.9 — 119
7.10 — 109
- Malaquias**
3.5 — 75, 218
3.6 — 56
3.7 — 191
4.5 — 246
- Mateus**
1.2 — 137n55, 138
1.5 — 137n55, 138
1.20 — 473
2.23 — 186
3.6 — 243n44
3.16 — 473
3.17 — 451, 478
4.3 — 69
5-7 — 22n17
5.3 — 22n17, 106
5.3-11 — 66
5.3-7.27 — 21
5.7 — 22, 119, 170
5.9 — 171
5.11 — 22n17
5.11,12 — 22n17, 45, 229
5.12 — 229n26
5.17-19 — 114
5.19 — 22, 147
5.21 — 114n22
5.21,22 — 181, 413
5.22 — 81, 131, 154n17
5.27 — 114n22
5.28 — 361
5.29 — 154n17
5.29,30 — 179n4
5.30 — 154n17
5.33-37 — 113
5.34 — 234
5.34-37 — 22n17
5.35 — 234
5.37 — 234, 236
5.39 — 221
5.43,44 — 346
5.44 — 514
5.47 — 45
5.48 — 87
6.5 — 31
6.9,10 — 182
6.11 — 22n17, 427
6.12 — 243n44
6.13 — 69, 70, 191
6.19 — 22, 22n17, 213
6.19-21 — 107
6.20 — 215
6.22 — 22n17
6.24 — 183, 360
6.30 — 77
6.32 — 91
6.34 — 22n17
7.1 — 22n17, 149
7.1,2 — 26, 196
7.7 — 57, 424
7.7,8 — 22n17, 181
7.8 — 484n33

- 7.11** — 74
7.12 — 115
7.16 — 22n17, 116
7.18 — 404
7.19 — 128
7.21 — 26, 84, 363
7.21-23 — 22n17
7.23 — 128
7.24 — 22n17, 84
7.24-27 — 136
7.25 — 26
7.26 — 84, 86
8.27 — 392n1
9.10 — 192
9.15 — 184
9.37,38 — 442
10.2 — 17
10.3 — 17
10.9,10 — 525
10.22 — 48
10.28 — 154n17, 198
10.32,33 — 436
10.41 — 526
11.2 — 509
11.19 — 346
11.28 — 110
11.30 — 468
12.30 — 108
12.36 — 146, 199
12.36,37 — 80, 235
12.39 — 184
12.40 — 247
12.43-45 — 82
13.21 — 124
13.55 — 17, 18, 40
15.19 — 70
16.4 — 184
16.15 — 437
16.21 — 72
16.27 — 117
17.5 — 478
17.20 — 25
18.6 — 147
18.9 — 154n17
18.21-35 — 118
18.32,33 — 118
19.16 — 107
19.18 — 114n22
19.18,19 — 114
19.19 — 112
19.24 — 107
19.28 — 15
19.28-30 — 107
20.8 — 217, 510
20.26,27 — 528
20.28 — 41
21.21 — 25, 55
21.22 — 55, 484n33
21.34 — 225
22.36 — 112
22.36-40 — 506
22.37 — 426
22.37,38 — 324
22.37-39 — 26, 112
22.37-40 — 461
22.39 — 197, 426, 448
22.40 — 115
23.4 — 468
23.6 — 102
23.7 — 147
23.12 — 194
23.15 — 154n17
23.29-37 — 229n26
23.33 — 154n17
24.3 — 384n72
24.4 — 434
24.4,5 — 380
24.5 — 366
24.13 — 48
24.24 — 366, 434
24.27 — 384n72
24.37 — 384n72
24.38,39 — 201
24.39 — 384n72
25.31-46 — 523n5
25.34 — 108
25.35-40 — 92
25.40-46 — 206
26.39 — 484
26.45 — 225
27.24 — 192n24
28.14 — 422
28.19,20 — 147
28.20 — 380
Marcos
1.5 — 243n44
1.24 — 128, 371
2.5 — 240, 354
2.9-11 — 240
2.9-12 — 520
3.17 — 17
4.19 — 178
5.7 — 128
5.34 — 83, 123
6.3 — 17, 18
6.8 — 525
6.13 — 239
6.34-44 — 520
7.20-23 — 153
8.38 — 184
9.24 — 56
9.43 — 154n17
9.45 — 154n17
9.47 — 154n17
10.17 — 107
10.19 — 114n22
10.23-25 — 107
11.24 — 484n33
12.39 — 102
12.44 — 417
13.1 — 392n1
13.5 — 509
13.9 — 509
13.23 — 509
13.33 — 509
14.21 — 59
15.40 — 17, 40
Lucas
1.1-4 — 309
1.2 — 22
1.29 — 392n1
1.35 — 473
2.25-32 — 473
2.51 — 191
3.22 — 451, 473
4.1 — 473
4.6 — 492
4.13 — 72
4.18 — 106, 473
4.25 — 247
4.34 — 128, 371
6.16 — 17
6.20 — 106, 107
6.20-49 — 21
6.22,23 — 45
6.24 — 212
6.25 — 193
6.28 — 159
6.31 — 204, 444, 507
6.47 — 26
7.2-5 — 102
7.22 — 106
7.37 — 192
7.39 — 192, 392n1
7.48 — 354
7.50 — 123
8.14 — 178

- 10.2** — 442
10.4 — 525
10.7 — 218, 526
10.25-37 — 346
10.27 — 461n50
10.30 — 51
10.30-35 — 206
10.34 — 239
11.4 — 69, 325
11.5-8 — 523n5
11.13 — 74
11.43 — 102
11.46 — 468
12.5 — 154n17, 198
12.16-20 — 213
12.16-21 — 107, 201
12.20,21 — 63
13.32 — 73
15.13 — 219
15.30 — 220
16.13 — 360
16.19 — 219
16.19-31 — 206
17.6 — 25
17.20,21 — 386
17.20-37 — 386
17.26-29 — 201
18 — 385
18.8 — 385
18.13 — 329
18.18 — 107
18.20 — 114
18.23-30 — 107
19.40 — 486
20.46 — 102
21.8 — 225
22.1 — 225
21.4 — 417
22.30 — 15
22.60-62 — 194
23.11 — 105
24.12 — 86n64
24.25 — 131
24.39 — 311
24.47 — 353

João
1.1 — 299, 310-313, 354, 456
1.3 — 512
1.4 — 299, 312
1.9 — 347, 351
1.12 — 392, 482, 483
1.14 — 24, 100, 266, 310, 311n4, 312, 446, 451, 487n39, 502
1.15 — 451, 509
1.16 — 188, 502
1.17 — 502
1.17,18 — 505
1.18 — 266, 446, 449, 532
1.27 — 509
1.29 — 398, 398n13
1.32 — 311n4
1.38 — 311n4
3.5 — 476
3.15 — 313n9, 480
3.15,16 — 378
3.16 — 313n9, 418, 446, 448, 452
3.17 — 480
3.18 — 446
3.19-21 — 323
3.29 — 500
3.30 — 317
3.32 — 312
3.33 — 478
3.36 — 313n9, 378, 413, 480
4.14 — 313n9
4.24 — 321
4.35 — 311n4, 442
4.36 — 313n9, 510
4.42 — 451, 452
5.14 — 241
5.24 — 313n9, 378, 411
5.32 — 477
5.36,37 — 477
5.38 — 357
5.39 — 313n9
5.45 — 395n6
6.5 — 311n4
6.27 — 313n9
6.33 — 378
6.37 — 469n8
6.39 — 469n8
6.40 — 313n9, 378
6.47 — 313n9, 378
6.54 — 313n9, 378
6.56 — 426
6.63 — 473
6.68 — 313n9
6.69 — 371
7.4 — 456
7.5 — 18, 39
7.13 — 456
7.16 — 512
7.26 — 424, 456
7.35 — 16, 41
7.38 — 186n14
8.4 — 409
8.12 — 292, 321
8.29 — 424
8.34 — 403
8.36 — 87
8.37-41 — 132n46
8.44 — 403, 413, 460n49
8.47 — 362, 436, 441
8.55 — 460n49
9.1-34 — 530
10.11 — 414
10.15 — 414
10.17,18 — 414
10.24 — 456
10.27 — 441
10.28 — 313n9
11.14 — 456
11.24 — 215
11.25 — 312, 492, 494
11.45 — 311n4
11.54 — 456
12.13 — 509
12.25 — 313n9
12.28 — 478
12.31 — 274, 403, 440, 492
12.35 — 265, 351
12.48 — 215
12.50 — 313n9
13.14 — 427
13.15 — 228
13.17 — 87
13.33 — 333n1
13.34 — 265, 345, 409, 426, 461n50, 506
14-17 — 294
14.6 — 236, 312, 378, 417, 426, 480, 493, 494, 533
14.9 — 321, 532
14.13 — 484
14.13,14 — 182, 424
14.15 — 467
14.16 — 266, 338
14.17 — 442
14.23 — 341
14.26 — 266, 338, 380
14.30 — 274, 430, 492
15.1-6 — 368
15.7 — 484n33
15.9-11 — 342n14
15.10 — 467
15.12 — 409, 426, 461n50

- 15.13** — 414
15.13-15 — 535
15.14,15 — 317
15.17 — 426
15.18 — 411
15.26 — 266, 338, 474
16.2,3 — 392
16.7 — 266, 338
16.11 — 274, 403, 492
16.13 — 380
16.24 — 265, 484n33, 486
16.25 — 456
16.26 — 486
16.29 — 456
16.33 — 440, 469
17.2 — 313n9, 469n8
17.3 — 299, 313n9, 378, 413, 468, 493, 533
17.9 — 488
17.12 — 491
17.14 — 92
17.15 — 491
17.16 — 185
17.18 — 185, 363
17.20,21 — 378
17.21 — 493
17.21-23 — 426
18.19 — 512n15
18.20 — 456
19.6 — 33
19.25 — 17
19.34 — 473
19.35 — 533
20.4 — 461
20.5 — 86n64
20.19 — 535
20.20 — 311
20.21 — 535
20.25 — 311
20.26 — 535
20.27 — 311
20.29 — 317
20.31 — 480, 482, 483
- Atos**
1.7 — 366
1.13 — 17, 40
1.14 — 18
1.21,22 — 310
1.22 — 275
1.23 — 39
2.5 — 41, 57
2.9-11 — 41
- 2.12** — 57
2.13 — 57
2.17 — 215, 365
2.22 — 72
3.6 — 240
3.14 — 334, 371
3.16 — 50
4.13 — 424
4.20 — 311
4.32 — 178
4.32-37 — 315
4.34,35 — 213
4.36 — 72
5.15,16 — 240
5.27 — 109
5.31 — 451
5.41 — 525
6.1-6 — 92
7.2 — 100
7.17 — 225
7.52 — 229
8.1 — 16, 30, 41, 44
8.31 — 486
9.34 — 240
10.6 — 523n5
10.34 — 99
10.38 — 371
10.42 — 117
11.19 — 16, 30, 41
11.29,30 — 108
11.30 — 239
12.1,2 — 40
12.2 — 17
12.5-10 — 245
12.17 — 17, 18, 41
12.23 — 30, 215
13.1 — 147n2
13.23 — 451
13.26 — 45
13.38 — 354
14.5 — 157
14.8-10 — 240
14.15 — 246
14.23 — 239
15 — 31
15.13 — 17, 18, 20
15.13-21 — 41
15.13-29 — 19
15.14 — 19
15.17 — 110
15.23 — 19, 42, 43
15.29 — 494
16.15 — 523n5
- 16.18** — 240
16.19 — 109
16.36 — 123
17.28 — 343
17.30 — 206
18.12 — 109
18.21 — 203
19.23-41 — 494
19.24 — 282, 532
19.29 — 281, 519
20.4 — 281, 519
20.17 — 239n38
20.28 — 15, 239, 239n38
21.18 — 17, 18, 239
21.18,19 — 41
23.26 — 42, 43
24.27—26.32 — 20
26.5 — 94
26.7 — 15
26.27 — 124
27 — 151
28.8,9 — 240
- Romanos**
1.1 — 41n3
1.7 — 42n5, 502n5, 503
1.8 — 504
1.16 — 83
1.17 — 131
1.24 — 178
1.29 — 187
2.4 — 223
2.5 — 215
2.11 — 99, 112
2.15 — 104
3.1-12 — 147n3
3.4 — 460n49
3.12 — 326
3.16 — 195
3.19,20 — 147n3
3.23 — 147n3
3.25 — 27, 335, 447
3.28 — 27
3.30 — 27, 131
4 — 27
4.2 — 135
4.3 — 27
4.5 — 121
4.8 — 66n33
4.9 — 132
4.12 — 132n46
5.1 — 27, 336

- 5.3** — 44
5.3-5 — 48
5.5 — 451
6.6 — 193
6.13 — 179n4
6.19 — 179n4
6.23 — 71
7.5 — 71, 179n4, 245n46
7.10 — 71
7.13 — 71
7.22 — 468
7.23 — 179n4
7.24 — 195
7.24,25 — 193
8.2 — 87
8.7 — 447
8.15 — 87, 394n4, 457
8.16 — 478
8.17 — 392
8.28 — 68, 107
8.29 — 394
8.37-39 — 469
9.19 — 130
9.22 — 223
9.29 — 218
11.3 — 229n26
11.16 — 76
11.19 — 130
12.3 — 194
12.4 — 179n4
12.4,5 — 179
12.7 — 147n2
12.9 — 171
12.12 — 223
12.13 — 523n5
12.14 — 159
12.18 — 171
12.20 — 514
13.1-7 — 191
13.8,9 — 461n50
13.8-10 — 506
13.9 — 112, 197, 426, 448
13.10 — 506
13.11,12 — 227
13.12 — 225
14.4 — 198
14.10-12 — 147
14.18 — 67
14.23 — 25, 124, 182
15.5 — 230n27
16.5 — 513
16.10 — 67
16.23 — 281, 519
- 1 Coríntios**
1.3 — 502n5
1.4 — 504
1.8 — 227
1.14 — 281, 519
1.28,29 — 106
1.30 — 53
1.31 — 195, 439
2.8 — 100
2.9 — 186n14
2.14 — 166
3.3 — 167
3.9 — 251, 526n15
4.15 — 522
4.19 — 203
6.9 — 73n45
6.9,10 — 108
6.15 — 179n4
7.31 — 362
8.4 — 494
8.7 — 494
9.12 — 526
9.14 — 526
9.24,25 — 67
10.13 — 70
11.7 — 460
11.19 — 67
11.22 — 108
11.30 — 241
12.3 — 122, 435, 453
12.9 — 241
12.12 — 179
12.14 — 179n4
12.18 — 179n4
12.19 — 179n4
12.20 — 179n4
12.22 — 179n4
12.25 — 179n4
12.26 — 114, 179n4
12.27 — 179
12.28 — 241
12.28,29 — 147n2
12.30 — 241
13.6 — 507
13.7 — 417
13.12 — 86
14.23,24 — 102
15.7 — 17, 18, 39, 42
15.23 — 384n72
15.33 — 73n45
15.57 — 469
16.1-3 — 108
16.2 — 422
- 2 Coríntios**
1.2 — 502n5
1.3 — 504
1.14 — 227
1.21 — 371
1.21,22 — 380
2.14-16 — 442
3.18 — 86, 394
4.12 — 245n46
5.10 — 117
5.17 — 76
5.20,21 — 336
5.21 — 399
6.6 — 171
6.7 — 76
6.16 — 494
7.1 — 395
7.10 — 194
8.23 — 526
9.7 — 524
9.10 — 171
9.15 — 448
10.17 — 195
10.18 — 67
11.2 — 184, 281
11.30 — 206
12.5 — 206
12.8,9 — 48
12.9 — 206, 242, 428
12.10 — 428
13.7 — 67
- Gálatas**
1.3 — 502n5
1.10 — 41n3
1.13 — 163n29
1.19 — 17, 18
2.2 — 41
2.9 — 17, 18, 41
2.12 — 17, 18
2.16 — 27
2.20 — 193, 400
3.6,7 — 132n46
3.22 — 147n3
3.26 — 394n4
4.6 — 394n4
4.19 — 333n1, 522

- 5.3** — 114
5.6 — 127
5.13 — 87
5.14 — 112, 197, 448, 461n50, 506
5.16,17 — 361
5.17 — 186n15
5.19-21 — 108
5.20,21 — 164
5.21 — 187
5.23 — 163n30, 164
5.24 — 193
6.1 — 249
6.7 — 73n45
6.10 — 63, 91, 93, 122, 278n35, 524
6.14 — 193
6.16 — 535
- Eféssios**
- 1.2** — 502n5
1.4 — 106
1.4,5 — 449
1.11 — 78
1.13 — 76
2.1 — 411
2.5 — 411
2.8 — 125, 136
2.8,9 — 88, 510
2.9 — 125
3.20 — 245n46
4.11 — 147n2
4.15 — 507
4.16 — 179
4.22 — 82, 163n29
4.24 — 460
4.25 — 82
4.26 — 81
4.27 — 81
4.31 — 81, 82
5.6 — 434
5.14 — 186n14
5.19 — 238
5.22 — 191
5.22-25 — 184
5.25-29 — 281
5.25-33 — 500
5.27 — 324
5.30 — 179
6.9 — 99, 104
6.10 — 357
6.11 — 191
6.18 — 237
- 6.23** — 535
- Filipenses**
- 1.1** — 15, 19n11, 41n3
1.2 — 502n5
1.6 — 227
1.10 — 227
1.27 — 125, 524
2.3 — 170, 194
2.12 — 457
2.16 — 227
2.19 — 203
2.24 — 203
2.27 — 241
3.9 — 27
3.15 — 49
3.21 — 318, 394
4.4 — 237
4.5 — 170
4.7 — 535
- Colossenses**
- 1.2** — 502n5
1.5 — 76
1.10 — 524
2.18 — 94
3.4 — 394
3.5 — 179n4
3.8 — 81, 82
3.10 — 76, 460
3.16 — 238
3.18 — 191
3.25 — 99, 104
4.2 — 237
4.11 — 526
4.15 — 513
4.16 — 12
- 1 Tessalonicenses**
- 1.1** — 19n11, 502n5
1.3 — 123
2.4 — 434
2.12 — 524
2.15 — 229n26
2.19 — 384n72
3.5 — 69
3.8 — 486
3.13 — 384n72
4.9 — 461n50
4.15 — 384n72
5.2 — 227
5.16 — 193, 237
5.17 — 182, 237
- 5.21** — 434
5.23 — 52, 384n72
5.27 — 12
- 2 Tessalonicenses**
- 1.1** — 19n11
1.2 — 502n5
1.5,6 — 224
2.1 — 384n72
2.2 — 227
2.3,4 — 366, 367
2.3-8 — 398n11, 437
2.7 — 245n46
2.8 — 384n72
2.8,9 — 367
2.16 — 447
3.7 — 532n21
3.9 — 532n21
- 1 Timóteo**
- 1.2** — 502
1.10 — 460n49
1.17 — 449
2.8 — 81
3.1 — 239n38
3.2 — 15, 147n2
3.16 — 313
4.1 — 166, 434
4.12 — 163n29
5.13 — 530
5.17 — 239n38
5.18 — 218, 526
6.4 — 187
6.10 — 211
6.14 — 92
6.16 — 324, 449
6.17 — 216
6.19 — 216
- 2 Timóteo**
- 1.2** — 502
1.12 — 337
2.15 — 67, 76, 148
3.1 — 215, 367
4.3 — 178
4.10 — 184, 282
4.20 — 242
- Tito**
- 1.1** — 41n3
1.4 — 502n5
1.5 — 239
1.5-9 — 239n38

- 1.7** — 15, 81
1.9 — 147n2
1.12 — 460n49
1.16 — 340
2.5 — 191
2.9 — 191
2.14 — 403
3.3 — 187
3.13 — 524
- Filemon**
- 2** — 513
3 — 502n5
22 — 523
- Hebreus**
- 1.1-4** — 309
1.2 — 215, 227, 341, 365
1.5 — 453
2.11 — 42, 334
2.11,12 — 317
2.14,15 — 403, 436
2.15 — 440
2.16,17 — 337
2.17 — 318, 335
3.12,13 — 249
4.2 — 328
4.11 — 228
4.12 — 83
4.13 — 117
4.15 — 334
4.16 — 420, 424
5.12 — 147
6.3 — 203
6.4-6 — 368, 489
6.17,18 — 56
7.25 — 334
7.27 — 92n70
8.10 — 232
8.10,11 — 340
8.11 — 380
8.12 — 327
9.14 — 324
9.28 — 227
10.17 — 327
10.25 — 227
10.28,29 — 489
10.30 — 223
10.31 — 185
11 — 229
11.4 — 409
11.4-32 — 470
11.6 — 55, 107, 124, 184, 245
- 11.8-19** — 137n55
11.19 — 133
11.31 — 137n55, 138, 139
11.35-38 — 229n26
11.38 — 161
12.2 — 48, 72, 237
12.11 — 171
13.1 — 461n50, 513
13.2 — 523n5
13.4 — 92n70
13.7 — 163n29, 532n21
- Tiago**
- 1.1** — 11, 12, 15, 16, 19, 23, 28n29, 30, 31, 39, 40, 42, 43, 94, 178, 223
1.2 — 22n17, 25, 28n29, 29, 44, 45, 106n5, 193
1.2-4 — 43, 50, 51, 65
1.2-5 — 21
1.2-11 — 43, 94
1.3 — 12, 25, 25n23, 27, 44, 51, 52, 100, 230
1.4 — 48, 51, 52, 148, 230
1.5 — 22n17, 27, 52, 54, 95, 162, 165, 169, 484n33
1.5-7 — 24
1.5-8 — 52, 57, 58
1.6 — 25, 25n23, 54
1.7 — 23n20, 56, 84
1.8 — 56, 65, 84, 192
1.9 — 13, 59, 60n26, 61
1.9-11 — 59, 63
1.10 — 59, 61
1.10a — 13
1.10,11 — 29
1.11 — 32, 61, 62, 64
1.12 — 29, 29n29, 65, 67, 107, 230
1.12-15 — 21, 95
1.12-18 — 65
1.12-25 — 95
1.13 — 72
1.13-15 — 14, 51, 68, 72
1.14 — 72, 178
1.15 — 13, 72, 73, 75, 361
1.16 — 45, 73, 91, 106, 106n12, 249
1.16-18 — 73
1.17 — 13, 61, 73, 75, 77, 95, 169, 216, 484
1.17,18 — 77
1.18 — 28n29, 29n29, 73, 75, 77-79, 95, 250
- 1.19** — 13, 45, 83, 90, 106, 106n12, 146, 156
1.19,20 — 21, 80
1.19-21 — 79, 83
1.19-27 — 79, 95
1.20 — 13, 84
1.21 — 82, 84, 92
1.22 — 85, 88, 91
1.22,23 — 13
1.22-25 — 22n17, 88
1.22-2.26 — 21
1.23 — 58, 85, 88
1.24 — 85, 89
1.25 — 26, 29n29, 86, 89, 117
1.26 — 91, 93, 146, 150
1.26,27 — 22n17, 89, 90, 93, 94, 116, 170
1.27 — 91, 92n70, 94
2 — 25, 27, 135, 140
2.1 — 15, 23, 25n23, 45, 99, 104, 106n12, 249n52
2.1,2 — 85
2.1-4 — 99, 103, 104, 141
2.1-13 — 99
2.2 — 13, 15, 31, 60, 101, 101n5, 105
2.3 — 60, 101, 105
2.4 — 101, 106
2.5 — 15, 20, 22n17, 25, 25n23, 45, 60, 67, 101, 106, 106n12, 107, 110, 111, 215 /
2.5-7 — 106, 110, 111, 141
2.6 — 60, 110, 111, 212, 221
2.6,7 — 44, 108
2.6-9 — 61
2.7 — 20, 23, 31, 110, 111, 525
2.8 — 26, 67, 101, 111, 115, 117, 164, 197, 198, 448, 461n50
2.8-11 — 111, 114, 115
2.9 — 104, 111
2.9-11 — 408
2.10 — 14, 22, 113, 488
2.11 — 113
2.12 — 26, 47, 120
2.12,13 — 116, 117, 119, 120
2.13 — 22, 22n17, 101, 120, 141, 170
2.14 — 25n23, 27, 45, 106n12, 121, 125, 136
2.14-17 — 121, 124, 125

- 2.14-26** — 22n17
2.15 — 22n17, 122, 125
2.15-17 — 126, 416
2.16 — 22n17, 122, 126
2.17 — 25, 25n23, 47, 123, 126, 136, 141
2.18 — 25n23, 126, 129, 130
2.18a — 129
2.18b — 130
2.18,19 — 126, 127, 129, 130
2.19 — 25, 124, 127, 130, 131, 141
2.20 — 25n23, 131, 136, 417
2.20-24 — 125, 131, 135, 141
2.20-26 — 126
2.21 — 15, 31, 132
2.22 — 13, 25n23, 133, 137
2.23 — 25, 27, 133
2.24 — 25n23, 135-137
2.25 — 137, 138, 140, 141
2.25,26 — 137, 140
2.26 — 12, 25, 25n26, 136, 137, 140, 141
3 — 52, 148, 173
3.1 — 32, 45, 51, 106n12, 149
3.1,2 — 12, 145, 148, 149
3.1-12 — 21, 145, 146
3.2 — 90, 147n3, 149, 150, 155
3.3 — 150, 157
3.3,4 — 155
3.3-8 — 149, 156, 157
3.5 — 150, 179n4
3.6 — 152, 154, 157, 179n4
3.7 — 154, 158
3.8 — 90, 154, 158
3.9 — 23n20, 25, 159, 161, 460
3.9-12 — 158, 161
3.10 — 45, 106n12, 159
3.10-13 — 22n17
3.11 — 160, 161
3.12 — 32, 45, 106n12, 160, 161
3.13 — 22n17, 29n29, 128, 163n29, 162, 168
3.13-16 — 162, 167, 168
3.13-18 — 162
3.14 — 22n17, 164, 167, 168, 177, 250
3.15 — 165, 167, 169, 177, 360
3.16 — 165, 177
3.17 — 169, 173
3.17,18 — 168, 172
3.18 — 22n17, 171, 173
4 — 21, 178, 207
4.1 — 29n29, 178, 181, 182
4.1-3 — 177, 182, 184
4.1-10 — 12
4.1-12 — 177
4.2 — 179, 183
4.2,3 — 24
4.3 — 22n17, 182, 486
4.4 — 15, 22n17, 93, 183, 188, 189, 358, 360
4.4-6 — 183, 188, 189
4.5 — 185, 186, 186n15, 187
4.6 — 26, 60n26, 185, 186, 188, 189, 190, 194
4.6,7 — 29
4.7 — 13, 30, 72, 191, 195, 196
4.7a — 190
4.7-10 — 190, 194, 195
4.8 — 22n17, 25, 194
4.9 — 195, 212
4.10 — 13, 23n20, 25, 29, 195
4.10a — 190
4.11 — 26, 45, 106n12, 196-199, 226
4.11,12 — 22n17, 146, 196, 198
4.12 — 29, 198, 199
4.13 — 22n17, 200, 200n32, 202, 204
4.13-15 — 200, 204
4.13-16 — 206
4.13-17 — 200
4.14 — 22n17, 201, 205, 215
4.15 — 23n20, 202, 204, 205
4.16 — 29, 63, 205, 362
4.16,17 — 205
4.17 — 200, 206
5 — 21, 227, 253
5.1 — 195, 200n32, 211, 212
5.1-6 — 15, 61, 211
5.2 — 213, 216
5.2,3 — 22, 22n17, 213, 216
5.3 — 216, 227, 365, 367
5.4 — 23, 23n20, 109, 217, 219, 510
5.5 — 29n29, 219, 220
5.6 — 29n29, 220, 222
5.7 — 15, 22n17, 23n20, 32, 45, 106n12, 222, 225, 228
5.7,8 — 215, 222, 225, 227, 384n72
5.7-9 — 227
5.7-11 — 222
5.8 — 23n20, 225
5.9 — 22n17, 23, 45, 106n12, 215, 222, 225, 227, 228, 233
5.10 — 14, 23, 23n20, 45, 106n12, 222, 228, 232
5.10,11 — 22n17, 23, 228, 232
5.11 — 14, 22n17, 51, 222, 230, 233
5.11a — 229, 230
5.11b — 230
5.11c — 231
5.12 — 45, 22n17, 106n12, 113, 146, 222, 233, 234, 236
5.13 — 237, 238, 249
5.13-15 — 241
5.13-18 — 237
5.14 — 15, 23n20, 32, 101, 242, 243, 249
5.14,15 — 23, 238, 242
5.14-16 — 24
5.15 — 23, 23n20, 25n23, 27, 165, 239, 241, 242
5.16 — 24, 57, 165, 242, 243, 245
5.16a — 243
5.16b — 245n46, 244
5.17 — 24, 246, 248
5.17,18 — 24
5.18 — 24, 246, 248
5.19 — 45, 106n12, 222, 249n52, 252
5.19,20 — 248, 249, 252
5.20 — 12, 29, 199, 253, 487
1Pedro
1.1 — 16, 28, 28n29, 41, 267
1.2 — 502, 502n5
1.3 — 28n29
1.5 — 367
1.6 — 28n29, 29, 44
1.6,7 — 47
1.12 — 29n29, 86
1.15 — 163n29
1.17 — 99, 457
1.18 — 28, 163n29
1.20 — 365
1.22 — 171
1.23 — 29n29
1.24 — 29, 64
2.1 — 29n29, 82, 187, 196
2.10 — 28

- 2.11** — 29n29
2.12 — 28, 29n29, 163n29
2.13 — 191
2.18 — 191
2.20 — 66, 109
2.24 — 399
2.25 — 15
3.1 — 163n29, 191
3.2 — 163n29
3.3 — 359n37
3.16 — 163n29
3.20 — 223
4.2 — 363
4.3 — 28
4.7 — 225
4.8 — 29, 233, 251, 461n50
4.12 — 29
4.16 — 29
5.1 — 267, 499
5.1-4 — 239
5.4 — 29n29
5.5 — 60n26, 188, 191
5.5,6 — 29, 29n29
5.6 — 194
5.7 — 237
5.8,9 — 30
5.9 — 191
5.13 — 281, 500, 516
5.14 — 535

2 Pedro
1.1 — 19, 41n3
1.2 — 502, 502n5
1.4 — 92n70
1.16 — 276, 384n72
1.19 — 320
2.6 — 228
2.7 — 163n29
3.3 — 178
3.11 — 163n29, 392n1
3.14 — 92
3.15 — 223
3.18 — 511

1 João
1.1 — 274, 276, 278, 283, 299, 309, 310, 312, 314, 318, 320, 354, 377, 383, 451
1.1-3 — 295
1.1-4 — 275-277, 294, 309, 312n7, 317, 318
1.1-5 — 528
1.2 — 278, 296, 299, 300, 312, 313n9, 314n10, 318, 494
1.2,3 — 322, 354n33, 362, 375, 378
1.2-4 — 274
1.3 — 276, 283, 295, 312, 315, 315nn13,14, 317, 318, 320, 322, 325, 328, 339, 343, 376, 377, 399n14, 420, 424, 425, 438, 444, 456, 487, 493, 532
1.3,4 — 314
1.4 — 265, 316, 319, 338, 516, 521n1
1.5 — 75, 278, 284, 287, 292, 294, 320, 322, 328, 349, 377, 405, 433, 512n15
1.5-10 — 328
1.5-2.17 — 320
1.6 — 283, 284, 286, 292, 294, 326, 328, 339, 340, 349
1.6,7 — 322, 505
1.6-10 — 349
1.7 — 283n39, 295, 297, 315, 315n14, 325, 326, 328, 336, 339, 376, 395, 399n14, 522
1.7-9 — 294, 487
1.8 — 279, 283, 284, 286, 292, 294, 297, 325-328, 340, 341, 407, 419
1.8-10 — 147n3, 325, 407
1.9 — 243n44, 275, 279, 295, 297, 326, 328, 329, 336, 339, 354, 400, 410, 488
1.9,10 — 329
1.10 — 278, 283, 284, 286, 294, 297, 325, 327-329, 340, 341, 357, 407, 460n49, 478
2.1 — 266, 277, 295, 298, 298n59, 301, 309n1, 315n13, 316, 325, 333, 333n1, 337, 338, 353, 354n33, 362, 375, 384, 402, 410, 438, 439, 488
2.1,2 — 333, 337, 338, 354, 487
2.1-6 — 333
2.2 — 274, 295, 298, 301, 316, 335, 338, 339, 438, 447
2.3 — 296, 316, 339, 342, 343, 348, 349, 399n14, 442, 466
2.3,4 — 339, 341, 467, 500
2.3-5a — 339, 342
2.4 — 278, 279, 284, 286, 292, 329, 339n9, 341, 342, 349, 419, 460, 460n49
2.4,5 — 342, 342n14
2.5 — 294, 341, 342, 357, 363, 374, 391, 399n14, 417n38, 442, 454, 467, 470
2.5a — 342
2.5b — 343, 344
2.5,6 — 296, 468
2.5b,6 — 343, 344
2.6 — 284, 286, 344, 347, 395, 453, 455, 505, 506, 521
2.7 — 277-279, 309n1, 310, 345, 348, 353, 377, 409, 423, 444, 507
2.7,8 — 316, 344, 348
2.7-11 — 344, 443, 443n14
2.8 — 346-349, 353, 533
2.9 — 284, 286, 287, 349, 351, 522
2.9,10 — 345, 487n37
2.9-11 — 349, 351
2.10 — 279, 294, 350-352
2.10,11 — 373
2.11 — 265, 284, 323, 351, 352, 487n37
2.12 — 277, 298, 309n1, 316, 333n1, 352, 353, 355, 374, 487, 525,
2.12,13a — 353
2.12-14 — 352, 357, 358, 443, 516
2.13 — 278, 279, 310, 316, 334n1, 339n9, 352, 354n33, 356, 362
2.13,14 — 278, 296, 409, 491, 529
2.13a — 353
2.13b — 355, 358
2.13b,14 — 356
2.14 — 277-279, 294, 310, 316, 339n9, 354, 355, 356n35, 358, 365, 374, 382, 439, 483
2.15 — 185, 278, 294, 354n33, 358, 360, 362, 391, 417n38, 470
2.15-17 — 358, 363
2.16 — 279, 354n33, 359, 360, 364

- 2.16,17** — 337, 360, 364
2.17 — 294, 300, 359, 362, 364, 366
2.18 — 274, 277-279, 300, 309n1, 333n1, 334n1, 365-367, 433, 437, 509
2.18,19 — 365
2.18—3.24 — 365
2.19 — 282, 309, 360, 363, 368-370, 487, 509
2.20 — 274, 379, 380
2.20,21 — 370, 371, 373
2.20-27 — 370
2.21 — 292, 297, 316, 355, 372, 374, 382, 456, 529
2.21,22 — 287, 419
2.21-25 — 379
2.22 — 274, 278, 279, 283, 315n13, 329, 354n33, 366, 375n61, 460n49, 465, 473, 502, 509, 513
2.22,23 — 315n14, 374, 376, 471n13, 487
2.23 — 279, 283, 289, 354n33, 398n12, 399n14, 453, 480
2.23,24 — 375, 512
2.24 — 278, 283, 310, 315n14, 354n33, 377, 378, 426, 450, 453, 456
2.24,25 — 300, 377, 378
2.24-28 — 377
2.25 — 299, 313n9, 320n24, 322, 376, 377, 379, 380, 512n15
2.26 — 282, 290, 316, 355, 382, 402, 483, 529
2.26,27 — 379, 381, 382
2.27 — 274, 278, 297, 371, 377, 379, 382, 453
2.27,28 — 453
2.28 — 277, 297, 300, 333n1, 380, 381, 383, 386, 394n5, 424, 453, 456, 484
2.28,29 — 383, 385, 386
2.29 — 384, 386, 397, 398n12, 399n14, 402, 404, 410, 439, 444, 445
3.1 — 276, 294, 336, 354n33, 359, 384, 391, 392, 392n1, 393, 394, 396, 439, 440
3.1, 2 — 384
3.1-3 — 391, 396
3.1—5.3 — 449
3.2 — 277, 297, 301, 309n1, 345, 383, 393, 395, 423, 444, 492
3.3 — 169, 284, 297, 395, 395n6, 396, 397, 398n12, 399n14
3.4 — 206, 298, 397, 398, 398n12, 399n14, 402
3.4-6 — 397, 400, 487
3.4-10 — 401
3.5 — 297, 301, 394n5, 398, 399
3.6 — 284, 298, 339n9, 398n12, 399, 401, 404, 453, 490, 532
3.7 — 73n45, 277, 290, 333n1, 385n74, 397, 401, 402, 410
3.7-10 — 401, 406, 407
3.8 — 263, 283n39, 310, 315, 315n14, 376, 394n5, 398, 402, 404
3.8,9 — 487
3.9 — 298, 298n59, 385, 398n12, 400, 404, 405, 407, 408, 419, 440, 444, 445, 460, 490
3.9c — 407
3.9,10 — 399n14, 420, 439
3.10 — 278, 279, 284, 298, 336, 342, 398n12, 401, 402, 406, 409, 419n40, 455, 468, 487n37
3.11 — 278, 294, 310, 320n24, 322, 506
3.11,12 — 408
3.11-15 — 408
3.11-18 — 443
3.12 — 279, 410, 491, 514, 515
3.12-17 — 487n37
3.13 — 309n1, 359, 411, 412, 440, 487
3.13,14 — 410, 412
3.14 — 294, 299, 411, 412, 480, 487, 492
3.15 — 181, 284, 313n9, 350, 398n12, 399n14, 413, 414, 487
3.16 — 297, 336, 339n9, 342, 391, 414-416, 417n38, 427, 442
3.16-18 — 414, 418
3.17 — 284, 391, 396, 416, 417, 470
3.18 — 85, 277, 292, 333n1, 417, 418, 501, 507
3.19 — 292, 297, 342, 420, 422, 455
3.19,20 — 418, 419, 422
3.20 — 420-422
3.21 — 277, 345, 384, 425, 434, 444, 456, 484
3.21,22 — 423, 425, 484
3.21-24 — 423, 427
3.22 — 425, 434, 467
3.23 — 265, 278, 279, 283n39, 294, 295, 315nn13,14, 325, 409, 426n52, 428, 438, 443, 456, 461, 465n1, 466, 468, 471n13, 482, 505, 506, 525
3.23,24 — 425, 428
3.24 — 297, 342, 428, 442, 449, 450, 451, 453, 435, 467, 468, 480
4.1 — 277-279, 282, 289, 309n1, 345, 359, 363, 426n52, 433, 435, 440, 444, 465n1, 488, 494, 508
4.1-3 — 295
4.1-6 — 290, 433
4.1—5.12 — 433
4.2 — 283, 295-297, 315n12, 325, 342, 427n54, 438, 468, 502, 509
4.2,3 — 263, 283, 435, 436n5, 437, 438, 509
4.3 — 278, 274, 279, 286, 300, 359, 366, 375, 438, 440, 509, 513
4.4 — 274, 277, 294, 309n1, 333n1, 440
4.4,5 — 439, 441
4.4-6 — 442
4.5 — 359, 440, 488
4.6 — 131, 278, 286, 292, 294, 297, 420, 427n54, 440-442
4.7 — 277, 278, 294, 309n1, 342, 345, 385, 396, 398n12, 399n14, 404, 434, 443-445, 455, 460, 470, 515
4.7,8 — 443, 445
4.7-9 — 391
4.7-10 — 443

- 4.7-12** — 443, 449
4.8 — 294, 444, 445, 455
4.9 — 266, 283n39, 315n14, 341n13, 342, 446, 447, 470
4.9,10 — 446, 447
4.10 — 283n39, 294, 298, 315, 315n14, 335, 342, 354, 376, 391, 399, 446-448, 468, 487
4.11 — 277, 279, 284, 309n1, 345, 444, 448, 455, 460, 506
4.11,12 — 448
4.12 — 311n4, 341, 342, 391, 448, 450, 460, 487
4.12,13 — 454, 456
4.13 — 297, 342, 427n54, 442, 451, 452
4.13,14 — 450-452
4.13-16 — 426
4.13-16a — 450, 453
4.14 — 275, 314n10, 315n14, 354n33, 375, 452
4.15 — 283, 283n39, 295, 315n14, 325, 359, 375, 454, 456, 465, 471n13
4.15,16 — 454
4.15,16a — 452
4.16 — 294, 296, 321, 328, 339n9, 342, 426n52, 465n1
4.16-18 — 391
4.16a — 452
4.16b — 455, 456
4.16b,17 — 454, 456
4.16b-18 — 455
4.16b-21 — 454
4.17 — 301, 342, 424, 455, 456, 484
4.17,18 — 458
4.18 — 301, 341, 457, 459
4.19 — 67, 447, 459, 461
4.19,20 — 461
4.19-21 — 459
4.20 — 278, 279, 284, 329, 340, 350, 460, 460n49, 461
4.20,21 — 112, 487n37
4.21 — 278, 461
5.1 — 295, 315n13, 385, 398n12, 399n14, 404, 426n52, 438, 444, 445, 465n1, 466, 467, 472, 502
5.1,2 — 465, 467
5.1-4 — 465
5.1-5 — 471
5.1-12 — 478
5.2 — 339, 342, 419n40, 442, 467
5.3 — 279, 295, 399n14, 468, 470
5.3,4 — 467, 470
5.4 — 296, 300, 385, 398n12, 399n14, 404, 426n52, 445, 465n1, 469, 471
5.4,5 — 359, 439
5.5 — 283n39, 295, 315n14, 426n52, 465n1, 471, 471n12, 472, 502
5.5,6 — 283
5.5-8 — 475
5.5-12 — 471
5.6 — 288, 292, 314n10, 315n13, 325, 427n54, 438, 475, 476, 533
5.6,7 — 296
5.6-8 — 472, 476
5.6-9 — 477
5.6-11 — 473n15
5.7 — 314n10, 474
5.7,8 — 474, 476
5.8 — 274, 427n54, 474, 475n19, 477
5.9 — 283n39, 314n10, 315, 315n14, 471, 477, 479
5.9,10 — 375, 471, 477, 479
5.9-12 — 481
5.10 — 278, 279, 283n39, 296, 314n10, 315n14, 328, 329, 426n52, 453, 460n49, 465n1, 471, 478, 479
5.11 — 283n39, 296, 299, 313n9, 315n14, 316, 320n24, 470, 481
5.11,12 — 375, 479
5.12 — 283n39, 299, 315n14, 453, 471, 512
5.13 — 283n39, 296, 299, 313n9, 315, 315n14, 316, 355, 426n52, 465n1, 471n13, 482-484, 529
5.13-15 — 482
5.13-21 — 482
5.14 — 424, 456, 468, 485, 486
5.14,15 — 483, 485, 486
5.15 — 297, 485, 486
5.16 — 298, 399, 407, 487-489
5.16,17 — 298, 407, 486, 489
5.17 — 298, 490
5.18 — 284, 295, 299, 398n12, 399n14, 404, 409, 490, 491, 492
5.18-21 — 490
5.19 — 279, 300, 359, 409, 491, 492
5.20 — 283n39, 295-297, 300, 313n9, 315nn13,14, 316, 325, 375, 438, 454, 480, 492-494
5.21 — 277, 309n1, 333n1, 494, 495
- 2 João**
1 — 266, 278, 280, 339n9, 499, 519
1,2 — 499
1-3 — 499
1-4 — 292
2 — 499
3 — 354n33, 438, 504, 507
4 — 280, 354n33, 419, 504, 505, 507, 521n1
4-6 — 507
4-11 — 504
5 — 280, 346, 507
5,6 — 278, 505
6 — 278, 280, 507
7 — 278, 282, 283, 286, 288-290, 295, 300, 436-438, 488, 502, 509, 513
7,8 — 264, 282
7-11 — 290, 293
8 — 280, 369n53
9 — 283, 354n33, 480, 512
9,10 — 290
9-11 — 514
10 — 278, 280, 438, 515
10,11 — 264, 278, 512, 515
11 — 504, 515
12 — 266, 280, 516, 521n1, 395n6
12,13 — 515
13 — 280, 281, 516
- 3 João**
1 — 266, 277, 278, 281, 345, 501, 521, 528
1,2 — 523
2 — 277, 345
3 — 281, 314n10, 521n1, 522
3,4 — 419, 520, 522

- 3-8** — 520
4 — 502, 521n1, 522, 533
5 — 277, 345, 523, 525, 529
5,6 — 523-525
5-8 — 522
6 — 291, 314n10, 524n8, 525
7 — 527
7,8 — 290, 525, 527
8 — 281, 290, 526, 527
9 — 291, 293, 524n8, 527, 528
9,10 — 291, 527
10 — 281, 291, 524n8, 529, 530
11 — 277, 278, 345, 400, 531, 532n21, 533
11,12 — 531, 533
12 — 281, 314n10, 526, 532-534
13 — 535
13,14 — 266, 515, 534, 535
13-15 — 534
14 — 281, 395n6, 534, 535
15 — 534
- Judas**
1 — 17, 40, 41n3
16 — 178
18 — 178
19 — 166
- Apocalipse**
1.4 — 502, 509
2.2 — 434
2.6 — 289
2.7 — 470
2.10 — 67
2.11 — 470
2.14 — 512n15
2.15 — 289, 512n15
2.17 — 470
2.26 — 470
3.5 — 470
3.7 — 493
3.11 — 377
3.12 — 470
3.17 — 195
- 3.21** — 470
6.15-17 — 459
7.9 — 336
11.7 — 229n26
13.11 — 165
14.4 — 76
16.6 — 229n26
17.16 — 217
18.24 — 229n26
19.7 — 184
19.8 — 105
19.13 — 312
19.17-21 — 220n14
19.18 — 217
19.21 — 217
21.9 — 184
21.12 — 15
22.4 — 394
22.11 — 82
22.20 — 227
22.21 — 502

REFERÊNCIAS EXTRA-BÍBLICAS

Apócrifos

Judite

8.35 — 123

1Macabeus

2.52 — 132n47

Sir.

3.17 — 164

5.11 — 80

12.11 — 86

15.11,12 — 69

29.10,11 — 214n6

34.21,22 — 221

38.9,10 — 239n39

44.19-21 — 132n46

48.1-11 — 246n48

Sabedoria de Salomão

2.10 — 221n16

2.12 — 221n16

7.26 — 86

Escritos da Igreja Primitiva

1Clemente

1.2 — 523n7

10.1-7 — 137n55

12.1-8 — 137n55

23.3 — 186n14

46.2 — 186n14

51.2 — 51

Didaquê

4.14 — 244n45

11.1,2 — 147n2, 290n50

11.4,5 — 523n7

Escritos Judaicos

Targum Palestino Josué 2.1 —
138n56

Talmude, Shabbat 70b —
113n20

Pirke Aboth 5.19 — 132n46

Talmude Babilônio, Shabbat
20b — 113n20

Escritos Gnósticos

Corpus Hermeticum 1.29 —
287

Evangelho de Maria — 286

Evangelho da Verdade — 286

/